



Karol Blatt



GAROTA DE GRIFE

Garota de Grife

Ela precisava de ajuda.

Ele podia ajudá-la. Mas havia um alto preço.

Ellen estava certa de que a proposta para ser acompanhante de Damien Mason poderia ser tanto a sua salvação, quanto a sua ruína, mas ela não tinha muitas escolhas. Precisava proteger aqueles a quem amava.

Damien Mason é um bilionário arrogante que valoriza mais o status social de alguém do que seu caráter. Acostumado com uma vida fútil e luxuosa, tudo para ele deve ser de grife, inclusive as mulheres que compartilham sua cama.

Mas em uma noite no Rio de Janeiro, ele terá seus princípios postos á prova, diante da jovem bartender Ellen. Uma garota humilde e totalmente fora dos seus padrões, mas que consegue despertar nele um desejo incontrolável.

Ágil e prático, Damien se aproveita da situação desesperadora de Ellen e lhe faz uma proposta tentadora: ser sua acompanhante em troca de uma solução definitiva para todos os seus tormentos. Ele acredita que assim poderá seduzi-la para saciar seu desejo inconveniente e enfim voltar para a sua vida extravagante.

Seria apenas um acordo, sem envolver sentimentos.

Mas será que se pode brincar com fogo e sair sem se queimar?

Prólogo

Saltei do ônibus ao mesmo tempo em que meu coração parecia saltar do peito. Há trinta minutos atrás o meu celular havia tocado e tia Meiry havia me dito que minha mãe tinha sido vítima de uma bala perdida em uma operação da polícia no Complexo do Alemão, nossa comunidade.

Atravessei a rua e praticamente me joguei contra as portas de entrada do hospital. Corri até a recepção e quase tropecei nas minhas próprias pernas. Cheguei até a bancada ofegante:

- Marta Souza. - falei a recepcionista.

A loura me dirigiu um olhar carregado de desprezo. Não a culpei por isso. Era bem provável que mesmo eu me olhasse com descaso naquele momento. Eu trajava meu uniforme habitual de garçoneiro e com certeza estava cheirando á gordura. Meus cabelos estavam puxados em um rabo de cavalo e eu sentia o suor brotar nas raízes do meu cabelo.

Certamente não era o tipo de pessoa que entraria num hospital como aquele.

- Sala de cirurgia. - A moça tirou seus olhos azuis do computador e me encarou por alguns instantes. - Segundo andar.

Eu assenti com a cabeça e saí apressada para o elevador.

Tia Meiry devia ter levado mamãe a um hospital público. Nós não teríamos condições de arcar com as despesas e meu tio teria de pagar tudo sozinho, mais uma vez. Não era justo. Embora eles tivessem uma condição melhor que a nossa, eu não achava certo incumbí-los o nosso sustento.

Entrei no elevador e as portas se fecharam. Cada minuto da subida aumentava uma sensação desagradável no fundo do meu estômago.

Será que minha mãe estava bem? Seu ferimento teria sido grave? Titia se negou a me dar detalhes da situação pelo telefone e isso só me fazia temer pelo pior.

As portas do elevador se abriram ao mesmo tempo em que senti lágrimas quentes escorrerem pelo meu rosto. Pulei para fora e dobrei o corredor me deparando com uma cena que me petrificou na mesma hora: tio Louis abraçava minha tia Meiry que chorava convulsivamente.

- Sinto muito. Não conseguimos salvá-la.

Um homem calvo vestido de branco sussurrou com pesar.

Senti uma pontada de dor profunda que parecia partir meu coração em milhares de pedaços. As lágrimas agora turvavam minha vista completamente. Parecia que o chão tinha se aberto sob meus pés.

- Oh meu Deus. - Um grito de horror saiu da minha garganta, chamando a atenção de todos na sala de espera.

- Minha criança! - Titia veio ao meu encontro abraçando-me e misturando seu pranto ao meu.

Senti os braços de tio Louis envolvendo a nós duas.

Eu não podia acreditar. Não queria acreditar. A vida parecia não se cansar de me atirar pedras.

A tristeza dominou meu coração. O que seria de mim? O que seria de David e Júlia que ainda esperavam mamãe em casa?

Tudo que eu podia fazer era tentar suportar a dor que me dilacerava e orar para que Deus nos enviasse algo. Algum milagre vindo direto dos céus.

Bônus: O Herdeiro da Imperium

Lancei os olhos pela janela do avião pela terceira vez num espaço de tempo menor do que trinta segundos. Eu adorava voar, mas me sentia mais seguro quando eu mesmo era o piloto.

Suspirei descontente e voltei os olhos para o meu notebook mais uma vez, analisando os documentos da nova filial recém-implantada no Rio de Janeiro. Uma aposta promissora para o grupo Imperium, o patrimônio multimilionário da minha família, os Mason.

Patrimônio esse, que apenas se tornara multimilionário por minha causa. Eu vinha vertendo o meu próprio sangue pelo crescimento da construtora desde que assumi a presidência no lugar do meu pai, Blake Mason, há seis anos atrás. E estava contente com o resultado.

Quando me tornei presidente da corporação, aos vinte e um anos, muitos duvidaram da minha capacidade para levar os negócios adiante.

Fui questionado pela minha pouca idade e pelos meus relacionamentos

conturbados com várias mulheres. Mas agora, todos os nossos sócios e concorrentes estavam assistindo, boquiabertos, o que o playboy insensato era capaz de fazer.

E com o sucesso nos negócios vinha o sucesso com as mulheres. Não é como se eu já não fizesse sucesso antes. Sempre tinha sido alvo delas, graças a minha condição de herdeiro de uma das maiores companhias dos Estados Unidos. Mas agora era diferente. As mulheres que vinham até mim, eram verdadeiras beldades. Mulheres que a maioria dos homens só iria ver em capas de revistas.

Todas elas sedentas pelo poder e o luxo exacerbado que eu poderia lhes proporcionar. Todas ambiciosas, dispostas a conquistar o sobrenome Mason e ampliar ainda mais suas contas bancárias.

No início, eu fiquei tão deslumbrado com essa atenção, que mesmo sabendo das intenções dessas mulheres, deixei que uma delas entrasse no meu coração.

Deixei-me apaixonar por seu jeito delicado e suas palavras sedutoras.

Pela primeira vez, eu me entreguei por completo para alguém, porque acreditei que ela fosse diferente. Mas eu estava ridiculamente enganado.

Crystle não era diferente do resto das golpistas que me cercavam. Ela só estava interessada em conseguir poder. Percebi isso de forma lamentável, num dia em que resolvi lhe fazer uma surpresa em seu

apartamento e encontrei-a completamente nua, em sua cama com Luigi Bertinari, um dos nossos maiores concorrentes.

E ela nem ao menos se importou em fingir algum remorso. Apenas me disse que eu não era o homem ideal para ela, que Luigi poderia lhe oferecer mais do que eu.

Lembro-me de ter sido idiota o suficiente para comprar flores e um anel de diamantes para pedi-la em casamento naquela tarde. Pensei que finalmente havia encontrado alguém que pudesse ficar ao meu lado para sempre. Quanta ingenuidade.

Cerrei as pálpebras e balancei a cabeça procurando me livrar daquelas memórias desagradáveis. Então abri os olhos e voltei a fitar o céu pela janela.

Não, aquilo já não me doía mais. Na verdade, eu acreditava que Crystle havia me feito um grande favor naquele dia, mostrando-me o que as mulheres queriam de fato.

Ela me ajudara a compreender que o caráter não era importante e podia ser facilmente comprado. Era tudo um jogo. Elas queriam me usar para conseguir ascensão e eu deveria usá-las para o meu próprio prazer.

Assim que eu entendi as regras desse jogo de sedução, tornei-me um exímio jogador. Eu as tratava como elas mesmas se tratavam. Como mercadorias á venda. E se de uma coisa eu entendia muito bem, era de como fazer o melhor negócio possível. Se elas queriam tirar de mim o melhor, eu tiraria somente o melhor dentre elas. Por isso eu selecionava com

cuidado cada uma das mulheres que passavam pela minha cama.

Belas atrizes, modelos em ascensão na mídia e socialytes sofisticadas.

Somente a pequena elite que se encontrasse dentro de algum desses padrões é que merecia a minha

atenção. Assim elas conseguiam o poder que tanto queriam, mesmo que temporariamente, e eu conseguia satisfazer os meus desejos com o melhor padrão de qualidade que a sociedade americana poderia me oferecer.

E uma vez que meus desejos estivessem saciados, eu me livrava delas e procurava um novo produto no mercado. Porque como nos negócios, sempre há algo novo e melhor para se adquirir.

Claro, algumas não aceitavam o fim. Elas ainda alimentavam a esperança de que eu poderia cair de amores por uma delas de uma hora para outra e então lhes dar meu sobrenome junto com parte da minha fortuna.

Puxei meus lábios num sorriso malicioso. Eu não seria feito de idiota mais uma vez.

Nesta hora, virei o rosto em direção ao corredor e me deparei com uma aeromoça loura que me sorria sedutoramente.

Ela era relativamente alta, mas não tanto quanto eu. Possuía um corpo bem esculpido, cheio de curvas e eu nem precisava tocar em seus seios para saber que eles não poderiam ser naturais, pois eram exageradamente grandes. Os olhos azuis dela brilhavam, saturados de promessas provocantes.

Desviei os olhos para o meu notebook novamente. Ela era gostosa, mas não estava dentro dos meus padrões. Não era um produto que garantisse alguma vantagem para a minha imagem.

Se Nicholas estivesse aqui não deixaria uma loura como aquela escapar.

O pensamento cruzou minha mente em fração de segundos.

Para Nick só existia um quesito básico que uma mulher deveria cumprir: ser muito gostosa.

Sorri em divertimento ao me lembrar do meu bom amigo. Nick e eu nos conhecemos em Harvard. Ele era um dos poucos brasileiros que estudavam lá e sua família era tão rica quanto a minha. Os Ferraço eram donos de uma mineradora e Nick era o único herdeiro deles. E desde essa época, não perdemos mais contato.

Nicholas tinha participação nesse meu novo investimento e era um dos motivos de eu estar dentro desse avião rumo ao Rio de Janeiro agora.

Ele, com seu faro impecável para os negócios tinha me ajudado a descobrir, no mercado brasileiro, uma grande oportunidade para fortalecer ainda mais o grupo Mason.

- Senhor, nós pousaremos em alguns minutos. - A aeromoça peituda estava ao meu lado agora e tocava meu ombro delicadamente.

- Obrigado. - respondi seco, sem ao menos olhá-la.

Ela soltou um suspiro decepcionado e se afastou.

Fechei o meu computador e respirei fundo sentindo o calor sul americano aquecer o meu corpo e me

causar certo incômodo. Seriam meses de trabalho árduo. Eu esperava ao menos encontrar uma boa dose de diversão ao lado do meu velho amigo e de alguma maravilhosa brasileira que se encaixasse nos meus padrões de grife.

- Ora se não é Damien Mason, vindo direto de um voo comercial. -

Nicholas cumprimentou-me do seu jeito brasileiro. Um abraço e dois tapas nas costas.

No começo, eu estranhava esse seu jeito voluntarioso de ser, mas agora sabia que era um costume de sua nacionalidade.

- Você me convenceu á isso, se lembra? - falei subitamente mal humorado, pelo calor que parecia me fazer derreter.

Maldita a hora em que me decidi por um terno Kinton K-5. Eu estava cozinhando vivo dentro dele. Invejei Nicholas nessa hora, ele estava trajando bermudas claras e uma camisa cinza de magas curtas, totalmente despojado.

- Você devia me agradecer por isso. Se eu não tivesse te encaixado nesse horário de voo surpresa, a imprensa estaria toda aqui comigo para te receber. E você ficaria mais irritado ainda. - Ele sorriu

presunçoso. - E depois, assim você poderia dar uma rapidinha no avião com alguma aeromoça gostosa.

Não pude evitar gargalhar.

- Sempre pensando mais com a cabeça de baixo do que com a de cima, não é?

- Só às vezes. - Ele olhou por sobre meu ombro. - Onde estão suas malas?

- Estão á caminho do Leblon nesse momento. - Ergui o pulso e conferi as horas.

- E se o transito estiver bom já devem estar chegando.

- Então vamos embora daqui antes que...

Neste momento, um enxame de fotógrafos e repórteres invadiu o aeroporto e começaram a caminhar em nossa direção.

- Merda. - praguejei. Os abutres já haviam nos descoberto.

- Vamos, tem um carro nos esperando lá fora. - Nick começou a andar em direção á saída e eu o segui com rapidez.

Assim que eu bati a porta do automóvel, os jornalistas alcançaram o carro.

- Da próxima vez, certifique-se de que o voo é mesmo surpresa, boçal. -

bradei irritado assim que o carro deu a partida.

- Calma aí cara. - Nicholas riu sem se importar com o meu péssimo humor. - Eu sei qual é o seu problema. Você não está usando a cabeça

de baixo como se deve.

Tive outro ataque de risos.

- Vamos encontrar uma garota para você aliviar sua tensão pós-viagem.

Balancei a cabeça em negativa.

- Você conhece as minhas exigências quando se trata de mulheres. -

falei enquanto observava as ruas do Rio de Janeiro por detrás do vidro fumê.

- Eu sei. Apenas garotas de grife para o herdeiro da Imperium. - Ele riu debochado, mas parou quando o encarei sério. - Não se preocupe quanto á isso. A reuniãozinha que providenciei para comemorar a sua chegada contará com um elenco de peso.

Eu havia parado de ouvir quando escutei a palavra "reuniãozinha".

- O que você quer dizer com reuniãozinha, Ferraço? - Eu estava planejando descansar, não fazer sala para pessoas que eu nem conhecia.

- Qual é cara? Você achou mesmo que eu ia deixar sua chegada ao Brasil passar em branco? - Ele acenou negativamente com a cabeça. - Garanto que você vai gostar da festa e vai encontrar alguém que se encaixe nos seus padrões.

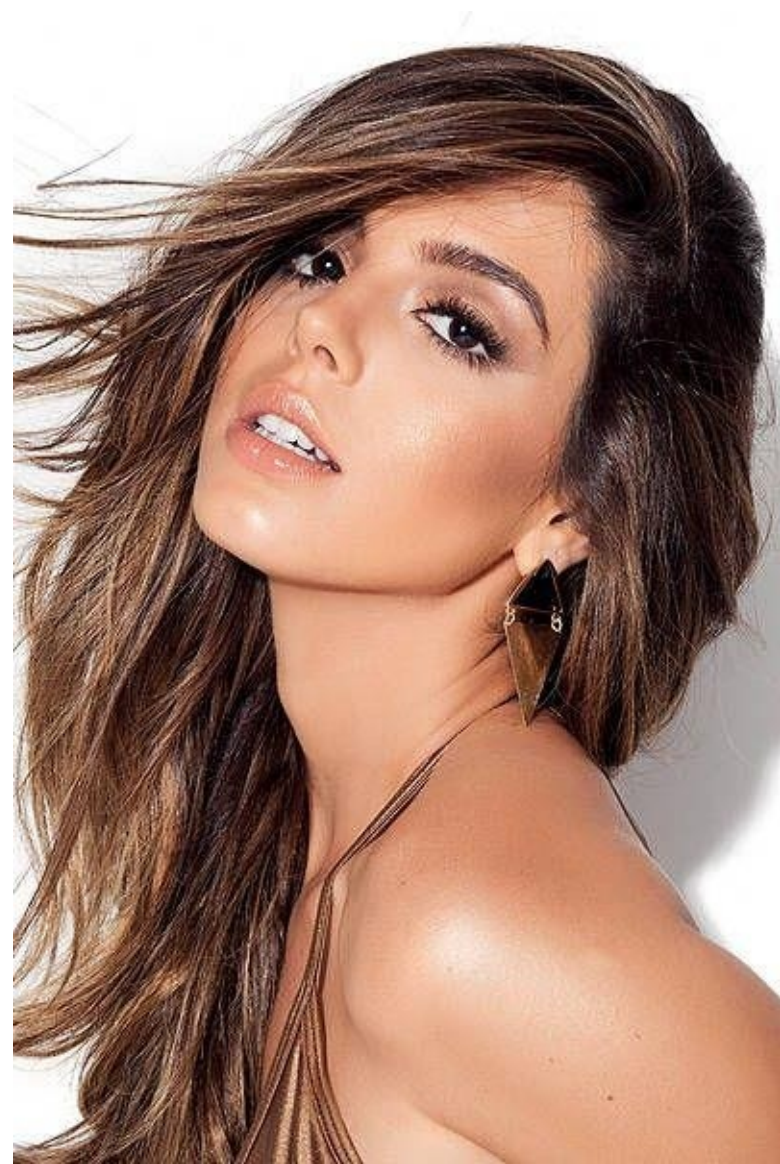
Suspirei derrotado. Nicholas não mudaria de ideia e eu estava cansado demais para contraria-lo.

- Tudo bem Ferraço. Espero que ao menos seja uma noite lucrativa. -

sorri malicioso.

- acredite meu amigo, as festas de Nicholas Ferraço são sempre lucrativas. Essa noite entrará para a nossa coleção de noites inesquecíveis.

Nicholas também deu um sorriso malicioso e eu tive a estranha sensação de que havia mais verdade em suas palavras do que ele e eu mesmo poderíamos suspeitar.



Capítulo 1: Sapatos Emprestados

"Quando você estiver profundamente adormecida nos seus sonhos, você irá esquecer o seu sofrimento." (*A Dream Is A Wish A Heart* - Lily James) Encarei a minha imagem preocupada diante do espelho e tive a certeza de que aquele plano louco das minhas adoráveis amigas não daria certo.

Três garotas comuns não conseguiriam entrar no Belmond.

- Ary, isso não vai dar certo. Nós não vamos conseguir entrar no

Copacabana Palace. - Muito menos em uma noite de gala como aquela, onde várias pessoas importantes estariam reunidas.

Lancei os olhos pelo quarto rosa de Jenny, procurando por Arianna.

- Nós já discutimos isso, Ell. E já chegamos á um acordo. Você tem trabalhado como uma louca desde que sua mãe se foi e tudo tem que ter um limite. - Arianna me disse enquanto começava a passar rímel nos cílios.

A menção á minha mãe, fez meus olhos se encherem de água. Ao partir, ela tinha deixado um vazio na minha vida que jamais poderia ser preenchido. Saber que eu nunca mais ouviria a sua voz, nem sentiria

seus abraços apertados ou seus beijos de bom dia, fazia meu coração pesar de dor.

Nos primeiros dias, tudo o que eu queria era ficar quieta. Não tinha vontade de comer, beber ou sair. Só queria ficar sozinha com o meu próprio sofrimento. Eu não queria acreditar que a minha heroína tinha me deixado para sempre. Mas então a realidade bateu á minha porta, trazendo consigo dívidas e problemas que eu teria de resolver.

E numa manhã, algumas semanas após a morte da minha mãe, quando David veio ao meu quarto e disse que não tínhamos mais comida no armário, eu percebi que precisava me reerguer por eles: David e Júlia, meus irmãos.

Desse momento em diante, encontrei forças para voltar ao trabalho e assumir o posto antes ocupado por minha mãe em nosso lar. Mas eu não fazia ideia da situação conturbada em que nós nos encontrávamos.

Quando me tornei a chefe da família, descobri que mamãe andava escondendo dívidas, como aluguéis atrasados e algumas pendências em mercearias, farmácias e lojas. Descobri também que ela havia sido demitida há três meses e por causa de uma série de complicações não tinha conseguido receber o seu seguro.

Não a culpei por nada. Eu sabia que ela tinha feito tudo isso na intenção de proteger á mim e aos meus irmãos. Ela, provavelmente, pensou que se eu tomasse conhecimento das nossas circunstâncias iria querer deixar a minha bolsa na faculdade para ajudar a equilibrar as contas da casa. E

dona Marta queria muito me ver formada.

Mas agora, com a sua partida, eu não teria escolha. Deixei a minha faculdade de arquitetura no meio do semestre e consegui um segundo emprego. Eu já trabalhava como garçõnete em uma lanchonete no centro. Então comecei a trabalhar também como Bartender em uma casa noturna.

Era uma rotina complicada. Eu tinha que deixar meus irmãos com uma vizinha, porque embora os gêmeos já tivessem quatorze anos, eu temia deixá-los sozinhos. Era dona Clarissa, uma senhora aposentada e bondosa que cuidava deles enquanto eu trabalhava. Ela me cobrava

apenas o essencial para isso e assim eu conseguia ficar em paz. Mas eu não podia dar a atenção que gostaria á eles, por causa dos horários apertados e isso me deixava triste. Para me consolar, eu me convencia de que eram apenas medidas temporárias, e que quando tudo estivesse mais equilibrado eu passaria mais tempo com eles.

E foi assim que se seguiram quatro meses de saudades, trabalho árduo e muito estresse. Tanto estresse que Arianna e Jeniffer, minhas melhores amigas, estavam dispostas a me dar uma noite maravilhosa num dos hotéis mais luxuosos do Rio de Janeiro, para que eu relaxasse. Mesmo com a possibilidade de nós terminarmos nosso passeio elegante presas em algum distrito policial por invadir a festa de pessoas importantes.

Eu tinha passado a tarde toda tentando convencê-las a desistir dessa grande loucura, mas elas não quiseram ouvir meus argumentos. E como eu tinha prometido ás duas, há uma semana, que se elas parassem de ralar comigo por trabalhar demais eu aceitaria ir à primeira festa que elas conseguissem para nós nos divertirmos, não tive escolha a não ser cumprir a minha palavra. Mesmo com a intuição de

que aquela noite não terminaria bem.

- Duvido que nos deixem passar ao menos do lobby do hotel. - voltei a encarar a minha imagem e fiz uma careta.

O grande espelho dominava por completo uma das paredes do quarto de Jeniffer e nós três estávamos lado a lado finalizando nossa

maquiagem. As meninas estavam contentes e ansiosas pelo nosso ato de loucura naquela noite, mas eu não conseguia pensar em nada além da grande confusão que aquilo poderia nos trazer.

- Pare de ser pessimista Ell. Além disso, com essas roupas que Jeniffer conseguiu emprestadas para nós, vamos entrar na festa sem problema algum. - Arianna terminou de passar a quinta camada consecutiva de rímel e me lançou um sorriso confiante pelo espelho.

- Eu não sei se quero fazer isso. - confessei.

- Você não tem escolha, Ellen. Até porque nós estamos fazendo isso por você. - Foi a vez de Jeniffer deixar de retocar o batom e me olhar.

Eu arqueei a sobrancelha para depois lançar um olhar incrédulo na direção dela.

Até parece que era somente para me fazer relaxar um pouco que elas queriam ir ao Palace.

- Tudo bem. Estamos fazendo isso por nós também. Mas você foi o pivô disso. - Jenny procurou se explicar. - Minha amiga, você não pode continuar vivendo como está. Você só se preocupa em trabalhar.

- Eu preciso cuidar dos meus irmãos, Jenny. Eles dependem de mim. -

voltei meus olhos para Jeniffer.

Não era como se eu fosse compulsiva por trabalho, mas precisava ser a coluna da casa e manter as coisas estáveis em nosso lar.

Embora tivesse a ajuda da minha tia Meiry, não queria transferir para ela uma responsabilidade que era minha. Titia até tinha se oferecido para cuidar de todos nós. Ela dizia que não se importava em nos receber em sua casa e assim eu poderia voltar para a universidade. Mas eu me sentia capacitada o suficiente para prover o meu sustento e o dos meus irmãos.

Depois, minha tia era uma mulher com o emocional frágil e do jeito que Júlia vinha causando problemas, nós nos tornaríamos um tormento na casa de nossos tios.

Eu sabia que cabia á mim ser forte e cuidar de todos. Como mamãe fizera sempre. Ela era a minha inspiração para seguir em frente e acreditar que tudo daria certo, porque ela tinha conseguido uma vez e eu acreditava que por ser sua filha tinha aprendido o suficiente para seguir suas pegadas.

- Você fala como se David e Júlia fossem dois bebês! Ell, os gêmeos já tem quatorze anos! - Jenny pareceu um pouco irritada.

Eu compreendia o fato de que David e Júlia não eram mais bebês, mas isso não significava que não precisassem de mim para resolver a maioria dos seus problemas e para garantir-lhes uma vida ao menos digna.

- Eles podem não ser mais bebês, mas perante a lei são menores e dependentes de mim. Então eu preciso sim cuidar deles. - respondi e senti minha testa enrugar.

- Nós sabemos Ell. - Arianna se aproximou de mim e segurou a minha

mão, fazendo-me olhá-la. - E não estamos te proibindo de fazer isso, mas todo mundo precisa de uma válvula de escape para não surtar. Nós respeitamos a sua dor, mas tenho certeza de que Dona Marta não iria querer ver a filha definhando e é isso que você tem feito durante esses quatro meses. Agora está na hora de mudar. O que há de errado em um pouco de diversão e caras bonitos? Essas coisas, com certeza, fazem qualquer mulher mais feliz!

- Eu não preciso de nenhum cara bonito para ser feliz. - defendi-me prontamente.

- Você e essa sua aversão á namorados. - Jeniffer voltou a me olhar. - Eu sei que por causa do seu pai, você associa os homens á agressividade.

Mas Ell, nem todo homem é assim. O que aconteceu com a sua mãe foi uma fatalidade.

Senti meus pelos se arrepiarem diante das palavras de Jeniffer. Elas me faziam voltar á um passado terrível que eu preferia fingir que sequer houvesse existido.

- Jenny está certa, Ell. Você não pode generalizar todos os homens.

Ainda existem bons caras por aí. - Arianna sorriu e apertou minha mão.

- Bons caras. - sorri amarga. - Bons caras como Estevão.

Soltei a mão que Arianna prendia de forma mais brusca do que eu queria.

Não era culpa delas se o único cara á quem resolvi dar uma chance tinha apenas brincado com o meu corpo e com o meu coração. Mas quando

Arianna e Jenny vinham com aquele sermão batido que dizia que eu devia ter um namorado para ser feliz, eu ficava irritada. Porque parecia que eu nunca tinha dado oportunidades para os caras me provarem o contrário, para eles me provarem que ainda valia á pena acreditar no amor, quando na verdade eu já tinha sido tola o suficiente para deixar alguém entrar na minha vida. E não tinha ganhado nada além de um coração partido com essa decisão estúpida.

Não. Eu não faria de novo. Não deixaria mais me impressionar por sorrisos sedutores e rostinhos bonitos. Nunca mais me deixaria ficar exposta á todos.

- Estevão era um babaca, Ellen. - Arianna voltou a segurar minha mão.

Seus olhos me fitavam com ternura. Era sempre assim quando o assunto sobre Estevão vinha á tona.

Ela sabia como as coisas tinham sido complicadas quando eu descobri a verdade sobre o homem que vivia me jurando amor eterno. Quando eu descobri que tudo não passava de um capricho idiota e machista mascarado por palavras doces. Então ela entendia como a minha ferida ainda doía e fazia de tudo para tentar amenizar as sequelas que aquela ilusão me deixara.

- Todos eles são Ary. Tudo o que querem é satisfazer seus desejos e caprichos. Depois que conseguem isso, eles nos jogam fora. Somos descartáveis para eles.

- Certo Ell. Concordo que exista uma grande legião de babacas lá fora, mas você não pode fazer isso. Não pode passar a vida inteira fugindo do amor. Já está passando da hora de você superar essa sua decepção com Estevão. Deixe essas lembranças dolorosas enterradas no passado, minha amiga. - Arianna afagou meus cabelos e sorriu. - Você precisa fazer as pazes com o amor.

No fundo, eu conseguia enxergar a verdade por trás das palavras de Arianna. Talvez ela estivesse certa e eu tivesse de deixar Estevão quieto no passado. E talvez eu também não pudesse passar o resto da minha vida correndo para não levar uma flechada do cupido. Mas se eu fosse rápida o suficiente, poderia, ao menos, conseguir uma boa dianteira dele e eu daria o meu melhor para isso. Chega de ter meu coração dilacerado.

- Não quero falar sobre isso. - puxei a mão que Arianna prendia, desta vez devagar, para ajeitar os fios soltos do meu penteado.

Então fiz uma prece silenciosa para que Arianna desse o assunto por encerrado e Jenny não resolvesse ressuscitar minhas memórias com Estevão. Ela não fazia por mal, apenas acreditava que o melhor jeito de curar logo uma ferida era piorando sua inflamação. Do ponto de vista científico ela tinha razão, mas eu não sabia se isso funcionava para feridas do coração.

Por sorte, Arianna também não parecia nada a fim de estender a conversa e Jeniffer estava mais preocupada em retocar o blush do que

em fazer qualquer outro comentário inoportuno.

- Tudo bem, Ell. Vamos nos concentrar na nossa grande noite. Estou certa de que será maravilhosa! - Arianna disse empolgada. Ela se afastou de mim e voltou a verificar sua imagem diante do grande espelho.

Agora Jenny tinha desviado os olhos do espelho e se virado para nós.

Parecia novamente interessada no assunto:

- Nem me diga! Denise disse que o Cristiano Araújo vai estar lá!

Acreditam? - Ela deu alguns pulinhos e sorriu eufórica.

Se tinha alguém que fazia Jenny suspirar apaixonadamente era o Cristiano Araújo. Ela já tinha ido a todos os shows possíveis dele na nossa região e sempre nos arrastava com ela. Tanto, que até mesmo eu tinha certa admiração pelo trabalho do cantor. Não era uma fã como ela, mas gostava de algumas de suas músicas.

- Quem é Denise? - senti-me perdida quanto ao nome e encarei os olhos de Jenny pelo espelho.

- Denise Prado é a organizadora do evento que me devia um favor e me deu os convites. - Ela piscou e seu sorriso se alargou.

- Essa Denise?! - Senti meus olhos se arregalarem. Denise Prado era uma das organizadoras de eventos mais requisitadas do Rio de Janeiro. Os eventos que ela organizava eram sempre os mais comentados na mídia,

pelo luxo e opulência dos mesmos.

Meu estômago se contorceu em uma náusea. Realmente aquela recepção não passaria despercebida pelos jornais do Rio de Janeiro. Eu teria que ficar atenta.

Foi então que parei para pensar em como Jenny tinha conseguido convites para uma festa tão importante. Tudo tinha acontecido muito rápido. Jeniffer tinha nos mostrados os convites no dia anterior, mas fugiu sobre o assunto de como os havia adquiridos.

Fiquei aturdida. Como ela podia ter relações com uma pessoa tão importante como Denise Prado? Arianna leu meus pensamentos:

- O que você fez para uma mulher tão distinta como a Denise te dever um favor? - Arianna disse enquanto vasculhava a caixinha de maquiagens em busca de alguma coisa.

- Eu não posso contar. Porque isso me colocaria numa situação embaraçosa. - Ela mordeu o lábio inferior, mas logo voltou a sorrir. -

Mas o importante é que com isso consegui esses convites exclusivos.

Vocês não tem ideia da sorte que nós tivemos ao sermos convidadas para essa recepção. Será a noite do ano nessa cidade!

Convidadas? Nós estávamos, na verdade, sendo penetras. Porque aqueles convites tinham sido destinados para altas damas da sociedade e não garotas simples como nós.

- Certamente. - Concordei e as duas se viraram para mim, mas eu me concentrei na minha imagem diante do espelho. - Ainda mais com a possibilidade terminarmos essa grande noite presas em algum distrito policial. - Vóltei o meu rosto na direção delas.

Jenny soprou a franja e Arianna fez uma careta.

- Não vai adiantar nada você ficar jogando urucubaca na nossa noite.

Terminando bem ou mal, você estará nela. - Arianna me olhou séria. -

Deixe de ser essa garota certinha apenas por hoje, Ellen! Curta a vibe.

- Curtir a vibe? Espero que esteja pronta para fazer esse mesmo discurso ao delegado mais tarde. - Será que elas não pensavam no quanto àquela brincadeira poderia nos complicar? - Ary, invadir uma festa é

errado. De gente rica é mais errado ainda. Eles vão acabar nos descobrindo.

- Primeiro, nós não vamos invadir. Temos convites. - Jeniffer estendeu o braço e pegou os convites finamente decorados sobre a cama e os ergueu na frente do meu rosto como se eu fosse cega. - E segundo, eles não vão nos descobrir. Nós vamos nos passar por socialites amiga. O

plano é perfeito. - Ela deixou os convites na cama mais uma vez e sorriu para o espelho enquanto encaixava um par de brincos dourados na orelha. Então se virou para nós com os olhos brilhando. - E então, como estou?

Jeniffer usava um vestido branco tomara que caia longo, com detalhes em renda demarcando o decote e a cintura. Seus cabelos louros

estavam soltos sobre os ombros e seu rosto trazia uma maquiagem que ressaltava seus olhos amendoados.

- Você está linda. - respondi e sorri para ela. Isso eu não podia contestar.

Ela assentiu e sorriu de volta. Seus olhos ficaram ainda mais empolgados.

- Você está maravilhosa, Jenny. - Arianna concordou e depois também buscou a nossa opinião. - E eu? Estou bem?

Arianna deu um giro e se olhou no espelho para verificar seu vestido preto também longo, mas com um corte ousado nas pernas e um decote ornamentado na região do busto. Os cabelos negros dela estavam presos num coque que realçava seu rosto moreno.

- Você está divina amiga. - Jenny soltou um gritinho animado.

- Uma deusa grega, Ary. - sentenciei e ela sorriu para mim através do espelho.

As duas pareciam confiantes em seus modelitos e isso me fez pensar no meu próprio traje.

Lancei outro olhar para o espelho e fitei a desconhecida que também me encarava de volta. Eu não conseguia acreditar que nós duas fôssemos a mesma pessoa. Talvez o fato de estar sempre de uniforme e de cabelos presos estivesse dificultando o meu próprio reconhecimento diante do espelho.

O vestido elegante era talhado em detalhes prateados até a cintura, caindo depois em um tecido Chiffon longo na tonalidade mais clara do salmão. Era um vestido realmente digno da realeza. Eu nunca poderia sequer imaginar que usaria algo parecido um dia. Era lindo.

Meus cabelos castanhos estavam levemente presos de lado e caíam em ondas ultrapassando o limite do meu seio esquerdo. Arianna tinha marcado meus olhos com uma combinação linda de cores e das minhas orelhas pendiam belas imitações de diamantes.

Eu nunca tinha me visto e nem me sentido tão mulher. E aquela sensação não era ruim. Na verdade me dava certa segurança e eu poderia ter amado ainda mais o belo vestido se não fosse por um pequeno detalhe que Arianna logo evocou:

- Esse decote nas costas é um arraso Ell. - Ela me encorajou com um sorriso através do espelho.

- Eu achei um pouco ousado.

Virei às costas para o espelho para verificar o corte audacioso do vestido.

- Bobagem. Você está vestida para matar. Aliás, todas nós estamos. -

Jenny piscou para mim e sorriu marota. - Além disso, foi você quem escolheu esse modelo. - Ela falou enquanto recolhia e guardava suas maquiagens no seu guarda roupas de cor branca.

- Como se você tivesse me dado muitas opções, não é Jenny?

Ela soltou uma gargalhada e quase deixou seus pertences caírem no chão.

Jenny havia me dado duas opções: o vestido que eu estava trajando com o decote nas costas, ou um vermelho de decote também ousado que ia do busto até o umbigo.

- acredite amiga, foi para o seu bem. Se eu escutasse você, tenho certeza de que apareceria na recepção com aquele uniforme de garçonne ou o de Bartender. E aí eles a colocariam para servir as bebidas. - Jeniffer deixou os apetrechos no guarda roupa e lançou um sorriso na minha direção para depois erguer o pulso e verificar as horas.

- Acho que já podemos descer e chamar um táxi. Daqui até o Belmond é um pouquinho longe e pode ter algum trânsito. Sabe como é o Rio.

Jeniffer, ao contrário de mim e Arianna, não morava na comunidade.

Morava no Meier e tinha um estilo de vida mais estável que o nosso. Por isso decidimos que a casa dela seria melhor para nós nos reunirmos e nos aprontarmos. Assim não teríamos que dar explicações as pessoas da nossa localidade. Além disso, Jenny tinha conseguido as roupas emprestadas de uma boutique e nós não queríamos ficar zanzando com elas de um lado para o outro, pois não podíamos estragá-las.

Eu podia apostar que aquele vestido valia mais que alguns meses do meu salário. E eu já tinha despesas demais com que arcar.

Quando Jenny nos pediu para ir á casa dela a fim de escolher as roupas para o evento que exigia rigor na vestimenta, eu tentei, inutilmente, imaginar como ela tinha persuadido alguém a emprestar três vestidos caríssimos de grife á ela. Eu não conseguiria tal façanha, mas Jenny tinha argumentos para tudo. Não era atoa que era aluna destaque no seu curso de Direito.

E foi essa faculdade que tornou possível a nossa amizade. Eu me recordava bem da forma um tanto triste, mas ao mesmo tempo muito engraçada, em que nós havíamos nos conhecido.

Arianna tinha me arrastado para uma festa da turma de Administração, o curso dela. Era uma dessas comemorações ocasionais que os alunos gostam de fazer no meio do semestre para aliviar a pressão entre trabalhos e provas. O evento tinha sido organizado numa espécie de galpão coberto e era um lugar muito espaçoso. Músicas do estilo sertanejo universitário preenchiam o ambiente. Algumas das pessoas estavam sentadas em volta de mesas de plástico amarelo bebendo.

Outras pessoas estavam dançando próximas ao palco do DJ.

Arianna e eu nos juntamos á outras garotas numa mesa e ficamos conversando tolices. Alguns caras se aproximavam vez ou outra para balbuciar coisas idiotas das quais nem se lembrariam no dia seguinte, devido ao alto teor de álcool que tinham no sangue e que era

denunciado pela forma enrolada em que pronunciavam as palavras.

Em um momento da festa, eu quis usar o banheiro. Mais para ter um momento longe dos bêbados do que para realmente usa o toalete.

Arianna decidiu ir comigo também, para retocar a sua maquiagem e lá nós encontramos Jeniffer se debulhando em lágrimas. Ela estava sentada no chão, próxima à bancada de mármore dos lavatórios e parecia muito mal.

No começo, nós achamos que ela estava bêbada e tentamos ajudá-la a se levantar. Mas ela se recusou e disse que não queria sair do banheiro.

Também disse que queria acabar com uma "vadia-ruiva-pistoleira-de-uma-figa." Nós ficamos sem entender suas palavras e insistimos para que ela explicasse melhor o que havia acontecido. Ela terminou confessando que tinha acabado de encontrar o namorado dela no maior amasso com Paola, uma das garotas mais antipáticas da nossa faculdade.

Arianna ficou possessa e disse que uma desfeita daquela não podia ficar como estava. Ela saiu do banheiro apressada fazendo com que Jenny e eu corrêssemos atrás dela. Então ela foi até o bar e pediu uma bebida.

Depois perguntou a Jeniffer onde estava "o cara de pau." Jenny indicou uma mesa onde um rapaz louro conversava animadamente com uma turma de amigos. Arianna não perdeu tempo. Foi até a mesa e perguntou, com sua melhor voz sensual, qual deles era o famoso Caio, mesmo já sabendo quem era.

O rapaz louro ficou encantado com o corpo e o jeito sedutor de Arianna.

Provavelmente pensou que tinha tirado a sorte grande. Então logo assumiu sua identidade para se exibir diante dos amigos. Arianna sorriu satisfeita e derramou o copo de vodca na cabeça dele. Jenny e eu gritamos para depois começarmos a rir. Os amigos do cara também começaram a rir e nós três deixamos a festa satisfeitas naquela noite.

Depois disso, não nos separamos mais. Tornamo-nos as três mosqueteiras.

De repente, Jeniffer segurou o meu ombro esquerdo, tirando-me dos meus pensamentos:

- Preparada? - Ela me deu um sorriso brilhante.

Para invadir uma recepção cheia de pessoas ricas e totalmente desconhecidas no Copacabana Palace? Acho que não.

- Nem um pouco. E se o tal Damien descobrir que somos impostoras invadindo sua festa exclusiva? - respondi tentando, pela última vez, convencê-las a desistirem da loucura.

Alguma coisa em mim dizia que as coisas não seriam simples como minhas amigas imaginavam.

Eu nunca tinha entrado de penetra em uma festa, nem mesmo na adolescência, época em que somos dados á fazer mais loucuras. Mas agora estava pronta para invadir a recepção de um bilionário que eu conhecia apenas por nome e que havia acabado de chegar à cidade.

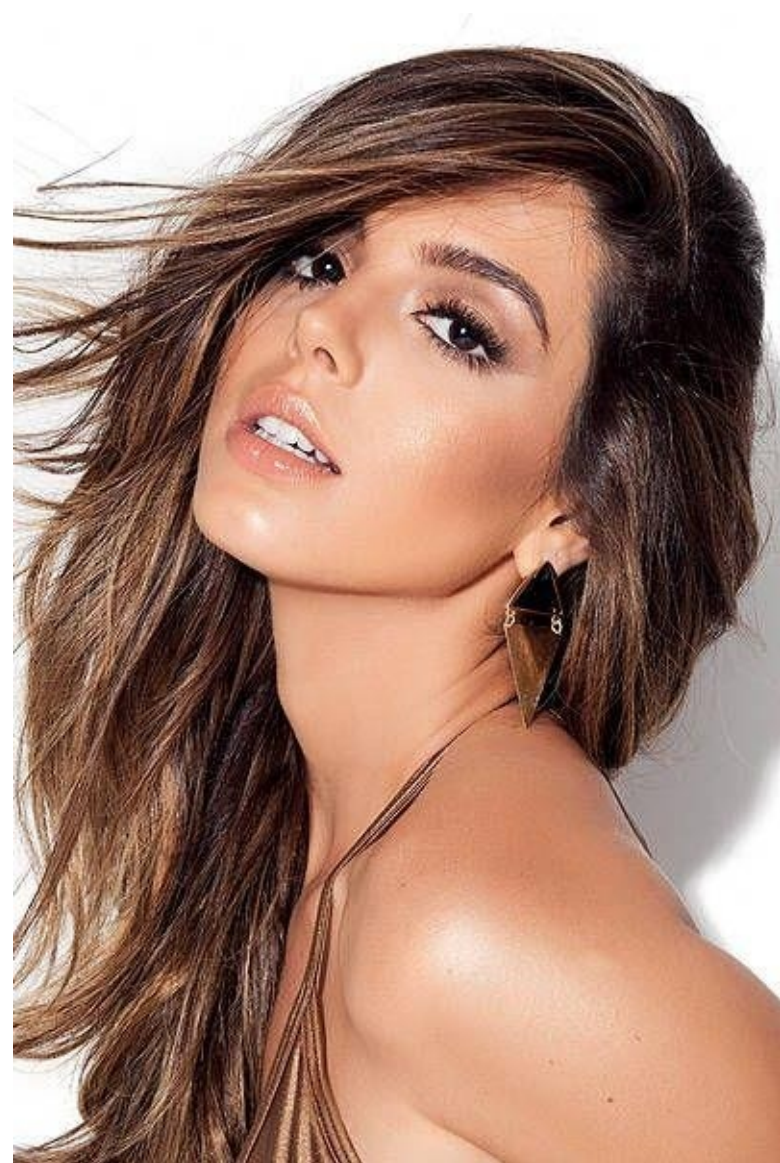
- Não seja boba, Ell. Vai dar tudo certo e nós vamos nos divertir muito essa noite. - Jeniffer piscou para mim e saiu do quarto.

- Isso mesmo, Cinderela. - Arianna me rebocou pela mão em direção á porta do quarto. - Não se preocupe Ellen. Damien Mason estará ocupado demais para notar qualquer impostora na sua festa. Essa noite será inesquecível e você ainda vai me agradecer muito por ela.

Suspirei e me resignei em ser arrastada por Arianna. Talvez ela estivesse certa.

Que mal teria em sonhar um pouco e me ver como uma versão nova da gata borralheira em sua noite de baile? Assim como ela, eu precisava me distrair dos meus sofrimentos e generosa como era, eu tinha a convicção de que não se importaria de me emprestar os sapatos de cristal por uma noite.

~ ♥ ~



Capítulo 2: Uma Linda Mulher

"Linda mulher, do tipo que eu quero conhecer, venha comigo querida e seja minha esta noite". (Pretty Woman - Roy Orbison)

~ ♥ ~

Quando o táxi parou na Avenida Atlântica, eu fui obrigada a admitir que o hotel parecia mesmo um palácio e que lá dentro poderia ocorrer de fato, uma espécie de baile real.

O Belmond Copacabana Palace era incrível. Eu nunca tinha visto um lugar tão bonito.

Meus olhos correram por todo o lobby do hotel, assim que o adentramos. A porta de entrada era composta por madeira escura e vidro. Uma bancada de mármore branco ficava logo ao lado, onde atendentes distintamente uniformizados recebiam as pessoas. Logo á frente estava um sutil conjunto de degraus de mármore também branco cobertos por uma elegante tapeçaria marrom. No alto da escada, uma mesa marrom sustentava um vaso elegante ornamentado por rosas vermelhas.

- Sejam bem vindas ao Belmond, senhoritas. - Um dos homens que trajavam uniforme branco foi o primeiro a se pronunciar ao nos ver.

- Somos convidadas da recepção de Damien Mason. - Jenny falou e entregou os nossos convites ao rapaz.

O jovem de cabelos louros analisou os papéis por alguns instantes e por fim nos dirigiu um sorriso.

- A recepção está acontecendo no Golden Room e no salão Nobre, senhoritas. Desejam que eu as leve até lá? - Ele lançou um sorriso na minha direção e eu olhei para os meus próprios pés, totalmente embaraçada.

- Não será preciso. Obrigada. - Jeniffer respondeu polidamente e começou a entrar no hotel.

Arianna e eu a seguimos.

- Você sabe andar aqui? - perguntei assim que me vi próxima á ela.

- Claro. Já vim aqui com os meus tios, lembra-se? - Jenny sussurrou.

Eu tinha me esquecido completamente dos tios ricos de Jeniffer. Eles eram um casal bem humorado que vivia fazendo viagens para os cantos mais exóticos do planeta em busca de aventura. Jenny já tinha nos levado á casa deles algumas vezes, eram ótimas pessoas. E como eram de classe alta, era óbvio que conheciam um lugar como o Palace.

- Se você já veio aqui, porque ficou empolgada como se fosse a primeira vez? -

Ouvi-me perguntando.

- Porque quando eu vim era uma reunião em que só haviam caras que podiam ser meus avós. - Ela fez uma careta. - Agora é diferente. Terão muitos homens bonitos e ricos por metro quadrado.

Eu soltei uma gargalhada e Arianna me acompanhou enquanto caminhávamos.

Nós entramos em um elevador e Jenny apertou o botão que nos levaria para o segundo andar. No momento seguinte eu me vi adentrando o imponente Salão Nobre.

Eu não conseguia decifrar o que eu sentia. Era um misto de admiração, medo e porque não, certa raiva.

Admiração porque eu nunca tinha visto nada igual na vida. O lobby do hotel foi completamente apagado da minha mente quando eu

contemplei os dois lustres de cristal gigantescos e as doze colunas que sustentavam o salão todo talhado em piso de mármore.

O lugar exalava luxo e requinte. Condizia com o nome. Uma pequena multidão glamorosa se espalhava pelo salão, distintamente vestida e cercada por garçons e garçonetes que traziam e recolhiam taças de modo a deixar o local impecável. Na verdade, o local e as pessoas davam a impressão de impecáveis.

O que me fazia temer que por algum deslize eu pudesse ser descoberta.

E por último, tinha a pontinha de raiva. Raiva por achar injusto ver que alguém podia gastar centenas e até milhares de reais em festas de uma noite, enquanto eu era obrigada a trabalhar em dois empregos para conseguir manter as coisas mais estáveis em casa.

- Esse lugar é incrível. - Arianna sibilou ao meu lado.

- É hoje que eu vou encontrar um milionário para me salvar dessa vida difícil. - Jenny sorriu animada.

- Jenny, eu disse para você parar de assistir á filmes de sessão da tarde.

Essas coisas de milionários que aparecem para salvar garotas pobres só acontecem em Uma Linda Mulher. - adverti e as duas riram.

- O que é que tem? Eu posso muito bem me tornar a versão brasileira de Uma Linda Mulher. - Jenny jogou os cabelos se fingindo ofendida.

- Você? Como a Júlia Roberts? Mas nem se nascesse de novo! - Arianna gargalhou e eu a segui.

Jenny fez um bico, mas também não resistiu e começou a rir. De repente, ela soltou um gritinho animado:

- Ai meu Deus! Alguém me segura! Não, não me segura não! É o Cristiano Araújo ali?! Eu preciso ir lá. - Jenny começou a caminhar, mas eu a barrei:

- Jenny, não acho que isso seja uma boa ideia. É melhor não chamarmos muita atenção e ficarmos perto uma da outra.

- Eu só vou dizer um oi. Afinal viemos a essa festa para nos divertirmos não é? -

Ela se soltou de mim. - Fiquem aqui e esperem por mim, eu já volto. Não sumam, por favor. - Jenny implorou e se afastou de nós.

Agora só estávamos Arianna e eu. Mas não foi por muito tempo:

- Ell, eu preciso ir ao banheiro. Acho que bebi refrigerante demais antes de sair.

Fique aqui e espere pela Jenny, eu volto já.

Antes que eu pudesse abrir a boca para protestar, ela se virou e sumiu no meio da multidão.

Droga! Eu tinha sido abandonada pelas minhas melhores amigas num salão cheio de pessoas desconhecidas. Aquilo não estava saindo como o planejado.

- Champanhe, senhorita? - Uma mocinha loura de uniforme preto e sorriso simpático me ofereceu uma taça.

Sorri de volta para ela antes de aceitar sua oferta.

- Está fazendo um ótimo trabalho... - Procurei ler o pequeno crachá em sua blusa. -Bruna. Obrigada.

A garota que devia ter aproximadamente uns vinte e dois anos, como eu, ficou surpresa com o meu elogio, mas depois sorriu.

- A senhorita é muito gentil. - Ela retribuiu a minha simpatia e então saiu, deixando-me sozinha mais uma vez.

Suspirei e voltei os olhos para o caminho que Arianna tinha seguido, na esperança de vê-la, mas fui decepcionada. Então passei a estudar atentamente a arquitetura do salão, enquanto o comparava mentalmente com outras obras clássicas.

Tudo havia sido muito bem projetado, concluí. Quem teria sido o arquiteto?

A decoração era impecável e o lustre de cristal foi o primeiro a atrair a minha atenção. Logo depois detive meus olhos nas mesas ornamentadas por vasos também de cristal com rosas das mais diversas cores. Sobre elas estavam também finas iguarias que eu nunca tinha visto.

Foi então que escutei o som da risada de alguém e me virei automaticamente.

Observei então um grupo de pessoas, a certa distância de mim, rindo todos ao mesmo tempo enquanto um homem fazia gestos com a mão, provavelmente contando uma piada.

Não pude evitar sorrir com a energia do rapaz. Ele parecia realmente feliz.

Tirei meus olhos do rapaz quando minha atenção foi capturada pelo vaso de rosas na mesa de petiscos à minha frente. Caminhei até lá e não consegui resistir ao impulso de tocar as flores. Eu nunca tinha visto ramalhetes tão perfeitos.

De repente, tive uma sensação estranha. Como se alguém estivesse me observando.

Acalme-se, Ellen. Isso tudo é coisa da sua cabeça. Respire e aproveite o seu champanhe.

Eu era mestre em me dar bons conselhos, mas não conseguia seguir nenhum deles, porque a sensação de incômodo foi crescendo no fundo do meu estômago, deixando-me cada vez mais nervosa.

Levei à taça de champanhe a boca e deixei de me concentrar nas flores para passear os olhos pelo salão á procura de Arianna e foi quando eu percebi que não estava sendo paranoica. Do outro lado do recinto, pouco afastado de um outro grupo de pessoas, um homem trajando um smoking preto fitava-me com interesse. Ele parecia ter pulado de algum catálogo de modelos. Era um verdadeiro deus grego, como Arianna costumava dizer. Tinha cabelos negros e eu não podia distinguir a cor dos olhos, mas eu sabia que eram intensos porque estavam fazendo toda a minha pele se arrepiar em resposta.

Fiquei subitamente presa no olhar do estranho, sem conseguir esboçar qualquer reação. Até que para o meu desespero, o homem tomou meu

olhar contínuo como uma permissão para que ele se aproximasse e começou a caminhar na minha direção.

Fiquei confusa e nervosa. Tudo o que eu menos queria era chamar a atenção de alguém naquela maldita festa!

Tomada pelo pânico, eu comecei a procurar uma rota de fuga. Avistei um espaço entre algumas pessoas que conversavam atrás de mim.

Deixei a taça de champanhe na bandeja de um garçom que se aproximava. Então virei às costas e comecei a andar naquela direção.

Passei pelas pessoas rapidamente e de repente me vi em outro salão.

Esse tinha uma cúpula dourada descendo do centro do teto. Também tinha uma pista de dança com o chão iluminado e um palco próximo a ela.

Olhei para trás e não voltei a enxergar o estranho de olhos intensos.

Suspirei aliviada enquanto me concentrava na banda que para a minha surpresa tocava "I'm in the mood for love" de Rod Stewart, uma música de 1935.

Sorri. Era bom saber que eu não era a única a apreciar coisas antigas.

- Fugindo de alguém? - A voz grave soou ao meu ouvido e eu dei um pequeno pulo de susto.

Virei-me rapidamente para me deparar com o deus grego. Ele tinha um sorriso malicioso nos lábios. Os olhos eram de um azul profundo e de perto ainda mais intensos. Não consegui nenhuma resposta plausível para lhe dar.

- Confesso que estou impressionado. Geralmente as mulheres correm para mim e não o contrário. - Ele deu um sorriso presunçoso e seu olhar atrevido desceu pelo meu corpo.

De início fiquei lisonjeada quando percebi a admiração nos olhos dele, mas a arrogância na voz e a impertinência nas suas palavras, não deixaram espaço para nada além de indignação dentro de mim:

- Eu não estava correndo de você. - Minhas palavras saíram mais ácidas do que eu queria.

O sorriso dele se alargou e ele capturou uma das minhas mãos.

- Verdade? - Os olhos azuis brilharam provocantes e sua voz estava carregada de ironia. - Perdoe-me se tive essa impressão, senhorita...

Qual o seu nome? - Ele levou minha mão aos lábios e beijou-a fazendo minha pele queimar ao seu toque.

- Ellen. - respondi ainda presa no seu olhar intenso, mas me arrependi um segundo depois. Não devia ter falado meu nome verdadeiro.

- Prazer, sou Damien Mason.

Senti minha garganta ficar seca.

Por Deus! Eu estava diante do convidado de honra da festa. Minhas mãos ficaram geladas e uma nova onda de nervosismo voltou a crescer no fundo do meu estômago. Era agora. Ele descobriria que eu tinha invadido a festa dele.

Procurei rapidamente uma desculpa para me livrar dele:

- Fico feliz em conhecê-lo, senhor Mason. - tentei falar sem gaguejar e puxei a mão que ele prendia. - Mas preciso encontrar minhas amigas agora.

- Então você veio acompanhada das amigas. - Ele pareceu satisfeito com a informação.

Eu me indaguei o porquê e compreendi um instante depois que para ele, isso significava que eu estava livre e que poderia continuar ali flertando comigo.

Droga, droga, droga! Eu devia ter mentido e dito que estava com algum homem.

- Eu vim sim. - sorri amarelo. - Agora se me der licença... - Virei-me para sair.

Nesta hora, as luzes do salão diminuíram e Rod Stewart foi substituído por Michael Bolton, na sua melhor performance de "When a man loves a woman".

- Acho que você não vai conseguir encontrar ninguém agora. - Damien sussurrou ao meu ouvido atrás de mim. Então se colocou na minha frente. - Que tal me dar o prazer da sua companhia na pista de dança?

Ele sorriu sedutor e eu senti meus joelhos tremerem. Porque ele tinha que ser tão bonito? Aquilo e Michael Bolton dificultavam o meu raciocínio lógico.

- Eu não sei dançar. - Menti rapidamente.

- Eu também não sou nenhum dançarino, mas nós só vamos nos

balançar de um lado para o outro, my Darling.

Damien sorriu, mas seu sorriso não chegou aos olhos e as esferas azuis brilharam de maneira á denunciar que ele não aceitaria um não como resposta. Suspirei e lancei um olhar derrotado na direção dele.

- Uma música. - cedi.

Ele sorriu, agora parecendo realmente achar a situação divertida.

- Tenho certeza de que será o suficiente.

Ele colocou a minha mão na sua e me puxou em direção à pista de dança. Quando chegamos ao local, ele envolveu-me pela cintura, prendendo meu corpo ao dele e obrigando-me a apoiar as minhas mãos nos ombros dele.

Nossa proximidade logo fez o meu coração acelerar e eu me concentrei em fitar o colarinho engomado dele para fazer minha pulsação normalizar.

- Você mentiu. - Ele falou de repente.

- O que? - repliquei confusa. Já teria ele tomado conhecimento da minha condição de impostora?

Os olhos azuis buscaram os meus.

- Mentiu sobre não saber dançar. - Os dedos dele acariciaram a minha cintura. - Você parece saber muito bem o que está fazendo.

Senti meu rosto queimar por ter sido descoberta e desviei meus olhos

dos dele, voltando a fitar seu colarinho. Damien riu baixinho e seu peito tremeu.

- Minha aparência é assim tão assombrosa, senhorita Ellen? - Ele sussurrou e eu senti os pelos da sua barba por fazer tocarem o meu rosto. Seu perfume era uma fusão de notas desconhecidas para o meu olfato, mas ainda assim indiscutivelmente arrebatadoras. - Ou era apenas saudade impetuosa das amigas?

Mais uma vez a voz dele estava carregada de presunção e ironia. Minha língua não se conteve dentro da boca:

- O senhor considera a ironia uma espécie de charme?

Para a minha surpresa ele soltou outra risada rouca. Depois me puxou para mais perto, se é que era possível. Suas mãos fizeram um caminho ousado pelas minhas costas nuas. Fazendo com que um arrepio percorresse todo o meu corpo.

- Você tem sempre uma resposta na ponta da língua, não é? Gosto disso. - Senti quando ele raspou os lábios no meu pescoço e arfei. -

Também gosto desse seu cheiro maravilhoso.

- Isso... Isso não está certo. - protestei, mas não reconheci minha voz.

Ela parecia meio grogue.

- Está tudo certo, my Darling. - Os lábios de Damien tocaram a minha orelha. -

A começar por essas suas curvas fantásticas que estão me levando á insanidade. - O tom aveludado da voz confundia todas as

minhas fibras nervosas.

Senti o sangue subir para a minha face diante do elogio dele e não ousei levantar o rosto resistindo ao impulso de me virar para ele. Então tentei me concentrar nas pessoas que estavam ao nosso redor.

Fiquei surpresa ao perceber que a maioria delas estava nos observando.

Ele é o homenageado da noite Ellen, o que você esperava? Fique calma.

Mas ainda assim eu não pude evitar o leve tremor que se espalhou pelo meu corpo. Eu não costumava chamar atenção e gostava disso. Mas como eu poderia não chamar atenção se estava dançando com o dono da festa e ainda tinha um rasgo enorme nas costas?

Minhas mãos começaram a ficar geladas.

- Fique calma. - Damien pareceu notar meu nervosismo e afagou a minha cintura na tentativa de me acalmar.

Não funcionou.

- Todos estão olhando. - balbuciei.

- Claro que estão my Darling. Você é a mulher mais bonita da noite. -

Senti quando ele voltou a aproximar seu nariz do meu pescoço. - Os homens a olham porque a desejam e as mulheres porque estão com inveja.

- Com inveja? - Virei-me para fitá-lo.

- Sim. Porque todas elas gostariam de estar onde você está agora.

Vóltei a olhá-lo perplexa. Ele realmente se achava a última Coca-Cola do

deserto, mas o que me deixou irritada foi o fato de que ele, muito provavelmente, estava certo.

- Você sabe o que dizem sobre o ego de um homem, senhor Mason?

Damien desviou seus olhos azuis dos meus lábios e os pousou nos meus.

- Não sei senhorita Ellen, mas percebo que está muito afoita para me dizer. - Seu olhar brilhou em desafio e me instigou a prosseguir.

- O ego inflado é o pior inimigo que alguém pode ter, pois é o princípio da decadência de um homem.

Eu o vi arquear sua sobrancelha esquerda em sinal de surpresa e depois sorrir divertido.

- Sou obrigado a discordar da senhorita. - Damien voltou a acariciar minhas costas e eu tive de me

esforçar para me concentrar em suas palavras. - Considero o ego como algo benéfico. Todos gostamos de ser admirados e isso aumenta nossa consideração por nós mesmos. Além disso, no fundo faz bem adorar que nos invejem ou até mesmo odeiem.

Ninguém perde o seu tempo invejando o feio ou odiando o fraco.

Foi a minha vez de ficar surpresa. Damien não era apenas bonito, percebi que era também inteligente e perspicaz. Fiquei mal-humorada.

Era injusto que uma só pessoa reunisse tantas qualidades. Não pude evitar a minha amargura:

- Sem dúvida, foi um bom argumento, senhor Mason. - Ele assentiu com

a cabeça. - Mas ainda sim ousou sugerir que mantenha seu ego na coleira. Nunca se sabe quando ele pode avançar e morder alguém.

Damien arregalou os olhos diante da audácia das minhas palavras e por um segundo eu acreditei que ele finalmente terminaria a dança e me deixaria em paz, mas para o meu azar ele começou a rir e me apertou ainda mais contra si.

- Será que estou tendo mais uma impressão errada, ou estou dançando com a única mulher do salão que não me aprova?

Senti-me subitamente culpada. Eu nem devia estar ali, muito menos julgando alguém que eu mal conhecia. Que direito eu tinha?

Fitei os meus pés, envergonhada, pela minha atitude grosseira.

Damien aproximou seus lábios da minha orelha mais uma vez:

- Você não precisa se preocupar com isso, my Darling. O único a morder aqui sou eu e só o farei se você me pedir.

Suas palavras e seu tom de voz ousado arrepiaram a minha pele. E eu fiquei irritada ao notar o quanto tinha gostado daquilo. Eu precisava dar um fim àquela dança.

- Isso foi muito atrevimento da sua parte! - tentei me afastar dele, mas foi em vão. Ele era mais forte e me manteve em seus braços.

- My Darling, você ainda não tem ideia do quão atrevido eu posso ser. -

Suas mãos desceram para o meu quadril e acariciaram-no sutilmente.

- Damien... - ofeguei o nome dele numa falha tentativa de protesto, mas o formigamento que seu toque causava na minha pele me fez perder o

foco temporariamente.

- Você está contrariando boa parte das minhas expectativas, Ellen. - Ele confessou enquanto descia sua

boca pelo meu pescoço. - Mas eu não posso negar o quanto estou me sentindo atraído por tudo isso.

Senti quando seus lábios depositaram um beijo na curva entre meu ombro e o meu pescoço e arfei em seus braços mais uma vez. Ele sorriu contra a minha pele e eu abaixei a minha cabeça envergonhada, porque estava claro que a atração era mútua. Meu corpo respondia á ele antes que eu pudesse me impedir de fazê-lo.

Damien deixou de tocar o meu quadril e segurou o meu queixo. Então ergueu meu rosto, obrigando-me a fitá-lo:

- Acho que já encontrei o que eu estava procurando.

Os olhos azuis se prenderam nos meus e ele aproximou sua boca da minha. De repente, as luzes do salão voltaram a brilhar e eu me lembrei da minha situação. Eu era uma impostora na festa dele. Ali não era o meu lugar. Damien e eu não combinávamos realmente.

Além disso, eu não estava gostando nada das minhas reações e nem de perceber como eu perdia o controle da situação perto dele. Isso nunca havia acontecido antes, nem mesmo com Estevão.

- Preciso ir. - afastei-o de mim e fiz menção de deixar a pista de dança, mas ele me deteve pelo punho:

- Sinto muito, mas eu não posso permitir. - Sua voz soou autoritária e seu toque era possessivo.

O que? Como assim? E desde quando ele tinha alguma autoridade sobre mim? Nem ele e nem homem algum teria. Eu não queria um homem me controlando e me dizendo o que fazer, como aquele monstro que um dia eu chamei de pai fazia com a minha mãe para depois bater nela quando as coisas não saiam da forma que ele queria.

- Sinto muito, mas eu não acho que precise da sua permissão, senhor Mason. - puxei meu braço bruscamente. - Com licença.

Damien pareceu estupefato diante da minha reação. Mas depois eu vi seus olhos lampejarem em sinal de irritação. Não esperei para vê-lo surtar.

Retirei-me da pista de dança certa de que eu estava louca. Tinha acabado de dar um fora no convidado de honra da festa, que por acaso era podre de rico e lindo de morrer. Quantas mulheres no mundo teriam essa chance e quantas fariam uma burrice semelhante?

Tentei não pensar muito enquanto atravessava o salão em busca das minhas amigas desertoras. Não demorei muito a encontrá-las.

Jenny conversava animadamente com um jovem de pele bronzeada e de sorriso gentil. Notei que era o mesmo rapaz que estive observando contar uma piada no início da festa. Ela parecia interessada nele, mas pude notar que os olhos do homem estavam em Arianna, que nem parecia enxergá-lo assentada em um estofado branco.

- Ellen! Estávamos preocupadas! - Jenny falou assim que me viu.

Oh, sim. Com certeza estavam.

- Olha Ell, este é Nicholas Ferraço. - Jenny prosseguiu, fazendo as apresentações.

O rapaz se adiantou e puxou a minha mão para beijá-la:

- Prazer, senhorita Ellen. - Um sorriso maroto brincou nos lábios dele e novamente tive o sentimento de empatia.

- É um prazer, senhor Ferraço. - Virei-me para Arianna. - Acho que não estou me sentindo bem. Vou voltar pra casa.

- É sério Ell? - Arianna pulou do sofá. - Eu vou voltar com você então.

- Não é preciso, Ary. Eu posso voltar sozinha. Vocês podem continuar a aproveitar a festa. - Não era justo tirá-las da recepção tão cedo. As duas estavam muito animadas quando saímos de casa e eu não queria ser inoportuna.

- Eu não vou deixar você ir sozinha. - Arianna protestou.

- Ary, eu me viro. Não se preocupe.

- Não me venha com esse "não se preocupe". Eu me preocupo sim. Vou embora com você. - Ela se virou para Jeniffer. - Você pode ficar se quiser Jenny.

Jeniffer fez um bico. Provavelmente porque não queria ficar sozinha.

- Eu posso levar vocês para a casa, garotas. - Nicholas se ofereceu e se prontificou ao lado de Arianna.

Ela o olhou parecendo enxergá-lo pela primeira vez.

- Não será preciso, Nick. Eu posso levar Ellen para a casa, assim ninguém

precisa deixar a festa. - A voz de Damien soou atrás de mim e eu me virei na mesma hora.

Ele me deu um sorriso predador e eu senti meus joelhos vacilarem mais uma vez. Parecia que as minhas tentativas em afastá-lo tinham surtido efeito contrário. Damien tinha um brilho de obstinação no olhar, como o de um caçador diante do alvo.

Merda! Eu tinha ferrado com tudo.

Arianna olhou de Damien para mim, esperando uma explicação. Com a minha visão periférica, percebi o choque no rosto de Jeniffer.

- Vocês já se conhecem, Damien? - Nick foi o primeiro a se manifestar.

- Tive o prazer a pouco. - Damien se aproximou de nós e parou á minha frente. - Você quer mesmo ir embora, my Darling?

Agora eu estava sem saída. Se eu falasse que tinha desistido, Damien ficaria no meu encalço pelo restante da festa e poderia entender aquilo como um consentimento meu para as propostas que brilhavam

no seu olhar. Por outro lado, se eu fosse embora sozinha com ele, pelas reações inusitadas que eu estava tendo, poderia facilmente, acabar cometendo alguma loucura.

Senti um pouco de suor brotar nas raízes dos meus cabelos. Eu sabia que essa festa não ia terminar bem.

Damien pareceu notar meu embaraço e um sorriso irônico surgiu nos seus lábios. Agora ele estava se divertindo às minhas custas.

Era melhor passar pela tortura de ir embora e me livrar dele de vez.

Convenci-me. Eu era forte. Não seria um par de olhos azuis que me deixariam caidinha, não mesmo.

De repente, lembrei-me de que ele não podia me levar embora, ou descobriria toda a nossa farsa. Porque como uma suposta socialite poderia morar no morro do Alemão?

Lancei um olhar desesperado para Arianna. Ela entendeu na hora:

- Ell, antes de você ir embora, pode vir até o toalete comigo? Acho que estou com um probleminha com o fecho da minha lingerie.

- Claro Ary! - Falei louca para fugir da situação.

- Com licença, senhores. - Arianna puxou a minha mão e num instante eu me vi entrando no toalete feminino:

- Como você conseguiu atravessar o caminho do dono da festa com mais de duzentas pessoas nesse salão? - Arianna falou depois de se certificar de que estávamos sozinhas no banheiro.

- Azar? - repliquei.

- Agora o cara tá interessado em você e quer te levar para a casa, Júlia Roberts! -

Arianna tentou parecer irritada, mas sua comparação entre mim e a Júlia Roberts fez com que nós duas começássemos a rir.

- Eu sabia que não devia ter vindo. Eu sabia que isso não ia dar certo. -

comecei a caminhar pelo banheiro, nervosa.

Arianna se sentou no estofado luxuoso situado na área externa do

toalete.

- Calma, nós precisamos pensar. - Ela passou as mãos pelos cabelos, sem se importar com o coque. De repente seus olhos negros brilharam. - Os tios ricos da Jenny! Eles estão viajando, não estão?

- Acho que sim. Everest dessa vez. - respondi.

- Claro! Você dá o endereço da casa deles em Ipanema.

- É Ary, mas e quando chegar lá? O que eu faço?

- A Jeniffer não está cuidando da casa deles? Ela te dá às chaves e você finge que a casa é sua. - Arianna sorriu satisfeita com a solução que encontrara.

- Mas como vamos falar com a Jeniffer? Ela não está aqui.

De repente, Jeniffer adentrou o banheiro.

- Vocês nem para me esperar, hein? - Ela reclamou.

- Me diz que você está com as chaves da casa dos seus tios na bolsa, por favor, Jeniffer. - Arianna saltou na frente de Jenny.

- Eu estou sim. Pensei que fosse mais fácil passarmos a noite lá hoje. É

mais perto. - Ela enfiou a mão na bolsa e retirou um chaveiro elegante de lá.

- Ótimo. Entregue às chaves a Ell. Entregue também o celular dela.

Damien quer levá-la para casa e precisamos manter essa farsa pelo menos até o fim da recepção. - Arianna se virou para mim. - Me informe assim que chegar.

Jeniffer concordou e me passou as chaves e o telefone. Segurei ambos com as mãos trêmulas.

- Agora vamos voltar para a festa. Jenny, nós vamos ficar aqui no Belmond mais um pouco para não gerar desconfianças. - Arianna segurou as minhas mãos. - Agora você Ell, tome cuidado. Damien não parece o tipo de homem com quem se brinca. Encontre um jeito de se livrar dele.

Concordei e então nós três saímos do banheiro.

Quando voltamos para o salão, Damien e Nick estavam sentados no estofado antes ocupado por Arianna.

- Resolveram o problema, meninas? - Nicholas dirigiu um sorriso malicioso para Arianna.

- Tive que dar alguns apertos, mas resolvi. - Arianna provocou Nick e os olhos castanhos dele lampejaram.

- Já se decidiu my Darling? - Damien voltou seus olhos azuis para mim e se levantou.

- Já sim. Vou embora. - Sorri confiante.

Ele sorriu de volta e então se aproximou de mim.

- Será um passeio interessante. - Damien passou o braço pela minha cintura. - Eu as vejo depois meninas. Até logo Nick.

Damien acenou para os outros e saiu me conduzindo por entre os convidados. Não demorou muito para que nós chegássemos ao lobby do

hotel. Quando alcançamos à calçada, uma limusine preta nos aguardava.

- Senhor Mason, senhorita. - Um homem uniformizado nos cumprimentou e abriu a porta do automóvel.

Damien abriu passagem para que eu entrasse primeiro. Eu assenti e deslizei para o outro lado do carro, na esperança de que ele entendesse meu gesto sutil, mas ele o ignorou e sentou próximo á mim.

Eu me senti nervosa quando me vi dentro do carro com Damien ao meu lado. Passei as mãos pelo meu vestido subitamente desconfortável enquanto calculava quanto tempo nós gastaríamos para chegar à Ipanema.

- E onde a belíssima dama mora? - Damien me perguntou. Seu rosto estava perigosamente perto do meu e seus lábios estavam puxados num sorriso malicioso que eu já reconhecia como sua marca registrada.

Precisei de toda a minha concentração para respirar:

- Em Ipanema. - Dei a ele o endereço.

Damien finalmente se afastou, me dando um pouco de espaço e repassou o que eu havia dito para o motorista. Depois ele apertou um botão e uma barreira negra subiu á nossa frente dividindo o carro e deixando o homem uniformizado fora da minha visão.

- Assim está melhor. - Ele me puxou pela cintura, colando nossos corpos.

- Damien... - Comecei a protestar, mas ele me interrompeu:

- Adoro ouvi-la pronunciar o meu nome dessa forma. - Senti o nariz dele roçar a pele do meu pescoço e depois seus lábios depositaram um beijo na região abaixo da minha orelha.

Tive de cravar as unhas no banco de couro do carro para não levá-las aos cabelos dele. Céus! Eu não era assim! O que aquele homem estava fazendo comigo?

- Você... Você está entendendo as coisas da maneira errada... Damien. -

tentei me afastar dele, mas seus braços agora rodeavam a minha cintura e eu não consegui me mover.

- É você quem está entendendo errado, Ellen. - Ele beijou a parte exposta do meu ombro. - Eu não sou do tipo de homem que desiste.

- Pare... Pare de fazer isso. - Minha voz soou fraca e ele riu.

- Você não parece querer que eu pare my Darling. - Ele subiu os lábios para o meu pescoço e suas mãos também subiram pelas minhas costas nuas. - Você é tão macia. Tão quente... Está me tirando o juízo com essa pele á mostra.

Ele também estava fazendo o meu juízo descer pelo ralo com aqueles seus lábios quentes, mas eu não podia me esquecer de que a mulher que ele estava vendo era uma farsa. Eu não era nada além de uma garota pobre vivendo uma noite de Cinderela.

- Eu não posso. - Empurrei-o pelo peito, mas ele segurou a minha mão.

- Porque tanta resistência, Ellen? Eu sei que você também me deseja.

Fitei-o por alguns instantes. Era o homem mais bonito que eu já tinha visto. Seus cabelos negros estavam jogados em um penteado rebelde. O

nariz era aquilino e as linhas da mandíbula ressaltavam o rosto másculo dando-lhe um ar de nobreza. Tudo nele exalava requinte e eu me senti muito inapropriada naquele momento.

- Nós não combinamos. - Transformei meus pensamentos em palavras.

- Discordo de você mais uma vez. Veja como estamos atraídos um pelo outro. Não consigo imaginar uma combinação melhor. - Ele beijou acariciou a minha cintura e depois voltou a me envolver nos braços. -

Que tal nós mudarmos a rota do Tom para o Leblon?

Meu coração baqueou ofendido. Que tipo de mulher ele achava que eu era para aceitar o convite de ir passar a noite com um cara que eu tinha acabado de conhecer?

O carro parou denunciando a nossa chegada.

- Eu acho melhor eu ir pra minha casa. - Virei-me para abrir a porta, mas Damien me impediu:

- Porque você está fazendo isso? É alguma espécie de jogo?

- Não se trata de jogo nenhum. - procurei manter a calma. - Eu agradeço pela sua boa vontade de me trazer em casa, senhor Mason, mas eu estou cansada e quero ir para a minha cama. Por isso peço que por favor, me deixe sair do carro. - Finalmente consegui imprimir um tom firme á minha voz.

Damien arqueou a sobrancelha e seus olhos me estudaram com visível interesse.

- Tudo bem, my Darling. - Ele se aproximou e sussurrou ao meu ouvido. -

Pode ir, se quiser.

- Obrigada.

Mas ele continuava com os braços em torno de mim, impedindo qualquer movimentação minha.

- Eu preciso que me solte, senhor Mason.

Damien riu. Então mordiscou o lóbulo da minha orelha fazendo-me soltar um gemido baixo e inusitado.

- O que você está... O que está fazendo? - Minhas mãos tentaram afasta-lo sem muita vontade.

Ele respirou pesado próximo á minha orelha e finalmente se afastou, segurando o meu queixo logo em seguida.

- Saiba que você não vai conseguir fugir de mim. - Seus olhos estavam nublados e eu enxerguei o desejo latente neles. Para a minha surpresa, fui preenchida por um sentimento inoportuno de satisfação feminina.

- No final, todos fazem o que eu desejo e eu consigo o que eu quero. -

Ele concluiu suas palavras com um olhar dominador indicado que eu estava inclusa no todos.

- Querer nem sempre é poder, senhor Mason. - ergui o queixo. Eu não ia ser todos e ceder aos caprichos dele.

- Não para mim, my Darling. Eu posso ter o que eu quiser na hora em que eu quiser. É assim que as coisas funcionam no meu mundo. Eu dou as ordens e o restante acata.

- O senhor é muito arrogante! - repliquei irritada pela conversa e tentei me soltar dele mais uma vez.

- É uma das minhas qualidades. - Ele se vangloriou e sorriu.

- Então não quero conhecer as outras.

Damien soltou uma gargalhada sonora. O som era belo e harmônico e espantou minha irritação momentaneamente.

- Ah, você vai conhecer, my Darling. E tenho certeza de que vai adorar todas elas. - Ele espalmou uma das mãos nas minhas costas nuas e me puxou contra ele enquanto sorria cheio de malícia. - Mas prefiro que seja num lugar mais apropriado, onde possa chamar meu nome sem nenhum pudor e eu possa descobrir o restante dessa pele maravilhosa.

Damien baixou o rosto e beijou a minha clavícula me fazendo ofegar.

-- Não, Damien... Não...

- Quase assim, my Darling, quase assim.

Ele desceu uma mão para os meus quadris e começou a fazer movimentos circulares com o polegar na lateral das minhas coxas. Eu senti minha respiração pesar com o toque dele.

- Seu corpo trai as suas palavras. - Ele encostou sua testa na minha. - Eu posso fazer você ver estrelas aqui nesse estofado mesmo, mas tenho

uma cama bem mais confortável onde nós poderemos ter toda a privacidade possível. - Damien traçou meus lábios com o polegar e seus olhos azuis se fixaram nos meus enquanto sua outra mão deixava o meu quadril para se alojar entre os cabelos da minha nuca. - O fim desta noite já estava escrito desde o momento em que nós tivemos aquela dança, my Darling. Você não pode negar isso.

Suas palavras me trouxeram de volta á realidade. Ele parecia ter certeza de que eu terminaria na cama dele e eu não estava fazendo nada para provar o contrário. Estava agindo de uma forma que só confirmava as convicções dele. Eu não era assim. Não era do tipo que conseguia ir pra cama com alguém e depois simplesmente esquecer. Aquilo tudo estava sendo um erro.

Os lábios dele atingiram o meu queixo e seus dedos acariciaram a minha nuca. Então ele aproximou sua boca da minha para me beijar, mas eu o detive mantendo minhas mãos espalmadas contra o seu peito:

- Você está enganado. Sempre é possível escrever um novo final. - Tirei a mão dele que já me segurava pela cintura e meneei a cabeça contrariada.

Não devia ter ido aquela festa. Não devia ter dançado com ele, nem devia ter aceitado sua oferta de me trazer em casa. Mas acima de tudo, não devia desejar alguém como Damien Mason. Eu já havia passado por uma experiência parecida e sabia que nada de bom poderia vir daquilo.

- Isso tudo foi um erro. - murmurei.

Abri a porta e saí do carro rapidamente, mas precisei fazer uma pausa assim que me vi de pé. Minhas pernas ainda tremiam e eu tive de me concentrar para ficar sobre os saltos.

Suspirei e depois andei pela calçada com o máximo de dignidade que eu ainda podia ter. Eu podia sentir o olhar dele nas minhas costas e evitei pensar sobre o meu decote ousado.

Mas antes de chegar ao portão, senti uma lufada de perfume masculino e a mão dele se fechou no meu punho fazendo-me virar o corpo.

- Acho que você estava esquecendo algo. - Damien ergueu as chaves da casa e balançou-as.

Então ele me estendeu o chaveiro e eu estiquei o braço para pegá-lo, mas ele não me devolveu o objeto e me puxou para os braços dele.

Soltei um gritinho surpreso.

- Eu não vi erro algum aqui, my Darling. Vi apenas uma atração intensa entre duas pessoas adultas, mas não vou mais pressioná-la. Vou deixar que me vença por hoje. Por hoje. - Damien salientou com o rosto a centímetros do meu para depois sorrir sedutor. - Mas não pense que estou entregando os pontos. Eu nunca desisto de algo que eu desejo.

Eu segurei a minha respiração e meu coração se descompassou quando ele se aproximou mais e plantou um beijo atrás da minha orelha, em um

ponto sensível que eu nem sabia ter.

- Tenha uma boa noite, Ellen. - Ele voltou a sorrir malicioso. - Você terá notícias minhas muito em breve.

Damien fez com que suas palavras soassem como uma promessa. O

sorriso morreu nos lábios dele na mesma hora e sua expressão se tornou séria. Percebi naquele momento que tinha entrado numa grande roubada.

Ele finalmente se afastou e voltou para o carro. Eu não esperei mais e entrei em casa.

Atravessei o jardim e num instante me vi dentro da sala suntuosa da casa dos tios de Jeniffer.

Tranquei a porta da frente e joguei as chaves que eu carregava sobre um dos sofás próximos. Então deixei minhas costas deslizarem pela madeira fria ainda sentindo o meu coração bater acelerado e me sentei no chão.

E agora? Eu não tinha conseguido me livrar de Damien como o planejado. O brilho tenaz em seu olhar, na verdade, me fazia suspeitar de que eu tinha piorado a situação.

Ergui o celular que, por sorte, eu tinha conseguido manter na mão durante o trajeto e mandei uma mensagem para Arianna dizendo que eu já estava em casa.

Então caminhei até o estofado á minha frente e me deitei nele. Depois

fixei meus olhos no teto de gesso tentando me convencer mentalmente de que não havia sentido nenhum para toda aquela ansiedade que se alojava dentro de mim. Ele não viria atrás de mim.

Qual é Ellen? Você não é nenhuma Júlia Roberts de causar alarde pelas ruas de Beverly Hills e seduzir magnatas!

Fiquei irritada com a pequena expectativa que eu tinha criado em torno das palavras dele.

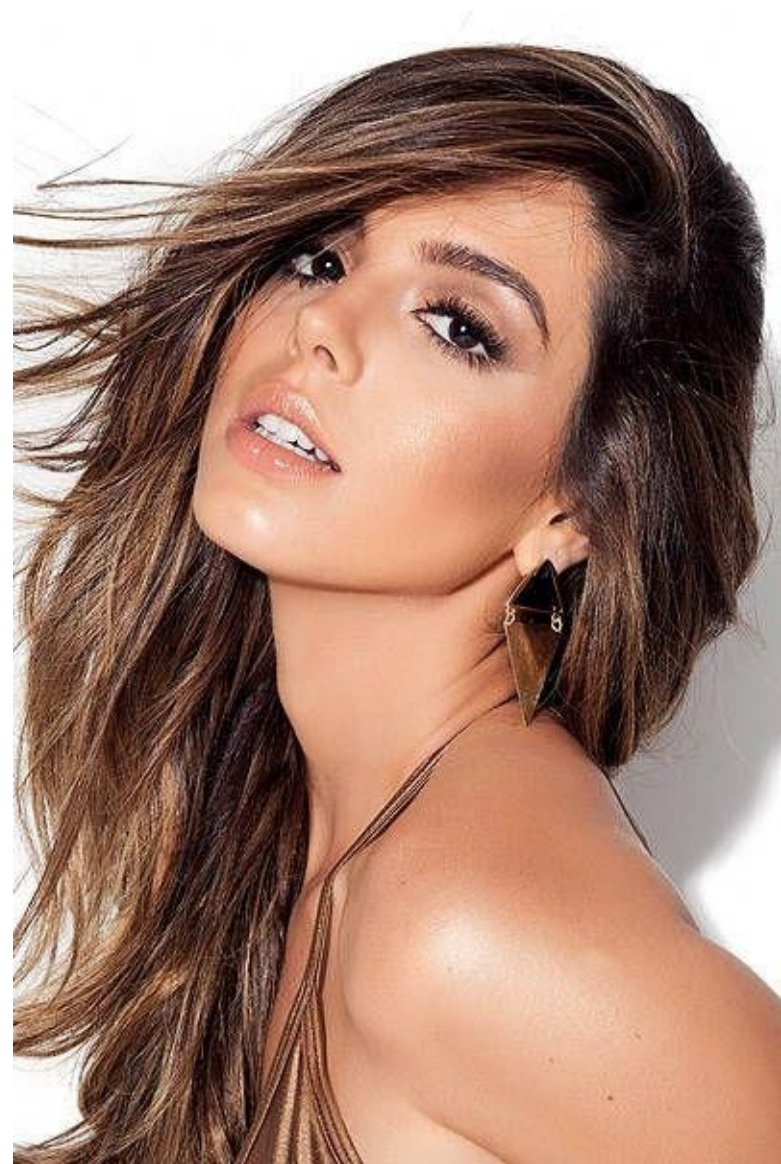
Não havia a menor chance de eu voltar a vê-lo. Além disso, homens como Damien sempre tinham mulheres á sua disposição. Ele voltaria para a festa e encontraria outra mulher mais bonita que com certeza aceitaria o seu convite para uma noite no Leblon.

E era melhor que fosse assim. Damien não parecia nem de longe o tipo de homem bonzinho e com certeza não entraria na minha vida para me salvar ou coisa parecida, no caso de eu ser mesmo uma Vivian Ward da vida. Ele ainda assim não poderia ser nenhum Edward Lewis e nós dois não estávamos na sessão da tarde.

AE para terminar, eu não precisava e nem queria um salvador. Sabia travar e vencer minhas próprias guerras sozinha.

Sorri satisfeita diante do meu próprio realismo.

Eu não cairia nessa de sonhar com contos de fadas modernos. Não era tola o suficiente para me idealizar como Uma Linda Mulher.



Capítulo 3: Garotas Devassas

"Alguém chora no meio da noite. Os vizinhos ouvem, mas apagam as luzes. Uma alma frágil presa às mãos do destino, quando a manhã chegar, poderá ser tarde demais." (Concrete Angel - Martina McBride)
Eu tinha certeza de que já tinha estado naquele lugar antes. O corredor estreito de paredes ainda inacabadas, talhadas apenas nos tijolos, não me era estranho. Continuei seguindo por ele em direção à luz fraca e

amarelada que pairava um pouco à minha frente. Parei antes de alcançar a porta e observei o que se passava dentro do cômodo, que agora eu reconhecia como uma cozinha. Uma jovem mulher e um homem com um semblante carrancudo estavam à mesa conversando.

Eu não conseguia ver o rosto da mulher porque ela estava de costas para mim, mas sua postura encolhida e o leve tremor dos seus ombros denunciavam que ela não estava muito à vontade com o sujeito. Parecia temer algo.

De repente o homem se levantou e empurrou a cadeira bruscamente fazendo-a cair no chão causando um estrondo:

- Eu já estou cansado das suas lamentações! Eu chego a hora que eu quiser porque eu sou o homem desta casa e mando em você. E nesse momento ordeno que cale sua maldita boca de merda! - O homem se

aproximou da mulher com ódio nos olhos.

- Você não pode continuar passando grande parte da noite naquele lugar e gastando todo o nosso dinheiro em bebidas! - Ela o enfrentou.

O homem soltou uma risada escandalosa e sarcástica:

- Nosso dinheiro? O que você ganha como costureira não vale nada.

Você depende de mim para tudo e não pode reclamar. Eu nunca deixei faltar nada dentro desta casa. - Ele apontou o dedo indicador na direção dela e gritou.

A mulher se encolheu, mas não se calou:

- Você está bêbado e eu não vou discutir com você. Faça o que bem entender. - Ela se levantou para sair, mas o homem a agarrou pelo braço.

- Volte aqui sua vadia desgraçada. - Ele ergueu a mão. - Vou ensiná-la a dar o devido respeito ao seu marido.

Ele desferiu um tapa no rosto da mulher. Seguido de outro e mais outro.

Soltei um grito de pavor e então ele me viu.

- Parece que temos plateia, querida.

Ele deixou a mulher e caminhou na minha direção. Pensei em correr, mas então notei que ele não estava olhando para mim. Estava olhando para uma garotinha de cabelos negros que estava agarrada á um Pernalonga de pelúcia bem na minha frente.

- Saia daqui filha! - A mulher, agora com o rosto machucado, implorou.

- Mamãe... - A garotinha fungou e tentou se aproximar da mãe, mas o homem a impediu.

- Você ouviu a sua mãe, ela mandou você sair. - Ele segurou a menina pelos dois braços e sacudiu-a bruscamente.

A menina começou a gritar assustada e a mulher se desesperou:

- Solte a minha filha, seu desgraçado! - Ela recuperou as forças e começou a socar as costas do brutamonte.

O homem soltou a menina e se virou para a esposa, completamente cego de cólera:

- Sua puta dos infernos! - Ele agarrou a mulher pelo pescoço e a jogou no chão.

- Mamãe! - A garotinha gritou com as lágrimas já no queixo.

- Saia daqui! - A mulher voltou a implorar.

- Mãe...

- Saia agora! - O último apelo da mulher foi abafado pelo grito de dor que ela soltou quando o homem começou a chutar as pernas dela ferozmente.

- Eu já falei para não levantar essa sua maldita mão para mim! - Ele bradou enfurecido.

Eu vi a mulher se contorcer quando ele a segurou pelos cabelos e lhe desferiu um soco no rosto. Então ela desmaiou.

A garotinha continuava parada, completamente assustada pela cena que acabara de presenciar até que o homem a notou e desfivelou o cinto da calça jeans puída:

- Você ainda está aqui? - Ele caminhou na direção da menina, mas então passou por ela e parou diante de mim. Seus olhos avermelhados me fitaram carregados de ira. - Vou ensiná-la a não ser uma vadia de merda como a sua mãe, Ellen.

E foi então que eu acordei ao som do meu próprio grito agoniado. Meu corpo parecia convulsionar e eu não conseguia parar de tremer. Lancei

os olhos pelo quarto à procura dele. O homem horrível, meu pai. Mas quando me deparei com as paredes brancas e o antigo pôster de "Top Gun - Ases Indomáveis" pendurado numa delas, compreendi que tudo não havia passado de mais um terrível pesadelo.

De repente a porta do quarto se abriu, assustando-me.

- Ell, você está bem? - David se aproximou da minha cama visivelmente assustado e se sentou á minha frente.

- Estou. Foi apenas um pesadelo querido. - sorri e acariciei o braço esquerdo dele.

David me fitou ainda desconfiado por trás de seus óculos de armação escura.

- Tem certeza? - Ele inquiriu ainda preocupado.

- Sim. - aumentei o meu sorriso. - Volte a dormir.

David acenou negativamente com a cabeça:

- Já está quase na hora de ir pra escola.

Virei-me para fitar o meu pequeno relógio de cabeceira.

- Ainda faltam quarenta minutos para você começar a se aprontar. - falei ao reparar que os ponteiros marcavam 05h20min da matina.

- Eu sei. - David pareceu envergonhado. - Posso ficar aqui com você até chegar a hora de me levantar? É que eu não estou conseguindo dormir...

Nem um de nós dormia bem depois que mamãe se fora.

David sorriu tímido e isso me fez pensar no quanto ele lembrava mamãe. Ela já estava grávida deles quando deixou papai, logo após aquela noite terrível que eu tinha acabado de rever em sonhos. Foi um milagre mamãe não ter sofrido um aborto depois de tudo aquilo.

As cenas daquela noite escura voltaram a dançar na minha mente e eu balancei a cabeça na tentativa de afastá-las de mim. Eu evitava pensar naquilo desde que minha mãe saiu do interior e nos trouxe para a capital do Rio de Janeiro.

Lembro-me de que foi tia Meiry quem nos auxiliou quando chegamos á cidade. Ela ainda não era casada com tio Louis e morava no morro de Alemão. Foi tia Meiry quem nos ajudou a encontrar um lugar para morar e conseguiu um emprego para a minha mãe. Com o tempo, eu fui crescendo e também comecei a trabalhar para ajudá-la. Dona Marta me ensinou tudo sobre como ser uma mulher batalhadora. Ela nunca deixava a peteca cair. Mesmo diante de todos os nossos problemas, ela sempre estava sorrindo e dizia que se nós trabalhássemos duro, no final teríamos bons resultados.

E assim eu cresci acreditando que se você trabalhasse com afinco e se esforçasse o suficiente em prol de alguma coisa, não haveria como você fracassar na sua missão. Mesmo quando a missão era cuidar de duas crianças tão diferentes e cheias de peculiaridades como meus irmãos

gêmeos.

David era um pouco retraído, mas era também dócil e amável. Gostava de estudar matemática e dizia que queria ser engenheiro quando crescesse. Ele vivia bisbilhotando as minhas plantas e trabalhos da faculdade. Era um nerdzinho adorável.

Já Júlia era impulsiva e explosiva. Detestava estudar e quase sempre eu tinha que obrigá-la a pegar nos cadernos. Depois da morte de mamãe, seu gênio tinha ficado ainda mais difícil. Ela começou a matar aula e a andar com más companhias e eu estava muito preocupada com isso.

Tinha medo dela se enveredar por algum caminho ruim. Era mais um problema para a minha grande lista.

- Ell? - David chamou a minha atenção e eu voltei a olhá-lo.

- Claro que pode ficar aqui. Vem. - afastei as minhas cobertas e cedi lugar para ele na cama.

David se apressou e se aconchegou na cama. Eu o abracei:

- Agora volte a dormir, Jimmy Neutro.

- Eu não tenho um cabeção! - Ele reclamou.

- Eu sei. - ri baixinho. - Mas é tão inteligente quanto ele.

David também soltou uma risada que aos poucos foi se desfalecendo.

Então tudo ficou em silêncio e eu não consegui fugir das lembranças da minha última noite com o meu pai.

"Vou ensiná-la a não ser uma vadia de merda como a sua mãe, Ellen."

Meu pai retirou a cinta da cintura e eu não consegui ter nenhuma reação. Era apenas uma garotinha de oito anos assustada diante de um homem alto, em roupas rústicas e barba por fazer. Os olhos castanhos dele estavam avermelhados e ele tinha um semblante feroz. Era a forma humana do mal.

Quando ele me segurou pelo braço e desferiu o primeiro golpe de cinta contra mim, eu tive a certeza de que aquilo marcaria tanto o meu corpo quanto a minha alma. Cada um dos ataques fazia o meu corpo se contorcer de dor e eu gritei com toda a força que meus pulmões permitiam. Mas nossa casa era na zona rural, e por certo, ninguém ouviria o apelo desesperado de uma garotinha.

Depois que ele se cansou, deixou-me ali no chão da cozinha mesmo, murmurando mais um palavrão e dizendo que ele era o dono de tudo. E

que devíamos ficar quietas porque dependíamos da comida e da casa que ele nos dava.

Minha pele ardia pela violência e eu só conseguia me perguntar o porquê de tudo aquilo. O que eu tinha feito de errado? Eu nem havia pedido por balas naquele dia. O que mamãe tinha feito de errado? Ela era tão boa. Sempre tomava muito cuidado para não irritá-lo, mas ainda assim ele batia nela, e embora ela fizesse de tudo para esconder as marcas que ficavam no seu corpo, eu sabia que aquela cena da cozinha

não tinha sido a primeira.

Eu tentei me levantar, mas não consegui. Estava dolorida demais. Então adormeci ali mesmo, sobre o chão frio da cozinha. Quando acordei, mamãe estava me carregando para o quarto. Ela me abraçava forte enquanto chorava e me pedia desculpas. Meu pai já tinha saído para o trabalho e naquela manhã nós também saímos de casa para nunca mais voltar.

Nos nossos primeiros meses no Rio, nós vivíamos com medo de que ele viesse atrás de nós e nos encontrasse. Mas à medida que o tempo foi passando, fomos ficando mais confiantes. Por alguma razão desconhecida, ele tinha nos deixado em paz. Ainda bem. Seria terrível se David e Júlia o tivessem conhecido e passassem por uma experiência semelhante à minha.

Apertei David nos meus braços e suspirei aliviada. A respiração calma dele denunciava que ele já tinha adormecido. Então resolvi deixar as lembranças de lado e cerrei as minhas pálpebras também. Eu não precisava temer e nem me torturar mais com aquelas memórias. O

passado não poderia me machucar nunca mais.

~♥~

- Você vai ficar atrasada, Júlia. - alertei a ela enquanto andava pela cozinha estreita e tentava me lembrar onde tinha deixado o maldito

celular.

- Eu já estou indo, não precisa ficar falando na minha cabeça toda hora!

- Ela reclamou e continuou a mastigar seu pedaço de pão francês enquanto mexia no seu telefone.

- David! - Chamei-o.

- Sim, Ell. - Ele correu para a cozinha já de uniforme e mochila nas costas.

David era sempre assim. Nunca me dava trabalho.

- Você viu meu celular? - indaguei depois de engolir o restante do meu suco de maracujá.

- Não vi Ell. - David respondeu parecendo desapontado. Ele era um bom garoto e gostava de me ajudar em tudo o que fosse possível.

- Tudo bem. Já está pronto?

Ele assentiu e sorriu.

- Júlia! - Voltei a chamá-la.

- Que saco! - Ela lançou o restante de pão no prato e enfiou o telefone no bolso da calça jeans. - Vamos David!

Ela se levantou da cadeira e jogou seus cabelos castanhos para trás. Seu rosto estava perfeitamente maquiado, ressaltando seus olhos da mesma tom dos cabelo e idênticos aos de David. Os lábios estavam pintados de rosa e suas unhas exibiam um esmalte quase preto.

- Você não devia usar tanta maquiagem. Ainda é muito jovem. - falei

enquanto me aproximava para entregar a David algum dinheiro. Não gostava de deixá-los desprevenidos.

- Vigie a sua irmã. - sussurrei ao abraçar David.

- Pode deixar. - David murmurou de volta.

- Eu já tenho quatorze anos e tenho que ficar bonita para manter meu status na escola. - Júlia voltou a falar enquanto mastigava um chiclete e ajeitava a franja.

- Isso é besteira. - tentei me aproximar dela para abraça-la também, mas ela recuou.

- Você vai amassar meu uniforme. - Júlia bufou.

- Você se preocupa demais com a aparência, Júlia.

- E você se preocupa de menos. - Ela me lançou um olhar desdenhoso. -

Se você não gosta de se arrumar e prefere ficar horrorosa desse jeito o problema é seu. Vamos David.

- Vocês sabem que hoje devem ir da escola direto para a casa da dona Clarissa, não sabem? - olhei atentamente de David para Júlia, sondando-os.

- A gente sabe. - Eles responderam em uníssono me fazendo sorrir.

- Estão levando tudo o que precisam para passarem a noite lá?

- Estamos sim. - David me garantiu e Júlia assentiu.

Virei-me para Júlia:

- Tomem cuidado e usem aquele caminho que eu ensinei a vocês, é mais seguro.

E por favor, Júlia, não pare para conversar com ninguém. Façam

o trajeto de forma mais breve possível.

Depois da morte da minha mãe, eu ficava muito apreensiva com um possível novo tiroteio. Isso era outra razão para eu trabalhar tanto, queria acertar as dívidas restantes e assim talvez conseguisse me mudar com os meus irmãos para um lugar mais seguro.

Não era como se eu não gostasse da minha comunidade. Eu amava aquele lugar, porque cresci lá e fiz bons amigos. Mas precisava zelar pelo bem estar da minha família acima de tudo.

- Eu sei, Ell. Não se preocupe. Vamos ficar bem. - Júlia me garantiu.

Então ela pegou sua mochila e abriu a porta para sair com David ao seu encalço.

- Tenham cuidado. Eu amo vocês.

Mas não pude saber se eles haviam escutado minhas últimas palavras, porque ambos saíram rapidamente.

Eu geralmente os levava até a escola, mas estava atrasada. David e eu tínhamos dormido demais e miss Júlia só acorda se alguém a chamar.

Então tive de confiar neles. E para piorar, o desaparecimento do meu celular com certeza me levaria a perder o ônibus que ia para o centro.

Por conseguinte, chegaria atrasada na lanchonete, mais uma vez.

Por fim, encontrei o maldito telefone. Ele já estava dentro da minha bolsa. Bufei e lancei os olhos para o relógio. Se eu me apressasse

conseguiria pegar o segundo ônibus e chegar á Praça Floriano antes que alguém desse pela minha falta.

Peguei as minhas coisas e saí depois de trancar a casa. Enquanto eu caminhava pelas ruas estreitas, torcia para que o nosso gerente, o senhor Frazão estivesse de bom humor. A última coisa que eu precisava era perder o meu emprego.

~♥~

Entre pelas portas dos fundos da lanchonete, buscando não chamar muita atenção.

- Você está atrasada! - Arianna falou ás minhas costas me fazendo pular surpresa.

- Que susto, Ary! - levei a mão ao meu peito. - Eu sei. Perdi o primeiro ônibus.

Passei por ela e caminhei em direção ao armário que continha alguns aventais e proteção para os cabelos.

- Você tem sorte do senhor Frazão ser condescendente com as funcionárias. - Arianna falou num sussurro e me seguiu pela cozinha.

Fiz uma careta diante das palavras dela. Claro que ele era condescendente. Era um idiota safado que vivia dando em cima das garotas da lanchonete. Não foram poucas às vezes em que ele me dirigiu olhares maliciosos e fez insinuações sobre um relacionamento além do profissional. Arianna também lidava com o assédio dele.

Nós até conjecturamos deixar o emprego, mas lá nós tínhamos um

horário formidável e não sabíamos se encontraríamos outra ocupação rapidamente. E eu não podia me permitir ficar sem trabalho por tempo algum. Então resolvemos aguentar nosso bom chefe.

Terminei de me aprontar e então segui para o lugar de cortar os pães para a preparação dos sanduíches.

- Opa! - Arianna me interceptou pulando na minha frente. - Hoje nós ficamos com as batatas.

- Ah não, Ary! Por quê? - soltei um muxoxo desanimado.

- Como você acha que eu convenci a Débora a não abrir aquela boca enorme dela e dedurar você? O senhor Frazão pode ser condescendente, mas a dona Mônica não. - Arianna frisou baixinho ao meu lado.

Mônica era a subgerente. Ela estava sempre procurando um motivo para nos demitir. Arianna dizia que era inveja. Porque nós éramos jovens e belas enquanto ela era, segundo as palavras de Arianna: "Uma velha cheia de Botox". Eu não acreditava muito nessa teoria de Arianna.

Era muito narcisista.

Já Débora era somente uma dedo-duro, chantagista e aproveitadora que sempre gostava de levar a melhor. Tirando esses detalhezinhos de nada, era uma boa pessoa.

- Tudo bem então. - suspirei e fui para a bancada das fritas.

- Você descasca e eu frito. - Arianna me orientou.

Claro. Ela sempre tirava a batata toda na casca.

Nós começamos o nosso trabalho, primeiro em silêncio, ouvindo apenas os fiapos de conversa das outras mulheres e homens que trabalhavam na cozinha.

Eu já estava na Tropical Lanches á cerca de dois anos, mas ainda sim não era realmente amiga de todo mundo. Acho que a correria do serviço não permitia assuntos muito profundos. Eu até conversava com todos na cozinha, mas eram poucos os que eu podia chamar de amigos. A maioria estava mais preocupada em ultrapassar o outro do que em ajudá-lo. Por isso eu achava que fazer meu trabalho e ficar no meu

canto fosse a melhor opção.

- E Damien? - Arianna sibilou ao meu lado.

Minha pele se arrepiou á simples pronuncia do nome dele. As sensações que Damien Mason me causara, ainda estavam bem presentes na minha mente. A lembrança daquele cheiro inebriante e dos olhos azuis sedutores pareciam ter se alojado em algum lugar da minha memória e recusavam-se a sair de lá. Às vezes até me visitavam durante o sono, o que me deixava profundamente irritada. Eu não devia me lembrar dele.

Na certa, ele também já não se lembrava de mim.

Naquela noite, ele havia me deixado com uma promessa de retorno, mas já haviam se passado duas semanas desde a nossa aventura no

Copacabana Palace e nada acontecera. Eu sabia que devia estar dando graças a Deus por isso, mas uma parte de mim, uma pequena parte desajuizada, desejava ardentemente revê-lo. Embora eu soubesse que reencontrá-lo implicaria na descoberta de toda a nossa farsa. E isso poderia terminar mal, já que ele era um homem poderoso e poderia não levar as coisas tão na esportiva.

- O que é que tem? - procurei imprimir um tom de desinteresse á minha voz.

- Você teve notícias dele? - Arianna disse enquanto preparava a panela com óleo.

- Não. Não tive. - minha voz pareceu desanimada. Merda! - Bom para nós, não acha? - tentei parecer contente.

- Sim. Definitivamente muito bom para nós. Mas não parece bom para você. - Arianna me olhou apreensiva e eu percebi que ela ainda não tinha terminado. - Ele não era o cara certo para você Ell. Não falo pelo dinheiro, mas é que homens como ele têm mulheres aos seus pés o tempo todo. Entende? Eles não costumam ser fiéis. E eu teria que matá-

lo se ele a magoasse. Usaria essa faca que você segura e arrancaria dele todas as chances de ter alguma descendência.

Arianna disse calma, como se estivesse fazendo algum vídeo de aconselhamento espiritual no Youtube. Não aguentei e explodi numa gargalhada.

- O que foi? - Ela se fingiu de ofendida.

- Você é quase uma psicopata Ary! daquelas de filme! Eu tenho medo de você.

Arianna finalmente cedeu e começou a gargalhar.

- Eu estou longe de ser uma psicopata, amiga. - Ela piscou e sorriu. - Mas falando em filme, eu estou com o nosso amado Tom Cruise lá em casa.

Que tal assistirmos nossos Ases Indomáveis depois do trabalho, senhorita? Take my breath away... - Arianna cantarolou o tema do filme e eu ri.

Nós duas adorávamos filmes da década de 80, mas Top Gun tinha um lugar especial no nosso coração. Tínhamos até conseguido pôsteres do filme numa loja de coisas antigas. E embora já tivéssemos assistido ao filme milhares de vezes e decorado a maioria das falas, nós nunca nos cansávamos. Estava quase concordando quando me lembrei de que estava com a agenda ocupada.

- Puxa Ary, não vai dar. Hoje eu vou dobrar no Clube. - dei o meu melhor sorriso de desculpas.

Ela fechou o semblante na mesma hora.

Arianna detestava o meu trabalho no clube Garota Devassa. Eu não podia tirar a razão dela. A casa noturna era muito parecida com um clube de strip-tease. Algumas mulheres dançavam em um palco e no final da noite o homem que quisesse e tivesse dinheiro o bastante para

isso, poderia comprar uma delas. Era claro que as coisas não funcionavam tão abertamente assim, mas funcionavam.

O clube exigia que seus sócios usufríssem de uma boa situação financeira, exatamente por causa de seus serviços... Adicionais. Tudo no Garota Devassa era extremamente caro e discreto, inclusive as mulheres. Por isso o lugar contava com uma clientela de elite.

Eu era apenas a garota do bar lá, mas ainda sim não me sentia totalmente confortável em meu cargo. Tinha cogitado a ideia de deixar o clube diversas vezes, porém, o dinheiro que eu conseguia como Bartender nas noites em que trabalhava lá estava servindo de muita ajuda e se eu aguentasse mais um pouco, poderia ficar, enfim, livre das dívidas.

Por isso eu me consolava, mais uma vez, dizendo que era temporário.

- Você não vai mesmo sair do Garota Devassa, vai Ellen? - Arianna pegou as batatas que eu já havia cortado em tiras e lançou na panela.

- Claro que vou, Ary! Você sabe que eu gosto daquele lugar tanto quanto você! - defendi-me. - Mas eu preciso continuar lá por enquanto.

Assim eu tenho mais segurança com o orçamento lá de casa. - A forma como ela falava fazia parecer que eu adorava cada minuto que passava dentro daquela casa noturna.

Ela compreendeu o meu aborrecimento e voltou atrás:

- Eu sei Ell. Desculpe-me. Eu não quis dizer que você é uma devassa

como as outras mulheres que trabalham lá. - Arianna me lançou um olhar culpado.

- Não diga isso, Ary. As meninas de lá são boas garotas. Além disso, não é da nossa conta o que elas fazem da vida delas. - Deixei de cortar as batatas e fitei-a.

Eu até conversava com algumas das meninas e mesmo não aprovando essa ideia de se vender a alguém, eu as respeitava porque aquilo exigia muita coragem. Uma coragem que eu não tinha, pois eu não conseguiria ser como elas. Eu não conseguiria ser uma das Garotas Devassas e me entregar á alguém por dinheiro.

- Tudo bem, tudo bem. Você tem razão. Não é da nossa conta. - Arianna sorriu e se aproximou para segurar minha mão. - É que eu me preocupo com você. Todos aqueles homens lá e se tentarem alguma coisa com você?

- Não seja boba, Ary. Eu sou apenas a garota que serve as bebidas.

Ninguém sequer nota a minha presença lá com aquele monte de dançarinas bonitas. - sorri para ela demonstrando confiança.

Era verdade. Eu e Takashi servíamos as bebidas no elegante bar do clube e eu nunca tinha sofrido nenhum assédio. Com tantas mulheres exuberantes ninguém iria dar atenção á uma simples bartender.

- Pare de falar essas coisas! Você também é uma verdadeira beleza de

parar o trânsito. E não ouse discutir comigo. Eu tenho provas e um bilionário como testemunha. - Ela piscou para depois sorrir. Então voltou a dar atenção á panela. - Agora me dê aqui um pouco dessas batatas, porque os pedidos não param de chegar.

- São suas. - falei esticando o recipiente que já continha uma quantidade razoável de batatas prontas para serem fritas. Eu ainda não entendia porque raios, a gerência não comprava as batatas já picadas. Facilitaria muito mais.

- Obrigada. - Arianna puxou a vasilha da minha mão. - Agora, quanto ao nosso Ases Indomáveis, deixamos para a folga que teremos juntas, beleza. - Ela proclamou.

Assenti com a cabeça e sorri diante dos bons olhos da minha amiga. Se eu fosse realmente uma beleza de parar o trânsito, talvez pudesse ter durado mais que uma noite nos pensamentos de um homem como Damien Mason.

~♥~

Lancei os olhos para o celular de Arianna e sorri descaradamente para ela.

- O que foi? O que você está vendo aí? - Arianna avançou sobre mim para pegar o telefone, mas eu me esquivei enquanto subíamos a viela.

Já eram quase seis horas e nós estávamos voltando da lanchonete.

Arianna iria para a casa e cozinaria algo para o jantar do pai. Eu

tomaria um banho e pegaria outro ônibus para confirmar a minha jornada dupla da sexta feira.

- Sem Chance está te ligando! - Gargalhei.

- O que? Me devolva esse telefone, Ellen! - Ela tentou capturar o aparelho das minhas mãos mais uma vez e eu resolvi entrega-lo. - Como ele conseguiu meu número? Esse é o décimo chip que eu compro!

Ela deslizou o dedo pela tela e recusou a chamada para depois bufar.

- Acho que você devia dar uma chance para ele, Ary. - Provoquei-a.

- O nome do cara é SEM CHANCE! - Arianna frisou exaltada. - O que mais você precisa para entender?

Soltei mais uma gargalhada.

- Você sabe que o nome dele é Bernardo. - Acenei para uma garota que eu conhecia. - Ele só ganhou esse apelido por causa das suas recusas.

Bernardo ou Sem Chance, como agora era conhecido na nossa comunidade, era um bom rapaz. Era alto, tinha cabelos dourados e um sorriso que balançava todos os corações do morro do alemão. Mas embora, estivesse sempre com mulheres ao seu encalço, o pobre só tinha olhos para Arianna.

O problema era que Arianna não era do tipo que gostava de se amarrar.

Ela nunca havia tido um namorado e salientava sempre que não estava a procura de um. Mas isso não a impedia de "curtir" os caras, como ela mesmo dizia. O que aconteceu, foi que há uns dois anos, ela resolveu

"curtir" com Bernardo. Só que o pobre se apaixonou por ela.

Ele fez de tudo. Comprou flores, chocolates. Fez declarações constrangedoras na frente dos nossos amigos, na frente da Tropical Lanches, até no ponto de ônibus ele tentou convencê-la a aceitar o amor que ele oferecia. Mas Arianna foi irreduzível na sua decisão em todos os momentos. E foram todas essas situações que o batizaram com o apelido pelo qual todos os conhecidos o chamavam.

Eu nunca entendi o porquê de Arianna não aceitá-lo, mas desconfiava de que nem tudo era o que parecia. Eu poderia apostar que em algum momento ela tinha depositado alguma esperança no relacionamento com Sem Chance e ele tinha feito algo muito sério para que ela ficasse tão dura com ele.

No entanto, nunca me arrisquei a perguntar nada. Eu sabia que quando ela sentisse a segurança necessária, viria me contar.

- Aí já é um problema dele. - Arianna deu de ombros. - Não é minha culpa se ele acha que não é sim e que "cai fora" é "sou toda sua".

- Eu tenho certeza de que ela estava falando de mim.

Nós duas nos viramos assim que ouvimos a voz de Sem Chance atrás de nós.

- Sem! - sorri para ele.

- É Sem Chance, gata. - Ele sorriu maroto e me deu um abraço rápido.

- Chegou cedo hoje. - Prossegui reprimindo o riso ao lançar os olhos

para o rosto de Arianna. Ela parecia muito irritada.

- Consegui sair do trampo mais cedo. Queria chegar á tempo de ver a minha gata selvagem. E cheguei. -

Ele passou o braço pelo ombro de Arianna e ela o olhou encolerizada.

- Então faça como o Daleste e vá saindo. - Arianna se livrou do abraço dele. - E vê se para de me ligar! Eu não posso gastar todo o meu salário do mês com chips novos. Vamos, Ell.

Antes que eu pudesse me manifestar, ela me agarrou pelo pulso arrastando-me morro acima.

Olhei para trás e acenei um Adeus para o cara mais Sem Chances da periferia. Ele acenou de volta e piscou.

Tive a certeza de que ele iria aparecer na porta da casa dela mais tarde.

- Esse cara é um mala. - Ary reclamou. - Se ele aparecer na minha casa hoje, eu juro que vou jogar água fria na testa dele. Talvez eu jogue o balde também.

Dessa vez eu não consegui evitar a minha risada.

Arianna me olhou irritada e apertou o passo, forçando-me a segui-la mais rapidamente.

- Eu não vou conseguir nesse ritmo, Ary! - reclamei.

Mas ela me ignorou e só parou de caminhar quando chegamos diante da minha pequena casa em uma ruazinha apertada, mas felizmente, tranquila.

- Pronto. - Ela sorriu. - Agora já está entregue.

- E viva, por sorte. - Dramatizei e ela fez uma careta.

- Tem certeza de que não pode dar um bolo no pessoal do Garota Devassa hoje? Eu até comprei sorvete!
- Ela insistiu.

- Lamento, Ary, mas parece que essa noite vai ser especial lá no Clube.

Shar não me informou direitinho quando me ligou ontem, mas deu a entender que até mesmo a decoração terá uma temática especial.

Arianna bufou.

- Certo. Então deixamos para amanhã. Vou guardar o sorvete e avisar o Tom Cruise sobre a sua recusa. - Ela riu e eu a segui. - Eu vou descer para a casa então. Tenha uma boa noite amiga e tenha cuidado naquele lugar.

- Não há com o que se preocupar Ary. - garanti.

- Eu não sei... Estou com um mal pressentimento, como se fosse acontecer alguma coisa ruim. Como se você fosse encontrar algo ruim. -

Ary segurou a minha mão. - Por favor, me ligue assim que chegar em casa.

- Eu chego tarde Ary. De madrugada.

- Não importa. Prometa que vai me ligar? - Ela implorou.

- Tudo bem. - Coloquei minha mão sobre a dela, procurando tranquilizá-

la. - Eu ligo quando chegar.

Ela sorriu demonstrando alívio.

- Desculpe-me. Eu sei que pareço meio mãe Diná as vezes, mas eu me preocupo muito com você. - Ela sorriu acanhada.

- Eu entendo. - Sorri de volta.

- Então fique com Deus, minha amiga.

- Você também.

Arianna me abraçou e então começou a se afastar seguindo pela rua adiante.

Eu não costumava ser supersticiosa, mas as palavras de Arianna ficaram mais tempo que o devido na minha mente e um arrepio me subiu pelo corpo ao mesmo tempo que uma sensação estranha me dominava. A mesma sensação que tive quando o telefone tocou a quatro meses e eu ouvi tia Meiry aos prantos do outro lado da linha.

Balancei a cabeça tentando me livrar dos sentimentos ruins.

Não seja tola, Ellen. Você não vai encontrar nada além do usual no clube.

Convenci-me e sorri enquanto tirava a chave da fechadura e empurrava o portão azul de lata. O que eu poderia encontrar naquela noite além das mesmas músicas e dos mesmos clientes de sempre?

Um nome ecoou na minha mente e eu me vi rindo outra vez da minha imaginação ridícula. Já estava virando um absurdo a minha mania de

fantasiar Damien Mason em qualquer lugar do Rio de Janeiro.

~♥~

Capítulo 4: A Casa das Coelhinhas

~♥~

"Eu coloquei um feitiço em você. Porque você é meu". (I put a spell on you -

Annie Lennox)

Olhei mais uma vez para o pedaço de tecido que eu tinha na mão sem acreditar que eu teria de usá-lo durante toda a noite. Tudo aquilo só poderia ser uma brincadeira de muito mal gosto.

- Você está brincando comigo, Shar! Tem que estar!

- Lamento Ell, mas não estou brincando. O tema da noite é A Casa das Coelhinhas e todas as garotas devem estar vestindo essa fantasia.

Foram ordens dos donos da casa.

Ah não! Eu não ia conseguir trabalhar usando apenas aquele pedaço de pano sobre o meu corpo.

- Eu não posso trabalhar usando isso, Shar. Eu vou estar praticamente nua!

- Não seja exagerada Ellen. É apenas um vestido preto com rabinho felpudo, meias pretas e orelhas de coelha. - Sharon tirou seus olhos verdes do computador, mexeu nos cabelos louros e me fitou. - E o vestido nem é tão curto. Eu escolhi o maior que consegui para você.

Porque sei que não está aqui para outras coisas.

- Mas ainda sim eu não vou conseguir. - suspirei e coloquei o vestido de volta na sacola juntos com os outros itens da fantasias, deixando a mesma sobre a mesa dela. - Acho melhor eu me demitir.

- Não! - Sharon quase gritou e me assustou. - Se você fizer isso eu estou perdida.

Já estamos em cima da hora e não vou conseguir encontrar outra pessoa para ajudar Takashi. Não alguém que já conhece o ritmo da casa como você. - Sharon saltou da cadeira e venho até mim. - Por favor, Ellen, não me deixe sozinha nessa.

- Sharon, eu não posso... - comecei a falar, mas fui interrompida.

- Ell, eu garanto que você não terá que sair do bar. Assim ninguém vai notar sua fantasia. A não ser Tk é claro. Mas você sabe que ele adora você e nunca a desrespeitaria.

Sharon sorriu e eu sorri de volta.

Tk vinha sendo um grande amigo para mim desde que cheguei ao clube.

Ele sempre me tratou com muito respeito e acho que foi isso que possibilitou o desenvolvimento rápido da nossa amizade. Aliás, Tk era amável com todas as garotas do clube. Todas o adoravam. Ele era filho de imigrantes japoneses, mas tinha nascido no Brasil e sonhava ser ator.

Seu jeito descontraído logo fez com que nos aproximássemos e de um momento para outro estávamos dividindo sonhos e problemas. De forma bastante inusitada, Takashi havia se tornado alguém em que eu podia confiar num curto espaço de tempo e eu sabia que ele via o mesmo em mim. Éramos como irmãos.

- E então? O que me diz? - Os olhos verdes de Sharon me fitaram ansiosos tirando-me dos meus pensamentos.

Ela era uma boa chefe. Não se importava muito com os meus atrasos por causa da lanchonete, desde que eu estivesse lá no momento de pico e nunca descontou nada do meu salário por causa dos meus

contratempos com o horário. Sempre que o bar vendia além do esperado, ela pagava a mim e a Tk uma quantia a mais. Eu não podia ser ingrata agora.

- Tudo bem. Eu vou vestir essa roupa ridícula. - assenti e peguei a sacola na mesa.

- Ótimo. - Sharon me abraçou eufórica.

Quando ela dava aqueles pulinhos parecia mais uma adolescente do que uma mulher madura de quarenta e dois anos.

- Mas eu não vou sair daquele bar!

- Não vai precisar. Eu garanto. Nem para ajudar a limpar as mesas quando a noite já estiver quase no fim.

- Ela sorriu agradecida.

- Isso foi um negócio lucrativo. - sorri e pisquei para ela.

- Obrigada Ellen. Eu prometo que vou recompensá-la por isso. Um belo adicional. - Ela sorriu exibindo seus dentes alinhados. - Agora vá se

preparar porque daqui a pouco nós vamos abrir e hoje a noite promete.

Assenti e então saí do escritório de Sharon no segundo andar. Desci para o salão central e fui direto para o toalete feminino me trocar.

Quando entrei no amplo banheiro, as meninas estavam terminando de se aprontar. Havia coelhinhas de todas as cores. Algumas estavam ajustando a roupa. Outras estavam se maquiando diante do espelho gigantesco que dominava toda uma parede do lavabo.

- Você também vai ser uma coelhinha, Ell? - Morgana, uma garota de cabelos castanhos cacheados e olhos azuis, foi a primeira a dirigir a palavra a mim.

Ela estava sentada no divã luxuoso do banheiro na área externa e terminava de retocar seu batom.

- Parece que sim. - voltei a tirar a fantasia da sacola para finalmente vesti-la.

- Eu gostei de ser uma coelhinha rosa. - Isadora, uma loura ativa de olhos verdes falou enquanto se olhava no espelho. - Tenho certeza de que estou parecida com a Anna Faris do filme.

De fato, ela estava tão bonita quanto à atriz do filme que intitulava também a nossa noite. Gostaria de ter a confiança dela.

Suspirei e entrei numa das cabines do banheiro. Livrei-me do meu jeans puído e da minha usual camiseta preta. Então me enfiei no vestido preto, ajustei as meias que iam até a metade das minhas coxas,

terminando em uma liga de renda também preta e calcei os saltos agulha para depois ajustar as orelhas de coelhinha na minha cabeça.

Shar estava certa sobre o bom comprimento do vestido. Ele cobria as ligas na minha coxa e só deixava

uma pequena parte de pele e as meias de fora. Mas ainda sim, eu não queria sair da cabine.

As meninas ainda estavam lá e poderiam me achar muito inadequada naquela roupa. Mas eu precisava organizar o bar e então não tive escolha. Saí da cabine e logo recebi toda a atenção do toalete.

- Uau, Ell! Eu não sabia que você era essa Coca-Cola toda! - Morgana sorriu e se aproximou de mim. - Você tem que soltar esse cabelo e passar alguma coisa no rosto.

- Não será preciso, Morgana. Eu só vou ficar no bar. - tentei dissuadi-la, mas não consegui:

- Nada disso. Se você tem a oportunidade de mostrar sua beleza porque não vai usá-la? - Ela meneou a cabeça negativamente. - Vem, eu vou usar a minha maquiagem em você. - Ela me puxou e me fez sentar no sofá que estava antes.

- E eu vou arrumar o seu cabelo. Ninguém é melhor do que eu nisso. -

Isadora se prontificou e correu para perto de mim retirando o arco que prendia as orelhas de coelha ao topo da minha cabeça.

As outras meninas pareceram animadas também e se candidataram a

ajudar. Elas me cercaram e eu não tive alternativa a não ser servir de cobaia para os feitos delas.

- Sabe Ell, eu admiro a sua coragem, mas não conseguiria levar uma vida como você. Você trabalha muito e ganha pouco. - Morgana me confessou enquanto passava alguma coisa no meu rosto. - Eu prefiro um caminho diferente, sabe? Além disso, eu tenho a chance de conhecer vários caras aqui. Talvez consiga ser a esposa de algum homem cheio de grana. - Ela disse sonhadora.

- Eu também. Não gosto de todos os caras com quem saio, mas às vezes tem uns tão gatos. E quem sabe um deles não se apaixona por mim? -

Isadora disse eufórica.

Não pude evitar o sorriso. Elas acreditavam mesmo nessa coisa de ser Júlia Roberts. Mas elas eram boas garotas e não cabia á mim e nem a ninguém julgá-las. Se eu não conseguia fazer o mesmo e preferia trabalhar era o meu jeito de ser. E aquele era o delas. Cada um sabe o que é melhor para si mesmo.

- Você está pronta Ellen! - Morgana notificou. - Pode se olhar no espelho agora!

Mas eu olhei foi para o meu relógio de pulso e eu já estava vinte minutos atrasada. Takashi ia comer o meu fígado!

- Obrigada por tudo meninas, mas tenho que ir agora. Estou atrasada pra caramba! - Levantei-me do estofado em que estava sentada e

peguei a sacola que continha minhas roupas descentes. - Bom show para vocês.

Então saí do banheiro antes que elas voltassem a me barrar.

...

Fracionei uma quantidade certa de Cointreau numa taça para Martini. Adicionei um pouco de licor de maçã e vodka. Então coloquei uma fatia de maçã na beirada da taça e pronto. Mais um "Apletinni Perfeito" estava no ponto para ser apreciado.

- Prontinho. - Entreguei a bebida a TK e ele a entregou ao cliente.

- Você está um arraso coelhinha! - TK falou depois de me analisar.

-Takashi, eu estou tentando esquecer que estou com esse trapo e você não ajuda em nada me lembrando disso toda hora. - resmunguei enquanto passava uma flanela no balcão de madeira escura do bar.

Enquanto fazia isso, lancei os olhos pelo salão da casa noturna. Estava bastante movimentada naquela noite. Grande parte do público ocupava os estofados luxuosos e as mesas do clube. As luzes vindas do enorme lustre de cristal deixavam a pista num clima aconchegante e a decoração estava impecavelmente parecida com a casa das coelhinhas da Playboy.

Soltei um breve suspiro ao reparar na elegância e na opulência do salão.

Mesmo depois de dois meses trabalhando lá, eu ainda não havia me acostumado com tanto luxo.

Algumas das meninas estavam no palco bem iluminado do outro lado da casa, dançando ao som de Dark Horse de Kate Perry, que preenchia todo o ambiente. Outras desfilavam pelo salão e conversavam com alguns homens.

- Até os camarotes estão lotados hoje, Ell. - Tk lustrava um copo distraído. -

Acho que o nosso adicional hoje será do tamanho do professor aloprado.

Soltei uma gargalhada e me virei para ele.

- Seria ótimo! Mas você está falando da versão dele antes da poção, né?

Porque senão essa grana não vai dar nem para o Táxi. - gracejei e coloquei as mãos na cintura.

- Você está se achando muito engraçada, coelhinha da playboy. - Ele me atirou o pano que estava usando para limpar a taça.

Eu me esquivei e apertei meus olhos para depois soltar outra gargalhada.

- Muito engraçado é você, senhor TK.

De repente um homem que aparentava aproximadamente uns quarenta anos, calvo e com um abdômen avantajado se aproximou do balcão do bar.

- Eu gostaria de um uísque duplo. - Ele sorriu e seus olhos desceram pelo meu corpo, deixando-me incomodada.

- Sim, senhor. - respondi e me virei indo em busca da bebida.

Procurei ignorar o olhar dele enquanto preparava a bebida. Observei Takashi atendendo outro senhor no balcão e percebi que os olhos desse outro também estavam em mim.

Maldita fantasia idiota!

E eu pensando que uma vez atrás do balcão ninguém me notaria. Doce ilusão.

- Aqui está senhor. - estendi a bebida para o homem.

Ele a acolheu, mas depois me puxou pelo pulso.

- Você está uma delícia hoje, Ellen. Sempre tive a intuição de que escondesse alguma coisa. - Ele levou minha mão aos lábios. - Que tal me acompanhar num drink lá no camarote?

Puxei a minha mão e balancei a cabeça em sinal negativo.

- O senhor está confundindo as coisas, senhor...

- Gouveia. Jonathan Gouveia, minha delícia. - Jonathan voltou a agarrar minha mão.

- Senhor Jonathan, o meu trabalho aqui se resume ao bar. - voltei a retirar a minha mão da dele e me afastei do balcão.

Jonathan pareceu irritado com a minha atitude, mas não disse nada.

Apenas se levantou e o outro homem que Tk servia, fez o mesmo. Então ambos deixaram o bar.

- Se ele continuasse aqui mais um minuto eu iria acertá-lo com um golpe de

caratê. - Takashi se aproximou de mim e me abraçou pelos ombros. -

Está tudo bem? Foi uma péssima ideia essa Casa das Coelhoinhas.

- Não se preocupe Tk-Chan. Eu estou bem. - Devolvi o abraço e me afastei para fitá-lo. - Mas eu ficaria melhor se você também estivesse com roupa de coelha.

Tk gargalhou.

- Eu seria um coelho muito sedutor. - Ele ergueu as sobrancelhas tentando fazer um semblante misterioso. - E todas vocês coelhas estariam loucas por mim. Eu teria um harém de coelhas.

Foi a minha vez de gargalhar.

- Certo. Chega de roubar goles da bebida dos clientes. - Voltei para perto do balcão onde estavam as bebidas ainda rindo. - Vamos trabalhar, porque ainda não estamos no seu harém e você não é o dono da Playboy.

A noite se seguiu cada vez mais tumultuada. Perdi as contas de quantas bebidas nos preparamos e também de quantas vezes recebi cantadas como a do senhor Gouveia. Por sorte, Takashi era grande e forte, por isso colocava respeito e fazia com que os homens logo desistissem.

Soltei um suspiro cansado quando terminei outro Apletinni e ouvi TK me chamar.

- Ell?

- Sim. - falei enquanto ajeitava a tira de maçã na taça.

- Acho que Morgana quer falar com você.

- Morgana? - Virei-me para o balcão. - sua bebida senhor. - Coloquei a taça sobre o balcão na frente do cliente que me aguardava.

Para o meu alívio, o homem louro agradeceu e saiu. Nada de assédio.

- Ela acenou te chamando. - Tk falou fazendo-me olhar para ele. - Mas agora ela está vindo aí.

Quando ele fechou a boca, eu me virei para me deparar com Morgana que se debruçou sorridente sobre o balcão do bar.

- Você é a coelha mais sortuda da noite, Ellen de Souza. - Morgana sorriu animada e capturou uma das minhas mãos.

- Sou? - Sorri contagiada pela animação dela.

- Sim. - Ela me puxou fazendo-me curvar sobre o balcão e ficar mais próxima dela. - Tem um cara maravilhoso que quer conhecer você. - Ela parou de sorrir e me olhou séria. - Olha Ell, eu sei que você não está aqui para isso, mas esse cara... Ele é o sonho de consumo de qualquer mulher. Pode resolver seus problemas...

undefined

- Não. - Interrompi-a e me afastei do balcão.

- Mas Ell ele é lindo. Rejeitou até mesmo a metida da Lóren...

- Morgana, eu adoro você, mas eu não quero discutir. Eu agradeço pela... Oferta. - Pensei ironicamente que, na verdade, a oferta era eu. -

Mas você sabe que eu não consigo.

Para a minha surpresa, Morgana abriu um pequeno sorriso:

- Tudo bem. - Ela se afastou do balcão e ajeitou os cabelos. - Ninguém pode me culpar por não tentar, não é mesmo Tk?

Tk que estava próximo de nós, provavelmente ouvindo a conversa, levou um susto ao ser pego em

flagrante. Ele se afastou e pigarreou.

- Eu não sei de nada. - Ele deu de ombros e foi polir os copos.

- Mentiroso! - Morgana o acusou e eu o ouvi gargalhar. - Bem, então eu vou voltar para lá e avisar ao senhor gostosão que ele recebeu um fora.

Foi a minha vez de gargalhar.

Morgana também riu e se virou para sair, mas antes de dar o segundo passo voltou para perto do balcão e me puxou pelo punho.

- Acho que não vai precisar. Ele está vindo aí Ell! - Ela gritou sobre a música para que eu pudesse ouvi-la.

- O que? Onde ele... - gritei ansiosa, mas não precisei de nenhuma resposta.

As palavras morreram na minha boca quando meus olhos se encontraram com um par familiar de olhos azuis e eu vi Damien Mason avançando pelo salão na minha direção, com um semblante impossível de descrever.

Oh, Deus! Ele me encontrou!

Uma parte de mim estava em festa por isso. Mas a minha mente me alertou que aquilo não era bom. Na verdade, aquilo não era NADA bom.

Porque isso significava o fim da nossa farsa no Copacabana Palace.

Os olhos de Damien continuavam em mim enquanto ele se desviava da multidão ficando cada vez mais próximo do bar. Então eu percebi que era hora de bater em retirada.

Puxei a mão que Morgana prendia e corri para o lado oposto do bar, sem me preocupar em dar explicações.

- Tk! - gritei ansiosa.

- Você quase me deixa surdo, mulher! - Ele sorriu, mas ao fitar meu semblante ficou preocupado. - O que foi Ellen?

- Eu preciso ir ao toalete, você pode segurar as pontas aqui um pouquinho?

- Claro Ell. Vai lá. - Ele assentiu.

Então eu retirei meu avental de Bartender e saí apressada do bar pela extremidade oposta. Comecei a caminhar rapidamente pelo salão.

Atravessei a pequena parte escura da casa que dava para a porta dos fundos e num instante me vi no banheiro. Para a minha sorte estava vazio.

Calma Ellen. Você precisa pensar. Ele, com certeza, não veio aqui atrás de você.

Foi apenas uma infeliz coincidência. Não, não foi coincidência, ele pediu para falar com você...

Minhas mãos tremiam em nervosismo e eu comecei a caminhar pelo banheiro.

Era bem feito para mim. Eu não alimentei o desejo secreto de voltar a vê-lo? Parece que alguém lá em cima tinha ouvido o meu pedido.

Mas eu não estava preparada para vê-lo. Não mesmo.

Parei de caminhar e apoiei-me com as duas mãos na pia do banheiro para finalmente encarar meu reflexo no espelho. Então entendi o porquê das cantadas durante toda a noite. Meus cabelos estavam caindo sobre o meu busto em ondas castanhas. Meus olhos estavam delineados de preto e os cílios encorpados por máscara.

Toquei meus lábios pintados em tom amora e então praguejei. Eu não estava parecendo uma simples atendente de bar. Parecia mesmo uma das coelhinhas sexys da Playboy.

Suspirei. Se eu tivesse usado o visual de sempre não teria passado por tantas situações constrangedoras naquela noite.

Duas garotas entraram no banheiro, uma delas era Isadora, a outra Lóren:

- Eu tenho certeza de que ele já está louco por mim. - Lóren soltou uma risada. -

Não posso acreditar que sou a garota de Damien Mason!

Isadora abriu a boca para responder Lóren, mas quando me avistou

mudou de ideia:

- Ah, Ell! Sharon pediu para chamá-la. Parece que as coisas estão complicadas lá no bar. - Ela parou ao meu lado e se fitou no espelho.

Droga! Eu teria de sair do banheiro agora, mas talvez pudesse ganhar um pouco de tempo na parte dos fundos da casa noturna. Ao menos até ter certeza de que Damien tinha ido embora. Takashi teria de me perdoar, mas eu ainda não podia voltar.

- Ah, obrigada, Isa. É melhor eu ir então. - falei enquanto passava por ela em direção á saída.

De repente, Isadora me deteve pelo braço.

- Está tudo bem Ell? Você parece pálida. - seus olhos verdes me analisaram cheios de preocupação.

- Está sim, Isadora. - soltei-me dela delicadamente. - Tenho que ir, se não Tk vai surtar.

- Deixe essa garota ir, Isa. Assim eu posso te contar sobre Damien! -

Lóren reclamou.

- Você não pode parar de falar sobre si mesma nem um minuto, Lóren? -

Isadora se virou para Lóren.

- Mas não quero falar de mim! Quero falar sobre minha grande noite com Damien!

Isadora rolou os olhos e depois se virou para mim:

- Desculpe por isso Ellen.

- Não se preocupe Isadora. - Sorri compreensiva e ela sorriu de volta para depois soltar o meu braço.

Então saí do banheiro apressada e me dirigi para a saída dos fundos, mas antes de alcançá-la fui agarrada pelo braço.

- Vem aqui, minha gostosa. - O homem prendeu meu corpo ao dele e sussurrou ao meu ouvido. - Me deixa sentir esse seu corpo maravilhoso.

Na segunda frase, eu reconheci a voz.

- Senhor Gouveia?! - tentei me livrar dele. - Solte-me!

Comecei a gritar, mas ele me sufocou com uma das mãos para depois me colocar contra a parede de tijolinhos.

- Quietinha sua vadia. Você acha que pode provocar um homem desse jeito e depois não arcar com as consequências? Ninguém nunca me disse não e você não será a primeira a fazer sua cadela.

Ele me puxou pelos cabelos fazendo o meu couro cabeludo arder e meus olhos começarem a lacrimejar. Sua boca nojenta se colou na minha e eu sentia o gosto do álcool na minha língua. Comecei a socar suas costas na tentativa de me livrar dele, mas ele não se importou com os meus ataques.

O volume da música parecia aumentar e eu começava a perceber que ninguém iria escutar os sons desesperados que escapavam pela minha garganta, principalmente naquela parte esquecida do clube.

De repente, Jonathan foi tirado de cima de mim e nocauteado no rosto, caindo no chão logo em seguida.

Eu me encolhi assustada e então vi Damien diante de mim. Seu rosto estava tenso e ele praguejou algo em sua língua nativa para depois chutar Jonathan que urrou de dor.

Escutei alguns soluços e percebi que eles estavam saindo da minha garganta.

- Você está bem? - Damien se aproximou de mim e tocou meu rosto com uma das mãos analisando-o atentamente com os olhos.

Minha língua parecia mais pesada que o normal e a única coisa que consegui foi um breve aceno afirmativo com a cabeça.

- Merda Ellen! Porque você fugiu? - Ele rosnou irritado me fazendo encolher ainda mais.

Damien então se afastou e retirou seu blazer azul marinho de botões prateados, ficando somente com a camisa branca que estava por baixo.

- Tome. Vista isso. - Ele me estendeu a peça. Parecia que ele ficava mais irritado a cada segundo.

Eu vesti o blazer buscando me proteger. Minha cabeça começava a doer e eu não sabia mais o que devia fazer. Damien decidiu por mim:

- Venha. Vou tirar você desse lugar.

Só então me lembrei de que as coisas não eram tão simples. Eu estava em horário de serviço.

- Eu não posso. Estou trabalhando. - funguei.

Damien suspirou:

- Não está mais.

- Mas...

- Ellen, nós não vamos discutir. Não agora. - Seus olhos azuis me fitaram decidido.

Então sem dizer mais nada, ele passou o braço pelas minhas costas e saiu me conduzindo pelo lugar em direção ao salão principal.

- Eu preciso... Preciso pegar as minhas coisas no bar. - falei parando no meio do caminho e tentando me soltar dele.

- Eu mando alguém buscá-las depois. - Damien me assegurou.

- Não. Eu preciso da minha bolsa. - insisti. Eu podia ainda estar em choque, mas sabia que precisaria das minhas coisas depois.

Damien soltou outro suspiro profundo:

- Tudo bem.

Ele mudou a nossa rota e num instante eu me vi no balcão do bar.

- Ell, pelo amor de Deus! Você estava chorando? O que aconteceu com você? - Tk tentou se aproximar para me tocar, mas Damien entrou na minha frente.

- As coisas dela, por favor.

- Quem é você? - Tk pareceu subitamente irritado.

- Ela está comigo e é tudo o que você precisa saber. - Damien também

pareceu zangado.

Takashi ficou confuso e eu resolvi intervir:

- Eu vou embora, Tk. Vou para a minha casa. Diga a Shar que eu explico tudo depois. Está tudo bem. - expliquei ao lado de Damien.

- Tem certeza Ellen? - Takashi olhou de mim para Damien, desconfiado.

- Sim. - respondi e sorri fraco.

- Certo. - Tk pegou a minha bolsa azul escuro atrás do balcão e me entregou. - Me ligue quando chegar em casa. - Ele pediu e eu assenti com a cabeça. - Assim que chegar Ell. - Tk repetiu para mim, mas seus olhos estavam em Damien.

- Eu ligo. - prometi.

Então antes que eu pudesse me despedir de Takashi, Damien começou a me puxar em direção à saída.

Não demoramos muito a sair da casa noturna. Um dos manobristas do clube veio até Damien e entregou a ele uma chave.

- Aqui está senhor Mason.

Damien não respondeu. Apenas pegou a chave e desativou o alarme de um Jaguar preto que estava bem na nossa frente. Ele foi até o automóvel e abriu a porta do carona.

- Entre. - Ele sibilou.

Pensei seriamente em fugir, mas minhas pernas ainda estavam trêmulas

depois do terrível acontecimento dentro do Garota Devassa e eu duvidava que conseguisse ir muito longe. Então não tive muita escolha.

Entrei no carro e senti meu corpo relaxar um pouco ao afundar no confortável banco de couro.

Damien fechou a minha porta e assumiu o lado do motorista. Então colocou a chave na ignição e o painel do carro ligou. Ele apertou o botão e uma luz azulada iluminou tudo lá dentro, fazendo-me ficar assustada com a elegância do veículo.

Não que eu nunca houvesse andado de carro na vida. Mas nunca em um como aquele. Eu me sentia extasiada e ao mesmo tempo intimidada por toda aquela opulência.

O carro começou a deslizar pelas ruas do rio de janeiro e eu tentei ignorar o nervosismo que crescia no fundo do meu estômago.

Olhei de soslaio para Damien. Ele tinha os olhos fixos na direção e seu maxilar estava trincado demonstrando que ele estava muito irritado. E

mesmo diante da possibilidade de uma resposta grosseira, me arrisquei a perguntar:

- Para onde você está me levando?

Ele desviou seus olhos azuis gélidos para mim e depois voltou a fitar o asfalto.

- Para um lugar onde você não estará exposta e nós poderemos conversar.

- E onde seria este lugar? - não pude evitar a minha curiosidade.

- Minha casa. - Ele disse sem me olhar.

- O que? Eu não quero ir para a sua casa! - E o lugar seguro era a casa dele?

Desde quando?

- Não é uma democracia. Você e eu precisamos conversar. - Damien me olhou rapidamente, de uma forma que fez todos os meus instintos ficarem em alerta. - Não acha que me deve alguma explicação, Ellen de Souza Castro?

Engoli em seco.

- Como você sabe o meu sobrenome?

Ele voltou a fitar a estrada.

- Eu sei de muita coisa sobre você, Darling. Mas nós vamos conversar sobre isso apenas quando estivermos na minha casa.

Damien voltou a se calar e eu percebi que não ia conseguir arrancar mais nada dele.

Voltei meus olhos para a janela observando as construções que passavam rapidamente por ela. Ele estava certo. Eu devia uma explicação por ter invadido a festa dele, mas eu também não tinha cometido nenhum pecado mortal para que ele ficasse tão irritado como estava. E eu sempre ficava com medo de homens irritados.

Fitei minhas mãos sobre o meu colo.

Era só o meu pai começar a ficar irritado para ele agredir a minha mãe.

Um arrepio cruzou meu corpo e eu me abracei, sem saber se estava

com frio ou se aquilo tinha sido um reflexo pelas lembranças doloridas.

- Ligue o ar para se aquecer. - Damien falou de repente, fazendo-me olhá-lo. - A noite está fria. - Seus olhos não deixaram o asfalto.

- Obrigada, mas não é necessário. - Eu nem sabia como mexer naquele painel.

Para a minha surpresa ele tirou uma das mãos do volante e tocou as minhas sobre o meu colo.

- Claro que é. Você está fria como gelo.

Então ele me soltou e apertou um dos botões á minha frente.

O resto do trajeto foi feito em um silêncio terrivelmente constrangedor e eu temi que a situação piorasse quando nós chegássemos á casa dele.

E não demorou muito para que alcançássemos nosso destino.

Era uma construção enorme cercada por um muro alto. Nós fomos recebidos por alguns seguranças assim que chegamos ao portão de ferro.

- Boa noite, senhor Mason. - Um deles murmurou e depois abriu o portão.

Mesmo sendo noite, eu pude notar o quão imponente era a casa. Mas Damien fez o trajeto de forma tão rápida que antes que eu pudesse reparar nos detalhes da elegante mansão, nós estávamos na garagem.

Ele desligou o carro e abriu a porta saindo dele. Depois deu a volta e

abriu a minha porta. Então me ofereceu ajuda para sair do carro e nós entramos na casa.

Damien me puxou muito rapidamente pelos cômodos e minha boca se abriu levemente á medida que meus olhos pousavam na decoração estonteante de cada um deles. Ele parou quando entramos numa ampla cozinha. Era toda trabalhada em inox e madeira escura. Tudo muito sofisticado e elegante. Mais uma vez me senti intimidada.

- Sente-se. - Ele me soltou e ordenou.

- Você vai ficar me dando ordens o tempo todo?

Damien não respondeu. Apenas me deixou e foi até a geladeira de portas duplas. Tirou um recipiente de vidro de lá e então pegou um copo.

Eu continuei parada, feita um dois de paus, no meio da cozinha em protesto á ordem dele.

Ele então terminou de preparar a bebida que estava fazendo e a trouxe até mim:

- Tome.

- O que é isso? - perguntei analisando o copo.

- Água e açúcar. Você está pálida e trêmula. Precisa se acalmar.

- Eu estou bem. - garanti.

- Não, não está. E se não tomar a água nós vamos para um hospital. -

Damien me encarou sério e eu percebi que ele não estava brincando.

Aceitei o copo e bebi tudo rapidamente.

- Satisfeito? - falei devolvendo o copo vazio á ele.

- Ainda não.

Ele foi até a bancada de madeira e deixou o copo sobre ela. Então voltou e começou a me puxar novamente para fora da cozinha. Assim que nós chegamos numa sala que contava com sofás brancos que contrastavam elegantemente com o chão de piso negro, ele me soltou.

- Dessa vez você deve mesmo se sentar. Nós temos muito o que conversar. - Ele fez um gesto me indicando o sofá.

Ah, sim. Agora vinha a hora de contar sobre a minha aventura no Belmond. E de repente eu não estava mais nervosa pelo acontecido no clube, agora estava nervosa por ter que assumir a minha mentira.

- Isso é mesmo necessário? - inquiri e continuei de pé.

- Se não fosse necessário, eu não teria atravessado o Rio de Janeiro atrás de você, Ellen. - Damien foi até o pequeno bar no canto da sala e se serviu de alguma coisa.

Senti minha boca se abrir levemente. Então era verdade. Ele tinha ido parar no Garota Devassa por minha causa.

- Você... Você foi atrás de mim? - a pergunta saiu baixinha, mas ele a ouviu.

- E por que outra razão eu iria até um lugar como aquele? - Damien

engoliu a bebida, deixou o copo na bancada e voltou a se aproximar de mim.

- Pela mesma razão que os outros homens vão. - respondi desviando meus olhos dos dele.

Damien parou diante de mim:

- Eu não preciso disso, Ellen. Não preciso ir atrás das mulheres. -De repente ele franziu o cenho surpreso. - Com exceção de você. Acabo de perceber.

Voltei meu rosto na direção dele.

Ele me fitou intrigado e eu desviei meus olhos dos dele mais uma vez.

Então senti ele se aproximar ainda mais de mim fazendo meu coração acelerar.

- Qual é o seu plano? - Damien segurou meu queixo e virou o meu rosto na direção dele, fazendo-me olhá-lo.

- O que? - Agora era eu quem estava confusa.

- Fugindo. Me fazendo ir atrás de você, porque você sabia que eu iria. -

seus olhos azuis se fixaram nos meus. - Porque você foi á minha recepção no Palace, Ellen?

- Foi uma ideia idiota. - Recordei-me do quanto eu tinha insistido com as minhas amigas para elas desistirem da ideia insana e tola.

- Uma ideia idiota para seduzir um magnata idiota?

- Não! Eu nem sabia que você era você! - Eu nunca tinha visto o rosto de Damien até aquela festa. - Foi uma ideia idiota para dificultar a vida de uma garota idiota. - falei chateada.

Para minha surpresa, Damien soltou uma risada:

- Eu estou dificultando as coisas para você? - Ele acariciou meus lábios com o polegar.

- Quase sempre.

Isso. Como agora. Minhas pernas estavam trêmulas diante do toque dele.

- Ótimo. Você também não tem facilitado nada para mim. Nas duas vezes em que nos vimos você fugiu.

- Você desperta meus instintos de sobrevivência. - minha voz saiu num murmúrio. Era difícil me concentrar com ele tão perto.

Damien soltou uma risada rouca.

- Você também desperta muitas coisas em mim Ellen. - Ele me puxou contra si e eu soltei um gemido tímido. - O que é isso que você está fazendo comigo...

A ponta do nariz dele roçou meu pescoço e depois seus lábios depositaram um beijo molhado na minha pele.

- Damien... E a nossa conversa? Você não me trouxe aqui para isso? -

apeguei-me ao resto de sanidade que eu ainda tinha enquanto me concentrava em reprimir o desejo de envolver o pescoço dele com os

braços.

Ele me fitou por alguns instantes e eu vi que ele lutava internamente contra algo. Então para a minha surpresa e decepção, ele me soltou. E

sem me dizer mais nada se afastou em direção ao bar mais uma vez.

- É melhor eu ir embora. - falei constrangida pelo silêncio prolongado dele enquanto servia mais um copo de bebida.

Comecei a me livrar do blazer dele e então notei seu olhar desejoso sobre o meu corpo. Foi aí que me lembrei de que estava vestida como uma coelhinha sexy da Playboy.

Senti minhas faces queimarem e voltei a vestir o blazer:

- Acho que vou precisar disso mais um pouco.

Damien suspirou e novamente pareceu irritado, como quando estávamos no carro.

- Não, não vai. - Ele deixou o copo intocado e voltou a se aproximar de mim.

- Você quer que eu saia na rua vestida somente com essa fantasia?

- Não. Porque você não vai sair. Está tarde para você ficar desfilando essas suas pernas deliciosas por aí. Então você vai dormir aqui, onde eu possa ter certeza de que ninguém vai atacá-la novamente. - Damien

anunciou ao parar diante de mim. - Você pode ficar no meu quarto de hóspedes.

- Eu não quero ficar lá.

- Então pode ficar no meu quarto e nós poderemos nos balançar nos

lustres a noite toda, coelhinha. - Ele sorriu malicioso.

- Damien! - O sangue subiu para as minhas faces.

- Você não tem muitas escolhas Ellen. Pode dormir aqui e amanhã teremos a nossa conversa ou pode tentar fugir uma terceira vez e ser agarrada por mim. - Damien me lançou um olhar cobiçoso.

- Mas nós já conversamos! - ignorei a última frase tentadora proferida por ele.

- Não conversamos. Você me distraiu quando gemeu.

A forma como ele falou fez-me sentir um arrepio e eu preendi o lábio inferior para não revelar o que ele tinha acabado de me despertar.

- Aí está você. Distraindo-me de novo. - Ele suspirou e voltou a se aproximar para me tocar, mas eu me afastei e dei um passo para trás.

Eu tinha que ter mais controle sobre o meu corpo.

- Tudo bem. Eu vou ficar. - Como se eu tivesse outra escolha.

- Ótimo. - Damien murmurou mais ainda parecia insatisfeito. - Venha, vou levá-la até o quarto de hóspedes no segundo andar.

Ele começou a me puxar pela mão, mas eu me soltei dele:

- Não. Eu prefiro dormir aqui na sala, se não se importar.

Eu não queria intimidade com nenhuma das camas dele, mesmo a de hóspedes.

Damien lançou um olhar para o sofá e suspirou:

- Não seja teimosa. - Ele insistiu. - O sofá não é confortável para se

passar a noite. Venha comigo.

- Eu não vou. Prefiro ficar aqui. - repliquei.

Ele me olhou irritado, me fazendo temer. Mas então me soltou:

- Como quiser.

Damien virou as costas e começou a sair da sala.

- Onde você vai? - Ele não ia nem me oferecer um cobertor?

- Dormir. - Damien se virou para mim e sorriu. - Quer vir junto?

- Não obrigada. Eu vou ficar por aqui. - recusei sua proposta indecorosa.

- Tudo bem, my Darling. Nós nos vemos amanhã. Se você viesse comigo nós não iríamos dormir mesmo.

- Ele deu de ombros e voltou a caminhar. - Boa noite, my bunny.

Bônus: Mansão Playboy

"Você faz isso parecer mágica, garota. Porque eu não vejo mais ninguém, ninguém além de você." (Earned it - The Weeknd) Ela me deu às costas.

Senti minhas mãos se fecharem em punho e o meu sorriso dar lugar á uma carranca quando vi a desconhecida dona de um corpo escultural se virar e caminhar rapidamente na direção oposta do salão. Ela estava claramente fugindo de mim. Será que ela não sabia quem eu era?

Fiquei estupefato com a rejeição nada sutil dela, mas assim que o torpor passou a surpresa deu lugar á um forte instinto de caçador. A sensação nova e primitiva me dominou por inteiro e eu me vi caminhando na mesma direção que ela seguiu tão rápido quanto podia.

Senti quando um perfume feminino adentrou pelas minhas narinas e mãos delicadas tentaram segurar o meu braço, mas eu não permiti que elas me detivessem. Desvencilhei-me e continuei a andar passando os olhos pela multidão em busca da beldade de costas nuas que ousara me recusar.

A avistei ao longe, adentrando o Golden Room e fiz o mesmo, mas dessa vez tomei cuidado para que ela não me visse antes da hora. Contornei uma pequena multidão e vi quando ela parou próxima a banda para admirar os músicos que tocavam uma das minhas canções favoritas de Rod Stewart.

Percebi quando ela lançou os olhos na direção da entrada do salão, provavelmente verificando se eu a tinha seguido e senti novamente o instinto de caçador aflorar na minha pele. Ela tinha conseguido. Tinha atraído a minha atenção com aquela pequena perseguição.

Aproximei-me dela pelo lado oposto.

- Fugindo de alguém? - sussurrei ao ouvido dela ao mesmo tempo em que cedia á tentação de tocar sua cintura delicada.

Ela se virou imediatamente. Seus olhos castanhos me fitaram assustados e por um momento eu cogitei que ela não tivesse feito toda aquela ceninha de propósito.

Seus lábios pintados de rosa tremeram e se abriram levemente me fazendo sentir vontade de morder aquela carne macia.

- Confesso que estou impressionado. Geralmente as mulheres correm para mim e não o contrário.

Meus olhos desceram pelo corpo dela e os meus hormônios responderam instantaneamente. O vestido se agarrava á suas curvas, deixando-as ao deleite do meu olhar. Agora eu podia compreender os elogios dedicados ás mulheres do Brasil. Ali estava um perfeito exemplar da beleza nacional.

Quando voltei a fitar seu rosto, ela me dirigia um olhar de reprovação e eu percebi que tinha sido pilhado em flagrante:

- Eu não estava correndo de você.

Seu tom de voz mais uma vez indicava reprovação. Não pude evitar um sorriso. As mulheres sempre tentavam se fazer de inocentes para mim.

E aquela ali não era diferente. Mas eu também sabia encenar:

- Sério? Perdoe-me se tive essa impressão, senhorita... Qual o seu nome? - falei depois de capturar sua mão. Então a levei aos lábios e beijei sua pele bronzeada. Uma corrente elétrica percorreu todo o meu corpo.

- Ellen. - Ela me respondeu fazendo meus olhos se prenderem no movimento dos seus lábios.

- Prazer, sou Damien Mason.

Então observei o efeito que o meu nome sempre causava nas mulheres.

Ela ofegou e me fitou de olhos arregalados. Depois prendeu o lábio inferior e o soltou. Cada gesto milimetricamente calculado para me passar aquela imagem de ingenuidade. Talvez ela quisesse me fazer acreditar que não desejava a minha presença.

Preparei-me para receber enfim, a atenção que eu merecia. Agora ela me lançaria um olhar por sobre os longos cílios e venceria o espaço entre nós para enrolar seu corpo no meu.

- Fico feliz em conhecê-lo, senhor Mason. - Ellen retirou sua mão da minha delicadamente. - Mas preciso encontrar minhas amigas agora.

Senti como se tivesse sido atingido por um soco nos meus países baixos.

Ela estava me rejeitando de novo?

Put a que pari u!

O que ela estava pretendendo com tudo aquilo? Eu detestava quando as mulheres começavam a fazer joguinhos como aquele. Porque não ser sincera e dizer que só fugira para me atrair? Qual o sentido de dissimular quando ambos já sabiam o final da história? Pensei em deixá-

la de lado e então a observei prender os lábios carnudos mais uma vez.

Não. Eu não poderia deixá-la de lado. Pelo menos não antes de ter aquela boca na minha e de preferência num lugar privado. Entrei no jogo:

- Então você veio acompanhada das amigas? - Então percebi que ela tinha me entregado uma informação importante.

Acompanhada das amigas significava livre na linguagem feminina. Sorri satisfeito. Ela queria que eu persistisse mais um pouco.

- Sim. - Ela pareceu irritada por um momento, mas depois sorriu.

Embora eu tivesse a impressão de que não se tratava de um sorriso sincero. - Agora se me der licença...

Ellen se virou para sair e eu já estava a ponto de agarrá-la e fazê-la parar com aquele joguinho ridículo, quando as luzes dos dois salões diminuíram e uma música lenta começou a tocar.

Agora ela não teria como escapar de mim.

- Acho que você não vai conseguir encontrar ninguém agora. - senti-me subitamente atraído por sua nuca exposta e me aproximei para inalar seu cheiro delicioso. - Que tal me dar o prazer da sua companhia na pista de dança? - Coloquei-me diante dela, já imaginando como seria sentir aquelas curvas delicadas coladas ao meu corpo.

- Eu não sei dançar. - Ela gaguejou.

Mentirosa. Eu tinha certeza de que ela não só sabia como também queria dançar. Percebi quando as pupilas dela dilataram desejosas. Ellen também estava atraída por mim.

- Eu também não sou nenhum dançarino, mas nós só vamos nos balançar de um lado para o outro, my Darling.

Mantive um olhar firme na direção dela denunciando que não aceitaria uma recusa de sua parte.

Ellen suspirou e me lançou um olhar derrotado.

- Uma música. - Ela ergueu o indicador.

Sorri satisfeito. Eu tinha que admitir. Com uma atuação daquelas, ela deveria pensar em entrar para os estúdios de Hollywood.

- Tenho certeza de que será o suficiente.

Eu sabia que naquela dança, ela acabaria revelando suas intenções e nós terminaríamos a noite no meu quarto.

Coloquei sua mão delicada na minha e senti outra vez a descarga elétrica. Percebi que minhas mãos comichavam para agarrá-la pela nuca e beijá-la de um modo pouco decente ali mesmo. Precisei de todo o meu autocontrole para não ceder àquela tentação enquanto caminhávamos de volta para o Golden Room.

Assim que chegamos á pista, eu finalmente pude puxá-la para os meus braços e sentir seu corpo quente no meu. Ellen levou suas mãos aos meus ombros e eu repousei as minhas na sua cintura delgada.

Comecei a balançar nossos corpos no ritmo da música. Ela começou a me seguir naturalmente confirmando que eu estava certo sobre sua farsa.

- Você mentiu.

- O que? - Ellen me olhou parecendo estar confusa.

- Mentiu sobre não saber dançar. - Minhas mãos correram por sua cintura. - Você parece saber muito bem o que está fazendo.

Para minha surpresa, eu a vi enrubescer e desviar suas esferas castanhas do meu rosto. O gesto me deixou momentaneamente fascinado. Eu pensava que o rubor, fora da cama, fosse um encanto perdido. Mas depois logo voltei a razão. Provavelmente aquilo também fazia parte da estratégia dela.

Ri baixinho enquanto pensava em como eu estava sempre um passo a frente delas e decidi provocá-la:

- Minha aparência é tão terrível assim, senhorita Ellen? - Não resisti ao seu cheiro de jasmim e aproximei meu rosto do seu pescoço. - Ou era apenas saudade impetuosa das amigas?

- O senhor considera a ironia uma espécie de charme?

Não pude conter uma gargalhada quando o seu tom de voz denunciou que ela tinha ficado irritada com a minha provocação. Ela era uma jogadora muito inusitada.

Puxei-a para mais perto e ousei subir minhas mãos para suas costas nuas. Sua pele sedosa totalmente exposta ao meu toque me levou á um delírio momentâneo.

- Você tem sempre uma resposta na ponta da língua, não é? Gosto disso. - Deixei meus lábios rasparem o pescoço dela enquanto seu

perfume envolvia todos os meus sentidos. - Também gosto desse seu cheiro maravilhoso.

Senti seu corpo tremer em meus braços levemente.

- Isso... Isso não está certo. - A voz dela saiu rouca e eu ri.

- Está tudo certo, my Darling. - plantei um beijo lânguido na parte superior da sua orelha. - A começar por essas suas curvas fantásticas que estão me levando á insanidade.

Eu estava a ponto de esquecer que nós estávamos num salão lotado e cometer alguma loucura.

Ellen não me respondeu.

Ao invés disso, virou o rosto para contemplar o salão e os outros casais á nossa volta. Percebi quando ela franziu o cenho ao notar que éramos alvo de grande parte da atenção do salão. Parecia que ela não tinha ficado satisfeita com o fato. Na verdade, parecia nervosa com a situação. Coisa incomum para uma mulher tão exuberante. Ele sempre devia ser o centro das atenções naquele tipo de festa.

- Fique calma. - afaguei a cintura dela ao perceber que suas mãos estavam trêmulas.

- Todos estão olhando. - A voz dela soou titubeante. Ela estava realmente nervosa.

- Claro que estão, my Darling. Você é a mulher mais bonita da noite. -

Não resisti ao impulso de voltar a aproximar meu nariz do pescoço dela.

- Os homens a olham porque a desejam e as mulheres porque estão com inveja.

Voltei a erguer o rosto e foi quando me deparei com um homem á margem da pista, cobiçando o corpo de Ellen com o olhar. Lancei um olhar intimidador na direção dele. Ele pareceu empalidecer e virou as costas saindo do local imediatamente.

Sorri satisfeito.

- Com inveja?

A voz dela me fez esquecer tudo e eu me concentrei nos olhos castanhos que me fitavam de cenho franzido.

- Sim. Porque todas elas gostariam de estar onde você está agora.

Eu havia passado boa parte do tempo conversando com diversas mulheres e a grande maioria parecia bem disposta a me dar mais que uma dança naquela noite. Uma delas estava tendo bastante êxito em me agradar até que eu vi Ellen entrar no salão. Ela dominou minha atenção no mesmo instante.

Fiquei observando seus passos de longe. Apreciando suas curvas e sua beleza natural enquanto aguardava o momento certo de me aproximar.

Ao contrário da grande maioria, ela não estava repleta de adornos e nem com o rosto repleto de maquiagem. Talvez fosse esse o fato que me capturou a atenção inicialmente.

Meu interesse cresceu quando percebi que ela estava analisando o salão em si e que em nenhum momento se aproximou de nenhum grupo. Mas foi quando seus olhos castanhos me encontraram em meio a multidão e ao contrário de me lançar um sorriso como um convite a aproximação, ela simplesmente se virou e fugiu, que minha curiosidade chegou ao ponto máximo.

- Você sabe o que dizem sobre o ego de um homem, senhor Mason? -

Ellen passou a ponta da língua pelos lábios e meus hormônios voltaram a se manifestar. Então ela me lançou um olhar desafiador, deixando-me novamente com a sensação de curiosidade.

- Não sei senhorita Ellen, mas percebo que está muito afoita para me dizer. - devolvi a ela o mesmo olhar.

- O ego inflado é o pior inimigo que alguém pode ter, pois é o princípio da decadência de um homem.

Arregalei os olhos surpreso pela resposta dela. Quando eu pensei que ela finalmente daria início a conversa que nos levaria para o meu quarto mais tarde, ela havia me surpreendido com uma lição sobre o meu próprio ego. Mas contrariando as minhas expectativas, eu não consegui ficar irritado, na verdade a situação inusitada me fez soltar uma risada.

- Sou obrigado a discordar da senhorita. - Cedi a tentação de acariciar sua cintura mais uma vez. - Considero o ego como algo benéfico. Todos gostamos de ser admirados e isso aumenta nossa consideração por nós

mesmos. Além disso, no fundo faz bem adorar que nos invejem ou até mesmo odeiem. Ninguém perde o seu tempo invejando o feio ou odiando o fraco.

Não consegui evitar o meu sorriso quando percebi que a minha resposta a havia surpreendido. Jogo empatado.

- Sem dúvida, foi um bom argumento, senhor Mason. - Ela começou e eu concordei. - Mas ainda sim ousou sugerir que mantenha seu ego na coleira. Nunca se sabe quando ele pode avançar e morder alguém.

Fiquei perplexo com a ousadia dela e pensei realmente na hipótese de que ela não queria a minha aproximação desde o início. Mas então senti seus dedos acariciarem o meu ombro direito de forma quase displicente.

Soltei uma gargalhada entendendo o recado sutil e puxei o seu corpo contra o meu.

- Será que estou tendo mais uma impressão errada, ou estou dançando com a única mulher do salão que não me aprova?

Ellen pareceu subitamente envergonhada e abaixou sua cabeça, desviando seus olhos dos meus.

- Você não precisa se preocupar com isso, my Darling. O único a morder aqui sou eu e só o farei se você me pedir. - sussurrei próximo ao ouvido dela.

Escutei quando ela ofegou baixinho e percebi que estava no caminho certo.

- Isso foi muito atrevimento da sua parte! - De repente, ela tentou se afastar de mim.

Mas ela já havia me provocado demais para que eu a deixasse escapar.

- My Darling, você ainda não tem ideia do quão atrevido eu posso ser. -

Desci minhas mãos para o quadril dela e acariciei suas curvas.

- Damien... - Sua voz rouca ofegou meu primeiro nome e eu senti o desejo pulsar forte nas minhas veias.

Apesar de estar contrariando boa parte das reações que eu esperava dela, não consegui desconsiderar que Ellen havia me despertado algo completamente novo.

- Você está contrariando boa parte das minhas expectativas, Ellen. -

confessei e desci meus lábios pelo seu pescoço esquecendo-me momentaneamente de onde estávamos. - Mas eu não posso negar o quanto estou me sentindo atraído por tudo isso.

Plantei um beijo demorado na curva entre o ombro e o pescoço dela.

Ellen soltou outro suspiro sôfrego e eu soltei um riso baixo quando senti suas unhas pressionarem o meu ombro.

Ela também me desejava com a mesma intensidade e acabava de me revelar incontestavelmente. Eu não sabia quanto tempo aquilo duraria, mas mesmo que fosse somente naquela noite eu precisava tê-la na minha cama.

Tirei minha mão do quadril dela e ergui seu rosto para encontrá-la de faces rubras e olhos repletos de desejo.

- Acho que já encontrei o que eu estava procurando.

Aproximei meu rosto do dela e observei seus lábios tremerem em ansiedade. Mas antes que eu pudesse prendê-los nos meus, Ellen balbuciou:

- Preciso ir. - Ela me afastou de si e tentou sair da pista. Segurei-a antes que concluísse a ação.

- Sinto muito, mas eu não posso permitir. - falei firme. Ela queria a minha atenção e a tinha conseguido, agora deveria me dar o que me era de direito.

Ellen me olhou visivelmente irritada, mas eu não me importei e continuei a detê-la.

- Sinto muito, mas eu não acho que precise da sua permissão, senhor Mason. - Então ela se soltou de mim bruscamente. - Com licença.

Assisti estupefato enquanto ela se afastava sem se preocupar em me deixar sozinho na maldita pista de dança.

Tive de me segurar para não soltar um palavrão na frente de todas aquelas pessoas.

Senti o braço de alguém tocar o meu, mas eu me afastei e comecei a caminhar na direção em que ela seguiu. Se ela achava que daria a

palavra final, estava muito enganada. Eu era o convidado de honra da maldita festa e não aceitaria ser

tratado assim por ninguém.

Atravessei a pequena multidão com os olhos atentos a procura dela. Eu sentia a irritação em cada um dos meus nervos e ela também sentiria assim que eu a encontrasse.

Ao menos foi o que pensei até avistá-la ao longe conversando com duas outras mulheres e Nick.

Franzi o cenho e minha irritação se converteu em parte em curiosidade.

Será que Nicholas estava me pregando alguma peça?

Apertei o passo e a outra parte da irritação se converteu primeiro em desejo quando meus olhos correram pelas costas nuas dela enquanto a outra se transformava num pequeno plano de vingança ao ouvir as palavras da conversa:

- Não é preciso, Ary. Eu posso voltar sozinha. Vocês podem continuar a aproveitar a festa.

- Eu não vou deixar você ir sozinha. - A mulher morena replicou.

- Ary, eu me viro. Não se preocupe. - Ellen insistiu

- Não me venha com esse "não se preocupe". Eu me preocupo sim. Vou embora com você.

Então ela queria ir embora? Eu também já estava considerando um lugar melhor para conversarmos. E talvez ela pudesse sentir outras coisas minhas, ao invés de irritações.

- Eu posso levar vocês para a casa, garotas. - Nicholas se ofereceu, seus olhos estavam na garota morena.

Eu lamento, meu amigo, mas hoje a noite é minha.

- Não será preciso, Nick. Eu posso levar Ellen para a casa, assim ninguém precisa deixar a festa.

Ellen deu um pequeno pulo e se virou na minha direção no mesmo instante.

Lancei meu melhor sorriso para ela. Mas não era um sorriso qualquer e eu tive a certeza de que ela compreendeu a minha mensagem porque seu rosto ficou tenso.

- Vocês já se conhecem, Damien? - O tom de voz surpreso de Nicholas me fez desconsiderar qualquer brincadeira típica do meu amigo. Ele parecia realmente perplexo.

- Tive o prazer a pouco. - Respondi sem desviar meus olhos dos dela. -

Você quer mesmo ir embora, my Darling?

Provoquei-a. Eu sabia que ela não tinha realmente um motivo para ir embora.

Talvez só quisesse acelerar as coisas e conhecer logo a minha cama.

Ellen me olhou indecisa e eu pude perceber que ela trabalhava em busca de uma solução.

Sorri satisfeito. Eu a tinha deixado sem saída e agora ela não teria como escapar.

Foi então que ouvi a voz da garota morena outra vez:

- Ell, antes de você ir embora, pode vir até o toalete comigo? Acho que estou com um probleminha com o fecho da minha lingerie.

Ellen respondeu prontamente:

- Claro Ary!

- Com licença senhores. - Ela murmurou e saiu puxando Ellen pelo braço em direção ao toalete.

Só então reparei na garota loura que parecia confusa na situação. Ela estava ao lado de Nick.

- Olá. - murmurei quando ela parou seu olhar perplexo em mim.

- Eu... Vou atrás das minhas amigas. - Ela gaguejou e então balançou a cabeça para depois seguir na mesma direção das outras.

- Você não perde tempo mesmo, meu amigo. - Nick se aproximou de mim sorrindo. - Ela é...

- Cuidado com o que vai dizer, Nicholas. - Lancei um olhar contido na direção dele.

- Bonita. Era isso que eu ia dizer. - Nick deu de ombros, mas eu vi um sorriso sacana nos lábios dele. - Mas pode ficar tranquilo. Você chegou primeiro, eu respeito. Além disso, já tinha outro alvo em vista.

- Percebi. A garota morena. - falei me sentando no estofado próximo.

- Arianna. - Nicholas se sentou ao meu lado. - E você estragou tudo querendo levar Ellen para a casa.

Soltei uma gargalhada.

- Lamento, meu amigo, mas você mesmo disse que a noite era minha. -

corri os olhos pelo salão.

- Tudo bem. A festa é sua hoje. - Nicholas assentiu. - Se bem que festa mesmo você vai fazer em casa esta noite.

Ele gargalhou e eu o segui.

- Isso vai depender dela. Talvez decida ficar.

- Eu não creio. Todas as mulheres da festa querem ir embora com o poderoso Mason. - Ele caçou. - Você é carne nova, meu caro.

- Elas estão vindo. - murmurei encerrando o assunto quando vi Ellen surgir com as amigas do outro lado do salão.

Não houve nenhum homem que não a olhou com cobiça enquanto ela atravessava o espaço e eu cerrei os punhos, irritado. Se ela não quisesse ir embora, eu encontraria algum jeito de nos tirar dali. Detestava que outros desejassem o que me pertencia.

- Resolveram o problema meninas? - Nick se pronunciou primeiro.

- Tive que dar alguns apertos, mas resolvi. - Arianna respondeu e eu tive que conter o riso. Foi um flerte direto e eu sabia que depois disso, Nick ficaria ainda mais motivado.

- Já se decidiu my Darling? - Desviei meus olhos para Ellen que me olhava incerta. Então me levantei do estofado.

Acreditei que ela fosse desistir, mas outra vez me surpreendi com a resposta:

- Já sim. Vou embora. - Ela me lançou um sorriso e eu sorri de volta para depois me aproximar dela. Finalmente estávamos nos entendendo.

- Será um passeio interessante. - passei meu braço em torno da sua cintura e a senti ficar tensa. - Eu as vejo depois. Até logo Nick.

Acenei para todos e então me virei conduzindo á mim e ela para o lobby do hotel.

O elevador estava ocupado e como eu estava apressado para ficar a sós com ela, optei pelas escadas. Ellen não reclamou e nós seguimos em silêncio até a calçada do Copacabana Palace.

- Senhor Mason, senhorita. - Tom, meu motorista, nos cumprimentou e abriu a porta da limusine.

Deixei que Ellen entrasse primeiro e ocupei o lugar ao lado dela.

- E onde a belíssima dama mora? - Perguntei com o rosto bem próximo do dela.

- Em Ipanema. - Ellen me passou o endereço e eu o repassei a Tom.

Depois subi a divisão do carro, aumentando a nossa privacidade no banco de trás.

- Assim está melhor. - Puxei contra mim .

- Damien... - Ellen ofegou meu nome causando-me uma nova onda de desejo.

- Adoro ouvi-la pronunciar o meu nome dessa maneira. - Coloquei meu rosto no seu pescoço e notei que ela se arrepiou com a minha respiração. Então subi meus lábios e beijei um ponto atrás da sua

orelha.

- Você... Você está entendendo as coisas da maneira errada... Damien. -

Ela replicou com a voz rouca e tentou se afastar, mas eu a mantive nos meus braços.

- É você quem está entendendo errado, Ellen. - Beijei o ombro nu dela. -

Eu não sou do tipo de homem que desiste.

- Pare... Pare de fazer isso. - A voz dela tinha uma entonação que pedia justamente o contrário e eu ri.

- Você não parece querer que eu pare, my Darling. - Voltei a apreciar a pele do seu pescoço e deixei minha mão deslizar pelas costas, louco para livrá-la de vez do vestido. - Você é tão macia. Tão quente... Está me tirando o juízo com essa pele á mostra.

- Eu não posso. - Ellen me afastou pelo peito e eu capturei sua mão. Seu olhar parecia sincero.

- Porque tanta resistência, Ellen? Eu sei que você também me deseja.

Ela me olhava intensamente. Seus olhos tinham um brilho que eu não consegui identificar, mas também continham um desejo latente.

Então a respiração acelerada dela começou a fazer com que seus seios subissem e descessem ganhando toda a minha atenção repentinamente. Notei o ponto sensível rijo por baixo do tecido do vestido. Como ela podia ir contra algo que nós dois queríamos?

- Nós não combinamos. - Ela falou me fazendo fitá-la novamente.

- Discordo de você mais uma vez. Veja como estamos atraídos um pelo outro.

Não consigo imaginar uma combinação melhor. - Afaguei a cintura dela. - Que tal nós mudarmos a rota do Tom para o Leblon?

Geralmente eu não insistia tanto com uma mulher, mas talvez seja pelo fato de que nunca precisei insistir. De qualquer maneira, eu não estava disposto a desistir.

O carro parou denunciando que havíamos chegado ao nosso destino:

- Eu acho melhor eu ir pra minha casa. - Ellen se virou para abrir a porta, mas eu a impedi:

- Porque você está fazendo isso? É alguma espécie de jogo?

- Não se trata de jogo nenhum. - Ela soltou um suspiro. - Eu agradeço pela sua boa vontade de me trazer em casa, senhor Mason, mas eu estou cansada e quero ir para a minha cama. Por isso peço que por favor, me deixe sair do carro.

Dessa vez a voz dela saiu firme e decidida sem nenhum indício de que se tratava de uma típica cena feminina.

- Tudo bem, my Darling. - sussurrei próximo ao ouvido dela, enquanto tentava encontrar algum significado para a reação dela. - Pode ir, se quiser.

Mas eu não me movi do lugar, esperando que ela voltasse atrás.

- Eu preciso que me solte, senhor Mason.

Soltei um riso baixo. Eu nunca acertava as reações dela e de certa forma aquilo estava começando a me deixar mais espontâneo nas minhas. E

foi exatamente isso que me fez capturar o lobo da orelha dela e

mordiscá-lo para depois prendê-lo nos meus lábios.

Ellen não conseguiu se segurar e soltou um gemido tímido que me fez apertá-la mais ainda contra mim.

- O que você está... O que está fazendo? - Ela tentou se afastar, mas logo seus dedos estavam enrolados no meu smoking.

Suspirei pesadamente antes de fitá-la:

- Saiba que você não vai conseguir fugir de mim. - Segurei o queixo dela para que ela me olhasse. - No final, todos fazem o que eu desejo e eu consigo o que eu quero.

Eu sabia que com ela não seria diferente. Jogos á parte, no final ela terminaria embaixo de mim.

- Querer nem sempre é poder, senhor Mason. - Ela puxou o queixo da minha mão e o ergueu em sinal de protesto.

- Não para mim, my Darling. Eu posso ter o que eu quiser na hora em que eu quiser. É assim que as coisas funcionam no meu mundo. Eu dou as ordens e o restante acata.

- O senhor é muito arrogante!

- É uma das minhas qualidades.

- Então não quero conhecer as outras.

Gargalhei mais uma vez.

- Ah, você vai conhecer, my Darling. E tenho certeza de que vai adorar todas elas. - Espalmei uma das mãos em suas costas nuas e a puxei

contra mim enquanto sorria cheio de malícia. - Mas prefiro que seja num lugar mais apropriado, onde possa chamar meu nome sem nenhum pudor e eu possa descobrir o restante dessa pele maravilhosa.

A respiração dela voltou a ficar acelerada e eu dessa vez eu não resisti.

Desci minha boca e beijei sua clavícula.

- Não Damien, não... - Ela balbuciou, mas empertigou o corpo na minha direção em sinal de rendição.

- Quase assim, my Darling. Quase assim...

Tomei a liberdade de contornar as curvas laterais de seu corpo e deixei minha mão repousar nos quadris dela. Eles se mexeram na minha direção e Ellen voltou a suspirar sôfrega.

- Seu corpo trai as suas palavras. - Encostei a minha testa na dela apreciando sua respiração contra o meu rosto. - Eu posso fazer você ver estrelas aqui nesse estofado mesmo, mas tenho uma cama bem mais confortável onde nós poderemos ter toda a privacidade possível. -

Percorri com o polegar toda a extensão macia do lábio inferior dela e então a olhei enquanto retirava a mão que estava em seu quadril para apoiar sua nuca. - O fim desta noite já estava escrito desde o momento em que nós tivemos aquela dança, my Darling. Você não pode negar isso.

Ela não me disse nada e eu me senti livre para explorá-la. Beijei seu queixo e apreciei o gosto da sua pele na minha língua. Então a puxei na minha

direção para atacar seus lábios, mas ela me empurrou bruscamente.

- Você está enganado. Sempre é possível escrever um novo final. - Ellen tirou minhas mãos da sua cintura e meneou a cabeça em sinal negativo.

- Isso tudo foi um erro. - Então ela saiu do carro antes que eu pudesse detê-la mais uma vez.

Ellen parou assim que se viu de pé. Soltou um suspiro e prosseguiu a caminhada elegante pela calçada, dando-me uma bela visão de suas costas e de todo o seu corpo curvilíneo.

Suspirei cansado.

Meus hormônios estavam borbulhando, mas parecia que eu não conseguiria nada naquela noite.

E enquanto eu decidia se devia ir embora ou tentar beijá-la até que ela deixasse de protestar e me levasse para dentro de casa, percebi um chaveiro no lugar que ela estava antes.

Optei pela segunda opção e saí do carro levando as chaves comigo.

- Acho que você estava esquecendo algo. - segurei -a pelo pulso.

Ela se virou imediatamente e pareceu surpresa ao ver as chaves na minha mão.

Estendi o chaveiro na direção dela, mas quando Ellen se esticou para pegá-lo, eu a puxei de volta para mim.

- Eu não vi erro algum aqui, my Darling. - Pensei em beijá-la naquele momento. Com aquela atração inflamável entre nós, com alguns toques

ela esqueceria qualquer regra que a estivesse impedindo de se entregar a mim, mas alguma coisa no olhar dela me fez mudar de ideia. - Vi apenas uma atração intensa entre duas pessoas adultas, mas não vou mais pressioná-la. Vou deixar que me vença por hoje. Por hoje. Mas não pense que estou entregando os pontos. Eu nunca desisto de algo que eu desejo.

Ellen manteve seus olhos em mim e arfou quando eu me curvei e plantei outro beijo no ponto sensível atrás da sua orelha.

- Tenha uma boa noite, Ellen. - Sorri de lado. - Você terá notícias minhas muito em breve.

Frisei minhas últimas palavras com um olhar sério e desfiz o sorriso. Eu a estava deixando vencer a batalha. Não a guerra.

Então eu me afastei dela e voltei para o carro.

Observei quando ela entrou em casa e apertei o botão abaixando a divisória do carro.

- Anote o endereço Tom. Vou precisar dele depois. - Percebi a luz da sala ser acesa e sorri.

Podia não ser naquela noite, mas Ellen ainda seria minha.

Procurei manter o foco no documento que eu estava analisando. Havia uma pilha deles na minha mesa diante de mim aguardando a minha aprovação. Mas eu estava nervoso demais para conseguir verificar tudo

com a atenção necessária.

Quanto tempo ele ainda demoraria? Duas semanas não seriam o suficiente para conseguir as informações que eu desejava?

Soltei a caneta na mesa e deixei minhas costas penderem na minha poltrona.

Então alguém bateu na minha porta.

- Entre.

- Senhor Mason. - Margareth, minha secretária loura me dirigiu um sorriso largo e caminhou até minha mesa. - O senhor Fontana acabou de chegar.

- Peça que ele entre. - voltei a fitar meus papéis num sinal claro para ela se retirar.

Eu sabia que ela era uma presa fácil, se eu quisesse. Mas ela não se encaixava nos meus padrões.

Ouvi o barulho da minha porta sendo aberta e observei o homem magro se esgueirar para dentro do meu escritório com uma pasta nas mãos.

- Boa tarde senhor Mason. - Levantei-me e apertei a mão que ele me oferecia.

- Boa tarde doutor Fontana. Sente-se por favor.

Indiquei a poltrona á minha frente e ele seguiu meu conselho.

- Eu encontrei o que o senhor me pediu.

Ele enfiou a mão na pasta e retirou um envelope de lá, então o

estendeu na minha direção. Recebi-o e tirei os papéis de lá imediatamente. Mas quando eu comecei a ler, as palavras ali não faziam sentido.

Reli o mesmo parágrafo duas vezes e encarei o homem á minha frente:

- Você tem certeza disso?

- Absoluta. - Ele pegou o envelope que eu havia deixado sobre a mesa e retirou mais coisas. - Aqui estão as fotos.

Puxei o papel mais grosso das mãos dele e senti meus olhos se arregalarem.

- É ela. De acordo com as informações e com o seu semblante agora, eu encontrei a pessoa certa. - Fontana se encostou a cadeira, despojado.

Observei a imagem em minhas mãos. Nela estava Ellen, vestida com uma calça jeans azul puída e um uniforme com o nome de algum estabelecimento. Na foto ela estava no ponto de um ônibus, com a bolsa nos ombros e parecia cansada. Mas não havia como confundir aqueles olhos ou aquelas curvas.

Soltei as fotos sobre a mesa e voltei a me encostar na poltrona.

- Não era o que o senhor esperava? - Fontana inquiriu.

- Sim e não. - respondi e suspirei.

- Bom, as informações sobre Ellen de Souza estão nesses papéis que eu entreguei ao senhor. - Fontana se levantou. - Hoje a noite ela estará no clube Garota Devassa, parece que ela trabalha nessa casa noturna. O

endereço também está aí. Agora eu preciso ir.

Levantei-me imediatamente.

- Obrigado pelos seus serviços, doutor Fontana. - voltei a apertar a mão dele. -

Minha secretária vai cuidar dos pormenores.

- Fui informado. - Ele sorriu. - Espero que consiga resolver suas pendências. Contate-me se precisar. Boa tarde.

Fontana se despediu e saiu da sala.

Deixei meu corpo cair sobre a cadeira.

Uma garota da periferia. Era o que dizia o papel. Procurei por ele na mesa e voltei a lê-lo.

"Ellen de Souza Castro, 22 anos, residente no Rio de Janeiro desde 2001, moradora da comunidade / periferia do Complexo do Alemão."

Coloquei o papel sobre a mesa mais uma vez e senti a indignação tomar conta de mim. Não era possível! A mulher que eu tinha encontrado na festa era uma mulher sofisticada, de beleza exuberante e que pertencia ao meu meio social.

Puxei a foto dela novamente.

Mas eu não podia negar. A beleza ainda estava nela. Mesmo escondida naquele uniforme feio e com os cabelos presos em um rabo que não a valorizava, mas que não era suficiente para macular seu belo rosto. Era ela.

Levantei-me com a foto nas mãos e comecei a caminhar pelo meu escritório, parando diante da enorme janela que me permitia apreciar

um pouco o céu do último andar do prédio.

Ela provavelmente arquitetou todo aquele plano para me atrair e me dar algum golpe. Se até as mulheres da minha classe social tinham a mesma ideia, imagine alguém na condição dela. Uma garota da periferia.

Agora eu tinha duas opções. Ir atrás dela mesmo sabendo de tudo isso ou esquecê-la de vez.

Respirei fundo.

Mas como eu poderia esquece-la se tinha passado as últimas duas semanas vendo seu rosto e o seu corpo nos meus sonhos em toda a sorte de fantasias?

Eu estava num impasse.

Nunca tinha quebrado as regras que criei, mas agora não sabia como proceder naquela situação. Ouvi outra batida na minha porta.

- Entre.

- A sua última reunião começa agora, senhor Mason. - Margareth me informou.

Não. Eu não podia simplesmente deixá-la para escanteio. Não antes de ela saber que seu plano de seduzir e arrancar dinheiro de um idiota rico havia falhado miseravelmente.

- Desmarque minha última reunião e qualquer compromisso que eu possa ter ainda hoje, Margareth. - Peguei o terno que estava sobre o

encosto da minha cadeira. - Estou indo embora agora para resolver questões pessoais.

Margareth assentiu e saiu da sala.

Não me preocupei em colocar o terno. Não havia como usar aquele paletó por muito tempo no calor sul-americano, mas procurei entre os papéis o endereço do clube que Fontana me indicara.

Eu mostraria a ela que eu sempre estou um passo á frente.

Quando parei o meu carro diante da entrada do clube, fiquei surpreso.

Não era um lugar qualquer. Era amplo e sofisticado, bem parecido com as casas noturnas de Nova York.

Um manobrista parou ao diante da minha janela.

- Bem vindo ao clube, senhor. - Ele sorriu cortês.

Empurrei a porta do meu jaguar e desci rapidamente, colocando a chave do automóvel nas mãos do rapaz.

- Estará bem cuidado, senhor. - Ele avisou, mas eu continuei a caminhar em direção da entrada.

Havia dois seguranças e um deles empurrou a porta me dando passagem.

Fiquei ainda mais surpreso quando me vi dentro do lugar. Lustres de cristal, um salão ornamentado com estofados luxuosos e várias

mulheres andando pelo salão fantasiadas de coelhinhas.

Parecia que eu tinha entrado na Mansão Playboy.

- Bem vindo a casa das coelhinhas, senhor. - Uma garota de cabelos negros se enrolou no meu pescoço e sorriu sedutora. - Qual o seu nome?

- Damien. - falei enquanto afastava as mãos dela de mim. Não era ela quem eu estava procurando.

Os olhos negros dela brilharam em reconhecimento.

- Damien Mason?

- Sim. - suspirei quando vi o sorriso dela se alargar.

- Uau! E o que você veio procurar aqui essa noite, senhor Mason? - Ela voltou a se aproximar de mim e brincou com os botões do meu blazer.

- Estou procurando uma mulher... - comecei, mas ela não me deixou terminar:

- Então já encontrou. Venha, vamos precisar de uma mesa. - A garota começou a me puxar para uma das mesas do centro do salão e eu não quis impedi-la. Eu me acomodaria primeiro e depois perguntaria a ela sobre Ellen.

Assim que nós nos sentamos, outra garota se aproximou. Essa tinha olhos azuis e cabelos cacheados.

- Lóren, você não pode abandonar as mesas. - Ela sussurrou para a outra garota, mas eu ouvi. - Seja bem vindo senhor...

- Mason. Ele é Damien Mason, Morgana. - Lóren respondeu por mim.

- Oh... - Ela pareceu perplexa. - Seja bem vindo senhor Mason. Deseja alguma coisa, alguma bebida?

- Na verdade, eu estou a procura de uma garota. - prossegui.

- Oh sim, somos várias aqui. - Ela sorriu. - Alguma característica específica?

- O nome dela é Ellen. - terminei.

Então as duas mulheres me olharam espantadas e depois se entreolharam:

- Você está falando da Ell? - Lóren me olhou como se eu a tivesse insultado. - A garota sem graça que atende no bar? Ela não dorme com ninguém.

- Desculpe-me senhor Mason, mas se estiver falando da Ell, ela não faz esse tipo de negócio. Aqui ela só fica no bar. - Morgana me olhou séria. -

Você pode escolher qualquer uma das outras meninas, menos ela.

Não consegui evitar um sorriso com a notícia e me senti aliviado ao saber que o trabalho dela se resumia ao bar.

- Mas você tem a mim. - Lóren se jogou no meu colo. - E eu sou muito melhor que ela.

Lóren se inclinou para me beijar, mas eu a segurei pelos ombros.

- Eu não estou a procura disso. - Tirei-a de cima de mim e me levantei. -

Eu só quero conversar com ela. - Encarei a morena de olhos claros.

- Conversar? - Morgana repetiu.

- Sim. Eu a conheço de outro lugar e sei que ela está com alguns problemas. - Vários problemas financeiros, era o que dizia no relatório de Fontana. - E posso ajudá-la.

Desculpei-me. Na verdade eu só queria que ela me trouxesse Ellen para dizer a ela que sua máscara tinha caído.

- Bom.. - Ela pareceu analisar minhas palavras. - Acho que uma conversa não faz mal. Vou falar com ela, mas já aviso: duvido muito que ela aceite, Ellen é muito orgulhosa e gosta de cuidar dos próprios problemas sozinha.

- Mas e eu? - Lóren reclamou ao meu lado.

- Você tem que ir encontrar a Isa. - Morgana respondeu. - Ela está esperando para trocar o lugar com você no palco.

Lóren bufou, mas assentiu e saiu pisando duro.

- Eu vou ir até o bar. - Morgana me avisou.

- Apenas não diga o meu nome. - pedi antes dela se virar. - Nos conhecemos numa situação inusitada e como você disse, ela é orgulhosa.

Morgana sorriu e assentiu. Então se afastou e começou a atravessar o salão.

Voltei a me sentar no estofado.

Ela com certeza não estava esperando por mim naquela noite e isso seria perfeito. Não haveria como Ellen mentir para mim pega em flagrante.

Passei uma das mãos pelo meu cabelo, impaciente em poucos minutos de espera. Será que ela viria afim de arrancar dinheiro de um novo paspalho? Ou será que preferia peixes maiores.

Soltei um suspiro e verifiquei meu relógio. Já haviam se passado quatro minutos.

Era muito para uma resposta tão simples.

Levantei-me do estofado e comecei a trilhar o caminho que Morgana tinha feito e foi então que a avistei colada ao balcão conversando com Morgana.

Sua imagem me fez abrir a boca completamente admirado. Ela estava ainda mais bonita do que na última vez em que a vi. Seus cabelos estavam completamente soltos caindo sobre o busto. Os olhos estavam bem marcados e sua boca estava tingida de uma cor próxima do vinho.

Ellen se ergueu para falar algo com Morgana e eu percebi que ela também estava fantasiada. Partes de mim ficaram demasiado alegres com aquela roupa sexy e minha mente foi invadida por diversas imagens onde ela era a minha coelhinha entre quatro paredes.

Depois do que ela disse, Morgana se afastou e se virou na minha direção. Foi quando ela me viu. Então ela recuou e voltou a puxar Ellen pelo braço que passou os olhos pela multidão e me encontrou

rapidamente.

Várias emoções passaram pelo rosto dela. Surpresa, breve satisfação e por fim, pânico.

Peguei você, my bunny.

Continuei a me desvencilhar da pequena multidão e apertei o passo na direção do bar, mas então ela se afastou e sumiu da minha visão.

Quando eu cheguei ao balcão, Ellen não estava mais lá.

- Onde ela está? - inquiri assim que cheguei perto de Morgana.

- Eu não sei. Acho que ela saiu pela porta de trás. - Ela franziu o cenho. -

Tem certeza de que vocês são amigos?

- Eu não disse que éramos amigos. - Passei os olhos pelo bar, mas só encontrei um homem japonês servindo as bebidas. - Com licença.

Saí irritado com a atitude dela. Era a segunda vez que nos víamos e Ellen tinha fugido de mim novamente. Mas dessa vez, eu não iria ceder.

Dei uma volta pelo salão, mas não a encontrei. Então avistei uma parte pouco explorada da casa e resolvi seguir por ela. Era um pequeno espaço mais escuro e eu vi que alguns casais conversavam junto da parede.

- Por aqui só fica a saída, meu caro. As mulheres estão no salão. - Um desconhecido sorriu na minha direção, parecendo levemente alterado pelo álcool e depois se afastou.

Saída. Ela devia ter ido exatamente naquela direção.

Apertei o passo, mas antes de chegar ao local em si escutei um barulho.

Pareciam ser soluços abafados. Virei-me na direção do som e enxerguei tudo vermelho na mesma hora.

Ellen estava sendo agarrada a força por um homem e tentava se soltar dele a todo custo.

No momento seguinte eu estava puxando o infeliz pelo pescoço. Desferi um soco no rosto dele com toda a minha força. Ele cambaleou e caiu no chão, mas minha raiva ainda não havia cedido e eu murmurei um palavrão e chutei o maldito.

Escutei-a soluçar e desviei meus olhos do filho da puta.

- Você está bem? - segurei o queixo dela e analisei seu rosto não encontrando nenhuma marca.

Ellen assentiu com a cabeça.

Meu coração pulsava acelerado. Como ela podia se sujeitar a trabalhar num lugar daqueles? Correndo o risco de ser violentada?

- Merda Ellen! Porque você fugiu? - rosnei irritado.

Não era ela o motivo da minha irritação. Era a mim mesmo. Se eu tivesse aparecido no bar no momento certo ela não teria fugido e não teria corrido riscos.

- Tome. Vista isso. - Tirei o meu blazer e coloquei sobre os ombros dela.

A primeira coisa a fazer era cobri-la do olhar alheio.

Ellen não resistiu e vestiu a peça que a cobriu um pouco mais que o vestido.

- Venha. Vou tirar você desse lugar.

- Eu não posso. Estou trabalhando. - Ela fungou e me fitou com os olhos inchados.

Que trabalho? Ela não podia achar que depois do ocorrido eu ia deixá-la sozinha nas mãos daqueles imbecis.

- Não está mais. - sentenciei.

- Mas...

- Ellen nós não vamos discutir. Não agora.

Passei meu braço direito pela cintura dela e a preendi segura junto do meu corpo.

Então nos guiei de volta para o salão e percebi a cara de espanto de algumas pessoas ao nos ver, mas não me importei com isso.

Eu só queria tirá-la o mais depressa possível daquele lugar.

- Eu preciso... Preciso pegar as minhas coisas no bar. - Ellen falou e parou no meio do caminho.

- Eu mando alguém buscá-las depois. - tentei puxá-la de volta.

- Não. Eu preciso da minha bolsa.

Soltei um suspiro.

- Tudo bem.

Mudei nossa rota e nós voltamos ao bar.

- Ell, pelo amor de Deus! Você estava chorando? O que aconteceu com

ocê? - O japonês que servia as bebidas se aproximou dela na intenção de tocá-la, mas eu entrei na frente.

- As coisas dela, por favor.

Ele não gostou.

- Quem é você?

- Ela está comigo e é tudo o que você precisa saber. - respondi de mau humor.

- Eu vou embora, Tk. Vou para a minha casa. Diga a Shar que eu explico tudo depois. Está tudo bem. - Ellen interview.

- Tem certeza Ellen? - O rapaz insistiu. Provavelmente pensando que eu era algum cliente do clube levando sua assistente de bar.

- Sim. - Ellen afirmou.

- Certo. Me ligue quando chegar em casa. - Ele entregou a bolsa a ela. -

Assim que chegar Ell.

Ele disse a última frase olhando explicitamente para mim e eu senti minhas mãos se fecharem em punho. Eu não sabia qual era a relação dos dois, mas não estava gostando nenhum pouco da forma que ele ousava me enfrentar.

- Eu ligo. - Ellen prometeu.

Fechei minha mão em torno do punho dela e a puxei em direção à saída.

Chega de homens babando em cima dela por hoje.

Alcançamos a calçada em pouco tempo e o manobrista conhecido surgiu com a minha chave.

- Aqui está, senhor Mason.

Fiquei surpreso por ele já conhecer meu nome, mas então reparei o olhar dele sobre Ellen.

- Entre. - murmurei para ela depois de abrir a porta. Seria mais fácil se ela não estivesse tão sexy como estava.

Ellen titubeou um pouco, mas entrou no carro.

Dei a volta no jaguar e assumi o banco do motorista. Então liguei o carro e nos tirei daquele lugar. Mas quando me vi alguns metros longe do clube foi que realmente pensei no que eu estava fazendo.

Minha intenção não era nada daquilo. Tudo o que eu queria era dizer que tinha descoberto todas as mentiras dela e depois voltar para a minha rotina normal. Mas ao invés disso, estava a levando para a minha casa comigo á despeito de tudo o que descobri.

Trinquei os dentes. Porque eu nunca conseguia seguir o plano quando ela estava no roteiro?

- Para onde você está me levando?

Desviei meus olhos da direção dela e voltei a fitar o asfalto. De qualquer forma, eu ainda não tinha conseguido dizer tudo o que eu queria a ela e nós precisávamos conversar. De preferência num lugar onde não houvesse ninguém tentando agarrá-la, além de mim.

- Para um lugar onde você não estará exposta e nós poderemos conversar.

- E onde seria este lugar?

- Minha casa.

- O que? Eu não quero ir para a sua casa! - Ela protestou.

- Não é uma democracia. Você e eu precisamos conversar. - Fitei-a sério e ela se encolheu. - Não acha que me deve alguma explicação, Ellen de Souza Castro?

Os ombros dela tremeram levemente e eu percebi seus olhos se arregalarem.

- Como você sabe o meu sobrenome?

Prendi minha atenção nas ruas mais uma vez.

- Eu sei de muita coisa sobre você, Darling. Mas nós vamos conversar sobre isso apenas quando estivermos na minha casa.

Ela não voltou a insistir e eu procurei acalmar os meus nervos. Precisava estar bastante calmo para a conversa que teríamos na minha casa.

Ellen suspirou e eu desviei meus olhos para perceber que ela abraçava a si mesma. Talvez estivesse com frio. O tempo no Rio de Janeiro tinha perdido grande temperatura desde que a chuva começou a cair no final da tarde transformando-se em numa garoa fraca no meio da noite.

- Ligue o ar para se aquecer. - falei e senti seus olhos em mim.

- Obrigada, mas não é necessário. - Ellen me garantiu.

Não consegui acreditar nela e tirei uma das mãos do volante para me

certificar da temperatura tocando as mãos dela. Estavam frias como eu imaginei.

- Claro que é. Você está fria como gelo.

Liguei o aquecedor e voltei a colocar minha mão sobre o volante.

Seguimos em silêncio pelo restante do caminho até minha casa. Quando finalmente alcancei minha residência no Leblon fui recebido por seguranças e nos guiei para a minha ampla garagem.

Assim que parei o carro, desci e dei a volta para abrir a porta dela e ajudá-la a sair. Ellen não recusou a

minha ajuda e assim que colocou sua mão na minha eu comecei a levá-la para dentro da casa.

Passei pelos cômodos de forma rápida e parei quando chegamos na cozinha. Antes de mais nada, eu precisava acalmá-la.

- Sente-se. - Indiquei um dos bancos de madeira, mas ela me ignorou.

- Você vai ficar me dando ordens o tempo todo?

Foi a minha vez de ignorá-la. Caminhei até a geladeira e tirei um pouco de água para colocar em um copo. Depois adicionei açúcar a bebida e entreguei a ela.

- Tome.

- O que é isso?

- Água e açúcar. Você está pálida e trêmula. Precisa se acalmar.

- Eu estou bem.

- Não, não está. E se não tomar a água nós vamos para um hospital.

Ela suspirou e aceitou o copo sorvendo o líquido rapidamente.

- Satisfeito? - Ela me entregou o copo.

- Ainda não.

Coloquei o copo sobre a bancada e a segurei pelo pulso novamente, levando-nos até a sala.

- Dessa vez você deve mesmo se sentar. Nós temos muito o que conversar. - Indiquei o sofá.

- Isso é mesmo necessário? - Ela não se sentou. Mulher difícil.

- Se não fosse necessário, eu não teria atravessado o Rio de Janeiro atrás de você, Ellen. - fui até o bar em busca de qualquer bebida que me fizesse pensar direito.

- Você... Você foi atrás de mim? - Ela falou baixinho, mas eu a ouvi perfeitamente.

- E por que outra razão eu iria até um lugar como aquele? - Engoli um pouco de uísque, deixei o copo e voltei a me aproximar dela.

- Pela mesma razão que os outros homens vão. - Ellen me fitou desconfiada e depois desviou seus olhos dos meus, baixando o rosto.

Ela achava mesmo que eu precisava desse tipo de lugar para conseguir mulheres?

Parei diante dela.

- Eu não preciso disso, Ellen. Não preciso ir atrás das mulheres. - Não precisava.

Porque eu tinha acabado de fazer justamente isso com

relação á ela. - Com exceção de você. Acabo de perceber.

Ellen ergueu o rosto e me fitou. Então eu me peguei pensando em onde tudo aquilo ia dar.

- Qual é o seu plano? - segurei o queixo dela, quando ela tentou esconder o seu olhar de mim mais uma vez.

- O que?

- Fugindo. Me fazendo ir atrás de você, porque você sabia que eu iria.

Porque você foi á minha recepção no Palace, Ellen?

Eu já tinha uma leve compreensão de que ela talvez se tratasse apenas de uma golpista da classe mais baixa da sociedade, mas então porque ela sempre fugia de mim? Qual o sentido?

- Foi uma ideia idiota.

- Uma ideia idiota para seduzir um magnata idiota?

- Não! Eu nem sabia que você era você! Foi uma ideia idiota para dificultar a vida de uma garota idiota. - Ela lamentou e eu não consegui conter a minha risada.

- Eu estou dificultando as coisas para você? - O lábio inferior dela tremulou e eu não consegui reprimir o impulso de afagá-lo com o polegar.

- Quase sempre. - a voz dela ficou rouca no final da frase e eu percebi que o magnetismo já nos envolvia.

- Ótimo. Você também não tem facilitado nada para mim. Nas duas

vezes em que nos vimos você fugiu.

- Você desperta meus instintos de sobrevivência.

Soltei uma risada diante da confissão dela e fechei o espaço entre nós.

- Você também desperta muitas coisas em mim Ellen. - Ela me fitou com os olhos repletos de desejo e eu me esqueci do resto, cedendo ao impulso de puxá-la contra o meu corpo. Ellen soltou um gemido tímido quando nossos corpos se tocaram. - O que é isso que você está fazendo comigo...

Ouvi-me murmurar e depois aproximei meu nariz do pescoço dela para sentir o seu perfume. Perfume esse que me perseguiu durante as duas semanas em que a estive procurando.

- Damien... E a nossa conversa? Você não me trouxe aqui para isso? - De algum lugar desconhecido, a voz dela me chamou a razão e eu fixei meus olhos nela.

Era verdade. Eu não a tinha chamado para conversarmos? Tinha. Mas bastou que ela me olhasse para que

eu perdesse o controle. Eu não estava mais me reconhecendo? Onde estava o Damien que sabia quando investir e quando não investir em uma mulher?

Elas são como produtos, lembre-se.

E foi esse pensamento que me fez soltá-la e caminhar na direção do bar mais uma vez.

Damien, Damien. Que merda é essa que você está fazendo!

- É melhor eu ir embora. - Ellen balbuciou me fazendo olhá-la.

Então ela movimentou os ombros e começou a se livrar do meu blazer, revelando a fantasia sexy em todos os seus ângulos para mim.

Subi meus olhos pelas pernas torneadas, apreciando as meias pretas que eu podia apostar que terminavam em ligas. Depois sua cintura delgada no corpete preto e por fim os seios dentro do decote ousado e a gravata borboleta em seu pescoço.

Minha boca ficou momentaneamente seca e eu perdi novamente o fio de raciocínio enquanto pensava em uma maneira de arrastá-la para o meu quarto e descobrir o restante do corpo escondido em baixo daqueles tecidos.

- Acho que vou precisar disso mais um pouco. - Ellen voltou a vestir o blazer e o meu cérebro voltou a funcionar, deixando-me irritado. Eu não podia me deixar levar por aquele corpo escultural.

Se ela soubesse o efeito que causava em mim, aí sim eu ficaria numa situação deplorável.

Soltei um suspiro cansado. Toda essa luta contra o meu desejo por ela estava me deixando exausto. Mas ainda assim, eu não podia permitir que ela saísse da minha casa de madrugada.

- Não, não vai. - Deixei o copo de bebida que eu havia feito sobre o balcão do bar sem tocar nele e caminhei de volta para ela.

- Você quer que eu saia na rua vestida somente com essa fantasia?

- Não. Porque você não vai sair. Está tarde para você ficar desfilando essas suas pernas deliciosas por aí. Então você vai dormir aqui, onde eu possa ter certeza de que ninguém vai atacá-la novamente. - Fiquei diante dela. - Você pode ficar no meu quarto de hóspedes.

- Eu não quero ficar lá.

- Então pode ficar no meu quarto e nós poderemos nos balançar nos lustres a noite toda, coelhinha. - Não resisti a provocá-la.

- Damien! - Ela ficou rubra e eu sorri.

- Você não tem muitas escolhas Ellen. Pode dormir aqui e amanhã teremos a nossa conversa ou pode tentar fugir uma terceira vez e ser agarrada por mim.

- Mas nós já conversamos!

- Não conversamos. Você me distraiu quando gemeu. - acusei-a e a vi morder o lábio inferior.

- Aí está você. Distraindo-me de novo. - suspirei e me aproximei para tocá-la, mas Ellen se esquivou.

- Tudo bem. Eu vou ficar. - Ela balbuciou.

- Ótimo. Venha, vou levá-la até o quarto de hóspedes no segundo andar.

Tentei puxá-la pela mão, mas ela se soltou de mim.

- Não. Eu prefiro dormir aqui na sala, se não se importar.

- Não seja teimosa. O sofá não é confortável para se passar a noite.

Venha comigo.

- Eu não vou. Prefiro ficar aqui. - Ellen replicou.

- Como quiser. - soltei-a.

Então virei as costas e comecei a caminhar para em direção as escadas.

- Onde você vai?

- Dormir. - Virei-me na direção dela. - Quer vir junto?

Minha mente foi novamente invadida por imagens dela naquela fantasia totalmente entregue a mim.

- Não obrigada. Eu vou ficar por aqui. - Ela recuou.

- Tudo bem, my Darling. Nós nos vemos amanhã. Se você viesse comigo nós não iríamos dormir mesmo. Boa noite, my bunny.

Voltei a me virar e caminhei para fora da sala. Amanhã seria um novo dia e eu teria o cérebro menos entorpecido por aquela visão dela dentro daquela fantasia. Então eu finalmente conseguiria uma maneira de lidar com a minha coelhinha impostora.

Capítulo 5: Sem Máscaras

"Eu tenho a visão feroz de uma guerreira, dançando pelo fogo, pois sou uma campeã. E você vai me ouvir rugir." (Roar - Kate Perry).

~ ♥ ~

Meu corpo parecia relaxado como nunca. Eu sentia os lençóis macios acariciarem a minha pele, cada vez que eu me mexia. Era tudo tão bom

e confortável que eu gemi satisfeita e me estiquei preguiçosamente na cama. E foi então que me lembrei

onde eu estava. Melhor, lembrei-me onde eu deveria estar: no sofá da sala de Damien.

Então abri os olhos e dei um salto, erguendo meu corpo do colchão, ao reparar que estava em um quarto, deitada em uma cama completamente branca e desconhecida. Mas como eu tinha ido parar ali? Aquele era o quarto de Damien? Estremeci apenas em pensar na possibilidade.

Corri meus olhos pelo ambiente, buscando algum sinal dele. Mas não havia nada. Com exceção da desorganização que eu mesma tinha feito na cama, o resto parecia imaculado. O sol penetrava pelas frestas nas persianas das amplas janelas de vidro que uma brisa calma fazia balançar. Era o quarto mais elegante que eu já tinha entrado e por alguns instantes eu fiquei paralisada apenas observando a decoração perfeita do ambiente.

Quando finalmente voltei o meu rosto para os meus pés, vi minha bolsa junto de uma sacola desconhecida de loja sobre o estofado creme aos pés da cama.

Engatinhei pelo leito até lá e então percebi também um papel:

"Bom dia, my Bunny.

Espero que tenha dormido bem.

Vista-se e me encontre no jardim para o almoço."

Almoço? Ergui o pulso assustada e percebi que já era quase meio dia!

Por sorte, eu não tinha que trabalhar naquele sábado, mas tinha que buscar Júlia e David na casa de dona Clarisse.

Droga Ellen! Você não podia ter dormido tanto!

Saltei da cama e então reparei que estava sem o blazer de Damien, trajando somente a maldita fantasia de coelha. Ele provavelmente o tirou de mim quando me trouxe para o quarto sem o meu consentimento.

Ele tinha me visto somente com aquela roupa e pior, tinha me carregado para o quarto também podendo ter uma visão bastante privilegiada da maioria das partes que aquele tecido não cobria.

Praguejei e desejei que todas as coelhinhas da Playboy ficassem gordas, feias e tivessem muitas celulites nas pernas. Era culpa delas, eu estar vestida daquele jeito e ter ficado exposta para Damien Mason.

Maldita a hora em que eu havia aceitado vestir aquilo.

Tentei não pensar sobre o meu decote e não pensar também nas ligas pretas extremamente ousadas nas minhas pernas. Fui até a minha bolsa em busca da minha boa e descente calça jeans, mas não a encontrei.

Então me lembrei de que não havia colocado minhas roupas dentro da bolsa e sim em uma sacola embaixo do balcão do bar.

E agora? Eu não podia andar assim pelo Rio de Janeiro!

De repente a sacola ao lado da minha bolsa despertou a minha curiosidade. Tinha um símbolo desconhecido e elegante talhado nela.

Fui até o estofado e abri a sacola para encontrar um vestido verde de caimento leve, com alças finas e detalhes embaixo do busto que lembravam o antigo estilo grego de vestir.

Senti minha boca se abrir. Como ele sabia que eu não tinha o que vestir? E como ele conhecia as minhas medidas?

Fiquei rubra ao perceber que com aquela fantasia não era difícil saber as minhas medidas.

Mordi meu lábio inferior enquanto procurava outra solução que não implicasse em aceitar aquele vestido, mas eu não tinha alternativa. Era melhor usar aquele vestido do que aparecer na frente dele com aquela fantasia mais uma vez. Peguei a roupa e fui até a porta entreaberta que sugeria dar para um banheiro, mas parei quando ultrapassei a entrada.

Uau! Aquilo não podia ser somente um banheiro. Eu poderia facilmente morar lá dentro. O cômodo era exageradamente grande, do tipo que se vê somente em novelas e filmes. A bancada era composta por duas pias brancas em detalhes na cor preta e um espelho impecável dominava toda a parede acima delas. Também havia uma banheira em forma de retângulo e toalhas felpudas estavam dispostas em seus lugares. Nas cores brancas e pretas, combinando com a decoração do ambiente.

Percebi que minha boca estava aberta e fechei-a. Balancei a cabeça tentando me recuperar e finalmente entrei no toalete. Com o cuidado

de não tocar em nada além do necessário já que qualquer coisa naquele banheiro devia custar muito mais do que meu orçamento poderia pagar, eu me troquei e fiz a minha higiene matinal da melhor forma possível.

Desisti de lutar com o meu cabelo e resolvi deixá-lo solto, depois de ajeitá-lo com as mãos. Lamentei não ter nenhum batom dentro da bolsa e ter de aparecer de cara limpa na frente dele. Mas logo depois me lembrei de que eu não devia estar querendo impressioná-lo. Devia estar querendo me livrar dele.

Então saí e revirei os meus pertences em busca do meu celular. Eu tinha prometido ligar para Tk e também havia prometido ligar para Arianna e no final acabei me esquecendo. A culpa era de Damien, ele bagunçava a minha cabeça quando estava por perto.

Finalmente encontrei o aparelho e quando o liguei havia mais de trinta chamadas. Eu não sabia quem era mais desesperado, Tk ou Arianna. No entanto eles teriam de esperar, primeiro eu tinha que ligar para casa.

Digitei o número de Júlia na tela e depois de dois sons de chamada, eu escutei a voz sonolenta dela do outro lado da linha:

- Ell?

- Onde vocês estão?

- Nós estamos em casa.

- Vocês estão sozinhos? - fiquei instantaneamente preocupada.

- Sim. Nós viemos pela manhã. Porque você não voltou? Onde você

está?

- Vocês não deviam estar sozinhos. Eu estou indo para a casa. - coloquei o telefone entre o ombro e a minha orelha e comecei a organizar a minha bolsa.

- David e eu já estamos grandinhos Ell. Não precisamos de babá o tempo todo. - Júlia reclamou e eu pude imaginá-la franzindo o cenho em uma careta. - Ell, você dormiu na casa de algum bonito?

A pergunta de Júlia me pegou de surpresa e eu quase deixei o celular se despedaçar no chão. Por sorte, minha coordenação motora estava harmônica naquela manhã e eu consegui agarrá-lo com a mão esquerda antes de voltar a colocá-lo na orelha.

- N-não. - gaguejei.

- Uau! A minha irmã toda certinha passou a noite com um cara! - Júlia gritou eufórica.

- Não é nada disso. É que eu saí muito tarde e passei a noite na casa do TK. -

menti. Júlia já era travessa, eu não podia dizer a verdade e inspirá-

la a ser pior.

- Seu amigo japonês que está noivo? - Ouvi quando ela soltou um suspiro desapontado. - Você já está vindo?

- Estarei aí em pouco tempo. Vocês já almoçaram? - lembrei-me de que já era tarde e eles podiam estar com fome.

- Sim. Eu fiz o almoço. Quebrei uma unha, mas fiz.

Sorri. Júlia não tinha mesmo jeito.

- Tudo bem. Não saiam de casa. Eu já estou indo.

- Ok. Tchau. - Júlia me respondeu e desligou o telefone.

Guardei o aparelho na bolsa juntamente com a constrangedora fantasia de coelhinha e com as orelhas que estavam perdidas em cima dos travesseiros na cama. Fui até o leito e o organizei procurando deixar o quarto em perfeita ordem.

Coloquei a bolsa sobre os ombros, preparando-me para sair, mas então observei as cortinas balançarem e fiquei curiosa quanto á vista.

Cedendo ao impulso, eu me aproximei da ampla janela e espiei a paisagem.

Fiquei momentaneamente sem fôlego. Era uma vista encantadora da praia do Leblon. Simplesmente incrível.

Vóltei a lançar os olhos pelo quarto e suspirei. Como duas pessoas podiam viver em uma realidade tão diferente? Mas ainda assim, eu não conseguia reclamar da vida que eu levava. Era complicada, eu admitia, mas eu ainda assim eu era feliz. Tinha boas pessoas comigo.

Damien, ao contrário de mim, tinha tudo aquilo a disposição dele. Ele deveria ser feliz, mas então porque ele não parecia contente? O pouco tempo de convivência com ele já me levava a concluir que ele era um homem desconfiado e fechado em seu próprio mundo. Será que alguma coisa acontecera a ele? Talvez alguma decepção passada, como eu...

Mas o que é que eu estava fazendo! Parada no meio de um quarto

refletindo sobre a vida de um homem que não me dizia respeito. Já estava passando da hora de eu ir embora.

Verifiquei mais uma vez a minha imagem diante do espelho e caminhei em direção à porta deixando os aposentos, mas parei no meio do corredor sem saber para onde seguir. Aquela casa era enorme e eu não sabia como me guiar lá dentro.

Enrolei meu cabelo nos dedos enquanto pensava em que direção eu deveria apostar primeiro. O melhor seria se eu conseguisse sair sem reencontrá-lo, mas eu sabia que isso era pouco possível, uma vez que ele tinha seguranças no portão que dava acesso a residência.

- A senhorita pode me seguir. Eu vou levá-la até o senhor Mason.

A voz soou atrás de mim e eu dei um pequeno pulo de susto para depois me virar na direção do som. Um homem trajando um uniforme cinza de gola alta e com uma careca reluzente me dirigiu um sorriso cortês.

- Desculpe-me, não quis assustá-la. Eu sou George Dewes, o mordomo do senhor Mason. Ele me pediu para auxiliá-la.

Senti minha boca se abrir. O cara tinha mesmo um mordomo? Por Deus!

Em que mundo esses ricos viviam? Com certeza em um bem mais clássico do que o meu.

George continuou me olhando e eu me dei conta de que devia estar parecendo uma idiota de boca aberta. Então meu espírito voltou ao

corpo e eu tratei de respondê-lo:

- O senhor não poderia ir até ele e dizer que eu tive de ir embora e que não pude ficar para o almoço? - cruzei os dedos atrás das costas e torci por uma resposta afirmativa. Provavelmente sendo o mordomo, aquele homem poderia permitir a minha saída.

Eu sabia que não era uma atitude muito elegante a minha, sair á francesa, mas eu não queria continuar naquela casa imponente cheia de coisas que eu tinha medo de quebrar e com um homem que me fazia ter reações nada convencionais.

Eu também sabia que teria de agradecer e devolver aquele vestido que eu usava, mas eu poderia convencer Arianna ou Jeniffer a fazerem isso por mim depois. Naquele momento, eu só queria voltar para a segurança do meu lar.

George abriu a boca para me responder, mas outra pessoa falou:

- Rápida e sorrateira. Que outras surpresas você ainda guarda, my Darling?

Girei sobre os calcanhares para encontrar Damien. Ele estava perfeito dentro de uma camiseta cinza gola V e calças escuras. Seus olhos brilharam para mim enquanto ele se mantinha encostado á parede com os braços cruzados, ressaltando seus bíceps bem trabalhados.

Bonito demais para uma manhã comum.

Minha mente o acusou e eu soltei um suspiro atormentado, sentindo-me claustrofóbica pela presença imponente dele.

Era impossível ficar a vontade diante daqueles olhos gélidos.

- Com licença. - George fez uma pequena reverência e se afastou.

Quase implorei para que ele ficasse e não me deixasse sozinha com Damien, mas ele sumiu rapidamente pelo corredor me deixando á mercê da minha própria sorte.

- Você ainda não percebeu que não pode fugir de mim? - Damien deixou a parede e caminhou na minha direção.

Seus olhos percorreram os meus pés, ainda dentro das sandálias de salto de ontem e subiram pelo meu corpo de um jeito que me fez aquecer inteira. Quando seu olhar alcançou o meu, eu senti meu rosto ruborizar violentamente.

- Eu não estava fugindo. - defendi-me.

Damien parou diante de mim. Mais próximo do que o necessário.

- Não sei onde já ouvi algo parecido antes.

Senti meu rosto queimar ainda mais.

- Eu agradeço por tudo o que você fez por mim, senhor Mason, mas eu preciso ir agora. Há pessoas me esperando em casa. Visitas. - menti mais uma vez. Eu estava virando uma mentirosa compulsiva por causa de Damien Mason.

- Desmarque. Hoje você vai almoçar comigo. Nós precisamos esclarecer algumas coisas.

- Depois de ontem, acho que já está tudo esclarecido.

- Então você é uma coelhinha-bartender sexy de uma versão brasileira da mansão playboy. - Ele segurou meu queixo e o acariciou com o polegar. - Mas será que o bar toma realmente todo o seu tempo lá dentro? Há serviços melhores para uma mulher tão bonita.

O que? Ele estava insinuando o que eu achava que estava? Senti a indignação brotar dentro de mim.

- O meu trabalho no clube se restringe ao bar, embora isso não lhe diga respeito, senhor Mason, já que eu sou adulta e espera-se que eu saiba o que é melhor para mim. - Afastei a mão dele sem nenhuma delicadeza e ergui o queixo.

Damien me fitou com a sobrancelha arqueada examinando a minha expressão.

- Certo. Então não há nada esclarecido. Venha, vamos almoçar. - Ele me deu as costas e começou a caminhar.

- Damien, eu preciso ir. - tentei uma última vez e suspirei. - Nós só vamos discutir. Não é melhor acabarmos com tudo isso por aqui? Não posso...

- Eu serei breve e sincero com você, Ellen. - Damien se virou e se aproximou de mim novamente. Sua mão esquerda segurou o meu rosto, não me deixando outra opção além de olhá-lo e sua mão direita ficou

espalmada nas minhas costas mantendo-me junto dele. - Você não é a única insatisfeita nessa situação. Nada aqui está saindo como eu planejei. Então você vai descer comigo e nós vamos almoçar, ou eu vou jogá-la sobre o meu ombro, como um homem das cavernas e arrastá-la de volta para dentro desse quarto.

- Ele gesticulou para a porta atrás de mim. - E

eu tenho certeza de que você não fará nada para me impedir.

- Como você pode ter certeza? - a pergunta saiu dos meus lábios antes que eu pudesse impedir.

- Você quer que eu prove?

Num movimento rápido, Damien me colocou contra a porta.

Suas mãos estavam uma de cada lado da minha cabeça, criando uma prisão extremamente excitante. Seu olhar desejoso prendia o meu e eu suguei o ar com dificuldade.

- Esse seu perfume perturbou a minha mente durante essas duas semanas. - Damien deixou seu nariz passear pelo meu pescoço enquanto brincava com uma mecha do meu cabelo que estava sobre o meu busto. - Assim como essas suas curvas maravilhosas. - Uma das mãos dele deixou a parede e percorreu a minha cintura até repousar nos meus quadris.

O toque foi simples, mas o som da sua voz rouca na última frase me fez reprimir um gemido que se formou na minha garganta e meus dedos se enrolaram na sua camisa.

Damien ergueu o rosto e fitou meus lábios. Percebi suas intenções e o afastei:

- É melhor... Melhor nós irmos almoçar. Estou com fome. - balbuciei com dificuldade enquanto estendia meus dedos sobre a camisa dele procurando colocar espaço entre nós. Se ele me beijasse naquele

momento, eu terminaria na cama dele e me arrependeria amargamente disso.

- Eu também estou faminto. - Damien sussurrou ao meu ouvido para depois tracejar meu lábio inferior com o polegar. - Mas acho que vou ter que me contentar com o que temos lá embaixo.

Ele finalmente se afastou e eu suspirei aliviada.

- Venha.

Damien me deu as costas e dessa vez eu o segui calada. Era melhor não abusar da sorte. Eu não queria me tornar o prato principal de ninguém, ao menos foi no que procurei acreditar.

Quando dei a última garfada no Ravióli que estava no meu prato sob o olhar atento de Damien, eu repousei o talher sobre a louça e capturei um guardanapo para remover qualquer vestígio de molho dos meus lábios.

A mesa onde nós estávamos era pequena e ficava em uma área coberta

no jardim. De onde eu estava eu podia ver a enorme piscina e também podia apreciar a bela casa trabalhada em vidro, aço e mármore.

- Estava tudo muito bom. Obrigada. - Eu não tinha muita noção de etiqueta, então apelei ao menos para os bons modos.

- Você não comeu quase nada. - Damien fez um gesto e George se aproximou de nós.

- Sim, senhor Mason?

- Dispense o chef, acho que a comida não estava agradável o suficiente.

Eu arregalei os olhos. Ele iria demitir o chef por que simplesmente eu tinha comido pouco? Eu tinha que fazer alguma coisa!

- Não!

George e Damien desviaram seus olhos para mim.

- Quer dizer, estava tudo ótimo. Maravilhoso. Não é necessário demitir ninguém.

- Então porque você comeu tão pouco? - Damien me fitou, desconfiado.

- Eu geralmente não almoço muito. - Claro que não. Eu era mais adepta á comer pastéis e coisas semelhantes na lanchonete. Assim eu podia fazer uma hora extra no trabalho.

Damien continuou a me olhar, até que George pigarreasse e chamasse sua atenção:

- Senhor Mason, devo demitir o chef?

Damien suspirou.

- Não. Esqueça o que eu disse. - Ele passou uma das mãos pelos cabelos negros, bagunçando-os. - Você pode se retirar agora, George. E se assegure de que não sejamos interrompidos. Por nada.

- Sim, senhor. - George assentiu e se afastou levando nossos pratos com ele.

Observei George caminhar para dentro da casa e quando ele sumiu do meu campo visual, eu me virei na direção de Damien para encontrar seu olhar cravado em mim.

- Você ia demitir alguém só porque concluiu que eu não gostei do prato?

- inquiri e desviei meus olhos para as minhas mãos entrelaçadas no meu colo.

Aquele jeito que ele tinha de me olhar, deixava-me terrivelmente embaraçada.

- Sim. Eu sigo um padrão de qualidade muito rígido, my Darling. Gosto de ter sempre o melhor á minha disposição e dos meus convidados. Se algo não está no meu nível, eu descarto e encontro outro que esteja. -

Levantei a cabeça para fitá-lo. Seus olhos brilhavam de um jeito sombrio e eu me senti impelida a correr.

- Como você descobriu onde eu estava? - A pergunta já estava presa na minha garganta desde ontem e eu deixei que ela escapasse pelos meus lábios.

Damien desviou seus olhos para a minha boca, mas seu olhar encontrou o meu quando ele me respondeu.

- Eu nunca desisto de algo que eu quero, my Darling. Você não me deixou muita coisa quando saiu do meu carro naquela noite, exceto seu primeiro nome e um desejo não saciado. - Músculos desconhecidos se contraíram na minha barriga diante do olhar que ele me lançou. - Então eu tive de contratar alguém de confiança para descobrir o que eu precisava. Demorou duas semanas, mas eu recebi um relatório completo da sua vida e admito, fiquei surpreso e até mesmo irritado quanto á sua verdadeira identidade.

Não me escapou quando ele disse que havia ficado irritado. Eu abri a boca para falar, mas Damien tomou a palavra mais uma vez.

- Mas por outro lado, tudo fez sentido. Toda aquela encenação na recepção e toda a sua determinação em se mostrar indiferente a mim quando de fato me desejava. Aliás, você ainda está me desejando agora.

Fiquei confusa com relação ao início da frase dele, mas não gostei nada das suas últimas palavras. Principalmente porque ele estava certo.

- Eu não estou desejando nada. - bradei na defensiva.

- Você quer mesmo discutir algo tão obvio? Acho que já tenho argumentos suficientes ao meu favor.

Suas palavras me fizeram retornar ao momento em que ele me prendeu

contra porta e eu me senti fraca. Damien estava certo. Quando ele se aproximava, eu não conseguia

impedi-lo. Aquela aura poderosa de masculinidade dele me deixava atordoada e eu não conseguia resistir ao seu charme letal.

Ao tomar consciência disso, meus olhos desceram do rosto dele e caíram para o seu tórax largo admirando os aspectos físicos do homem á minha frente.

Pisquei.

Aquele caminho era perigoso. Ignorei a vontade que tive de seguir por ele.

- Como eu fui parar no quarto? Eu disse que queria ficar na sala. - tentei mudar o assunto.

- Eu encontrei você encolhida no sofá e com frio no meio da noite.

Então a carreguei para o quarto de hóspedes que você recusou. - Ele lançou um olhar pelo jardim de forma displicente e depois seu olhar encontrou o meu. - A propósito, adorei as ligas de renda preta que você tinha nas pernas.

Senti meus olhos se arregalarem e as minhas bochechas arderam. Eu sabia que ele poderia ter visto, mas não imaginei que seria tão indiscreto com o fato. Desviei meus olhos dos dele e fitei minhas mãos.

- Qual é o problema? Não gosta de elogios?

O tom cínico na voz dele me fez voltar a fita-lo.

- Acredito que estavam lá para que fossem admiradas, não? - Ele prosseguiu áspero.

- Eu não vesti aquilo porque quis. Fazia parte do meu trabalho e foi muito indiscreto da sua parte dizer que as viu. - Exprimi meus pensamentos.

- Tudo bem. Vamos continuar do seu jeito. Minha vez de fazer as perguntas. -

Damien se encostou confortavelmente á cadeira. -

Primeiro, eu gostaria de saber como você e suas amigas conseguiram entrar na minha reunião exclusiva no Belmond.

Apertei ainda mais minhas mãos. Eu sabia que esse momento terrível chegaria, mas ainda sim não tinha outra resposta para dar a ele senão a verdade:

- Nós conseguimos os convites. - voltei a encarar minhas mãos.

- Como?

- Não me obrigue a falar, por favor. - Eu não queria prejudicar ninguém.

Damien era um homem poderoso e poderia acabar com a carreira da moça que organizara a festa num estalar de dedos. - Se está procurando algum culpado, sou eu. Eu fiz as meninas irem àquela festa.

- Então você as levou até a minha festa e depois montou todo aquele joguinho de perseguição para me atrair e me fazer ir atrás de você?

Diga-me Ellen, você realmente não fazia ideia de quem eu era? - A voz dele soou dura e eu fiquei ainda mais intimidada.

- Não! E eu já disse que não estava jogando nada! - Obriguei-me a levantar a cabeça e olhá-lo. - Nós só queríamos nos divertir um pouco.

Só isso. Eu não fazia ideia de quem era você. Quer dizer, eu sabia que a recepção era para você, mas não sabia como você era.

- É muito difícil acreditar nisso, Ellen. Especialmente vindo de alguém na sua condição. Alguém que ganharia muito chamando a minha atenção. -

O semblante dele congelou parecendo duro como pedra. - Eu sei por que já vi isso acontecer e sei também que vocês mulheres tem a capacidade de fingir e dissimular muito bem. Talvez tudo isso que esteja acontecendo agora seja parte de um plano seu e essas suas falas não passem de um ensaio decorado para fazer com que eu a veja diferente.

Mas eu tenho que alertá-la de que seu tiro saiu pela culatra.

- Eu não...

- Você não precisa mais continuar com isso Ellen. - Ele me interrompeu.

- Eu sei de tudo. Sei que você não mora em Ipanema, mas sim na periferia do Rio de Janeiro. Sei que trabalha em uma lanchonete e também que está com problemas financeiros, mas principalmente, sei o que você pretende, mas garanto que não vai conseguir.

Senti-me subitamente tonta, enquanto tentava assimilar as palavras dele e agradei aos céus por já estar sentada ou do contrário teria facilmente caído no chão.

Agora as coisas tinham ficado bem claras.

Damien acreditava piamente que tudo o que fiz tinha sido milimetricamente calculado para seduzi-lo durante a recepção. Ele tinha descoberto tudo sobre mim, inclusive as minhas dificuldades econômicas e provavelmente achava que eu via nele a chance de resolver tudo.

Ele também já sabia que eu era uma garota da periferia e provavelmente isso era o que mais solidificava a sua opinião sobre eu ser alguma golpista de olho na sua enorme fortuna. Do tipo que usa das armas sexuais para conseguir o que quer.

Meu coração acelerou ofendido.

Eu nunca faria isso. Não havia a menor possibilidade de eu usar o meu corpo como moeda de troca em um negócio com o sexo oposto. Eu tinha uma boa saúde e podia trabalhar, não precisava de um homem para resolver os meus problemas. Na verdade, dos homens eu queria distância, eles já haviam me causado danos o suficiente.

Pisquei para conter as pequenas lágrimas que começavam a se formar.

Chorar na frente dele só pioraria a situação. Ele pensaria que era mais algum truque para comovê-lo. E nada o comoveria. Damien já tinha formado sua opinião sobre mim.

- Não vai tentar me contradizer? - a voz de Damien me fez erguer o rosto para fitá-lo.

- Não. O senhor tem o direito de acreditar no que quiser. - Minha voz

soou ressentida. - Eu não tenho como lhe comprovar nada, além do que já descobriu. Além disso, o senhor me parece certo em sua opinião sobre toda a situação.

- Eu estou. - Damien prosseguiu. - Mas você não quer saber por que o seu tiro saiu pela culatra?

- Não quero. - Levantei-me da mesa e peguei a bolsa que estava pendurada na cadeira. - No momento tudo o que eu quero é ir embora para a casa. - As lágrimas ficaram presas na minha garganta. Eu suspirei e ergui levemente o queixo quando o fitei. - Eu tenho visitas.

- Porque você não tenta ser sincera comigo? - Damien se levantou e ficou diante de mim. - Sem Máscaras. Você diz o que espera de mim. Eu digo o que espero de você. Ninguém precisa fingir. Eu sou um homem generoso, Ellen, e embora você não se encaixe nos meus padrões e tenha mentido para mim, consegui capturar o meu interesse. E eu estou disposto a abrir uma exceção nas minhas regras. - Ele sorriu de lado. - Sei que nós podemos nos beneficiar mutuamente desde que um acordo seja pré-estabelecido.

Padrões e benefícios? Mais que diabos ele estava falando?

Damien ergueu a mão para tocar o meu rosto, mas eu me afastei.

- Eu não sei do que é que você está falando.

Ele venceu o espaço entre nós e me puxou pela cintura.

- Eu tenho que admitir, você executa muito bem esse papel de garota inocente. É a melhor que já encontrei. - Ele deixou seu polegar percorrer o meu queixo e depois seus dedos deslizaram para o meu pescoço. -

Mas receio que tenha chegado tarde demais. Eu não faço o tipo que se apaixona.

- Isso não me diz respeito, senhor Mason. - ousei encarar seus olhos para falar.

- Então isso é um sim. - Ele desceu sua mão pelo meu ombro e empurrou a alça do vestido.

Sim? Ele não havia me feito pergunta alguma! Fiquei confusa, mas meus sentidos voltaram quando Damien se aproximou para beijar a pele exposta do meu ombro. Espalmei minhas mãos em seu tórax impedindo que ele se aproximasse mais. Ele não podia acreditar que eu o deixaria me tocar depois de tudo o que me disse.

- Agora que nós já conversamos, eu vou embora. - puxei a alça do vestido de volta para o lugar e fixei

meus olhos nele. - Lamento por tudo o que causei, e embora o senhor não acredite nisso, tudo o que tenho fiz não foi para chamar a sua atenção. Na verdade, a atenção do senhor era a última coisa que eu queria. Porque eu não preciso dela.

Ele merecia um tapa, mas a expressão no seu rosto depois da minha última frase foi o suficiente para me deixar satisfeita.

Dei um passo para trás e coloquei espaço entre nós. Então me virei á

procura de George. Ele poderia me guiar até a saída. Quando o avistei comecei a caminhar na direção dele, mas Damien me interceptou segurando-me pelo braço.

- Você tem certeza do que está fazendo?

- Você terá o seu vestido de volta em breve. - evitei a pergunta dele e usei o vestido para isso.

- Você pode ficar com ele. É um presente.

- Eu agradeço, mas dispenso a honra. - puxei o braço que ele prendia com mais delicadeza do que ele merecia.

- Eu não vou atrás de você uma terceira vez, Ellen. - Damien anunciou como se aquilo fosse uma espécie de ultimato.

Mal sabia ele, que àquela altura, eu esperava realmente aquilo. Não queria mais ter aquele olhar acusador dele sobre mim. Nem me sentir culpada por coisas que eu não havia feito.

- Eu estou contando com isso, senhor Mason. - Virei às costas. - Tenha uma boa tarde.

Atravessei o jardim, deixando Damien para trás. Se antes eu achava que devia manter distancia dele, agora eu tinha certeza. O melhor a se fazer era ignorar aquela atração que eu sentia por ele. As coisas não terminariam bem. Não havia negócio pior na vida de uma mulher do que se envolver com alguém que dizia abertamente que não se apaixonava.

Capítulo 6: Sábado à Noite

"Observando em câmera lenta enquanto você se vira na minha direção e diz: tire o meu fôlego." (Take My Breath Away - Berlin)

"Eu vim terminar o que estava dizendo, Tenente. Meu relatório sobre a sua atuação não estava errado."

"É mesmo?"

"É isso mesmo. Mas eu não podia dizer tudo. Vejo genialidade no seu voo, mas não podia dizer isso lá. Tive medo que todo mundo naquela classe visse através de mim. Eu não quero que ninguém saiba que eu me apaixonei por você."

- Você poderia assistir ao filme sem murmurar as frases, professora Charlie? - Arianna sibilou ao meu lado fazendo-me soltar uma pequena gargalhada e olhá-la.

- Quem me dera ser parecida com a Kelly McGillis. - desviei meus olhos dela para fitar Kelly e Tom Cruise se beijando na televisão.

- Eu também gostaria de ser como ela. Seduzir o Tom Cruise é para poucas. -

Arianna puxou o pote de sorvete das minhas mãos e retirou um pouco com a sua colher.

Era o nosso sábado dos filmes antigos e o escolhido da vez tinha sido o nosso favorito. Nossos amados Ases Indomáveis.

Nós estávamos na casa de Arianna e já devia ser próximo das dez da

noite. O pai dela, um senhor aposentado e idoso já havia se recolhido.

Então nós colocamos nossas camisolas puídas e sentamos no sofá para devorar um pote de sorvete de chocolate enquanto assistíamos á Top Gun.

- Ela é como toda mulher devia ser. Charlie é segura e não deixa aquele bando de pilotos ensinarem á ela o que fazer. E ainda consegue correr por aí de salto. - puxei o sorvete de volta. - Nós devíamos ser como ela.

- Não discordo. Mas já é difícil correr nessas vielas de tênis, quem dirá de salto.

- Arianna gracejou e nós duas gargalhamos.

- Se Júlia estivesse aqui ela diria que somos duas bobas assistindo á isso pela milionésima vez. - completei recordando-me da minha irmã.

- Porque você não quis ir com eles para o jantar na casa da sua tia? -

Arianna segurou meu braço fazendo-me desviar os olhos da televisão.

- Ah Ary. Algumas pessoas da família do meu tio vão estar lá. São pessoas mais abastadas e eu não ia me sentir bem. Além disso, já estou cansada de eventos da classe alta. - zombei, mas me arrependi logo depois. Arianna não deixaria a chance escapar.

- Você parecia se sentir bem com Damien.

Bingo!

- Vamos voltar ao filme. - murmurei irritada comigo mesmo. Porque eu tinha que abrir minha boca grande e trazê-lo de volta á conversa?

- Ellen, tem certeza de que não quer me contar sobre a conversa? O que Damien disse para você quando conversaram mais cedo? Se ele tiver

magoado você, eu vou...

- Eu só quero esquecer o que ele me disse. No fundo não importa. -

interrompi-a e dei de ombros. - Ele não me conhece. Eu não o conheço e nós não iremos nos ver nunca mais.

- Tudo bem. Não quero aborrecer você e nem estragar nosso sábado. -

Arianna sorriu e mudou de assunto. - Uma pena Jenny ter se acertado com Hugo.

- Arianna! - Fitei-a com os olhos arregalados.

- O que é? É uma pena porque ela não pode estar aqui com a gente. Por isso que eu digo sempre: amiga parceira é amiga solteira. - Ela encheu a boca de sorvete e tentou não rir.

- Você é uma amiga muito má. - empurrei-a de leve com os ombros.

- Eu não sou. - Ela falou após engolir o sorvete. - Má é você que nunca me apresentou aquele gato do Tk que trabalha com você.

- Trabalhava. - suspirei. - Além disso, ele é noivo.

Arianna me fitou confusa.

- Eu deixei o Garota Devassa. Falei com a Shar hoje a tarde e na segunda pela manhã irei acertar os detalhes.

Ela não conseguiu esconder o sorriso.

- Que bom amiga! Mas porque tomou essa decisão, você vivia dizendo que precisava do dinheiro.

- E preciso, mas não é mais conveniente. - falei lembrando os

momentos de horror na casa noturna.

Eu não quis contar nada a Arianna para não causar nenhuma preocupação uma vez que nada tinha acontecido. Tinha omitido essa parte e falado apenas do momento em que Damien apareceu e me levou para uma suposta conversa. Também revelei que tinha passado a noite na casa dele.

Era melhor assim. Eu conhecia muito bem a minha amiga para saber que se eu contasse os detalhes da conversa ela iria surtar e terminar por fazer um barraco na porta da casa dele. É verdade que Damien nem ficaria sabendo, uma vez que os armários que ele tinha como seguranças logo tirariam Arianna de lá. Mas eu não queria nenhuma cena.

- Eu fico feliz com isso. Lá não era lugar para você.

- É, mas agora terei de procurar outro prego e não faço ideia de como vou conseguir combinar meus horários. - suspirei.

Arianna soltou um grito ao meu lado e eu dei um pequeno pulo.

- Eu sei de um bufê que está contratando novas garçonetes. Podemos ir até lá na segunda durante o almoço, é perto da Tropical.

- Está falando sério? - sorri empolgada.

- Sim Ell. O horário é bastante flexível e eles trabalham exclusivamente á noite.

- Tomara que ninguém tenha ocupado a vaga então! - segurei as mãos

dela. - Assim eu vou conseguir liquidar com as dívidas ainda esse mês.

- E vai conseguir. - Arianna apertou minhas mãos e sorriu. - Quem sabe consiga até voltar para os estudos? Sei que é seu sonho ser arquiteta e você merece isso.

- Eu não sei Ary. Mesmo com a bolsa eu terei gastos e tenho que cuidar da minha casa. - Eu queria conseguir realizar o meu sonho, mas meus irmão vinham em primeiro plano. - Mas eu não vou desistir e sei que as coisas ainda vão melhorar.

- É assim que eu gosto! - Arianna me abraçou. - Agora eu vou voltar na parte hot do filme porque nós perdemos tudo conversando e divide esse sorvete! Você tá comendo tudo sozinha sua espertinha.

Na segunda, pouco antes das uma da tarde, Arianna e eu entramos no Boulevard Gourmet.

Mais cedo eu tinha ido ao Garota Devassa e acertado os detalhes com Shar. Ela ficou triste com a minha decisão de deixar a casa, mas entendeu que eu não me encaixava no lugar. Ela também me pediu desculpas e me informou que Jonathan havia sido expulso. Shar achava que eu devia denunciá-lo, mas eu não queria expor o clube. Eles haviam me recebido bem quando cheguei e no fim, um homem como ele dificilmente seria punido na nossa justiça.

Tk me fez prometer que manteríamos contato e eu o tranquilizei

dizendo que a nossa amizade não terminaria ali. Mas ainda assim, ele me fez concordar com um encontro assim que possível para que eu pudesse explicar quem era o homem com quem eu saí. Ele também deixou claro que não havia gostado de Damien. Quem podia culpá-lo?

Uma vez encerrado meu tempo no Garota Devassa, eu precisava encontrar uma outra ocupação que me rendesse um dinheiro extra e estava muito esperançosa quanto ao bufê elegante que eu agora adentrava. Era um serviço noturno e que pagava muito bem.

O escritório ficava em um prédio bem localizado e com uma fachada impecável. O piso era de mármore escuro e uma mulher ruiva de rosto bem maquiado nos recebeu na recepção com um sorriso educado.

- Em que posso ajuda-las?

- Ainda estão contratando novas garçonetes para o bufê? - inquiri.

A moça ampliou seu sorriso.

- Sim, a entrevista está ocorrendo no segundo andar. É só se sentar e esperar. - Ela me informou.

- Obrigada. - Sorri para a mulher e me virei para Arianna. - Torça por mim e me dê cobertura lá na Tropical se eu me atrasar um pouco. - falei erguendo o meu relógio e verificando as horas.

- Tudo bem. Vou dar um jeito na Mônica, relaxa. - Arianna me deu um abraço rápido. - Boa sorte, Ell.

Então ela se afastou, deixando a recepção e eu segui para o elevador.

Deus me ajude com isso. Eu preciso desse emprego.

As portas se abriram no segundo andar e eu saí apressada, logo me deparando com outra secretária e com mais duas outras garotas que estavam sentadas. Provavelmente também candidatas á vaga.

A garota que estava na bancada estava bem vestida e aparentava elegância como o lugar.

- Olá, eu sou a Ellen. Vim para a entrevista.

A secretária de cabelos negros e perfeitamente organizados puxou uma folha e verificou alguma coisa.

- Desculpe, mas seu nome não está na lista. - Ela fixou seus olhos negros em mim.

- E precisava?

- Sim, foi feita uma pré-seleção. - Ela falou baixinho.

Senti meu coração baquear, eu havia colocado tanta esperança naquele emprego!

- Puxa, eu vim até aqui. Será que não posso ao menos tentar a entrevista? -

insisti. Jenny sempre dizia que a persistência era a chave do sucesso.

A secretária franziu o cenho e me encarou por alguns instantes parecendo ponderar. De repente ela segurou minha mão.

- Olha você parece ser uma boa pessoa, então eu vou deixar que fique e faça a entrevista. Mas para todos os efeitos você também foi pré-

selecionada. - Ela sorriu para mim e eu sorri de volta contente.

- Obrigada!

Afastei-me da bancada da morena e me sentei junto das outras candidatas. Uma delas folheava uma revista e a outra estava de pernas cruzadas enquanto lixava as unhas. Não demorou para que a porta á nossa frente se abrisse e a garota da revista foi chamada.

Vinte minutos depois a outra garota também entrou na sala e finalmente chegou a minha vez de tentar a sorte.

- Você pode entrar agora, senhorita Ellen. - A secretária sorriu meiga para mim e me indicou a porta.

Inflei meus pulmões de ar e caminhei para dentro da sala que ela me indicava.

- Feche a porta, por favor. - Uma mulher que aparentava mais de quarenta anos me recebeu.

Ela usava seus cabelos castanhos em um coque profissional e um terninho na cor preta.

- Sente-se para que possamos conversar. - Ela me instruiu sem deixar de fitar o computador.

Eu obedeci e me aproximei da cadeira que ela me apontava. Sentei-me empertigada e esperei até que ela falasse novamente.

- Minha secretária Baby disse que perdeu sua ficha no meio dos arquivos. - Ela finalmente me fitou. - Qual o seu nome?

- Eu me chamo Ellen de Souza.

- Certo senhorita Ellen. - Para a minha surpresa ela sorriu. - Onde você mora?

Engoli em seco.

As pessoas costumavam ser preconceituosas quando eu dizia que morava no Alemão.

Como Damien Mason.

Balancei levemente a cabeça para me livrar do pensamento inoportuno e fixei meus olhos na mulher. Eu nunca tive vergonha de ser uma garota da periferia e não o teria agora.

- Eu moro no Alemão. - respondi.

A mulher pareceu não se importar com o fato e prosseguiu:

- Quantos anos você tem? Você estuda?

- Tenho vinte e dois. E comecei a cursar arquitetura, no entanto por motivos pessoais tive de trancar o curso.

- Pretende voltar algum dia?

- Sim. -- confessei. - É o que mais desejo.

- Bom. - Ela passou uma das mãos pelo cabelo. - Como você já deve saber, nosso bufê atende á pessoas exclusivas. Nossos serviços devem ser sempre impecáveis do início ao fim. Nós também trabalhamos muito nas noites de sábado e domingo. Estaria disposta a ceder o seu final de semana para trabalhar?

Ela me encarou séria e eu percebi que aquela era a pergunta chave.

- Eu estou disposta a fazer o meu melhor se contratada e se isso inclui os finais de semana então está tudo bem.

A mulher me estudou intensamente com seus olhos castanhos e por fim sorriu.

- Ótima resposta. - Ela se ergueu e eu a imitei. - Pode passar e pedir a Baby que lhe entregue a lista com os documentos necessários para a sua contratação. - Ela me estendeu a mão e eu a apertei. - Seja bem vinda ao Boulevard.

Fiquei entorpecida por um instante, mas depois um sorriso genuíno dominou o meu rosto.

- Obrigada. - A entrevistadora soltou a minha mão.

- Você foi a melhor que entrevistei até agora, espero que não me decepcione. - Ela parou de sorrir e ficou séria.

- Prometo dar o meu melhor.

- Então nós não teremos problemas. - Ela voltou a se sentar. - Você começa no próximo sábado. Haverá um jantar para receber o embaixador da Noruega e nós somos os responsáveis. Baby vai instruí-la melhor amanhã.

- Obrigada pela oportunidade. - agradei.

- Agradeça á Baby por ter perdido os seus papéis. - Ela piscou para mim e sorriu, deixando-me por um momento sem ação. Será que ela sabia da

verdade? - Nos vemos amanhã para o seu contrato. Tenha uma boa tarde, senhorita.

Era a minha deixa para sair.

Assenti e deixei a sala fechando a porta atrás de mim.

- E então? Como foi? - Baby deixou a bancada e veio até mim.

- Fui contratada. - compartilhei sorrindo.

Baby me abraçou, deixando-me subitamente surpresa.

- Opa! Desculpe-me. - Ela pareceu embaraçada. - Eu sempre faço isso.

Por isso não consigo um namorado, eu sufoco as pessoas. - Ela franziu o cenho aborrecida.

Não consegui evitar uma pequena gargalhada.

- Não se preocupe. - consolei-a. Eu já sentia empatia pela garota que havia acabado de conhecer. Talvez por ela ter me ajudado.

- Você vai precisar da lista com os documentos! - Baby correu de volta para mesa e voltou á mim com um papel. - Aqui está.

- Eu nem sei como te agradecer. Você me ajudou muito. - segurei a mão dela.

- Não há de que. - Ela apertou minha mão de volta. - Nossa! Eu nem te disse o meu nome. Desculpe-me de novo. Eu me chamo Bárbara, mas todos me chamam de Baby.

- Eu sei. Sua chefe me contou. - sorri e ela sorriu de volta.

- Quer almoçar comigo? Eu estou indo agora e posso te falar o que a espera no sábado. Eu também vou estar lá para organizar.

Quando Baby pronunciou a palavra almoço, eu me lembrei da hora e ergui o pulso. Uma e quarenta e cinco! Por Deus! Eu ia conseguir um emprego e perder o outro.

- Hoje não dá Baby, estou atrasada! Mas podemos fazer isso amanhã quando eu voltar para assinar o contrato.

- Certo. -- Baby concordou e acenou para mim enquanto eu me afastava em direção ao elevador.

Finalmente as coisas pareciam estar se acertando. Aquele emprego seria bem melhor do que o que eu tinha no clube.

Sorri para mim mesma quando fitei o meu reflexo no espelho do elevador.

Nada como um dia após o outro.

A senhora ainda se orgulhará de mim mãe. Eu seguirei seus passos.

Agora tudo o que eu tinha que fazer era ser a garçonete mais exemplar do jantar do embaixador no próximo sábado.

Peguei a bandeja com os sofisticados cogumelos vol- au-vent, salmão defumado e canapés e estabilizei-a. Outras garçonetes também estavam certificando suas bandejas e se preparavam para sair da enorme cozinha.

Baixei os olhos para verificar se tudo estava em seu lugar e se os guardanapos imaculadamente brancos estavam organizados com perfeição. Hora de sair e circular entre os convidados do embaixador. Eu precisava ser rápida e eficiente, recolhendo taças de champanhe quando necessário e deixando o lugar sempre com uma aparência impecável.

- Pare de se preocupar. Está tudo certo. - Baby parou ao meu lado com sua prancheta e sorriu.

- Estou um pouco ansiosa. - confessei.

- Tem certeza que é somente isso? - Ela me olhou intensamente.

Não, não era. Eu havia deixado David doente naquele sábado para ir trabalhar e estava preocupada. Titia estava na minha casa cuidado dele e de Júlia, mas ainda assim eu não podia deixar de me preocupar.

Não deve ser nada sério.

Consolei-me e decidi manter Baby fora do assunto. Eu não podia causar preocupações no primeiro

evento.

- É sim.

- Não fique. É só andar com um sorriso profissional e não deixar nada cair. - Ela me encorajou.

- Essa é a parte difícil com esses saltos. - desviei os olhos para o escarpam preto que eu estava usando. Nós trajávamos todas uma blusa branca de mangas curtas e uma saia preta pouco folgada que terminava

pouco acima dos joelhos, além dos saltos, é claro. - Mas eu vou conseguir.

- Eu sei que vai. - Baby sorriu mais uma vez e então se afastou.

Esse era o sinal para que nós começássemos a circular pela sala. O

evento começaria com um coquetel e logo depois haveria um jantar.

Seria uma noite cansativa, mas aquilo me renderia o bastante para liquidar a minha dívida. Era a minha grande chance.

Respirei fundo e finalmente deixei a cozinha em direção a ampla sala.

Ainda haviam poucos convidados e isso me deixou mais confiante.

Atravessei o ambiente com um sorriso profissional, como Baby me orientara, e comecei a servir os convidados.

A grande maioria sequer olhava o meu rosto e sorrisos em respostas eram raros, mas eu não me senti incomodada. Preferia mesmo que fosse assim. Na única e última vez em que estive num evento semelhante aquele, chamar a atenção só havia me trago problemas.

Aos poucos mais pessoas começaram a chegar e logo o lugar continha uma pequena multidão de pessoas, todas pareciam bastante contentes e a maioria tentava entreter conversa com o embaixador. Ele era um homem maduro e com uma vasta cabeleira loura e dava atenção á todos parecendo gostar muito da reunião.

Aumentei o sorriso enquanto servia um grupo de mulheres ao me

lembrar do quanto a minha situação no momento era irônica. Eu havia estado do outro lado, como convidada da festa e agora era a garçonete como a garota que me ofereceu champanhe.

Será que os pés dela estavam doendo como os meus estavam agora, naquele dia? Tentei me lembrar se ela também usava um salto, mas eu não havia reparado.

Meu pequeno momento de distração quase me fez estragar tudo ao esbarrar em uma loura ativa com a minha bandeja. Consegui ser rápida o suficiente para impedir que acontecesse o desastre de algo cair no vestido elegante da moça, mas ainda assim um pouco do molho dos canapés foi parar no braço dela.

- Preste atenção no que está fazendo, sua idiota! - Ela me afastou com um empurrão.

- Desculpe-me senhorita. - apressei-me a pegar um guardanapo, nervosa para limpá-la.

- Tire suas mãos de mim! - Ela voltou a me afastar e dessa vez o fez com tanta força que eu pensei que terminaria no chão com a bandeja caída sobre mim.

Mas antes que meu medo se tornasse realidade, senti meu corpo ser amparado por alguém atrás de mim. Um perfume conhecido adentrou minhas narinas e eu senti meu estômago dar voltas.

- Damien, meu querido. Pensei que fosse me deixar sozinha hoje.

A loura me afastou e eu finalmente me virei para encarar Damien. Seus olhos azuis pareceram tão surpresos quanto os meus num primeiro momento, mas logo ele tirou sua atenção de mim para fitar a mulher loura agarrada á ele.

- Tive alguns problemas na empresa. - Ele respondeu.

- Você trabalha demais, querido. - A loura sorriu sedutora e se inclinou para depositar um beijo nos lábios dele.

- Com licença. - balbuciei, sentindo-me perturbada pela cena que eu havia presenciado.

Idiota, Ellen. É isso que você. Uma idiota. Por acaso pensou que ele a veria diferente? Ele disse que não veria!

Debochei de mim mesma. Como eu podia ter ficado incomodada com o fato de ele estar beijando outra? É claro que ele beijaria outra. Outras, até. E eu não devia me importar com esse fato.

Rejeitei o sentimento junto com a imagem do beijo e caminhei de volta para a cozinha. Precisava limpar os respingos na bandeja e me acalmar um pouco. Provavelmente Damien iria ficar até o final do jantar com aquela loura e eu precisava ser ainda mais profissional. Nada de deixar sentimentos tolos atrapalharem a minha noite e os meus planos.

Quando cheguei à cozinha, Baby estava organizando novas bandejas. Ela me chamou assim que me viu.

- Ell, o jantar já vai começar. Agora todos vão ocupar as mesas na sala dois e nós vamos servir as entradas.

- Tudo bem.

Baby franziu o cenho.

- Aconteceu alguma coisa?

- Não. É só a falta de hábito com os sapatos. - sorri para ela.

- Se serve de consolo nem todos os eventos exigem esses sapatos. Esse foi assim porque houve essa exigência do cliente. - Baby tirou a bandeja das minhas mãos e a colocou na mesa. - Não se preocupe, isso não deve durar mais do que duas horas. As pessoas geralmente se cansam uma das outras quando há coquetel seguido de jantar.

Assenti e fui até as novas bandejas.

- Os pratos de base já estarão dispostos. Eu vou ficar na porta orientando á vocês para servirem as mesas pela ordem numérica.

Preparada?

- Sim. - falei e ergui a bandeja.

- Então vamos, eles já devem ter se acomodado.

Baby começou a sair da cozinha e eu a segui junto das outras garotas.

Ela se posicionou antes da entrada da sala dois e nós fomos organizadas em filas.

Então ela ia nos orientando as mesas a serem servidas.

- A sua é a mesa número oito, Ell. Sirva pelo lado esquerdo do senhor Mason.

- O que? - quase deixei a bandeja cair.

- Você não sabe quem é? É o homem de blazer branco e blusa preta. -

Ela apontou discretamente a mesa de Damien no salão. - O que tem a garota loura do lado.

Mas eu só podia ter cometido um grande pecado na minha outra vida!

Como eu poderia ser tão azarada assim? Tinha que ser logo a mesa dele!

- Vamos Ell, temos de ser rápidos. - Baby me empurrou sutilmente para dentro da sala e eu não tive outra escolha a não ser caminhar na direção da mesa de Damien.

Quando eu já estava próxima á mesa, os olhos dele encontraram os meus e eu senti minhas pernas virarem gelatina. Ele desceu o olhar pelo meu corpo e depois voltou a fixar seus olhos nos meus.

Meu coração bateu como louco no meu peito e eu preendi o ar quando me curvei ao lado dele para servir os pratos. Eu podia sentir seus olhos em mim, mesmo não fitando-o e tentei não me encostar á ele.

Quando me ergui mais uma vez, o olhar dele se fixou no meu.

- Obrigado. - Os lábios dele se movimentaram devagar e eu quase não acreditei que ele houvesse falado comigo.

Percebi quando a loura segurou o braço dele e me lançou um olhar intimidador. Não respondi nada e deixei a mesa.

- Você foi ótima. Agora é só fazer isso com o restante dos pratos até o fim do jantar. Pode ir descansar agora, à medida que os pratos tiverem

de ser trocados, eu aviso.

- Ok. - respondi e me dirigi á cozinha subitamente renovada. Agora eu poderia ligar para casa e verificar o estado do meu irmão.

Pela graça de Deus, ele estaria melhor.

A noite se seguiu sem mais nenhuma surpresa e apesar de Damien continuar me olhando de uma forma intensa toda vez que eu me aproximava para servir a mesa, ele não voltou a falar comigo.

Tia Meiry tinha me dito que David havia melhorado e que tinha até conseguido jantar, o que me deixou profundamente aliviada para trabalhar sem mais nenhuma preocupação.

Por volta das dez, todos começaram a se retirar e o lugar foi ficando cada vez mais vazio até todos partirem. Não consegui ver quando Damien saiu porque no final do jantar eu fiquei na cozinha para ajudar na limpeza de tudo o que nós utilizamos.

- Ell, eu sei que você já trabalhou bastante hoje, mas preciso que alguém vá até a sala dois e passe um pano nas mesas. As outras vão terminar o serviço aqui e como são poucas mesas não será um trabalho muito árduo. Pode fazer isso? - Baby segurou meu ombro.

- Claro que posso. - Coloquei a taça que eu estava lustrando sobre a mesa.

- Obrigada. - Ela sorriu e colocou a flanela na minha mão junto com um

produto de limpeza. - Deixei a Tv ligada no MTV para você se divertir, sempre trabalhamos melhor com música. Especialmente á essa hora da noite. - Ela riu e eu a segui.

- Vou aproveitar então. - pisquei para ela e saí da cozinha.

Quando cheguei na sala fiquei procurando o que limpar. As mesas pareciam impecáveis e até os arranjos de flores estavam intocados. A televisão estava realmente ligada e uma música internacional estava tocando.

Dei de ombros e resolvi limpar o que já estava limpo.

Primeiro as que estavam próximas ao pequeno palco onde o embaixador havia feito um pequeno discurso no meio do jantar. Depois as mais afastadas. No meio do trabalho eu já estava considerando meu final de noite divertido, mas tudo ficou ainda melhor quando eu ouvi a música que Arianna e eu gostávamos de dançar tocar.

Olhei para a televisão e soltei um gritinho empolgado.

Ah meu Deus! E agora? Eu não podia começar a dançar e eu sempre dançava aquela música! Mas estava no trabalho, não podia.

Tentei resistir bravamente, mas quando percebi já estava passando de uma mesa para outra com passos de dança e decidi aproveitar o momento. Que mal havia? Baby tinha me dado autorização.

Deixei os saltos de lado ficando descalça e soltei a minha voz junto com os

passos de dança que Arianna e eu havíamos ensaiado para usar nas festas, mas que eu nunca usava por vergonha.

"Vou desafiar você

Você diz que sabe dançar

Você diz que sabe mexer

Vai ter que me provar

Eu vou pagar pra ver

Você diz que não se cansa

Que na balada é a rainha da dança."

Depois joguei meus cabelos de um lado para o outro no passo mais movimentado sem me preocupar com os grampos que tinha usado para prendê-lo enquanto fitava a televisão.

"Então pode se preparar

Vou pedir para o DJ

Soltar um som, te chamar

Na batida é empolgação

Ela desce, vai até o chão

É a mistura do eletro e o tamborzão."

Quando a batida acelerou, eu me esqueci por um momento onde eu estava e ergui o braço rodando a flanelinha na minha mão agitando meus passos.

"Você diz que rebola

Então vai, então vai

Provocando ela mexe

Então desce, então desce

Realmente é rainha, ela acaba comigo

Já provou que é top e também tem estilo

Quando empina e faz o quadradinho."

Depois vinha a parte que Arianna me instruía a ser sensual e depois brigava comigo por ter vergonha de fazer o quadradinho:

"Então rebola

Rebolando ela desce (então desce)

Realmente é rainha, ela acaba comigo

Já provou que é top e também tem estilo

Quando empina e faz o quadradinho."

Quando a música chegou na batida eletrônica eu sorri e continuei a esboçar o que lembrava dos movimentos segurando a franja que escorregava para o meu rosto.

"Para um lado, para o outro, depois cruze os braços e jogue os cabelos."

Escutei a voz de Arianna me orientando em um dos nossos ensaios na casa de Jenny. Ela sempre foi melhor do que eu nisso.

- Vou desafiar você. - ofeguei a última frase da música e soltei uma gargalhada completamente eufórica.

- Eu me senti pessoalmente desafiado, Darling.

Girei sobre os calcanhares na mesma hora e encontrei Damien encostado ao limiar da porta com as mãos nos bolsos. Ele sorria malicioso e eu fiquei pasma.

- O que você está fazendo aqui? - gaguejei.

- Vim buscar o meu blazer. - Ele adentrou a sala com passos firmes e pegou seu blazer numa das cadeiras. Depois começou a caminhar na minha direção.

- Quanto tempo você ficou ali? - indaguei recuando alguns passos para trás.

- Praticamente desde a hora em que você começou a fazer seu desafio.

Então ele tinha presenciado toda a minha dança na sala!

Senti meu rosto queimar de vergonha. Eu nunca havia dançado perto de ninguém além de Arianna e Jenny e agora tinha feito um papel ridículo na frente de Damien. Onde eu estava com a cabeça de dançar aquilo?

Que insensato!

Desviei meus olhos do rosto dele e fitei meus pés. Então dei mais um passo para trás e minhas costas bateram contra uma das mesas.

- Você é uma ótima dançarina, my bunny. - Damien ergueu o meu queixo obrigando-me a fitá-lo.

Ele se aproximou mais e todo o meu corpo ficou tenso.

- Não se aproxime, por favor. - Encolhi-me contra a mesa para que nossos corpos não se tocassem.

- Eu tentei, Darling. Juro que passei toda a noite ignorando suas pernas maravilhosas desfilando entre os convidados. - Ele ignorou o meu apelo e acariciou a lateral do meu rosto. - Mas você está criando novas fantasias na minha mente vestida desse jeito, Ellen.

- Damien, nós já conversamos. Isso não pode dar certo. Eu não quero você. - Tentei afastar a mão dele do meu rosto, mas o que ele fez foi desviá-la para a minha nuca.

- Você não me quer? - Ele massageou meus cabelos com a ponta dos dedos.

- Não. -- respondi ignorando a sensação prazerosa que o toque dele me causou. Eu não ia ceder depois da nossa última conversa.

Damien então se curvou e mordiscou o meu queixo. Depois ergueu sua cabeça e fixou seus olhos nos meus.

- Você é uma mentirosa, Ellen de Souza.

Então sua boca desceu sobre a minha quente e sedutora.

Algum lugar na minha mente me alertou para afastá-lo e impedi-lo de me tocar daquela maneira, mas quando o outro braço dele me envolveu pela cintura, minha sanidade desceu pelo ralo. Minhas mãos deixaram

de afastá-lo e meus dedos se enrolaram no tecido da sua camisa, puxando-o para mim.

Damien soltou um grunhido diante da minha reação e mordiscou meu lábio inferior para depois sugá-lo fazendo-me deixar um som escapar pela minha garganta. Som que ele bebeu com mais um beijo.

Quando nós nos separamos ambos estávamos sem fôlego.

Senti quando ele passou o dedo pelo meu lábio superior.

- Delicioso e infinitamente mais inebriante. - Ele sussurrou próximo ao meu rosto fazendo-me abrir os olhos e encará-lo.

- O que? -- balbuciei entorpecida.

- O seu gosto, my Darling. É ainda melhor que o cheiro.

Damien voltou a se aproximar para me beijar, mas dessa vez eu tomei consciência de estupidez que havia acabado de fazer.

- Não! - afastei-o de mim. - Isso não devia ter acontecido.

Eu não podia ter deixado que ele me tocasse! Ele havia me dito coisas horríveis e tinha aparecido naquela festa com outra. Mas ainda assim eu o deixei me beijar. Como eu podia ser tão idiota? Onde estava o meu amor próprio?

Droga, droga!

Meu desgosto por mim mesma era tanto que senti a linha dos meus olhos se encherem de água.

- Não só devia como iria acontecer, Ellen. - Damien pareceu um pouco confuso,

mas logo se recuperou. - Quando existe esse tipo de atração entre duas pessoas é difícil fugir.

- Você não devia ter vindo aqui. - Saí dos braços dele. - Nós já estamos resolvidos e você deve ir embora agora.

Caminhei até a mesa e peguei a flanela que eu havia abandonado no meio da música.

- Você não pode me dizer o que fazer. - Damien me segurou pelo punho e me virou na direção dele. - Não parecia insatisfeita quando estava nos meus braços.

- E você não podia ter me tocado! - exaltei-me e puxei meu braço, mas caminhei na direção dele. - Porque não volta para a loura que estava te acompanhando mais cedo? É assim tão difícil para você me deixar em paz? Se você acha que eu vou dormir com você, você está...

Mas antes que eu pudesse terminar a frase, ele me segurou mais uma vez e sufocou minhas palavras com outro beijo. Dessa vez ainda mais ousado e que fez todo o meu corpo parecer gelatina nos braços dele.

Ele apertou meu corpo contra o dele e depois desceu os lábios pelo meu pescoço. Então soltou uma risada rouca próxima ao meu ouvido.

- Eu não tenho pressa Ellen. -- Ele sussurrou e depois beijou meu queixo.

- E sei que você e eu ainda iremos nos entender.

Fiquei sem palavras enquanto seus olhos azuis me estudavam. Ele parecia ter certeza do que acabara de dizer.

- E não precisa ter ciúmes da Corine. Eu não a quero. Sabe por quê? - Ele roçou nossos lábios mais uma vez. - Porque eu quero você, Ellen. Desde aquela recepção. Apenas você. E você também me quer. Pode negar para si mesma, mas sabe que no fundo eu sou o único a encarar os fatos. E os fatos são simples: Você quer e vai dormir comigo.

Arrogante!

Empurrei-o pelo peito e me afastei dele até esbarrar em uma cadeira.

- Eu não vou fazer isso. - encarei-o séria.

Damien se aproximou de mim e afagou meu queixo para depois manter o meu rosto próximo ao dele.

- Isso é o que nós veremos, my bunny. - Então ele sorriu de lado e capturou uma das minhas mãos. - Até breve, senhorita.

Depois de depositar um beijo no dorso da minha mão, ele finalmente se afastou com o blazer saindo da cozinha.

- O que ele fazia aqui? - Baby entrou na sala.

- Ele... Ele esqueceu o blazer. - respondi um tanto atônita pelas últimas palavras dele.

Baby não pareceu notar nada.

- Bem, você já pode pegar suas coisas e ir para a van. - Ela sorriu para mim. -

Viu? Deu tudo certo e amanhã o seu pagamento já estará na conta. O mais difícil você já conseguiu.

- É. Parece que sim. - sorri de volta para ela.

Eu só não sabia o que tinha acabado de conseguir naquele sábado á noite.

Capítulo 7: Maldita Sorte

"Afrodite da quebrada, ela é "chique" como se fosse..." (Aqueles Olhos – Dom M)

— Júlia, você entregou o dinheiro do aluguel ao senhor Paulo como eu pedi? — falei enquanto abria o forno para verificar a lasanha que eu estava preparando para o nosso almoço.

— Eu entreguei, Ell. E disse tudo o que você me falou. — Júlia respondeu sem desviar os olhos do seu aparelho de telefone.

— E o que ele disse?

— Ele disse que está tudo certo e que agora você não deve mais nada.

Soltei um suspiro aliviado. Os alugueis já estavam todos pagos.

Observei a coloração do queijo e inspirei o bom cheiro da minha pequena obra de arte. Cozinhar era uma coisa que eu gostava de fazer, principalmente cozinhar para os meus irmãos durante as minhas folgas.

Nós ficávamos bastante separados, então eu prezava muito esses dias porque podia fazer algo que eles gostavam de comer e nós três podíamos conversar.

— Onde está David? — Voltei a fechar o forno e lancei os olhos para o relógio. Apenas mais alguns minutos.

— Ele está deitado no quarto. — Júlia deixou o telefone e me olhou. —

O almoço ainda vai demorar?

— Não. — comecei a dispor os pratos na mesa. — Em cinco minutos tudo deve ficar pronto.

— Ótimo, porque a Renata e eu vamos ao shopping logo após.

— Você combinou de sair com alguém hoje? — encarei-a incrédula.

— É... Sim. — Júlia deu de ombros. — É que a Renata quer que eu a acompanhe em umas comprinhas daí eu disse que sim. Tudo bem né Ell? Eu posso ir, não é?

Júlia sorriu tão empolgada que eu não consegui brigar por ela deixar a mim e David sozinhos.

— Tudo bem. — concordei. — Mas da próxima vez me avise um pouquinho mais cedo.

Ela saltou da cadeira e me surpreendeu com um abraço.

— Obrigada Ell. Prometo que lavo a louça depois do jantar.

Abracei-a de volta e sorri. Júlia podia ser um pouco teimosa, como qualquer outra adolescente, mas tinha um coração bom.

— Tome. — Coloquei a mão no bolso da minha calça jeans. — Leve esse dinheiro para você se divertir.

Coloquei algumas notas na mão dela e Júlia piscou surpresa.

— Agora tente não gastar tudo com esmaltes e brincos. Coma alguma coisa também e tente não chegar muito tarde. Eu me preocupo. —

Orientei-a.

— Tudo bem. Eu juro juradinho que não vou chegar tarde. — Ela voltou a me abraçar.

— Então está tudo certo. — Separei-me dela e me aproximei do forno.

— Agora vá chamar o seu irmão para que possamos almoçar antes de você sair.

Júlia assentiu e saiu da cozinha em direção aos nossos quartos.

Desliguei o forno e tirei a lasanha para colocá-la sobre a pia então escutei o meu celular vibrar anunciando uma nova mensagem.

Aproximei-me da mesa e ergui o telefone para encontrar uma mensagem de Tk.

"Preciso de companhia para assistir Piratas do Caribe pela milionésima vez."

Sorri com o convite que mais parecia uma ordem e comecei a respondê-

lo.

"Onde está a Tuanne?"

A resposta veio logo em seguida.

"Ela está no interior na casa dos pais e me deu permissão para assistir Piratas do Caribe."

Tuane, a noiva de Takashi era uma boa garota. Tinha vindo do interior do estado para trabalhar e ajudar sua família que ficou em sua cidade natal. Os dois se conheceram á dois anos atrás e agora estavam noivos.

Eu gostava bastante dela. Era uma mulher compreensiva e era menos explosiva que o meu amigo. Os dois era um casal que se encaixava.

"Essa noite estou ocupada Tk. Quero passar um tempo com David e Júlia."

— Ell, David disse que está cansado e prefere dormir. — Júlia entrou na cozinha e chamou a minha atenção.

— Cansado? — repliquei confusa.

— É, ontem ele ficou até tarde assistindo Sobrenatural, agora está com sono.

— Vocês tem que parar com essa mania de dormir de madrugada. —

desliguei as panelas que ainda estavam ligadas. — Tudo bem. Ele almoça quando acordar.

Meu celular vibrou mais uma vez.

— Eu vou pegar o nosso refrigerante. — Júlia falou e foi até a geladeira.

Fui até a mesa e peguei o telefone.

"Quanto mais gente melhor. Eu vou levar os filmes e a pipoca."

Ele estava vindo para a minha casa? Mas antes que eu pudesse responder qualquer coisa outra mensagem chegou.

“ Vou lavar o carro e chego aí por volta das sete horas. Vou levar também aquele Box de Sobrenatural e deixar com o seu irmão para ele poder se adiantar com as temporadas."

— Quem está te mandando mensagens? — Júlia puxou o telefone das minhas mãos antes que eu pudesse impedi-la. — Uhum... senhor Takashi ataca de novo.

— Me devolve o celular Júlia. — tentei recuperar o telefone, mas ela se esquivou.

— Ele está mandando outra: "Assim nós também poderemos conversar e você pode me contar sobre o que aconteceu naquele dia em que saiu com o tal Damien." — Júlia me encarou de cenho franzido. —

Quem é Damien?

— Já chega. — Tirei o celular das mãos dela e guardei no meu bolso. —

Ou nada de shopping por hoje.

— Tudo bem, tudo bem. Não precisa ficar tão irritada! — Ela ergueu as mãos em sinal de rendição e depois sorriu maliciosa. — Esse Takashi gosta de você.

— Não diga bobagens, Júlia. — Comecei a servir nossos copos com o refrigerante. — Tk é noivo e nós somos apenas bons amigos.

— Sinto muito Ell, mas até um cego veria isso. E tá na cara que ele ficou com ciúmes desse tal Damien com quem você saiu. — Ela começou a cortar a lasanha para colocar no prato, mas de repente parou e soltou um grito. — Espera, você saiu com um cara? Quando? Ele era bonito?

Soltei um suspiro cansado.

— Eu não saí com ninguém. — Foi mais uma questão de necessidade, recordei-me. — Agora vamos almoçar, porque você tem que sair não é mesmo?

Sentei-me na mesa depois de fazer o meu prato.

Júlia soltou um suspiro parecido com o meu.

— Tudo bem. — Ela se sentou na mesa ao meu lado. — Mas você não vai escapar de mim, eu vou perguntar até você me contar e você sabe que eu faço isso.

Não consegui segurar a gargalhada.

— Certo, maninha. Vamos ver quem leva a melhor no final.

Julia saiu alguns minutos depois do nosso almoço. David continuou dormindo no quarto e mesmo preocupada por ele não ter comido nada, eu resolvi não acordá-lo. Então eu me sentei na sala para assistir á mais um filme de comédia romântica da sessão da tarde. Por sorte, estava passando um filme mais antigo e que eu gostava muito. Eu sempre adorei assistir ao Pai da noiva. Talvez pelo fato de não ter tido um pai tão protetor como o da protagonista.

No meio do filme, resolvi mandar uma mensagem para Arianna. Não estava mais aguentando guardar só para mim os acontecimentos do último sábado, e como Jenny tinha saído da cidade com os pais de Hugo, recorri a Arianna primeiro.

"Ary, preciso te contar uma coisa. Quando sair da lanchonete me avisa."

Alguns segundos e eu já tinha a resposta.

"Quando sair da lanchonete uma ova! Pode começar a contar agora, estou fingindo que organizo a dispensa assim podemos conversar."

Soltei uma gargalhada. Arianna era terrível.

Comecei a digitar um texto enorme contando tudo, mas depois pensei que ela me faria contar todos os detalhes novamente quando me encontrasse. Então escrevi somente o essencial.

"Damien me beijou."

Apertei o botão de enviar com os olhos fechados. Ela iria surtar.

De repente, meu celular começou a sofrer uma onda de vibrações, uma mensagem seguida da outra, todas em caixa alta:

" O QUE??"

.. PUTA MERDA, MULHER!!"

.. VOCÊ TÁ BRINCANDO COMIGO GAROTA?"

..QUANDO ISSO ACONTECEU?"

ÈLE BEIJA BEM?"

.. MAS VOCÊ DISSE QUE NÃO IA ENCONTRÁ-LO NUNCA MAIS."

ÃI CARAMBA, ESBARREI NO MALDITO VIDRO DE AZEITONA IMPORTADA. VOU TER QUE PAGAR ESSE TROÇO AGORA!!"

Tive um ataque de risos diante da última mensagem e depois comecei a respondê-la:

"Eu não estou brincando garota. Aconteceu sábado, ele estava no coquetel do embaixador. Eu pensei que não fosse mais vê-lo, mas você conhece a minha maldita sorte. Então aconteceu..."

Mandei a mensagem sem terminá-la. Era constrangedor apenas me lembrar de que ele me encontrou quando eu estava dançando de uma mesa para a outra com aquela flanela parecendo uma maluca.

"Essa história tá faltando pedaço. Conta as coisas direito Ellen de Souza!

Eu vou pagar uma boa grana naquela azeitona. Faça ter valido á pena."

Suspirei e comecei a tecer um resumo do que acontecera, contando até sobre a parte humilhante em que eu dançava. Arianna achou tudo hilário, para variar. Ela adorava rir as minhas custas e ás custas de Jenny.

"Então você se agarrou á ele como um macaco prego? Sua devassa."

Soltei mais uma gargalhada diante da comparação dela e preparei-me para respondê-la, mas Arianna me

mandou outra mensagem.

"Ell, a chata da Deborah tá vindo me vigiar toda hora. Essa garota é um porre.

Vamos ter que conversar quando eu chegar do trabalho. Eu vou na sua casa, tá?"

Eu ia concordar, mas então me lembrei da vista de Tk. Nós não ficaríamos á vontade para debater o assunto.

"Hoje a noite Takashi vai estar aqui. Mas nós conversamos amanhã no trabalho ou a noite."

"Tudo bem. Além disso, eu ia querer agarrá-lo e você disse que ele está noivo. É melhor eu não me colocar em tentação."

Sorri para o telefone. Arianna era impagável. Digitei uma nova mensagem.

"Então nós nos vemos depois."

Arianna me respondeu pela última vez:

"Nos vemos. Agora Ellen, não se preocupe com Damien. Quando o mel é bom, a abelha sempre volta. Beijokas Gata!"

— Ell? — a voz de David chamou a minha atenção e eu me virei para olhá-lo.

David na entrada da sala vestido com uma bermuda azul e sua camisa do Star Wars que dei á ele na época em que frequentava a faculdade.

Ele adorava aquela blusa.

— David! Que bom que acordou! — deixei o celular no sofá e fui até ele.

— Deixei um prato prontinho para você no micro-ondas. Como você está? — Acaricieei seus cabelos castanhos.

Desde o dia em que ele havia reclamado dores no abdômen, eu ficava em constante estado de preocupação. Naquele sábado nós o levamos a emergência, mas as dores cederam assim que chegamos. O médico nos disse que devia se tratar de algum alimento estragado e nos receitou um remédio antes de voltarmos para a casa.

David não voltou a apresentar o quadro, mas para mim ainda não

parecia recuperado totalmente. Ele estava com uma aparência cansada e eu resolvi marcar uma consulta, mas as coisas podem demorar num hospital público e nós teríamos de esperar para ver o médico.

— Eu estou bem. Só estou com fome. — Ele disse e depois sorriu.

— Então vá comer. — Lancei os olhos pela pequena sala e verifiquei o relógio sobre a estante. Quase

seis horas. — Eu vou tomar um banho.

Takashi está vindo para assistir Piratas do Caribe e vai trazer o restante das temporadas de Sobrenatural para você.

— Verdade? — Ele se empolgou. — Nossa! Mal posso esperar para saber como Dean Winchester vai escapar do inferno, porque ele vai escapar.

— Sabe que eu também estou curiosa? — David gostava tanto da série que conseguiu passar o gosto para mim também. — Bom, vou tomar banho. Júlia saiu com Renata e se eu as conheço bem, vão me ligar e pedir para que eu a deixe passar a noite por lá. Se isso acontecer atenda o telefone e diga que ela tem aula amanhã e por isso precisa voltar, certo?

— Pode deixar! Ela vai ficar pirada. — David sorriu malicioso.

— Se Tk chegar, deixe-o entrar. Ele sempre se adianta.

Sorri para David e então me afastei em direção ao banheiro. Seria um bom fim de noite.

“Mas se ele não é dos seus e também não é dos nossos... Então de quem ele é?”

— Ele é da marinha. — Tk falou ao meu lado e eu o empurrei. — O que é?

— Não fique me contando o filme. — repliquei.

— Você já viu esse filme, Ellen. — Ele disse com voz tediosa.

— Eu sei, mas não gosto que me contem. — respondi e gargalhei sabendo que não havia sentido na minha resposta.

Takashi gargalhou também.

Olhei para o outro sofá e percebi David dormindo abraçado com o box de sobrenatural.

— Obrigada. — virei-me para Takashi. — Ele ficou muito feliz.

— Não foi nada Ell. — Tk sorriu terno. — Eu gostaria de fazer mais por vocês. Sei que as coisas não tem sido fáceis para vocês Ellen... — de repente a frase morreu nos lábios dele.

— O que foi Tk?

— Ellen, eu sei que não é da minha conta, mas porque você foi embora com aquele cara na sua última noite no clube?

Fiquei muda por alguns instantes. Eu não sabia como responder aquela pergunta, sem trazer novas perguntas á tona para também serem respondidas. Mas antes que eu pudesse falar qualquer coisa, Tk voltou a falar.

— Olha, Ellen. Você não precisa fazer isso... Eu... Eu posso te ajudar

mais. — Ele segurou a minha mão. — Você não precisa ter nada com aqueles caras.

Puxei a minha mão dele na mesma hora.

— Takashi Shimizu, o que você acha que eu fiz? — Encarei-o séria.

Tk piscou e depois engoliu em seco.

— Eu falei merda não foi? — Ele passou as mãos pelos cabelos e suspirou. Mas seu suspiro parecia de alívio. — Desculpe-me Ellen. Mas quando você saiu com aquele cara, todos pensaram que era...

— Oh... — arfei e levei às mãos a boca.

Claro! Eu saí com um dos homens ricos que estavam no lugar. Era óbvio que todos pensariam que Damien tinha me comprado.

— Oh Takashi! — segurei as mãos dele. — Eu juro para você, eu não...

Eu não me vendi.

Para minha surpresa, Takashi sorriu.

— Eu sei, Ellen. Fui um tolo a pensar isso agora a pouco. Você jamais faria uma coisa dessas.

— Obrigada. — agradei.

— Para isso são os amigos. — Ele ergueu a mão e eu pensei que fosse tocar o meu rosto, mas então o meu celular começou a tocar.

— Deve ser a Júlia! — pulei do sofá e fui até o meu telefone na estante.

Agarrei o celular, mas para a minha surpresa era Arianna que estava me ligando.

— Ary?

— Estou indo para a sua casa agora, expulsa o Takashi porque nós temos que conversar.

— O que?

— Conversar. Não vou conseguir dormir se você não me contar toda aquela história direito, por isso se livra do Chan. — Ele insistia em associá-lo ao Jackie Chan, mesmo o ator sendo chinês.

— Ary, eu não posso fazer isso. — repliquei.

— Então deixa que eu faço. Passe o telefone para ele.

— Nem pensar. — gargalhei.

— Então fale com ele. Invente uma desculpa, eu sou amiga sua a mais tempo que ele. Tenho preferência.

— Consegui imaginá-la fazendo um bico.

Suspirei.

De fato eu queria falar com Arianna sobre Damien. Contar as coisas que ele me disse e dissecar os detalhes, mas não poderia fazer isso com Tk por perto.

— Tudo bem. Eu vou falar com ele.

— Não demora, porque eu chego em dez minutos! — Ary falou e depois encerrou a chamada.

— Tk...

— Eu sei. Você vai me expulsar. — Ele se levantou do sofá. — Escutei sua amiga implorar por isso.

— Me desculpe. — sorri sem graça.

— Não se preocupe. — Ele sorriu para mim. — Eu tenho mesmo que ir.

Tenho umas coisas para fazer antes de dormir.

— Você quer dizer que vai jogar vídeo game. — gargalhei.

— Você me conhece bem. — o sorriso dele se ampliou e ele me puxou para um abraço. — Boa noite Ell.

— Boa noite para você também, Takashi.

Tk assentiu e se afastou e direção á porta. Eu o segui até lá.

— Fique com os filmes para você se divertir, eu volto outro dia para buscá-los. — Ele parou já do lado de fora da sala.

— Obrigada. E você tenha cuidado dirigindo para a casa. — sorri para ele. — E diga a Tuanne que já estou com saudades.

— Eu vou dizer. — Ele sorriu fraco. — Até logo.

Ele se virou e seguiu para o portão. Eu o esperei sair e fechei a porta.

De repente, meu celular voltou a tocar. Dessa vez era Júlia.

— Não. Você não pode dormir na casa da Renata. — falei assim que coloquei o aparelho na orelha.

— Deixa Ell! Por favor! Por favorzinho! Nós só queremos conversar e tomar chocolate quente!

— Júlia, você tem aula amanhã. — observei David dormindo e sorri.

— Eu estou com as minhas coisas da escola aqui. — Ela me revelou.

— O que? Então você já tinha planejado isso?

— É que eu sei que a minha irmãzinha tem um bom coração e vai me deixar ficar. — Ela fez uma voz amável. — Por favor Ell, eu vou para a aula e volto para a casa nos horários certinhos.

— Eu não sei Júlia...

— Só hoje.

— Nunca é só hoje. — gargalhei pensando nas outras situações parecidas. — Tudo bem, você pode dormir aí. Mas não se acostume.

— Obrigada Ell! — Júlia comemorou.

— Diga a dona Estela que eu mandei um beijo. — Estela era a amável mãe de Renata.

— Eu vou dizer. Muito obrigada, eu amo você maninha! Tchauzinho! —

Ela falou rapidamente e eu nem tive tempo de responder porque ela desligou o telefone.

Na mesma hora, Arianna invadiu a minha sala.

— Agora você vai me contar tudo! Eu preciso saber como você conseguiu um cara da Forbes!

Ela então me arrastou para o quarto e me fez contar tudo. Discorrendo

sobre todos os detalhes do último sábado. No final, eu estava exausta de responder a tantas perguntas e Arianna estava mais séria do que quando chegou.

— Ell, você quer a minha opinião verdadeira?

— Claro Ary.

— Fique longe desse Damien. — Ela segurou a minha mão. — Ele não me parece uma boa pessoa. Tenho medo de que ele a machuque.

— Arianna, eu não vou me envolver com ele.

Não poderia. Aquele beijo não apagava as palavras que ele me disse no almoço. Suas acusações ainda estavam na minha mente.

— Mas ele quer se envolver com você e pelo que você me disse, ele está encarando tudo isso como uma espécie de jogo. E se você acabar cedendo?

— Pelo amor de Deus Ary! Eu não vou dormir com ele só porque ele quer. Damien não vai conseguir nada de mim.

— É o melhor amiga. Esse cara... O jeito que ele age. Ele só quer usar você Ell. Não permita isso.

— Eu não vou permitir Arianna. — Encarei-a séria. — Além disso, ele logo vai esquecer tudo isso. Um homem como ele tem outras opções além de mim. Fique tranquila.

Arianna sorriu e me abraçou.

Não importava o quanto eu estivesse atraída por ele. Eu não cederia aquele impulso de nenhuma forma, porque eu não conseguiria entregar o meu corpo sem entregar o meu coração.

Concentrei-me numa letra de música de um dos meus cantores favoritos. Era um milagre a subgerente nos deixar ligar o rádio na cozinha. E nesse dia eu estava mesmo com sorte, porque estava tocando um especial do meu cantor favorito, Projota.

Eu adorava as letras dele. Sempre eram bem construídas e me tocavam profundamente. Faziam-me refletir e às vezes me davam força para continuar a lutar mesmo diante de tantos problemas.

— Eu me casaria com esse cara. — Arianna sorriu para mim enquanto me ajudava a preparar os pães para sanduíches.

— Quem não se casaria? — graciejei.

— Imagine se ele quisesse se casar comigo? Ele cantaria Até o final para mim e depois nós caminharíamos pela orla da praia de mãos dadas enquanto ele me fazia promessas...

De repente a voz de Deborah cortou a nossa conversa.

— Ellen, o senhor Frazão está chamando você no escritório.

Lancei um olhar para Arianna. Será que ele tinha descoberto alguns dos meus atrasos?

— Você sabe porque ele quer falar comigo, Deborah? — arrisquei.

— Sei lá. Mas eu ouvi ele e a Mônica conversando sobre demitir alguns funcionários. — Ela sorriu maliciosa. — Mas não deve ser isso né? Você é uma ótima funcionaria.

A ironia estava escorregando pelos lábios dela, mas eu resolvi não discutir. Lavei as minhas mãos e as sequei no avental para depois tirá-lo.

Então saí da cozinha em direção as escadas que dariam para o segundo andar.

O que será que ele queria? Eu não conseguia encontrar nada nos meus últimos feitos que me rendessem uma demissão. Eu tinha parado de me atrasar e vinha fazendo o meu trabalho melhor possível, justamente por isso. Eu não podia ter uma demissão agora, eu estava bem perto de pagar tudo o que eu devia. Ia poder dar uma vida melhor para os meus irmãos e quem sabe voltar para a faculdade.

Parei diante da porta do escritório e inspirei profundamente.

"Acalme-se Ellen. Não deve ser nada grave, talvez uma pequena bronca."

Bati duas vezes contra a madeira.

— Entre e feche a porta. — a voz ordenou lá de dentro.

Empurrei a porta e entrei no escritório. Então me virei e fechei a porta sem olhar para a mesa do chefe. Mas quando eu voltei meu rosto para o

outro lado, esperando encontrar o gerente, fiquei paralisada com o que vi.

— Olá, Darling.

— Damien? — ofeguei.

Ele estava sentado despojadamente no local que Frazão deveria ocupar.

Trajava roupas de escritório e estava com um sorriso descarado na minha direção.

— O que você faz aqui? — soltei sem nem um pouco de delicadeza.

— Ellen! Não é assim que você deve falar com o senhor Mason. — Virei-me para me deparar com o meu chefe. Ele tinha um olhar de reprovação na minha direção.

— Não se preocupe, Frazão. Eu não me importo. Sei por que ela fala comigo dessa forma, mas também sei exatamente o que fazer para que ela não fale nada.

Damien me lançou um olhar sugestivo e a lembrança do nosso beijo me fez aquecer por inteira.

— O senhor Mason está aqui para lhe fazer um convite, Ellen. — Frazão prosseguiu.

— Convite? — desviei meus olhos de Damien para ele.

— Eu quero que me faça companhia durante o meu almoço hoje, Darling.

Olhei para ele confusa.

Damien se levantou da cadeira e caminhou na minha direção.

— Pode nos dar licença agora. — Ele acenou e eu vi Frazão deixar o escritório como se o lugar pertencesse a Damien.

— O que você está fazendo? O que significa tudo isso, senhor Mason?

— Dei alguns passos para trás quando ele se aproximou de mim.

— Eu gostaria de saber qual é o seu critério para me chamar de Damien ou senhor Mason. — Ele segurou meu rosto.

— Damien... Você não pode fazer isso. Não pode aparecer assim no meu trabalho.

— Está vendo? Agora me chamou de Damien. — Ele acariciou meu queixo. — Acho que me chama de Damien quando quer que eu a beije.

Mas eu preciso comprovar a teoria.

Ele se aproximou, mas eu saí dos braços dele.

— O que você quer?

Damien soltou um suspiro.

— Eu já disse. Quero que me faça companhia no almoço.

— Damien, eu não vou fazer isso. — olhei para ele. Estava lindo em sua roupa de dono do mundo com os braços fortes cruzados sobre o peito.

Mas eu não podia me esquecer que por baixo da beleza estava um homem desconfiado e arrogante. — Não vou ter um caso com você.

Ele soltou uma gargalhada.

— Não é isso que eu quero. — Ele caminhou até mim e eu me arrependi de ter me encostado a mesa, pois agora Damien não me deixava saída.

— Não? — Mantive meu olhar no dele. — Então o que você quer?

— Você vem almoçar comigo e eu digo o que eu quero, my bunny. —

Ele descansou suas mãos na minha cintura. — Eu prometo que revelo tudo.

Encarei-o sem saber se devia acreditar nele.

— Eu não vou morder você, Darling. — Damien sorriu malicioso. — Você sabe qual é a minha condição para morder.

Ele baixou a cabeça respirou próximo ao meu pescoço. Senti minha pele se arrepiar.

— Eu geralmente não almoço. Faço horas extras. — respondi tentando manter o meu autocontrole.

Damien ergueu a cabeça.

— Não será um problema, como vê, já falei com o seu chefe. — Ele afagou meu pescoço. — Uma conversa Ellen, é apenas o que eu quero.

Os olhos azuis prenderam os meus e de repente, eu não consegui ter outra resposta.

— Tudo bem. Eu vou com você.

Damien sorriu e voltou a repousar as mãos na minha cintura.

— Tenho certeza de que você não vai se arrepender.

Então ele se colocou do meu lado e passou seu braço direito em torno da minha cintura.

— Onde nós vamos? Eu não estou muito bem vestida. — Parei antes de sairmos do escritório.

Damien me analisou e eu me senti desconfortável.

— Tudo bem. — Ele falou, mas seu rosto denunciava o contrário. — Eu sei de um lugar onde nós ficaremos á vontade.

Ele me apertou contra si.

Antes de sairmos, eu me lembrei do que prometi a Arianna. Mas eu não estava me envolvendo com ele. Nós só iríamos conversar. Talvez assim nós dois pudéssemos resolver todos os nossos assuntos de uma vez por todas e eu terminaria com aquela minha maldita sorte de tê-lo ao meu encalço.

Capítulo 8: Cartas na Mesa

"Finalmente, eu posso vê-lo claro como o cristal. Vá em frente e me abandone.

Eu vou expor todos os seus podres." (Rolling in the deep -

Adele)

A mão de Damien repousava de forma tranquila na curva da minha cintura, mas ele não parecia ter nem um terço daquela tranquilidade enquanto nós atravessávamos a entrada de um restaurante em Copacabana. Como eu temia, o lugar era requintado e eu já podia

perceber algumas pessoas nos encarando com curiosidade do lado onde se espalhavam as mesas.

- Você disse que seria um lugar discreto, Damien. - balbuciei baixinho.

- E será, Darling. Mas essa entrada é inevitável. - Ele respondeu sem me olhar.

- Sua mesa já está pronta, senhor Mason. - Um homem bem vestido informou e depois me lançou um olhar pouco agradável, fazendo-me encolher. - Eu vou levar vocês.

- Eu sei o caminho. - Damien disse ríspido e o homem pareceu empalidecer. - Diga a Frederico que já cheguei.

- Sim senhor. - O homem assentiu e se afastou.

Damien então começou a nos dirigir para uma entrada que eu ainda não tinha notado. Era composta por duas portas de vidro emolduradas por madeiras escuras e bem cuidadas. Assim que passamos por elas, me deparei com um amplo jardim com as mais diversas espécies de flores.

No meio da paisagem exótica, havia uma mesa de madeira lustrosa embaixo de um caramanchão. Ao longe se podia observar o mar azul brilhante.

Soltei um suspiro admirado.

- Eu sabia que você ia gostar.

Desviei meus olhos para Damien. As esferas azuis me estudavam atentamente.

- É lindo. - confessei e voltei a olhar a paisagem.

- E isso é só o começo, Darling.

Ele sorriu de uma forma estranha, mas antes que eu pudesse perguntar qualquer coisa, nós chegamos à mesa e outro homem se aproximou de nós. Ele tinha um sotaque ligeiramente italiano.

- Buonasera, Mason! - Ele sorriu e estendeu a mão quando parou diante de nós.

- Buonasera, Petrone. - Damien sorriu em resposta e o cumprimentou.

- É um prazer tê-lo aqui. - O italiano desviou seus olhos castanhos para mim e sorriu. - Onde conseguiu esta bella donna?

- Esta é Ellen, minha... - Senti seus dedos acariciarem a minha cintura. -

Companhia.

- É um prazer tê-la aqui também. - Ele me estendeu a mão e eu cedi ao cumprimento. - Fiquem à vontade. Os pratos já estão quase terminados.

Há algo mais que desejam?

- Traga-me a garrafa do seu melhor vinho.

- Como preferir. - Frederico sorriu e então se afastou, sumindo pelo jardim.

- Darling. - Damien me chamou e eu percebi que ele tinha retirado uma das cadeiras da mesa e me oferecia o lugar.

- Obrigada. - Assenti um tanto surpresa pelo gesto cavalheiro.

Ocupei a cadeira e Damien a empurrou ligeiramente para frente. Então tomou seu lugar na pequena mesa diante de mim. Pensei que ele fosse

dar início ao assunto, mas tudo que ele fez foi fixar seus olhos intensos em mim e eu desviei meu olhar sentindo meu rosto queimar.

Damien soltou uma risada.

- Porque você está rindo? - perguntei confusa.

- É muito fácil provocá-la. - Ele sorriu. - Você cora por qualquer motivo, Darling.

Ah sim. Eu tinha esse "dom" maravilhoso de ficar envergonhada por qualquer situação tola, mas parecia que com Damien por perto o talento estava se multiplicando.

- Eu sei. Tenho esse defeito. - concordei desviando meus olhos dele, aborrecida com a minha própria insegurança.

- Não acho que seja defeito. - Ele falou fazendo-me voltar a fitá-lo. Seu semblante estava enigmático. - Mas fico imaginando em que outras situações você também poderia ficar corada.

Agora eu podia ver o brilho de malícia nos olhos dele. Abri a boca para respondê-lo, mas então Damien desviou seus olhos de mim para fixar alguém que se aproximava.

- Aqui está o vinho, senhor. - Era o mesmo rapaz que havia nos recebido quando chegamos ao restaurante. E novamente ele não escondeu seu olhar de desaprovação na minha direção. - Posso servi-lo?

- Deve. - Damien assentiu.

O rapaz se aproximou da taça de Damien para servi-lo primeiro, mas Damien fez um gesto para que ele parasse.

- O seu trabalho está deixando muito a desejar. - O homem engoliu em

seco. - Qualquer um sabe que se deve servir á senhorita primeiro. - A expressão de Damien era carrancuda.

- Desculpe, senhor. - Ele balbuciou e se virou na minha direção.

Mesmo não tendo sido cortês comigo, eu não pude evitar sentir compaixão pela situação dele.

- Está ótimo. - Murmurei quando ele terminava de servir a minha taça. -

Obrigada.

Dei um pequeno sorriso na direção dele ao perceber que as mãos dele estavam trêmulas. Mas ele pareceu ainda mais nervoso.

- Diga a Frederico que venha ele mesmo trazer os pratos. As coisas devem ser feitas por quem conhece a etiqueta.

O homem arregalou os olhos, mas assentiu deixando a garrafa sobre a mesa.

- Porque você faz essas coisas? - Ouvi-me transformar em palavras um pensamento que me veio a mente.

- Faço o que? - Damien pareceu surpreso com a pergunta.

- Você sabe. - dei de ombros. - Você intimida as pessoas.

- Você não me parece intimidada. Ao menos não na maioria das vezes. -

Ele passou a mão pelos cabelos e depois pegou sua taça de vinho analisando-o. - Todos tem de mim exatamente aquilo que merecem, Darling.

Ele me fitou intensamente e eu senti meu coração acelerar.

Damien então deixou a taça sobre a mesa e se curvou, ficando com o rosto bem próximo do meu.

- O quanto você pensou em mim essa semana, Ellen?

A pergunta me deixou repentinamente em alerta e eu pisquei um tanto confusa.

- O q-que? - gaguejei.

- Eu quero saber se você se lembrou da forma como eu a toquei. Da forma como eu a beijei. - Ele segurou meu queixo e afagou meus lábios.

- Eu... Eu não pensei. - consegui me recompor e retirei o queixo das mãos dele. - O que você quer me dizer?

Damien suspirou e então voltou para o seu lugar.

- Depois. Frederico está vindo. Nós almoçaremos e depois tudo será esclarecido.

Assim que Damien terminou de falar, Frederico adentrou o meu campo de visão trazendo dois pratos e eu percebi que não teria como insistir.

Então decidi me resignar e esperar pelas palavras dele depois da refeição.

- Tem certeza de que está satisfeita, senhorita? - Frederico recolheu as taças com uma sobremesa cremosa de chocolate e pareceu incrédulo

com a minha recusa de uma segunda taça do doce.

- Eu estou. Obrigada. - sorri para ele. - Estava tudo maravilhoso. O seu restaurante é ótimo em todos os aspectos.

- Foi um prazer recebê-la, senhorita. Volte sempre que desejar.

Frederico sorriu em resposta e eu me esforcei para não perder o bom semblante.

Havia sido tudo incrível, mas eu nunca poderia voltar á um lugar como aquele. Pelo menos não na condição de cliente.

- Acho que nós poderemos voltar, Frederico. - Ouvi Damien responder e o encarei confusa. - Mas antes precisaremos conversar.

- Vou cuidar para que não sejam incomodados. - Frederico desviou seu sorriso para Damien e logo

depois se afastou.

- Eu pensei muito sobre os últimos acontecimentos, my bunny. E

embora você me garanta que não tenha pensado em nós, eu sei que está mentindo. - Deixei de fitar a direção que Frederico havia seguido e fitei Damien. - Eu posso ver em seus olhos os desejos que você tenta repudiar.

Eu não sabia o que dizer, mas Damien já parecia ter as palavras na ponta da língua.

- Então eu achei melhor que colocássemos as cartas sobre a mesa, mas dessa vez de uma forma bem mais clara.

- O que você quer dizer com isso?

- Eu quero você. Quero que seja minha e quero que admita que também quer ser minha.

Engoli em seco. As palavras combinadas com o olhar que ele me lançou tiveram uma repercussão intensa sobre o meu corpo e eu pisquei tentando quebrar aquele encanto atraente.

- Eu não posso. - suspirei e respondi por fim.

- Por quê?

- Porque as coisas não funcionam dessa forma, Damien. - De repente as palavras da nossa última conversa voltaram a minha mente. - Além disso, eu não sou alguém que você pode confiar o suficiente para ter um relacionamento.

Damien manteve uma expressão neutra e aquilo me soou como um mau pressentimento.

- Eu não disse que teríamos um relacionamento. - O olhar dele se tornou frio. -

Nós não vamos ter um caso, Ellen.

Olhei-o confusa e então ele prosseguiu.

- O que eu espero que tenha entre nós é um acordo. Algo mais profissional do que pessoal. - Ele prosseguiu. Seu semblante como o de um homem fazendo um negócio. - Penso em algo que seja benéfico para os dois lados. Eu sei que você está com problemas financeiros e que precisa de ajuda. Eu posso te dar essa ajuda. E você pode me dar... -

Ele deixou seus olhos deslizarem pelo meu corpo. - Pode me dar a única coisa que alguém na sua posição tem para oferecer a alguém como eu.

Então tudo ficou claro e eu senti como se houvesse sido atingida por um soco no

estômago. Agora todas as palavras enigmáticas que ele havia falado no dia em que acordei na casa dele faziam sentido. Ele esperava que eu me vendesse para ele.

- É claro, as coisas irão se estender um pouco além da cama. Eu também preciso de alguém que me acompanhe á determinados lugares. - Ele disse impessoal, como se estivesse em uma transação de empresas. - E

você também deverá assumir esse cargo quando necessário. Mas eu estou disposto a pagar muito bem por esses serviços. Um preço bem acima da média nesse tipo de negócio. Além disso, você poderá frequentar lugares como esse, comigo, é claro. E eu vou me assegurar de todos os seus gastos pessoais dentro e fora do acordo. Depois quando chegar a hora, desfazemos o trato.

Fitei-o sentindo meu coração na garganta. Ele falava como se já tivesse certeza do meu consentimento para o acordo nojento. Um bolo de lágrimas ficou preso na minha garganta, porque eu havia sido tola o suficiente para pensar que talvez todo aquele esforço dele fosse para uma causa mais nobre. Como eu podia ser tão idiota? Será que não havia aprendido nada com Estevão?

Você foi muito ingênua, Ellen e eu só agi como qualquer homem agiria.

Você cedeu e eu venci.

A voz de Estevão soou aos meus ouvidos de novo, naquela maldita noite

em que eu descobri tudo. A sensação ruim daqueles momentos dominou meu corpo mais uma vez e eu

percebi que as lembranças amargas estavam me arrastando de volta para o passado obscuro.

Uma vadia, como a sua mãe, Ellen!

- Ellen? - Damien me chamou e eu percebi que ele aguardava uma resposta.

Damien estava muito enganado se pensava que eu trocava a minha dignidade por dinheiro, lugares caros e pelos prazeres que ele poderia me oferecer na cama. Meu corpo não era uma moeda de troca.

- Pegue o seu dinheiro e vá para o quinto dos infernos. - Levantei-me da mesa e ele me seguiu.

- Por favor, sem escanda-los. Não há mais necessidade para você fingir ou fazer cenas. Eu estou disposto a entrar no seu jogo e nós podemos negociar o seu preço. - Ele disse calmo.

- Meu jogo? - gargalhei sem vontade. - Você realmente escuta alguma coisa que eu falo? Eu não estou jogando droga nenhuma! Mas tudo bem. Eu acho que você não me escuta mesmo. Como poderia me escutar se sequer me enxerga como gente?

Aproximei-me dele encolerizada. Damien permaneceu com seus olhos fixos em mim.

- Eu não tenho um preço, senhor Mason. Você não pode me comprar e eu não vou me tornar a sua prostituta de luxo só porque a minha vida

está complicada. Eu já sobrevivi a coisas piores e posso cuidar de mim mesma. Não preciso de homens fazendo isso por mim. - senti algumas lágrimas na linha dos meus olhos. - Não preciso e não quero homens para nada. Muito menos um homem como o senhor, arrogante e com esse caráter deturpado que despreza tudo aquilo que não se encaixa na sua elite.

- Ellen... - Ele começou a falar, mas eu não queria ouvir mais nada.

Estava farta de ser uma boa garota e ser obrigada a escutar tantas acusações.

- Você acha que o seu dinheiro pode conquistar tudo, mas está enganado. Todo o seu dinheiro não vai ser o suficiente para encobrir quem de fato você é, Damien e eu não vou permitir que você também me use.

As lágrimas começaram a deslizar pelo meu rosto e eu percebi que já era hora de ir embora. Não cederia á humilhação de deixá-lo perceber que havia me atingido.

- Agora que já tem sua resposta, eu peço que, por favor, me deixe em paz. - falei e me virei finalmente deixando os soluços romperem pela minha garganta enquanto me afastava.

Arianna estava certa e eu havia sido tola mais uma vez. Porque eu ainda teimava em cultivar esperanças de que as coisas podiam ser diferentes.

Nada nunca era diferente.

- Senhorita? - ouvi Frederico me chamar.

Apertei o passo e não olhei na direção dele. Quando cheguei à entrada que Damien e eu atravessamos,

senti novos olhares curiosos sobre mim e corri para fora do restaurante. Mas mesmo lá fora, as memórias continuavam a vir:

Você pensou mesmo que eu poderia gostar de você? Você não tem muita coisa a oferecer a alguém como eu Ellen. E o que tinha eu já consegui.

Consegui vê-lo novamente na minha frente. Seu olhar zombando de mim, enquanto eu sentia meu coração se partir. Eu tinha ido até ele na esperança de que ele fizesse alguma coisa, de que ele me protegesse de tudo o que estava acontecendo. Mas tudo que ele fez foi me expor ainda mais diante de todos.

Parei no meio da calçada e me apoiei no poste enquanto deixava o choro sair livremente. A maioria das pessoas que passavam me fitavam com curiosidade, mas ninguém se aproximou.

Fiquei parada até que o meu coração se aquietasse e aos poucos minha mente foi recolhendo as memórias doloridas e as guardando de volta no lugar de onde nunca deviam ter saído.

Quando eu estava quase recuperada, meu celular vibrou no meu bolso.

Percebi que era a minha tia quem estava ligando.

- Ellen? - a voz dela parecia estranha.

- Tia? Aconteceu alguma coisa? - perguntei receosa da resposta.

- David está no hospital, Ellen. Ele está se sentindo muito mal...

- Hospital? - Meu coração voltou a se agitar. - Mas como? Em que hospital?

- No mesmo hospital em que eu trouxe a sua mãe. Venha depressa querida... - a voz dela falhou. - Ele precisa de você.

- Eu estou indo tia.

Não esperei pela resposta dela. Apenas desliguei o telefone e comecei a andar rapidamente á procura de um ponto de ônibus. Encontrei o local e para a minha sorte o ônibus havia acabado de chegar. Subi apressada os degraus e me sentei na primeira poltrona que vi.

De repente, as palavras de Damien só me pareciam uma lembrança vaga. Eu só conseguia pensar e me preocupar com David no hospital.

Tudo o que eu queria era chegar até o meu irmão e salvá-lo de qualquer coisa que o estivesse afligindo.

Não foi nada agradável voltar ao lugar que tinha me trago uma das piores notícias da minha vida e eu não consegui evitar a sensação de que o que ele me trazia agora não era diferente.

Quando cheguei á recepção, minha tia estava me aguardando e sua

expressão era bastante aflita.

- Ellen, graças a Deus! - Ela me abraçou assim que me viu.

- O que aconteceu tia?

- Nós não sabemos e os médicos estão tentando descobrir nesse momento. - Ela me puxou até uma das cadeiras na recepção. - Você vai precisar ser forte querida.

- Forte? - a aura ruim me dominou por completo.

Tia Meiry assentiu.

- David apresentou um quadro de trombose, mas parece que o problema está além disso. - Ela segurou as minhas mãos buscando confortar á nós duas. - Tudo o que eu sei é que a situação não é das melhores para o nosso garotinho.

- Ohh... - Não consegui mais reprimir a vontade de chorar. - Titia, ele está correndo risco de vida?

- Os médicos dizem que estão tentando controlar a situação... - Tia Meiry também começou a chorar. - Mas nós precisamos ter fé.

- Oh Deus... Ele estava tão bem... Estava vendo a série que ele gosta... -

levantei-me e levei as mãos ao meu cabelo sem me preocupar com o fato de bagunçar os fios.

- Tenha calma querida. - Minha tia se levantou e me segurou as duas mãos. - Não podemos nos desesperar. Isso só vai dificultar as coisas para David.

Eu assenti com a cabeça. Ela estava certa. Mas a possibilidade de perder mais alguém em um curto espaço de tempo, deixava-me desesperada.

- Venha, você precisa tomar um pouco de água para se acalmar.

Deixei que a minha tia me puxasse e me colocasse novamente sentada.

Então ela sumiu por um dos corredores, mas logo voltou com dois copos e me ofereceu um deles.

Nós passamos horas na sala de espera. Nenhuma notícia chegava. Nesse tempo, recebi uma mensagem preocupada de Arianna e contei a ela muito resumidamente o que estava acontecendo. Ela me disse que viria para o hospital assim que deixasse a lanchonete. A tarde passou de forma horrível. Cada minuto era angustiante. Pouco antes das seis, um médico veio falar conosco. Ele nos informou que David estava estável e que eu poderia entrar para vê-lo.

Quando cheguei ao quarto, a visão dele entubado sobre a cama me deixou completamente devastada. Meu pequeno Jimmy neutro estava pálido e ligado á vários aparelhos. Nem de longe parecia o garoto que beijei pela manhã antes de sair para a aula.

Aproximei-me da cama e toquei sua mãozinha frágil.

- David... - murmurei.

Mas só o som dos aparelhos foi a minha resposta.

- Oh querido, me desculpe por não estar lá. Me desculpe. - Senti uma crise de choro se aproximar e dessa vez deixei que ela rompesse.

- Ele vai se recuperar querida. - Senti minha tia me abraçar. - Não fique assim.

- Nós estamos fazendo os exames e logo poderemos noticiar o que o seu irmão tem, senhorita. - O médico de cabelos grisalhos me informou com olhar terno.

- Eu vou passar a noite com ele. - falei me afastando dos braços da minha tia.

- Eu posso fazer isso, Ellen. - Tia Meiry garantiu. - Você nem foi em casa, está com o uniforme ainda.

Acenei negativamente com a cabeça.

- Eu quero ficar. Preciso estar perto dele. Preciso...

- Tudo bem, tudo bem. - Minha tia me abraçou mais uma vez. - Júlia está em casa com Louis aguardando notícias. Eu vou em casa e volto depois para que você também vá.

Assenti com a cabeça embora não tivesse nenhuma pretensão de seguir para casa e deixar David naquele estado no hospital.

Depois disso, minha tia saiu com o médico e me deixou a sós com David.

Antes das oito da noite, recebi a visita de Arianna e uma ligação desesperada de Jenny. Ela me informou que estava voltando para o Rio de Janeiro. Eu insisti para que ela não viesse e deixasse os parentes de Hugo, mas Jenny estava decidida. Ela chegaria pela manhã.

Arianna ficou me fazendo companhia por pouco tempo. Ela teria de voltar para a casa por causa do pai e era perigoso andar pela cidade nas horas mais tardes da noite. Com toda a preocupação de sempre e com

lágrimas nos olhos, ela se despediu de mim com a promessa de que retornaria antes de ir para a lanchonete na manhã seguinte.

Eu fiquei sozinha, olhando para o rosto abatido do meu irmão.

Talvez se eu não estivesse preocupada em trabalhar tanto. Talvez se eu tivesse dado mais atenção á ele. Talvez eu pudesse ter notado qualquer sinal de que havia algo errado. Mas com exceção da dor abdominal que David havia apresentado, eu não consegui enxergar nenhum outro sinal diferente em sua saúde. Ele sempre parecia o garotinho inteligente e amável de sempre. Disposto a me ajudar e sempre tentado tornar as coisas mais fáceis para mim.

Acaricieei os nós de seus dedos e engoli um soluço. Seu rostinho estava sereno e mesmo tão abatido, ele ainda estava bonito, como um pequeno anjo.

Cerrei as pálpebras e implorei a Deus que não permitisse que aquele mal desconhecido levasse o meu irmão para longe de mim. Eu não conseguiria ser forte o suficiente para lidar com uma nova perda.

Abri os olhos novamente e deposei um beijo sobre a mão de David.

Então deixei minha cabeça pender um pouco no colchão da cama enquanto sentia as lágrimas molharem o lençol abaixo dos meus olhos.

Meu pequeno Jimmy neutro era forte. Ele não me deixaria.

- Ell?

Uma voz calma me chamou e me arrancou das garras do meu inconsciente. Abri os olhos e percebi que o dia já havia chegado.

- Amiga, eu vim levar você para a casa. - Arianna me olhava ternamente.

- Vamos, você precisa tomar um banho e comer alguma coisa.

- Eu estou bem. - desviei meus olhos para David, mas ele continuava da mesma maneira. - Eu quero ficar com ele.

- Eu sei Ell, mas você precisa deixá-lo um pouquinho e comer alguma coisa. - Arianna acariciou meus cabelos. - Se ficar assim vai acabar ficando fraca e David precisa de você.

Olhei para Arianna e depois voltei a fixar meus olhos em David.

- Eu não quero comer nada. - repliquei.

- Ell, por favor. Nós vamos e depois voltamos. Você sabe que eu estou certa. Doente não poderá cuidar do seu irmão. - Arianna segurou a minha mão. - Sua tia Meiry vai cuidar dele por esse tempo.

Eu sabia que ela tinha razão, mas era difícil me afastar do meu irmão naquele momento.

- Por favor, Ellen. - Arianna insistiu paciente e eu resolvi assentir, mesmo sem vontade nenhuma de fazer todas aquelas coisas.

- Tudo bem.

Arianna sorriu dócil e me ajudou a levantar da poltrona.

- Venha.

- Mas e o médico? - Lembrei-me da promessa que ele me fez sobre a causa do mal súbito do meu irmão.

- Ele esteve aqui agora a pouco. Verificou David e disse que os resultados que ele ainda espera devem sair mais tarde. Você não precisa se preocupar, vai estar aqui para saber.

Concordei e nós deixamos o quarto, encontrando minha tia na porta.

- Eu levei roupas suas para a casa da sua tia. É mais perto. - Arianna me informou.

- E Júlia está muito preocupada. Ela quer ver você. - Tia Meiry acariciou meus cabelos. -- Eu deixei um bom café da manhã preparado para você, Ellen. Por favor, tente se alimentar o melhor que conseguir.

- Eu prometo que vou tentar. - Assenti mesmo não tendo nenhum apetite.

- Vai ficar tudo bem. - Ela me abraçou e depois me soltou. - Agora vá com Arianna e tente descansar. Eu vou cuidar do meu sobrinho, mas também preciso que as minhas sobrinhas estejam bem.

Concordei e então deixei que Arianna me conduzisse para fora do hospital. Para a minha surpresa, Jenny estava saindo de um táxi e correu ao meu encontro.

- Ell, eu sinto muito. -- Jenny me abraçou apertado e eu chorei mais uma vez no ombro dela. - Eu vim assim que soube. Vai ficar tudo bem. David é um garoto forte.

- Eu não quero perdê-lo. - balbuciei.

- Você não vai perder, Ellen. Precisamos ter fé. - Jenny me afastou e limpou as minhas lágrimas. Depois fitou Arianna. - Para onde vocês estão indo?

- Nós vamos para a casa da tia da Ell. Ela precisa tomar um banho e comer alguma coisa. Passou a noite ao lado de David.

- Então eu vou com vocês. - Jenny se afastou e foi até a janela do motorista do carro. - Pronto, vamos de Táxi que é mais rápido nas primeiras horas da manhã.

Ela deu a volta no veículo mais uma vez e parou perto de mim.

- Nós estamos aqui Ell. Não vamos abandonar você e tudo irá se resolver.

Jenny me abraçou mais uma vez e me ajudou a entrar no carro. Ela ocupou o meu lado esquerdo e Arianna ocupou o meu lado direito.

Cada uma delas segurou uma mão minha e eu deixei minha cabeça pender sobre o ombro de Jenny.

Apesar de tudo, eu não estava sozinha.

Agora eu só precisava pedir a Deus que deixasse David ficar. Da minha parte, eu faria tudo o que estivesse ao meu alcance para ajudar o meu irmão.

Capítulo 9: Preto e Branco

"Pego pela correnteza, simplesmente pego pela correnteza.

Cada passo que eu dou é outro erro para você." (Numb - Linkin Park)

Júlia estava encolhida no sofá quando cheguei. Seus cabelos estavam desgrenhados e seus olhos castanhos inchados, denunciando os resquícios de uma noite complicada. Quando me viu entrar, ela saltou do estofado e se jogou nos meus braços apertando-me com força enquanto soluçava.

- Tudo bem, querida. - tentei consolá-la, mas sabia que as minhas palavras não continham a verdade que eu sentia.

- Eu não quero que o David morra, Ell. Eu não vou me importar mais com as séries esquisitas dele... Eu juro.

- Seu irmão não vai morrer, Júlia. - Jenny acariciou os cabelos da minha irmã. -

Os exames estão sendo feitos e ele vai se curar.

- Isso mesmo. - Arianna tirou Júlia dos meus braços e a apertou nos dela. - Agora vocês duas precisam ser fortes para cuidar dele. Precisam enxugar essas lágrimas e comer alguma coisa.

- Eu não quero comer. - Júlia garantiu com os olhos mareados.

Ela e David podiam ter suas discussões, mas a gestação compartilhada sempre fez com que fossem muito ligados, independente de tudo.

Arianna me lançou um olhar preocupado e eu percebi que precisava agir. Se eu desmoronasse, Júlia não teria a quem recorrer e David

também não. Eu não podia falhar com meus irmãos naquele momento delicado.

Aproximei-me de Júlia e a abracei para depois limpar suas lágrimas.

- Escute querida, você não pode ficar sem comer nada. Vai ficar fraca e não poderá estar com David. - usei as palavras de Arianna a meu favor.

- Mas eu não tenho fome. Só quero ir até o hospital... Titia não me deixou ir.

- Sua tia só quer que você se acalme Júlia. - Meu tio entrou na sala com uma expressão terna no rosto. - É melhor que estejamos todos calmos para ajudar David.

- Que tal vocês duas tomarem café juntas? - Arianna propôs. - Assim vai ficar mais fácil.

- Arianna tem razão. - Jenny sorriu.

Lancei um olhar desaminado para ela, mas Jenny continuou sorrindo me encorajando. Por fim, concordei com ela e assenti.

- Tudo bem. Todos nós vamos comer e depois você pode vir ao hospital comigo, Júlia.

Júlia me encarou não muito convencida, mas cedeu á minha proposta.

Eu podia compreender perfeitamente como ela se sentia.

- Venham, Meiry deixou a mesa posta para vocês. - Tio Louis me abraçou pelos ombros e nos conduziu até a cozinha.

Minha tia tinha preparado uma mesa farta, com uma infinidade de alimentos que em outra ocasião, Júlia e eu teríamos adorado degustar.

Mas diante da situação, não havia ânimo para apreciar nada do que se apresentava.

Engoli de forma automática um pouco de suco, sem me preocupar em saber o gosto. Arianna me serviu um pedaço de bolo de chocolate muito atrativo, mas eu consegui ingerir somente metade dele.

Do meu lado, Júlia tentava terminar o copo de leite que Jenny conseguiu para ela enquanto mais observava do que comia um pedaço de bolo semelhante ao meu. Eu queria poder falar alguma palavra de consolo para ela. Sabia que Júlia precisava disso. Mas também sabia que nada que eu dissesse a ela adiantaria, porque não seria verdade. Eu mesma estava incerta sobre o quadro de David e tudo que nós podíamos fazer era esperar e orar por ele.

Depois de mais algumas garfadas no bolo, consegui convencer a todos que eu já estava satisfeita. Júlia aproveitou a minha deixa para também recusar os outros alimentos na mesa.

- Certo. Então vá tomar um banho Ellen e nós voltaremos com você para o hospital. - Arianna se levantou da mesa assim que eu me ergui.

- Ary, obrigada por tudo, mas eu não quero prejudicar você. Sei que tem que ir trabalhar. - virei-me para Jenny. - Você também Jenny. Seu pai deve estar esperando por você no cartório...

- Nada disso. - Jenny protestou. - Eu já avisei ao meu pai que não vou ir para o cartório hoje. Ele tem meu irmão lá. Não vai se importar.

- E eu já conversei com o senhor Frazão. Ele me deve uma folga mesmo.

- Meninas...

- Vá tomar banho, Ellen. - Arianna me segurou pelo pulso levando-me para fora da cozinha. - E não se preocupe com nada. Nós somos suas amigas e vamos ficar com você e seus irmãos. Somos as mosqueteiras, lembra-se?

Senti meus olhos se encherem de água diante das palavras de Arianna e não resisti ao impulso de abraçá-la.

- Obrigada. - balbuciei.

- Ei, não chora. - Ela acariciou meus cabelos. - Você vai ver, vai ficar tudo bem.

Seu irmão é um garoto esperto e forte. Ele é parecido com você. -

Arianna me afastou do seu ombro e sorriu. - Agora tome um banho.

Deixei o seu vestido preferido lá no quarto da suatía. Deixei também aquele meu bracelete de anéis reciclados que você tanto gosta. Pode ficar com ele.

- Ary...

- Não precisa dizer nada Ell. Apenas use o banho para descansar um pouco e ficar com uma aparência melhor. Júlia fica ainda mais desgastada vendo você assim.

Assenti. Arianna tinha razão. Júlia também precisava de mim.

- Eu vou fazer isso. - sibilei.

- Isso garota. Vou convencer Júlia a fazer o mesmo e nós vamos esperar

por você na sala. - Ela sorriu terna e segurou as minhas mãos. - Vai dar tudo certo, amiga. Não perca a fé.

Acenei levemente com a cabeça e virei às costas indo em direção ao quarto. Eu somente esperava que fosse um anjo falando através da minha adorável amiga.

Eu gastei mais tempo do que eu realmente pretendia no banheiro. O

fato era que lá dentro, eu podia dar vazão às lágrimas e ao meu desespero. Não havia ninguém observando e eu não precisava ser forte.

Era apenas eu e a minha dor.

Deixei a água envolver meu corpo, de forma que o calor se concentrasse nos meus músculos e relaxasse-os pouco a pouco. Tentei manter os olhos fechados num primeiro instante, mas as imagens de David na cama do hospital preencheram a minha mente de forma que compreendi que fitar os ladrilhos do banheiro seria melhor.

Preto. Branco. Preto. Branco.

A sensação de culpa fazia uma pressão quase insuportável nas minhas têmporas, gerando uma dor pulsante. Se eu não estivesse tão preocupada em ganhar dinheiro, certamente teria percebido alguma evidência de que as coisas não iam bem com o meu irmão. Nos últimos dias ele parecia abatido e quando eu estava em casa, ele ficava quase

todo o tempo no quarto. Mas isso não era anormal. David adorava ficar no seu quarto com seus filmes, séries e com seus pôsteres de obras arquitetônicas. Mas ainda assim, eu devia ter olhado tudo com mais atenção.

Branco. Preto. Branco. Preto.

Eu não poderia mesmo ter notado. Estava mais preocupada com Damien Mason e seus artifícios de sedução. Sonhando acordada com uma ideia tola de ser Júlia Roberts. Eu não conseguia entender porque tinha feito isso. Porque eu tinha me permitido guardar aquela pontinha de esperança, se eu já tinha vivido

uma coisa semelhante no passado e sabia bem como tudo terminava.

Estevão era muito parecido com Damien. Insistente, bonito e sedutor. O

melhor partido de toda a universidade. Dono de um sorriso perfeito e de uma bela fortuna. Todas as garotas queriam namorá-lo e até onde eu sabia, ele não queria namorar ninguém. Tinha seus relacionamentos tórridos, mas nunca permanecia mais de uma semana com a mesma garota. Eu sabia bem disso, porque nós eramos da mesma turma e algumas colegas minhas já tinham cedido aos encantos dele.

No entanto, Estevão nunca havia me direcionado sequer um olhar durante os dois primeiros semestres. Então, numa sexta feira, quando a maioria dos alunos já haviam deixado a sala e eu estava terminando de

organizar a minha bolsa para fazer o mesmo, ele parou diante da minha mesa. Lembro-me de ter levado um susto e quase derrubei o copo d'água que eu mantinha durante as aulas. Ele o segurou e sorriu para mim:

- Salvei você. - O sorriso dele se alargou e ele colocou o copo novamente sobre a mesa.

- Obrigada. - sorri de volta, mas fixei meus olhos na bolsa tentando controlar o nervosismo pela presença dele.

- Ellen, certo? - Ele segurou a minha mão, impedindo-me de continuar a tarefa.

- Sim. - respondi com os olhos nas nossas mãos juntas.

- Eu estava brincando. Conheço você. Quem não conhece a número um da turma de Arquitetura da universidade? - Ele soltou minha mão e para a minha surpresa segurou o meu rosto. - O que eu queria saber, era se você queria me conhecer.

Afastei-me dele, envergonhada com a sugestão.

- Eu já conheço você. Todo mundo conhece. - dei de ombros.

Estevão suspirou.

- Tudo bem, não posso culpar você. Sei o que todos pensam sobre mim.

Todos acham que eu sou apenas mais um riquinho. - Ele me lançou um olhar triste. - Mas tudo bem. O que importa é o que os outros pensam da gente, certo? Foi um prazer conversar com você, Ellen.

Ele se virou para sair, e eu me senti culpada. Não cabia a mim julgar ninguém.

- Espera. - Ouvi-me falar.

Estevão se virou na mesma hora.

- Não importa o que os outros pensam de você e sim o que você pensa sobre si mesmo.

Então ele sorriu e caminhou até mim.

- O que você pensa sobre mim, Ellen?

Sua mão voltou a envolver a minha e seus olhos se fixaram nos meus.

- Eu... - gaguejei ansiosa. Ele estava muito perto. - Eu... Não sei. Acho que não o conheço o suficiente. - repliquei sincera.

Estevão aproximou seu rosto do meu e sorriu:

- Eu penso várias coisas sobre você. - Seus dedos afastaram um fio de cabelo do meu rosto. - Nesse momento, por exemplo, estou pensando que é linda.

Preto. Branco. Preto. Branco.

Fitei os ladrilhos ansiosa e meneei a cabeça para afastar as memórias e a náusea que se formou no meu estômago. Uma sensação

claustrofóbica parecia comprimir a minha garganta, a mesma sensação do dia em que a verdade veio a tona.

Desliguei o chuveiro e me enrolei na toalha. Era sempre perigoso deixar as memórias virem a tona e eu não precisava daquilo. Tudo o que eu

precisava e queria naquele momento, era cuidar de David e Júlia.

Enxuguei o meu corpo rapidamente e vesti as peças que Arianna havia separado para mim. O meu vestido favorito, estampado com algumas flores e coloquei o bracelete de anéis de latinha. Um primor que Arianna havia comprado em uma lojinha de coisas artesanais certa vez.

Fiz o melhor que pude pelo meu cabelo, passando a escova para desenrolar os fios e deixando-o solto. Quando olhei minha imagem no espelho fiquei orgulhosa. Ainda estava abatida, mas não tinha mais a aparência desesperada que traria mais aflição ainda à minha irmã.

Depois de satisfeita, deixei o quarto e encontrei todos na sala.

-Nós já podemos ir. - anunciei.

- Certo. - Jenny se levantou do sofá e foi seguida por Arianna e Júlia.

- Eu levo vocês no meu carro. - Meu tio propôs e saiu em direção ao quarto.

Segundos depois ele estava de volta com as chaves.

Minha tia morava num apartamento de classe média, na barra da tijuca.

Ela e meu tio tinham trabalhado e se esforçado muito para conseguir o local. O carro, um Pálio moderno de quatro portas também era resultado de muito trabalho por parte de ambos.

Quando chegamos a garagem, Júlia ocupou junto das minhas amigas, o banco de trás, enquanto eu ocupei

o banco do carona ao lado do meu

tio. Todo o trajeto foi feito em silêncio. Não havia ânimo e nenhum assunto agradável para se tratar naquele momento. Por sorte, o hospital não ficava tão distante e o trânsito estava menos denso naquela manhã, de forma que alguns minutos depois, eu me vi adentrado novamente o lugar de paredes pálidas.

Titia estava na sala de espera, mas não pareceu muito satisfeita ao me ver.

- Ellen, você devia ter ficado em casa. Devia ter tentado dormir um pouco.

- Eu me sinto bem, tia. - sentenciei. - E vou me sentir melhor aqui com David. O médico já adiantou alguma coisa?

- Ainda não querida. Os exames ainda estão sendo feitos, mas não há nada confirmado.

Soltei um suspiro e reprimi a vontade de chorar.

- Eu posso ver o meu irmão? - Júlia pediu ao meu lado.

- Temos de ver o médico e perguntar a ele. David está sendo submetido a uma bateria de exames e as visitas estão sendo regradadas. - Minha tia avisou.

Júlia pareceu tão decepcionada quanto eu.

- Mas ele não deve demorar. - Titia voltou a falar. - Pelo menos foi o que me disse na última vez que estive aqui. Ele estava indo discutir o caso de David com um conjunto de médicos...

Olhei para a minha tia assustada e ela se calou.

- Um conjunto de médicos? - repliquei.

- Acalme-se Ellen. - senti Arianna segurar a minha mão.

- Eles estão apenas discutindo o caso, Ell. Faz parte. - Jenny assegurou.

Mas eu sabia que não era assim. Uma junta de médicos para discutir um caso, era uma forma de conseguir opiniões porque certamente a situação do paciente em questão não era tão simples de resolver.

Deixei meu corpo cair sobre a cadeira e enterrei minha cabeça entre as mãos, fitando as sandálias de tira nos meus pés. Era muita coisa para mim. E mesmo pensando sempre em mamãe, procurando agir da forma em que ela agiria, ainda sim eu não sabia se poderia aguentar. Saber que David estava lá dentro, entubado, e que eu não podia fazer nada para mudar aquela situação me deixava transtornada.

Senti mãos no meu ombro e quando me ergui, Júlia me envolveu com seus braços apoiando sua cabeça no meu peito. Não consegui dizer nada para consolá-la, mas a abracei de volta tentando aplacar um pouco das nossas tristezas.

Não sei dizer por quanto tempo nós ficamos naquela sala de paredes pálidas. As horas se arrastavam e os

ponteiros do relógio se perdiam nos minutos aumentando a exaustão. Quando a hora do almoço chegou, eu obriguei Júlia a sair com Arianna e Jenny para almoçar. Elas insistiram para que eu fosse com elas, mas eu consegui convencê-las de que comeria alguma coisa mais leve pois não tinha condições e nem queria

sair para almoçar.

No final do horário de almoço, pouco antes das uma da tarde, o médico se aproximou de nós. Sua expressão estava neutra e ele trazia uma prancheta consigo.

- E então doutor? - ergui-me da cadeira.

- Nós já sabemos o que o seu irmão tem, senhorita. - Ele confessou sem nenhuma mudança na expressão.

- E o que é? Ele vai ficar bem? - inquiri ansiosa.

A sensação era indescritível. O nervosismo estava sufocando a minha garganta e o meu coração parecia hipertrofiado para o lugar que o ocupava no peito.

- David tem uma doença rara das células-tronco, caracterizada por uma anemia hemolítica. Não se sabe ao certo as causas da doença, mas o que ocorre é uma mutação num gene específico das células-tronco dentro da medula óssea. - Ele prosseguiu devagar. - Essas células modificadas passam a produzir plaquetas defeituosas, que podem formar coágulos no sangue, e glóbulos vermelhos que se quebram com facilidade.

- Por isso a trombose... - refleti.

- Exatamente. Um dos coágulos formados caiu na corrente sanguínea e obstruiu uma veia. Mas esse não é o único risco. David pode ter sua

medula óssea comprometida em decorrência desse quadro. - Ele suspirou. - E esse comprometimento pode levar ao desenvolvimento de uma leucemia.

- Oh Deus... - levei às mãos a boca.

- Mas isso ainda não aconteceu, não é doutor? - Minha tia perguntou depois de me abraçar pelos ombros.

- Não. - Ele garantiu. - Nós ainda não sabemos o que será mais apropriado para o quadro de David. Talvez possamos fazer um controle crônico da doença, mas em alguns casos também pode ser feito o transplante de medula. Estamos aguardando novos exames para saber qual o melhor procedimento.

De repente, eu me lembrei de um detalhe crucial: nós não estávamos em um hospital público e uma internação já não era barata.

Procedimentos complexos como aqueles então, provavelmente deveriam custar ainda mais caro.

- Doutor, esses procedimentos... quanto custam? - engoli minha timidez e lancei a pergunta.

- Não se preocupe com isso Ellen. Eu e sua tia podemos pagar. - Tio Louis garantiu.

- Não são procedimentos simples, senhorita. E envolvem certa destreza.

Nós dois casos, principalmente se for feito um tratamento crônico, uma

quantia considerável pode ser necessária. Alguns medicamentos poderão fazer parte da rotina de David pelo restante da vida.

Era exatamente o que eu temia. David precisaria de um suporte médico de primeiro mundo e eu não sabia como condicionar aquilo.

- Nós iremos arcar com os custos doutor. Pode seguir com os procedimentos. - ouvi meu tio dizer em voz firme mais uma vez.

- Tudo bem. Assim que eu tiver mais notícias voltarei para notificá-los.

As visitas estarão liberadas daqui a pouco.

O médico se virou e saiu da sala mais uma vez.

- Tia, isso não vai ficar barato. Esses procedimentos médicos são de custo muito alto. Eu não posso pedir isso a vocês... Não posso... -

choringuei.

- Não se preocupe com isso querida. Nós somos a sua família, você não precisa pedir. Temos que ajudar uns aos outros. - Tia Meiry acariciou seus cabelos. - Agora que já sabem o que David tem, as coisas vão se acertar. Não se preocupe com isso.

- Eu tenho algumas economias. - Meu tio se aproximou de nós. - Nós vamos conseguir pagar o que David precisar.

Eu podia sentir a sinceridade nas palavras dos dois. Sabiam que estavam fazendo aquilo de coração, por amor a David. Mas ainda assim eu me sentia culpada por fazê-los abrir mão da pouca segurança que aquele

dinheiro significava.

Quando minha tia me soltou, ela sorriu para mim.

- Agora vá até o banheiro e lave o rosto. Júlia deve chegar logo com suas amigas e tenho certeza de que você não quer que elas a encontrem nesse estado.

Concordei e me virei indo em direção ao banheiro. Tranquei-me lá dentro e deixei mais algumas lágrimas caírem. Depois lavei o rosto com água fria e o sequei com um papel toalha macio. Então fitei meu reflexo no espelho mais uma vez.

Não era justo fazer aquilo com os meus tios. Aqueles serviços médicos poderiam levar todo o dinheiro que eles levaram anos para economizar.

Mas por outro lado eu não estava conseguindo ver outra forma de ajudar David. Eu não podia deixar que aquela doença levasse meu irmão para longe de mim.

Desviei meus olhos do espelho e me virei para deixar o toalete. Saí caminhando devagar, analisando sem muita vontade o ambiente pálido em busca de alguma cor. Foi quando notei que a televisão da sala de espera estava ligada e um jornal anunciava o que parecia ser um grande feito.

"A AX foi oficialmente comprada pelo grupo Imperium e a esperança é de um novo crescimento no número de empregos. O presidente, o norte americano Damien Mason não cedeu entrevistas, mas o negócio

foi anunciado a imprensa brasileira por seus advogados."

O nome de Damien despertou uma infinidade de pensamentos na minha mente, mas algo em especial abafou todas as outras lembranças:

"Eu estou disposto a pagar muito bem por esses serviços. Um preço acima da média nesse tipo de negócio."

Expulsei o pensamento imediatamente. A simples ideia de aceitar aquela proposta fez o meu estômago se contorcer.

Apertei um pouco o passo e observei minha tia conversando com o marido. Ambos estavam de costas para mim.

- Eu não quero perder o meu sobrinho, Louis. - Tia Meiry balbuciou sôfrega.

- Você não vai perder. Eu já fui me informar sobre os custos. Nós podemos vender o carro também... - Tio Louis a abraçou. - Eu posso conseguir um bom dinheiro nele, é um veículo praticamente novo.

- Eu posso penhorar aquele anel que você me deu de noivado também.

É só por um tempo... - Minha tia soluçou. - O importante é que David volte a ter sua saúde.

Senti meu coração baquear. Eu sabia bem de que anel ela estava falando. Um anel que estava a algumas gerações na família do meu tio.

Ele vinha de uma família francesa e o anel havia sido da sua bisavó. Era uma herança inestimável.

A sensação de culpa me corroeu mais uma vez. Era certo obrigá-los a se desfazerem de tudo o que lutaram para ter?

- Ellen, está tudo bem? - Ergui a cabeça e percebi que minha tia estava na minha frente.

Assenti com a cabeça.

De repente, Júlia entrou na sala acompanhada das minhas duas amigas.

- Vocês já tem notícias? - Arianna me perguntou.

- Temos. - confessei. - David é portador de uma rara doença das células tronco.

Mas ainda não há um prognóstico estipulado. Ele terá de ficar nesse hospital por mais tempo do que imaginávamos.

- Ell... Eu sinto muito. - Ela me abraçou e Jenny repetiu o gesto.

- As visitas serão liberadas em breve Júlia. - segurei as mãos da minha irmã. -

Depois que você ver David, quero que vá para a casa da nossa tia.

Você pode levá-la para mim Jenny?

- Claro, Ell.

Percebi que ela ia me perguntar mais alguma coisa, porém o médico chegou nos interrompendo.

- Vocês podem visitá-lo agora. Ele está mais estável e pode falar um pouco. Mas sejam breves para que ele não se canse.

- Vocês podem ir primeiro. - Minha tia desviou seus olhos de mim para Júlia.

- Vamos Júlia. - encorajei-a oferecendo a minha mão.

De mãos dadas, nós seguimos o médico pelo corredor até o quarto onde meu irmão estava internado. Sua situação já havia melhorado, mas David ainda continuava ligado a alguns aparelhos.

Assim que nos viu, ele abriu um sorriso debilitado. Júlia se soltou de mim e correu até a cama.

- David! Você está... Você está bem? Está sentindo alguma dor? - Ela segurou uma das mãos dele.

- Eu estou bem. - Ele garantiu. - Só me sinto estranho no meio de todos esses aparelhos.

- Querido, me desculpe por não estar lá. - segurei a mão livre dele. -

Quer que eu faça alguma coisa?

David apertou a minha mão.

- Você é como a mamãe, Ell. Eu sonhei com vocês duas. - Ele voltou a sorrir. - Eles tiraram a minha blusa dos Star Wars...

Seus olhos se fixaram na camisola do hospital e ele soltou um suspiro insatisfeito.

- Eu vou voltar para a casa logo? - David me perguntou de repente. -

Tenho que terminar de ver Sobrenatural.

- Nós vamos voltar logo. - garanti. - Mas antes você precisa se curar.

- Eu vou ter que fazer mais exames?

- Sim. - assenti e senti uma lágrima deslizar pelo meu rosto.

- Tudo bem, Ell. Eu não me importo. - David secou minhas lágrimas. - Eu posso fazer mais alguns exames. Eu estou me sentindo bem então você também deve se sentir bem. Seu sorriso genuíno me fez sorrir também.

- Você tem que voltar logo David. Precisa fazer o meu dever de casa. -

Júlia falou e nós três gargalhamos.

-Você é uma irmã estranha e preguiçosa. - David proclamou.

- Estranho é você e suas camisas do Star Wars. - Júlia rebateu e por um minuto parecia que estávamos em casa mais uma vez.

De repente, David soltou a minha mão e gemeu alto levando as mãos ao tórax.

- David! David! - gritei assustada.

- David! - Júlia também gritou.

Segundos depois o quarto foi invadido por profissionais do hospital e Júlia e eu fomos arrastadas para longe de David.

- O que está acontecendo? O que está acontecendo com o meu irmão?

- Ele precisa de cuidados, senhorita. - O médico me orientou rapidamente. - Por favor, permaneçam na sala de espera.

- Venham comigo. - Uma enfermeira se apresentou e nos rebocou para a sala onde os outros nos esperavam.

- O que aconteceu? - Minha tia se aproximou de mim. Provavelmente assustada pelo meu estado.

- Eu não sei... Ele sentiu dor...

- Ellen? - girei a cabeça e vi Tk entrar na sala de espera segurando seu capacete de moto.

- Takashi...

Ele não disse nada. Apenas deixou o capacete sobre a cadeira e veio até mim, abraçando-me apertado contra o peito. Dessa vez, eu não consegui conter o choro.

- Eu vim assim que soube. Eu sinto muito. - Ele acariciou meus cabelos devagar.

- Vai ficar tudo bem. Nós vamos cuidar do seu irmão.

Eu não consegui responder nada. Mas aos poucos o choro foi cedendo e eu consegui me controlar.

- Obrigada. - Afastei minha cabeça do peito dele.

- As coisas vão melhorar. - Ele passou as mãos pelos meus braços. - Seu irmão é um garoto forte.

- É o que eu disse a ela. - Arianna se aproximou. - Não perca a fé, Ell.

Então, uma jovem que reconheci como a recepcionista, atravessou a sala e caminhou na direção do meu tio.

- Senhor, tem que assinar os documentos. É a segunda noite da internação.

- Oh sim. - Meu tio concordou. - Vamos assinar isso logo.

A garota seguiu de volta para a recepção e tio Louis foi com ela.

- Eu... eu preciso sair daqui um pouco. Preciso respirar. - anunciei.

- Eu posso ir com você. - Tk garantiu.

- Fique aqui com Júlia, Takashi. Eu preciso de um tempo sozinha.

Ele assentiu e tomou a cadeira ao lado da minha irmã.

- E vocês duas, vão para a casa. Descansem um pouco. - virei-me para Arianna e Jenny.

- Nós estamos bem, Ell. - Jenny garantiu.

- Por favor meninas. Tomem um banho e descansem um pouco. Façam isso por mim. Para que eu fique mais tranquila.

As duas me olharam incertas, mas terminaram por concordar.

- Nós não demoramos. - Ary me avisou. - Tente ficar calma, minha amiga. Deus está com você.

Então as duas me abraçaram e deixaram o hospital. Eu também deixei a sala de espera na intenção de me acalmar mais. Havia um jardim do lado externo do hospital e eu precisava de um tempo para conversar com Deus.

Quando estava atravessando a recepção, percebi meu tio na bancada da moça loira assinando os papéis.

- Você tem certeza de que é tudo isso? - Meu tio tinha alguns papeis nas mãos.

- O valor está correto, senhor. - A garota garantiu. - O senhor pretende pagar de que forma?

Meu tio soltou um suspiro.

- Débito, por favor. Não temos convênio. - Ele levou às mãos a cabeça e olhou para jovem parecendo sem foco.

Parei a minha caminhada e percebi que não podia fazer aquilo. Não podia deixar que meus tios arcassem com tudo. Talvez pudessem perder tudo o que lutaram para conseguir durante uma vida em vista da doença de David.

"Eu estou disposto a pagar muito bem."

A memória voltou e dessa vez eu não a empurrei para longe porque percebi naquelas palavras a chance que David precisava. Damien estava disposto a pagar e eu precisava daquele dinheiro. Certamente, a soma seria maior do que o montante que os meus tios tinham e eu poderia arcar com o tratamento de David sem que ninguém tivesse que perder nada, exceto eu.

Rejeitei mais uma vez a sensação de asco. Seria somente um acordo. Ele se cansaria logo e eu poderia salvar o meu irmão.

De repente, a ideia pareceu certa. Era a melhor forma de resolver tudo. O preço a pagar poderia ser alto, mas a vida de David valia apenas qualquer sacrifício.

Ergui meu pulso e verifiquei as horas. Eram quase três da tarde.

Mas onde eu poderia encontrá-lo? Não seria fácil falar com Damien. Nas vezes em que nos vimos, era ele quem me procurava. Então eu me lembrei da fusão das empresas mais cedo. Ele devia estar na sede da Imperium e se eu tivesse sorte, poderia conseguir chegar até lá antes que ele deixasse o prédio.

Girei nos calcanhares e voltei a sala de espera. Júlia estava abraçada com Tk e minha tia estava ao lado dos dois. Capturei a minha bolsa numa das cadeiras.

- Onde você vai Ellen? - Minha tia pareceu assustada.

- Eu preciso resolver umas questões, mas não devo demorar tia.

- Eu posso levar você. - Tk começou a se levantar, mas eu fiz um gesto para que ele se sentasse.

- Não é preciso Tk. Fique aqui com Júlia e você poderá me ajudar mais.

Takashi assentiu e eu pensei que talvez pudesse perder a amizade dele quando ele soubesse o que eu estava prestes a fazer.

- Ellen, está tudo bem? - Tia Meiry insistiu.

- Não está, tia. Mas vai ficar. Com David e com todos nós. - aproximei-me dela e beijei sua face. - Eu volto logo, cuide deles para mim.

- Tudo bem querida. - Ela sorriu terna e eu deixei a sala.

Então atravessei o hospital com passos largos e chamei um táxi assim que cheguei à calçada.

- Para a sede da Imperium Enterprises. - Orientei o motorista.

A sensação ruim continuava crescendo no meu estômago pelo que eu estava prestes a fazer. Mas era tudo

por uma boa causa. E enquanto o táxi deslizava pelo asfalto da cidade, eu deixei algumas lágrimas escaparem.

Preto. Branco. Preto. Branco.

Analisei o asfalto e as faixas brancas pintadas nele. Se Damien ainda me quisesse, eu me tornaria o seu brinquedinho de luxo.

Capítulo 10: Dentro do Gelo

"Eu estava em uma situação difícil tentando cruzar um desfiladeiro com um membro quebrado. Você estava do outro lado, como sempre se perguntando o que fazer da vida." (What kind of man - Florence and the Machine)

A faixada em aço e vidro da Imperium Enterprises era parecida com o seu presidente. Bonita, refinada e impessoal. Precisei respirar fundo antes de entrar no prédio e me concentrar na verdadeira causa de estar ali: meu irmão.

O chão de mármore escuro estava impecável e executivos enfiados em diferentes cores de terno atravessavam o hall de entrada. Alguns deles me dirigiram olhares curiosos, provavelmente pensando o que uma garota tão fora dos eixos fazia ali. Tentei ignorar a atenção e me concentrei somente no barulho baixo das minhas pisadas.

Havia uma bancada em forma de "c" próxima às entradas dos elevadores. Uma mulher morena de olhos castanhos e sérios me lançou um olhar surpreso ao me ver parar diante dela.

Eu abri a boca para falar, mas ela se antecipou:

- Em que posso ajudá-la? - seu sorriso foi polido e cordial.

Descarreguei o peso sobre a minha perna esquerda, nervosa com a situação e cogitei a possibilidade de desistir, mas a imagem de David na cama do hospital dominou a minha mente mais uma vez.

- Eu vim para falar com o senhor Mason. - olhei firme na direção dela buscando passar segurança.

Ela arqueou a sobrancelha perfeitamente desenhada e tamborilou as unhas vermelhas imaculadas no arenito branco. Então seu rosto se iluminou subitamente.

- Oh sim, é a representante da ONG, certo?

Pisquei atordoada, mas ela não me deu tempo para a resposta.

- Por favor, registre-se aqui. - Ela girou um encadernado grosso na minha direção e me ofereceu a caneta.

Não recusei. Provavelmente não seria fácil falar com Damien sem uma hora marcada com antecedência. Aquela era a minha chance e eu a agarrei junto da caneta.

- O primeiro elevador á esquerda, vigésimo terceiro andar. - Ela sorriu amavelmente e então me entregou um crachá com o nome da ONG. -

Boa sorte.

Sorri de volta na direção dela e caminhei para o elevador que ela havia me indicado. Quando as portas do elevador se fecharam, eu apertei a combinação de números e procurei não bisbilhotar a minha imagem no espelho. Tinha medo de que se encarasse a mim mesma, terminasse por

fugir correndo do edifício.

A cada nova indicação de andar no painel acima da porta, meu estado nervoso piorava. Minhas mãos começaram a suar e eu tentei não pensar muito além das paredes do elevador.

A porta finalmente se abriu diante de uma recepção imponente e sofisticada. Aproximei-me da bancada onde uma loura organizava alguns papeis. Seus olhos não pareceram muito satisfeitos quando me notaram.

- Senhorita Lins, presumo. - Ela deteve seus olhos momentaneamente no meu bracelete e então torceu os lábios de forma depreciativa. - O

senhor Mason não poderá recebê-la, pois está finalizando um negócio.

Marque um outro dia.

- Não! - Ouvi-me protestar repentinamente e a loura me olhou assustada. - Digo, eu preciso conversar com o senhor Mason hoje.

Ela soltou um suspiro irritado.

- Lamento, mas não será possível. O senhor Mason não pode e no momento não quer receber ninguém. - Ela me lançou um último olhar e então voltou a organizar os papéis como se eu não estivesse mais ali.

- Senhorita... - insisti e segurei o braço dela. Ela se esquivou rapidamente e me olhou incrédula.

- Não me toque.

- Desculpe-me. - senti-me diminuída diante do olhar dela. - É que eu...

- Não insista. Você deve se retirar agora ou eu vou chamar a segurança.

- Ela ameaçou e então agarrou o telefone.

Fiquei paralisada sem saber o que fazer. Eu precisava falar com Damien, mas parecia impossível chegar até ele. A loura começou a falar no telefone.

- Dois seguranças aqui no vigésimo terceiro andar, por favor.

Meu estômago se contorceu com a ideia de ser arrastada por seguranças e eu me afastei da bancada de

forma automática. A loura desligou o telefone e me encarou desafiadora. A vontade de fugir pulsou em mim novamente dessa vez misturada ao sentimento de humilhação acrescido pelo olhar de desprezo da secretária.

Eu queria sair dali rapidamente, mas precisava ajudar David e não sabia mais o que fazer. Senti uma crise de choro se aproximar e lutei contra as lágrimas.

Então escutei passos atrás de mim e dois seguranças trajando terno preto e fones se aproximaram.

- Levem a garota. Ela está criando problemas. - a loura me acusou e eu senti meu braço ser agarrado por um dos homens.

- Venha. - Ele falou sem ao menos olhar no meu rosto.

Foi então que a porta do elevador a minha frente se abriu e para a minha surpresa, Damien saiu de lá. Seus olhos estavam fixos no relógio de pulso. Quando ele ergueu o rosto, arregalou os olhos azuis e arqueou uma das sobrancelhas.

- Ellen? - seus passos avançaram na minha direção.

- Desculpe senhor. Eu disse a ela que não podia recebê-la, mas ela insistiu e eu tive de chamar a segurança. - a secretária se aproximou de Damien fazendo-o parar na metade do caminho.

Os olhos azuis dele continuavam em mim e eu vi algo passar rapidamente pelo seu rosto. Mas logo seu semblante se contorceu em desgosto e leve irritação.

- Soltem a garota. - Ele ordenou e o homem deixou meu braço imediatamente.

- Senhor... - A loura começou, mas Damien a ignorou e caminhou na minha direção.

- Damien... - sibilei. - Eu... Eu preciso falar com você. - soltei quando ele parou diante de mim.

Por uma fração de segundos pensei que ele fosse se negar. Seu olhar estava carregado de uma emoção que eu não conseguia captar.

- Certo. - Ele murmurou por fim e então seus olhos deixaram os meus. -

Desmarque minha última reunião e não permita que ninguém se aproxime da minha sala.

A expressão da secretária foi de espanto, mas ela assentiu com a cabeça.

- Sim senhor.

- Venha. - Ele falou e depois eu senti sua mão direita nas minhas costas enquanto

ele nos guiava para a porta que devia dar no seu escritório.

O calor dos dedos dele foi estranhamente cômodo, mas eu bloqueei a sensação e acompanhei seus passos em silêncio. Quando chegamos a porta, Damien a abriu e me deu passagem, fechando-a logo em seguida.

Senti-me repentinamente claustrofóbica.

- Então? - Ele passou por mim e foi até a sua mesa. - O que posso fazer por você, Ellen?

Sua voz soou cortante e eu me senti intimidada pela presença dele.

Principalmente estando em seu escritório.

Respirei fundo e fixei meus olhos num aeroplano de vidro que havia na mesa dele para tentar me acalmar. Damien serviu uma dose de uma bebida que estava próxima ao enfeite e então a engoliu rapidamente fixando seu olhar novamente em mim. Percebi que era a minha hora de falar, mas as palavras ficaram agarradas na minha garganta quando seu olhar frio encontrou o meu.

Eu não ia conseguir. Não podia fazer aquilo. Não podia me vender para o homem á minha frente...

- Eu não tenho o dia todo Ellen. - Damien suspirou e se aproximou de mim. -

Diga logo o que quer.

De perto seus olhos azuis ficaram ainda mais intensos e frios. Olhar neles era como estar dentro do próprio gelo.

Minha língua se contorceu dentro da minha boca, mas eu simplesmente

não conseguia dizer as palavras. Eu estava indo contra todos os meus princípios e deixaria que ele me usasse como a um objeto. Que fizesse do meu corpo mais um de seus joguinhos.

- Certo. Eu tenho coisas a resolver. - Damien desviou seus olhos dos meus e começou a se afastar.

Percebi que estava perdendo a chance de salvar David e segurei o braço dele.

- Espera. - Ele se virou na minha direção. - E-eu... Eu preciso saber se ainda me quer como sua... Sua acompanhante.

Suas sobrancelhas se ergueram e seu olhar foi tomado por surpresa.

Logo depois, a emoção foi substituída por algo que não consegui reconhecer, mas que foi logo dominada por raiva.

Dois segundos se passaram até que ele falasse.

- Você quer se vender para mim? Depois de tudo o que me disse? - Ele me analisou intensamente. - Quer se vender para um mau caráter? Você me disse que não tinha um preço, Ellen!

Seu olhar era acusador e eu me encolhi diante da reação dele.

- Eu... Eu... - senti as lágrimas na garganta diante da minha posição vergonhosa.

Damien soltou uma risada sarcástica.

- Mas agora você pensou em tudo o que o dinheiro pode te comprar

não é? Pensou em tudo o que pode conseguir e percebeu que seria vantajoso entrar nesse negócio, mesmo que o comprador em questão fosse um mau caráter. Afinal, de que importa o caráter quando muitos dólares estão em jogo? Nada disso importa. No final o que importa é quem está disposto a pagar e quem está disposto a se vender.

O olhar dele se tornou ainda mais duro e eu senti meu estômago se contorcer enquanto lágrimas enchiam meus olhos. Eu estava certa. Não podia fazer aquilo. Teria de buscar uma outra forma de ajudar David.

- Eu... Eu não devia ter vindo. - balbuciei com a voz embargada e tirei a mão do braço dele.

Então me preparei para sair daquela sala o mais depressa possível, mas antes de dar o segundo passo senti meu braço ser agarrado e Damien me segurou pela nuca beijando-me de forma intensa.

Minhas lágrimas saltaram dos olhos na mesma hora, mas ele não se importou. Sua boca continuou explorando a minha de forma voraz enquanto seu outro braço me apertava contra ele. Eu não consegui ter nenhuma reação, apenas deixei que acontecesse. Ele me soltou alguns instantes depois.

- Está contratada. - Sua voz soou impessoal e ele não me olhou quando se afastou.

Fiquei parada no mesmo lugar sentindo-me exposta e fragilizada.

- Volte amanhã às duas e eu já terei os documentos em mão para

oficializar. - Ele se aproximou da mesa e se sentou atrás do notebook. -

Agora se retire. Como eu disse, tenho assuntos a resolver.

Ele continuou sem me olhar e eu engoli um soluço. Aos poucos, uma sensação ruim estava envolvendo todo o meu corpo e mais lágrimas rolaram pelo meu rosto.

Damien começou a digitar no seu computador sem se importar com a minha presença.

Estava feito. Eu havia me tornado o brinquedo dele.

Pense em David, Ellen. Pense em David.

- Tudo bem. - concordei baixinho.

Então virei as costas e comecei a caminhar na direção da saída.

- Ellen. - ouvi a voz dele e me virei.

Seus olhos agora estavam nos meus. Crus e penetrantes.

- Eu não gosto de lágrimas nos beijos e da próxima vez espero não ter de fazer todo o trabalho sozinho. Se quiser seu dinheiro, faça a sua parte de forma eficaz.

Damien não esperou minha resposta e voltou a dar atenção para o computador.

Senti uma crise de choro se aproximar, mas recusei-me a deixá-la se esvaír. Não choraria na frente dele e nem seria mais humilhada. Eu precisava me concentrar no bom motivo que eu tinha para fazer aquilo.

Precisava me concentrar no garotinho carinhoso fã dos Star Wars que dependia de mim.

Eu não contei a ninguém. Nem mesmo para Arianna.

Embora soubesse que não seria fácil esconder uma coisa daquelas, eu não consegui encarar a minha própria amiga e dizer o que eu havia feito. Tantas vezes, quando falávamos do clube eu havia enfatizado que jamais usaria meu corpo como moeda de troca, que nunca seria capaz de dormir com alguém por dinheiro. Como as circunstâncias podiam ser cureis às vezes.

Abracei meus joelhos e repousei meu queixo entre eles. Eu já não conseguia chorar mais por toda aquela situação. Até mesmo minhas glândulas lacrimais tinham alcançado a exaustão. Tudo que eu conseguia era me abraçar e permanecer sentada no meio da minha cama.

Eu sabia que Arianna estava preocupada com o meu estado e podia ouvir o barulho das louças sendo limpas na cozinha. Trazer-me para casa na tentativa de acalmar foi uma imposição dela quando me viu retornar abatida ao hospital. Eu queria ficar com David, mas acabei cedendo aos apelos dos meus familiares. Também não queria que meu irmão me visse naquele estado.

Meu celular apitou anunciando uma nova mensagem, mas eu não me

movi para pegá-lo. Permaneci submersa em meus pensamentos apenas tentando deixar de sentir.

- Ell? - Arianna escorregou para dentro do quarto com uma caneca preta de louça fumegante. - Tome. Fiz um chá para você.

Ela me estendeu a caneca com um pequeno sorriso e eu não consegui recusar.

- Eu já conversei com o senhor Frazão. Ele resolveu te dar as férias que estavam atrasadas durante esse mês. Você não precisará voltar para a lanchonete por enquanto.

- Obrigada, Ary.

- Não fica assim. Vai dar tudo certo. - Ela acariciou meus cabelos.

- Eu preciso acreditar que vai dar. - falei sem olhá-la.

- Deus é justo, Ellen. E você é uma boa pessoa. Boas pessoas tem finais felizes. -

Ela me consolou.

- Não estou tão certa disso. - funguei. - David é um bom garoto. Ele não merecia isso. - senti um pouco de revolta balançar dentro de mim.

- Eu sei, Ell. Mas Deus tem seus caminhos. Ele sempre sabe o que faz. -

Arianna me abraçou.

Senti-me estranha dentro do abraço dela. E eu sabia que o motivo da sensação era a minha mentira. Eu havia dito a Arianna que tinha ido comer quando saí do hospital. Ela pareceu um pouco desconfiada, mas não me perguntou nada. No entanto, esconder a verdade dela fazia o

meu coração pesar ainda mais.

Meu celular apitou mais uma vez. Dessa vez era o meu toque que indicava uma ligação.

Minha amiga se adiantou e pegou o telefone.

- É o Takashi. Ele deve estar preocupado. - Arianna me estendeu o telefone. - Fale com ele. Será bom para vocês dois.

Aceitei o telefone e Arianna se retirou fechando a porta do quarto.

- Tk?

- Ellen, como você está? - eu podia escutar claramente o barulho do bar atrás da voz dele.

- Estou cansada. - confessei.

- Eu queria poder ir te ver, mas não consegui faltar ao meu emprego hoje.

- Não se preocupe Takashi.

- É claro que eu me preocupo. - O barulho atrás dele cessou. - Nós vamos dar um jeito. Vamos ajudar David. Você não está sozinha nisso, Ellen e tudo vai terminar bem.

As palavras me confortaram um pouco e eu soltei um suspiro.

- Obrigada Takashi. Obrigada por tudo isso.

- Você não tem que agradecer. É o mínimo que eu posso fazer. Está no hospital?

- Estou em casa. Arianna me obrigou. - escutei uma risada fraca do

outro lado da linha e esbocei um pequeno sorriso também.

- Então tente descansar. Amanhã nós nos vemos.

- Tudo bem.

- Eu vou voltar para o bar agora. Tente dormir um pouco Ellen. Boa noite.

- Boa noite Takashi.

Apertei o botão finalizando a chamada e coloquei o celular sobre o criado mudo. Então acomodei minha cabeça no travesseiro e fechei os olhos. Mas era impossível dormir quando minha mente era preenchida por imagens da cena no escritório da Imperium. O brilho frio no olhar de Damien ainda me causava intimidação e o modo como ele me tratou deixava bem claro como nossa relação seria.

Eu seria apenas um corpo para ele dar vazão aos seus desejos.

Senti uma lágrima escorrer pelo canto do meu olho direito.

Eu só esperava que não durasse muito e que aquele dinheiro pudesse realmente salvar a vida do meu irmão.

Cheguei a sede da Imperium no horário marcado. Desta vez a secretária de Damien se limitou a me dizer que eu podia entrar no escritório dele.

Segui o caminho devagar e bati contra a porta branca de forma tímida.

- Entre. - Ele instruiu lá de dentro.

Assim que adentrei a sala, Damien voltou a se pronunciar.

- Nós precisamos discutir algumas coisas. - Ele deixou o computador e se levantou com o olhar fixo no meu. - E não creio que o escritório seja o lugar ideal.

Damien se aproximou de mim e eu dei um passo para trás de forma automática. Mas ele não tinha a mesma expressão da última vez em que estive ali. Agora parecia relaxado.

- Você não precisa fugir, Darling. - Damien segurou meu queixo e afagou minhas bochechas. - Até porque foi uma escolha sua estar aqui.

Baixei os olhos e permaneci calada.

- Não vai me dizer nada? - Ele ergueu o meu queixo.

- Não há o que dizer. Você está certo. Eu estou aqui por vontade própria. Eu quis me vender. - suspirei. - O que nós temos que discutir?

Damien me analisou detalhadamente. Sua expressão era enigmática e ele parecia ponderar alguma coisa. No fim, ele soltou um suspiro.

- Vamos para a minha casa. Lá nós teremos mais privacidade. - Ele me soltou e se afastou.

Então abriu uma das gavetas e retirou as chaves de um carro. Depois caminhou de volta até mim e nos guiou para fora da sala. Nós passamos secretária e dessa vez ela me lançou um olhar nada agradável.

- Estou encerrando o meu expediente por hoje. - Damien falou á mulher loura. -

Você também pode ir para a casa. Não precisarei mais dos seus serviços.

A mulher assentiu sem desviar o olhar do meu.

Damien colocou sua mão nas minhas costas e me levou em direção ao elevador privado. Nós descemos em silêncio até a garagem.

- Você está estranhamente quieta. - Ele comentou enquanto nós íamos até uma Mercedes prata.

Apenas assenti com a cabeça. Damien abriu a porta do carro para mim.

- Obrigada. - agradei.

Ele deu a volta e ocupou o banco do motorista, tirando-nos da garagem do prédio rapidamente. Eu não falei nada durante todo o trajeto e Damien também não procurou conversar, embora eu sentisse seus olhos me medindo de minuto em minuto.

Quando chegamos a casa dele no Leblon, agora com a luz do dia, eu pude apreciar a fachada moderna e os jardins bem preservados. Distraí-

me por alguns segundos, mas logo me recordei de David e de como ele apreciaria as cores e os desenhos do lugar.

Ignorei a vontade de chorar e soltei um suspiro.

Damien parou o carro próximo a porta da frente e me ajudou a sair.

Logo, nós dois estávamos no escritório da casa dele. Assim que entramos, e antes que eu pudesse reagir, ele me puxou para seus braços e me beijou de surpresa.

No começo eu tentei não sentir. Tentei ignorar as sensações que o toque dele me causava, mas Damien não desistia e as minhas

resistências acabaram se desfazendo quando ele me colocou contra a porta.

- Adoro esse seu gosto. - Ele murmurou enquanto beijava as laterais da minha boca.

Seus dedos se enroscaram no meu cabelo e ele desceu seus lábios pelo meu pescoço deixando os meus sentidos atordoados.

- Damien... - ofeguei.

- Eu sei... Isso é incrível. - Ele me apertou mais contra si, mas de repente deixou de me beijar. - Acho que valerá cada centavo.

Damien sorriu malicioso e se afastou.

Senti novamente as náuseas no meu estômago e lamentei meu desejo por ele. Aquilo me tornaria ainda mais vulnerável ao jogo dele.

- Mas vamos tratar de negócios primeiro. - Ele se sentou atrás da mesa e me indicou a cadeira a sua frente.

Eu me sentei evitando os olhos dele.

- Temos que discutir alguns aspectos importantes do contrato. - Ele começou. - A começar pelo preço. Eu estava cogitando uma quantia até ontem à noite, mas percebo que fiz o certo ao mudar de ideia agora que a beijei.

Fite-o confusa.

- Você não acha que eu pagaria para ter alguém frígida ao meu lado. E

era como você estava a alguns minutos atrás e como estava ontem. Mas percebo que isso foi apenas mais uma das suas máscaras. - Ele sorriu. -

Você poderá omitir, mas não conseguirá fugir do desejo que sente por mim e é por isso que estou disposto a uma cláusula interessante.

- Do que você está falando? - inquiri sentindo-me ameaçada.

- Estou falando que não vou obrigá-la a nada, Ellen. - Damien me empurrou o contrato. - Estou contratando você como minha acompanhante, mas isso não incluirá os serviços que eu tinha em mente no princípio.

- Eu não estou entendendo. - Franzi o cenho.

- Estou dizendo que não terá de ir para a cama comigo, ao menos não por um contrato. - Damien se levantou e veio até mim. Então virou minha cadeira na direção dele e colocou seus braços ao meu lado. - Não quero ter você dessa forma, Ellen. E sei que não preciso de um contrato para fazê-la minha, acho que sou um homem bastante desejável. Mas estou disposto a te dar a oportunidade de repensar o fato de negar o desejo que sente por mim.

- Está dizendo que... Que espera que eu durma com você por...

- Simplesmente por que quer dormir. - Ele aproximou seu rosto do meu.

- Nós dois sabemos que isso será inevitável, my Darling. Então eu considereei que seria mais divertido ver até onde a sua obstinação vai.

- E se eu não dormir com você? - ouvi-me perguntar.

- O acordo será mantido e você receberá por ter sido minha

acompanhante. - Damien sorriu e depois deslizou seu polegar pelo meu lábio inferior. - Encare isso como uma aposta e nós veremos quem vencerá no final.

Ele se curvou mais e beijou meus lábios rapidamente. Então se afastou e voltou a ocupar seu lugar atrás da mesa.

- As outras cláusulas são o que considero essencial. Coisas de que não abro mão.

Ergui as folhas do contrato e examinei-as.

- Exclusividade. - falei em voz alta.

- Você não pode ter ninguém além de mim. Durante o período em que estivermos juntos seremos apenas nós dois. - Ele se inclinou na minha direção. - Eu considero isso algo muito importante Ellen. Se você quebrar essa cláusula nosso acordo será desfeito e você não receberá nada.

Seus olhos me encaram de forma intensa e eu desviei meu olhar para os papéis mais uma vez.

- Prioridade se refere mais especificamente a que?

- A mim. A partir do momento em que assinar este contrato, você concorda com o fato de estar disponível nos momentos em que eu desejar. - Ele deixou suas costas pender na cadeira, completamente relaxado. - Mas não se preocupe. Os eventos em que compareceremos serão em peso, durante a noite e também nos fins de semana. Nessas

ocasiões, com tudo, você passará a noite na minha casa. O quarto já está sendo providenciado.

- Aqui você também fala sobre viagens. Eu terei de viajar com você? - O

contrato não parecia tão terrível como eu temi. E só de saber que eu não seria obrigada a dormir com Damien, a situação já estava parecendo um pouco melhor.

- Eu não costumo levar ninguém quando viajo, mas achei que seria prudente incluir isso no nosso acordo. Nunca se sabe. - Damien me lançou um sorriso malicioso.

Senti meu rosto esquentar.

- Também tomarei conta dos seus gastos pessoais. Você terá um cartão e uma conta particular no meu banco com um valor específico para o que precisar. - Ele afrouxou a gravata. - Na última cláusula está a quantia. Creio que deva ser um valor bastante agradável.

Deixei meus olhos cair para a folha mais uma vez e senti minhas pupilas dilatarem diante da soma inscrita no contrato.

- Isso é... Isso é muita coisa Damien. - Tirei os olhos do papel e fixei meu olhar nele. Damien continuava com uma expressão relaxada no rosto.

- Depende do ponto de vista.

- Você está me escondendo alguma coisa... Não pode me pagar tudo isso somente para ir á festas com você. Isso parece muito insensato.

- Não se preocupe, Darling. Eu sei o que faço. Cada investimento meu é

sempre bem calculado e visa grandes lucros no final. - Ele se empertigou na poltrona. - E então?

Damien sorriu tranquilo e eu deixei de fitá-lo para encarar os papéis. Era muito provável que ele estivesse planejando alguma armadilha em tudo aquilo. Nada podia ser tão fácil como parecia, mas eu precisava cuidar de David. Sendo uma armadilha ou não, eu já havia me decidido muito antes de chegar.

- Uma caneta, por favor. - pedi sem levantar os olhos.

- Aqui está. - Ele colocou o objeto na minha mão e só então eu percebi que ele estava ao meu lado.

Agarrei a caneta e tentei não titubear com a proximidade desconcertante dele. Com as mãos um tanto trêmulas, eu assinei o acordo aceitando as propostas dele.

- Pronto. - admiti quando terminei de escrever.

- Acho que isso pode ser selado de uma forma melhor. - Damien sussurrou diante do meu rosto e eu senti seus dedos no meu pescoço.

Logo depois sua boca envolveu a minha em um beijo quente. - Tenho certeza de que nós vamos nos dar muito bem, Darling.

Damien sorriu e me beijou rapidamente. Então se afastou.

- Seu primeiro compromisso comigo é no próximo domingo. Terei de comparecer á um jogo de Golfe com alguns investidores. Será uma tarde no clube. - Ele abriu uma gaveta e guardou o contrato. Então tirou um

envelope lá de dentro e me entregou.

- O que é isso?

- É o seu cartão de crédito. Você precisará de algo novo para vestir. As aparências contam muito nesse tipo de evento, Ellen.

- Como você fez um cartão para mim sem saber se eu iria aceitar e sem nenhum documento meu? Você... - comecei a falar mais parei quando percebi um diamante solitário no meio do cartão negro de bordas douradas. - Santo Deus! O que é isso? É um...

- Um diamante. Sim. Acho que apenas de 0,235 quilates. É uma decoração do Dubai First. - Damien sorriu divertindo-se com o meu semblante. - Eu fiz o seu cartão com a ajuda do meu gerente e com as informações que tenho sobre você. Não é difícil para alguém como eu conseguir esse tipo de favor das agências bancárias.

- Tome. - estendi o cartão a ele. - Eu não vou usar isso.

- Não se preocupe, my bunny. É só um cartão de crédito.

- Tem um diamante nele! - senti meus olhos se arregalarem. - Eu não posso andar com isso. Eu vou ser assaltada com uma coisas dessas na bolsa. Tome.

- Ellen, é seu. - Damien se negou a pegar o cartão. - E você vai precisar dele.

- Eu vou precisar é de o dobro de anjos da guarda andando com uma coisas dessas na rua, Damien. Essa coisa atrai muita atenção. Não posso ficar com ele.

Ele me olhou por alguns instantes e soltou um suspiro.

- Certo. - Ele pegou o cartão e eu me senti aliviada. Então ele voltou a abrir a gaveta e retirou outro cartão de lá. - Fique com esse por enquanto. É uma conta mais corriqueira, mas seus gastos terão de ser mais comedidos. Mantenho uma soma apenas representativa nele.

Observei o cartão negro Visa Infinite e suspirei aliviada ao perceber que não havia nada de anormal nele.

Damien soltou uma pequena gargalhada.

- Do que você está rindo?

- Não é nada. - Ele colocou o cartão na minha mão. - Farei um cartão novo para você. Mais discreto, se é o que prefere.

- Eu preciso mesmo de um cartão?

- Precisa. Você estará comigo de agora em diante, Darling. E eu zelo por tudo que esteja vinculado á minha imagem.

- Tudo bem. - respondi relutante.

- Você é contraditória, Ellen de Souza. - Damien segurou meu queixo. - A maioria das mulheres adoraria receber um cartão de crédito e você parece insatisfeita.

- Eu não sou a maioria das mulheres. - Desviei meus olhos dos dele. -

Como isso vai funcionar? Como eu vou saber o que tenho que fazer?

- Ainda bem que me perguntou. Eu me distraio fácil com você por perto.

- Damien me soltou e voltou para atrás da mesa. Então me estendeu um telefone. - Aqui está. Nosso meio de comunicação.

- Eu já tenho um celular. - não segurei o telefone.

- Eu sei. Mas também sei que precisa de um aparelho novo. Pegue-o. -

Ele empurrou o celular na minha direção. - Quando eu precisar falar com você ou o contrário, será por aqui. Então fique atenta pois sua agenda será notificada nele.

- Tudo bem. - concordei.

- Agora você pode ir. Como eu disse, seu próximo compromisso comigo é no domingo. - Ele caminhou na minha direção e eu me levantei.

- Como eu devo me vestir? - soltei sentindo-me subitamente insegura.

Eu não estava acostumada á eventos da Elite. Ao menos não como convidada e estava com medo de entrar naquele mundo de milionários.

- Essa parte eu deixo para você. Moda feminina nunca foi o meu forte. -

De repente ele me deu um sorriso malicioso. - Talvez eu possa ajudá-la quanto á moda de lingerie. Eu gosto da cor preta, se quer saber.

- Damien! - repreendi-o sentindo o sangue subir para o meu rosto.

Ele riu e afagou a minha bochecha.

- Isso será divertido. - Damien beijou o canto da minha boca. - Mal posso esperar para começar.

Depois da sua última fala seus lábios prenderam os meus.

Não havia como voltar atrás agora. Eu só podia tentar me proteger do que viria e acreditar no que Arianna falou. Que tudo terminaria bem.

Capítulo 11: Clube dos Milionários

"E o príncipe encantado iria embora para sempre. Para sempre e deixando solidão." (Lindinalva - Babado Novo)

- Você vai mesmo deixar o bufê? - Baby olhou desanimada para o meu pedido de demissão.

- Eu não posso mais continuar, Baby. David precisa de mim.

Claro, não era só David a razão. A minha mais nova condição de acompanhante de Damien não me deixava outra escolha. Eu precisaria de tempo para realizar o que ele esperava de mim e não havia mais espaço para o bufê.

- Sinto muito por David. - Ela segurou a minha mão. - Como ele está?

- Os médicos dizem que ele parece estável. Não sente mais dores e não teve nenhum outro problema nos últimos três dias. Mas eles estão aguardando ainda mais alguns dias para iniciarem o tratamento.

O quadro de David tinha melhorado bastante nos últimos dias e todos nós estávamos esperançosos de que o tratamento surtisse um bom efeito. Eu consegui convencer o hospital a acumular os gastos até o fim do mês.

Nessa época eu teria de conversar com Damien sobre um possível adiantamento para fechar a conta.

- Deus há de ajudar que tudo dê certo. - Baby me abraçou. - Ele vai recuperar a saúde.

- Tomara, Baby. Eu estou fazendo de tudo para que isso aconteça. -

afastei-me dela e enxuguei uma lágrima teimosa.

- Eu visita-lo na segunda. - Ela sorriu. - Vou levar a edição nova de um livro dos Star Wars. - Baby voltou para dentro da sua bancada com o meu papel.

- Ele vai adorar. - sorri de volta.

- Obrigada por tudo Baby. Você me ajudou mais do que qualquer outro ajudaria.

- Não precisa agradecer. Qualquer boa pessoa faria o que eu fiz.

- Você poderia perder o emprego. - soltei uma risadinha.

Baby também riu.

- Eu não me importo. Só estou aqui porque meu pai acha que devo trabalhar para aprender a dar valor no dinheiro. - Ela se aproximou e diminuiu o tom de voz. - Eu estourei um cartão de crédito comprando várias roupas e meu pai não gostou muito. Ele disse que eu compro roupas para colocar de enfeite e que eu não uso nada. - Ela deu de ombros. - Talvez ele tenha um pouquinho de razão. De qualquer forma foi assim que eu vim parar aqui, trabalhando para essa amiga dele.

- O que? Você estourou um cartão? - ouvi-me rir mais uma vez.

- Eram muitas roupas bonitas, eu não resisti. - Baby soltou um suspiro e colocou os cotovelos sobre a bancada para apoiar o rosto. - Eu tenho tanta saudade sabe? De entrar numa boutique e fazer compras. Acho que meu pai tem mesmo razão, eu compro mais por comprar do que

para usar. Para mim funciona como uma terapia.

- Uma terapia cara, não é? - sorri.

- Um pouquinho. Mas você iria gostar também se fizesse. Se eu ainda fosse agraciada pela minha mesada, eu levaria você comigo para um passeio e você me daria razão. É sempre bom adquirir looks novos.

Quando Baby fechou a boca, foi que eu percebi a minha chance.

- Baby, acho que vou precisar de você antes da segunda. Vou precisar amanhã, na sexta feira.

- Vai precisar de mim? - Ela franziu o cenho.

- Sim. Acha que consegue escapar daqui na hora do almoço?

- Claro. Não será difícil. - Baby sorriu exibindo seus dentes perfeitos. -

Mas o que eu poderei fazer por você?

- Eu te conto amanhã quando vier encontrá-la.

Ela fez uma careta, mas assentiu ao perceber que eu não revelaria nada.

- Tudo bem. Amanhã.

Soltei outra risada pelo semblante insatisfeito dela.

- Então eu vou indo. Preciso encontrar uma amiga. - Coloquei-me na ponta dos pés e a abracei da melhor maneira que a bancada entre nós permitia.

- Você tem o meu número. Pode me mandar uma mensagem me contando tudo antes que eu morra de curiosidade e você não me

encontre aqui amanhã.

Baby gritou quando eu já me afastava e eu apenas balancei a cabeça enquanto deixava o prédio do meu antigo trabalho. O calor natural da cidade do Rio de Janeiro me envolveu assim que eu saí pela portaria do edifício.

Arianna disse que estaria me esperando do outro lado da rua, mas eu não a estava vendo por ali. Esperei pacientemente que o sinal fechasse e atravessei a rua. Talvez ela tivesse parado em algum lugar ali por perto, talvez no lugar onde nós costumávamos comprar churros. Ela adorava aquele doce, devia estar lá.

Contornei a esquina para chegar a praça onde nós parávamos, mas parei dois passos depois ao encontrar Arianna, acompanhada por Nicholas Ferraço. Eles estavam lado a lado diante do trailer comprando churros.

Fiquei estática. Eu não sabia se voltava ou se ia até eles. Mas antes que eu pudesse me decidir, Arianna me viu e levantou o braço acenando para que eu me aproximasse. Sem outra saída, eu caminhei até eles devagar.

Arianna e Nicholas também caminharam ao meu encontro.

- Olha Ell, estava indo te encontrar quando encontrei o Nicholas. -

Arianna sorriu abertamente.

- É um prazer rever vocês. - Nicholas sorriu na minha direção. - Lamento apenas que Damien não esteja aqui.

Senti minhas faces aquecerem diante da entonação sugestiva nas palavras dele.

- Não se preocupe Ellen, Nick já sabe de tudo. - Arianna tomou a palavra.

- E-Ele sabe? - arregalei os olhos.

- Sei. - Nicholas assentiu com a cabeça. - Foi uma aventura e tanto no Copacabana Palace.

Soltei um suspiro aliviado.

- Ele não se importa com o fato, não como Damien se importa. - Arianna mordeu mais um pedaço do doce.

- Damien é um pouco... Como vou dizer? - Nick passou a mão pelos cabelos. - Ele tem alguns princípios básicos para levar a vida e às vezes passa dos limites com algumas coisas. - Ele sorriu gentilmente para mim fazendo a minha empatia por ele reaparecer.

- Ele foi um idiota. Isso sim. - Arianna protestou.

- Ary! - repreendi-a.

- Não se preocupe, eu compreendo. Não foi certo o que ele disse a você.

- Nicholas entreviu.

- Você sabe o que ele me disse? Arianna te contou? - Encarei-o.

- Eu falei demais? - Arianna me olhou com uma expressão culpada.

- Ary!

- Não a culpe. Surgiu na conversa. - Nicholas prosseguiu. - Lamento pela situação. O problema é que Damien está acostumado com o jogo de

interesse das pessoas, então ele sempre quer estar um passo à frente.

- Eu vou pegar outro churros. - Arianna avisou e se afastou para ir até o trailer deixando-me a sós com Nicholas.

- Sabe, ele nem sempre foi assim. - Nicholas falou de repente e eu desviei os olhos de Arianna para fitá-lo.

- O que?

- Damien não era desse jeito quando eu o conheci em Harvard. Mas ele conheceu alguém. Uma pessoa em quem confiou muito e que o decepcionou. Depois disso, ele se fechou e se tornou o que é hoje. -

Nicholas se aproximou de mim e jogou um guardanapo que tinha nas mãos na lixeira.

- Porque você está me contando isso? - perguntei confusa.

- Sua amiga me contou algo que aparentemente não devia. Agora estou igualando as coisas contando algo sobre o meu amigo. - Ele sorriu.

- Pronto. - Arianna falou se aproximando. - Agora podemos ir para a casa e depois vamos ao hospital.

- Hospital? Alguém está doente? - Nicholas pareceu surpreso.

- É melhor nós irmos. - cortei o assunto.

- Eu posso levá-las para a casa. - Nick se ofereceu. Então se aproximou de Arianna e puxou o guardanapo que estava nas mãos dela. - Está sujo aqui. - Ele limpou a calda de chocolate no canto da

boca dela.

Pela primeira vez, vi a minha amiga ficar rubra.

- Obrigada. - Ela respondeu e deu um passo para trás. - Mas você não vai querer subir o alemão com esse Camaro.

Soltei uma pequena gargalhada.

- É melhor nós irmos de ônibus mesmo. - apoiei Arianna. - A carona fica para a próxima.

Nicholas pareceu um tanto insatisfeito, mas assentiu.

- Nós nos vemos depois. - Ele se aproximou e apertou a minha mão. Em Arianna repetiu o gesto, mas depois beijou o rosto dela e falou algo que eu não consegui escutar, mas que fez Arianna ficar vermelha mais uma vez.

- Acho que perdi alguma coisa. - sorri para Arianna quando Nicholas se afastou.

- Não perdeu nada. - Ela se recuperou. - Porque disse que íamos para a casa, nós não vamos para o hospital?

- Vamos. - concordei. - Mas não precisávamos dizer mais nada a ele.

Arianna voltou a me lançar um olhar culpado.

- Desculpe-me Ell. Nós recordamos a recepção, eu me lembrei de Damien e fiquei zangada.

Ela segurou a minha mão.

- Tudo bem, Arianna. Não é tão importante assim. - esbocei um sorriso. -

agora vamos para o hospital. Preciso saber como David está.

Coloquei a minha bolsa na poltrona do hospital e observei David

dormindo. Ele não estava mais entubado e a cor estava de volta ao seu rosto, enchendo o meu coração de esperança. Deixei meus dedos passearem pelos seus cabelos macios com delicadeza para não acordá-

lo. Então me sentei na poltrona para continuar a vigiá-lo.

De repente, meu celular apitou. Procurei por ele na bolsa e percebi que era o aparelho novo que Damien havia me dado. Quando vi o nome dele brilhar na tela quase deixei o telefone cair.

Recuperei-me rapidamente do susto tolo e deslizei o dedo pela tela para atender o telefone.

- Com saudades, Darling? Estou ligando apenas para me certificar do nosso jantar amanhã.

- Jantar? Que jantar? - minha voz saiu alta e David se mexeu na cama. -

Você não me disse nada sobre jantar! - sussurrei.

- Eu não disse, mas pensei melhor sobre a tarde no clube domingo.

Antes desse evento você precisa conhecer algumas coisas sobre o que encontrará lá. E como nossos almoços são sempre conturbados, optei por um jantar dessa vez.

- E onde vai ser esse jantar?

- Você faz jornada dupla como espiã ou está sussurrando ao telefone para parecer mais sensual?

- Não é nada disso. É que meu irmão está dormindo e eu estou no quarto dele. - revelei um tanto irritada.

Damien soltou uma risadinha.

- Certo. O lugar fica ao meu critério e você saberá quando chegarmos lá.

Já adquiriu o que vai precisar para o domingo?

- Ainda não.

- Ótimo, nós vamos juntos então.

- O que? - voltei a falar alto.

- Não grite, vai acordar o seu irmão. - Damien continuou. - Você queria a minha ajuda, certo? E agora consegui. Nós vamos a algumas lojas que considero a altura e eu vou dar a minha opinião sobre o que quero ver cobrindo você, embora a opção nua me pareça muito mais atrativa.

- Damien!

- Contudo, nua você só pode ficar para mim. Então precisaremos encontrar algo adequado para domingo. Você também pode escolher o que mais desejar e o vestido para o nosso jantar. Depois você vem comigo para a minha casa e se arruma para o nosso jantar. Pode deixar suas coisas no seu novo quarto ou levá-las para a casa depois.

- Isso é mesmo necessário?

- Você me faz essa pergunta constantemente. Acho que me vê como algum esbanjador. - Ele zombou e eu fiz uma careta.

- Tudo bem.

- Está. - Ele concordou. - Tom irá buscá-la.

- Na minha casa?

- Sim.

- E não se preocupe, ele vai num carro discreto. Sei que se incomoda em ser o centro das atenções.

Fiquei surpresa pela escolha das palavras dele. Por um momento pareceu que ele realmente se importava.

- Devo esperar por ele á que horas?

- Eu vou ir á uma reunião no início da tarde, mas não deve demorar.

Esteja pronta por volta das 14:00 horas.

- Certo.

Fez-se um pequeno instante silencioso.

- Tenha uma boa noite Ellen. - Ele voltou a falar e dessa vez seu tom de voz fez com que um arrepio descesse pela minha espinha.

- Boa noite, Damien. - respondi tentando não demonstrar como até mesmo sua voz me abalava.

Finalizei a chamada e voltei a colocar o celular dentro da bolsa.

Então fitei a noite escura pela janela do hospital.

Eu precisava admitir que as coisas com Damien estavam melhores do que eu imaginava. Ele não estava me tratando tão mal como na primeira vez em que estive no seu escritório, mas eu não podia me enganar. O

gelo ainda estava em seu olhar e eu sabia que tudo não passava de uma

armadilha no final. Eu tinha que me concentrar e preservar o meu coração, porque foi com suas palavras bem colocadas que Estevão conseguiu me conquistar. Ele sabia o que dizer toda vez que eu recuava, ele sabia agir da forma certa e na hora certa, como Damien.

"- Não precisa fugir de mim Ellen. - Estevão segurou meu braço quando eu estava saindo do prédio da faculdade.

- Eu não estou... Não estou fugindo. - respondi nervosa.

- Não? E o que foi aquilo ontem?

- Eu precisei ir. Precisava voltar para a casa. - menti.

- Eu podia ter levado você. - Estevão segurou a minha mão. - Mas nós podemos mudar isso hoje.

Ele tentou se aproximar, mas eu contive seu avanço segurando-o pelo peito.

- Estevão... É melhor não.

- Porque Ellen? Porque não quer me deixar ficar perto. Não podemos ser amigos? Você tem um namorado ciumento?

Soltei uma gargalhada e remexi meus óculos de leitura.

- Não. Eu não sou do tipo que namora muito.

- Então me deixa ficar perto. Eu quero ser seu amigo. - Estevão sorriu.

- Você quer?

- Claro.

- Mas você já tem muitos amigos. O que eles vão achar quando me verem com você?

- Eu não me importo com isso. Uma pessoa me ensinou que somente o que pensamos sobre nós mesmos é que realmente vale a pena.

Sorri. Diante das minhas próprias palavras, eu não tinha como negar.

- Tudo bem. - concordei.

- Somos amigos? - Estevão me estendeu a mão.

- Somos amigos. - apertei-a.

- Então que tal acompanhar seu mais novo amigo em um sorvete aqui perto. Eu acho que posso pagar.

Soltei outra gargalhada e aceitei a mão que ele me oferecia.

Foi o nosso primeiro encontro e muitos mais se seguiram depois daquele. Estevão se mostrava cada vez mais dócil e preocupado comigo.

Com o tempo, ele passou a frequentar até mesmo a minha casa e conquistou também a minha família.

Numa noite, quando estávamos voltando do cinema ele me beijou e então expôs tudo o que sentia, ou melhor, tudo o que dizia sentir por mim. Disse que havia se apaixonado por mim e me pediu em namoro.

Lembro-me de estar insegura na época, mas nossa amizade parecia tão bem consolidada depois de alguns meses que eu ignorei os meus receios e aceitei o pedido dele.

Então nós começamos a namorar oficialmente. Os amigos de Estevão,

todos da sua classe social pareceram espantados ao nos ver de mãos dadas nos corredores da universidade. Mas Estevão não ligou para nada disso. Ele me dizia que não se importava mais com eles e que eu não devia mais me importar.

"Nós temos algo especial, Ellen. Esqueça esses paradigmas. Eu amo você."

Ele era tão convicto que a minha insegurança foi minando devagar ao longo dos meses que passamos juntos. Estevão era tão amoroso e perfeito que eu não precisava temer nada e aos poucos fui entregando meu coração até que em uma noite, eu o entreguei por completo.

- Ell? - A voz de David me despertou das minhas lembranças.

- David, me desculpe. - segurei a mão dele. - Eu acordei você.

- Não acordou. Eu acordei sozinho. - David apertou a minha mão de volta.

- Como se sente?

- Muito bem. - Ele garantiu e sorriu em seguida. - Mas estou com saudades de casa.

- Nós voltaremos quando o seu tratamento terminar. - garanti.

- Eu sei. - David pareceu um pouco triste.

- Você vai ver como isso passará logo e nós voltaremos para a casa.

- Eu entendo Ell. - David prosseguiu. - Só não gosto de ficar deitado aqui o dia

todo. Estou perdendo a minha série.

Soltei uma risada.

- Prometo comprar o restante das temporadas para você depois, David e então poderá assistir até se cansar. - puxei o cobertor e o coloquei sobre o corpo dele. - Agora tente dormir. Tente descansar um pouco.

- Tudo bem. - David assentiu e voltou a se aconchegar na cama.

- Boa noite, David.

- Boa noite, Ell.

Ele fechou os olhos e eu voltei a me recostar na poltrona, dessa vez tentando não pensar sobre Estevão. O passado não me traria nada, agora eu precisava me concentrar no futuro e não cometeria os mesmos erros. Damien tinha me dado uma escolha e não conseguiria nada de mim.

Desliguei o telefone e me sentei no sofá.

Júlia queria voltar para a casa, mas eu mesma mal ficava na nossa casa e Júlia precisava de rotina e horários. Gastei mais de meia hora para convencê-la a ficar na casa da minha tia, mas no final meus argumentos forma convincentes.

Ainda mais difícil foi convencer Baby que eu não poderia mais sair com ela. Ela estava louca para saber

o que nós iríamos fazer e ficou um

pouco decepcionada quando eu disse que não poderia mais ir. Mas eu a consolei dizendo que teríamos uma outra oportunidade.

Por sorte, não foi preciso dar nenhuma explicação a Arianna. Ela estava trabalhando e Jenny também. Minha tia tomou meu lugar no hospital com David assim que a manhã chegou e tudo o que eu tinha de fazer agora era esperar pelo motorista de Damien.

Lancei os olhos pela sala e minha atenção foi rapidamente capturada pelo retrato da minha mãe sobre a estante. Levantei-me e me aproximei da foto. Ela estava linda e nós tínhamos tirado aquela foto todos juntos no aniversário de doze anos dos gemêos.

Segurei a foto e senti lágrimas se formando na linha dos meus olhos.

Aquele tinha sido um dia feliz para todos nós.

Apertei a foto contra o peito e fechei os olhos.

- Você faz tanta falta, mamãe. Tanta falta.

De repente escutei três batidas rítmicas contra a minha porta. Coloquei a foto de volta em seu lugar e passei as mãos pelo meu rosto. Então verifiquei meu rosto diante do espelho e peguei a minha bolsa. Hora de ir encontrar Damien.

Caminhei até a porta e a abri.

- Senhorita Ellen. - Tom sorriu para mim e eu me senti estranha pela entonação importante com a qual ele falou.

- Ellen, por favor. - pedi. Eu não me sentiria bem com aquele tipo de tratamento. - Eu sou mais parecida com você do que com o seu patrão.

Tom abriu um pequeno sorriso e concordou.

- Como quiser, Ellen.

- Eu vou apenas trancar a porta e nós podemos ir.

Ele assentiu e se afastou dando-me espaço para fechar a porta. Quando eu terminei, Tom estava me aguardando na calçada ao lado de um sedan preto.

Sorri. Ele havia sido discreto, como prometera. Mas ainda sim haviam vizinhos olhando de forma curiosa para Tom e o carro. O motorista se adiantou para abrir a porta do banco de trás, mas eu o impedi.

- Eu posso fazer isso. - sorri.

Tom assentiu e deu a volta para assumir o banco do motorista. Eu me acomodei no banco traseiro e fechei

a porta. Logo nós estávamos deslizando pelas ruas do Rio de Janeiro.

Deixei minha mente vagar sem rumo enquanto contemplava as pessoas apressadas pelas ruas em mais um dia de trabalho. Eu era uma delas a alguns dias atrás, o emprego era a minha única preocupação.

Distraída em meus pensamentos, não percebi quando Tom parou o carro até que ele abriu a porta para mim.

- Olá Darling. - Damien se aproximou de mim assim que me viu fora do carro. Sua mão segurou o meu queixo e ele se curvou beijando-me

rapidamente. - Estou ansioso pelo nosso dia juntos.

- Eu não sei se posso dizer o mesmo. - confessei.

Damien sorriu. Ele abriu a boca para me responder, mas Tom falou antes.

- O seu carro senhor. - Ele entregou uma chave para Damien.

Só então percebi que estávamos parados diante do Shopping Village Mall na barra da Tijuca. Era uma construção gigantesca com uma faixada de vidro e com coqueiros próximos a entrada.

- Leve o outro para a casa. - Damien instruiu fazendo-me esquecer um pouco do belo local e fitá-lo.

Tom começou a se afastar. mas eu me lembrei de agradecer.

- Obrigada Tom.

- Foi um prazer, senhorita...

- Ellen. Apenas Ellen, por favor. - repeti e sorri para ele.

- Um prazer, Ellen.

Ele virou as costas e nos deixou. Quando me virei para fitar Damien me lançava um olhar interessado.

- Tudo bem? - perguntei receosa.

Ele não me respondeu. Apenas passou o braço pela minha cintura, prendendo-me a ele. Então sorriu de lado.

- Venha. Vamos começar a nossa tarde divertida.

Damien começou a caminhar e eu segui os seus passos para dentro do shopping que em seu interior não deixava a desejar. O piso nas laterais do amplo hall era constituído por uma tonalidade próxima do areia, mas o centro era mais levado para o cinza escuro.

- Nossa. - Não consegui evitar o meu suspiro diante da elegância do lugar.

- Melhor do que eu imaginei. - Damien analisou o lugar.

De repente o celular dele começou a tocar.

- É importante. - Ele falou depois de olhar a tela. - Porque não começa o nosso passeio sem mim. Eu a encontro daqui a pouco.

E antes que eu pudesse responder qualquer coisa, Damien se afastou segurando o telefone no ouvido.

Olhei pelo hall sem nenhuma confiança. Pessoas bem vestidas entravam e saiam de lojas com belas vitrines. Algumas me olhavam curiosas.

Talvez pela roupa simples que eu estava usando.

Mordi meu lábio inferior e tamborilei os dedos na minha perna. Eu nunca fui realmente amante de fazer compras. Minhas visitas em lojas eram rápidas e muito ocasionais. E sem dúvidas não eram em lojas de grife como aquelas.

Suspirei e apertei minha mão direita em torno da bolsa. Era melhor começar logo para ir embora logo. Enchi-me de coragem e comecei a caminhar até a primeira loja que me chamou atenção.

Não reparei o nome e apenas entrei no espaço. Fiquei completamente encantada com a decoração. Era toda branca com alguns detalhes em preto. Havia algumas poltronas e o lugar tinha uma combinação de aromas agradáveis.

- Com licença. - Uma vendedora de cabelos negros e olhos castanhos se aproximou de mim, mas ela não parecia muito a vontade. - A senhorita está perdida?

Seu olhar analisou-me atentamente.

- Não. Eu não estou.

- Em que posso ajudá-la? - Ela prosseguiu.

- Em muita coisa. - espantei as paranoias da minha cabeça. Ela apenas estava sendo profissional. - Preciso de ajuda para escolher novas peças.

A vendedora não me disse nada por alguns instantes e depois soltou um suspiro.

- Lamento, mas acho que esse não é o seu tipo de loja. - Ela sorriu, mas nada amigavelmente.

- O que?

- As coisas costumam custar mais que um salário mínimo por aqui. E

você não me parece o perfil que pode consumir os nossos produtos. E

se está querendo roubar, nós temos câmeras e um ótimo serviço de segurança. Volte para a comunidade de onde veio.

Senti meus olhos arderem e o sentimento de humilhação surgiu novamente. Virei-me pronta para deixar

tudo aquilo, mas as mãos de Damien seguraram os meus ombros.

- Espere aqui. - Damien me orientou com um olhar sério.

Então ele passou por mim e eu me virei de volta.

- Qual é o seu nome senhorita? - A voz dele saiu cortante e eu vi a garota se encolher.

- Erica. - Ela falou com um fiapo de voz.

- Muito bem, Erica. Pela sua expressão, já deve ter ouvido falar de mim.

- Damien lançou um olhar pela loja.

- Claro, senhor Mason.

- E se me conhece, talvez também saiba das minhas ótimas relações com o dono dessa rede de lojas.

A cor do rosto da vendedora sumiu na mesma hora.

- E sinceramente. - Damien pegou um dos enfeites que estavam numa mesinha próxima. - Acho que ele não ficaria nada feliz em saber a forma como você trata os seus clientes.

- Ela está... Está com o senhor? - Erica gaguejou e eu comecei a sentir pena dela.

Damien sabia intimidar quando queria.

- Assimilou rápido. - Ele abriu um sorriso e colocou o enfeite prateado de volta em seu lugar. - Mas o importante nesse caso não sou eu. O

importante é a bela comissão que você acabou de perder junto com o

seu emprego.

- Senhor, me desculpe, eu não sabia que ela estava com o senhor. Eu...

Damien fez um gesto para que ela se calasse.

- Isso é irrelevante agora. Depois que eu sair daqui Leonidas saberá exatamente que tipo de funcionários andam contratando em seu nome.

E garanto que essa demissão não será bonita para o seu currículo.

Os olhos da vendedora se encheram de lágrimas. Percebi outras garotas mais ao fundo da loja assistindo petrificadas a cena. Olhei mais uma vez para a garota, agora com lágrimas descendo pelo rosto e percebi que aquilo não era certo. Ela havia errado, mas fazer o mesmo não resolveria nada.

- Damien. - toquei o braço dele. Ele se virou na mesma hora. - Isso não é necessário. A moça não precisa perder o emprego.

- Ela falhou, Ellen. - Damien pareceu surpreso com a minha atitude.

- Ela não fez por mal. - Lancei um olhar para a vendedora, mas ela abaixou a cabeça envergonhada. - Tenho certeza.

- Certo, Darling. - Damien fixou seus olhos nos meus. - Decida o destino dela.

Afinal, ela ofendeu a você. - Ele fez um gesto para a vendedora.

Ela olhava para nós e seus ombros tremiam levemente.

Soltei um suspiro e caminhei até ela.

- Desculpe-me senhorita. - Ela fungou e se recusou a me olhar.

- Não se preocupe, você não vai perder o seu emprego. - segurei a mão

dela e ela ergueu o rosto na mesma hora. - Apenas espero que tenha mais cuidado. As palavras podem ferir bastante e todos nós merecemos respeito, independente da classe social.

- Obrigada, senhorita. - Ela sorriu em meio as lágrimas.

- Você pode me agradecer ajudando-me a encontrar o que vim procurar.

Os olhos dela brilharam alegres e ela assentiu com a cabeça.

- Vamos começar por aqui. - falei e me virei para Damien.

Ele franziu o cenho por um instante, mas depois soltou um suspiro.

- Parece que é o seu dia de sorte, senhorita Erica. - Ele se aproximou de mim. -

Você pode escolher, eu estarei na sala dos provadores para opinar.

- Você não quer logo escolher as roupas para mim?

- acredite, eu não gosto disso. Mulheres em lojas ficam exaustivas. Mas como eu salientei tudo é uma questão de imagem, my bunny. - Ele se curvou e me beijou rapidamente. - Espero por você.

Damien sorriu e se afastou para dentro das dependências da loja sendo seguido por alguns funcionários.

- O que a senhorita deseja adquirir? - Erica me perguntou após limpar o rosto.

- Eu não sei bem. Terei um jantar hoje e um compromisso em um clube numa tarde. - sorri nervosa apenas de imaginar. - O que você sugere?

- Obrigada, George. - Agradei quando ele pousou a última sacola de compras dentro do amplo quarto. O mesmo em que eu passei a noite na primeira vez em que estive na casa de Damien.

- Estou sempre às ordens, senhorita. - Ele sorriu amigavelmente. - O

senhor Mason pediu para que eu a avisasse que vocês sairão as 20:00

horas. E a senhorita poderá encontrá-lo na primeira sala do andar de baixo.

- Tudo bem. - sorri de volta. - E me chame somente de Ellen, George.

- Como quiser, senhorita, quero dizer Ellen. Deseja mais alguma coisa?

- Obrigada, mas eu estou bem. - agradei mais uma vez.

- Sendo assim, vou me retirar. - Ele sorriu uma última vez e saiu fechando a porta.

Sorri diante da situação. Era engraçado ser tratada com tanta cerimônia por todas aquelas pessoas. Principalmente quando eu me lembrava de que não tinha nem mesmo onde cair morta. Era muito contraditório.

Deixei meus olhos pousarem nas sacolas com emblemas marcantes.

Louis Vitton, Valentino e até mesmo Tiffany's. Damien me obrigou a entrar em todas elas e comprar alguma coisa. No final da tarde eu estava exausta de tanto provar roupas e ainda tinha que me preparar para o jantar que nós teríamos.

Suspirei e sentei na cama abrindo a bolsa em busca do meu celular.

Havia ligado para o hospital algumas vezes durante a tarde e minha tia

havia me tranquilizado dizendo que Davi estava bem. Ela também me obrigou a passar uma noite em casa, visto que eu estava dormindo muito no hospital. Não consegui convencê-la do contrário e tive de aceitar sua imposição.

"Eu sou mais velha e sua tia, portanto obedeça."

Foi o que ela me falou antes de desligar o telefone. Também havia algumas mensagens de Arianna e Jenny, mas eu as responderia mais tarde.

Olhei o relógio no criado próximo a cama. Eram pouco mais das seis da tarde. Eu teria que me apressar se quisesse ficar pronta na hora certa.

Suspirei e me levantei da cama sentindo-me estranha no amplo cômodo. Era muito diferente do meu quarto com uma cama estreita e um pôster do Top Gun. Eu me sentia subitamente deslocada naquele lugar.

Balancei a cabeça para espantar a sensação e olhei para todas as compras mais uma vez. Eu me preocuparia com elas depois. Primeiro precisava tomar um banho. Girei sobre os calcanhares e caminhei para o banheiro. Apesar de não me sentir confortável, eu me despi e entrei no chuveiro. Eu deixei a água correr relaxando os meus músculos e tomei cuidado para não estragar o penteado que havia feito no salão, mas não demorei muito no chuveiro por medo de me atrasar.

Saindo dele abri o armário para encontrar uma toalha e descobri vários outros itens femininos. Ele realmente havia pensado em tudo. Enrolei meu corpo e verifiquei o coque no espelho. Meus cabelos estavam tão brilhosos que eu quase não me reconhecia. Todos os procedimentos no salão tinham valido a pena. Então saí do banheiro e comecei a remexer as sacolas de compras sobre a minha cama. Erica havia me indicado um vestido preto longo para a noite. Uma das peças que não mostrei a Damien, assim como os lingerie. Seria aquele.

Vesti-me devagar acompanhada por um medo bobo de estragar a peça.

Quando terminei fui até o espelho de corpo inteiro para verificar a minha imagem. Erica estava certa. O vestido era lindo, com um decote bem cortado e com alças finas que formavam longas tiras de pano caindo pelas minhas costas. A saia tinha um corte do lado direito dando um pequeno vislumbre da minha perna. Aquela parte me deixava um pouco desconfortável, mas o corte era tão discreto e o vestido tão bonito que eu ignorei o meu sentimento tolo.

De repente, me recordei da hora. Procurei pelo relógio e percebi que já eram quase sete. Então voltei até as sacolas em busca das maquiagens.

Era hora de ver se os truques que a maquiadora me ensinou dariam certo. Reuni os novos pertences e fui até o banheiro.

Foram longos quarenta minutos, mas no final eu me senti bastante segura com o resultado e pouco antes das oito eu estava pronta para

sair. Peguei a pequena bolsa que custara uma pequena fortuna e coloquei alguns itens dentro dela. Então resolvi descer as escadas e esperar por Damien no andar de baixo. Qual foi a minha surpresa quando percebi que ele estava no final da escada já esperando por mim.

Ele fitava o relógio, mas quando ouviu o barulho dos meus saltos ergueu o rosto.

Seu rosto ficou sem expressão por alguns instantes e ele não disse nada.

Ficou apenas me analisando enquanto eu descia as escadas. Quando eu parei diante dele, pigarreei desconfortável.

Damien piscou e seus olhos vaguearam pelo meu corpo.

- Você está linda.

Senti meu rosto aquecer quando seus olhos pararam nos meus.

- Obrigada. - gaguejei.

Damien sorriu parecendo voltar a si.

- Posso ver que eu estava correto.

- O que?

- Sobre o que invisto. - Damien segurou a minha mão e levou-a aos lábios. - Eu nunca erro nisso.

Eu não falei nada e ele voltou a sorrir.

- Vamos. - Ele me ofereceu o braço e eu aceitei.

- Em que lugar nós iremos?

- Você verá quando chegarmos. - Ele falou e começou a caminhar para fora da sala. - Vou mostrar a você um pouco do que encontrará estando comigo no clube dos milionários.

Bônus: Lençóis Egípcios

"Pois garota você é perfeita e você sempre vale a pena. Garota, você ganhou." (

Earned it – The Weeknd)

— O que você vai querer beber? — Nicholas me dirigiu um sorrisinho idiota e eu fiz uma careta. — O que é isso, Damien? Onde está o seu bom humor?

O barman se aproximou de nós.

— Dois uísques duplos, por favor. — falei.

O homem assentiu e se afastou.

— Eu não sei por que aceitei vir até aqui. Tenho muito trabalho na minha casa á minha espera.

— Deixe esses malditos papeis de lado por algumas horas. A Imperium não vai falir por você se divertir um pouco.

— Eu vou beber o que pedi e vou embora depois. Não estou com temperamento bom para diversões hoje.

"Um homem com esse caráter deturpado."

As palavras de Ellen tomaram meus pensamentos mais uma vez e eu cerrei os punhos. Quem ela pensava que era para me afrontar e

questionar o meu caráter? Eu não precisava da maldita lição de moral dela.

Meus pensamentos foram quebrados com a chegada do barman. Ele encheu nossos copos e se afastou deixando a garrafa á pedido de Nicholas.

— Eu acho que sei o que está acontecendo. — Nicholas falou de repente e capturou a minha atenção. — É ela não é?

— Não é nada. — respondi e preni minha atenção nas garrafas de bebida á minha frente.

— Agora tenho certeza. Ellen de Souza continua a rejeitá-lo? — Nicholas provocou.

— Não é um assunto que te diz respeito. — respondi e engoli a bebida rapidamente. — Eu vou agora. — comecei a me levantar.

— Você está tentando da forma errada, Damien. — Nick sorriu calmo.

— Acho que Ellen não é o tipo de mulher que se pode comprar.

— Todas as mulheres podem ser compradas, Nicholas. Você também reconhece isso. — voltei a me acomodar no banco.

— Reconheço que a grande maioria sim, pode ser comprada. Mas ainda existem algumas que não agem de forma convencional e parece que você acertou na loteria e conseguiu um exemplar. — Ele analisou a bebida e depois engoliu uma parte do líquido.

— Não acredito nisso. Talvez eu tenha deixado transparecer demais o meu interesse e ela quer conseguir mais de mim. — derramei mais uísque no meu copo.

— Porque não tenta pela forma comum? Flores, bombons e promessas que não pretende cumprir.

Soltei uma gargalhada diante da última frase dele.

— Eu não tenho tempo para esse tipo de coisa. E não quero conquistá-la, quero apenas dormir com ela. — admiti e foi a vez de Nicholas rir.

— Verdadeiro. — Nicholas deu de ombros e bebeu o restante de uísque no seu copo. — Mas acho que ser verdadeiro não está te ajudando.

— Dane-se. — sorri sentindo o álcool me relaxar. — Não vou mais insistir nisso.

Ela não é insubstituível.

— Não é. Mas nada pior do que ter um desejo reprimido, acredite meu amigo. — Ele serviu outra dose em seu copo e completou o meu.

— E o que você sugere?

— Tente uma abordagem diferente. Pare de tentar comprar a garota e faça o que eu te disse sobre promessas que não pretende cumprir. As mulheres são levadas pelo que dizemos e com certeza Ellen não ficou contente com o que você disse.

Soltei um suspiro.

— Digamos que eu aceite a sua sugestão. — ergui a mão e fixei meus olhos no meu copo. — Terei de ser paciente, certo? E esperar até que

ela decida-se a me dar o que quero.

Nick assentiu.

— Não. — engoli a dose de uísque de uma vez. — Eu não faço esse tipo.

É melhor que eu procure outra.

— É uma escolha sua. — Nick também engoliu todo o líquido do seu copo. — Mas garanto que isso não vai adiantar muito. Você ainda irá desejar o que não pode ter.

Suspirei e me levantei.

— Certo. Estou indo para a casa. Vai anoitecer logo e eu preciso trabalhar.

Nicholas sacudiu a cabeça concordando e eu comecei a me retirar do bar. Eu não me sujeitaria á isso, se Ellen não queria ceder, eu encontraria várias outras á minha altura que poderiam servir como diversão.

Nicholas estava terrivelmente certo. Não havia nada pior do que um desejo reprimido.

Empurrei a cadeira do meu escritório bruscamente e me levantei.

Maldito seja Nicholas Ferraço e suas teorias sobre mulheres. Eu simplesmente não conseguia tirá-la da minha cabeça. Ellen tinha se agarrado de tal forma á meus pensamentos que todo o trabalho que

devia estar pronto estava atrasado sobre a minha mesa.

Como ela havia conseguido isso? Primeiro eu joguei minhas próprias regras para baixo do tapete quando decidi ir atrás dela apesar de ela não estar dentro do que eu procurava. Depois eu quebrei a promessa que fiz a mim mesmo de não procurá-la quando saiu da minha casa no nosso primeiro almoço, mas eu não esperava vê-la no coquetel do embaixador. No início da festa, tive a certeza de que ela estava ali propositalmente.

Mesmo com a roupa de garçõnete ela estava bonita. A saia preta e lisa contornava bem as suas formas e mesmo não revelando muita pele, prendeu a minha atenção. Coisa que não agradou nem um pouco Corine, a socialite que estava se jogando para cima de mim nos últimos dias.

Eu tentei de todas as formas ignorar Ellen enquanto ela desfilava pelo salão, mas quando ela veio servir a minha mesa durante o jantar e se curvou ao meu lado não consegui resistir a analisá-la. A blusa branca estava impecável e seu cheiro adocicado agradou o meu olfato. Meus olhos se fixaram nas suas costas e eu percebi o sutiã de cor clara por baixo do tecido fino da blusa, mais funcional do que para alguma artimanha de sedução. Foi exatamente naquele momento em que eu percebi que ela não tinha preparado aquilo.

— Obrigado. — ouvi-me agradecendo.

Ellen me olhou surpresa e nervosa, mas se afastou sem me dizer uma única palavra.

Senti a mão de Corine no meu braço e lamentei por tê-la convidado a vir comigo. O restante da festa foi regado a discursos e conversas que não conseguia me entreter. Não quando todos os meus sentidos estavam atentos á ela. Cada vez que Ellen se aproximava, eu tinha de me lembrar de que não podia puxá-la e beijá-la ali mesmo. Era uma missão complicada. A menor das coisas nela me parecia tentadora.

Quando tudo acabou, eu caminhei em direção a saída com Corine. Ela estava tentando me provocar com palavras sensuais, mas meu corpo simplesmente não respondia á ela. E mesmo eu reconhecendo sua beleza, percebi que não a queria na minha cama no final da noite.

— Onde está o seu blazer, querido? — Corine me perguntou antes de entrar no carro.

— Acho que o deixei no salão. — reconheci um tanto irritado. — Espere aqui Tom, eu já volto.

Tom assentiu e eu voltei a entrar no edifício. Atravessei as dependências apressado e em pouco tempo me vi chegando à entrada do salão. Mas quando eu percebi uma música tocar diminuí a velocidade dos meus passos.

A música ficava mais alta á medida em que eu me aproximava. O som

tinha uma tendência eletrônica e outro ritmo se misturava á ele. Ao chegar na entrada dupla do salão, uma surpresa agradável dominou a minha visão.

Parei no limiar da porta completamente fascinado pela visão que tive.

Ellen estava descalça e ensaiava passos de dança enquanto caminhava de uma mesa para outra. Ela sorria de uma forma que eu ainda não havia presenciado e ás vezes gargalhava quando esbarrava em uma das mesas. Seus cabelos eram uma bagunça tentadora caindo pelos seus ombros.

— Deus, eu sou terrível nisso. — Ela disse para si mesma e gargalhou mais uma vez para depois recomeçar a cantar a música.

Eu não consegui evitar o sorriso diante da nota que ela deu a si própria, apesar de na minha perspectiva ela estar se saindo muito bem. Seus quadris se movimentavam com graciosidade e com um toque sugestivo de sensualidade, mas que era o suficiente para esquentar tudo dentro de mim.

Desabotoei a parte mais alta da camisa sentindo o impulso desejoso correr pelas minhas veias.

Ellen ainda sem se dar conta de que eu a observava jogou os dois braços para cima e remexeu os quadris de forma ousada deixando a minha boca momentaneamente seca. Depois ela rodou a flanela que tinha entre os dedos acima da cabeça. Então ela a soltou pelos ares no último acorde da música.

— Vou desafiar você. — Ela repetiu e gargalhou animada.

— Eu me senti pessoalmente desafiado, Darling.

Finalmente me pronunciei. Ellen se virou na mesma hora e seu rosto foi tomado por uma expressão de pânico.

— O que você está fazendo aqui? — Ela perguntou visivelmente nervosa.

Por um curto momento, eu me esqueci do que realmente tinha ido fazer.

— Vim buscar o meu blazer. — Entrei no salão e recuperei a peça sobre uma das cadeiras. Então caminhei até ela.

— Quanto tempo você ficou ali?

Ela estava corada pelo exercício, ficando ainda mais atraente.

— Praticamente desde a hora em que você começou a fazer seu desafio.

A cor sumiu do rosto dela na mesma hora. Ellen pareceu horrorizada ao saber que eu tinha presenciado toda a sua dança. Ela tentou se afastar de mim, mas a mesa atrás dela facilitou o meu trabalho.

— Você é uma ótima dançarina, my bunny. — Ergui seu rosto fazendo-a me olhar.

Seus lábios tremeram á minha aproximação. Dessa vez eu não sairia sem sentir o gosto deles.

— Não se aproxime, por favor. — Ela se encolheu quando eu diminuí o espaço entre nós.

— Eu tentei, Darling. Juro que passei toda a noite ignorando suas pernas deliciosas deslizando por entre os convidados. — Afaguei seu rosto. —

Mas você está criando novas fantasias na minha mente vestida desse jeito, Ellen.

— Damien nós já conversamos. Isso não pode dar certo. Eu não quero você. — Ela tentou afastar minha mão do seu rosto, mas eu a desviei agarrando sua nuca.

Ellen ofegou com o meu toque e suas pupilas dilataram desejosas.

— Você não me quer? — sussurrei diante do rosto dela e acariciei sua pele com a ponta dos dedos.

— Não. — Ela insistiu.

Sorri. Teimosa. Decidi provocá-la e abaixei o rosto para morder seu queixo perfeito, sentindo o calor da sua pele macia na minha língua.

— Você é uma mentirosa, Ellen de Souza. — ergui a cabeça e não esperei outra palavra dela e beijei-a.

O desejo que pulsava nas minhas veias se intensificou quando meus lábios tocaram os dela. Ellen resistiu á mim por alguns segundos, mas a atração que eu sabia já existir dentro dela venceu sua oposição e ela entreabriu os lábios dando-me a sua permissão. Puxei-a pela cintura ávido para sentir mais o gosto viciante dela. Então senti as mãos dela se enroscarem nos cabelos da minha nuca e soltei um grunhido involuntário para depois morder seu lábio inferior em resposta. Ellen gemeu

dentro da minha boca e eu suguei a carne macia que eu havia mordido enquanto minha mão deslizava para o seu quadril.

Perdi a noção momentaneamente de onde eu estava e a necessidade de tê-la me invadiu com uma força maior do que nas outras vezes. Eu queria afastar a decoração que estava sobre a mesa e sentá-la na madeira escura para sentir suas pernas envolverem a minha cintura enquanto eu afastava aquela saia comportada que ela estava usando.

Mas a minha pouca consciência me alertou de que alguém poderia chegar á qualquer momento e quando o ar faltou eu permiti que ela se afastasse.

— Delicioso e infinitamente mais inebriante. — murmurei diante do rosto dela.

Ellen abriu os olhos e suas esferas castanhas me fitaram com o mesmo desejo que eu sabia estar carregando o meu olhar naquele momento também.

— O que? — Ela balbuciou e seus olhos vacilaram para os meus lábios.

— O seu gosto, my Darling. É ainda melhor que o cheiro.

Segurei seu rosto e voltei a me aproximar, mas dessa vez suas mãos ficaram espalmadas no meu peito impedindo-me de tocá-la.

— Não! — Ela me afastou. — Isso não devia ter acontecido.

Ellen parecia realmente arrependida do nosso curto momento e por um

instante eu pensei ter visto lágrimas na linha dos seus olhos.

— Não só devia como iria acontecer, Ellen. Quando existe esse tipo de atração entre duas pessoas é difícil fugir.

— Você não devia ter vindo. — Ela afastou seu olhar do meu e saiu dos meus braços. — Nós já estamos resolvidos e você deve ir agora.

Sua voz não tremulou nem um pouco e eu pensei ter me enganado com as lágrimas.

— Você não pode me dizer o que fazer. — segurei-a pelo pulso e obriguei-a a me fitar.

— E você não podia ter tocado. Porque você não volta para a loura que estava o acompanhando mais cedo?

Então se tratava de Corine? E provavelmente do beijo que não consegui fugir no começo da festa. Aquilo havia sido apenas faixada. Eu nem queria tocá-la, mas não podia empurrá-la bruscamente quando ela me agarrou na frente de Ellen.

Uma sensação agradável percorreu a minha espinha. Os ciúmes dela contradiziam suas palavras dita antes, de que não me queria.

— É tão difícil assim para você me deixar em paz? Se você acha que eu vou dormir com você...

Não deixei que ela falasse mais nada. Segurei sua nuca e a beijei. Dessa vez com ainda mais vigor e

sede. Ellen estremeceu e seu corpo

amoleceu nos meus braços. Apertei-a contra mim e deslizei meus lábios pelo seu pescoço até chegar a sua orelha. Ela soltou um gemido tímido e eu ri.

Por mais que ela negasse, não havia fuga. Ellen já era minha.

— Eu não tenho pressa, Ellen. — explorei as laterais do seu rosto e depois beijei o seu queixo. — E sei que você e eu ainda iremos nos entender.

Ellen não disse nada. Seus olhos apenas me estudavam repletos de desejo.

— E não precisa ter ciúmes da Corine. Eu não a quero. — provei de seus lábios mais uma vez. O gosto dela era incrível. — Porque eu quero você, Ellen.

Desde aquela recepção. Apenas você. E você também me quer.

Pode negar para si mesma, mas sabe que no fundo eu sou o único a encarar os fatos. E os fatos são simples: você quer e vai dormir comigo.

— Eu não vou fazer isso. — Ela se assustou diante das minhas palavras e me afastou dela.

Aproximei-me dela e segurei o seu rosto próximo do meu.

— Isso é o que nós veremos, my bunny. — Sorri e me afastei para segurar sua mão direita. — Até breve senhorita.

Meu notebook anunciou a chegada de mais um e-mail. Recusei-me a olhar para o computador e continuei a fitar o mar além da minha janela.

Porque eu não conseguia simplesmente deixá-la de lado? Mesmo depois de tudo o que ela me disse. Mesmo depois das acusações sobre o meu caráter.

Soltei um suspiro e saí da janela para me servir de um pouco de uísque.

Até nisso ela havia me mudado. Eu me proibia de beber durante o período em que estava analisando os relatórios em casa, mas ultimamente o mau hábito estava se fazendo necessário.

Preparei um copo e engoli a bebida de uma só vez. Então coloquei o copo sobre a mesa e decidi deixar a papelada para outro dia. O melhor que eu podia fazer era tomar um banho e dormir um pouco. As coisas sempre estão em melhor perspectiva depois de uma noite de sono.

Desliguei o computador e saí do escritório. Tranquei-o e caminhei para o meu quarto. Fui direto para o meu banheiro e me livre das roupas do escritório para entrar no chuveiro frio. Naquele país de clima tropical água fria era sempre bem vinda.

Ela havia chorado. Recordei-me do seu rosto molhado enquanto passava as mãos pelo meu cabelo.

E para a minha surpresa, a reação não havia sido nada agradável em mim. Geralmente eu não me importava com as lágrimas e histeria delas.

Mas com Ellen foi diferente. Parecia haver uma dor verdadeira em seus olhos e pela primeira vez, eu experimentei algo parecido com culpa.

Meneei a cabeça e apoiei meus cotovelos na parede sentindo a água nas minhas costas.

Eu não estava gostando nada daquela maldita sensação de que eu havia feito algo errado.

E se Nicholas estivesse certo? E se Ellen fosse uma mulher que não podia ser comprada? Pior, e se Ellen estivesse correta sobre o meu caráter e sobre a forma como eu encarava as coisas.

"Sequer me enxerga como gente."

Levei as mãos às têmporas sentindo uma leve dor de cabeça fazer as minhas artérias latejarem. Suas palavras agora estavam voltando á minha mente com força total.

"Você acha que o seu dinheiro pode conquistar tudo, mas está enganado. Todo o seu dinheiro não vai ser suficiente para encobrir quem de fato você é Damien e eu não vou permitir que você também me use."

Também me use. Eu não pude deixar de notar algo turvar o olhar dela quando essas palavras de saíram de sua boca. Por um momento, ela pareceu frágil, machucada.

Desliguei o chuveiro e enrolei uma toalha branca na minha cintura. Com outra sequei os cabelos rapidamente e abandonei o banheiro. Procurei por um calção confortável e negligenciei a camisa. As noites no rio eram sempre quentes. Então me joguei na cama, mesmo estando sem sono.

E se aquilo não houvesse sido uma cena? E se a dor que enxerguei tivesse sido verdadeira. Talvez ela tenha sido machucada. Talvez eu

devesse ir até ela e me desculpar pelo que fiz.

Virei-me na cama e senti meu corpo desconfortável diante dos meus pensamentos, mas então outras palavras me vieram à mente.

"Você precisa acreditar em mim, Damien. Eu amo você."

Foi o que Crytle me disse quando amigos de confiança vieram me falar de que suspeitavam de que ela me traía. Eu fui até ela em busca de satisfações e ela me garantiu de que não passavam de mentiras. Ela também chorou e jurou que me amava. E eu acreditei, porque queria isso. Queria acreditar que ela estava sendo sincera. Poucas semanas depois a encontrei nua com Luigi entre lençóis. Traindo não só a mim como a minha empresa.

Não. Eu não iria ceder às impressões ou a minha vontade de ver Ellen como eu gostaria que fosse. O que eu procurava não existia e eu já tinha me conformado com isso.

Soltei um suspiro e fechei os olhos com força concentrando-me apenas em descansar para o dia seguinte. A perspectiva sempre podia melhorar depois de uma boa noite de sono.

— Temos certeza de que podemos atender as exigências da Imperium, senhor Mason. — o advogado sorriu confiante na minha direção.

Olhei para os papéis nas minhas mãos um tanto incerto. O

representante da empresa que contava com o nosso investimento tinha

colocado as coisas de forma bastante promissoras, mas investir em uma empresa que tinha sérios problemas financeiros não me parecia um bom negócio.

— Eu não gosto de investir em nada que não me dê garantias. — refleti.

— E posso ver que vocês estão com alguns problemas sérios.

— Nada que não possa ser resolvido, se tivermos como investidora uma empresa de porte como a Imperium. — Ele sorriu mais uma vez. — Nós pedimos apenas uma chance para provar que podemos ser ótimos parceiros e render ainda mais lucros á sua empresa.

— Uma proposta sonhadora. — admiti. — Mas uma multinacional não vive de sonhos.

Levantei-me da mesa e ele também se levantou.

— Senhor Mason, nós estamos pedindo apenas um voto de confiança.

— Ele insistiu.

— Confiança é uma coisa que pode ser perigosa. — Ellen voltou aos meus pensamentos, mas eu procurei me concentrar na reunião. —

Todos que estão aqui nessa sala concordam comigo.

Os diretores em volta da mesa oval apenas assentiram com a cabeça.

— Como podemos confiar, se o dono da empresa, tecnicamente o mais interessado não está aqui para nos dar garantias. Você querem que eu invista alguns milhares de dólares em alguém que não conheço?

— O senhor Álvares não pode comparecer porque o filho teve alguns problemas e ele teve de se apresentar.

Sorri. Eu sabia bem com que tipo de problemas Estevão Álvares estava envolvido. Todo o país sabia da vida boêmia do herdeiro das indústrias Álvares. O interessante era que ele e eu tínhamos exatamente a mesma idade com a diferença de que ele não se importava nem um pouco com os bens que herdaria e que estavam perto de falir.

— Mas ele poderá se apresentar na próxima semana, se assim o desejar senhor. — O homem franzino me garantiu.

— Você é insistente. Uma característica boa no mundo dos negócios. —

ponderei e ele pareceu contente com o elogio. — Vou deixar que volte na próxima sexta com o seu patrão e então darei minha resposta final.

Ele sorriu abertamente e apertou a minha mão.

— Não se arrepenherá senhor Mason.

— Espero. Não fico feliz quando desperdiçam o meu tempo e a minha rara boa vontade. — admiti. — Essa reunião está encerrada.

Não esperei por ninguém e deixei a sala. O dia tinha sido complicado. A compra da AX havia sido realmente oficializada pela manhã e logo depois se estenderam algumas entrevistas com representantes de marcas que buscavam investimentos da Imperium.

Eu era bastante seletivo sobre o que investir. Gostava de calcular qual seria a margem de lucros e as probabilidades de aquele negócio atingir

as expectativas que eu desejava. E as vezes tudo aquilo era muito cansativo.

Cuidar de uma empresa grande como a Imperium exigia muito.

Principalmente após as expansões para outros países. Eu precisava trabalhar o tempo todo e manter o olho em todos os lugares. Muita coisa não podia ser confiada a terceiros. Sempre havia pilhas de relatórios de outras sedes para averiguar e viagens eram sempre necessárias para saber como as coisas estavam indo nos outros lugares.

Eu geralmente não me detinha nos lugares das filiais, mas como no Brasil tudo ainda era novo, eu precisava ainda ficar mais um pouco antes de seguir de volta para Nova York. Por sorte, poderia contar com Nicholas para me ajudar, mas ele também já tinha a mineradora dos pais para se preocupar.

Suspirei. Gostaria de encontrar alguém com quem dividir todos aqueles fardos. Carregar todas as tensões do mundo dos negócios sozinho podia ser insuportável às vezes. Seria ótimo ter alguém para conversar de forma que tudo não fosse parar nos jornais no dia seguinte. Meu pai havia tido muita sorte em encontrar minha mãe. Uma pena nenhum dos dois poderem mais me aconselhar.

Um nó se formou na minha garganta, mas eu ignorei as lembranças dolorosas e me concentrei nas boas. Sorri ao me lembrar de algumas

cenar da minha infância e entrei no elevador para seguir para o meu escritório ainda pensando na minha antiga casa e em como eu tinha saudades daquela época. Então verifiquei o relógio. Talvez devesse ligar para Nicholas e chamá-lo para uma nova conversa de bar. Seria revigorante.

Escutei a porta se abrir e então ergui a cabeça para me deparar com uma cena inusitada.

— Ellen. — andei até ela a passos largos.

Minha secretária disse alguma coisa, mas eu não consegui entender.

Estava concentrado nas mãos do segurança agarrando o braço dela. Ele não tinha o direito de tocar o que não era dele.

— Soltem a garota. — Ordenei ríspido.

O homem pareceu assustado e obedeceu prontamente.

Muito melhor.

— Damien... E-eu... Preciso falar com você. — Ellen manteve seus olhos nos meus.

Lembrei-me das últimas circunstâncias em que nos vimos e pensei em não aumentar mais aquele tormento que eram os nossos encontros.

Mas diante dos seus olhos castanhos, eu não consegui negar.

— Certo. — concordei e lancei um olhar para a minha secretária. —

Desmarque minha última reunião e não permita que ninguém se aproxime da minha sala.

Ela assentiu e eu espalmei a minha mão nas costas de Ellen sentindo sua pele macia sob o tecido do vestido. A mesma corrente elétrica percorreu o meu corpo e meus dedos queimaram ansiosos para sentir mais.

Quando chegamos a minha sala, eu a soltei com certa relutância.

— E então? — tentei parecer indiferente e fui até a minha mesa. — O

que posso fazer por você, Ellen?

As memórias do almoço começaram a voltar e eu engoli um pouco de uísque apagando-as, novamente quebrando a minha regra de não beber no escritório. Quando retirei meus olhos da garrafa encontrei os dela me observando. Esperei que ela se pronunciasse, mas Ellen permaneceu muda fazendo-me reparar no que ela usava pela primeira vez. Meus olhos estudaram suas curvas para em seguida aprová-las com louvor e eu me surpreendi, porque não havia nada nela que convencionalmente me agradaria, mas ainda assim Ellen parecia linda. Perfeita.

Analisei o vestido simples estampado e o bracelete que parecia feito de material reciclável. Não consegui achar defeito algum, por mais que tenha tentado. Parecia que minha mente simplesmente já não se importava com os conceitos de antes. Para os meus olhos, Ellen era linda de qualquer forma.

Suspirei. Detestava ter os meus princípios repensados.

— Eu não tenho o dia todo Ellen. — atirei aborrecido comigo mesmo

por ser tão permeável á ela. — Diga logo o que quer.

As memórias do nosso almoço começaram a querer se fazerem ouvir mais uma vez, mas fui distraído da minha mágoa quando percebi que o semblante dela estava um tanto abatido. Parecia que ela tinha chorado, ou não tinha dormido bem. Ou talvez os dois.

Fiquei instantaneamente preocupado, mas minha consciência recuou: É uma farsa. Manipuladoras, lembra-se Damien?

— Certo. Eu tenho coisas a resolver. — Eu não iria cair em mais um joguinho dissimulado sentencieie para mim mesmo.

Então tirei meus olhos dela e comecei a caminhar em direção a porta.

— Espere. — sua mão delicada segurou o meu antebraço e eu parei para dar atenção a ela.

— Eu preciso saber se ainda me quer como sua acompanhante. — Ela gaguejou.

Fiquei alguns segundos perplexo e sem reação. Lembrei-me imediatamente do curto momento na noite anterior em que ponderei acreditar que Ellen fosse realmente diferente. Naquele pequeno espaço de tempo eu cogitei a ideia de ter merecido cada palavra que ela disse e que estava sendo um maldito cretino com ela. Mas graças a minha boa consciência, eu não tinha me permitido acreditar. Não tinha me permitido cometer o erro de ir atrás dela para fazer a burrice de um

pedido de desculpas. Teria sido outra grande idiotice da minha parte, porque ali estava a prova de que eu nunca havia me enganado. Ela era como todas as outras.

— Você quer se vender para mim? — bradei fora de mim. — Depois de tudo o que me disse? Quer se vender para um mau caráter? Você me disse que não tinha um preço Ellen!

— Eu... Eu...

Ellen se encolheu diante da minha reação, mas eu não conseguia parar.

Estava me sentido traído, enganado.

— Mas agora você pensou em tudo o que o dinheiro pode te comprar não é? Pensou em tudo o que pode conseguir e percebeu que seria vantajoso entrar nesse negócio, mesmo que o comprador em questão fosse um mau caráter. Afinal de que importa o caráter quando muitos dólares estão em jogo? Nada disso importa. No final o que importa é que está disposto a pagar e quem está disposto a se vender.

Minha cólera me deixou cego e eu não me importei quando as lágrimas desceram pelo seu rosto. Ela também havia chorado da outra vez e agora estava na minha frente oferecendo-se para se tornar a minha prostituta de luxo, como ela mesma havia intitulado.

— Eu... Eu não devia ter vindo. — a voz dela saiu embargada e de repente ela pareceu desesperada para sair da sala.

Mas então eu pensei que simplesmente não importava. Não me importavam os meios desde que estes, no

final, me trouxessem aquilo que eu desejava. E Ellen era o que eu mais desejava naquele momento.

Antes que ela se afastasse eu a agarrei pelo braço e trouxe seu corpo de volta para os meus braços. Então segurei sua nuca com firmeza e a beijei com tudo o que tinha. Raiva, desejo e posse. Mas Ellen não teve reação como das outras vezes. Ela não tentou me empurrar, mas eu também não senti seus dedos delicados agarrarem os meus cabelos.

Parecia que ela não estava ali.

Afastei-me um tanto confuso, mas ainda assim decidido.

— Está contratada.

Não voltei a olhá-la quando a soltei. Sua reação havia me pego de surpresa.

— Volte amanhã às duas e eu já terei os documentos em mão para oficializar. —sentei-me na minha mesa e fixei meus olhos no notebook para tentar pensar melhor. — Agora se retire. Como eu disse tenho coisas a fazer.

Minha voz saiu dura, mas eu não me importei. Ela tinha decidido se vender e eu podia tratá-la da forma que conviesse.

— Tudo bem. — Ellen murmurou num fiapo de voz.

Decidi avisá-la antes que saísse.

— Ellen.

— Eu não gosto de lágrimas nos beijos e da próxima vez espero não ter de fazer todo o trabalho sozinho. Se quiser seu dinheiro, faça sua parte de forma eficaz.

A expressão no seu rosto começou a me causar uma sensação incômoda e eu desviei meus olhos dela até que eu a ouvi fechar a porta ao sair.

Então empurrei a garrafa de uísque no chão irritado com o sentimento acusador dentro de mim. Merda! Eu não a obriguei a se vender para mim! Não devia me sentir culpado por droga nenhuma! Ela era como todas as outras.

Levantei-me e peguei o meu terno figurativo. Então saí da sala.

— Senhor Mason? Está tudo bem?

— Mande alguém limpar o vidro quebrado na minha sala e avise que eu não voltarei hoje.

— Sim senhor.

Apertei o passo e tirei a chave do carro do meu bolso. Precisava me esconder em casa antes que eu acabasse por mandar á todos a minha volta para o quinto dos infernos.

Olhei impaciente para Nicholas enquanto ele falava ao telefone. Ele fez um sinal para que eu aguardasse mais um pouco.

Suspirei e passei as mãos pelos meus cabelos. Agora que o ardor da raiva havia passado, eu estava me sentindo ainda mais culpado.

— Você fez muito mal, Damien. — Nicholas sentou-se na cadeira diante de mim e desligou o telefone. — Ellen deve estar assustada agora.

— Eu sei. Eu perdi a cabeça. Mas droga! Ela me disse que não tinha um preço! Me disse que não estava a venda! Eu pensei que estava sendo um cretino e a culpa também é sua.

— A culpa é minha? — Ele pareceu surpreso.

— Você colocou aquelas ideias de que Ellen não era esse tipo de mulher, eu me despreparei.

— Não coloque a culpa em mim. E eu mantenho o meu ponto de vista sobre Ellen. — Nick passou as mãos pelo cabelo. — Você por acaso se perguntou por que ela resolveu aceitar a sua proposta de uma hora para a outra?

— Porque ela quer dinheiro? — ironizei irritado.

— Mas porque Damien? Para que ela quer esse dinheiro?

— Eu não sei, Ferrão. As mulheres possuem vários gastos fúteis. —

Levantei-me. — Talvez ela queira comprar roupas novas.

— Abra os olhos, Damien. Acha mesmo que Ellen aceitaria dormir com você por um guarda roupa novo? Ela não o aceitou mesmo com as dívidas que tinha! — Nicholas suspirou. — Penso que ela tem algum motivo maior. Acho que devia procurar saber o que está acontecendo.

— Eu não me importo. — dei de ombros. — Já consegui o que eu queria.

Nicholas meneou a cabeça.

— Eu não posso obrigá-lo, mas sinceramente, acho que devia procurar saber. Pode se arrepender do que está fazendo.

— Eu não a obriguei a nada. Ela veio até mim porque quis.

Nicholas se levantou da cadeira.

— Como eu disse, não posso obrigá-lo. — Ele estendeu um envelope para mim. — Consegui tudo o que me pediu.

— Agradeço. — recolhi o envelope.

— Então eu vou voltar para a minha empresa. — Nicholas colocou a mão no meu ombro. — Não deixe que a desconfiança o torne cego, Damien. Ellen é uma boa garota e você sabe que de mulheres eu entendo bem. — Ele sorriu sacana e eu não consegui evitar a minha gargalhada. — Procure saber.

Ele se afastou de mim e caminhou em direção a porta.

— Eu não vou fazer isso. — soltei.

— É uma escolha sua. — Ele abriu a porta. — Boa noite, Mason.

Quando eu me vi sozinho abri o envelope que Nicholas me entregara. Lá estava o contrato e os arranjos bancários. Bastava que Ellen assinasse e seria minha de fato, para o meu bel prazer. Mas olhando as folhas e lendo as cláusulas eu me senti desconfortável.

Um contrato para dormir com ela. A ideia não me parecia escabrosa

quando a imaginei. Isso era uma coisa comum no meio onde eu vivia.

Muitos empresários tinham suas acompanhantes de luxo. Mas lendo as linhas do acordo, eu percebi que não era bem aquilo que eu queria.

Submetê-la á mim daquela forma não me parecia nada excitante.

Principalmente depois do nosso último beijo.

Ellen havia estado distante no curto momento e não era isso o que eu queria. Não queria apenas um corpo, percebi. Queria-a por inteiro, desejosa de mim e do meu toque.

Deixei as folhas sobre a mesa e novamente passei as mãos pelos cabelos impaciente.

Eu devia tê-la assustado com o meu comportamento no escritório e por isso ela ficou tão fria. Contudo eu não queria ter uma mulher frígida ao meu lado e agora estava num impasse. Eu tinha ganhado e perdido ao mesmo tempo.

Soltei um suspiro.

Se eu pudesse encontrar uma maneira de adequar as coisas...

Foi então que a ideia me surgiu rapidamente. Havia uma forma de adequar as coisas sim. Ganhar sem perder nada.

Puxei o meu computador e comecei a digitar um novo e-mail para Nicholas, com o pedido de um novo contrato. E esse eu tinha certeza de que ele aprovaria, ao menos aceitaria sem muitas oposições. Era uma forma de igualar as coisas e retirar o medo que com certeza eu havia causado em Ellen durante a nossa conversa.

Terminei de digitar a mensagem e sorri depois de enviá-la. Estava ansioso para vê-la e apreciar a expressão em seu rosto. Seria uma bela aposta.

— Entre.

Observei Ellen entrar timidamente no meu escritório. Estava vestida com uma calça jeans e uma blusa branca de alças finas. Ela pareceu desejosa como sempre diante do meu olhar.

Depois de entrar ela não avançou, ficando perto da porta e confirmando o que eu pensava. Ela estava com medo de mim.

— Nós precisamos discutir algumas coisas. — levantei-me da mesa. — E

não creio que o escritório seja o lugar ideal.

Aproximei-me dela e Ellen recuou um passo. Seu olhar era apreensivo e eu percebi que precisava acalmá-la.

— Você não precisa fugir, Darling. — Segurei o queixo dela e afaguei suas bochechas com delicadeza. — Até porque foi uma escolha sua estar aqui.

Ellen baixou os olhos e permaneceu em silêncio.

— Não vai me dizer nada? — ergui seu rosto para ler sua expressão.

— Não há o que dizer. Você está certo. Eu estou aqui por vontade própria. Eu quis me vender. — ela suspirou e seus olhos tinham novamente a expressão dolorosa contida. — O que nós temos que discutir?

Analisei-a. Parecia ainda mais abatida hoje. As olheiras estavam perceptíveis mesmo abaixo da maquiagem que ela usou para encobrir.

Talvez Nick estivesse certo e houvesse alguma coisa séria acontecendo com ela, mas também poderia ter sido pelo que fiz ontem.

Soltei um suspiro.

— Vamos para a minha casa. Lá nós teremos mais privacidade. —

deixei-a e me afastei.

Peguei o que eu precisava e avisei á minha secretária sobre a minha ausência.

Então nós descemos para a garagem. Ellen permaneceu quieta e eu senti falta das suas perguntas e respostas desconcertantes.

— Você está estranhamente quieta. — Tentei instiga-la enquanto me arrependia de ter me exaltado no dia anterior.

Ellen se limitou a assentir.

Abri a porta do carro para ela.

— Obrigada. — Ela agradeceu enquanto colocava o cinto.

Eu dei a volta e assumi o banco do motorista. Nós seguimos a viagem em silêncio. Ellen estava com o rosto voltado para a janela e com a

cabeça encostada no banco. Ela se mantinha encolhida.

Apertei as minhas mãos no volante e me concentrei no caminho a frente. Minha esperança era que as coisas mudassem quando eu mostrasse á ela minha nova cláusula ou do contrário era melhor deixá-la ir. Não a queria daquela forma.

Quando parei o carro na diante da entrada da casa, eu desci e ajudei Ellen a fazer o mesmo. Mantive minha mão em sua cintura delgada enquanto atravessávamos a casa em direção ao meu escritório no segundo andar. Minhas mãos estavam ardendo para apertá-la contra mim e beijá-la, mas o mesmo tempo eu estava com receio de ter a mesma resposta do dia anterior.

No entanto, quando eu fechei a porta do escritório, não pude me conter. Passei meus dois braços em torno dela e a beijei. Ellen permaneceu imóvel nos primeiros instantes, mas eu insisti e a provoquei com leves mordidinhas. Ela relutou, mas então soltou um gemido quando eu puxei seu lábio inferior e finalmente devolveu a minha carícia.

Suas mãos fizeram se espalmaram no meu tórax alisando-o para depois subir para os meus ombros e ela cravou suas unhas no meu terno.

— Adoro esse seu gosto. — explorei as laterais da sua boca com perícia.

Segurei sua nuca e enrosquei os dedos nos seus cabelos macios. Então

desci minha boca por seu pescoço, sentindo sua pele se arrepiar.

— Damien... — Ela ofegou e eu sorri contra a sua pele.

— Eu sei... Isso é incrível. — Eu estava certo. Ela apenas estava assustada com a minha reação. — Acho que valerá cada centavo.

Beijei seus lábios e sorri para depois me afastar.

— Mas vamos tratar de negócios primeiro. — sentei-me atrás da minha mesa ainda apreciando seu o gosto nos meus lábios, ansioso para provar muito mais dela.

Apontei a cadeira a minha frente e ela se sentou sem me olhar.

— Temos que discutir alguns aspectos importantes do contrato. A começar pelo preço. — recordei-me de como fiz bem em mudar as coisas. — Eu estava cogitando uma quantia até ontem á noite, mas percebo que fiz o certo ao mudar de ideia agora que a beijei.

Ellen franziu o cenho confusa.

— Você não acha que eu pagaria para ter alguém frígida ao meu lado. E

era como você estava a alguns minutos atrás e como estava ontem. Mas percebo que isso foi apenas mais uma de suas máscaras. — sorri. Ela ainda queria ser minha. — Você poderá omitir, mas não conseguirá fugir do desejo que sente por mim e é por isso que estou disposto á uma cláusula interessante.

— Do que você está falando?

— Estou falando que não vou obrigá-la a nada, Ellen. — Entreguei o contrato a ela. — Estou contratando você como minha acompanhante, mas isso não incluirá os serviços que eu tinha em mente no princípio.

— Eu não estou entendendo.

— Estou dizendo que não terá de ir para a cama comigo, ao menos não por um contrato. — deixei a minha cadeira e fui até ela. Então virei a poltrona dela e a preendi colocando um braço de cada lado no estofado.

— Não quero ter você dessa forma, Ellen. E sei que não preciso de um contrato para fazê-la minha, acho que sou um homem bastante desejável. Mas estou disposto a te dar a oportunidade de repensar o fato de negar o desejo que sente por mim.

— Esta dizendo... Que espera que eu durma com você por...

— Simplesmente por que quer dormir. — Imaginei-a sobre os meus lençóis de algodão egípcio brancos totalmente enroscada em mim. —

Nós dois sabemos que isso será inevitável, my Darling. Então eu considerarei que seria mais divertido ver até onde a sua obstinação vai.

E eu esperava ansioso para ver toda aquela obstinação se converter em paixão.

— E se eu não dormir com você? — Ela ergueu a sobrancelha em desafio e eu sorri. Finalmente a estava conseguindo de volta.

— O acordo será mantido e você receberá por ter sido minha

acompanhante. — Deslizei meu polegar por seus lábios. Eles ainda estavam levemente inchados pelos meus beijos e eu fiquei satisfeito por marcá-la como minha. — Encare isso como uma aposta e nós veremos quem vencerá no final.

Não resisti mais a tentação e beijei seus lábios rapidamente. Então me afastei e voltei a me acomodar no meu lugar.

— As outras cláusulas são o que considero essencial. Coisas de que não abro mão.

Ellen me olhou e depois olhou o contrato.

— Exclusividade. — Ela falou em voz alta.

— Você não pode ter ninguém além de mim. Durante o período em que estivermos juntos seremos apenas nós dois. — Inclinei-me sobre a mesa na direção dela. — Eu considero isso algo muito importante Ellen. Se você quebrar essa cláusula nosso acordo será desfeito e você não receberá nada.

Eu não gostava de dividir nada que era meu. No tempo em que estivéssemos juntos eu queria ser o único a tocá-la. Ela teria á mim ou não teria ninguém.

Ellen pareceu envergonhada diante do meu olhar e voltou a fitar o contrato.

— Prioridade se refere mais especificamente a que? — Ela perguntou sem me olhar e eu vi seu rosto enrubescer.

Sorri. Ela era ainda mais bonita assim.

— A mim. A partir do momento em que assinar este contrato, você concorda com o fato de estar disponível nos momentos em que eu desejar. Mas não se preocupe. Os eventos em que compareceremos serão em peso, durante a noite e também nos fins de semana. Nessas ocasiões, com tudo, você passará a noite na minha casa. — Minha mente foi invadida pelos belos finais de noite que nós poderíamos ter no meu quarto. — O quarto já está sendo providenciado. — Mas eu esperava, sinceramente, que ela não o usasse e passasse as noites comigo.

— Aqui você também fala sobre viagens. Eu terei de viajar com você?

Ellen afastou uma mexa de cabelo do rosto e a colocou atrás da orelha para depois me fitar. Percebi que ela estava ansiosa. Será que não gostaria de viajar comigo?

— Eu não costumo levar ninguém quando viajo, mas achei que seria prudente incluir isso no nosso acordo. Nunca se sabe.

Ellen assentiu fugindo do meu olhar mais uma vez. Estava sendo instigante ver o quanto eu podia provocá-la.

Eu discorri sobre o restante do acordo e Ellen evitou o meu olhar constantemente.

— E então? — Empertiguei-me na poltrona esperando por sua resposta final.

— Uma caneta, por favor. — ela continuou com os olhos no contrato.

Levantei-me e fui até ela. Sentando-me na mesa ao seu lado.

— Aqui está. — coloquei o objeto nas mãos dela e ela se surpreendeu ao meu ver tão perto.

Ellen se curvou sobre o papel e pareceu um pouco ansiosa, mas no fim escreveu seu nome impecavelmente na linha indicada.

— Pronto. — Ela se virou para mim.

— Acho que isso pode ser selado de uma forma melhor. — inclinei o rosto na direção do dela e então subi minha mão por seu pescoço para depois segurar sua nuca e beijá-la. Ellen ofegou e me beijou de volta. —

Tenho certeza de que nós vamos nos dar muito bem, Darling.

Agora ela era minha com todos os direitos e eu não a deixaria escapar.

Eu não precisava de contratos para tê-la na minha cama. Ellen viria por vontade própria e seria muito melhor.

Beijei-a mais uma vez e voltei para atrás da mesa.

— Seu primeiro compromisso comigo é no próximo domingo. Terei de comparecer á um jogo de golfe com alguns investidores. Será uma tarde no clube. — Seria uma tarde tediosa e por isso mesmo eu a queria lá.

Seria uma distração.

Abri a minha gaveta e tirei um envelope entregando-o a ela.

— O que é isso?

— É o seu cartão de crédito. Você precisará de algo novo para vestir. As aparências conta muito nesse tipo de evento, Ellen.

— Como você fez um cartão para mim sem saber se eu iria aceitar e sem nenhum documento meu? Você... Santo Deus! — Ellen soltou o cartão sobre a mesa e me olhou assustada. — O que é isso? É um...

— Um diamante. Sim Acho que apenas de 0,235 quilates. É uma decoração do Dubai First. — Ellen continuava encarando o cartão espantada. — Eu fiz o seu cartão com a ajuda do meu gerente e com as informações que tenho sobre você. Não é difícil para alguém como eu conseguir esse tipo de favor das agências bancárias.

Ellen desviou seus olhos para mim. Então agarrou o cartão e o estendeu para mim.

— Tome. Eu não vou usar isso.

Foi a minha vez de ficar espantado. Que tipo de mulher devolve um cartão de crédito?

— Não se preocupe, my bunny. É apenas um cartão de crédito.

— Tem um diamante nele! — Seus olhos castanhos se arregalaram. —

Eu não posso andar com isso. Eu vou ser assaltada com uma coisa dessas na bolsa. Tome.

Ela insistiu.

— Ellen, é seu. — segurei a mão dela. — E você vai precisar dele.

Ela meneou a cabeça ansiosa.

— Eu vou precisar é de o dobro de anjos da guarda andando com uma coisa dessas na rua, Damien. Essa coisa atrai muita atenção. Não posso ficar com ele.

Eu poderia tranquiliza-la. Dizer que Tom estaria com ela e que contrataria um segurança se ela se sentisse ameaçada quando tivesse de usá-lo, mas no fim resolvi concordar. Eu já compreendia que Ellen não gostava de chamar atenção e resolvi concordar.

— Certo. — aceitei o cartão e ela suspirou aliviada. Abri a minha gaveta e peguei o cartão mais rotineiro que eu tinha. — Fique com esse por enquanto. É uma conta mais corriqueira, mas seus gastos terão de ser mais comedidos. Mantenho uma soma apenas representativa nele.

Aquele era o cartão que eu costumava usar em restaurantes.

Estendi o cartão para ela. Ellen o observou o cartão e respirou mais uma vez aliviada fazendo-me rir.

— Do que você está rindo? — Ellen desviou seus olhos para mim.

— Não é nada. — Aproximei-me dela e coloquei o cartão na sua mão. —

Farei um cartão novo para você. Mais discreto, se é o que prefere.

— Eu preciso mesmo de um cartão? — Ela tentou me contornar e eu sorri.

— Precisa. Você estará comigo de agora em diante, Darling. E eu zelo por tudo o que esteja vinculado à minha imagem.

— Tudo bem. — a voz dela soou insatisfeita e eu me vi sorrindo mais

uma vez.

—Você é contraditória, Ellen de Souza. — afaguei seu queixo. — A maioria das mulheres adoraria receber um cartão de crédito e você parece insatisfeita.

— Eu não sou a maioria das mulheres. — Ela tirou seus olhos dos meus e percebi que havia uma espécie de aviso em suas palavras. — Como isso vai funcionar? Como eu vou saber o que tenho que fazer?

— Ainda bem que me perguntou. Eu me distraio fácil com você por perto. — confessei e voltei para trás do gabinete. — Aqui está. Nosso meio de comunicação.

— Eu já tenho um celular. — Ela se recusou a pegar o telefone.

— Eu sei. Mas também sei que precisa de um aparelho novo. Pegue-o.

Quando eu precisar falar com você ou o contrário, será por aqui. Então fique atenta, pois sua agenda será notificada nele.

— Tudo bem. — De novo ela pareceu irritada.

— Agora você pode ir. Como eu disse, seu próximo compromisso comigo é no domingo. — Voltei para perto dela e ela se levantou.

— Como eu devo me vestir? — Ela me olhou insegura.

— Essa parte eu deixo para você. Moda feminina nunca foi o meu forte.

— Acariciei o braço esquerdo dela e depois segurei seu queixo. Então decidi provocá-la. — Talvez eu possa ajudá-la quanto á moda de lingerie. Eu

gosto da cor preta, se quer saber.

— Damien! — Ela ficou rubra e desviou seus olhos dos meus.

Soltei uma gargalhada e acariciei sua bochecha quente.

— Isso será divertido. — Beije o canto esquerdo da sua boca. — Mal posso esperar para começar.

Então voltei a beijá-la enquanto a trazia para mim. Seria instigante nosso íntimo jogo de sedução e eu já conseguia me ver vencendo a disputa para deitá-la em meus lençóis egípcios.

Capítulo 12: Coração Quebrado

"Por sua causa eu nunca ando muito longe da calçada. Por causa de você eu aprendi a jogar do lado seguro, assim eu não me machuco." (

Because of you – Kelly Clarkson)

Damien ofereceu-me a mão para me ajudar a sair do carro e sorriu para mim:

— Bem vinda ao Palace, outra vez.

Pisquei perplexa por ainda não ter percebido onde estávamos. Eu havia me sentado do lado oposto e não tinha observado quando paramos na calçada já minha conhecida.

— É alguma outra recepção? Pensei que fosse um jantar. — repliquei prendendo os olhos no hotel magnânimo e tentando controlar o

nervosismo que o olhar de Damien me causava.

— Não. Dessa vez vamos apenas jantar. — Ele me ofereceu o braço e eu aceitei. — Esteja de volta às dez, Tom.

— Sim senhor. — Tom respondeu e voltou a entrar no carro.

Damien então começou a nos guiar para dentro do hotel. Não estava tão cercado de pessoas e carros como da última vez, mas ainda sim continha um número bastante generoso de pessoas.

Nós passamos pelo Lobby e os funcionários nos cumprimentaram com uma cortesia contida. Eu sorri de forma educada, mas eles pareceram um pouco pasmados pela minha reação, deixando-me confusa também.

— Não se preocupe, Darlings. Eles apenas não estão acostumados. —

Damien tirou o seu braço do meu e o passou em torno da minha cintura.

— Acostumados a que?

— A cumprimentos vindos de pessoas como nós.

— Pessoas como nós? — Demorei um pouco para compreender o que ele queria dizer, mas de repente, tudo ficou claro. — Mas eu não sou como você.

Damien parou na entrada do que parecia um restaurante.

— Agora que está comigo, receberá um tratamento parecido com o meu, Ellen.

— Ele sorriu. — Vamos entrar, lá dentro nós conversaremos

sobre tudo o que desejar saber.

Assenti e nós ultrapassamos as portas de um belo restaurante intitulado Pégula.

O lugar era decorado no estilo clássico, com mesas e cadeiras brancas e lustres elegantes no teto de gesso. Havia alguns violinos tocando e tudo o que consegui me lembrar foi do momento em que Jack Dawson se apresenta á primeira classe no filme Titanic.

Um homem de smoking se aproximou de nós.

— Senhor Mason, senhorita Souza, sejam bem vindos ao Pégula.

Acompanhem-me até a mesa de vocês por favor.

O restaurante estava agradável, com um número de pessoas que não esvaziava e nem lotava o ambiente. Damien e eu seguimos o jovem de cabelos castanhos impecáveis até uma mesa situada ao lado da janela com vista para a piscina do hotel.

— Aqui está o nosso menu. — Ele nos entregou o livreto elegante. — E a nossa cartela de vinhos.

— Volte daqui a dez minutos e nós teremos o pedido. Por enquanto traga-nos apenas seu Villa Antinori.

— Como quiser, senhor. — Ele assentiu e se afastou.

Peguei o cardápio curiosa e o abri para verificar os pratos. Logo percebi que a maioria dos nomes era desconhecida para mim.

— E então? — Damien falou e eu lancei os olhos por sobre o cardápio.

Ele me fitava com curiosidade.

— Hmm... É lindo. Tudo. — falei colocando o menu sobre a mesa. Olhei pelo ambiente mais uma vez. — Sinto-me como o Leonardo Di Caprio quando é apresentado á primeira classe no RMS Titanic. — acabei soltando os meus pensamentos e arregalei os olhos quando percebi o fato.

Damien enrugou a testa, mas logo depois soltou uma pequena gargalhada de som harmonioso.

— E nesse caso, no filme sobre o famoso navio da White Star Line quem eu seria? Seu par romântico? — Ele galanteou e tinha um brilho divertido nos olhos.

— Acho que você seria Cal Hockley. — ousei afirmar e para a minha surpresa, ele concordou.

— Verdade. Com a diferença de que eu não permitiria que ninguém me tirasse a minha garota. — Damien me lançou um olhar sugestivo e eu senti minha pele se arrepiar.

— Eu não conheço bem os pratos. — pigarreei e voltei a me esconder atrás do cardápio.

— Eu sei, não se preocupe. Farei os pedidos por nós. — Ele anunciou.

— Terei de confiar no seu bom gosto? — Não consegui me livrar da pergunta arisca e irônica.

Damien tinha os olhos no cardápio, mas sorriu de lado.

— Estou certo de que poderá confiar. Sabe perfeitamente como tudo o que escolho para mim é excelente. — Seus olhos azuis se infiltraram nos meus e eu corei imediatamente.

Dessa vez ele soltou uma pequena gargalhada.

— Adoro esses nossos debates. — Ele confessou e colocou o cardápio sobre a mesa. — Principalmente porque sempre os venço.

Ele sorriu convencido e eu abri a boca indignada.

— Isso porque o senhor não joga muito limpo, senhor Mason. —

também coloquei o cardápio sobre a mesa.

O sorriso de Damien se alargou.

— Estou começando a entender os critérios que você tem para me chamar pelo meu sobrenome. Acho que faz isso quando está irritada.

— Eu não estou irritada. — tentei me acalmar. — Apenas estou enfatizando a verdade.

— Certo. Não vamos mais discutir. — Ele assentiu. — Eu a trouxe aqui para conversarmos.

Neste momento, o homem de smoking se aproximou da nossa mesa mais uma vez, trazendo consigo o vinho tinto que Damien havia pedido.

Ele me serviu primeiro e depois serviu a taça de Damien. Então verificou nossos pedidos, os quais Damien fez após algumas perguntas sobre alguns pratos e por fim se afastou.

— O que você espera encontrar no domingo, Ellen? — Damien se

pronunciou e eu me virei na direção dele. Seu semblante estava sério.

— Você me disse que seriam seus investidores. — Desviei meus olhos dos dele.

— Sim, mas você não vai encontrar apenas isso. — Damien suspirou. —

As pessoas que você encontrará no clube creio que são bastante diferentes das que costumam compor o seu círculo de amizades.

— O que você quer dizer? — franzi o cenho.

— Quero dizer que o mundo em que está prestes a entrar tem suas próprias regras. Regras que muitas vezes não são ditas abertamente, mas precisam ser respeitadas pelos seus membros. — O semblante dele estava enigmático.

— E devo ter medo disso? — apertei minhas mãos nervosas.

— Deve ter cuidado. — Agora seu olhar estava carregado de uma emoção desconhecida.

Senti-me ainda mais insegura diante das palavras dele e me remexi na cadeira.

Não havia como voltar atrás agora. Um contrato havia sido assinado e além disso, precisava garantir o bem estar de David.

De repente, um garçom se aproximou com as entradas que Damien havia escolhido e nos serviu, voltando a nos deixar sozinhos mais uma vez.

— Camarão? — Olhei surpresa para o grelhado.

— O que você pensou que seria? — Ele me olhou parecendo divertir-se.

— Não sei. — Não pude evitar um sorriso. Eu havia imaginado os mais diversos pratos complicados que poderiam existir.

Damien sorriu e meneou a cabeça.

Nós fizemos a refeição em silêncio e logo depois vieram os pratos principais, Linguine de frutos do mar, segundo Damien, e apesar de exótico para mim conquistou meu paladar.

Entre uma refeição e outra, Damien tentou me falar um pouco sobre as pessoas que eu conheceria no domingo. Políticos, empresários nacionais e alguns vindos do exterior como Damien. E claro, suas esposas, amantes e filhas. No início pensei que se tratasse de um público grande, mas Damien me garantiu que não seriam mais de vinte pessoas.

Por fim, chegaram as sobremesas, Fondants de chocolate com baunilha milimetricamente organizados em recipientes de cristal. Assim que coloquei meus olhos no doce, lembrei-me imediatamente dos meus irmãos. Eles adorariam aquilo.

Ao pensar neles procurei meu celular na pequena bolsa que estava no meu colo no mesmo momento. Títia me disse que ligaria caso acontecesse alguma coisa, mas não havia nada no meu telefone, o que era uma boa coisa. Significava que David estava bem.

Suspirei pensando em como manteria em segredo o acordo com

Damien durante as próximas semanas. Arianna e Jenny já estavam começando a estranhar as minhas saídas frequentes e eu tinha medo da reação da minha tia quando descobrisse tudo. Era bem verdade que eu não estava dormindo com Damien, mas ainda sim eu tinha me vendido para ele como sua acompanhante de luxo. O nome em si já tinha uma carga pesada.

— Algum problema? — Ouvi Damien me chamar e guardei o celular de volta na bolsa.

— Não. Acho que está tudo bem hoje. — falei sem olhá-lo.

— Hoje?

Levantei a cabeça e percebi que ele me encarava confuso.

— As sobremesas estão muito bonitas. — desviei o assunto.

Damien continuou me fitando. Por fim, suspirou e assentiu.

— Estão. — Ele meneou a cabeça. — Passará a noite comigo hoje.

— O que? — engoli o Fondant apressada.

— Na minha casa, Ellen. — Damien sorriu malicioso.

— Eu posso voltar para a casa.

— Não é conveniente. Além disso, quero apreciá-la mais um pouco. —

Seus olhos analisaram meu rosto. — Sinto pelo que aconteceu na loja mais cedo.

Seu comentário me pegou desprevenida e eu não tive resposta nos primeiros instantes.

— Não precisa se preocupar, eu já estou acostumada. — respondi por fim e deixei a colher sobre a taça.
— Acho que nós já podemos ir, se o agrada.

Damien me olhava com o rosto inexpressivo e eu desviei o meu olhar para as minhas mãos entrelaçadas no meu colo. Ele não voltou a me dirigir a palavra, mas eu percebi o garçom se aproximar e Damien o entregou um cartão. Alguns minutos depois ele voltou com o cartão e com um sorriso no rosto.

— Foi um prazer tê-los aqui. — Ele fez uma pequena reverência e se afastou.

— Venha, my bunny. — Damien se levantou e me ofereceu a mão. Logo depois seu braço envolveu a minha cintura enquanto atravessávamos o restaurante.

Percebi os olhos da maioria das mulheres nele. Até mesmo as que já estavam acompanhadas o observavam com certa dose de malícia.

— Você chama atenção. — falei baixinho de forma que só ele escutasse.

— Não acho que seja eu. — Ele pareceu um tanto irritado na resposta.

Quando chegamos á calçada, Tom já nos aguardava encostado ao carro.

— Boa noite, senhor. — Ele cumprimentou Damien com um semblante sério e me dirigiu um sorriso simpático. Então abriu a porta traseira do carro para que nós pudéssemos nos acomodar.

O caminho foi feito em silêncio e eu estranhei a distância de Damien. Ele não havia tentado me beijar ou me tocar de qualquer outra forma. Na verdade, parecia perdido em pensamentos. Quando chegamos á casa dele, Damien se dispôs a me levar até o quarto, embora eu já soubesse o breve caminho.

— Foi uma noite agradável, Ellen. Espero que prossigamos assim pelo período em que estivermos juntos. — Ele disse quando parou diante da minha porta.

— Está tudo bem? — Não consegui mais ignorar a pergunta quando o percebi mais uma vez perdido em pensamentos.

Damien pareceu surpreso com a pergunta, mas logo voltou ao seu sorriso sedutor de sempre.

— Está. — Ele se aproximou e suas mãos repousaram na minha cintura.

— Acho que devemos terminar a noite de um jeito ainda melhor.

Sua mão esquerda escorregou pelas minhas costas e prendeu meu corpo junto ao dele fazendo-me ofegar em resposta. Ele fitou meus lábios com cobiça e então me beijou da forma quente que sempre fazia o meu corpo amolecer nos braços dele.

Novamente tive a consciência de que não deveria ceder aquilo, principalmente depois de tudo o que ele havia me dito, depois de suas palavras duras e acusadoras no escritório. Mas o meu corpo traía a minha força de vontade de resistir á ele e em alguns segundos minhas

mãos já estavam apreciando seus cabelos macios.

— Adoraria ver esse seu vestido jogado no chão do meu quarto esta noite. — Damien deixou de me beijar e manteve seu olhar fixo no meu.

— Mas não quero que me culpe por algo que eu sei que também sente, Ellen. E mesmo sabendo que posso facilmente convencê-la a ser minha ainda esta noite, quero que esteja certa do que quer.

Ele se afastou de mim com certa relutância.

— Tenha uma boa noite Darling.

Foi a última coisa que ele me disse. Então abriu a porta para mim e se virou seguindo o corredor em direção ao seu próprio quarto.

Levei as mãos aos lábios ainda sentindo o toque dele. Como algo podia parecer tão certo e tão errado ao mesmo tempo?

Meneei a cabeça confusa e entrei no quarto, sentando-me na cama para me livrar dos saltos. Agora eu tinha certeza de que estava presa em uma armadilha e o pior era que somente eu mesma poderia me condenar ou me salvar. Damien não me forçaria a nada, mas era experiente o suficiente para saber os efeitos que causava em mim. Ele sabia perfeitamente que eu o desejava tanto quanto ele me desejava e contava com isso para vencer no final.

"Quando existe uma atração dessas entre duas pessoas, é impossível fugir."

Lembrei-me de suas palavras na casa do embaixador e deixei meu corpo cair no colchão macio. Eu precisava encontrar uma forma de controlar

aquela atração perigosa que eu sentia, ou do contrário terminaria agindo exatamente da forma que ele esperava e seria mais uma vez usada.

"Você fraquejou e eu venci."

Estevão voltou a minha mente rapidamente, mas eu empurrei as memórias para o fundo da minha consciência. Levantei-me da cama e decidi por hora apenas tomar mais um banho e dormir.

— Um dia de cada vez, Ellen. — convenci-me. — Você pode conseguir.

Então deixei o meu vestido cair aos meus pés no chão e procurei deixar os problemas caírem junto dele também.

— As provas finais estão me matando. — Arianna veio até mim com um sorriso enorme, enquanto eu tomava café com Júlia na cantina do hospital.

— Ary, vai se atrasar para chegar á lanchonete. — repreendi-a, mas me levantei e a abracei.

— Alguns minutinhos apenas. Precisava saber como vocês estavam. —

Ela sorriu para mim e depois dirigiu outro sorriso a Júlia. — Como está o irmão de vocês?

— Ele está bem. O tratamento começará essa semana. Os médicos dizem que se ele responder bem, não precisará de transplantes de

medula.

— Ele vai responder. — Arianna me encorajou. — Jenny mandou isso para você.

Ela abriu a bolsa e tirou um envelope.

— O que é isso? — Ao abrir o envelope me espantei com as notas lá dentro. — Não. Diga a ela que não posso aceitar.

— Você tem que aceitar. — Arianna recusou-se a receber o envelope. —

Todos nós colaboramos um pouco para o tratamento do seu irmão. Até Takashi. Sei que ainda é pouco, mas acho que talvez possamos conseguir ajuda da cidade.

— Ary...

— Ell, nós estamos juntas nessa. — Ela sorriu. — Tudo para ajudar David.

Meus olhos se encheram de água imediatamente e de novo a sensação de culpa estava lá.

— Obrigada. — respondi com a voz embargada.

— Não precisa agradecer. — Ela sorriu. — Agora vou ter de ir. Preciso chegar á lanchonete o mais rápido possível.

Arianna me abraçou mais uma vez e então se afastou.

Fiquei pensando mais uma vez em como revelar á ela minha situação com Damien. Eu precisava encontrar uma forma de dizer tudo. Não

aguentaria manter tudo aquilo em segredo por muito tempo.

— Ell? Posso comprar mais um sorvete? — Júlia me olhou ansiosa.

— Claro, querida. — respondi sentindo o envelope pesar nas minhas mãos.

Enquanto Júlia voltava á fila para fazer a compra, eu me sentei e guardei o envelope na bolsa. De repente, o meu novo telefone começou a tocar.

— Damien?

— Não é elegante sair sem se despedir, Ellen. — Ele parecia um tanto irritado.

— Desculpe-me. — murmurei tentando esconder minha voz embargada. — Eu precisava sair bem cedo.

Fez-se um instante de silêncio.

— Tudo bem. Deixarei passar porque não especifiquei essa parte. — Ele suspirou. — Você deverá ficar para me fazer companhia pela manhã, depois de passar a noite aqui.

— Todas às vezes?

— Todas.

— Tudo bem, Damien.

— Nós nos vemos depois, Darling. — a voz dele soou calma outra vez e ele desligou o telefone.

— Quem é Damien? — Ergui os olhos e Júlia estava me observando

curiosa. — E como você conseguiu esse telefone?

— Não é ninguém. — respondi guardando o telefone. — E o celular é emprestado. Vamos, tia está só esperando você para ir para a casa.

— Eu quero voltar para a casa, Ell. Nosso tio ronca muito alto. — Júlia reclamou fazendo-me rir.

— Eu sei. — Lembrei-me das vezes em que passei a noite na casa da minha tia.

— Mas por enquanto lá é melhor para você, Ju.

Ela suspirou, mas não contestou e me surpreendeu com um abraço.

— Desculpa por tudo. — Ela começou. — Eu sei que reclamo muito às vezes e que não sou inteligente como David, mas eu gosto daquele cabeção e gosto de você também Ell.

— Querida, você é tão inteligente quanto David. — sorri e acariciei os cabelos dela. — Só é um pouco mais geniosa, mas tudo bem. Eu amo você.

Júlia abriu um sorriso enorme.

— Agora vamos, Tia Meiry está te esperando e eu preciso ir ficar com David.

Ela assentiu e voltou a pegar o sorvete que tinha deixado sobre a mesa.

Então nós duas deixamos a cantina do hospital para seguir o restante da rotina do sábado.

Minha tia não me questionou quando eu pedia a ela para ficar com David no domingo á tarde. Na verdade, ela pareceu feliz quando eu

disse que teria de me afastar no hospital. Estando de férias do emprego, a maioria do meu tempo era gasto com David, mas agora que eu tinha aceitado a proposta de Damien eu me via obrigada a me afastar do meu irmão.

"Tente sair um pouco com as suas amigas, ficar dentro desse hospital por todo esse tempo não fará bem para você, Ellen. Você precisa descansar mais."

Eu não via razão para ficar longe de David. Quando eu ia para casa, só conseguia pensar em voltar para perto dele. Mas agora eu tinha de cumprir o acordo se quisesse ter o dinheiro necessário para o

tratamento do meu irmão.

Os seguranças da casa de Damien me olharam espantados quando eu caminhei em direção ao portão que daria á mansão.

— Com licença senhorita. — O homem mais alto se aproximou. — Onde pensa que está indo?

Eu havia optado por ir á casa de Damien ao invés de deixa-lo mandar Tom me buscar. Os vizinhos ainda comentavam desde a última vez e eu resolvi evitar novos motivos para estardalhaços. Já era suficiente ter de dar explicações a Arianna e Jenny sobre o porque eu não queria ir ao cinema com elas no domingo. Então convenci Damien a me deixar ir de táxi. Ele não pareceu feliz, mas no final acabou concordando.

— Eu...

— Deixe a garota entrar, Roberto. Não vai querer ficar sem o seu

emprego. — Tom apareceu do outro lado da grade e sorriu. — Olá senhorita Ellen.

— Senhorita Ellen? — o segurança me fitou assombrado. — Desculpe-me. — Ele abriu o portão. — Por favor, não conte nada ao patrão. Ele não perdoa...

— Erros. — sorri para ele. — Eu sei. Estava apenas fazendo o seu trabalho. Não se preocupe, não direi nada á Damien.

— Obrigado. — Ele sorriu grato.

Assenti e passei pelo portão.

— Boa tarde, senhorita Ellen. — George me cumprimentou com um sorriso polido. — O senhor Mason a aguarda em seu escritório.

— Obrigada. — sorri de volta e segui pelo caminho que Damien tinha feito comigo no dia em que assinei o contrato.

Eu ainda ficava admirada com a decoração elegante da casa, mas de certa forma já havia um pouco de familiaridade, mesmo diante da minha tentativa de não me familiarizar com nada que tivesse relação com Damien.

A porta do escritório dele estava entreaberta e assim que me aproximei percebi que ele estava ao telefone com alguém. Estava vestido com roupas casuais e frescas, ficando ainda mais bonito daquele jeito.

— Não quero saber. Resolva o problema. Não posso viajar no momento.

— Damien suspirou e desligou o telefone.

Bati na porta timidamente.

— Entre. — Ele murmurou.

Empurrei mais a porta e entrei no escritório.

— Não é educado ouvir atrás da porta, Darling. — Ele falou me assustando.

— Desculpe, eu não fiz por querer. — desviei meus olhos dele. — Algum problema? — Ouvi-me perguntar e me arrependi porque ele me lançou um olhar irritado.

— Nada que seja da sua conta.

Fiquei alguns instantes indignada. Não com ele, comigo mesma. Porque eu estava preocupada com ele? Eu só tinha que fazer o meu trabalho e ir embora.

— Está certo. Não é da minha conta. — suspirei. — Deseja falar comigo?

Do contrário eu vou subir e me trocar para sairmos.

— Não desejo mais. Pode subir e se aprontar para sairmos. — Ele falou ríspido.

Assenti com a cabeça e deixei o escritório, mas não pude evitar fechar a porta com mais violência do que eu realmente planejava. Subi para o quarto e fui direto para o banho.

Qual era o problema dele? Às vezes era uma companhia agradável.

Outras vezes detestável. As oscilações de humor dele estavam começando a prejudicar o meu também.

Suspirei enquanto esfregava a minha pele.

Em todo caso ele estava certo. Eu não tinha que me meter na vida dele ou me preocupar com os problemas que o cercavam. Ele não queria isso de mim.

Saí do chuveiro e me enrolei na toalha para deixar o banheiro. Então escolhi uma das peças que haviam sido aprovadas por Damien. Um vestido de tecido leve com mangas curtas em tom creme. Sapatos abertos e com saltos médios. Resolvi deixar os meus cabelos soltos e coloquei uma maquiagem leve.

Depois me sentei na cama e guardei meu celular e alguns outros pertences na minha bolsa. Então escute alguém bater na porta.

— Estou indo. — avisei e fui até a porta.

Damien estava do lado de fora.

— Recebi ligações de Nova York e não fiquei satisfeito com o que está acontecendo. — Ele falou de repente.

— Isso é um pedido de desculpas? — ergui uma sobrancelha.

— É uma explicação. — Ele deu de ombros. — Já está pronta?

Suspirei.

— Estou. — virei-me e entrei no quarto para pegar a bolsa.

Curvei-me sobre a cama e agarrei meus pertences, mas me surpreendi

quando me virei e encontrei Damien na minha frente.

— Você gosta de renda? — Ele lançou os olhos para uma das gavetas que eu havia deixado aberta. E para o meu azar era a gaveta de lingerie.

— Olhe para lá! — repreendi-o e corri até a gaveta para fechá-la.

— Pretas e com rendas. — Ele desceu o olhar pelo meu corpo e sorriu malicioso. — Exatamente da forma que eu gosto.

— Isso não é da sua conta! — bradei sentindo meu rosto queimar.

Ele riu e tocou meu rosto.

— Quem está sendo mal educada agora? — Damien se aproximou mais e minhas costas bateram contra o móvel de madeira. — Agora estou curioso para saber o que está usando.

— Damien... — tentei mantê-lo afastado com o resto de sanidade que eu tinha. — Vamos nos atrasar.

Damien ignorou o meu comentário e seus lábios tocaram o meu pescoço.

Arfei e ele riu para tecer uma trilha de beijinhos pela base do meu pescoço até o meu colo. Então de repente ele parou e beijou meus lábios.

— Rosa. — Ele falou e sorriu de lado. — Aprovada.

Os olhos dele vacilaram para o meu colo e eu percebi o sutiã á mostra.

De repente, ouvimos outra batida na porta.

— Senhor Mason. Tom já está à espera.

Afastei Damien de mim e organizei o vestido no meu corpo.

— Venha, Darling. — Ele continuou com o sorriso no rosto. — Temos toda uma tarde divertida pela frente.

Seu braço esquerdo envolveu a minha cintura enquanto ele me guiava para fora do quarto. Nós descemos as escadas juntos e encontramos Tom a nossa espera na porta da frente.

— Você sabe o endereço, Tom. — Damien avisou assim que se acomodou ao meu lado no banco de trás.

Tom assentiu com a cabeça e o carro arrancou.

Eu tentei não olhar para Damien e ignorei o calor da sua presença ao meu lado. Estava envergonhada pelo que tinha acabado de fazer. Eu tinha cedido fácil ao menor toque dele. Tinha me deixado levar pelo desejo que sentia e se Damien não tivesse parado, eu estaria naquela cama com ele naquele mesmo momento.

Estevão estava certo. Eu era fraca e pelo que percebia continuava sendo a mesma tola que havia se entregado de corpo e alma para ele naquela noite.

"— Eu não sei quero fazer isso Estevão. Eu não sei se estou preparada.

Encolhi-me na cama do hotel quando ele se aproximou de mim.

— É claro que está. Nós nos amamos, não há motivos para temer. —

Estevão beijou o meu pescoço e suas mãos afastaram as barras do meu vestido.

— Eu sei. Mas ainda assim, eu estou com medo. Eu... Eu nunca fiz isso antes. — confessei.

— Claro que não. — Ele sorriu e acariciou o meu rosto. — Não se preocupe meu amor, eu vou ensinar tudo o que precisa saber.

Suas mãos apertaram as minhas coxas e eu fiquei mais ansiosa. Então sua boca desceu sobre a minha e ele encaixou o seu corpo sobre o meu.

Mas eu não conseguia sentir nada além de receio. Embora já tivesse dezoito anos e amasse Estevão, eu não queria me entregar daquela forma. Em um hotel qualquer na beira de um asfalto. Não parecia o momento.

— Estevão...

— Quietinha. Eu sei o que estou fazendo, Ellen.

A mão dele se fechou sobre o meu seio e eu me esquivei dele.

— Não! — bradei.

Ele me lançou um olhar irritado.

— Você está estragando tudo, Ellen. — Ele saiu da cama. — Tudo bem, vamos embora agora.

— Estevão. — fui até ele e o abracei.

— Solte-me. Você não confia em mim. Não me ama o suficiente para me deixar tocá-la. — Ele me afastou de si.

— Não é isso, é que eu... Eu não me sinto... — desesperei-me com a sua reação.

— Chega de tudo isso! — Ele me interrompeu. — Acho que está na hora de repensar a nossa relação. Não posso ficar com alguém que nega os meus toques.

Ele começou a vestir a camisa.

— Você... Você quer terminar? — arrisquei-me.

— Não vejo outra escolha se não podemos evoluir na nossa relação. Eu sou um homem e tenho as minhas necessidades. E se minha namorada não pode supri-las, precisarei encontrar alguém que o faça.

Fiquei estática o observando calçar os tênis. Não conseguia sentir a segurança que deveria para me entregar, mas ao mesmo tempo não queria perdê-lo. Eu o amava. Precisava confiar nele.

Estevão se levantou e eu decidi ignorar meus medos.

— Espere.

Estevão parou próximo a porta e eu caminhei até ele. Então segurei seu rosto e o beijei.

— Desculpe-me. Eu confio em você.

Ele sorriu e me beijou de volta.

— Não vai se arrepender.

Então seus braços me ergueram e ele me carregou de volta para a cama."

Mas ele estava mentindo e eu me arrependeria da decisão pelo restante dos meus dias. Naquela noite eu devia ter confiado na minha intuição.

Devia ter percebido as atitudes dele, o lugar que ele havia escolhido, mas eu estava cega demais. Queria acreditar no amor dele, mas se Estevão realmente me amasse, teria entendido a minha insegurança e não me chantageado para conseguir o que queria.

— Ellen? — a mão de Damien segurou a minha. — Nós chegamos.

Olhei para frente e estranhei não ver Tom no banco do motorista.

— Está chateada? — Surpreendi-me com a pergunta e com a preocupação no olhar dele.

— Não. — balancei a cabeça para espantar as memórias ruins. — Estava apenas relembrando, mas não devia ter feito isso. — minha mente vagueou mais uma vez e eu pensei se seria possível ainda refazer o meu coração quebrado. — O passado deve ficar onde está.

Damien me olhou com o cenho franzido.

— Vamos? — finalmente pousei meus olhos nos dele.

Ele assentiu e então saiu do carro, oferecendo sua mão para me ajudar a ficar de pé do lado de fora.

Percebi que estávamos em uma área nos arredores da cidade. E em

meio a área verde uma bela construção branca se erguia, precedida por escadas, gramas e coqueiros.

— É bonito. — comentei.

— É sim. — Ele se limitou a responder.

Então nós começamos a caminhar em direção ao prédio. Subimos alguns degraus e entramos por uma porta dupla de vidro. Se fora ele era bonito, dentro era exuberante. Pisquei chocada por não saber da existência de um lugar daqueles no Rio de Janeiro.

— Mason! — Um homem baixo e com um abdômen avantajado se aproximou de nós. Sua careca reluzia à luz do ambiente.

— Jordan. — Damien o cumprimentou com um aperto de mãos. —

Pronto para perder outra partida?

O homem robusto gargalhou.

— Isso é o que veremos, meu caro. — Ele sorriu para mim. — E que bela visão trás para nós?

Damien apertou o braço em torno da minha cintura.

— Esta é Ellen. — Ele se limitou a dizer.

— Linda. — O homem tomou a minha mão e a beijou.

— Obrigada. — murmurei baixinho.

— Nós vamos entrar e falar com os outros. Nós nos vemos mais tarde, Jordan. — Damien acenou para o homem e nós voltamos a caminhar

pelo piso brilhante.

— Jordan? Jordan Fox? — falei lembrando o nome que ele havia citado no almoço. — O dono da rede de hotéis na Flórida?

— Sim. — Damien concordou. — E além de seus hotéis é conhecido por seus relacionamentos com mulheres que tem metade da sua idade. Não é seguro para você ficar perto dele. — a voz dele soou irritada.

O que? Ele estava com ciúmes? Antes que eu pudesse fazer qualquer pergunta, alguém o chamou.

— Damien. — a voz feminina atrás de nós ganhou a minha atenção imediatamente.

Uma loura altiva com porte de modelo me lançou um olhar desagradável.

— Crystle. — Damien pronunciou com voz cortante ao meu lado.

— Senti saudades, meu amor?

Capítulo 13: Beleza Externa

"Você está por descobrir. Eu quero ver o resto de você, mas não quero me perder para você. Não posso chegar perto." (Undiscovered – Laura Welsh)

Esperei pacientemente que Damien se pronunciasse diante da mulher á nossa frente, mas ele se resignou a me apertar contra o seu corpo e

virar-se a deixando sem uma só palavra. Percebi que seu semblante estava subitamente tenso e seus olhos estreitos enquanto ele nos guiava para dentro do lugar.

— Está tudo bem? — Eu devia parar de perguntar isso a ele, mas eu não conseguia evitar.

— Está, Darling. — Ele me garantiu, mas não me olhou.

Antes que eu pudesse insistir mais uma vez, nós deixamos o prédio e eu me deparei com um grande campo verdejante e uma espécie de varanda ampla sofisticada que abrigava um pequeno grupo de pessoas.

— Damien! — Outro homem se aproximou de nós. Mas esse era magro e esguio com cabelos castanhos ondulados. — Achei que nos daria outro bolo.

Damien soltou uma gargalhada não muito verdadeira.

— E perder a oportunidade de vê-lo ser derrotado por mim pela quinta vez consecutiva em um país diferente?

O homem fez uma careta, mas sorriu. De repente, ele me notou.

— Quem é a sua bela amiga?

—Esta é Ellen e ela resolveu me dar o prazer da companhia hoje. —

Damien disse e eu tentei não corar quando o homem me lançou um olhar admirado.

— É um prazer tê-la conosco, senhorita. Eu sou Ulisses Nogueira. — Ele

sorriu e me ofereceu a mão. Eu a apertei timidamente. — Nicholas não vem?

— Ele está com problemas para resolver. — Damien justificou.

— Então venham, todos estão aguardando apenas a sua chegada. —

Ulisses sorriu mais uma vez e eu pensei que ele não devia ter muito mais de trinta anos.

Nós então caminhamos até o grupo que parecia se preparar para o início do jogo. Percebi que a maioria dos convidados eram homens e mulheres maduros. A grande maioria com aquela expressão peculiar que

somente as pessoas com muitas aquisições trazem no rosto. Como donos do mundo.

Mais apresentações fora feitas e a maioria dos homens beijou a minha mão, a despeito do olhar pouco amigável das esposas. Eu procurei ser séria e polida durante o momento e sentia as mãos de Damien apertarem a minha cintura de forma possessiva em cada movimento.

Não houve muitas perguntas direcionadas á mim. Pareciam que todos estavam satisfeitos com a desconhecida de aparência agradável. Não se importaram nem mesmo em saber de que lugar da cidade eu viera. Era como se eu fosse um simples adorno para o homem ao meu lado. Sem voz própria.

Damien me soltou quando Ulisses acenou para ele pedindo uma conversa particular.

— Tome alguma coisa para se refrescar. — Damien parou diante do bar e acenou para o barman. — Eu não demoro.

Assenti com a cabeça e ele se afastou na direção de Ulisses.

— O que a senhorita vai querer? — O homem me perguntou de forma cortês.

— Um suco de laranja, por favor.

Ele concordou e se afastou para o interior, afim de preparar o pedido.

Olhei para as pessoas conversando a minha volta. Era realmente um número bem resumido. As mulheres conversavam entre si e às vezes me lançavam olhares estranhos, como se eu fosse uma intrusa no meio delas. Não pude evitar pensar que elas tinham razão.

— Não deixem que intimidem você. — a voz me despertou do meu pequeno devaneio e eu desviei os olhos das pessoas para o homem que se aproximava de mim pelo lado oposto. Ele cabelos dourados e os olhos eram claros. Talvez azuis. — Elas sentem o cheiro do medo.

— O que? — perguntei confusa.

— As senhoras dos impérios. — Ele brincou. — Elas sabem como deixar qualquer um desconfortável.

O barman voltou com a minha bebida e eu a peguei.

— Quem é você? — Esqueci da etiqueta temporariamente enquanto tentava buscar na memória se nós havíamos sido apresentados.

— Que indelicadeza a minha! — Ele sorriu e capturou minha mão. —

Sou Willian Veiga, á seu dispor.

Agora eu tinha certeza de que não havíamos sido apresentados.

Ninguém mencionara esse nome próximo a mim.

— Você chegou agora? — perguntei sem rodeios.

Ele soltou a minha mão e sorriu.

— Na verdade, estou apenas de passagem. Tenho algumas inimizadas no grupo de hoje.

Sorri com a sinceridade dele. Parecia que eu também estava criando algumas inimizadas.

— Bom senhorita, foi um prazer conhecê-la. Espero que tenha uma tarde agradável. — Ele beijou minha mão mais uma vez e então se afastou antes que eu pudesse falar qualquer coisa.

Fiquei um pouco confusa com a despedida rápida, mas não tive tempo para pensar porque senti mãos quentes na minha cintura.

— Quer vir comigo ou prefere a companhia das outras senhoras? —

Damien sussurrou ao meu ouvido e eu me virei na mesma hora.

Ele estava com um chapéu protetor e tinha outro nas mãos.

— Nesse caso, vou preferir a sua companhia. — falei lançando outro olhar para o grupo de mulheres. Damien fez o mesmo e elas abriram um

sorriso nitidamente falso nossa direção.

— Tudo bem. — Damien assentiu, mas de repente, ele pareceu desconfortável.

Virei-me e percebi o motivo. A loira exuberante estava atrás de mim e se aproximava a passos largos.

— Nós precisamos conversar. — Ela me ignorou e colocou a mão no ombro de Damien.

Ele se afastou.

— Você não devia sequer estar aqui. — Ele lançou um olhar firme para a mulher. — Vamos, Darling. — Damien passou o braço em torno de mim.

— Damien. — Ela insistiu. — Você sabe que me deve isso.

Vi os olhos dele se estreitarem.

— Eu não devo nada á você, Crystle. Nada além de desprezo. — A voz dele saiu áspera e eu fiquei assustada.

— Você tem que me deixar explicar. — Ela choramingou.

Damien soltou uma risada irônica.

— Não é necessário explicações. Eu vi com os meus próprios olhos. —

Ele suspirou. — Mas não importa mais. Vamos Darling.

Ele voltou a me puxar, mas Crystle nos cercou.

— Damien, por favor!

— Isso é horrível até mesmo para você. — Damien pronunciou com a

voz cheia de desprezo e parecia seriamente irritado agora. — Poupe-me da sua humilhação inútil. Com licença.

Nós voltamos a caminhar e eu percebi que mandíbula dele estava travada, demonstrando profunda irritação. A loira não tentou nos seguir, mas seu semblante era raivoso quando se afastou.

— Vocês já se conhecem, não é? — Arrisquei-me na pergunta tola, mesmo diante do súbito mau humor dele.

— Gostaria que não. — Ele se limitou a dizer.

Alguns passos adiante e eu vi os homens se preparando com seus tacos de golfe. Todos pareciam muito animados e riam alto ao lado de carrinhos brancos.

— Vejam, ele trouxe torcida para se exhibir. — Ulisses sorriu e piscou para mim. — Vai perder na frente da sua garota, Mason?

— Pelo contrário. Vou mostrar á ela que está com o melhor. — Damien respondeu confiante e riu. O mau humor havia desaparecido.

Então ele se virou para mim e colocou o chapéu em mim.

— Sabe jogar?

— Minha experiência se resume á filmes. — confessei.

— Foi o que pensei. — Ele sorriu. — Que tal eu ser seu instrutor?

— Você quer me ensinar? Pensei que só assistiria.

— Estou generoso hoje. — Ele se virou para os demais homens. —

Podem começar sem mim, vou retribuir o favor da minha companhia e ajudá-la a entender o jogo.

Ulisses deu um sorriso sugestivo e concordou.

— Apenas não demore. Estou te devendo uma revanche desde aquela partida em Nova York. — Ele voltou a rir e se afastou junto dos outros homens.

Damien então me entregou um taco de golfe e então caminhou comigo na direção oposta da que Ulisses seguiu. Apenas com seus pertences de jogo.

— Onde estamos indo?

— Prefiro ensinar sem interferências. — Ele falou.

Alguns passos e ele me segurou o braço.

— Aqui está ótimo.

Ele colocou os pertences no chão e retirou uma bola branca típica do jogo de dentro da bolsa. Então a posicionou á nossa frente e me puxou para os seus braços.

— O que? — perguntei confusa.

— Uma coisa importante no golfe é nunca desobedecer ás regras. — Ele ignorou a minha pergunta e me virou de frente para a bola posicionada.

Suas mãos grandes deslizaram pelos meus braços e ele beijou meu ombro.

— Os buracos devem ser jogados na ordem. De um a nove e de dez á dezoito. Eu serei seu marcador. — Ele sussurrou ao meu ouvido, fazendo a minha pele se arrepiar.

— Certo. — pigarreei e me afastei dele. — Eu só tenho que jogar a bola no buraco. Não parece tão complicado.

Falei enquanto observava a bandeirola demarcando o buraco á minha frente.

— É mais difícil fazer que falar. — Damien segurou a minha mão quando eu fiz menção de começar o jogo. — Deixei-me ajudá-la a encontrar sua melhor posição.

Suas mãos se fecharam sobre as minhas ao mesmo tempo em que seu corpo se colava ao meu mais uma vez. Senti seu queixo repousar no meu ombro e seu hálito quente soprou no meu pescoço fazendo a minha pele se arrepiar. Então suas mãos movimentaram as minhas com suavidade e depois num movimento rápido e preciso, ele acertou a bola. Ela correu certa na direção do buraco.

— Você conseguiu! — sorri animada.

Ele sorriu de volta.

— Foi você quem jogou, eu apenas a orientei. — Senti os lábios dele na base do meu pescoço.

— Eu precisava ver com os meus próprios olhos. — Crystle se aproximou

de nós com um sorriso irônico. — Onde você conseguiu esse item de brechó?

Ela riu debochada e me analisou com desprezo. Senti os músculos dele se retesarem em torno de mim e os meus também ficaram tensionados.

— O empresário conhecido por suas garotas de grife agora anda adquirindo coisas no bazar? — Ela parou diante de nós. — Ela é muito inadequada para você, querido.

Senti meus músculos ficarem ainda mais tenso e respirei fundo para encontrar meu autocontrole.

— Venha Ellen. — Ele se afastou e pegou seus pertences no chão.

Depois sua mão repousou novamente na minha cintura.

— Damien, por favor. Você não pode jogar fora tudo o que tínhamos por causa de um desentendimento bobo. Eu fui enganada. — Ela o segurou pelo braço.

— Qual é o seu problema? — As palavras pularam da minha boca.

Crystle fixou seus olhos em mim e depois soltou uma gargalhada.

— Então ela tem língua? Que luxo. Ela está usando bem em você, Damien? Da forma que você gosta? Como eu costumava fazer?

Senti meu rosto queimar de irritação diante da provocação e não consegui mais me segurar.

— Eu não sei o que mais você costuma fazer com essa sua língua

inapropriada e vulgar, mas eu me recuso a usar a minha para ofendê-la.

Seria muito generoso da minha parte.

O rosto dela esquentou e seus olhos se arregalaram.

— Como você ousa? Sua garota medíocre! Você não sabe com quem está falando! Não vai me querer como sua inimiga. — Ela me ameaçou e eu soltei uma gargalhada.

— Nisso você tem razão. — soltei-me de Damien e encarei-a de frente.

— Porque para ser minha inimiga, precisa-se de classe. E você não me parece preencher esse requisito.

Crystle ficou muda e até eu me assustei diante da minha ousadia. Recuei novamente para o braço de Damien.

— Vamos. — pedi.

Damien estava com seus olhos azuis arregalados, mas cedeu ao meu pedido e nós começamos a caminhar.

— Ellen. — Ele me chamou quando estávamos a certa distância.

— Não diga nada. — Não queria ouvir suas repreensões. E se aquela mulher fosse membro da família de algum dos seus investidores? Talvez os dois já tenham tido um caso e eu havia me descontrolado e perdido a compostura. Tinha feito tudo errado.

— Ellen. — Ele tentou mais uma vez.

— Desculpe-me. Eu... Eu acho melhor eu ir embora antes que eu acabe

por falar mais besteiras. — Não o fitei, concentrando-me na grama do chão.

Pensei que ele fosse concordar e me dispensar, mas então ouvi a voz de Ulisses.

— Mason, venha! — Ele estava á nossa frente, um tanto distante e acenou animado.

— Eu quero voltar para perto do bar. — supliquei. — Vou beber alguma coisa sem álcool e esperar que volte.

Damien suspirou e então concordou.

— Tudo bem. Quer que a leve?

Meneei a cabeça negativamente.

— Eu acho que sei o caminho. — Finalmente olhei no rosto dele. — E

não se preocupe. Não vou mais estragar nada.

Ele franziu o cenho.

— Mason! — Ulisses voltou a gritar.

— Vá cuidar dos seus negócios. — afastei-me dele e virei às costas sem esperar resposta.

Estava desesperada para me afastar e me esconder até que ele voltasse e terminasse o nosso acordo.

— Ele está bem. — Titia garantiu do outro lado da linha. — Você não precisa se preocupar. David está forte e o médico disse que o

tratamento será iniciado na próxima semana.

Suspirei aliviada. A estabilidade do estado de saúde de David sem dúvida era um conforto maravilhoso.

— E Júlia? Como ela está? Diga que tenho saudades. — respondi.

— Júlia também saiu hoje. Insisti para que ela fosse ao shopping com Renata. Vocês duas são tão parecidas quando são teimosas.

Soltei uma pequena gargalhada. Minha tia tinha razão. Nisso nos duas parecíamos.

— Vou levá-la para sair amanhã. Para conversarmos. — avisei a minha tia.

— Faça isso querida. Não é bom que vocês só fiquem nesse hospital.

Concordei com a cabeça como se ela pudesse ver.

— Eu sei tia. Obrigada por tudo o que está fazendo por nós.

— Querida, não tem que agradecer. Somos uma família. — Quase podia senti-la me abraçando. — Agora eu preciso desligar. Vou tomar café com Louis. Até logo, meu bem.

— Até logo tia.

Afastei o telefone do ouvido e o desliguei. Então ergui o pulso para verificar as horas, quase seis da tarde. O ambiente estava mais frio pela promessa de chuva no céu. Os homens ainda não haviam voltado e suas mulheres pareciam entediadas e insatisfeitas, com os olhos atentos na

curva que os trariam de volta.

Fitei o copo de suco e o hambúrguer á minha frente sem muita vontade de terminar a refeição. Tudo o que eu queria era que ele voltasse e acabasse logo com tudo aquilo. Talvez fosse melhor assim. David estava melhorando e eu poderia conseguir alguma ajuda do município para o tratamento da doença dele. Poderia apelar para o compaixão dos governantes.

Levantei-me decidida a esticar um pouco as pernas e observar o lugar.

Então caminhei para fora da varanda apreciando a bela paisagem com coqueiros ao redor. Estava um pouco frio e eu me abracei enquanto deixava minhas pernas me guiarem sem rumo.

— Damien a deixou sozinha? — o homem loiro surgiu novamente atrás de mim. Agora usava uma roupa mais formal e começou a me acompanhar. — Ele não está sendo muito esperto.

— Ele não me deixou. Eu quis ficar. — defendi-o automaticamente e não entendi a minha própria reação.

— Então é mesmo você, a garota do Mason? — Ele me encarou sério.

Dei de ombros e sorri resignada.

— Você não me parece muito feliz com o título. — Willian deu um meio sorriso. — Uma pena, considereei chamá-la para sair quando a vi aqui.

— Não posso. — confessei.

— Eu sei. — Ele falou sério. — Mas sabe o que eu acho? Que é uma garota esperta demais para ele.

Sua mão segurou a minha e eu me afastei assustada com a ação dele.

— É melhor eu voltar. — senti-me subitamente mal. Eu não devia estar ali com outro homem sendo que cheguei com Damien.

— Vamos conversar. — Ele segurou meu braço. — Eu sei que você não é a namorada dele.

Fiquei pasma com a declaração. Como ele sabia? E o pior, como afirmava com tanta certeza?

— Do que você está falando? Solte-me. — tentei me livrar dele.

— Com a minha ajuda você pode conseguir mais. Pode tirar mais dinheiro dele. — Ele apertou mais o

meu braço. — Escute, eu posso ser generoso com você. Mais do que ele. E você só precisa conseguir algumas informações.

— O que? — Ele estava propondo o que eu achava que era?

— Não é muito difícil. Tenho certeza de que é capaz de conseguir muita coisa em conversas de travesseiro. Algo sobre os negócios que ele faz na Imperium, sobre como conseguiu vencer a concorrência para a aquisição da AX

e os projetos futuros. Esse tipo de coisa.

Conversa de Travesseiro? Mas que diabos ele pensava que eu era! Uma maldita vadia que usava o corpo para arrancar informações dos homens

sobre seus negócios? Puxei meu braço bruscamente sem me importar com a dor.

— Se você deseja saber sobre os negócios do senhor Mason, deve perguntar a ele. — minha voz saiu cortante.

Ele sorriu sedutor.

— Não creio que ele me diria. Já você, possui o que é necessário para convencê-lo. Basta agradá-lo. — Ele se aproximou e eu recuei um passo.

— Vamos, todos sabemos que ele não vale todo esse respeito. Você não precisa defendê-lo. Veja como ele a deixou em segundo plano e ele vai descartá-la assim que se cansar.

— Ele não me deixou, eu fiquei. — respondi irritada. — E saiba que essa sua proposta será levada a ele assim que nos encontrarmos.

— Não será necessário, Darling. — A voz de Damien preencheu o ar e o homem ao meu lado ficou petrificado. — Eu já ouvi o suficiente.

— Mason. — O homem pronunciou com ressentimento.

— Veiga. — Damien caminhou até nós.

— Não é o que você está pensando, Damien. — Ele se apressou a dizer.

Damien fez um aceno para que ele se calasse.

— Não é o lugar e muito menos o momento. — Ele parou ao meu lado.

— No meu escritório, na segunda as oito. Sua rescisão já estará preparada e você já pode mandar lembranças minhas á Bertinari. Agora

saia discretamente se não quiser problemas maiores que esses.

Olhei para Damien. Ele tinha uma expressão tranquila no rosto, não parecia nada surpreso com o

ocorrido. Willian me lançou um olhar raivoso, como se eu fosse a culpada pela sua própria tentativa de suborno, mas ele não disse nada. Apenas virou as costas e se afastou em direção ao estúdio.

— O que você ouviu? — perguntei baixinho. Subitamente envergonhada do conteúdo baixo da conversa.

— Tudo. — Ele falou e seus olhos pousaram nos meus fazendo-me recuar.

— Desculpe-me. Eu não devo ter passado a impressão certa. Fiz mal em deixar o bar.

— Está se desculpando por me defender? — Damien falou fazendo-me olhá-lo.

Seu rosto continuava com uma expressão tranquila, imperturbado pelo que acabara de acontecer.

— Você não me parece surpreso com o fato. — despejei meus pensamentos procurando desviar o assunto.

— Eu já esperava isso de Willian. Imaginei que ele estivesse em busca de informações dentro da empresa, apenas estava aguardando sua cartada final. — Ele franziu o cenho. — Mas admito que a sua reação deixou-me

surpreso.

— Pensou que eu fosse concordar? — perguntei horrorizada.

— Não pensei que fosse me defender. — Ele me fitou com olhos analíticos, como se eu fosse um ser vindo de outro planeta. — Porque o fez?

— Parecia o certo a ser feito. — respondi um pouco incomodada com o olhar intenso dele.

Damien continuou a me fitar de forma enigmática e eu senti as minhas faces queimarem, obrigando-me a quebrar o contato.

Um vento frio soprou e eu levei minhas mãos aos braços para proteger-me da brisa. O céu começava a se tingir de escuro, não pela noite, mas por nuvens carregadas de chuva. O fascínio de Damien finalmente se quebrou e suas mãos percorreram os meus dois braços.

— Venha, o dia foi exaustivo. Vou levá-la de volta.

— Não vai quebrar o acordo? — perguntei surpresa. — Depois de tudo o que eu disse aquela mulher?

— Mulher? — Ele pareceu confuso.

— A mulher loira. — tentei lembrá-lo.

Para a minha surpresa, ele soltou uma gargalhada sonora.

— E porque eu faria isso? — Seu braço esquerdo contornou as minhas costelas.

— Venha, vamos comer algo no restaurante do clube e eu a deixarei em casa.

Soltei minha bolsa sobre o sofá púido e amigável da minha sala. Meus pés estavam um pouco doloridos e eu estava precisando de um banho.

No entanto, antes que eu pudesse caminhar para o banheiro, um dos meus telefones vibrou dentro da bolsa. Deixei-me cair sentada no estofado enquanto a abria para procurar o celular.

Era ele. No tempo exato em que prometera.

— Damien? — segurei o telefone entre o ombro e a minha orelha, de repente tendo consciência do cheiro masculino no casaco dele sobre os meus ombros.

— Está em casa?

— Estou. Eu disse que chegaria bem de táxi. — repeti.

— Não me agrada muito essas suas recusas. Tom pode muito bem levá-

la para casa. — a voz dele soou ressentida.

— Quando teremos o próximo compromisso? — mudei de assunto evitando uma nova discussão.

— Na próxima sexta feira. Ulisses nos convidou para uma mesa no Broadway, após a exposição na sua galeria.

— Arte e depois música ao vivo? — tirei as sandálias dos pés. Ao menos eu já sabia o que esperar do restaurante frequentado por grande parte da elite carioca. Ele era referência constante de requinte na cidade. —

Quantas pessoas á mesa?

— Dez no máximo. E sem intrusos dessa vez. — a voz dele saiu aborrecida.

— Parece bom. — menti.

Damien soltou uma gargalhada.

— Você não mente bem, Darling.

— Verdade. — concordei e o escutei rir mais uma vez quando deixei escapar uma pequena gargalhada.

De repente a linha ficou muda e eu me senti nervosa, mesmo não estando perto dele.

— Damien? — perguntei quando o silêncio se prolongou.

— Obrigado. — ele se pronunciou. — Por ter ficado do meu lado hoje.

Não consegui falar nada diante do agradecimento inesperado e da entonação sincera na voz dele.

— Agora vou deixar que descanse. Nós nos falamos depois, my bunny.

Tenha uma boa noite, Ellen.

Finalmente recuperei a voz.

— Boa noite, Damien.

Desliguei o telefone com suas últimas palavras ainda ressoando aos meus ouvidos.

"Por ter ficado do meu lado."

Uma sensação boa encheu o meu peito e então eu percebi que estava com um sorriso tolo nos lábios. Desfiz a expressão do meu rosto na mesma hora e balancei a cabeça para espantar os pensamentos incoerentes.

"Não, Ellen. Não de novo. Nada de histórias repetidas."

Aconselhei a mim mesma em pensamento. Uma conversa amigável e palavras cordiais não podiam mais ser o suficiente. Eu tinha que ser mais forte que tudo aquilo. Mais forte que a atração que eu sentia por ele e mais forte para resistir a suas palavras bem colocadas. Era tudo apenas um jogo para ele.

Empurrei as sandálias com os pés e me levantei, deixando o celular perto da pequena televisão quando passei por ela. Hora de tomar um banho e procurar ter uma noite desceite de sono, pelo menos tentar ter algum sono.

Livre-me do casaco dele e o atirei sobre a minha cama, mesmo a contra gosto. Eu não podia me deixar seduzir por toda aquela beleza externa.

Ela me quebraria depois.

Capítulo 14: Noite das Tequilas

"Bem, eu ouço a música, fecho os meus olhos, sinto o ritmo, me arrumo e controlo o meu coração." (What a Feeling – Irene Cara)

Concentrei-me em limpar o balcão da cozinha. Os dias prolongados no hospital e as noites com Damien estavam fazendo com que eu deixasse a minha própria casa num estado deplorável e era hora de mudar isso.

Mergulhei a esponja na água com sabão que eu havia preparado e tentei tirar a mancha de suco de uva feita por David á algum tempo.

Uma música com batida latina característica estava fluindo pelo rádio ao meu lado e eu me balancei de um lado para o outro no ritmo da melodia. A letra não me era conhecida, mas eu estava sentindo o meu

corpo relaxar com as notas da canção.

De repente, mãos grandes e quentes envolveram a minha cintura.

— Adoro quando você dança para mim. — Sua voz rouca soou ao meu ouvido.

— Mas prefiro quando o faz com menos roupas.

— Damien? Você não... Você não devia estar aqui! — virei-me e ele me prendeu contra o móvel.

— É claro que devia. — Ele segurou o meu queixo. — Em que outro lugar eu estaria depois de ontem?

— Ontem? — segurei-o pelo peito quando ele tentou me beijar.

Damien sorriu e me abraçou fazendo-me reparar que ele estava sem camisa alguma exibindo seus braços fortes. Recusei-me a descer o olhar para saber se ele estava vestido da cintura para baixo.

— Ontem quando nós fizemos amor. — senti sua pelve se colar a minha e então me dei conta de que ele tinha somente com uma toalha na

cintura.

— O que? — tentei afastá-lo. — Eu não dormi com você. — insisti, mesmo diante das evidências.

Como eu podia ter feito aquilo? Como eu podia tê-lo convidado para minha casa?

— É claro que dormiu. — Damien afagou o meu queixo. — Eu amei o seu corpo a noite toda e agora quero estender isso pela manhã também.

Seus lábios firmes pressionaram os meus de forma exigente. Tentei me afastar, mas seus braços não me permitiram movimentação e minhas mãos queimaram exigindo tocá-lo. Seu toque experiente estava fazendo as minhas pernas amolecerem e eu percebi de repente que o estava beijando tão voraz quanto ele.

— Minha. Você é minha. — ele murmurou contra a minha boca.

— Damien... — arfei sôfrega e deixei meus braços envolverem seus ombros musculosos.

Ele soltou um grunhido e então me ergueu de repente, colocando-me sobre o balcão da cozinha. Sua boca não deixara a minha nem mesmo por um segundo e suas mãos seguraram meus quadris com firmeza trazendo-me ao seu encontro.

Meus desejos falavam por mim e eu me agarrei á suas costas para sentir

sua pele quente sob meus dedos. Damien segurou próximo ao meu tornozelo e colocou minha perna envolta da sua cintura.

— Você está vestida demais. — Ele sussurrou enquanto beijava meu pescoço.

Então eu senti suas mãos por baixo da minha camiseta arrastando-a até tirá-la por sobre a minha cabeça e

jogá-la no chão ao nosso lado.

— Agora está melhor. — Seus olhos caíram para os meus seios na lingerie preta. — Exatamente como eu gosto.

Damien fechou o pequeno espaço entre nós e me beijou novamente. O

toque dos seus dedos era duro e macio ao mesmo tempo sobre a minha pele. Eu me inclinei sobre ele desejosa de que ele me tocasse mais enquanto mergulhava minhas mãos nos seus cabelos.

— Damien. — pedi quando ele mordiscou meu lábio inferior.

E foi então que nós escutamos a batida na porta.

— Ell?

Ergui-me da cama e me deparei com os olhos curiosos de Arianna encostada no limiar da porta do meu quarto.

— Estava chamando por Damien? — Ela arqueou a sobrancelha morena.

— Estava sonhando com ele?

As imagens voltaram a minha mente rapidamente e eu senti meu rosto queimar. Arianna abriu a boca parecendo chocada.

— Ó Deus, você estava sonhando com ele! — Seus olhos escuros se

arregalaram em choque. — E pela cor do seu rosto imagino bem o que sonhava!

— Eu... Eu não estava sonhando nada! — defendi-me e coloquei as pernas para fora da cama, levantando-me.

— Não pode mentir para mim. Nós nos conhecemos a mais de dez anos.

— Ela me seguiu pelo quarto. — Depois das coisas que ele te disse, você ainda quer dormir com ele? Quer dormir com aquele idiota? Qual é o seu problema? Ele é um cretino!

— Todas podemos dormir com alguns cretinos de vez em quando, você não é a única. — falei irritada com as acusações, mas me arrependi ao olhar para o rosto de Arianna. Ela pareceu ofendida.

— Certo. — Ela começou a sair do quarto.

— Ary, espere. — corri até ela. — Me desculpe. Eu não quis dizer nada daquilo.

Eu falei sem pensar...

— Você tem estado diferente, Ellen. Jenny e eu notamos. — Arianna segurou a minha mão. — O que está acontecendo? Você sabe, pode me contar qualquer coisa.

Fiquei nervosa. Havia muito que eu estava mantendo em segredo o acordo com Damien, mas aquela situação ia acabar falando por si em algum momento e eu detestaria que Arianna descobrisse por outra pessoa o meu envolvimento com Damien. Era hora de contar a verdade.

— Venha aqui. — puxei-a de volta para a minha cama e afastei os

cobertores para me sentar com ela. Da mesma forma que fazíamos quando éramos mais novas. — Ary, eu não sei se você vai aprovar o que eu fiz, mas de qualquer forma não posso mais voltar atrás.

— Estou ficando com medo. — Ela me olhou séria.

Soltei um suspiro e então deixei as palavras fluírem.

— Eu fiz um acordo com Damien. — Ela continuava a me fitar com um semblante confuso. — Aceitei ser sua acompanhante de luxo.

Vi os olhos dela se arregalarem e em seguida quase saltarem das órbitas, até que ela explodiu num grito:

— Você o que?

Nos minutos seguintes eu me esvaziei. Contei sobre todas as minhas conversas com Damien, sobre como a proposta surgiu e como a aceitei.

— Ele ousou dizer tudo isso a você? Que canalha! Ellen e você aceitou mesmo assim? Mesmo depois de ele tê-la humilhado? — Arianna tinha os olhos escuros de irritação.

— Fale baixo. As casas são coladas umas às outras aqui! — supliquei. —

Eu sei que foi errado, mas eu precisava salvar David e aquele tratamento arrancaria até os últimos vinténs dos meus tios. — baixei os ombros resignada.

— Mesmo assim! Ell, as coisas que ele disse a você... — Arianna pareceu zangada. — Ellen, você não precisava. Nós podíamos conseguir tudo juntas!

— Não! Nós não podíamos e eu não queria arrastar todos vocês comigo nesse problema. Damien me ofereceu uma pequena fortuna nesse acordo e eu percebi que poderia ser a solução de todos os problemas.

— Você devia ter confiado em mim! Na sua família! — Ela parecia ressentida agora.

— Mas Ary, escute. — segurei-a desesperada, com medo de que ela ficasse realmente magoada. — Não é como você pensa. Eu não estou dormindo com Damien.

De novo, a expressão em seu rosto se tornou confusa.

— O que? Mas você não aceitou...

— O acordo não funciona de forma convencional. Eu não tenho que dormir com Damien. Tudo o que ele quer é que eu o acompanhe á eventos que ele tem de ir.

— O que? — Ela segurou a minha mão de volta. Agora parecia ainda mais intrigada. — Mas isso não faz sentido! Porque pagar uma pequena fortuna se ele poderia ter isso gratuitamente? Espera! — Ela apertou mais a minha mão. — É uma armadilha! Ele espera que você durma com ele, não espera Ellen?

Suspirei e baixei o rosto, mas acenei positivamente com a cabeça.

— Ell! — Arianna me chamou fazendo-me olhá-la. — Você não percebe no que se meteu? Ele está jogando com você. É ainda pior do que se

tivesse pagado para que dormisse com ele. Isso pode partir seu coração, amiga!

— Eu não vou ceder, Ary. — assegurei a ela.

— Sabe que as coisas não funcionam de maneira simples assim. —

Arianna me lançou um olhar terno. — Você não precisava ter feito isso, Ell. Não precisava ter se sacrificado assim!

— David vale qualquer coisa, Ary. Eu daria tudo por qualquer um deles, qualquer um de vocês. — repliquei já sentindo as lágrimas nos meus olhos.

— Ellen... — Arianna me abraçou. — E agora, o que você vai fazer?

— Eu vou proteger o meu corpo e o meu coração, não se preocupe. —

garanti.

— Quando você aceitou o acordo? — Ela se afastou de mim, mas continuou a segurar minhas mãos.

— Foi no início do mês. — confessei. — Mas nós saímos apenas duas vezes.

— Ontem você estava com ele?

Assenti com a cabeça.

— Cretino! — Ela xingou de repente. — Aposto que Nicholas já sabia disso e não me disse nada!

— Nicholas sabe? — perguntei horrorizada. — Você esteve falando com ele?

— Bom... — Arianna pareceu embaraçada. — Você não quis ir ao cinema ontem, então aceitei o convite de Nicholas para jantar.

Soltei uma gargalhada diante do nervosismo dela. Então de repente fiquei mortificada. Nicholas e Damien eram muito amigos e ele com certeza devia saber do acordo que nós tínhamos feito.

— Ary, será que ele sabe?

— Não sei, Ell. Eu imagino que deva saber, mas não sei. — Ela acariciou a minha mão. — Mas não se preocupe com isso. Você precisa saber como vai lidar com Damien.

— Eu sei como vou lidar. Não vou dormir com ele.

— Não me parece que seu inconsciente concorde com você. Estava chamado por ele e se enroscando nos cobertores quando entrei aqui.

Senti minhas faces arderem mais uma vez. Que inconveniente ter tido aquele sonho com Damien.

"Um delicioso inconveniente."

O pensamento veio rapidamente e tão depressa eu o afastei da minha mente. Tudo começa sempre na mente, tinha que ter cuidado com o que eu fantasiava.

— Eu vou conseguir Ary. Não sou uma garotinha inexperiente. — Ergui a cabeça e lancei um olhar confiante para ela.

— Eu não estou dizendo isso. Mas Damien parece ter, bem... Bem mais

experiência Ellen. E provavelmente não vai descansar até conseguir o que quer. E se você está atraída por ele, as chances dele aumentam.

Terá de tomar cuidado, Ell. Sei que não é como eu, sei que se dormir com ele vai acabar entregando o seu coração e Damien vai machucá-la.

Arianna apertou minhas mãos na suas.

— Não se preocupe, Arianna. Eu não vou cometer o mesmo erro. Se uma coisa Estevão me ensinou foi a não me deixar levar por palavras sedutoras.

— Ell...

— Nada vai acontecer entre mim e Damien, Arianna. Fique tranquila. —

Foi a minha vez de acariciar as mãos dela. — Eu vou conseguir ajudar David e depois Damien voltará para os Estados Unidos e tudo estará terminado.

Arianna soltou um suspiro e voltou a me abraçar.

— Certo. Você sabe o que faz e muito embora eu não concorde, sou sua amiga e irei apoiá-la. Agora temos de contar a Jenny.

— Acha que ela vai ficar zangada?

— Jenny tem ideias estranhas. Quando ela ouvir toda a sua situação, com aquela cabecinha avoada é capaz de pensar que você será a próxima Júlia Roberts.

— Você será a próxima Júlia Roberts! — Jenny piscou para mim. — Ele vai se apaixonar por você.

— Jenny, você prestou atenção em toda a história? Percebeu como a proposta de Damien foi ofensiva e a forma como ele vê as mulheres? —

Arianna gesticulou irritada.

— Ary, isso é porque ele ainda não conhece a Ellen. Quando conhecê-la melhor estou certa de que vai se apaixonar e vai pedir perdão pelo que fez.

Arianna suspirou.

— Você tem que parar de assistir mesmo á esses filmes de sessão da tarde. — Arianna se sentou á mesa junto de nós na lanchonete do shopping. — Eu queria poder ir á casa dele agora e dar um belo tapa na cara milionária dele pelo que ele te disse. Faria um belo estrago.

Não consegui evitar a minha gargalhada enquanto observava Júlia com Renata em outra mesa afastada de nós. Eu havia prometido levá-la para sair depois de ter ido ao hospital ver David. Arianna e Jenny nos acompanharam e Júlia encontrou Renata no shopping. Acabei deixando que ela se divertisse com a amiga enquanto tentava explicar melhor as coisas para as minhas.

— Ele não me trata mais assim. — tentei tranquilizá-la. — Na verdade, ontem ele foi muito gentil.

— Quer dizer que você esqueceu tudo o que ele disse a você? A forma como a tratou no escritório? — Arianna quase gritou.

— Não! — protestei. Não havia como esquecer. As palavras de Damien ainda me marcavam, mas eu tinha que ser justa. Ele não voltara a repetir o tratamento do escritório. — Eu não me esqueci de nada, mas não posso ignorar que ele está sendo mais gentil.

— Claro que está sendo! Será um verdadeiro gentliman até levá-la para a cama dele. — Arianna segurou a minha mão sobre a mesa. — Ellen, tem certeza de que pode lidar com isso? Tem certeza de que não vai sair machucada?

— Ary, não precisa ficar alarmada. Eu não vou ceder á ele apenas porque está sendo gentil. Eu sei me proteger dos homens.

Era verdade. Depois de Estevão eu havia construído uma muralha em torno dos meus sentimentos para me proteger de qualquer outro homem. Podia enfrentar Damien Mason. A atração que eu sentia por ele só era intensa por causa do meu tempo de reclusão. Eu só precisava me manter afastada da zona de perigo.

— Não, não confio nisso. — Arianna disse de repente. — Você anda desatualizada dos jogos masculinos. Não sai de casa desde que tudo aquilo aconteceu com Estevão.

— Ela tem razão, Ell. — Jenny ficou séria de repente, como se finalmente se desse conta da situação. — Você não vai á uma balada a anos.

— Isso é um absurdo! O que baladas tem a ver com tudo isso? — Olhei incrédula para as duas mulheres á minha frente.

— Tem tudo a ver! — Arianna bradou. — Você não está mais acostumada ao assédio masculino. Aposto que cora á menor suposição de Damien sobre um relacionamento mais íntimo.

Como se para provar que Arianna tinha razão, senti o sangue indo em direção as minhas faces.

— Está vendo? — Arianna sorriu satisfeita. — Você não pode continuar assim. Precisa aprender a lidar com isso ou Damien levará a melhor.

— Ela está certa. — Jenny garantiu.

— Estão todas contra mim? — comecei a me desesperar.

— Para a sua sorte, estamos todas á seu favor. — Arianna segurou a minha mão e Jenny fez o mesmo. — E por isso, nós vamos sair para a balada.

— O que?

— Balada?! — Jenny sorriu animada.

— Isso mesmo. Na quinta feira. E eu já sei o lugar. — Arianna sentenciou.

— Não, não. Eu não vou a lugar nenhum. Tenho que cuidar de David...

— Sua tia poderá fazer isso. — Arianna me interrompeu. — Ela diz que você está passando tempo demais no hospital e, além disso, David está

cada vez melhor, graças a Deus e você precisa se preparar para não cair na armadilha do idiota Mason.

— Isso é perca de tempo. Eu não preciso de nada disso. — falei e me levantei da mesa. — Está na hora de eu voltar para o hospital. O

tratamento de David começará hoje e eu quero estar com ele.

— Mas e a balada? — Jenny pareceu desanimada.

— Passo a minha vez. — acenei para Júlia para que ela se aproximasse.

Então me virei na direção das minhas amigas. — Não preciso de baladas para conseguir me livrar de Damien Mason.

David olhou para o médico e apertou a minha mão. Ele estava claramente nervoso com o início do tratamento.

— Não precisa ficar com medo, rapaz. Faremos apenas algumas transfusões de sangue. — O médico calvo e com um sorriso acolhedor anunciou.

— É assim que será?

— É sim, senhorita. — Ele sorriu para mim. — David vai começar com transfusões de sangue e doses suplementadas de ferro. Veremos como ele reagirá diante disso e saberemos que passo devemos tomar. Se ele responder bem, logo poderão estar em casa e o tratamento se tornará domiciliar.

David me olhou e sorriu animado.

— Poderei assistir Sobrenatural! — Ele comemorou.

— Poderá sim. — a enfermeira Elizabeth, uma mulher já madura e sempre com um sorriso dócil animou o meu irmão afagando seus cabelos.

— Então vamos começar! — David propôs subitamente livre do medo.

— Claro. Mas antes, dê a ele os remédios Elizabeth. — O médico orientou a enfermeira. — E voltaremos logo para dar início a primeira transfusão.

Elizabeth ofereceu a David alguns comprimidos e um copo de água. Ele bebeu e então o médico saiu com a enfermeira garantindo que voltaria dentro de alguns minutos.

— Acha que será muito doloroso? — Meu irmão me fitou ansioso.

— Não, não será. E logo isso também vai passar. — Sorri em apoio e beijei a mão dele.

— Eu gostaria que mamãe estivesse aqui. Ela costumava mexer nos meus cabelos quando eu estava doente. — David baixou a cabeça, mas eu percebi uma lágrima descendo pela sua face.

— David, não fique assim. — abracei-o, sentindo-me emocionada. — Eu sei que a saudade dela dói. Mas ela não iria querer que ficasse triste.

David não disse nada e apenas me abraçou apertado e dolorido. Eu

sabia que por melhor que eu fosse, a perda abrupta da nossa mãe jamais seria completamente curada. Todos nós sentiríamos falta para sempre.

De repente, nós escutamos a porta sendo aberta e eu me virei para me deparar com Takashi.

— Oi. — Ele abriu um sorriso tímido. — Espero não estar atrapalhando.

— Olá Tk. — David se manifestou primeiro.

Levantei-me da cama de David para cumprimentá-lo.

— Oi Takashi. — estendi a mão, mas ele me puxou para um abraço.

— Porque não me ligou? Todos os dias apenas com respostas vagas em mensagens. Eu fiquei preocupado. — Ele falou depois que eu me afastei.

— Pensei que estivesse com a sua noiva. — expliquei. Não queria ficar enchendo-o de problemas durante sua curta viagem á casa dos pais de Tuanne.

— Você poderia ter me contatado. Está tudo bem?

— Está. — tentei parecer confiante.

— Takashi, você sabe como Dean Winchester sairá do inferno? — David perguntou depois de engolir o restante da água que estava próxima a ele.

Tk gargalhou e se afastou de mim.

— Não vai querer saber antes da hora. Vai estragar tudo. — Ele se sentou ao lado de David.

— Eu sei, mas estou curioso. — David reclamou e soltou um suspiro.

Sorri diante da impaciência dele. Daquela forma nem parecia mais um garoto com a saúde comprometida.

— Logo poderá descobrir. Eu estou com os episódios novos da próxima temporada e deixarei na sua casa para você. Vai se enjoar de tanto assistir a série.

David soltou uma gargalhada.

— Eu duvido muito que ele se enjoie. — comentei e me aproximei deles.

Takashi olhou para mim e sorriu.

Nesta hora, o médico entrou no quarto.

— Vamos começar os procedimentos. — Ele acenou para duas enfermeiras na porta e elas entraram também. — Quer ficar com ele?

— Quero sim. — concordei.

— Eu estou de saída. Apenas vim para ver os dois. Mas prometo voltar com mais tempo outra hora. — Takashi me abraçou mais uma vez e beijou a minha testa. — Eu ligo mais tarde. — Ele disse e se afastou sem dizer mais nada.

— Ell? — David me chamou e eu percebi que ele já estava sendo preparado para o procedimento.

— Estou indo. — caminhei até ele e me sentei na poltrona ao seu lado.

David escondeu a sua mão livre na minha e relaxou nos travesseiros.

— Eu acho que será um anjo. — Ele falou de repente.

— O que? — franzi o cenho confusa.

— Que irá tirar Dean do inferno. Só os anjos podem livrar as pessoas de seus problemas. — Ele filosofou com um sorriso sincero nos lábios.

Sorri de volta e pensei em como as palavras de David eram irônicas.

Damien também aparentemente, poderia me livrar dos meus problemas. Mas por outro lado, poderia causar outros grandes danos se eu o deixasse se aproximar demais.

Suspirei.

Talvez aquela coisa de anjo salvador não funcionasse para mim.

O Berlin estava tocando em algum lugar da rua, mesmo já sendo noite e eu sorri enquanto subia a viela. Era sempre bom escutar aquela música.

Ela era relaxante, principalmente depois de um dia tão carregado.

Mamãe também adorava Top Gun e sua trilha sonora, foi com ela que aprendi a tomar gosto por esse tipo de música.

Suspirei ao me lembrar dela cantando e enchendo a casa de vida pela manhã. Eram boas lembranças, mas ainda sim ainda estavam dolorosas.

De repente senti meu celular vibrar na bolsa. Devia ser Júlia me lembrando de levar o dinheiro para sua viagem escolar amanhã. Eu a responderia assim que estivesse dentro de casa. Fiz a nota mental enquanto colocava a chave no portão da minha casa.

O pensamento me fez recordar que amanhã também era dia de sair com Damien. Ele não havia me ligado depois de domingo, apenas tinha

mandado uma mensagem no meio do dia me alertando do compromisso. E parecia novamente o mesmo Damien profissional nela, para a minha decepção.

Balancei a cabeça incomodada com o sentimento dentro de mim. Eu era apenas uma contratada dele. Claro que ele seria profissional. Não estava preocupado comigo, desde que eu estivesse lá para cumprir a agenda.

Ajeitei minha bolsa nas costas e virei-me para fechar o portão. Foi quando um Pálio vermelho parou ao lado da minha calçada e eu vi Arianna sair de dentro dele em um vestido preto e brilhante.

— Pare agora mesmo. Hoje nós vamos sair. — Ela empurrou o restante do portão e entrou.

— Mas o que é isso? — Perguntei quando vi Jenny sair do carro junto com Hugo.

— Hora da festa, Ell. — Hugo me disse assim que Jenny se colocou ao lado dele.

— Festa? Mas que festa? — gaguejei.

— A nossa festa da quinta feira! — Jenny comemorou dentro do seu vestido azul.

— Festa da quinta feira? — finalmente compreendi. — Mas eu disse que não iria a balada nenhuma!

— Você disse, mas eu não concordei. — Arianna começou a me puxar para

dentro de casa.

— Ary...

— Não me venha com o meu nome no diminutivo. Nós vamos sair ao menos essa vez. Você tem que recuperar o tempo perdido, Ellen!

— O tempo perdido?

— Isso. E não é só por Damien. Chega de se esconder por causa do passado e por causa dos problemas. E se pode sair com o milionário, pode sair com as suas amigas. — Ela parou e abriu a porta da sala. —

Jenny venha e traga o que vamos precisar.

— Sim, senhora! — Jenny gargalhou e bateu continência para depois correr em direção ao carro.

— Arianna, isso não é preciso.

— Claro que é. — Ela suspirou. — Senão por você, faça por mim.

Só então eu percebi a melancolia no rosto dela, escondida pela maquiagem perfeita.

— Ary, o que aconteceu?

— Nada tão grave. Apenas feridas mão fechadas. — Ela sorriu fraco. —

Pode apenas vestir algo e vir conosco? Jenny concordou em sair, mas eu não quero segurar nenhuma vela.

Soltei uma risadinha e depois apertei a mão dela na minha.

— Claro. Se quer sair para se distrair, nós vamos.

— Eu prometo contar tudo para você depois, mas hoje só quero tomar uma boa tequila e depois voltar para casa.

— Nada melhor que tequila. — concordei e consegui arrancar um sorriso dela.

— Espere aí Gu, nós não vamos demorar.

Ouvi Hugo soltar um suspiro cansado do lado de fora e Jenny entrou na sala animada.

— Hugo vai dirigir. Então podemos tomar todas as tequilas do bar. —

Jenny abriu um sorriso vitorioso. — Agora vá para o banho, senhorita Ellen.

— Tem certeza de que não quer conversar primeiro Ary? — insisti.

Ela abriu a boca para responder, mas foi Jenny quem tomou a palavra.

— Ela não quer. "Álcool primeiro e conversa depois, Jenny." — Ela imitou a voz de Arianna nos fazendo rir. — Foi assim que ela disse.

— Então eu vou tomar um banho e vou me juntar a vocês hoje também.

— Eu não era muito adepta a beber, mas uma vez na vida precisava acontecer e talvez aquilo me fizesse esquecer dos pensamentos inconvenientes sobre Damien Mason. — Será a noite das Tequilas.

— E o copo? — Gritei eufórica erguendo a minha dose de tequila.

— O copo ainda tá na mão. — Arianna e Jenny responderam em

uníssono e todas nós começamos a gargalhar.

— Adoro essa música. — Arianna falou depois de engolir outra dose.

— Eu também. — concordei encostando minha cabeça no ombro dela.

Eu me sentia subitamente leve. — Eu estou vendo tudo rodar.

Jenny gargalhou ao meu lado, como se eu tivesse contando uma piada engraçadíssima.

— Eu acho... Acho que nós temos que começar a dançar em vez de ficar aqui só ouvindo. — Jenny mexeu os ombros como uma dançarina espanhola.

— Não... Eu não vou dançar. — Levantei meu dedo indicador advertindo.

— Isso porque você sabe que perderia para mim. Nenhuma de vocês sabe dançar como eu. — Arianna nos encarou com desafio.

— Como é que é? — Jenny bateu na mesa irritada. — Eu ganhei um show de talentos na sexta série.

— E daí? Ellen e eu também ganhamos um e a gente cantava mal para caramba. — Arianna falou e depois gargalhou.

— Mas a questão é que eu dancei. A música da Shakira ainda. — Jenny se defendeu e de repente se levantou da cadeira. — Eu não aceito isso.

Vamos dançar e eu vou provar que sou a melhor.

— Você vai perder. — Arianna se gabou.

— Eu não vou. — Ergui a cabeça e acenei com as mãos.

— Você vai sim ou está com medo de perder também? — Arianna riu.

— Chiquinha medrosa.

Abri a minha boca perplexa ao ouvir o apelido pelo qual me chamavam na infância. Por causa do meu penteado e do meu constante medo de insetos.

— Chiquinha medrosa é o caramba! — levantei-me também, embora com certa dificuldade. — Tire as suas celulites da cadeira e você vai ver quem é a medrosa.

— Vamos lá então. — Arianna se esbarrou e tombou um copo vazio na mesa. — Espera! E o Hugo? Ele não disse pra você ficar aqui Jenny?

— Ele vai demorar. A fila no bar está grande e dá tempo de eu esfregar minha vitória na cara de vocês duas.

Arianna começou a rir e num instante todas nós estávamos rindo enquanto tropeçávamos uma na outra na direção da pista de dança.

Quando chegamos lá, espremidas em meio a multidão ouvimos o Dj anunciar um flashback. Logo em seguida What Feeling encheu o lugar.

— Há! Essa é a minha música. — comemorei.

Jenny e Arianna começaram a rir da minha euforia, mas começaram a se balançar no ritmo da música.

Eu me sentia corajosa e uma alegria fácil pulsava nas minhas veias como não acontecia em muito tempo. Arianna estava rindo abobalhada dos

meus passos enquanto Jenny jogava os cabelos de um lado para o outro esbarrando nas pessoas ao nosso redor.

Resolvi imitar Jenny e sacudi a cabeça gargalhando. Arianna ergueu os braços e finalmente começou a dançar. Eu arrisquei uma reboladinha e tentei imitar um passo do próprio filme, mas meu equilíbrio tinha sido danificado pelo álcool e eu tropecei em mim mesma, porém antes que eu caísse de testa no chão fui amparada por mãos firmes que me seguraram junto ao peito.

— Solte-me. — tentei me afastar do peito do desconhecido.

— Eu não vou soltar Darling. — a voz fez um arrepio subir pela minha espinha. Quando eu ergui o rosto percebi o semblante insatisfeito de Damien. Ele parecia muito zangado.

— Damien?

— Porque não atendeu o maldito telefone, Ellen? — Ele me segurou pelos ombros. — Droga! Eu fiquei preocupado e eu detesto essa sensação, principalmente agora que percebo que estava certo. Vamos embora.

— O que? — Minha mente zonza voltou a funcionar. — Eu não vou embora! Estou com as minhas amigas!

Mas de repente, eu olhei para os lados e não enxerguei Jenny ou Arianna.

— Onde estão as minhas amigas? — inquiri perdida.

— Estão com Nicholas e o outro cara. — Ele passou o braço em torno da minha cintura. — E você vai embora comigo.

— Não! — gritei, mas em seguida comecei a rir descontroladamente.

Damien soltou um longo suspiro.

— Você bebeu quantas doses de Tequila?

— Não sei. Foi uma. Não, foi três ou quatro. Foram muitas. — aquilo também me pareceu engraçado e eu comecei a rir.

— Certo. É mesmo hora de ir embora. — Damien amparou meu rosto com a mão esquerda e analisou-o. — Não posso mesmo deixa-la sozinha, não é Darling?

Ele sorriu parecendo mais relaxado e eu sorri de volta. Então senti seu braço contornar a minha cintura e Damien começou a abrir espaço em meio á multidão. Logo nós estávamos perto da mesa e eu avistei Arianna e Jenny.

— Tequila! — Jenny gritou quando me viu.

— Tequila! — retribuí e ri também.

— Vou levar Ellen para casa, Nicholas. — Ouvi Damien falar.

— Espera, você não pode levá-la. Ela está conosco e nós não vamos ir agora. — Arianna se enrolou na frase, mas conseguiu terminá-la.

— Ela precisa ir. Está amparada por mim. — Damien retrucou.

— Você nem devia nem estar aqui! — Ary se exaltou. — E eu não vou deixá-la sozinha com você, cretino Mason!

— Arianna! — repreendi-a. — Eu quero ir embora com o bonitão. —

proteste e me agarrei ao colarinho de Damien que sorriu para mim.

— Ellen! — Arianna pareceu ofendida.

— Arianna! — imitei-a e me soltei de Damien para ir até ela. — Você sabe onde eu consegui esse cara bonitão? Ele parece estar a fim de mim, olha que sorte! — tentei falar baixinho, mas falhei miseravelmente.

Arianna olhou para mim séria, mas no final gargalhou.

— Ellen, você não pode ir com ele. — Ela segurou a minha mão.

— Eu quero. — respondi e percebi que mesmo com os níveis altos de álcool no sangue eu estava falando a verdade.

— Amiga. — Arianna desviou seus olhos de mim e depois voltou a me fitar. — Ellen, não acho que seja uma boa ideia. Você não está sóbria.

— Eu posso decidir por mim! — protestei e peguei a minha bolsa na mesa sentindo-me em alerta. — E decido ir embora com Damien.

Vamos! — agarrei o braço dele.

— Ellen.. — Arianna insistiu.

A mão quente de Damien repousou nas minhas costas.

— Nada acontecerá. Ellen vai direto para a casa e eu vou para a minha

logo em seguida. — Ele se virou para Nicholas. — Eu vou tomar um Táxi com Ellen e você volta no meu carro, Nick

— Sem problemas. — Nicholas concordou.

— Para a casa dela. Não para a sua. — Arianna tirou um papel da bolsa e escreveu nele, então o entregou a Damien.

— Não seja boba Ary, eu conheço Damien. Nós jogamos golfe. —

afirmei com convicção.

— Vamos, Darling. — Ele se limitou a acenar para os outros e nós começamos a deixar a casa de shows.

Em pouco tempo nós estávamos num táxi que se dirigia para a minha casa. Minha cabeça estava começando a pesar e eu me apoiei no ombro de Damien deixando os meus olhos se fecharem. Quando voltei a abri-los, o carro tinha parado e Damien me chamava.

— É mesmo aqui, my bunny? — Seus dedos estavam acariciando o meu queixo e seus olhos aguardavam uma resposta.

Olhei pela janela e percebi minha casa trancada lá fora.

— É sim. — concordei e soltei um gemido quando minhas têmporas começaram a latejar pela luz do poste amarelada.

— Eu já volto. — Damien estendeu uma nota ao motorista. — Venha, Ellen.

Ele abriu a porta do carro e me puxou com ele para fora.

— Onde está a chave do portão? — Ele inquiriu e eu enfiei a mão na bolsa para entregá-la á ele.

Damien abriu o portão rapidamente e caminhou mantendo-me junto dele até a porta. Então a abriu e eu tropecei para dentro da minha sala.

— Cuidado. — Ele segurou a minha cintura trazendo-me para perto dele.

Eu ri e me agarrei ao seu pescoço. E de repente eu estava corajosa o bastante para me inclinar sobre ele e beijar a lateral do seu rosto.

— Darling. — Ele ficou tenso e me afastou. — Você precisa dormir.

— Você quer dormir comigo? — respondi ainda mais audaciosa. — Eu sonhei com você. — acariciei seu rosto másculo.

— Sonhou comigo? — Ele sorriu de lado. Aquele sorriso malicioso que fazia músculos desconhecidos no meu abdômen se contraírem.

— Sonhei. — aproximei-me mais dele. — E queria que tivesse sido de verdade. Queria que tivesse me tocado como no sonho.

Voltei a me agarrar á ele. Damien ficou imóvel, somente uma veia no seu pescoço traía a reação que eu estava causando nele. Será que ele sempre fora tão cheiroso? Deixei meus lábios roçarem o seu pescoço e suas mãos apertaram a minha cintura.

— Ellen. — Ele grunhiu e depois me afastou. — Pare de tentar me seduzir porque está funcionando.

Ri alto diante da confissão dele.

— Onde é o seu quarto? Vou deixá-la segura. — Ele me manteve a uma distância respeitável.

— Ali. — apontei e comecei a caminhar, mas de repente uma náusea horrível me fez cambalear.

— Damien. — chamei.

— Estou aqui, Darling. — Ele voltou a me amparar com os dois braços.

Eu sorri com a visão dos seus olhos azuis preocupados e então senti que tudo estava ficando dormente.

— Boa noite. — Ri e então as cores me deixaram e eu naveguei para a escuridão do meu inconsciente.

Capítulo 15: O Verdadeiro Norte

"Se tratando de Damien será que vale a pena pensar na idéia de: não o mude para amá-lo... mas, ame-o para mudá-lo."

Você sabe quem é. Obrigada pela frase tão inspiradora. Espero levar a história nessa visão. É o que tenho tentado fazer . Então se preparem, porque o senhor Mason não resistirá. haha

*

"Eu vou me certificar de manter a distância. E por favor, não fique tão perto de mim. Estou tendo dificuldade para respirar. Eu tenho medo do que você vai ver agora." (Distance - Christina Perri)

Parecia que tinha alguma coisa comprimindo a minha cabeça e fazendo as minhas veias se tornarem doloridas ao pulsar. Soltei um gemido

angustiado e tentei abrir os olhos, mas a claridade fez a dor aumentar.

Fechei-os mais uma vez e respirei devagar tentando me concentrar em algo além do incômodo latejante.

O que eu tinha feito ontem? Algumas doses de tequila com Jenny e Arianna.

Risadas, música alta e depois a pista de dança. Então as imagens pareceram como borrões na minha mente, uma espécie de sonho alucinado.

Tentei abrir os olhos e dessa vez consegui fazê-lo, ignorando a dor.

Avistei o meu pôster do Top Gun e suspirei aliviada. Meu quarto. Nada de tão grave deveria ter acontecido. Eu apenas abusei do álcool e Arianna me trouxe para casa.

Remexi-me na cama percebendo que estava deitada de bruços e que ainda trajava o vestido que usei para ir à balada. Havia um lençol enrolado na minha cintura e os meus sapatos de salto estavam no chão ao meu lado.

Lamentando por ter me empolgado com a Tequila, eu afastei o lençol e me sentei no leito. Meus cabelos caíram amassados em torno dos meus ombros e eu senti o gosto amargo da cetose na minha boca. Precisava me lembrar de não repetir aquela loucura em uma outra noite. Minha cabeça estava me matando.

— Eu lhe desejaria um bom dia, mas depois da noite de ontem duvido

muito que somente isso seria o suficiente.

Girei a cabeça na mesma hora em que meu coração deu um pequeno salto quando me deparei com Damien próximo a minha janela e trajando somente calças. Um sorriso irônico brincava em seus lábios e ele tinha um copo d'água nas mãos.

— Damien? — minha voz saiu estrangulada e alta, fazendo com que eu gemesse logo em seguida.

Ele era como uma perfeita estátua grega bem esculpida com o corpo coberto apenas pela calça escura.

— Não grite. Isso só vai piorar. — Ele falou tranquilamente e então se aproximou de mim com a água e uma cartela de comprimidos na outra mão. — Tome.

— O que você está... Como você veio parar aqui? — recusei-me a pegar os remédios e também a olhar seu peitoral nu tão próximo de mim.

— Eu a trouxe para a casa ontem. — Ele me analisou atentamente.

— Mas eu não estava com você... Eu estava com as minhas amigas. —

abaixei a cabeça para tentar aliviar a dor. Então um pensamento me atingiu em cheio. — Oh Deus! Você e eu... Nós... Deus... Eu dormi com você?

Damien sorriu abertamente e segurou meu rosto.

— Embora tenha tentado efusivamente me convencer á isso, nós não

dormimos juntos. Ao menos não nesse sentido.

— O que? — Eu tentei convencê-lo? Como? Aquilo não fazia o menor sentido! — Eu não me lembro... O que você quer dizer com nesse sentido?

De repente as imagens encheram a minha mente. Eu estava dançando, ele me encontrou. Disse algo sobre o telefone e depois Arianna começou a protestar minha volta para casa. Eu insisti em voltar e Damien me trouxe. Então eu falei coisas desconexas e beijei o pescoço dele. Meu Deus, eu beijei o pescoço dele!

— Agora se lembra? — Ele me olhou com um brilho divertido nas esferas azuis.

— Eu agarrei você... — falei mais para mim mesma, mas ele ouviu.

— Várias vezes. — Ele colocou os comprimidos na minha mão. — E se estivesse sóbria nós estaríamos amarrotando os lençóis até agora.

— Você dormiu aqui? — esquivei-me do assunto totalmente envergonhada do quanto eu havia sido atrevida na noite passada.

— Dormi. — Ele me entregou a água. — Agora beba seus remédios.

— Onde você dormiu? — insisti.

— Onde você gostaria que eu tivesse dormido. — Não foi uma pergunta, percebi. E ele estava com aquele sorriso torto no rosto outra vez.

Ofeguei quando a resposta brilhou na minha mente e Damien

aproximou seu rosto do meu. Sem dizer nada ele pegou o comprimido que estava na minha mão e o colocou na minha boca, acariciando meu lábio inferior logo depois.

— Eu dormi no sofá. — Ele se entregou por fim e eu suspirei, mas percebi que estava mais inclinada á decepção com a resposta dele.

Damien soltou uma pequena gargalhada.

— Tome o remédio, Darling. — Ele se afastou da cama.

Finalmente dei atenção ao remédio e sorvi da água para engoli-lo colocando o copo no móvel ao lado da cama.

— Você tem um gosto cinematográfico peculiar.

Damien parou diante do meu pôster dos ases indomáveis, de costas para mim e eu percebi sua bochecha se contrair denunciando um sorriso. Mas eu não consegui me prender muito tempo nisso, meus olhos desceram da sua nuca para seus ombros musculosos. Depois as costas largas e a curva da lombar.

De repente, ele se virou pilhando-me em flagrante.

— Apreciando a vista? — Ele sorriu descarado.

Senti meu rosto ficar quente e desviei os olhos do rosto dele.

O que você está fazendo, Ellen? Até parece que nunca viu um homem sem camisa!

Escutei-o gargalhar mais uma vez.

— É justo, uma vez que já a vi numa roupa de coelhinho da playboy.

— Muito obrigada... — suspirei e mudei de assunto. — Por ontem. Eu não costumo me exceder no álcool. Nunca o fiz, mas me empolguei.

Ele havia me trago em segurança para casa, eu não podia negar isso.

— É perigoso ficar exposta daquela maneira, Ellen. — De repente, ele pareceu irritado. — Tem ideia do que poderia ter acontecido?

— Eu sei, mas como eu disse, não planejei aquilo. — Ousei encará-lo. —

Além disso, como você sabia onde eu estava?

— Eu liguei para você várias vezes e você não me atendeu. Então eu fui obrigado a rastrear o seu celular. — Ele ergueu as duas sobrancelhas em repreensão.

— Você me rastreou? — senti minha boca se abrir. — Invadiu a minha privacidade?

— Você não me deu escolha, Darling.

— Isso é um absurdo! — levantei-me da cama espantada. De repente, eu me sentia mais exposta com ele perto de mim. — Você não tinha o direito! O que acha que eu sou?

— E o que você esperava que eu fizesse? — Damien se aproximou de mim. — Estava me enlouquecendo não saber onde você estava. Não consegui sequer ler um maldito relatório e nem responder aos emails da minha diretoria em Nova York porque estava preocupado em saber o que estava acontecendo para você não atender o telefone!

— Preocupado? — repeti surpresa.

— Sim. — Ele soltou um suspiro e passou a mão pelos cabelos. — Não é um acontecimento de rotina para mim, então não sei lidar com os limites disso.

Fiquei muda sem saber o que falar diante da confissão. Eu havia pensado que ele simplesmente não se

importava ainda ontem a noite, mas ele estar no meu quarto naquela manhã evidenciava justamente o contrário.

— Agora que está melhor, eu vou ir embora. — Damien desviou seus olhos dos meus e fez menção de deixar o quarto.

— Espere. — segurei o braço dele. — Fique para o café. Não é essa a regra? — perguntei impulsivamente. De repente, eu não queria perder a essência boa que ele acabara de me mostrar.

Damien me fitou por alguns instantes e por fim seus olhos brilharam em compreensão.

— Usando as minhas próprias regras contra mim? — Ele me fitou intensamente, mas depois sorriu. — Corajosa.

— Audaciosa. — corriji sentindo-me realmente ousada e ergui a sobrancelha em desafio, imitando a expressão no rosto dele.

O sorriso dele se alargou.

— Eu fico. — Ele assentiu.

— Certo. Eu vou me trocar. — avisei e tirei as mãos do braço dele.

— Eu fico. — Damien repetiu, mas antes que eu pudesse me expressar ele sorriu e começou a deixar o quarto. — Será uma ótima oportunidade para você me contar os detalhes do sonho que teve comigo.

— O que? — gritei, mas ele já tinha deixado o quarto.

Eu havia falado sobre o sonho enquanto estava bêbada?

Prendi o lábio inferior agoniada e percebi que estava tendo um pequeno ataque de pânico. Maldita Tequila! Seria muito tarde para retirar o convite do café?

Foi uma péssima ideia convidar Damien para ficar para o café da manhã.

Eu estava uma pilha de nervos atrás da mesa enquanto tentava não me queimar ao cuidar de um simples desjejum.

Que ato impulsivo ridículo da minha parte. O que eu poderia preparar para o paladar apurado de um bilionário norte americano? Damien já me dera provas o suficiente de suas exigências. Todos os restaurantes que nós havíamos frequentado e a própria refeição na casa dele. O que eu estava pensando? Na verdade, eu não estava pensando. Estava apenas sendo levada pela visão daqueles ombros expostos e agora que ele estava vestido de novo, eu conseguia enxergar a loucura que tinha feito.

— Você prefere suco ou café? — perguntei sem olhar para ele.

— Suco, por favor. — Ele respondeu.

Suspirei tentando me acalmar e segurei a jarra de suco de laranja levando-a até a minha pequena mesa. Com Damien dentro da minha cozinha, tudo parecia ter subitamente encolhido.

Derramei parte do líquido da jarra no copo que estava próximo a ele, mas não levantei os olhos para não traír meu nervosismo.

— Obrigado. — Ele agradeceu.

Eu servi o meu copo e então me virei para pegar a bandeja com os biscoitos industrializados e o bolo de chocolate que eu mesma tinha feito para levar á David no hospital.

— Sente-se comigo. — Damien pediu do seu jeito autoritário e se levantou para puxar a cadeira que estava ao seu lado. Autoritário e cavalheiro. — Eu posso me servir sozinho. — Ele ironizou e eu sorri nervosa.

— Tudo bem. — concordei e me sentei na cadeira que ele oferecia.

Ele se inclinou e pegou um pedaço de bolo. Até nesse simples gesto ele parecia elegante demais para a minha simples casa.

— Não vai fazer a sua refeição? — Ele me fitou depois de tomar seu suco.

— Eu... Vou, vou sim. — respondi me sentindo tola por toda a situação.

— Está tudo bem? — Ele insistiu enquanto eu pegava um dos biscoitos.

— Não é todo dia que eu tenho um bilionário internacional na minha cozinha e quando isso acontece, eu só tenho biscoitos industrializados e um bolo feito por mim mesma para oferecer á ele. — Soltei rapidamente antes que eu pudesse me arrepender. Aquela situação não me parecia natural.

Fez-se um silêncio entre nós.

— Então você fez o bolo? — Ele falou depois de alguns segundos e eu ri.

— Não se preocupe, Darling. Está tudo bem.

Concordei e me forcei a acreditar nas palavras dele. Então também me inclinei para iniciar a minha refeição.

— Você mora sozinha? — Ele falou de repente.

— Não. — respondi e percebi que era a primeira vez em que o assunto era a minha vida e não a dele. — Meus irmãos moram aqui comigo.

A resposta me fez lembrar de um compromisso esquecido: o dinheiro para a viagem de Júlia.

— Não, não. Eu não podia ter esquecido! — Levantei-me da mesa e fui até o quarto em busca do meu telefone.

— Ellen, algum problema? — Damien me perguntou e eu percebi que ele estava atrás de mim.

— Eu me esqueci de ir á escola. — ergui o pulso para verificar o relógio.

— Não são nove ainda. Eu posso chegar lá.

Encontrei a minha bolsa e percebi as dezenas chamadas de Damien e algumas de Júlia. Retornei para ela imediatamente. Júlia atendeu no segundo intervalo.

— Eu sei, eu me esqueci Júlia. — falei antes dela. — Acha que consigo chegar á tempo?

— Estamos saindo em trinta minutos Ell, mas não se preocupe, eu posso ir sem dinheiro. Renata diz que pode me ajudar com o que ela tem.

— Não, eu posso pegar um táxi. Chego á escola antes de vocês saírem.

— Tudo bem. — Júlia concordou.

— Espere por mim. — afirmei e desliguei o telefone para me deparar com Damien atrás de mim. — Damien, eu vou ter de sair. Preciso encontrar a minha irmã.

— Vamos juntos, tenho uma reunião na Imperium ás dez. — Ele fitou o relógio. — Mas vou passar em casa primeiro e ver se consigo responder aos emails mais urgentes. Tom já deve estar chegando.

— Porque não me disse que tinha trabalho? Não precisava ficar e correr o risco de se atrasar. — senti-me culpada duas vezes. Por tê-lo atrasado na noite anterior e por continuar sendo um estorvo na manhã seguinte.

— Não se preocupe, Darling. — Damien se aproximou e segurou meu rosto. — Eu quis ficar. — Ele garantiu e sorriu.

De repente, nós escutamos duas batidas contra o vidro da porta da sala.

— Ele deve ter chegado. — Afastei-me de Damien.

A batida de Tom era característica. Se fosse qualquer outra pessoa teria chamado o meu nome ou dos meus irmãos.

— Então pegue o que precisa e nós vamos até a sua irmã. Vou falar com Tom. — Ele avisou e então saiu do meu quarto.

Fiquei alguns instantes parada no mesmo lugar. Eu teria de ir á escola, mas chegar lá com Damien e seu carro com certeza despertaria perguntas em Júlia que eu teria de responder depois.

Apertei os lábios tentando decidir. Eu não tinha muito tempo, precisava ir até a minha irmã e depois os vidros do Sedan eram escuros. Júlia não saberia da existência de Damien e eu inventaria uma desculpa para o carro se precisasse.

Troquei a calça jeans por um vestido mais apresentável e coloquei o bracelete que ganhei de presente de

Arianna. Então peguei a minha bolsa e encontrei Damien na minha sala com a foto da minha família nas mãos. Suas sobrancelhas estavam juntas e ele tinha uma expressão curiosa no rosto enquanto analisava o retrato.

— Esses são os seus irmãos? — Ele perguntou quando eu me aproximei.

— Sim, David e Júlia. São gêmeos. — respondi.

— E a mulher é a sua mãe. — Ele afirmou. — Ela não mora com vocês?

— Seus olhos azuis se detiveram em mim.

— Ela morreu á alguns meses. — confessei e me esforcei para manter as lágrimas afastadas dos olhos. Ainda era difícil me conformar com o fato.

— Sinto muito. — Ele ergueu o meu queixo e passou o polegar por ele

numa carícia confortante. Seu olhar, pela primeira vez, continha um pouco de ternura.

— Tudo bem. Podemos ir? — dei um passo para trás.

— Claro. — Damien devolveu a foto para o seu lugar e colocou sua mão nas minhas costas.

Quando saímos da minha casa, concluí para o meu alívio que não haviam muitas pessoas na rua ainda. Damien indicou o banco do motorista para Tom e ele mesmo abriu a porta para mim. Eu me acomodei e ele me seguiu logo após.

— Para onde, senhor Mason?

— Dê as coordenadas a Tom, Darling. — Damien sorriu displicente.

— Para a escola á duas quadras prosseguindo nessa rua, Tom, por favor.

— pedi.

— Como quiser, senhorita. — Tom respondeu. Ele nunca conseguiria me chamar pelo nome.

O carro saiu do lugar e eu ergui o pulso para fitar o relógio. Quase nove.

Daria tempo de chegar á escola.

— Está se lembrando do nosso compromisso hoje? — Damien falou e eu o fitei. Ele também observava seu relógio.

— A galeria. — lembrei-me. — Á que horas vamos sair?

— A exposição começará as sete e nós estaremos no Broadway ás nove.

— Ele me deu sua atenção. — Você pode seguir comigo para a minha casa e pode permanecer lá, se quiser. Quando eu chegar saímos de forma rápida.

Abri a boca para contestá-lo, mas então percebi que do Leblon seria menos tempo de ônibus até o hospital onde David estava.

— Tudo bem. — concordei. Eu teria de voltar para lá no final da tarde de qualquer forma.

— Ótimo. — Ele sorriu e então o carro parou.

— Eu já volto. — abri a porta rapidamente antes que Tom o fizesse.

Assim que deixei o carro percebi Júlia na calçada me olhando surpresa.

— Ell? Que carro é esse? Não parece um táxi.

Caminhei até ela e retirei a carteira da minha bolsa.

— Aqui está. — estendi as notas para ela ignorando a pergunta.

Eu queria fazer tudo de forma rápida e escapulir das observações da minha irmã.

— Quem é esse? — Júlia me perguntou depois de pegar as notas e guardá-las no bolso.

Virei-me e percebi Damien ao meu lado com um sorriso amigável no rosto.

— Sou Damien Mason, prazer em conhecê-la. — Ele estendeu a mão e Júlia a apertou.

Seus olhos castanhos se desviaram para mim e um sorriso sapeca surgiu nos lábios dela.

— Você saiu do celibato, maninha?

— Júlia! — repreendi-a e senti meu rosto queimar.

— É bom finalmente conhecer o misterioso Damien. — Júlia ignorou a minha repreensão. — Eu sabia que você estava escondendo alguma coisa. Você devia confiar mais em mim, eu merecia saber sobre o seu namorado.

— Damien não é meu namorado. — cocei o pescoço nervosa. Péssima ideia ter aceitado aquela carona.

— Se você pode namorar, eu também posso. — Ela rebateu e eu escutei Damien soltar um riso baixo ao meu lado.

— Não, não pode. Você só tem quatorze anos, Júlia.

— Victor disse que vai na nossa casa, Ell. Ele disse que não se importa em cumprir todas as suas regras e eu gosto dele. Nós fomos feitos um para o outro.

Feitos um para o outro? Meu Deus! Júlia era apenas uma garota e eu não deixaria que alguém com falsas promessas quebrasse o seu coração.

— Chega Júlia. Nós não vamos ter essa conversa aqui e agora. Você é muito jovem para pensar nesse tipo de relacionamento. — Eu não podia

acreditar que Júlia estivesse se aproveitando da situação para me coagir a aceitar um namoro.

— Não pode fazer isso! Não pode decidir a minha vida por mim! — Ela se exaltou.

— Júlia, entenda. Estou pensando no seu bem. Não quero que sofra.

— Eu não sou boba, Ell. Não vou cometer os mesmos erros que você. —

Ela não disse mais nada, apenas me deu as costas e caminhou na direção dos ônibus estacionados á nossa frente.

— Júlia! — Chamei, mas ela fingiu não me ouvir. — Urgh!

Bati o pé e Damien voltou a rir.

— Porque você tinha que sair do carro? — acusei-o irritada pelo novo problema que eu tinha conseguido.

— Não fique assim, Darling. Ela é uma adolescente. Isso é perfeitamente normal. — Damien se aproximou e afagou as minhas bochechas. —

Acalme-se.

— Ela não vai esquecer isso agora. — afastei a mão dele. — Ela é teimosa e obstinada.

— Então é mesmo a sua irmã. — Damien abriu a porta do carro e fez um gesto para que eu entrasse.

Soltei um suspiro resignado e voltei para dentro do carro. Ele se sentou ao meu lado e para a minha surpresa se inclinou para beijar os meus lábios.

— Para o Leblon Tom. E siga pela rota mais longa. Ellen precisa se acalmar.

O cheiro de éter adentrou pelas minhas narinas assim que eu abri a porta do quarto. Às vezes eu podia jurar que aquela essência característica ficava impregnada nas roupas mesmo depois de deixado o ambiente hospitalar. Coloquei a minha bolsa sobre a poltrona e o barulho do choque fez com que David abrisse os olhos para me dirigir um sorriso sonolento. Embora mais pálido, ele ainda tinha sua beleza preservada.

— Bom dia, querido. — fui até ele e beijei sua testa. — Como se sente?

— Bem. — Ele se sentou na cama e pegou os óculos ao lado para acomodá-los no rosto. — E um pouco estranho recebendo bolsas de sangue alheio.

Sorri e acariciei os cabelos dele.

— Parece coisa de vampiro. — David prosseguiu. — Como aquele pessoal de Crepúsculo.

Dessa vez eu gargalhei.

— Mas eles bebem o sangue. — repliquei.

— É quase o mesmo. Minha tia já foi para a casa?

— Já sim. — concordei e me sentei na poltrona. — E eu terei de sair mais cedo hoje. Tenho um trabalho.

— O trabalho novo que tia Meiry falou?

— Sim. — Limitei-me a dizer.

— É algum outro bufê elegante? — David insistiu e seu olhar era preocupado.

— Eu trabalho para... Para um patrão bilionário, sim. — tentei não mentir, mas não disse toda a verdade.

— Eu estou fazendo a gente gastar muito, não é Ell? — David me olhou com uma expressão culpada. — Me desculpe, isso é tudo culpa minha.

— Não querido, nada disso é culpa sua. — sentei-me na cama dele e segurei suas duas mãos. Minha visão alcançou os furos das agulhas em seus braços. — Escute, você não precisa se preocupar com nada. Eu estou cuidando de tudo e logo você estará curado.

— Se eu tivesse bom, poderia trabalhar e ajudar você. Poderia ser o homem da casa.

Meu coração baqueou quando eu percebi que David se preocupava com a nossa situação tanto quanto eu. E naquele momento eu me senti mais uma vez angustiada. Eu não havia conseguido protegê-lo, como acreditei a princípio.

— Tudo bem, David. Tudo bem. — abracei-o com cuidado. — Você já é o homem da casa. O único. Mas não precisa temer, eu consigo cuidar de nós. Eu cuidei até aqui não foi?

David assentiu e soluçou baixinho.

— Não chore. — sequei as lágrimas dele. Precisava encontrar as palavras certas para tranquiliza-lo. Elas não demoraram a vir. — Boas pessoas tem...

— Finais felizes. — Ele sorriu. — Mamãe sempre dizia isso.

Era verdade. Mamãe acreditava naquela pequena frase que eu rejeitei veementemente quando tudo aconteceu com ela. Porque ela não merecia aquela morte. Aquele não era o final feliz que uma pessoa tão boa mereceria. E quando Arianna me repetiu a frase no dia em que aceitei o acordo de Damien, eu estava mais do que certa de que aquelas palavras não passavam de uma ilusão. Mas ali, diante de David, eu queria muito voltar a acreditar nelas. Eu precisava. David precisava.

— Arianna me lembrou a alguns dias atrás. E as duas tem razão. —

acariciei os cabelos dele e David voltou a colocar o rosto no meu peito.

— Acredita mesmo nisso, Ell? — Seus braços apertaram-me.

— Acredito sim. E acredito que Deus nunca nos abandona e que Ele faz sempre o melhor para todos nós.
— beijei seus cabelos e o afastei.

— Eu também acredito. — Ele respondeu sincero.

E nenhum de nós voltou a falar. Ficamos abraçados e quietos. Eu podia ouvir as batidas do coração de David se acalmando devagar. Meu pequeno e corajoso Jimmy. Quisera eu conseguir polpá-lo de enfrentar tantas coisas ruins em um período tão curto. Mas ainda que eu tentasse, David e Júlia eram sempre atingidos. Nós três parecíamos fadados á uma história conturbada.

— Que tal uma partida de xadrez? — perguntei alguns minutos depois.

— Xadrez? — David afastou seu rosto do meu peito e sorriu finalmente animado.

— Acha que consegue me vencer? — instiguei-o, mesmo sabendo que eu era péssima e terminava sempre sendo derrotada por ele.

— Eu tenho certeza. Você não sabe blefar. — Ele concluiu e nós dois gargalhamos.

— Então eu vou buscar um tabuleiro para nós. — baguncei os cabelos dele e me levantei da cama.

David concordou.

— Não demore. Quero ficar com as peças pretas. — Ele falou fazendo-me parar na porta do quarto e olhá-lo. — Não aguento ver mais nada branco. — David lançou um olhar pelo quarto e depois soltou uma gargalhada.

Eu partilhei da risada dele e suspirei aliviada quando senti que ele estava realmente contente. Então assenti com a cabeça e sai em direção a recepção de forma rápida.

Não adiantava apenas as transfusões de sangue. Precisavam-se de

grandes transfusões de amor e carinho também para que qualquer cura fosse de fato construída.

Enquanto andava pelo corredor, não pude evitar a sensação de que talvez a ideia também se aplicasse á Damien . Talvez existisse algo além do homem arrogante e só fosse necessário um verdadeiro norte para caminhar em meio ao gelo que enxerguei no olhar dele uma vez.

Fiquei mais tempo do que previ com David.

Nós nos entretemos com o jogo e recebemos uma visita surpresa de Tk.

Ele estava com o sorriso de sempre, mas tinha um expressão cansada no rosto devido as noites no bar. Nós três ficamos horas conversando sobre toda a sorte de coisas. David ficou tão contente, que todo o

episódio de tristeza pela manhã se tornou uma vaga lembrança na minha mente.

Também recebi mensagens de Jenny e uma promessa de ligação de Arianna pelo fim da tarde.

Takashi foi embora pouco depois das quatro horas. Ele ainda iria trabalhar. Mas antes me confidenciou que estava com problemas no seu relacionamento, deixando-me pasma ao dizer que estava com dúvidas sobre o casamento. Ele insistiu para que eu aceitasse dinheiro, mas eu consegui convencê-lo de que estava conseguindo equilibrar as contas, já que David melhorava gradualmente. Quando ele finalmente se deu por vencido e foi embora, David resolveu ser generoso e me concedeu a chance de lustrar a minha honra em uma nova partida de xadrez.

Quando cheguei á mansão, estava perto das cinco da tarde e minha situação não era das melhores. Eu precisava estar pronta ás sete e seria terrível se Damien chegasse em casa antes de mim e não me

encontrasse. Ele iria querer explicações sobre o meu passeio e eu não queria perder meu tempo falando de David com ele. Damien só acreditava no que queria acreditar. No que lhe convinha. Percebi isso logo nas nossas primeiras conversas e apesar de ele estar sendo mais gentil nos últimos dias, eu não podia ser ingênua o suficiente para acreditar que tudo havia mudado.

Mas para a minha sorte, assim que passei pelo portão, Roberto me informou de que Damien não havia retornado, mas que já havia solicitado Tom para ir á empresa. Diante disso, eu praticamente corri para dentro da casa apressada para me aprontar para a noite.

— Boa tarde, senhorita.

Dei um pequeno salto de susto e forcei-me a virar antes de alcançar o segundo degrau da escada que me levaria para o quarto. George estava na entrada da sala com um sorriso polido.

— Boa tarde, George. — sorri de volta e recomecei a caminhada.

— Está se sentindo bem, senhorita?

A segunda pergunta me pegou de surpresa e eu travei na escada mais uma vez quando percebi que ele ainda não havia terminado.

— Tom me disse que a levou ao hospital hoje. Ele estava preocupado e pensou em notificar o senhor Mason sobre o fato.

— O que? — assustei-me.

Eu tinha pedido a Tom para me levar ao hospital, depois que ele voltou da sede da Imperium. Queria ficar mais tempo com David e percebi que o horário de ônibus era espaçado. Mas eu não expliquei a situação, apenas o fiz prometer que não contaria a Damien sobre a minha saída, pensei que poderia não agradá-lo uma vez que nos dias do acordo ele era a prioridade. Mas Tom provavelmente pensou que eu estivesse doente e quisesse esconder o fato do seu patrão.

— E ele disse? - inquiri nervosa.

— Não, não disse. Eu o convenci á isso e embora preocupado, ele manteve a promessa. Tom não fez por

mal, ele apenas se assustou e quis dividir a preocupação comigo. Tem certeza de que está bem, senhorita?

Suspirei aliviada.

— Eu estou bem. Fui até o hospital por que... — Apertei as pálpebras.

George merecia a minha confiança e no fundo, eu não estava escondendo a situação com David. Apenas estava cansada dos julgamentos de Damien. — Eu fui ver o meu irmão. Ele está internado.

Está com uma forma rara de anemia e os médicos estão lutando para que não evolua para uma possível leucemia.

Soltei de uma só vez e consegui reprimir a tristeza dentro de mim.

— Eu sinto muito, senhorita. — George pareceu sincero. — O senhor Mason sabe?

— Não e também não acho que precisa. Isso é uma preocupação que cabe somente á mim. — suspirei e olhei para os meus próprios pés.

— Entendo. — George me surpreendeu quando se aproximou e segurou as minhas mãos. — Nada será dito, se prefere assim.

— Obrigada, George. — Apertei as mãos dele e sorri.

George sorriu tímido e depois se afastou pigarreando.

— O senhor Mason deverá chegar por volta das seis. Dalva levará algo para a senhorita ingerir assim que estiver em seu quarto.

Não pude evitar outro sorriso. George usava as palavras tão formalmente que ás vezes eu me sentia numa espécie de palácio.

— Tudo bem. — assenti.

— Precisa de mais alguma coisa, senhorita?

— Não, George. Obrigada e me chame de Ellen. Apenas Ellen. Sinto-me estranha com toda essa pompa.

George voltou a sorrir e assentiu com a cabeça.

— Como quiser, Ellen.

Lancei um último sorriso para George e subi para o quarto. Então meu celular vibrou dentro da bolsa e eu me preparei para finalmente

conversar com Arianna. Se eu bem a conhecia, devia estar se sentindo culpada.

— Ary? — Coloquei a bolsa na cama e me sentei.

— Ellen, me desculpe. Eu não devia ter deixado Damien ter levado você para casa ontem. — Ela falou rapidamente.

— Não se preocupe. Eu estou bem. Damien me levou para casa e eu devo ter desmaiado, mas ele me colocou na cama e passou a noite lá.

— Ele passou a noite com você? — Arianna quase gritou e eu afastei o celular da orelha.

— Passou. Mas não foi assim como você deve estar imaginando. Ele dormiu no meu sofá.

— Ele não quis deixá-la sozinha. — Ela falou baixinho e sua voz pareceu surpresa.

— Ary? — chamei-a quando a linha ficou muda.

— Onde você está?

— Estou na casa dele. Nós vamos a uma exposição numa galeria hoje e depois ao Broadway.

Ela suspirou.

— Bom, então se cuide e tente se divertir um pouco. — Ela pediu.

— E a nossa conversa sobre o que aconteceu antes das tequilas? Você disse que me contaria. — descalcei os pés.

— E vou, Ell. Vou até sua casa e nós conversaremos.

Lancei os olhos para o relógio ao lado da cama e me assustei com o horário.

— Tudo bem. Preciso desligar agora ou vou me atrasar.

— Boa noite, Ell e boa sorte com a elite carioca no Broadway.

— Eu vou precisar. — repliquei com sinceridade. — Boa noite Ary. —

repeti e desliguei o telefone. Então o deixei sobre a cama.

Hora de me arrumar para Damien.

Fitei o vestido azul tomara que caia com busto encorpado diante do espelho. Realmente estava bom. Então agarrei a bolsa e resolvi descer para esperar Damien. Ele ainda não devia estar pronto, pelo tempo que chegou em casa, mas de qualquer forma eu o esperaria na sala.

Desci as escadas devagar e encontrei George alinhando alguns quadros.

— Picasso fica melhor quando torto. — brinquei e George riu baixinho.

— Se a senhorita diz, deve ser verdade. — Ele respondeu e deixou o quadro sem alinhar.

Foi a minha vez de rir.

— Monet! — exclamei quando percebi um dos meus quadros favoritos expostos.

Nascer do sol era ainda mais bonito de perto. As cores se misturavam e criavam vida de forma que eu quase podia o barco se mover. Claude

Monet era um dos pintores que mais me impressionou quando comecei a estudar arquitetura e passamos pelas artes. E era simplesmente incrível.

— Veja as cores. — estiquei o braço, mas não ousei tocar com os dedos.

— Ganha vida.

George sorriu quando me virei para ele e eu percebi que também estava sorrindo.

— É impressionante, não é? É o meu favorito. — insisti, mas quando ele tomou fôlego para me responder outra pessoa falou.

— Conhece Monet? — Damien estava atrás de mim e me olhava surpreso.

— Claro. Ele sabia como usar as cores para criar vida. — respondi e voltei a fitar o quadro. — Foi o meu preferido durante a faculdade.

— Você cursou faculdade?

— Com licença, senhor. — George fez uma pequena reverência e me deixou a sós com Damien.

Percebi que tinha falado demais, mas não havia como fugir.

— Não cheguei a terminar, mas cursei oito semestres em Arquitetura.

Damien pareceu ainda mais surpreso e caminhou até mim em seu smoking impecável.

— Porque não terminou?

— Minha mãe morreu. — limitei-me a dizer.

Ele me fitou por instantes que pareceram infundáveis.

— Também gosto de Monet. Nascer do sol também é o meu favorito. —

Damien levantou a mão e segurou a minha fazendo-me perceber que a descansava na moldura do quadro.

Então seus olhos estavam nos meus e eu desviei o olhar sentindo-me embaraçada.

— Vamos? — repliquei e puxei a mão que estava embaixo da dele devagar.

— Claro. — Ele pigarreou e eu senti sua mão deslizar para as minhas costas.

À medida que atravessávamos a casa eu senti mais uma vez a bússola dentro de mim reafirmando a ideia do verdadeiro norte. Seria possível que houvesse algo de bom escondido? Algo que talvez esperasse ansiosamente para ser descoberto?

— Quando você pretende me contar? — Damien me resgatou dos meus pensamentos quando paramos diante do conversível na garagem.

Percebi que era o mesmo Damien e seu sorriso irônico de sempre.

— Contar o que? — perguntei de repente em alerta. Será que Tom havia dito alguma coisa sobre o hospital no final de tudo?

Ele não me respondeu. Senti sua mão na minha cintura e a outra na minha nuca e logo minhas costas estavam contra o carro.

— Sobre o sonho que teve comigo. — Ele roçou a ponta do nariz no meu pescoço e depois plantou um beijo na linha da minha mandíbula fazendo-me ofegar.

Ele não havia esquecido o maldito sonho! E o pior, estava mostrando que não desistiria de ouvir a confissão sair da minha própria boca.

— Eu... Eu não sonhei com nada. — insisti e tentei manter minhas mãos na lataria do Jaguar.

— Eu já disse que você não é boa com mentiras, Darling. — Damien desceu a mão pela minha cintura e tocou a minha perna exposta na lateral do vestido. — Eu posso descobrir por conta própria se quiser.

— Damien... Temos que ir.

— Como eu a toquei? — Damien beijou meus lábios rapidamente. —

Assim? — Ele desceu a mão pela minha perna e fez uma pequena pressão com os dedos próxima ao meu joelho.

Não consegui evitar o gemido, mas ele foi abafado porque a boca dele se colou á minha e eu não consegui mais me segurar. Minhas mãos foram para os cabelos dele e eu apertei a minha boca contra a dele.

Damien segurou firme a minha cintura e de repente eu fui colocada sobre o capô do carro. Senti os dedos

dele na minha perna nua e logo depois estavam fechados sobre o meu joelho prendendo-me a cintura dele.

— Diga-me se estou seguindo o roteiro. — Ele sussurrou ofegante diante do meu rosto. Seus dedos acariciavam a pele exposta da minha perna. — Eu posso realizá-los. Posso realizar cada um deles, Darling. —

Damien finalmente deixou de me beijar e segurou meu rosto com as duas mãos. — Apenas preciso que esteja certa disso. Eu já estou.

Baixei o olhar sentindo mais uma vez a rotineira sensação de culpa que sempre me abatida depois daqueles momentos entre nós.

— Não faça isso. — Damien ergueu o meu queixo. — Não há nada de errado aqui Ellen.

Como ele podia dizer aquilo? Nossa relação era regida por um contrato e tudo o que ele queria era me usar para satisfazer os seus desejos, como se eu não tivesse sentimentos ou um coração. Como se eu fosse apenas aquele corpo. Mas o pior era que estava me permitindo ser levada pelos acontecimentos. Eu mesma estava permitindo que ele me usasse.

— Não ainda. — afastei a minha perna da cintura dele. — Mas vai haver, porque eu não consigo lidar com isso da mesma forma que você, Damien. Então nós temos que parar de fazer essas coisas. Você tem que parar... Nós temos... Porque eu não posso... Não posso permitir.

Para o meu pânico as lágrimas ficaram presas na minha garganta e eu fui obrigada a me calar para me concentrar em não chorar na frente

dele. Porque eu tinha que ceder á ele? Porque eu era tão fraca? Porque eu sempre chorava? Estevão estava certo sobre o mim o tempo todo. Eu permitia que as coisas acontecessem. Permitia que elas me machucassem, mas eu não podia mais continuar fazendo aquilo. Eu precisava mudar.

Damien franziu o cenho e me encarou de uma forma estranha. Então seus olhos brilharam como se ele tivesse feito uma grande descoberta de uma hora para a outra.

— Alguém machucou você. — Ele soltou e eu fiquei momentaneamente perdida por ele ter acertado em cheio, mesmo com todo o meu esforço em esconder meu coração quebrado.

Os olhos dele me analisaram com cuidado e ao mesmo tempo com uma intensidade perturbadora. Eles pareciam enxergar tudo dentro de mim.

— É melhor nós irmos. — Afastei-o como se pudesse afastar o passado e desci do carro ajeitando o vestido azul com o corte na perna direita.

Damien não disse nada, apenas assentiu parecendo tão perturbado quanto eu pelo momento. Depois se afastou mais e abriu a porta do carro para mim. Eu entrei e ele deu a volta assumindo o banco do motorista.

Então ele ligou o carro e eu agradeci mentalmente pela razão desconhecida que o fez evitar uma conversa. Deixei minha cabeça

pendar para o lado da janela e me concentrei nas ruas movimentadas da cidade maravilhosa.

Eu não devia estar preocupada em descobrir nada sobre ele. Devia poupar os meus esforços para cuidar das minhas próprias feridas e ficar o mais longe possível de adquirir novas. Precisava manter uma distância segura para que nem ele e nem ninguém enxergasse a destruição dentro de mim.

Bônus: Danificados - Parte I

"Agora nos encontrou, como eu encontrei você. Eu não quero correr.

Apenas me cerque." (The Lightning Strike - Snow Patrol) Ellen estava tensa ao meu lado no carro. Ela estava novamente distante, com aquela expressão contida no rosto. Contida e dolorosa. E eu percebi, pela primeira vez, que incomodava-me profundamente vê-la naquele estado. Principalmente porque eu sentia que tinha uma parcela de culpa nele.

Mais cedo eu havia cedido á tentação e a beijado de forma mais íntima para descobrir a cor da sua lingerie. Não havia sido planejado, como quase tudo que acontecia entre nós, mas Ellen era como um ímã para mim. Eu não conseguia manter minhas mãos afastadas quando estava perto dela.

Soltei um suspiro e olhei pela minha janela.

Nós já havíamos começado mal o dia. Eu mesmo percebi o quanto havia sido detestável quando Ellen apenas me perguntou se estava tudo bem.

Fiquei tão irritado com a incompetência da minha diretoria em Nova York que acabei descarregando nela o que sentia. No minuto seguinte eu a vi saí do meu escritório. O queixo erguido em sinal de orgulho, mas os olhos com uma mágoa rasa. Para a minha surpresa, alguns instantes depois eu estava subindo até o quarto dela enquanto procurava uma forma de não estragar o dia que teríamos pela frente. Foi quando eu a beijei.

Havia um problema com aqueles nossos beijos. Ellen quase sempre os evitava e quando não conseguia fugir, acabava se entregando após a minha insistência, mas quando eu me afastava seus olhos castanhos estavam cheios de culpa e arrependimento. Era como se ela tivesse cometido um grave erro. Coisa que eu não conseguia entender. Do meu ponto de vista, se existia aquela atração intensa entre nós e ambos éramos pessoas livres, não havia erro.

Ela suspirou e quebrou meus pensamentos fazendo-me prender a atenção nela mais uma vez. Estava linda naquele vestido clássico e não muito apropriado para o evento. Era melhor que estivesse de roupas mais casuais para ir ao clube, mas quando a vi no quarto, as curvas bem moldadas pelo tecido, considerei que a preferia exatamente daquela forma.

Isso me fez recordar do nosso jantar no Palace. Ela estava exuberante no vestido preto de alças finas e quando entramos no restaurante, percebi que eu não era o único par de olhos masculinos interessados nela. O que me deixou profundamente irritado. Por duas vezes me senti impelido a levantar da cadeira para acertar o olho de um imbecil que não se preocupava nem em disfarçar os pensamentos que tinha.

Ellen parecia alheia a isso. Fazia-me perguntas e provocava-me com respostas espirituosas que me

faziam sorrir. Ela ouviu atentamente tudo sobre o que conheceria no clube e nos próximos meses. Eu sabia que não seria uma adaptação fácil. Nossos mundos eram demasiado diferentes e o meu em especial, poderia ser bem traiçoeiro às vezes.

Mas ela não pareceu temerosa, na verdade parecia curiosa. Também parecia preocupada em alguns momentos e mexia na bolsa em seu colo de tempo em tempo.

No fim do jantar, peguei-me pensando em como seria o gosto dela com aquele chocolate da sobremesa e ponderei se seria bem recebido caso me erguesse para saborear seus lábios. Mas acabei considerando que não seria elegante e retardei provar deles quando a deixei em seu quarto encerrando a nossa primeira noite. Uma noite que eu esperava ser apenas o começo de algo muito maior.

De repente, senti o carro dar uma freada e percebi que havíamos chegado. Tom desceu e eu dispensei com um aceno para que me

deixasse á sós com Ellen. Quando virei-me para fitá-la novamente, vi seu peito subir e descer rapidamente. Como alguém que contém um soluço.

— Ellen? — segurei sua mão. A culpa sem sentido pesando novamente.

— Nós chegamos.

Ela não olhou para mim. Olhou para frente e pareceu surpresa ao não se deparar com Tom.

— Está chateada? — perguntei incomodado com a sensação ruim.

— Não. — Ela piscou e balançou levemente a cabeça. — Estava apenas lembrando, mas não devia ter feito isso. O passado deve ficar onde está.

Ela se concentrou em mim e depois desviou os olhos encabulada.

— Vamos? — seus olhos encontraram os meus novamente.

Assenti e desci do carro para ajudá-la do outro lado.

Segui pelo gramado com o braço em torno dela e assim que adentramos o prédio, Jordan foi o primeiro a nos cumprimentar. Com seu jeito galhofeiro de sempre e seus olhares apreciativos demais com relação á Ellen, ele conversou um pouco e eu cortei o assunto não querendo prolongar demais o tempo com ele.

— Jordan? Jordan Fox? O dono da rede de hotéis na Flórida? — Ellen me perguntou quando começamos á nos afastar.

— Sim. E além de seus hotéis é conhecido por seus relacionamentos

com mulheres que tem metade da sua idade. Não é seguro para você ficar perto dele. — encerrei.

Pensei de forma egoísta, que talvez ela devesse estar usando aquele seu uniforme da lanchonete que cobria muito bem as suas pernas.

— Damien?

Por um minuto eu pensei delirar. A voz macia e clara chamou o meu nome e me fez parar automaticamente como se meus pés tivessem ficado subitamente pesados demais. Eu reconhecia o timbre, mas parecia surreal demais que fosse quem eu imaginava e eu me neguei a girar o corpo na direção do som. Como se entendendo meus pensamentos, eu a ouvi me chamar novamente fazendo com que uma corrente elétrica percorresse todo o meu corpo para atingir os meus sensores de irritação.

Virei-me na direção dela e desejei que não passasse de uma piada de mau gosto. Desejei que fosse qualquer outra coisa vinda do quinto dos infernos.

— Crystle. — Não pude negar quando finalmente a vi.

Meu sangue esquentou nas veias. Não era possível. Não de novo.

Aquelas malditas perseguições já estavam me dando nos nervos.

— Sentiu saudades, meu amor?

Ela estava vestida casualmente e com aquele pitada de sensualidade

que um dia havia me atraído, mas agora apenas fazia-me sentir repulsa e raiva. Crystle continuou sorrindo descaradamente enquanto aguardava a minha resposta.

Por um segundo, pensei em falar o que ela merecia ouvir. Mas no seguinte considerei que ela não valia tal perda de tempo. Então apertei Ellen contra mim e apenas dei as costas voltando a caminhar. Se Crystle achava que me perseguir até o Brasil mudaria alguma coisa entre nós, estava terrivelmente enganada.

— Está tudo bem? — Ellen perguntou baixinho. Talvez com medo pela resposta que dei á pergunta semelhante no meu escritório.

— Está, Darling. — Embora não estivesse á vontade, tentei soar cordial.

Nos guiei até onde todos estavam, nos gramados do lado de fora do prédio. Logo Ulisses veio ao nosso encontro e o jogo começou. Eventos como aquele eram como garimpar. Você podia fazer alianças e boas parcerias. Podia aumentar sua rede de influência e negócios podiam ser selados durante solenes partidas de golfe.

Procurei afastar Crystle dos meus pensamentos assim que as apresentações se iniciaram. Acreditava que o meu gesto seria o suficiente para que ela voltasse para o buraco infeliz de onde viera e finalmente entendesse. Eu não a queria de volta. Nunca mais. E aquele jogo de perseguição desde o nosso rompimento apenas aumentava a minha raiva por ela. Como ela podia acreditar que depois de tudo o que

eu vi, depois de tudo o que eu ouvi sair dos lábios dela, houvesse alguma chance para nós? Tudo que eu sentia por ela se converteu em mágoa.

Depois de algum tempo conversando com alguns empresários, Ulisses me chamou para uma conversa particular e eu deixei Ellen no bar enquanto cedia ao convite.

— As brasileiras são as melhores. — Ele falou assim que nos afastamos um pouco do lugar. — Aposto que está se divertindo.

Ulisses não era tão próximo de mim quanto Nick, mas por algum motivo, sentia-se mais á vontade do que devia.

— Ellen não é um assunto a ser tratado. — cortei.

— Você não muda, Mason. — Ele continuou sorrindo e meneou a cabeça. — Mas estou curioso, ela é alguma jovem modelo? Alguma miss?

— Ela é minha, Ulisses. E isso é tudo o que você precisa saber. — falei enquanto nos afastávamos para apreciar o lago a distância. — Como vai a galeria?

— Entendi. — Ele sorriu e deu de ombros. — Está indo bem e foi exatamente por isso que o chamei para conversarmos. Terei uma exposição com alguns nomes importantes na próxima sexta e gostaria de convidar você e a sua garota para participarem. Será uma noite

agradável e eu reservei uma mesa no Broadway para mais tarde. Alguns convidados podem ser interessantes para a Imperium.

Ulisses sorriu cúmplice.

— Convidados Interessantes? — ergui a sobrancelha direita. — E porque tanta generosidade?

— Vou entender como um obrigado. — Ulisses bateu a mão no meu ombro.

Não consegui evitar o sorriso.

— Certo. — suspirei. — Laura vai?

Laura era a prima de Nicholas e também a noiva de Ulisses, foi através da família Ferraço que eu o conheci.

— Sim. Laura está mais ansiosa com essa exposição do que eu. — Ele sorriu ao pronunciar o nome dela e eu não pude evitar a leve pontada de inveja. Ele havia encontrado a sua sorte.

— Então conte com a nossa presença. — fitei as águas brilhantes refletindo a luz do sol.

— Ótimo. Agora vamos voltar, não podemos deixar o seu peixinho dourado aos tubarões não é?

Assim que voltamos para a área coberta, já com os equipamentos necessários de golfe, eu avistei Ellen sentada no bar. Parecia um pouco entediada

e eu me arrependi por tê-la deixado sozinha, sabia como aqueles eventos podiam ser cansativos. Mas talvez eu pudesse melhorar as coisas.

—Quer vir comigo ou prefere a companhia das outras senhoras? —

toquei a sua cintura e sussurrei ao ouvido dela.

Ellen se virou na mesma hora.

— Nesse caso, vou preferir a sua companhia. — Ela lançou um olhar para o grupo de mulheres que conversavam numa mesa do outro lado.

Elas sorriram, mas eu percebi que não se tratava de um cumprimento verdadeiro.

—Tudo bem. — assenti.

Mas de repente não havia mais nada bem. Porque eu levantei o rosto e percebi Crystle parada atrás de Ellen e com os braços cruzados diante do peito. Apertei os olhos buscando paciência.

— Nós precisamos conversar. — Ela replicou atrevida e colocou a mão no meu ombro.

— Você não devia sequer estar aqui. — rosnei tentando não chamar muita atenção e me afastei do toque dela. Eu realmente pensei que teria paz estando no Brasil. — Vamos, Darling.

Passei o braço em torno dela e ela se levantou.

— Damien. — Ela insistiu. — Você sabe que me deve isso.

Não consegui mais me conter.

— Eu não devo nada á você, Crystle. Nada além de desprezo. — Dessa vez minha voz saiu alta e ameaçadora.

— Você tem que me deixar explicar!— Ela bateu o pé nervosa e eu soltei uma risada pensando no absurdo que eram as suas palavras.

— Não é necessário explicações. Eu vi com os meus próprios olhos. —

Suspirei tentando voltar á tranquilidade. Aquilo era passado e já não significava mais nada. — Mas não importa mais. Vamos, Darling.

Ellen me olhou entre confusa e preocupada, mas antes de voltarmos a caminhar Crystle nos cercou.

— Damien, por favor! — Ela choramingou e eu pensei como aquilo poderia ter funcionado comigo algum dia. Eu realmente era patético.

— Isso é horrível até mesmo para você. Poupe-me da sua humilhação inútil.

Segurei Ellen com firmeza e nos afastei do bar. Crystle não tentou nos impedir dessa vez.

— Vocês já se conhecem, não é? — Ellen me perguntou baixinho enquanto caminhávamos.

— Gostaria que não. — respondi no mesmo tom que ela, mas não a olhei.

Alguns passos longe da varanda e nos deparamos com todos já

preparados para as partidas de golfe.

— Vejam, ele trouxe torcida para se exibir. — Ulisses sorriu e piscou para Ellen.

Ela ficou embaraçada do meu lado. — Vai perder na frente da sua garota Mason?

— Pelo contrário, vou mostrar a ela que está com o melhor. — sorri sentindo o meu bom humor voltar ao olhar para Ellen. Suas bochechas estavam avermelhadas provavelmente por ser o foco das atenções.

Coloquei o chapéu protetor na cabeça dela.

— Sabe jogar?

Ela acenou negativamente com a cabeça.

— Minha experiência se resume a filmes.

Sorri diante do pronunciamento dela. Ellen às vezes falava como uma mocinha distinta dos livros de Jane Austen.

— Foi o que pensei. Que tal eu ser seu instrutor?

— Você quer me ensinar? Pensei que só assistiria.

— Estou generoso hoje. — respondi e dei atenção ao restante do grupo. — Podem começar sem mim, vou retribuir o favor da minha companhia e ajudá-la a entender o jogo.

Ulisses sorriu malicioso na minha direção, mas eu o ignorei.

— Apenas não demore. Estou te devendo uma revanche desde aquela partida em Nova York. — Ele voltou a rir e se afastou junto dos outros homens.

Coloquei o taco de golfe nas mãos de Ellen e peguei o restante dos pertences para depois começar a seguir na direção contrária do grupo.

— Onde estamos indo?

— Prefiro ensinar sem interferências. — Declarei.

Quando chegamos ao campo do lado leste, de onde podia ser visto o lago com mais precisão, eu a interceptei pelo braço.

— Aqui está ótimo.

Retirei os pertences da bolsa e a coloquei no chão. Logo depois posicionei a bolinha branca na haste e então puxei Ellen para os meus braços.

— O que? — Ouvi-a pronunciar com voz trêmula quando nossas testas quase se tocaram.

— Uma coisa importante no golfe é nunca desobedecer às regras. —

Pensei em como eu adorava aquela expressão de antecipação no rosto dela. Medo e desejo misturados.

Virei-a na direção da pequena bola. Então deixei que seu perfume conhecido ganhasse o meu olfato. Nada parecia mais agradável do que tê-la nos braços. Percorri lentamente seus braços com as minhas mãos sentindo a maciez da sua pele.

— Os buracos devem ser jogados na ordem. De um a nove e de dez á dezoito. Eu serei seu marcador. —
Eu queria poder marcá-la de muitas
outras maneiras.

— Certo. — Ela se fastou um pouco de mim, mas eu mantive meus braços em torno dela. — Eu só tenho que jogar a bola no buraco. Não parece tão complicado.

— É mais difícil fazer que falar. — segurei a mão dela quando ela fez menção de jogar. — Deixe-me ajudá-la a encontrar sua melhor posição.

Sorri com o sentido que minha mente deu as palavras. A melhor posição dela seria embaixo de mim na minha cama. Fechei minhas mãos sobre a dela e voltei a me aproximar dela. Então deixei meu queixo roçar levemente a pele do seu pescoço e a senti ofegar em resposta. Ela era fogo puro, eu sabia. Só precisava encontrar uma forma de fazer Ellen libertar aquela paixão dentro dela. Repousei meu queixo no ombro dela e então movimentei nossas mãos. No segundo seguinte, nós vimos a bola alcançar a bandeirola.

— Você conseguiu! — Ela girou a cabeça para me fitar e eu ergui o rosto. Ellen tinha um sorriso luminoso nos lábios.

— Foi você quem jogou, eu apenas a orientei. — respondi sincero e cedi á vontade de beijar a pele macia do seu pescoço já pensando em arrastar o carinho até seus lábios, mas nós fomos interrompidos.

— Eu precisava ver com os meus próprios olhos. Onde você conseguiu esse item de brechó?

Enxerguei tudo em vermelho na mesma hora. Inferno! Será que ela não percebia que já estava estourando a minha paciência? Não, ela não percebia porque sorriu e fitou Ellen com escárnio enquanto se aproximava de nós.

— O empresário conhecido por suas garotas de grife agora anda adquirindo coisas no bazar?

Fiquei momentaneamente sem palavras diante da acusação, porque em parte ela era verdadeira. Eu realmente carregava aquela fama graças aos meus critérios de seleção e estava quebrando as minhas próprias regras com Ellen, mas isso não era algo com que Crystle devia se meter. Era um problema meu a classe das mulheres com quem eu saia.

— Venha Ellen. — recolhi os pertences rapidamente e me preparei para conduzir Ellen de volta.

— Damien, por favor. Você não pode jogar fora tudo o que tínhamos por causa de um desentendimento bobo. Eu fui enganada.

Crystle me segurou pelo braço e dessa vez eu pensei em mandá-la para o quinto dos infernos e perder qualquer etiqueta, mas subitamente, não foi mais preciso.

— Qual é o seu problema? — a voz de Ellen soou irritada.

Crystle tirou sua atenção de mim e fitou Ellen para depois soltar uma gargalhada espalhafatosa.

— Então ela tem língua? Que luxo. Ela está usando bem em você, Damien? Da forma que você gosta? Como eu costumava fazer?

Ellen ficou ainda mais tensa e eu percebi que estava achando a situação interessante. De repente estava curioso para saber quem levaria a melhor.

— Como você ousa? Sua garota medíocre! Você não sabe com quem está falando! Não vai me querer como sua inimiga.

Crystle tentou parecer ameaçadora, mas Ellen não recuou. Pelo contrário, seus olhos brilharam provocadores e ela soltou uma risada.

Soube que Crystle era quem levaria o golpe final.

— Nisso você tem razão. — Ela se soltou de mim e deu dois passos ficando frente á frente com o olhar cravado em Crystle. — Porque para ser minha inimiga, precisa-se de classe. E você não me parece preencher esse requisito.

Não teve mais o que falar, até mesmo eu fique surpreendido.

Alegremente surpreendido, devo dizer. Crystle encarou Ellen pasma diante das palavras firmes. Ellen por sua vez pareceu voltar a si quando o calor da raiva passou e se recolheu até mim.

— Vamos. — ela pediu com o rosto corado.

Apenas cedi ao pedido dela e começamos a nos afastar.

— Ellen. — chamei-a ainda sem saber o que ia dizer.

— Não diga nada. — Ela me olhou rapidamente e eu percebi que estava envergonhada.

— Ellen. — insisti e segurei a mão dela.

— Desculpe-me. Eu... Eu acho melhor eu ir embora antes que eu acabe por falar mais besteiras. — Ellen retirou a sua mão da minha e ficou ainda mais corada.

De repente, eu escutei a voz de Ulisses.

— Mason, venha! — Ele acenou para mim á certa distância.

Fiquei momentaneamente indeciso. O jogo seria importante para firmar algumas parcerias, mas eu queria conversar com ela.

— Eu quero voltar para perto do bar. Vou beber alguma coisa sem álcool e esperar que volte.

Ellen olhou para os próprios pés e depois suspirou antes de me fitar.

— Tudo bem. Quer que a leve? — Consenti por fim. Poderíamos conversar depois que eu trabalhasse.

— Eu acho que sei o caminho. — Ela meneou negativamente. — E não se preocupe. Não vou mais estragar nada.

Ela me disse e finalmente compreendi que ela estava envergonhada por seu pequeno ataque de cólera. Mas não devia se envergonhar, devia ficar satisfeita. Orgulhosa. Ela apenas se defendeu. E naquele momento eu percebi que admirava aquela capacidade dela de não

temer e defender qualquer que fosse o ponto em que acreditasse.

— Mason! — Ulisses voltou a gritar.

— Vá cuidar dos seus negócios. — Ela falou e então se afastou em direção à cobertura.

Fiquei algum tempo observando-a partir. Então suspirei e comecei a caminhar na direção de Ulisses.

"Admirar é perigoso, Damien. Vamos manter o foco."

A tarde foi cansativa. Golfe e conversas avulsas sobre economia e mercado de ações. Alguns tentando fazer média, em busca de parcerias fiéis e outros se mantendo apenas como observadores. Esse era definitivamente um jogo que eu sabia controlar. Preferia ficar do lado dos que observavam mais. Saber onde você pisa é fundamental no mundo dos negócios, eu havia aprendido isso da pior maneira possível.

Mas naquela tarde eu dividi a minha concentração entre o jogo e Ellen de Souza. Suas arestas me confundiam terrivelmente. Ellen não era em nada previsível, isso eu já havia notado há muito tempo, mas agora estava descobrindo outras coisas. Coisas que eu apreciava mais do que devia e que estavam instigando a minha mente a conhecer mais.

— Foi humilhantemente fácil ganhar de você hoje, Mason. — Ulisses caminhava ao meu lado. — O que aconteceu?

— Nada. — Acenei para Jordan quando ele passou por nós acompanhado de Rick, um empresário inglês.

— Brigou com a sua garota? Pensei que a traria para nos ver jogar.

Ulisses era terrivelmente insistente.

— Apenas quis lhe dar o gosto da vitória. — respondi e apertei o passo.

Estava cansado de tudo aquilo e apenas queria encontrar Ellen para conversarmos.

— Sei. — Ele riu. — Mas não o culpo, estaria longe daqui se Laura estivesse comigo.

— Não vou discutir.

— Claro que não vai. — Ulisses parou e acenou. — Espere. Os tubarões já estão atacando o seu peixinho dourado. Não é a sua garota com aquele cara perto dos coqueirais?

Lancei o olhar na direção que Ulisses fitava e senti uma descarga desagradável de irritação. Ellen estava conversando á vontade com um homem que eu ainda não conseguia saber quem é, mas já sabia que ele pagaria pela ousadia.

— Não espere por mim. — Entreguei a Ulisses os meus pertences de golfe e lancei um olhar indicando que ele devia se retirar.

Ulisses não contestou dessa vez e apenas assentiu se afastando.

Aproximei-me do casal sentindo a irritação crescer a cada passo. Como

ela podia fazer uma desfeita daquelas? Assinou um maldito contrato e não devia ter conversinhas com nenhum outro homem além de mim.

Mas á medida que eu chegava perto, percebi duas coisas interessantes: o homem era Willian, segundo secretário do meu setor financeiro e eles não estavam conversando. Estavam discutindo.

— Do que você está falando? Solte-me.

— Com a minha ajuda você pode conseguir mais. Pode tirar mais dinheiro dele. Escute, eu posso ser generoso com você. Mais do que ele.

E você só precisa conseguir algumas informações.

— O que? — Ellen tentou se soltar dele mais uma vez.

Parei finalmente compreendendo o que estava acontecendo. Willian estava finalmente mostrando quem era e queria usar Ellen para isso.

Nicholas estava certo. Veiga era da concorrência.

— Não é muito difícil. Tenho certeza de que é capaz de conseguir muita coisa em conversas de travesseiro. Algo sobre os negócios que ele faz na Imperium, sobre como conseguiu vencer a concorrência para a aquisição da AX e os projetos futuros. Esse tipo de coisa.

Willian continuou traçando o seu plano. Será que ele me achava tolo o suficiente para me deixar envolver por uma mulher e contar todos os meus segredos? Ellen podia ser o objeto do meu desejo. Podia até me deixar curioso, mas não era nada além de um artigo luxuoso de prazer.

Apenas isso. Mulher alguma me faria de tolo e me usaria outra vez.

Dei um passo para interromper a conversa, mas a escutei se pronunciar diante da oferta.

— Se você deseja saber sobre os negócios do senhor Mason, deve perguntar a ele. — Ela disse ácida, agora sim me deixando surpreso e me fazendo barrar os passos.

— Não creio que ele me diria. Já você, possui o que é necessário para convencê-lo. Basta agradá-lo. — Ele se aproximou e Ellen recuou. —

Vamos, todos sabemos que ele não vale todo esse respeito. Você não precisa defendê-lo. Veja como ele a deixou em segundo plano e ele vai descartá-la assim que se cansar.

— Ele não me deixou, eu fiquei. — Ela me defendeu prontamente.

Fiquei pasmo. Mas o que ela estava fazendo? — E saiba que essa sua proposta será levada a ele assim que nos encontrarmos.

Willian segurou o braço dela parecendo irritada e Ellen soltou um gemido de dor. O som libertou-me do meu torpor no mesmo instante.

— Não será necessário, Darling. — Apreciei o olhar aterrorizado de Willian e como ele se afastou rápido de Ellen. — Eu já ouvi o suficiente.

— Mason. — Ele não conseguiu disfarçar o ressentimento na voz.

— Veiga. — voltei a caminhar na direção deles.

Os olhos castanhos de Ellen se prenderam nos meus por alguns

instantes, mas depois ela recuou.

— Não é o que você está pensando, Damien.

Suspirei. Eu estava cansado de ouvir aquela mesma frase. Soava muito ridículo.

— Não é o lugar e muito menos o momento. — Parei ao lado de Ellen.

— No meu escritório, na segunda as oito. Sua rescisão já estará preparada e você já pode mandar lembranças minhas á Bertinari. —

Estava claro quem era o verdadeiro mestre por trás de tudo. Willian era apenas um vulgo peão. — Agora saia discretamente se não quiser problemas maiores que esses.

Willian engoliu em seco e depois lançou um olhar para Ellen, mas por fim se resignou a sair.

— O que você ouviu? — ouvi instantes depois.

Finalmente olhei para ela. Estava com o rosto vermelho, mas não desviou seus olhos dos meus.

— Tudo. — respondi e ela não sustentou mais o olhar.

— Desculpe-me. Eu não devo ter passado a impressão certa. Fiz mal em deixar o bar.

— Está se desculpendo por me defender? — Eu estava confuso demais para analisar toda a situação. Não conseguia entender o que tinha acabado de presenciar. Ela me defendeu. Porque? Não havia motivos

quando muitas vezes eu me comportava exatamente como Willian descreveu e tencionava realmente deixa-la de lado quando eu conseguisse obter o que queria.

— Você não me parece surpreso com o fato.

— Eu já esperava isso de Willian. Imaginei que ele estivesse em busca de informações dentro da empresa, apenas estava aguardando sua cartada final. — respondi automaticamente, mas não queria me deter em Willian. —Mas admito que a sua reação deixou-me surpreso.

— Pensou que eu fosse concordar? — Ela me perguntou, ofendida.

— Não pensei que fosse me defender. Porque o fez?

Eu precisava entender. Precisava saber.

— Parecia o certo a ser feito.

Algumas palavras e eu me senti terrivelmente envergonhado da minha posição, pela primeira vez. Porque eu sabia que merecia. Sabia que era verdade cada uma das palavras proferidas por Willian. Eu apenas queria usá-la e descartá-la, hora nenhuma havia escondido isso. Mas ainda assim, naquele pequeno momento, ela havia ficado do meu lado.

Algo dentro de mim pareceu se comover.

Ellen afastou o olhar do meu rosto e se abraçou quando uma brisa fria soprou entre nós fazendo-me perceber que uma chuva estava a caminho. Aproximei-me dela e percorri seus braços delicados de forma protetora. Ela devia estar com frio.

— Venha, o dia foi exaustivo. Vou levá-la de volta.

Um novo e-mail chegou na minha caixa, e eu percebi que eram mais notícias de Nova York, mas ignorei e apertei o botão de chamada do meu celular.

— Damien? — Sorri. Adorava ouvir a pronúncia do meu nome sair dos lábios dela.

— Está em casa? — saí da minha cama e fui até a janela.

A noite estava fria e chuvosa, mas ainda assim Ellen teimou em ir para a casa de Táxi deixando-me preocupado. Tom poderia levá-la com muito mais segurança, mas eu não quis discutir com ela daquela vez.

— Estou. Eu disse que chegaria bem de táxi.

— Não me agrada muito essas suas recusas. Tom pode muito bem levá-

la para casa.— Não consegui evitar o ressentimento. Eu sabia que a agradava discrição, mas Tom a levaria no Sedan.

— Quando teremos o próximo compromisso? — Ela evitou o assunto.

— Na próxima sexta feira. Ulisses nos convidou para uma mesa no Broadway, após a exposição na sua galeria. — De repente percebi que precisava de compromissos mais numerosos na semana.

— Arte e depois música ao vivo? Quantas pessoas á mesa?

— Dez no máximo. E sem intrusos dessa vez. — voltei para a minha cama e me sentei.

— Parece bom. — Mas o tom de voz dela indicava justamente o contrário.

Não consegui fugir da minha gargalhada.

— Você não mente bem, Darling.

— Verdade. — Ela concordou e então gargalhou percebendo a ironia nas palavras. O som foi estranhamente maravilhoso para mim e eu me peguei rindo junto dela no telefone.

Mas então parei quando um pensamento me atingiu. Talvez Ellen merecesse mais depois do que fez por mim. Um pouco mais de gentileza da minha parte. Crystle poderia ter deixado meu coração em vários aspectos danificados, mas eu ainda era capaz de reconhecer quando devia agradecer.

— Damien? — Ellen soou preocupada do outro lado.

— Obrigado. — Eu precisava fazer. —Por ter ficado do meu lado hoje.

Foi a vez de ela sumir da linha. No que estaria pensando? Outro e-mail se acumulou na minha conta.

— Agora vou deixar que descanse. — falei relutante. — Nós nos falamos depois, my bunny. Tenha uma boa noite, Ellen.

— Boa noite, Damien. — Uma doçura inesperada saturou a voz dela.

Desliguei o telefone e percebi que tinha um sorriso nos lábios enquanto repetia o nome dela:

— Uma linda noite, Ellen.

Bônus: Danificados - Parte II

"Você deveria saber. Secretamente, eu acho que você sabia. Eu tenho sujeira nos meus sapatos." (Beggin For Thread – Banks) Acordei com um barulho de água corrente. Franzi o cenho e pisquei para fazer as minhas córneas se adaptarem a luz. O som da água voltou a encher os meus ouvidos e eu me dei

conta de que devia ter deixado alguma torneira do banheiro desperdiçando água quando a utilizei mais cedo.

Levantei-me da cama rapidamente praguejando a minha falta de atenção e caminhei na direção do banheiro sem me importar em vestir minha camisa. Empurrei a porta e adentrei o toalete, mas tropecei nos meus próprios passos quando percebi que o barulho não vinha do lavabo, mas sim do chuveiro. Mas como poderia haver alguém ali?

Aproximei-me do box enquanto tentava me lembrar quanto de uísque eu havia bebido até chegar em casa naquela noite, mas meus pensamentos se quebraram quando eu vi a mulher através do vidro.

Sua pele era bronzeada e ela passeava as mãos pelos cabelos, lavando-os com delicadeza. Suas curvas eram perfeitas e eu desci os olhos pelas suas costas apreciando cada centímetro de pele exposta.

Foi então que ela se virou pilhando-me em flagrante e me deixando sem reação ao reconhecer quem era.

— Ellen?

Ela sorriu sedutora então desligou a ducha e esticou o braço, convidando-me a ficar com ela.

— Você? Ontem a noite... — gaguejei ainda em choque.

— Não seja tímido. — Ela colocou seus braços envolta do meu pescoço.

— Não faz o seu tipo.

Sorri e deixei meus dedos roçarem a pele molhada das suas costas.

— Tem razão. — beijei seu queixo e ela ofegou. — Meu sabonete? —

perguntei depois de apreciar o meu cheiro na sua pele.

Ellen sorriu sapeca e balançou a cabeça positivamente.

— Gosto do seu cheiro em mim.

Sorri de lado e deixei minha mão esquerda subir pelas costas dela até alcançar os cabelos molhados de sua nuca.

— Há outras formas de conseguir isso.

Envolvi sua cintura com o meu braço direito trazendo o seu corpo molhado na minha direção. Ellen arfou contra o meu rosto e eu procurei por sua boca.

— Faça-me sua, Damien. Estou esperando.

Abri os olhos para fitar o rosto dela mais uma vez, mas encontrei apenas o teto branco de gesso do meu quarto e tênue sol da manhã. Suspirei e

voltei a fechar os olhos enquanto colocava os dois braços atrás da minha nuca.

Eu não tinha sonhos daquele tipo desde a minha adolescência. Talvez porque não precisasse perder tempo com sonhos quando podia transformá-los em realidade. Claro, com Ellen isso não se aplicava. Ela ainda era apenas uma ilusão criada na minha mente, mas desistir não fazia o meu tipo. E de certa forma, eu sentia que o esforço valeria a pena no final.

Escutei meu telefone vibrar no móvel ao meu lado. Devia ser alguma notificação de e-mail. Hora de sair da cama e me preparar para mais um dia de trabalho. Afastei o lençol do corpo e me levantei. Então fiz o trajeto de forma semelhante ao do sonho, mas quando adentrei no banheiro ele estava imaculado e solitário. Quem sabe um dia. Um dia bem próximo.

Despi-me e tomei um banho demorado, prorrogando ao máximo a rotina cansativa que me esperava. Depois me troquei e resolvi verificar o telefone. Como eu imaginava, e-mails carregando mais informações e problemas para resolver. Precisava agilizar logo minhas negociações no Brasil e voltar para Nova York. Quer uma coisa bem feita faça você mesmo.

Coloquei o aparelho no bolso e verifiquei minha imagem no espelho enquanto organizava a minha gravata. Talvez devesse ligar para ela.

Ellen era uma boa distração e poderia ser uma válvula de escape no fim do dia. Estava decidido. Ligaria mais tarde. Um jantar e algumas de suas respostas afiadas poderiam ser um bálsamo depois de mais um dia lidando com o grupo Imperium.

Deslizei o dedo pela tela do telefone e finalizei a chamada quando escutei o bip que anunciava a caixa postal pela décima vez. Então soltei um palavrão e empurrei o computador para o lado na minha mesa.

— Está tudo bem, senhor Mason? — Margareth colocou alguns papéis sobre a minha mesa e me olhou apreensiva.

— Pode se retirar agora. — limitei a resposta e acenei para que ela me deixasse.

Não queria ter soado tão antipático, mas não era culpa minha. Era culpa dela. O que estaria fazendo para não atender o maldito celular?

Margareth assentiu e deixou a minha sala.

Ela não podia ser tão negligente. Eu havia deixado bem claro todas as minhas exigências e regras quando discutimos o contrato. Mais uma vez me peguei pensando o que poderia distraí-la a tal ponto de não perceber minhas ligações. Mil imagens vieram a minha mente. Talvez estivesse se divertindo em alguns dos milhares de quartos disponíveis no Rio de Janeiro. Por algum motivo, não consegui dar crédito a ideia e a teoria foi dispensada dos meus pensamentos quando outra hipótese surgiu.

Nick me disse a algum tempo que o lugar onde Ellen morava estava constantemente envolvido por conflitos entre policiais e bandidos. Meu coração bateu acelerado na mesma hora e eu voltei a procurar o telefone. Disquei o número e esperei ansioso pela voz do outro lado.

— Qual o problema no forte, Imperador? — Nick zombou do outro lado da linha.

— Preciso que rastreie um número. — saí da minha poltrona, nervoso.

— Porque você acha que eu sei fazer esse tipo de coisa á margem da lei?

— Conheço você. — suspirei. — Preciso encontrar Ellen.

— E precisa chegar á esse extremo? Eu não posso fazer nada se ela não quer atender você. Use o seu charme de imperador, César.

— Não faça pilhéria. — respondi irritado. — Apenas a encontre. Já tem o que precisa.

Desliguei o telefone sem esperar por uma resposta de Nicholas. Não tinha tempo para ouvir suas insinuações. Ergui o pulso e verifiquei as horas. A noite não tardaria. Então desviei o olhar para o meu computador abarrotado de janelas abertas e assuntos á minha espera.

Dane-se.

Peguei apenas o terno no encosto da cadeira e as chaves do meu carro.

Se Nicholas não me trouxesse notícias logo, eu teria de agir por conta

própria. Era insuportável e terrivelmente desagradável ter aquela sensação apertando o meu peito. Esperava apenas que estivesse tudo bem.

— Conseguiu? — perguntei assim que Nicholas entrou no meu escritório em casa.

Já era noite e eu estava nervoso como nunca. Liguei para Ellen constantemente antes de chegar em casa e apenas dei uma pausa quando resolvi tomar um banho já decidido a ir atrás dela onde quer que estivesse.

— House of Tequila. — Ele se sentou tranquilamente á minha frente.

— Não estou com tempo para gracinhas. — levantei da cadeira, irritado.

— É o nome do lugar em que a sua garota está agora. É uma festa que acontece todo ano por aqui. Muito boa por sinal. — Nicholas se levantou e colocou a mão sobre o meu ombro. — Não se preocupe. Ela apenas deve estar enchendo a cara para conseguir aturar você depois.

— Onde fica esse lugar? — falei e me afastei dele para procurar a chave do meu carro.

House of Tequila? Ela estava muito enganada se achava que eu a deixaria numa festa com um nome desses. Já podia imaginar o tipo de coisa que poderia estar acontecendo. Não. Minha garota não vai ficar exposta.

— Você quer mesmo buscá-la? — Nick me encarou incrédulo.

— Eu vou. — finalmente encontrei a chave da Ferrari. — E você vem comigo. Conhece melhor a cidade.

— Damien, sabe que não é certo. Ellen está apenas se divertindo. — Ele protestou.

— Não quero saber a sua opinião Nicholas. Apenas quero que me ajude chegar ao lugar. — caminhei em direção á saída. — Vou com ou sem você.

Nicholas soltou um longo suspiro e por fim se levantou da cadeira.

— Estou indo apenas porque é a primeira vez que o vejo tão maluco atrás de uma garota. — ele soltou ao passar perto de mim e depois riu.

Apenas ignorei a provocação e nós seguimos para o meu carro. Em pouco tempo estávamos dirigindo pelo asfalto do Rio de Janeiro. O lugar era um pouco afastado e isso me deu tempo o suficiente para pensar.

Pensar sobre o fato de como aquela preocupação me irritava. E como me irritava também saber que Ellen estava em uma festa, provavelmente enfiada em um vestido revelador demais ficando bonita demais para olhares alheios.

Apertei as mãos no volante até os nós dos meus dedos ficarem esbranquiçados. Ela era minha e somente os meus olhos deviam

apreciá-la. Papai estava certo. Eu era de certa forma um maldito egoísta. Nunca lidei muito bem com dividir o que era meu, desde criança. Sabia que era um defeito e vinha tentando consertá-lo, mas com Ellen era diferente. Não havia maneiras de ser generoso. Ela havia assinado um maldito contrato. Pertencia a mim.

— Mason, você precisa se acalmar. Não é como se fosse o fim do mundo. Ellen tem esse direito. — Nicholas falou depois de algum tempo.

— Ela não tem direitos. É minha. — respondi sem nem um pingão de amabilidade.

— E dê a César o que é de César. — Nicholas filosofou com ironia. —

Percebe o absurdo que está falando? Parece um Imperador tirano.

Lancei um olhar intimidador na direção dele.

— Espere. — Ele riu. — Está com ciúmes da garota? É isso?

— Agora quem está falando absurdos? — zombei me concentrando na direção.

— Olha, se você se casar vai perder aquela nossa aposta que fizemos na faculdade. — Nicholas ignorou a minha pergunta, mas me fez soltar uma gargalhada ao me lembrar da aposta firmada a tanto tempo.

— Você ainda se lembra? — a tensão em mim se esvaiu um pouco.

— Você não? Invictos. Foi você quem disse.

— Eu não vou me casar, então você não receberá uma caixa de Jack Daniels. Sinto muito Ferrão.

— É o que você diz, mas eu não acredito. Não quando você deixa o seu trabalho atrasado e atravessa a cidade atrás de uma garota.

— Apenas estou fazendo as minhas regras valerem. Ela devia estar á minha disposição e atender a todos os meus telefonemas. — de repente, comecei a rir nervoso. — Quer saber, não lhe devo explicações sobre as minhas atitudes.

— Não deve. Mas Ellen também não deve isso á você. Então acho justo que alguém a vingue.

Nicholas explicou tranquilamente e me fez rir mais uma vez. Belo amigo o que eu consegui.

Alguns metros depois e eu entreguei a Ferrari á um manobrista para depois entrar na casa de shows onde a famosa festa das tequilas estava ocorrendo. O lugar estava abarrotado de gente e havia uma música alta tocando. O tipo de festa que eu não frequentava desde que deixei a faculdade.

— Adoro sertanejo. — Nick gritou sobre a música e gargalhou ao ver o meu semblante de descontentamento.

Ótimo. Não seria nada fácil encontrá-la no meio de tanta gente.

—Vamos em busca da sua Imperatriz, César. — Nicholas voltou a gritar

e a rir enquanto começava a andar pela multidão.

Ignorei-o, mas comecei a trilhar o caminho na multidão. Distante de mim eu podia ver o palco e um DJ tocando música brasileira enquanto pessoas dançavam numa pista de dança ainda mais apertada que o espaço que estávamos tentando atravessar.

— Oi. — Uma mulher me puxou pela camisa e sorriu maliciosa. — Posso ajudar você?

— Não, não pode. — afastei-a quando ela tentou me beijar. — Com licença.

Outras mulheres me fizeram sinais sutis, mas eu ignorei todos. Estava com o olhar concentrado á procura de somente uma mulher.

De repente, a música silenciou e o DJ anunciou algo que foi recebido com gritos eufóricos. Então o tema principal de Flashdance começou a tocar.

— Encontrei! — Nick gritou e acenou para mim alguns metros á minha frente.

Avancei na direção dele e percebi que havíamos entrado na pista de dança. E foi apenas olhar á minha direita para vê-la. Como eu imaginei, estava com um vestido colado ao corpo e se balançava no ritmo da música. Pelos passos atrapalhados cogitei a ideia de que ela havia bebido mais do que devia.

Nick tentou falar algo do meu lado, mas eu não consegui ouvir. Já estava me afastando dele e caminhando na direção de Ellen. Percebi que

enquanto ela dançava um homem ao seu lado a estava observando. Ele se virou para o grupo de amigos e gritou alguma coisa obscena. Então ergueu a mão e eu apertei o passo entendendo o que ele ia fazer.

— Não toque nela. — descarreguei toda a minha irritação sem me preocupar em amassar os dedos do estranho. Então o empurrei para longe de Ellen.

Ele resmungou e tentou avançar na minha direção, mas estava tão bêbado que acabou caindo sobre os amigos e desistiu. Voltei minha atenção para Ellen no momento justo em que ela se desequilibrou em um passo de dança, mas antes que ela caísse consegui puxá-la na minha direção mantendo-a firme junto de mim.

— Solte-me! — Ela balbuciou e tentou se livrar de mim.

— Eu não vou soltar, Darling.

Ellen ficou tensa nos meus braços e ergueu o rosto.

— Damien?

Percebi Nicholas conversando com as duas amigas de Ellen á alguns metros de distância. Havia outro cara com eles e Nick segurava Arianna que parecia querer chegar á nós.

Desviei os olhos do grupo e me concentrei em Ellen.

— Porque não atendeu o maldito telefone, Ellen? — a preocupação sucumbiu a irritação. Ela estava exposta demais ali. Eu percebia os

outros homens a analisando como abutres. — Droga! Eu fiquei preocupado e detesto essa sensação, principalmente agora que percebo que estava certo. Vamos embora.

Olhei para os lados procurando uma rota de saída rápida.

— O que? Eu não vou embora! Onde estão as minhas amigas? — Ellen protestou.

— Estão com Nicholas e o outro cara. — passei o braço esquerdo em torno da cintura dela para lhe dar segurança. — E você vai embora comigo.

— Não! — Ela gritou, mas então seu corpo amoleceu nos meus braços enquanto ela gargalhava.

Era a tequila deixando seu recado.

— Você bebeu quantas doses de Tequila?

— Não sei. Foi uma. Não, foi três ou quatro. — Ela ergueu a mão direita contando nos dedos. — Foram muitas. — disse por fim e voltou a rir.

— Certo. É mesmo hora de ir embora. — segurei seu rosto delicado entre as minhas duas mãos. De certa forma era agradável vê-la tão relaxada ao meu lado. — Não posso mesmo deixá-la sozinha, não é Darling?

Sorri para ela e Ellen me sorriu de volta. Simples e sincera. Sem nenhuma ironia ou acusação entre nós. Foi um momento tão agradável

que eu me vi pensando se havia alguma forma de fazê-lo durar.

Estabilizei-a sob a minha proteção e nós caminhamos em meio a multidão para a direção em que Nicholas e os outros estavam.

— Tequila! — Jeniffer gritou.

— Tequila! — Ellen retribuiu animada do meu lado.

— Vou levar Ellen para casa, Nicholas. — avisei.

— Espera, você não pode levá-la. Ela está conosco e nós não vamos ir agora. — A garota morena, Arianna, me encarou séria.

— Ela precisa ir. Está amparada por mim. — retruquei e Arianna ficou carrancuda. Percebi a antipatia em seu olhar.

— Você nem devia estar aqui. — Nicholas a segurou quando ela quis se aproximar. Não era apenas antipatia. Parecia aversão agora. — E eu não vou deixá-la sozinha com você, cretino Mason!

— Arianna! — Ellen repreendeu-a. — Eu quero ir embora com o bonitão.

Ellen se agarrou ao colarinho da minha camisa e sorriu. Eu sorri de volta apreciando pela segunda vez a ação da bebida. Ela estava trazendo o que Ellen sempre me escondia e eu estava adorando ver aquele lado dócil dela.

— Ellen! — Arianna protestou.

— Arianna! — Ellen desviou seus olhos de mim e encarou a amiga.

Então se soltou de mim. — Você sabe onde consegui esse cara bonitão?

Ele parece estar afim de mim. Olha que sorte!

Ellen olhou de soslaio para mim e depois desviou quando eu sorri abertamente para ela divertindo-me com a suas revelações.

— Ellen, você não pode ir com ele. — escutei Arianna tentar convencê-

la.

— Eu quero. — Ellen replicou.

Duas palavras que eu adorei escutá-la pronunciar. Pela primeira vez, eu sentia que ela me queria por perto.

— Amiga.

— Eu posso decidir por mim! — Ellen pegou a bolsa que estava sobre a mesa e se agarrou á mim. — E decido ir embora com Damien. Vamos!

— Ellen... — Arianna me encarava desconfiada.

Deslizei minha mão direita pelas costas de Ellen acariciando-a.

— Nada acontecerá. Ellen vai direto para a casa e eu vou para a minha logo em seguida. — De certa forma, eu entendia a insegurança dela. Só me viu uma vez no Copacabana Palace e provavelmente apenas estava protegendo Ellen. Virei-me para Nicholas. — Eu vou tomar um táxi com Ellen e você volta no meu carro, Nick.

— Sem problemas. — Nicholas concordou.

— Para a casa dela, não para a sua. — Arianna escreveu em um papel e me entregou o bilhete. O endereço da casa de Ellen.

Pensei em respondê-la, mas decidi apenas sair com Ellen.

— Vamos, Darling.

Atravessamos a casa de shows juntos. E eu a mantive junto do meu corpo até chegarmos á calçada. Avisei ao manobrista sobre o homem que levaria o meu carro e logo depois ele nos chamou um táxi. Ajudei Ellen a se acomodar e me sentei ao lado dela após orientar o motorista sobre o endereço. Ele pareceu um pouco espantado com o destino, mas assentiu.

— Está tudo bem, Darling? — perguntei quando percebi seus olhos castanhos me analisando.

Ellen não respondeu, mas deixou sua cabeça pender no meu ombro.

Então estendeu a mão e deslizou seus dedos pelo meu braço, acariciando-me com delicadeza. O gesto íntimo me deixou desconcertado por um momento, mas eu percebi que não queria afastá-

la. Apenas não estava acostumado com carinhos tão puros. Retribuí passando meu braço pela sua cintura acomodando o seu corpo no meu.

Ela suspirou contra o meu pescoço e alguns instantes depois seus toques cessaram.

Abaixei o rosto e percebi que ela estava com os olhos fechados e respirava lentamente. Não resisti a erguer a mão e afagar suas bochechas coradas. Lembrei-me imediatamente de quando a carreguei

no mesmo estado para o meu quarto de hóspedes em roupas de coelhinha. Quantas idas e vindas. Porque não a deixei ir da primeira vez? Estava me arriscando á muita coisa apenas por uma noite de sexo.

Mas porque não arriscar? Eu tinha que admitir que Ellen se saía muito melhor do que eu imaginava no meu mundo e tinha de admitir também que não conseguia prender o meu interesse em nenhuma outra mulher desde que a vi.

Afastei a mão do rosto dela e suspirei. Eu estava perdendo o foco. Não conseguia mais voltar para o princípio do bom negócio. A relação produto e comprador. De repente, tudo soava irreal demais.

— Chegamos senhor. — o motorista avisou.

Desviei os olhos de Ellen para fitar a paisagem do outro lado da janela e fiquei momentaneamente espantado com o lugar. As casas se apertavam umas às outras e alguns muros estava pinchados com palavras desconexas.

— É mesmo aqui, my bunny? — passei o polegar pelo queixo dela com delicadeza, procurando acordá-la sem a assustar.

— É sim. — Ellen se virou para a janela e depois soltou um pequeno gemido.

— Eu já volto. — retirei uma nota do bolso e entreguei ao motorista. —

Venha, Ellen.

Abri a porta do veículo e saí para depois auxiliar Ellen.

— Onde está a chave do portão? — falei ao perceber o cadeado.

Ellen abriu a bolsa e retirou a chave, entregando-me. Abri o portão de lata e a puxei para dentro da residência comigo. Com uma única mão eu destranquei a porta de vidro da sala e Ellen se soltou de mim tropeçando quando se apressou a entrar.

— Cuidado. — segurei-a pela cintura e a apertei contra mim.

Agora estava realmente preocupado que ela se machucasse quando eu saísse.

Mas Ellen apenas riu e se virou colocando os braços em torno do meu pescoço.

Como fez no meu sonho pela manhã. Então me

surpreendeu roçando seus lábios macios na minha mandíbula e mandando uma mensagem direta para os meus hormônios.

— Darling. — afastei-a contra a minha vontade. — Você precisa dormir.

— Você quer dormir comigo? — Ela me deu um sorriso sexy. — Eu sonhei com você.

O que? Ela também sonhou comigo? As cenas da manhã voltaram a minha mente e mesmo não sendo justo, resolvi aproveitar o momento.

— Sonhou comigo? — sorri e deixei minhas mãos correrem pela sua lombar.

— Sonhei. — Ela prendeu o lábio inferior e aproximou seu rosto do meu. Eu era um maldito aproveitador, porque estava adorando vê-la tomando a iniciativa. — E queria que tivesse sido verdade. Queria que tivesse me tocado como no sonho.

Seus olhos castanhos estavam carregados de desejo e eu admiti para mim mesmo que queria tocá-la naquela hora. Gostaria de beijar aqueles lábios tentadores e depois realizar os nossos sonhos na cama estreita que ela devia ter em seu quarto.

Senti as mãos dela na minha nuca, acariciando os meus cabelos. Seu perfume conhecido agradando o meu olfato e aumentando a tensão dentro de mim. Então seus lábios se apertaram contra a pele do meu pescoço e eu retribuí apertando a sua cintura.

— Ellen... — saiu arrastado e rouco. Ellen respondeu a minha voz colando o seu corpo no meu. Mas subitamente eu compreendi que não era a pior hora para ceder. Não usaria o álcool ao meu favor para me aproveitar dela. Afastei-a. — Pare de tentar me seduzir por que está funcionando.

Ela riu de mim e eu agradei pela mudança na atmosfera.

— Onde é o seu quarto? Vou deixá-la segura.

— Ali. — Ela se virou e saiu dos meus braços. Mas depois de três passos cambaleou. — Damien. — a voz saiu com urgência e eu corri até ela.

— Estou aqui, Darling. — a amparei com delicadeza.

Fique apreensivo quando ela me olhou. Seu corpo estava totalmente dependente de mim e ela parecia um pouco entorpecida.

— Boa noite. — Ela disse por fim e então riu para depois desmaiar nos meus braços.

Puxei-a para mim com delicadeza e passei o braço direito por trás de seus joelhos. Ela é tão leve quanto me lembrava da primeira vez em que a tive nos braços. Com cuidado para não a machucar, atravessei a casa na direção em que ela apontava antes. Parei diante da primeira porta e a empurrei com os ombros. Consegui acionar o interruptor com alguma dificuldade e encontrei uma cama bem feita. Coloquei Ellen sobre ela e tomei uma decisão rápida. Não podia deixá-la sozinha naquele estado.

Deixei o quarto e saí da casa para dispensar o taxista. Ele concordou e sumiu na rua. Voltei para dentro, trancando as fechaduras atrás de mim e caminhei de até o quarto novamente. Ellen estava inconsciente na cama e não se mexera. Deixei meu olhar pairar sobre ela sem pressa. Os cabelos espalhados no travesseiro e os cílios longos e escuros acariciando a sua pele. A expressão adormecida em seu rosto me fazia imaginá-la dentro de um livro de contos de Charles Perrault.

Suspirei e me sentei na cama. Então segurei gentilmente em seu tornozelo desfazendo as tiras da sandália de salto. Depois de livra-la dos sapatos, coloquei-os próximo a cama no chão e estendi o lençol sobre o seu corpo. Se ela não estivesse bêbada, nós poderíamos estar compartilhando a cama, mas eu reconhecia os limites.

Levantei-me da cama, mas antes de sair não consegui fugir do roteiro clássico do conto de fadas. Inclinei-me sobre ela e beijei seus lábios adormecidos. Ela permaneceu em sono profundo. Estava certo. Eu

realmente não servia para o papel de príncipe. Peguei um cobertor que estava dobrado sobre um estofado roxo no canto do quarto e caminhei para a sala.

Foram os meus músculos que me despertaram junto dos raios solares que incidiam através da janela. Por um momento me perguntei em que lugar eu estava, mas então a noite passada encheu a minha mente e minha memória muscular fez questão de enfatizar a realidade. Gemi ao sentir o espasmo na minha nuca denunciando a má postura durante a noite. Toda uma madrugada no sofá da casa de uma mulher. Talvez Nicholas estivesse com a razão. Eu vinha colecionando absurdos demais desde que conheci Ellen.

Meu telefone reclamou a minha atenção e eu ergui a mão para alcançá-lo no braço da poltrona. Um lembrete brilhava na tela. A reunião em que eu decidiria sobre o que fazer ou não fazer pela companhia dos Álvares. Merda. Havia me esquecido completamente do compromisso e não tinha a mínima vontade de ir para outro lugar além da minha cama macia.

Ergui o tronco do sofá e passei a mão esquerda nos cabelos. Minha camisa estava dobrada sobre o braço da poltrona. Ignorei-a e me levantei procurando primeiramente pelo banheiro. Era próximo ao quarto onde

tinha deixado Ellen e era muito simples, mas extremamente organizado. Contava também com alguns adereços criativos para guardar as pastas, escovas de dente e sabonetes. Teria sido Ellen a fazê-los?

Quando terminei minha higiene matinal, retornei ao quarto. Ellen ainda dormia e seus cabelos eram uma bagunça castanha em volta do seu rosto. Percebi que estava sorrindo diante da visão, mas desfiz a expressão e caminhei para a cozinha. Sabia muito bem que quando ela acordasse sentiria uma enxaqueca terrível. Lembranças da Tequila. O

cômodo era pequeno, mas também organizado e aconchegante. E

embora minha casa oferecesse muito mais confortos, percebi que o lugar pequeno realmente parecia um lar verdadeiro, não um forte solitário.

Procurei pelas gavetas e encontrei aspirinas. Eu geralmente costumava deixar os remédios em um armário no meu banheiro, mas Ellen não tinha isso no pequeno armário e eu me lembrei de que Nick também costumava deixar os remédios espalhados no quarto ou pela cozinha.

Devia ser algum costume nacional. Retirei um pouco de água do filtro e levei a cartela comigo para o quarto dela.

Quando cheguei ao quarto, Ellen já havia acordado e estava sentada na cama, com a testa encostada nos joelhos.

— Eu lhe desejaria um bom dia, mas depois da noite de ontem duvido muito que somente isso seria o suficiente.

Ellen ergueu a cabeça e seus olhos encontraram os meus. O espanto cravado em seu rosto.

— Damien? — Ela gritou e em seguida gemeu levando as mãos às têmporas.

— Não grite. Isso só vai piorar. — Sentei-me na cama ao lado dela. —

Tome.

Estendi os comprimidos e a água. Ellen apenas encarou os remédios, mas depois voltou a me fitar.

— O que você... Como você veio parar aqui?

— Eu a trouxe para a casa ontem. — Fiquei momentaneamente distraído pela sua beleza tão fora do padrão para uma simples manhã.

— Mas eu não estava com você... Eu estava com as minhas amigas. —

Ela voltou a encostar a testa nos joelhos, mas de repente ergueu o rosto. — Oh Deus! Você e eu... Nós... Deus... Eu dormi com você?

Seu olhar estava apreensivo e tenso enquanto aguardava a minha resposta. Sorri e segurei o rosto dela.

— Embora tenha tentado efusivamente me convencer a isso, nós não dormimos juntos.

— O que? — Ela tirou o rosto das minhas mãos. — Eu não me lembro...

O que você quer dizer com nesse sentido?

De repente seus olhos castanhos pararam nos meus e ela ergueu as duas sobrancelhas. Percebi que as lembranças já tinha retornado.

— Agora se lembra? — A manhã estava começando bem.

— Eu agarrei você... — Ela falou desviando os olhos dos meus.

— Várias vezes. — Segurei a minha gargalhada quando percebi o rubor se espalhando pelo rosto dela e coloquei os comprimidos na mão dela.

— E se estivesse sóbria nós estaríamos amarrotando os lençóis até agora.

Era mais forte que eu. Precisava provocá-la.

— Você dormiu aqui? — Ellen evitou o meu olhar e se encolheu.

— Dormi. — entreguei o copo a ela. — Agora beba seus remédios.

Percebi que ela já estava se fechando, provavelmente envergonhada quando não havia motivos para isso. Eu vivia fazendo insinuações sobre nós e no final apreciei cada segundo do assédio na noite anterior.

— Onde você dormiu? — Ela finalmente me fitou.

— Onde você gostaria que eu tivesse dormido. — falei sincero, mas esbocei um sorriso malicioso me lembrando do sonho. Sabia muito bem onde ela gostaria que eu tivesse dormido, mesmo que ela não admitisse isso agora que estava sóbria.

Ellen arregalou os olhos e eu enxerguei desejo neles. Então aproximei meu rosto do dela e ela me olhou

cheia de expectativa. Então retirei um dos

comprimidos e coloquei-o na sua boca. Ela suspirou baixinho e seu lábio tremeu quando eu o acariciei.

— Eu dormi no sofá.

Seus olhos castanhos voltaram a fitar os meus e eu pensei ter visto uma ponta de decepção passar pelo seu semblante, mas confirmei quando ela soltou um suspiro desanimado. Ri diante do fato. Eu também estava decepcionado e gostaria de ter passado a noite de uma forma mais divertida.

— Tome o remédio, Darling. — afastei-me da cama.

Ao fazer isso me deparei com um pôster de tamanho considerável de Top Gun – Ases Indomáveis. Como não o vi ontem? Então ela gostava daquele filme antigo. Inusitado.

— Você tem um gosto cinematográfico peculiar. — sorri para a imagem á minha frente. Nunca havia assistido ao filme clássico, mas agora vendo os aviões no pôster considereí que poderia ter algo interessante.

Virei-me para Ellen e me surpreendi com o seu olhar faminto sobre mim. Ora, ora. A sensação foi mais agradável do que eu poderia imaginar.

— Apreciando a vista? — Sorri e ela ficou vermelha até as orelhas. Então meu sorriso se transformou numa gargalhada. — É justo, uma vez que já a vi numa roupa de coelhinha da playboy.

— Muito obrigada... — Ela contornou o assunto. — Por ontem. Eu não costumo me exceder no álcool. Nunca o fiz, mas me empolguei.

— É perigoso ficar exposta daquela maneira, Ellen. — De repente eu me lembrei do homem na balada prestes a apalpá-la como se tivesse esse direito apenas por ela estar sozinha. — Tem ideia do que poderia ter acontecido?

E se algum deles não fosse tão amigável? E se não ligasse para os protestos dela e se aproveitasse da situação para beijá-la, tocá-la. Eu não podia sequer imaginar uma cena parecida com aquela que presenciei no clube onde ela trabalhava. Não permitiria que nenhum deles colocassem suas mãos nela de novo.

— Eu sei, mas como eu disse, não planejei aquilo. Além disso, como você sabia onde eu estava?

— Eu liguei para você várias vezes e você não me atendeu. Então eu fui obrigado a rastrear o seu celular.

— Você me rastreou? — Ellen pareceu ultrajada com a minha atitude.

— Invadiu a minha privacidade?

— Você não me deu escolhas, Darling. — Estava confiante de ter feito o certo.

— Isso é um absurdo! — Ela se levantou da cama e veio até mim. —

Você não tinha o direito! O que acha que eu sou?

Eu sabia que em parte ela tinha razão, mas dane-se. O inferno irá congelar antes de eu deixa-la sair para uma festa daquelas sem que eu esteja junto para assegurá-la de qualquer perigo.

— E o que você esperava que eu fizesse? — foi a minha vez de fechar o espaço entre nós. — Estava me enlouquecendo não saber onde você estava. Não consegui ler um maldito relatório e nem responder aos emails da minha diretoria em Nova York, porque estava preocupado em saber o que estava acontecendo para que você não atendesse o telefone!

— Preocupado? — a irritação no rosto dela se converteu em surpresa.

Voltei mentalmente as palavras que havia acabado de pronunciar e percebi que tinha falado mais do que devia.

— Sim. — respondi derrotado. Uma vez começado, precisava encerrar o assunto. — Não é um acontecimento de rotina para mim, então não sei lidar com os limites disso.

Ellen não disse nada e eu me senti ridículo por revelar o que se passava dentro de mim. Hora de ir.

— Agora que está melhor, eu vou ir. — Detestava o sentimento de ser exposto e ridicularizado. Parecia que eu não havia aprendido todas as lições com Crystle.

— Espere. — sua mão pequena se fechou no meu antebraço. — Fique para o café. Não é essa a regra?

Ellen sorriu. Da mesma forma que fizera na noite passada. Eu sorri de volta quando entendi o que ela estava querendo dizer. Era a minha regra que ela ficasse comigo para o café quando dormisse na minha casa, agora ela estava revidando.

— Usando as minhas próprias regras contra mim. — Semicerrei as pálpebras e depois sorri. — Corajosa. — ergui a sobrancelha direita.

— Audaciosa. — Ela imitou a minha expressão, ficando audaciosamente sexy.

— Eu fico. — respondi realmente feliz pelo convite.

— Certo. Eu vou e trocar. — Ellen me soltou.

— Eu fico. — repeti e ela arregalou os olhos. Suas variações inconscientes entre garota tímida e mulher sexy estavam atizando os meus hormônios. Mas eu percebi que não queria estragar o momento com uma investida. Então comecei a caminhar para fora do quarto. —

Será uma ótima oportunidade para você me contar os detalhes do sonho que teve comigo.

— O que? — a escutei gritar quando já seguia pelo corredor estreito e sorri.

Se ela soubesse que vinha sendo presença constante nos meus sonhos mais íntimos, talvez não ficasse tão envergonhada. Principalmente porque eu estava disposto a realizar tanto os sonhos delas como os meus

próprios.

— Você prefere suco ou café? — Ellen me perguntou de costas para mim.

Ela estava vestida com uma calça jeans clara e uma camiseta simples. Os cabelos haviam sido cuidadosamente penteados em um rabo alto respeitável. Ela havia demorado um tempo considerável para deixar o quarto e eu agora eu podia entender o porque. Ellen estava nervosa.

— Suco, por favor. — respondi.

Ela assentiu com a cabeça e suspirou. De onde eu estava podia ver que suas mãos tremiam levemente. Porque estava tão nervosa? Depois de todas as situações que havíamos passado, ela não tinha motivos para isso.

Ellen se virou e serviu o copo á minha frente.

— Obrigado.

Ela somente acenou a cabeça e serviu o seu copo.

— Sente-se comigo. — Levantei-me e puxei a cadeira ao meu lado.

Queria que ela parece de agir como uma garçonete em um café. — Eu posso me servir sozinho.

Ellen me deu um sorriso nervoso, mas se sentou ao meu lado.

— Tudo bem.

Inclinei-me e peguei um pedaço de bolo. Ellen continuou apenas a me observar.

— Não vai fazer a sua refeição?

— Eu... Vou, vou sim. — Ela desviou os olhos parecendo incomodada.

— Não é todo dia que tenho um bilionário internacional na minha cozinha e quando isso acontece, eu só tenho biscoitos industrializados e um bolo feito por mim mesmo para oferecer a ele.

Ela falou rapidamente e depois suspirou. Então era isso que a estava deixando tensa. O meu paladar. Mas ela tinha razão. Eu costumava ser extremamente rigoroso com tudo o que consumia, mas não naquele momento. Não queria me preocupar com a procedência ou o valor nutritivo do que estava ingerindo. Queria apenas me sentar e tomar café da manhã ao lado de alguém que não fosse George enquanto Tom não chegava para me levar para outro estressante dia de trabalho.

— Então você fez o bolo? — Lembrei de repente e percebi que ela também tinha dotes culinários. Ela riu. — Não se preocupe, Darling. Está tudo bem.

Ellen assentiu e começou a partilhar da refeição.

— Você mora sozinha? — comecei.

Pelo que vi dos outros quartos quando voltava do banheiro, percebi que não. Mas queria deixar que ela falasse.

— Não. Meus irmãos moram aqui comigo.

Preparei-me para uma nova pergunta, querendo saber mais sobre a vida que aquela pequena casa representava, mas Ellen voltou a falar.

— Não, não. Eu não podia ter me esquecido!

Ela saiu da mesa e caminhou em direção ao quarto. Deixei o meu lugar e

fui atrás dela.

— Ellen, algum problema? — sua pressa repentina me deixou em estado de alerta.

— Eu me esqueci de ir á escola. — Ela fitou o relógio. — Mas ainda não são nove horas. Eu posso chegar lá.

Ellen tirou o telefone da bolsa e fez uma ligação.

Pelo que percebi, ela estava falando com uma garota mais nova. Deduzi logo que fosse sua irmã.

— Damien, eu vou ter de sair. Preciso encontrar a minha irmã.

— Vamos juntos então, tenho uma reunião na Imperium ás dez. — foi a minha vez de fitar o relógio Tom já devia estar chegando pelo tempo que liguei. — Mas vou passar em casa primeiro e ver se consigo responder aos e-mails mais urgentes. Tom já deve estar chegando.

— Porque não me disse que tinha trabalho? Não precisava ficar e correr o risco de se atrasar. — Ellen me dirigiu um olhar culpado.

Aproximei-me dela com um sorriso no rosto.

— Não se preocupe, Darling. — segurei seu queixo entre os meus dedos. — Eu quis ficar.

Era verdade. Perto dela eu me sentia mais tranquilo e menos sobrecarregado. Ela conseguia me distrair.

De repente, escutamos batidas na entrada da casa.

— Ele deve ter chegado. — Ellen se afastou de mim e eu percebi que ela estava falando sobre Tom.

— Então pegue o que precisa e nós vamos até a sua irmã. Vou falar com Tom.

Ellen concordou e eu me afastei em direção a porta. Tom estava parado na pequena área antes do portão que eu destranquei um pouco mais cedo.

— Senhor Mason. — Ele me cumprimentou sério, mas percebi que tentava esconder um sorriso.

— Vamos fazer um corte no trajeto. Ellen precisa ver a irmã. — avisei.

— Como quiser, senhor.

Pensei em perguntar o motivo da súbita vontade de gargalhar dele, mas deixei para lá e voltei para dentro da sala esperando por ela. Foi quando minha atenção foi capturada por um conjunto de fotos em uma estante.

Estava escuro demais para que eu reparasse nelas durante a noite, mas agora estavam bem notáveis. Em uma delas Ellen estava sorrindo abertamente, não havia aquela sombra de dor que sempre parece acompanhá-la. Estava abraçada á uma garotinha mais jovem que tinha olhos e cabelos como os dela. Ao seu lado uma mulher mais velha abraçava um garotinho de óculos de aparência séria que se negava a sorrir como os outros na foto. Havia balões e um bolo branco com

bordas douradas ostentando duas velas de doze anos.

— Esses são os seus irmãos? — perguntei quando senti o seu perfume próximo a mim.

— Sim, David e Júlia. São gêmeos. — Ela ficou do meu lado também fitando a foto.

— E a mulher é a sua mãe. Ela não mora com vocês? — perguntei confuso. Uma mãe não deixaria um estranho passar a noite com a sua filha. Mas não havia ninguém quando chegamos.

— Ela morreu á alguns meses.

Desviei meus olhos para ela. Ellen continuava encarando a foto, mas agora eu conseguia enxergar as lágrimas na linha de seus olhos.

— Sinto muito. — E eu realmente sentia. Sabia como era perder alguém e a falta que podia fazer.

Ergui minha mão e passei o polegar pelo seu queixo, fazendo-a levantar o olhar. Mas se ela não tinha sua mãe, onde estava o seu pai? Quem cuidava de todos eles?

— Tudo bem. Podemos ir? — Ellen deu um passo para trás.

— Claro. — Coloquei a foto na estante e passei meu braço em torno dela.

Nós caminhamos para fora da casa. Ellen se certificou de trancar o pequeno imóvel e depois ocupamos nossos lugares no Sedan. Ela instruiu Tom sobre o endereço e nós falamos rapidamente sobre o

evento da noite na galeria de Ulisses.

— Eu já volto. — Ela me disse e deixou o carro quando paramos diante da faixa da escola.

Pensei em ficar dentro do carro até que ela terminasse o assunto com a irmã, mas de repente eu percebia que estava curioso demais para somente assistir. Queria saber mais sobre ela. Então saí do carro enquanto ela discutia com a irmã.

— Quem é esse? — A garota se virou para mim logo depois de guardar no bolso o que Ellen havia entregado á ela.

— Sou Damien Mason, prazer em conhecê-la. — Estendi a mão para ela e Júlia a apertou depois de abrir um sorriso para Ellen.

— Você saiu do celibato, maninha? — Ela soltou.

Tive de segurar para não gargalhar.

— Júlia! — Ellen a repreendeu com o rosto vermelho.

Será que havia muito tempo que ela não tinha ninguém? Pela reação, eu podia apostar que sim.

— É bom finalmente conhecer o misterioso Damien Mason. Eu sabia que você estava escondendo alguma coisa. Você devia confiar mais em mim, eu merecia saber sobre o seu namorado!

— Damien não é meu namorado. — Ele coçou o pescoço nervosa e eu cruzei os braços apreciando a situação.

— Se você pode namorar, eu também posso. — A garota bateu o pé e se impôs. Percebi que o gene da obstinação era de família e não contive o riso.

— Não, não pode. Você só tem quatorze anos, Júlia.

A pergunta que veio a minha mente mais cedo foi respondida diante do tom de voz de Ellen. Ela parecia ter tomado o lugar da mãe na família.

— Victor vai na nossa casa, Ell. Ele disse que não se importa em cumprir todas as suas regras e eu gosto dele. Nós fomos feitos um para o outro.

— Chega Júlia. Nós não vamos ter essa conversa aqui e agora. Você é muito jovem para pensar nesse tipo de relacionamento.

— Não pode fazer isso! Não pode decidir a minha vida por mim! — Júlia continuou firme no seu ponto de vista.

Mas como eram parecidas!

— Júlia, entenda. Eu estou pensando no seu bem. Não quero que sofra.

— Ellen tentou tocá-la, mas Júlia se afastou.

— Eu não sou boba, Ell. Não vou cometer os mesmos erros que você.

Espera, os mesmos erros? Não tive tempo para pensar porque Júlia se afastou abruptamente fazendo Ellen perder a paciência.

— Júlia! — A garota a ignorou. — Argh! — Ellen bateu o pé, fazendo-me rir da sua reação. — Porque

você tinha que sair do carro?

Engoli o riso quando percebi que tinha conseguido problemas para mim também.

— Não fique assim, Darling. Ela é uma adolescente. Isso é perfeitamente normal. — Toquei o rosto dela procurando acalmá-la.

— Ela não vai esquecer isso agora. Ela é teimosa e obstinada. — Ela afastou a minha mão.

— Então ela é mesmo a sua irmã. — sorri amigavelmente e abri a porta do carro atrás de mim.

Os ônibus estavam partindo e não havia chance para mais conversas.

Ellen percebeu o mesmo e soltou um suspiro, resignando-se a entrar no carro. Sentei-me ao lado dela e a surpreendi com um beijo rápido.

— Para o Leblon Tom. E vá pela rota mais longa. Ellen precisa se acalmar.

Descansei o telefone na mesa e fechei o meu notebook enquanto esperava pelo homem que entraria na minha sala de reuniões dentro de poucos minutos. Gregório Álvares estava vindo pessoalmente negociar a situação da sua empresa. Eu não estava com ânimo para negociações, mas havia prometido a reunião.

Havia deixado Ellen na minha casa e dito aos empregados que estivessem atentos às ordens dela enquanto eu estivesse fora. Ela não pareceu muito confortável diante das minhas ordens, mas não discutiu.

Eu sabia que não a agradava muito tudo aquilo, mas era assim que as coisas deviam funcionar. Quanto antes ela entendesse melhor.

Batidas nítidas me despertaram do devaneio e ecoaram pela espaçosa sala de reuniões.

— Entre. — ordenei.

A porta dupla se abriu e um homem bem vestido, aparentando mais de quarenta anos entrou na sala. Ele estava entrando na fase da calvice, mas tinha o porte elegante semelhante ao de grandes empresários.

— Senhor Mason. — Ele estendeu a mão e eu me levantei para responder ao cumprimento.

— Senhor Álvares. — Acenei para a cadeira ao meu lado. — Sente-se, por favor.

— É um imenso prazer conhecê-lo. — Ele sorriu e passou a mão pela careca. — Deve ter sido notificado sobre a minha ausência na última reunião.

— Fui notificado. — puxei a minha gravata. — E espero que tenha resolvido tudo da melhor maneira

possível.

— Estevão é apenas um garoto. Ainda não calcula bem as suas atitudes.

Fiquei tentado a falar que eu e o filho que ele tratava como garoto estávamos igualitários na idade e mesmo assim eu me preocupava mais com o futuro do que com arruaças.

— Entendo. — limitei-me a responder.

— Mas não quero desperdiçar tempo falando sobre isso. — Ele colocou uma pasta sobre a mesa de vidro e começou a retirar alguns papéis.

— Espere. — acenei fazendo-o parar o ato. — Sei o que há nesses papéis. Na verdade, imagino que muitos já sabem. Mas o que eu espero descobrir nessa reunião é porque devo investir na sua empresa, senhor Álvares.

Gregório pareceu embaraçado e retirou um lenço do bolso para enxugar a testa. Por um momento senti pena do homem. Preocupado em assegurar um futuro que o filho mais cedo ou mais tarde, desprezaria.

— Sei que as nossas condições são duvidosas. — Ele começou a falar. —

Mas o grupo Álvares tem a confiança dos brasileiros. Nós produzimos materiais de construção á décadas e acho que o nome é forte o suficiente para trazer benefícios á Imperium.

— Nome. — suspirei e ajeitei a caneta na mesa junto das outras. — Sem dúvida é algo que tem peso, mas não sei se vale o risco. Dinheiro é dinheiro.

— Entendo e muito bem. Estaria tão desconfiado quanto o senhor se estivesse na sua posição. Mas penso que podemos negociar a forma de investimento. Os subsídios podem ser parcelados e retirados á medida que o grupo cresce no mercado. E se não houver crescimentos podem ser bloqueados.

Encarei-o por alguns instantes. Ele estava montando uma espécie de tratamento financeiro. Visto dessa forma poderia ser vantajoso. Um pequeno teste e se aprovado, um investimento verdadeiro.

Meneei a cabeça em sinal positivo.

— Uma ideia interessante. Tenho tempo para verificar o projeto com os meus diretores financeiros.

— Claro. Apenas não direi o tempo necessário porque não o possuo. —

Ele sorriu amarelo.

— Não se preocupe. Não deve passar de dois dias e terão uma resposta minha.

— levantei-me e ele também se levantou.

— Estamos perto de um negócio? — Ele pareceu ansioso e retirou o lenço para enxugar a testa novamente.

— Talvez. — respondi. Acho que a proposta estava cabível. Um nome forte no Brasil vinculado á nós poderia ser demasiado favorável.

— Aguardarei ansioso pela resposta. — Ele guardou novamente os papéis na pasta.

— Serei breve. — estendi a mão para ele. — Apenas não prometo responder tão logo porque terei compromissos hoje á noite e não poderei analisar o assunto com atenção.

— Compromisso? — Ele apertou a minha mão. — Algum evento em especial?

— Uma exposição na galeria de Ulisses Alencar.

— Não diga! Que apropriado. Eu e minha família também estaremos presentes. — Gregório pareceu contente.

— Muito apropriado. — respondi com sinceridade.

— Será um prazer revê-lo. — Ele segurou a pasta com firmeza. — Nos vemos á noite, senhor Mason e espero que esse seja o início de uma duradoura e vantajosa parceria para ambos os lados.

Assenti com a cabeça.

— Tenha uma boa tarde, senhor Álvares.

— Desejo o mesmo, senhor Mason.

Ele acenou e deixou a sala. Voltei a sentar na minha poltrona pensando o quão apropriado e vantajoso realmente poderia ser aquela parceria.

Passei os olhos pela minha preciosa coleção de relógios suíços. Eu gostava de colecionar duas coisas: relógios e aeromodelos. Voar era uma das minhas distrações favoritas e eu já estava começando a sentir falta da adrenalina, mas no momento tinha que me satisfazer em apreciar os relógios. Não tinha tempo para voos.

Escolhi um modelo prateado da Rolex e fui até o meu espelho enquanto o encaixava no pulso. De repente, ouvi batidas na porta do meu quarto.

Seria Ellen? Ela devia saber que o meu quarto era terreno perigoso.

Apressei-me a abrir a porta, mas me surpreendi-me ao encontrar George.

— Algum problema George?

— Nenhum senhor. Está tudo em ordem. Apenas gostaria de informar que a senhorita Ellen já está pronta. Dalva já levou o último desjejum dela.

— Ótimo. Obrigado por me avisar George. Ela deve estar linda. —

divaguei meus pensamentos altos demais.

— A senhorita Ellen é uma pessoa bonita. — George falou e depois se arrependeu. — Com todo o respeito, senhor Mason. Quis dizer apenas que é uma alma gentil. Pode-se ver também que é forte e resiliente para a pouca idade que tem.

George pareceu pensativo por alguns instantes e eu cogitei que estivesse me escondendo alguma coisa. O que ele queria dizer com resiliência? Ellen tinha problemas?

— Realmente não há problemas? — insisti.

— Não há. Desculpe-me senhor Mason, não tomarei mais o seu tempo.

Com sua licença. — Ele fez uma pequena reverência e se afastou.

Voltei a fechar a porta do quarto e terminei de me aprontar. Então deixei o cômodo e caminhei para a sala, onde Ellen já devia me aguardar.

— Picasso fica melhor quando torto. — Ouvi a voz dela antes de entrar na sala.

— Se a senhorita diz, deve ser a verdade. — George respondeu e logo depois o ouvi rir. Uma coisa que eu nunca havia presenciado.

Entrei na sala, mas nenhum deles notou a minha presença.

— Monet! — Ellen exclamou e caminhou até um dos meus quadros favoritos. — Veja as cores. Ganha vida.

George sorriu para Ellen e assentiu com a cabeça.

— É impressionante não é? É o meu favorito.

Favorito. Um gosto em comum. Mas eu não imaginava que alguém como ela entendesse de arte.

— Conhece Monet? — ouvi-me perguntar.

— Claro. Ele sabia como usar as cores para dar vida. — Seus olhos brilharam empolgados. — Foi o meu preferido na faculdade.

Ele voltou a fitar o quadro.

Faculdade? Mas ela não era uma garçonete? Às vezes bartender?

— Com licença, senhor. — George me cumprimentou e se afastou.

— Não cheguei a terminar, mas cursei oito semestres em arquitetura.

Fiquei surpreso. Oito semestres? Ela era quase formada. O que a fez parar e desistir de tudo? Subitamente tive noção de que não conhecia muitas das arestas de Ellen.

— Porque não terminou? — Aproximei-me dela.

— Minha mãe morreu.

Não soube o que dizer por que agora eu começava a ter uma ideia do que havia significado a perda da mãe para Ellen. Não havia registros do pai na casa dela e a forma como ela encarou a situação com a irmã denunciava que ela era a ordem do lar. E agora eu percebia que tinha desistido um pouco de si mesma para cuidar dos irmãos.

Foi uma descoberta estranhamente perturbadora. Não era isso que

mulheres golpistas faziam. Elas eram egoístas e fúteis. Os outros não estavam em sua lista de benevolências. Não era essa a atitude que eu esperava de Ellen.

— Também gosto de Monet. Nascer do sol também é o meu favorito. —

disse por fim e encobri sua mão com a minha tentando passar conforto.

Seus olhos castanhos me encararam surpresos, mas de repente, ela se afastou.

— Vamos? — Ellen retirou sua mão da minha com delicadeza.

— Claro. — coloquei minha mão na sua cintura e nos guiei em direção á garagem.

Enquanto caminhávamos em silêncio eu me peguei pensando várias coisas ao mesmo tempo. As palavras estranhas de George. A nova descoberta sobre a vida de Ellen. Afinal, quem era a mulher ao meu lado? Era possível que eu estivesse tão enganado á respeito de seu caráter?

Os pensamentos sumiram quando ela entrou na minha frente antes de chegarmos ao carro e meus olhos alcançaram a fenda do vestido que exibia a sua pele nua. Imediatamente me lembrei do sonho pela manhã e ele me levou á confissão dela na noite passada.

— Quando você pretende me contar? — falei ao parar diante do carro.

— Contar o que? — Ela me encarou em alerta.

Não a respondi inicialmente. Aproveitei-me da posição do carro e a segurei pela cintura a impedindo de escapar.

— Sobre o sonho que teve comigo. — Passei meu nariz pelo seu pescoço. Adorava aquele cheiro dela. Então beijei sua mandíbula.

— Eu... Eu não sonhei com nada. — Ela tentou se afastar, mas o carro a prendeu.

— Eu já disse que você não é boa com mentiras, Darling. — Desci minha mão pelo seu corpo até alcançar a pele exposta na perna. — Eu posso descobrir por conta própria se quiser.

— Damien... Temos que ir. — Ela protestou com a voz rouca.

— Como eu a toquei? — beijei os lábios dela com pouca delicadeza. —

Assim? — Desci a mão pela perna dela apreciando a sua pele sedosa.

Ellen gemeu quando apertei meus dedos em torno do joelho dela. O

som era o que faltava para que eu perdesse o controle. Segurei sua nuca e beijei seus lábios macios. Ellen levou suas mãos aos meus cabelos e correspondeu ao meu carinho com vigor, sem me recusar dessa vez.

Nossos toques se tornaram ainda mais intensos e eu levantei-a pela cintura colocando-a sobre o capô do Jaguar.

— Diga-me se estou seguindo o roteiro. — sussurrei enquanto voltava a dar atenção á sua perna. Dessa vez subindo em direção as suas coxas. —

Eu posso realizá-los. Posso realizar cada um deles, Darling. — beijei seus lábios uma última vez e me afastei um pouco para apreciá-la. Ambos

estávamos ofegantes. — Apenas preciso que esteja certa disso. Eu já estou.

Ellen fugiu do meu olhar e abaixou o rosto. Mais uma vez aquela expressão de culpa, como se a nossa atração fosse alguma coisa impura.

— Não faça isso. — segurei o queixo dela e a fiz me fitar. — Não há nada de errado aqui, Ellen.

De alguma forma percebi que minhas palavras tinham despertado algo dentro dela. Porque Ellen me olhou como se eu a tivesse ferido.

— Não ainda. — Ela tirou a perna que eu estava prendendo á minha cintura. — Mas vai haver, porque eu não consigo lidar com isso da mesma forma que você, Damien. Então nós temos que parar de fazer essas coisas. Você tem que parar... Nós temos... Porque eu não posso...

Não posso permitir.

Seus olhos castanhos ficaram mareados e eu pensei que ela fosse desmoronar na minha frente. A dor estava ali novamente, agora na superfície. Nítida como ouro em água cristalina e de repente a compreensão me atingiu como um soco no estômago.

— Alguém machucou você. — a frase saiu sem que eu pudesse impedir e a expressão no rosto dela apagou qualquer dúvida que eu pudesse ter.

Ellen havia sido machucada e a ferida ainda não cicatrizara. Eu reconheceria uma expressão como aquela em qualquer rosto. Era a

mesma que eu via diante do espelho todos os dias. A mesma de alguém que tem o coração e todos os sentimentos danificados.

— É melhor nós irmos. — Ellen me afastou dela e eu soube que tocar no assunto era a pior coisa que eu

poderia fazer no momento.

Deixei que ela recuasse e abri a porta do carro para que ela entrasse.

Ellen ocupou seu lugar no banco do carona e eu dei a volta para ocupar o banco do motorista. Liguei o carro e manobrei para fora da casa.

Então entrei no trânsito da cidade.

Ela não voltou a falar comigo e manteve o rosto virado na direção da janela. Será que imaginava que a cena que acabara de ocorrer colocava-me numa nova perspectiva? Como eu podia seguir adiante agora? Como podia levar aquele jogo até o fim quando conseguia me enxergar no olhar dela?

Apertei minhas mãos no volante ansioso e o pior era que a noite estava apenas começando.

Capítulo 16: O Preço

“É engraçado, você é quem está em ruínas, mas eu era a única que precisava ser salva.” (Stay (feat. Mikky Ekko))”.

Absolutamente, não era o que eu esperava.

Quando Damien estacionou o carro e entregou as chaves á um manobrista, eu esqueci momentaneamente os últimos acontecimentos.

A galeria de nome francês, que eu não conseguia sequer pronunciar estava cercada por fotógrafos e pela imprensa. A entrada me remetia á premiere de algum filme norte-americano e eu fiquei instantaneamente intimidada pela magnitude do evento.

Senti minhas mãos ficarem frias e enrolei os dedos no tecido macio do vestido. Eu não estava preparada. Aquilo não seria como o jogo de golfe e eu não me sentia confiante para encarar todas aquelas pessoas que entravam ricamente vestidas.

— Ulisses é um pouco exagerado. — A mão de Damien segurou a minha fazendo-me soltar o vestido.

— Damien, não acho que seja uma boa ideia. Isto é, eu não imaginei que seria assim e seus amigos, as pessoas que você conhece estarão lá dentro. — desviei o olhar do rosto dele. — Desculpe. Não sou adequada para isso. Alguém como eu não é adequado para lugares como esse.

— Não é adequada para ir á uma exposição em uma galeria de arte? —

Damien tocou meu rosto fazendo-me olhá-lo. — Uma mulher que consegue entender e apreciar os traços de Monet? Acho difícil de acreditar.

Então ele sorriu e eu pensei por um segundo que delirava. Porque ele estava sorrindo daquele jeito para mim? Ele não devia fazer isso. Não estava no contrato. De repente, percebi que estava sorrindo de volta.

— Venha. — Ele segurou a minha mão novamente. — E não se preocupe. Não vou deixá-la sozinha. Não mais, eu prometo.

Assenti incapaz de discordar, principalmente diante do timbre terno que saturava a voz dele. Damien nos guiou até a entrada e quando pisamos sobre o tapete, flashes brilhantes vieram de todas as direções.

— Senhor Mason, quem é a garota?

Alguém perguntou á minha direita, mas a aglomeração de pessoas não me deixava saber ao certo que havia feito a pergunta.

— Ela é americana também? É sua namorada?

— Pertence á qual agência de modelos?

As perguntas continuavam e eu meu estômago se contraiu enquanto eu lutava contra a vontade de me esconder de tudo aquilo. Apertei a mão de Damien e ele devolveu o aperto tentando me confortar.

— Tudo bem, Darling. Apenas tente se acalmar. — senti seu polegar acariciando a minha pele.

— Que tal uma foto para o jornal? — Alguém propôs e dessa vez eu consegui encontrar um rosto. Um homem ruivo com sardas no rosto e um sorriso gigantesco nos olhou com expectativa.

— Sem fotos. — Damien respondeu.

— Nem para o Affar Italiani? Seria uma bela primeira página na Itália amanhã.

Damien parou de caminhar e eu também fiz o mesmo. Ele estava falando sério sobre o Italiani ? Eu estaria na primeira página em um jornal internacional?

— Pensando bem, não é uma má ideia. Conheço alguém que vai adorar ver a minha foto no café da manhã. — Damien sorriu malicioso e depois desviou seus olhos para mim. — O que acha de se tornar conhecida em Roma amanhã, my bunny?

— O que? Você está falando sério? Quer que eu apareça num jornal desse porte com você? — gaguejei.

Eu não conseguia entender a repentina vontade de se expor dele quando ele já havia negado o pedido da primeira vez.

— E porque não? Está memoravelmente linda, senhorita Souza. —

Damien passou o braço pelas minhas costas e repousou sua mão na minha cintura aninhando-me contra o seu peito. — Sorria Darling.

Percebi que o jovem fotógrafo já estava posicionado e que não haveria outra saída. Senti a testa de Damien se encostar á minha com delicadeza.

— Veja a mulher do governador saindo do carro lá atrás. Com certeza os anos setenta já entraram em contato solicitando o cabelo deles de volta. — Damien sussurrou fazendo-me rir no exato momento em

que o rapaz registrou a nossa foto.

— Estará em Roma amanhã, senhor Mason. — o rapaz sorriu animado e então sumiu em meio a multidão.

— Vamos entrar. — Damien voltou a procurar minha mão e nós caminhamos para dentro da galeria de Ulisses.

Se o lado de fora lembrava uma *première* com tapete vermelho, seguranças e imprensa, o lado de dentro contrastava profundamente pela pequena quantidade de pessoas e a calma. A galeria era imaculadamente branca, com exceção do piso acinzentado e liso.

Biombos também brancos estavam organizados por todo o espaço e deles pediam os mais diversos tipos de quadros que eu já ansiava para analisar. Alguns garçons andavam pelo espaço com taças de champanhe e "Por una cabeza" de Carlos Gardel enchia o lugar com seu som harmonioso.

— Gardel? — desviei meus olhos para Damien e ele sorriu.

— Parece que a noite é Argentina hoje. — Ele me fitou com interesse.

— Também conhece tango?

— Conheço Carlos Gardel e Perfume de Mulher. — dei de ombros.

Sempre achei tango uma dança elegante e desde a sessão de filmes antigos em que assisti Perfume de Mulher a sinfonia de Carlos Gardel tinha ficado na minha mente. O som afinado do violino deslizando pelo ar fazia-me pensar num salão em Buenos Aires com cheiro de tabaco e pessoas se divertindo. Gostaria de visitar um lugar assim. Não consegui conter os pensamentos:

— A música me faz imaginar um salão em Buenos Aires com cheiro de tabaco. — soltei uma pequena gargalhada ao perceber como era ridículo aquilo em voz alta. — Esqueça. Mas é uma dança elegante.

— Gostaria de dançar? — Ele perguntou de repente e eu o olhei assustada.

— Dançar tango? Não, não. Seria um desastre. — desviei meus olhos dele encabulada. — Além disso, estamos numa exposição e não em Buenos Aires.

Sorri nervosa enquanto admirava o pequeno público bem vestido.

— Talvez Buenos Aires não seja assim tão longe. — Damien respondeu fazendo-me olhá-lo.

Ele abriu a boca para dar prosseguimento a conversa, mas então alguém chamou pelo nome dele. Ulisses.

— Mason! — Ele se aproximou de nós com uma taça de champanhe e uma mulher de cabelo castanho agarrada á seu braço esquerdo. —

Você realmente veio e trouxe Ellen. É um prazer revê-la senhorita.

— O prazer é nosso, Ulisses. — Damien respondeu. — E como vai, Laura? Esta é Ellen de Souza, minha companhia esta noite.

Damien me apresentou a mulher e ela me sorriu amavelmente.

— Eu vou bem, Damien. — Laura desviou seu olhar para mim e estendeu a mão. — É um prazer conhecê-la, Ellen.

— O prazer é meu, senhorita. — respondi sem saber com que grau de intimidade tratar a mulher á minha frente.

— Me chame apenas de Laura. Apesar do exagero de Ulisses, isso é apenas uma exposição e eu detesto essa etiqueta inconveniente. — Ela sorriu abertamente e eu sorri de volta simpatizando-me com ela no mesmo instante.

— Ellen estava elogiando o seu bom gosto pela melodia de Carlos Gardel. — Damien me lançou um sorriso torto e depois voltou a falar com Ulisses. — Mas eu imagino que há alguma razão para esse tema Argentino.

— Negócios, meu caro. Negócios. — Ulisses sorriu. — E você pode me agradecer depois. Agora nós precisamos ir falar com o restante dos convidados. Fazer mais negócios, você sabe.

— Espero que gostem. Alguns são artistas jovens, mas com muito potencial. — Laura sorriu ansiosa.

— Tenho certeza de que vamos adorar. — falei sincera. Na verdade, eu já estava adorando o lugar. Não havia o tumulto que imaginei que teria.

— Nos vemos mais tarde. — Ulisses acenou e Laura fez o mesmo. Então ambos se afastaram para falar com o governador e sua esposa com o penteado dos anos setenta.

— Bem, acho que estamos á nossa própria sorte agora. — Damien

soltou a minha mão e passou o braço pela minha cintura. — Por onde começamos?

— Posso decidir? — Perguntei ansiosa.

— Pode. Sempre pôde.

Os olhos de Damien se fixaram nos meus e eu soube que ele estava se referindo ao nosso assunto começado na garagem, mas eu preferi ignorar. Já bastava a vergonha que eu estava sentindo depois de ter deixado ele ver aquela parte tão vulnerável de mim. Eu queria apenas esquecer.

— Certo. Vamos começar pelo lado direito.

Damien assentiu e nos guiou para a direção em que apontei. O biombo em questão exibia um quadro entelhado em madeira ecologicamente correta e retratava o cotidiano de uma vila brasileira. Com casas coloridas e estabelecimentos onde algumas pessoas pareciam entrar e sair. A riqueza dos detalhes eram incrível. Até mesmo as anteninhas de televisão sobre as casas estavam presentes. Plaquinhas informando o nome da rua e outras de comida caseira. Era como olhar para a minha própria rua.

— Muito realista. — sorri. — Vejo minha vida aqui.

— Parece feliz. — Damien falou com os olhos no quadro.

— Acho que é feliz sim. — recordei-me de todas as boas pessoas que eu conhecia na comunidade. Das minhas adoráveis amigas e de como

estávamos sempre prontos a ajudar uns aos outros. Como quando o pai de Arianna sofreu um acidente na construção em que trabalhava e todos os vizinhos se juntaram para conseguir remédios e comida. —

Temos nossas dificuldades, mas sempre podemos confiar em boas pessoas para nos ajudar a resolvê-las.

— Faz muito tempo que não sei o que é isso. — Damien soltou um suspiro e eu me virei para fitá-lo.

Ele tinha uma expressão contida, mas quando se virou para me fitar eu percebi mágoa em seus olhos azuis. Não pude me esquivar da pergunta:

— Não sabe o que?

— Confiar nas pessoas. Na posição em que eu ocupo confiar pode ser muito perigoso. Pode ser destrutivo. — a expressão no rosto dele ficou dura. —

Por isso resolvo os meus problemas sozinho e evito o que precisa ser evitado.

Foi perturbador ouvir aquelas palavras deixarem os lábios dele porque elas eram extremamente familiares para mim e eu percebi que começava a compreender um pouco mais sobre o homem ao meu lado.

Talvez ocupar um lugar na elite não se tratasse somente de facilidades e prestígios. Talvez fosse um pouco solitário.

— Quer dizer que não pode confiar nas pessoas em geral? — Eu estava curiosa para saber mais.

— Confio de forma restrita e em um número restrito de pessoas. Você

bem viu, Darling. Willian tentou usá-la contra mim. No mundo em que vivo as coisas não são simples como nesse quadro. As pessoas querem vencer e elas não receiam destruir o que estiver entre elas e a vitória.

Sinto que estou em guerra contra todos e o tempo todo. Não há simplicidade e nem cores. Não há paz. — Ele gesticulou para a obra de arte e suspirou.

Por um instante eu senti meu coração se apertar no peito. Devia ser horrível viver sem poder confiar nas pessoas. Com medo de ser traído o tempo todo. Subitamente, entendi que Damien Mason não era um homem feliz. Tinha muito dinheiro, mas fora privado da felicidade. Era o preço a se pagar.

— Sinto muito, Damien. — sem pensar, estendi a minha mão e acariciei o rosto dele.

Damien não recuou, mas seus olhos azuis me fitaram de forma tão intensa que eu me senti impelida a me afastar.

— Desculpe. — desviei meu olhar do rosto dele e abaixei o rosto sentindo minhas faces arderem. O que deu em mim? Eu não devia tê-lo tocado de maneira tão íntima.

— Eu também sinto muito, Ellen. — Ele falou de repente e então eu senti seus dedos no meu queixo. Seus olhos azuis estavam nos meus. —

Talvez...

A mão de alguém se firmou no ombro esquerdo de Damien e eu percebi que o momento estava perdido.

— Olá, Mason. — Um homem esguio e no início da calvice estava atrás de nós.

— Gregório. — Damien se afastou de mim para cumprimentá-lo.

— Espero não ter estragado nada. — Ele sorriu ao me ver.

Estranho. Tive a impressão de que os traços no rosto dele eram familiares.

— Não estragou. — confirmei com o meu melhor sorriso.

— Esta é Ellen de Souza. — Damien nos apresentou.

— É um prazer, senhorita. — Ele abriu um sorriso enorme e dessa vez eu tinha certeza que já o havia visto em algum lugar.

Estava prestes a fazer a pergunta quando meus olhos encontraram a resposta. Ele se aproximava de nós com uma taça de champanhe nas mãos e o olhar sobre mim.

O tempo parou. O tempo estava correndo. E de repente as paredes brancas da galeria não pareciam tão sólidas. Senti meus ouvidos ficarem obstruídos, como se estivessem cheios de água e todo o som ao meu redor ficou oco, ressaltando as batidas do violentas do meu coração que parecia querer saltar do peito.

Não podia ser. Eu devia estar tendo algum sonho ruim. Não podia ser ele. E eu desejei ardentemente acordar do pesadelo que aos poucos me afogava, mas as voltas no meu estômago não me deixavam ignorar a

realidade.

— Esse é o meu filho. Estevão Álvares.

Minhas mãos ficaram trêmulas e o oxigênio parecia estar sendo sugado do ambiente.

— É um prazer, senhor Mason. — Estevão cumprimentou Damien ao meu lado e depois me dirigiu um sorriso. — É um prazer conhecê-la também, Ellen.

Não consegui responder e procurei inconsciente pela mão de Damien ao meu lado. Ele tomou-a e a apertou para depois me lançar um olhar.

Então suas sobrancelhas se levantaram.

— Ficamos felizes em conhecê-los. — Senti a mão de Damien apertar a minha um pouco mais. — Estão gostando da exposição?

— Elisa entende mais de arte do que eu. — Gregório sorriu para a esposa de cabelos escuros. — Mas o evento está muito bonito.

— E surpreendente. — Estevão emendou e lançou um olhar para mim.

Não! Não! Eu não podia fraquejar. Não podia demonstrar que ainda me afetava a presença dele e tudo o que ele representava.

— Deve estar estranhando muito o clima do nosso Rio de Janeiro. —

Elisa entrou na conversa. — Nova York é um pouco mais fresca.

Damien soltou uma risada não muito verdadeira.

— Certamente, mas a estadia tem sido muito agradável. — Damien

desviou seu olhar para mim e sorriu.

Então ele me surpreendeu quando baixou o rosto e beijou meus lábios.

— Vamos nos livrar deles, me beije de volta. — Ele sussurrou me fazendo rir para depois beijá-lo de volta.

— Bom, nós não queremos atrapalhar. — Gregório voltou a falar depois de pigarrear.

Separei-me de Damien e lancei um olhar para Estevão. Ele parecia um tanto aborrecido e de repente, eu percebi que não me incomodava tanto com a presença dele. Ou melhor, pareceu ridículo o simples pensamento de ele me incomodar. Estevão não merecia tanto.

— Não atrapalham. — sorri para Gregório.

— De maneira alguma. — Damien me apoiou.

— De qualquer forma, nós temos que ver mais alguns quadros. — Elisa sorriu na minha direção. — Vamos querido?

— Claro, Elisa. — Gregório assentiu e depois se virou para Damien. —

Nós nos vemos depois, senhor Mason.

Damien assentiu com a cabeça com um sorriso polido nos lábios. Então Gregório e a esposa começaram a se afastar de nós.

— O senhor tem uma bela companhia, senhor Mason. — Estevão acrescentou e me lançou um olhar

debochado. — Onde a encontrou? Se

me permite a indiscrição.

— Não permito a indiscrição. — Damien falou num tom ríspido que assustou até a mim. — E acho que deve acompanhar a sua família.

O clima ficou pesado de uma hora para outra.

— Está me dando uma ordem? — Estevão riu debochado.

— Uma sugestão. — Damien pareceu irritado, mas depois sorriu. —

Vamos, Darling?

— Claro. — concordei e aceitei o braço que ele me ofereceu.

— Até logo, Ellen. — Estevão falou, mas eu não me virei e continuei caminhando com Damien.

Ele atravessava a galeria na direção oposto á família Álvares a passos largos e eu precisava me esforçar para conseguir acompanhá-lo.

— Damien, espere. — pedi, mas ele continuou rápido. — Damien espere.

Segurei o braço dele finalmente conseguindo sua atenção.

— Você o conhece? — Ele me olhou irritado.

— O que?

— Qual a sua relação com Estevão Álvares? Porque ele a fitava como se fosse despi-la na minha frente?

— Eu não tenho relação nenhuma com Estevão. — ignorei a primeira pergunta, mas respondi a segunda com sinceridade.

Eu não conseguia me imaginar contando sobre o meu passado de desventuras com Estevão ali naquela galeria. Também não me sentia preparada para deixar que Damien soubesse de tudo.

— Então eu devo voltar e ensiná-lo a respeitá-la. — Damien começou a fazer o retorno, mas eu o segurei pelo braço.

— Não, Damien! Você vai arruinar o evento do seu amigo.

— Dane-se! Eu não me importo com mais nada, apenas em enfiar os olhos dele para dentro do crânio.

— Ulisses não merece isso. Está tudo tão bonito. — toquei o rosto dele fazendo com que ele detivesse sua atenção somente em mim. — Está tudo bem. Eu conheço Estevão.

— O que? — Ele quase gritou.

— Todos conhecem o filho mimado dos Álvares que já se enrolou em diversos problemas e se envolveu em escândalos nos jornais do país.

Não vale a pena, vale?

Damien me olhou por alguns instantes e por fim suspirou.

— Não. — Ele finalmente sorriu. — Está certo. Ulisses não merece.

Assenti com a cabeça.

— Vamos ver o restante dos quadros?

O evento foi um grande sucesso para Ulisses. Várias pessoas

importantes prestigiaram o lugar e alguns quadros foram vendidos por alguns milhões de dólares. Damien foi um dos que pagou pelas obras no leilão organizado mais tarde. Ele adquiriu o quadro entalhado em madeira que nós havíamos apreciado juntos no início da exposição.

Não voltei a ver a família de Estevão, mas conheci alguns empresários suíços, um empresário argentino e o dono de uma companhia aérea brasileira. E apesar de o evento ser composto por muitas pessoas ricas, eu notei que grande parte delas parecia intimidada pela presença de Damien. O que me colocava numa posição nada agradável, porque eu era constantemente analisada. Não só pelos homens, mas também pelas mulheres. Era como se quisessem ter certeza de que eu estava de acordo com o homem ao meu lado. Que eu era compatível.

Agradei varias vezes durante a noite pela minha boa intuição na escolha do vestido. Damien estava certo quando disse que era tudo imagem. As pessoas não estavam interessadas no seu caráter ou no seu bom humor. Elas queriam saber apenas se você tinha a credencial para estar dentro da elite e essa credencial era adquirida através da sua fortuna, ou se você é mulher, através da sua beleza. Nós somos vistas como belos adereços ao lado dos multimilionários. E quanto mais rico, mais bonito e perfeito deve ser o adereço.

Algumas pessoas foram inconvenientes e me lançaram toda a sorte de perguntas íntimas. Uma delas, Louise Downson, esposa de Antoine

Downson pediu para que eu fizesse companhia á ela durante alguns minutos, separando-me de Damien. Eu fiquei insegura ao ter que lidar com alguém sem o apoio de Damien, mas apenas assenti e a segui para longe do grupo no final do leilão.

— Deve ser difícil. — Ela começou.

— Difícil? — repeti confusa.

— Ter um relacionamento com um homem como Damien. — Ela colocou o seu braço no meu. — Antoine trabalha muito e ás vezes suas viagens o mantém muito tempo longe de mim. É terrível e ele não tem a metade da fortuna de Damien.

— É um pouco complicado. — respondi com sinceridade. — Não é sempre que ele está de bom humor.

Louise riu.

— Imagino. Mas você é uma mulher de sorte, Ellen. Quando Damien esteve na suíça em um de nossos eventos beneficentes na Gold, não o vi acompanhado de nenhuma mulher. Ele tem fama de ser muito seletivo com as mulheres, então você está com muita sorte. Tem as armas do jogo, mas precisa de uma boa estratégia se quiser vencer a partida. —

Ela parou de caminhar e me fitou.

— Vencer a partida?

— Se casar Ellen. Para garantir o seu futuro. E tem que ser rápida se já estiver dormindo com ele, ou Damien irá trocá-la.

— O que? Eu não estou dormindo com ele! — afastei-me dela incrédula. Será que todos tinham um plano para atacar Damien?

— Ótimo. Evite isso o quanto puder. Vai instigá-lo a ficar perto de você.

Mas se ainda não teve sua primeira noite com ele deve fazê-la de forma inesquecível. Não pode ser tímida. Tem que ser ousada, aliás tem que ser mais que isso. Talvez até um pouco vadia.

— Você está entendendo errado.

— Você é quem não está entendendo Ellen. — Ela segurou meu braço, mas depois sorriu e acariciou-o. — A beleza não dura para sempre, meu bem. Você precisa usá-la á seu favor. Pense nisso como uma apólice de seguro. Eles querem nos exibir e pagam o preço. Assim como nós também pagamos o nosso.

Ela acenou para o marido e ele acenou de volta com um sorriso.

— Vamos voltar. — Ela disse e não me deu tempo para a resposta, apenas colocou o seu braço no meu e nós voltamos ao grupo.

— Vamos ao Broadway, Darling? — Damien me segurou pela cintura e sorriu.

— Estaremos na mesma mesa. — Antoine comemorou. — E parece que Ignácio Santiago também.

— O argentino dono das empresas ferroviárias com quem conversamos mais cedo? — sussurrei para Damien.

— Exatamente. — Damien me respondeu. E subitamente, eu compreendi a presença de Carlos Gardel.

— Ulisses tem negócios com ele? — perguntei baixinho enquanto Louise estava entretida com a gravata do marido.

— Se tudo der certo, ambos teremos. — Damien deixou sua mão percorrer as minhas costas e eu senti minha pele se arrepiar. — Esse vestido ficou ótimo em você. Tenho vontade de tirá-lo toda vez que a olho. — Ele sussurrou e seus lábios tocaram a minha orelha fazendo-me suspirar.

— Damien. — repreendi-o.

— Gostaria de voltar para a casa agora. Acho que a noite seria muito mais interessante. — seus olhos encontraram os meus.

— Querem vir conosco ou vão em seu próprio carro? — Antoine ajeitou seu blazer preto que acentuava sua magreza e brancura.

— Iremos no meu carro. — Damien respondeu.

— Então nós nos vemos no Broadway. — Louise acenou para mim e então saiu com o marido.

— Está cansada? — Damien me perguntou. — Tom pode levá-la para casa. Essa noite pode ser um pouco longa.

— Eu estou bem. — respondi.

E realmente estava. Considerando meu encontro com Estevão e tudo o que eu já havia descoberto sobre o mundo de Damien, eu me sentia melhor do que esperava.

— O que Louise queria te dizer? — Ele voltou a perguntar quando começamos a caminhar.

— Está curioso, senhor Mason?

— Não é pecado. — Ele respondeu fazendo-me soltar uma risada.

Assenti com a cabeça. Percebendo pela primeira vez que gostava daquele sotaque americano que às vezes subia junto das suas palavras.

— Ela estava aparentemente preocupada com o meu futuro. — soltei um riso baixo. — Estava me dando orientações sobre como seduzi-lo e colocá-lo sob meu domínio para fazê-lo me levar ao altar. Mas não se preocupe. Não estou interessada em ter filhos com você e depois levar metade dos seus bens.

Damien parou de caminhar e me olhou perplexo.

— Está falando sério?

— Sobre ter filhos com você? — repeti contente com o semblante confuso dele. — Claro. Você não é bonito o suficiente para isso.

Ele me encarou por alguns instantes, então seus olhos brilharam quando ele compreendeu a brincadeira e um sorriso tranquilo apareceu em seus lábios.

— É o que você diz. Mas acho que poderíamos ter crianças bonitas juntos.

Uma noite em Buenos Aires. Era o que parecia ser o tema do restaurante quando nós chegamos e eu soube que mais uma vez havia um toque de Ulisses no lugar.

— O que acha? — Damien parecia se divertir com o meu semblante.

— Você sabia! — acusei-o e ele gargalhou.

— Imaginava. Ulisses é detalhista quando quer fechar negócios. —

Damien gesticulou para o espaço. — Então, sintá-se em Buenos Aires, senhorita.

— É incrível. — desviei meus olhos dele para apreciar o ambiente, mas de repente o meu celular vibrou dentro da minha pequena bolsa de mãos.

Meu coração perdeu uma batida quando percebi que era o número da minha tia no visor do aparelho.

— Está tudo bem? — Damien segurou meu punho.

— Está. — respondi sem olhá-lo. — Apenas preciso atender o telefone.

Minhas mãos começaram a tremer e eu me virei caminhando para longe de Damien em busca de um espaço mais calmo para conversar.

— Ellen? — minha tia falou assim que atendi o telefone.

— O que aconteceu tia? David está bem? — perguntei agoniada.

— Está querida. Não se preocupe. — suspirei aliviada. — Estou ligando porque amanhã é o dia de acertar as dívidas no hospital. — Ela se calou.

Claro. Eu havia me esquecido disso. Tinha negociado com o hospital e agora precisaria conversar com Damien e pedir algum adiantamento.

Não seria uma situação agradável, mas eu não tinha escolha.

— Não se preocupe, tia. O hospital será pago amanhã. — tranquilizei-a.

— Você está se matando de trabalhar, Ellen. Deixe que seu tio e eu saldamos a dívida. Guarde esse dinheiro para o seu futuro, querida.

— Eu posso pagar, tia. Não se preocupe. David é mais importante do que qualquer outro plano que eu possa ter.

— Ellen...

— Eu preciso desligar agora tia. Nós nos falamos amanhã.— Não permiti que ela falasse e desliguei o telefone.

— Seu irmão está com problemas? — a voz de Estevão me fez dar um pequeno pulo de susto.

— O que você está fazendo aqui? — procurei enxergar Damien atrás dele, mas não o vi em lugar algum.

— Vejo que encontrou alguém mais rico do que eu. Tomou gosto pelos lugares em que eu a levava durante o nosso namoro? — Ele se aproximou e eu recuei.

— Fique longe de mim. — avisei enquanto voltava a fazer uma busca por Damien. Mas só haviam mesas e pessoas desconhecidas ao longe.

— Você está mais gostosa do que eu me lembrava. — Ele me analisou e depois sorriu. — Acho que poderia rolar um flashback.

Estevão segurou o meu braço, mas eu o puxei bruscamente.

— Nem se eu estivesse morta.

— Não seria agradável com você morta. Prefiro viva e quente. — Ele sorriu. — Ainda guarda rancor gatinha? Esqueça o passado. Nós podemos tentar de novo agora.

— O que? — soltei uma gargalhada sem vontade. — Você é mesmo um cretino. Não merece sequer a minha atenção.

Empurrei-o decidida a me afastar.

— Eu ainda tenho nossos momentos. — Ele falou fazendo-me parar. —

Você lembra do que me disse neles? Eu me lembro.

Senti meus olhos se encherem de água. Eu me lembrava bem do que havia dito.

De como havia aberto o coração para ele, confessado tudo o que eu sentia. Entreguei tudo nas mãos dele naquela noite.

— Ainda sente o mesmo? Eu acho que sente. Acho que ainda me ama.

Então deixe de bancar a difícil. — Ele segurou meu braço fazendo-me fitá-lo. — Sei que ainda sou o dono do seu coração e sei que quer voltar para mim.

Estevão ergueu a mão para tocar o meu rosto, mas eu o afastei.

— Está enganado. Você não é nada Estevão. Eu encontrei algo muito melhor que você. — As palavras foram saindo com facilidade e eu descobri que sempre quis dizer aquilo. — Você é apenas mais um idiota, imaturo e que não consegue cuidar de si mesmo. Não valoriza nada que esteja na sua vida e eu tenho pena de você.

Tentei me soltar dele, mas ele se recusou a me soltar.

— Me deixe em paz!

— Está dormindo com ele? — Estevão insistiu.

— Isso não te interessa!

— Está dormindo com ele? — Os olhos dele faiscavam e eu resolvi dar a resposta que ele queria e merecia ouvir.

— Estou dormindo sim, se é o que quer saber. — Ele finalmente me soltou. — E saiba que ele consegue me dar muito mais prazer que você em todos os seus dois minutos.

Estevão ficou estático e sua boca se abriu. Seu semblante diante da minha resposta foi impagável, mas ainda sim não perdi muito tempo com ele. Apenas caminhei de volta para o salão e encontrei Damien conversando com o empresário argentino.

— Está tudo bem? — Ele me perguntou assim que eu me aproximei.

— Está sim. — aceitei a mão que ele me oferecia e depois deixei que ele me envolvesse pela cintura. — Apreciou a decoração, senhor

Santiago?

— Muito parecida com a minha cidade. Sinto-me honrado. — Ele sorriu cortês. — Damien estava me dizendo que deseja conhecer Buenos Aires e que gosta de tango.

— Ele disse? — olhei para ele surpresa por ser seu assunto. — Tenho muita vontade de ir á Buenos Aires sim. Acho as paisagens lindas e mesmo com a nossa rivalidade no futebol, não posso deixar de admirar a cultura do seu país.

Santiago passou a mão pelos cabelos negros e assentiu sorrindo.

— Sendo assim ficarei muito feliz em recebê-los na minha ilha no próximo final de semana.

— O que? — olhei para Damien confusa.

— Mas vamos deixar para acertar a conversa quando chegarmos á nossa mesa no segundo piso. — Santiago sorriu amigável e depois acenou para Ulisses que se aproximava de nós.

Senti a mão de Damien apertar a minha cintura e ele me sorriu.

Quando Ulisses chegou com Laura, nós começamos a nos dirigir para o segundo piso. Mas antes de subir as escadas, eu lancei um último olhar para trás para confirmar o que eu estava sentindo. Estevão estava no hall de entrada com o olhar cravado em nós.

Dei de ombros. O preço da minha ingenuidade com Estevão tinha sido

pago. Eu não precisava mais temê-lo porque já não conseguia sentir mais nada além de pena. Então foi como se o meu coração finalmente se aquietasse no peito. Tinha acabado.

Capítulo 17: Bonequinha de Luxo

"Eu sou resistente o bastante. Eu sou áspero o bastante. Eu sou rico o bastante.

Eu não sou tão cego para ver." (Beast of Burden - The Rolling Stones)

— Desculpe. — Damien murmurou quando abriu a minha porta e eu acordei assustada.

Pisquei um pouco surpresa e percebi que já estávamos na garagem da casa dele. Completamente iluminada e fazendo meus olhos arderem um pouco.

— Eu dormi por quanto tempo? — perguntei e aceitei a ajuda que ele me oferecia para sair do carro.

— Alguns minutos. — Ele fechou a porta do Jaguar e me estendeu a mão. — Venha, você precisa descansar já é muito tarde.

Peguei a mão que ele me oferecia e então nós entramos na casa silenciosa. Somente o som dos nossos passos ecoou enquanto subíamos as escadas para o segundo andar. Damien se manteve em silêncio até chegarmos a porta do meu quarto.

— Precisa de alguma coisa?

— Não. — respondi e senti meus pés latejarem cansados dos saltos. —

Só preciso dormir um pouco.

A noite havia sido boa, mas a conversa sobre a viagem tinha se estendido mais do que o esperado, embora eu ainda não estivesse certa sobre aceitar o convite de Santiago.

— Então vou deixar que descanse. — Damien se aproximou mais e me beijou. Mas dessa vez não foi um beijo simples. Sua mão agarrou a minha nuca e eu me vi devolvendo o beijo tão afoita quanto ele. — Isso fica cada vez melhor. — Ele voltou a falar quando se afastou e tocou meu rosto com uma das mãos.

— Acho que não posso desmenti-lo. — confessei admirando a beleza de seus olhos azuis.

Damien pareceu surpreso, mas depois sorriu.

— Se precisar de mim, estarei no escritório.

Um convite sutil. Foi o que entendi no primeiro momento, mas em seguida percebi que ele não ia descansar.

— Não vai dormir?

— Tenho trabalho atrasado para dar continuidade. — Ele soltou um suspiro e ergueu o pulso para fitar o relógio. — E alguns documentos tem de estar prontos amanhã de manhã.

— Mas você está cansado. — Não consegui evitar a preocupação. — E

tem que ir á empresa logo cedo.

— Eu sei Darling. — Ele sorriu e afastou uma mecha de cabelo do meu rosto. — Mas essa é a minha vida.

Vida? Mas que vida? Desde que o conheci só o via em eventos de negócios, consolidando negócios e analisando papeis para mais negócios. Não parecia uma vida. Ao menos não uma boa vida.

— Quer ajuda? — ofereci tímida, mas depois me arrependi. Damien era desconfiado e poderia entender que eu tensionava espioná-lo. —

Quer dizer, me desculpe. Isso não é da minha conta.

Afastei-me dele e suspirei aborrecida com a minha consciência que parecia sempre chegar atrasada.

— Eu... Eu vou entrar. — falei sem olhá-lo. — Boa noite, Damien.

Não esperei por uma palavra dele. Apenas me virei e entrei no quarto fechando a porta em seguida. Então caminhei até a cama e me livre dos sapatos para depois me sentar. O sono tinha desaparecido como mágica, ou talvez fosse o beijo quente de Damien que me houvesse despertado. Mas ainda sim, eu me despi e tomei um banho para relaxar.

Depois me enfiei no pijama azul que havia trago de casa e me joguei na cama.

Rolei de um lado para o outro nos dez primeiros minutos para depois ter certeza de que o sono realmente havia me abandonado. Em seu lugar restava apenas a preocupação com o homem no andar de baixo.

Seriam muitos documentos? Já eram pouco mais de três da manhã. Ele não dormiria quase nada e ainda teria que resolver problemas na Imperium pela manhã.

Quando finalmente percebi que não dormiria, ergui-me da cama e peguei o robe branco que eu ainda não havia usado para me enrolar.

Depois de laça-lo na cintura saí do quarto e comecei a descer as escadas. Não me parecia justo deixá-lo sozinho. Damien havia sido uma boa companhia durante toda a noite. Não fora frio em nenhum momento e incluiu-me em todas as conversas. Tão diferente do homem que me propôs absurdos num restaurante italiano e ainda mais diferente daquele que eu fui procurar na Imperium para me vender.

Mas eu precisava admitir que aquele novo Damien era mais perigoso, porque eu gostava mais dele do que deveria.

Esse pensamento me fez hesitar quando cheguei diante da porta do escritório dele. Pensei seriamente em retornar, mas a preocupação acabou falando mais alto. Bati contra a madeira.

— Entre.

Empurrei a porta e encontrei Damien sentado atrás de sua mesa com o notebook aberto e papéis á sua frente. Ele estava sem o blazer e alguns botões de sua camisa branca estavam abertos. Seu cabelo parecia bagunçado e ele tinha um copo de uísque na mão.

— Darling. — Ele pareceu surpreso quando me viu. — Pensei que já

estivesse dormindo.

— Não consegui. — confessei e fechei a porta atrás de mim, mas não ousei me aproximar. — Quer ajuda?

Damien me encarou por um longo momento.

— Está falando sério?

Assenti com a cabeça.

— Eu não sei muita coisa sobre administrar empresas, mas posso fazer café. — Era tudo o que eu podia oferecer? Que droga de ajuda eu seria.

Suspirei irritada comigo mesma. — E se você não quiser café, posso ao menos ser uma boa companhia.

Damien não me respondeu, mas se levantou da poltrona e atravessou o escritório na minha direção.

— Não precisa se preocupar. — Ele sorriu e segurou meu rosto com as duas mãos. — Sei que está cansada. Volte para o quarto e tente dormir.

Meneei a cabeça em sinal negativo.

— Eu quero ajudar você. Dê-me algo para fazer. — insisti.

— Vai perder sua noite aqui, Ellen. São muitos papéis. — Ele tentou me fazer mudar de ideia. — Eu posso fazer isso sozinho. Já fiz muitas vezes.

— Então talvez esteja na hora de um pouco de ajuda. — sorri. —

Prometo não atrapalhar, mas ao menos me deixe fazer café para você.

Seus olhos azuis me analisaram por alguns momentos, então ele assentiu com a cabeça e um pequeno sorriso apareceu nos seus lábios.

— Está certo. Pode me ajudar a separar os relatórios. — sorri animada.

— Mas quando sentir que quer descansar deixe tudo e vá para o quarto.

Assenti com a cabeça. Eu sabia que seria um trabalho cansativo, mas estava acostumada a noites em claro desde a faculdade. Ajudaria Damien a resolver seus problemas.

Primeiro, eu senti que estava caindo. Logo depois meus músculos se contraíram em um espasmo á prenúncio do impacto, mas então, de repente, eu estava segura. Deitada sobre algo macio e aconchegante.

Abri os olhos devagar e percebi que estava enrolada em um lençol, mas não reconheci o quarto.

— Bom dia.

Virei o rosto e me deparei com Damien ajustando um relógio em seu pulso. Seus cabelos estavam penteados e ele me sorriu através do amplo espelho. Subitamente, compreendi porque não reconheci o quarto.

— Você dormiu sobre os meus papéis ontem e seu quarto estava trancado. Como não encontrei a chave, a trouxe para o meu. — Ele explicou antes que eu pudesse me pronunciar.

— A chave. — repeti e enfiei a mão no bolso do robe sobre a minha coxa retirando o objeto de metal.

— Devia ter procurado aí. — Ele voltou a sorrir, desta vez com um toque de malícia.

Foi então que eu detive o olhar no meu próprio reflexo no espelho e fiquei completamente em pânico ao perceber a minha aparência medonha. Meus cabelos estavam amaçados e a expressão no meu rosto remetia a alguém grogue.

— Meu Deus! — levei as mãos ao cabelo imediatamente desesperada para escondê-lo em um coque. — Pareço uma paciente foragida de um hospício.

Damien soltou uma risadinha que me deixou ainda mais envergonhada da minha aparência. Ele parecia o exemplo vivo da perfeição nas primeiras horas do dia e eu contrastava profundamente com ele no espelho.

— Não se preocupe com isso, Darling. Você não é a pior que já vi. — Ele me consolou de um jeito horrível.

— Obrigada. Ajudou bastante. — respondi finalmente prendendo os cabelos e me preparei para sair da cama, mas Damien deixou o espelho e veio até mim sentando-se na cama.

— Temos que discutir sobre a viagem para a ilha de Santiago.

— Damien, eu não sei se poderei ir. — senti-me abraçada pelo olhar

intenso dele. Ele estava tão bonito. Nenhuma mulher com um pouco de dignidade gostaria de ser analisada por Damien sem estar com o rosto imaculadamente maquiado.

— Porque?

— Não posso me afastar assim da cidade. Tenho... Tenho algumas coisas que não posso deixar. — desviei o olhar para os botões prateados nos pulsos do terno dele.

— Seus irmãos? Podemos deixá-los na minha casa. George vai gostar de alguém para servir bobagens e eles podem se divertir por aqui. E

depois serão apenas dois dias. — Ele segurou minha mão fazendo-me olhá-lo.

— Não, quero dizer, meus irmãos me preocupam sim. Mas não é só isso. —

respondi enquanto admirava nossas mãos juntas.

— Então diga-me o que é. — Ele me encorajou e sorriu. Quando é que ele havia ficado tão gentil?

— Eu.. — seus olhos azuis me passavam confiança e eu cogitei dizer a ele sobre o hospital e a doença de David, mas ainda tinha medo de que ele não acreditasse. Tinha medo de que pensasse qualquer outra coisa deturpada. Afinal, das outras vezes tinha sido assim. Por mais honesta que eu fosse, Damien insistia em acreditar naquilo que lhe convinha. Foi então que me lembrei que mesmo com a melhora de David no hospital outra coisa restringia a minha viagem. — Eu vou voltar para o meu

trabalho.

— Trabalho? — Ele pareceu confuso.

— Sim. — puxei a mão que estava em baixo da dele com delicadeza. —

No próximo final de semana eu estarei o dia todo na lanchonete. Estive de férias, mas elas estão no fim.

— Mas você não precisa voltar. — Damien voltou a segurar a minha mão. — Posso cuidar das suas despesas. Todas elas.

— Não. Eu posso cuidar de mim mesma e dos meus irmãos. Tem sido assim há algum tempo e é assim que deve ser. — A ideia de ser sustentada por ele me soou muito desagradável.

Ele suspirou.

— Não vou convencê-la a se demitir, vou? — Damien parecia um pouco aborrecido, mas eu sustentei meu ponto de vista.

— Não. — também suspirei. — Desculpe.

— Mas você também não irá me convencer a ir á Argentina sem você.

— Ele afirmou decidido. — Acertarei as coisas com Frazão no seu emprego. Tenho certeza de que ele não vai se opor a te ceder mais alguns dias de férias.

— O que?

— Se o trabalho é o único obstáculo para você ir, considere desfeito e se prepare para ir á Argentina no próximo sábado. — Ele sorriu sedutor

e então se levantou da cama.

— Você.. Está falando sério? — levantei-me e o segui pelo quarto até o espelho onde ele se deteve para verificar o cabelo. — Mas Damien, não pode fazer isso... Eu não posso ir... Isso...

Ele se virou e colocou o dedo indicador sobre meus lábios fazendo-me calar.

— Existem poucas coisas que eu não possa fazer, Ellen. — Ele sorriu e desviou a mão direita para a minha nuca. — Uma delas parece ser fazer amor com você, mas essa restrição eu ainda prometo vencer.

— Damien... — sibilei quando senti seus lábios na minha mandíbula.

— Você sabe que isso não vai durar muito tempo. Sabe que essa atração mina qualquer resistência. — Seus dedos ágeis tamborilaram no meu quadril e ele me puxou para si.

Damien aproximou seu rosto do meu e eu entreabri os lábios pronta para receber o seu toque, mas ele não juntou nossos lábios. Apenas ficou me observando e eu o observei de volta. Parecia tenso de repente e um pouco confuso.

— Não vou ficar para o café hoje porque tenho de chegar a Imperium antes das oito. — Ele disse após alguns instantes. — Mas a mesa já está sendo posta para você.

Então ele se afastou para a minha total decepção.

— O seu cartão de crédito chegou. — Ele falou pegando um envelope que estava sobre um móvel próximo a cama. Então caminhou até mim e o colocou nas minhas mãos. — Discreto e sem diamantes. O gerente me garantiu que é bem aceito na maioria dos lugares aqui no Brasil. Compre o que achar necessário para dois dias em uma ilha.

Então ele não me lançou mais nenhum olhar e começou a caminhar em direção a porta do quarto. Fiquei confusa com a reação dele. Porque tinha desistido de me tocar? Eu tinha feito algo errado?

— Damien. — chamei-o antes que ele saísse.

Ele se virou esperando que eu me pronunciasse.

— Obrigada por ter me deixado dormir aqui. — falei perdendo a coragem de perguntar o que havia acontecido. — Espero ter ajudado e feito tudo certo ontem.

Damien abaixou a cabeça e colocou a mão na maçaneta enquanto sorria.

— Você sempre está fazendo tudo certo, Ellen. Talvez eu seja o único errado por aqui. — Ele abriu a porta. — E não me agradeça, adoro dormir com mulheres bonitas, mas espero que na próxima vez dormir seja a nossa última vontade.

David estava bem melhor. Foi o que comprovei quando coloquei meus olhos nele. Estava mais corado e conversava animadamente com

Arianna e Júlia tentando explicar a elas a incrível história de jornada nas estrelas.

As duas não pareciam entender muito bem, mas ouviam com atenção.

— Bom dia. — falei empurrando a porta do quarto.

Todos os rostos se voltaram para mim, mas eu só consegui dar atenção ao sorriso genuíno que David exibiu ao me ver.

— Ell! Olha o que Arianna me trouxe. Uma blusa nova dos Star Wars!

— Ele ergueu a camisa que estava sobre seus joelhos e eu lancei um olhar para Arianna. Ela me sorriu animada.

— Muito bonita, Jedi. — Encorajei-o me aproximando da cama para beijar a testa dele. — Poderá usá-la na próxima convenção nerd que for organizada.

— É o que eu disse a ele. É perfeita para aqueles eventos que ele nos obriga a ir. — Júlia falou me fazendo rir e David fez uma careta.

— Você é mesmo uma irmã inoportuna. — David replicou. Ele adorava usar palavras complicadas para irritar Júlia.

— E você é muito nerd usando essas palavras esquisitas. Porque não pode simplesmente me chamar de chata como qualquer irmão?

Dessa vez todos nós rimos e até mesmo Júlia não conseguiu se conter.

— Como você está se sentindo querido? — perguntei acariciando sua mãozinha livre dos aparelhos.

— Eu estou muito bem. Na verdade tenho me sentido cada vez melhor.

Esse tratamento vampírico está funcionando. — Ele brincou e eu sorri.

— Está sim. O médico disse que seu retorno para a casa está bem próximo. — relatei animada. Conversar com o médico mais cedo tinha sido um alívio. Segundo ele tudo indicava que David estaria em casa dentro de no máximo quinze dias. — Logo tudo isso será apenas uma lembrança. Você voltará para as suas séries e convenções.

Suspirei aliviada. Ver meu irmão fora de qualquer ameaça fatal era maravilhoso. Eu começava a me sentir mais leve. Deus estava realmente nos ajudando e eu passaria o resto da vida agradecendo a ele quando estivéssemos os três em casa juntos, vendo novelas mexicanas e fazendo críticas tolas em minhas tardes de folga.

— Verdade? — David apertou a minha mão de volta, ansioso.

— Eu não mentiria para você. — confirmei. — Um pouquinho a mais de paciência e voltaremos a ver novelas mexicanas na nossa sala como tanto gostamos.

David soltou uma gargalhada cheia de vida e me abraçou.

— Obrigado, Ell. Obrigado. — Ele apertou seus braços em torno do meu pescoço, mas quando se afastou de mim tinha lágrimas nos olhos.

— Porque está chorando, querido? Está tudo bem. — sequei as lágrimas que desciam pelo seu rosto quente.

— Eu amo você.

Foi a minha vez de sentir lágrimas encherem meus olhos.

— Eu também amo você, David. Muito. — abracei-o de volta.

Então senti Júlia também se unir ao nosso abraço.

— Eu não permitiria que nada de ruim acontecesse a nenhum de vocês dois.

Nada poderá machucá-los enquanto eu estiver por perto.

Afastei-os para enxergar os rostinhos conhecidos que eu amava desde quando vi chegarem do hospital. Os dois bebês que ajudei a dar os primeiros passos e a comerem legumes no jantar. Os bebês que coloquei na cama e para os quais contei histórias mirabolantes antes de dormir.

Eles eram tudo o que eu tinha e eu daria tudo para mantê-los protegidos.

— Amo muito vocês.

Júlia também derramava lágrimas silenciosas mas sorria em contraste.

— Ell. — Ouvi Arianna me chamar e percebi que seu rosto estava tenso.

— Acha que podemos sair e conversar um pouco?

A expressão no rosto dela indicava que o assunto era importante.

Assenti com a cabeça e voltei a fitar meus irmãos.

— Fique fazendo um pouco de companhia para David, Júlia. Eu volto logo.

Ela assentiu com a cabeça e eu me afastei deles, deixando o quarto juntamente com Arianna.

— Podemos ir à cantina? — Arianna propôs.

— Claro. — comecei a me sentir ansiosa e nós seguimos o caminho em silêncio até uma mesa vazia na cantina do hospital.

Quando nos sentamos na mesa, Arianna pediu uma coca cola e um pedaço de torta de abacaxi. Uma das minhas combinações preferidas.

— O que está acontecendo? — Não consegui comer nada quando os pedidos chegaram. Eu estava com uma sensação ruim. Um frio no estômago. — Quer me contar sobre o que aconteceu antes daquela festa das tequilas?

— Não. Quer dizer, quero. Mas aquilo foram besteiras com relação ao Sem Chance. Agora não parece

mais tão importante.

Ela se calou.

— O que é então? — segurei a mão dela sobre a mesa, encorajando-a a continuar.

— Sua casa. Bem. — Ela suspirou e depois me olhou nos olhos. —

Parece que há um estranho vigiando a sua casa.

— O que? — perguntei surpresa e aflita ao mesmo tempo.

— Acalme-se. — Arianna apertou a minha mão. — Talvez eu esteja sendo meio precipitada. Vi o sujeito apenas duas vezes, mas achei estranho porque nas duas vezes ele estava parado analisando a sua casa.

Deus! Seria algum bandido? Mas porque alguém iria querer assaltar

uma casa simples como a minha? Não fazia nenhum sentido! Não havia o que roubar lá.

— Eu chamei a polícia, mas parece que o homem sumiu. Talvez seja somente um bandido e a presença de policiais o tenham afugentado. De qualquer modo, achei que precisava avisar.

— Fez bem Ary. Eu tinha que saber. Mas não consigo entender.

Bandidos não costumam assaltar as pessoas da comunidade. Isto é, porque alguém roubaria uma residência pobre?

— Eu também não sei Ell. Mas talvez, de alguma forma, saibam da sua relação com Damien e pensam em tirar proveito disso. Por isso acho que deve levar isso á ele.

— Levar á Damien?

— Ell, escute o que estou dizendo. Podem querer usar você para extorquirem Damien.

— Ary, não seja boba. — falei um pouco nervosa. — Você ficou assustada porque um bandido provavelmente marcou minha casa como alvo de roubo, mas agora você mesmo diz que não voltou a vê-lo. Ele já deve estar procurando outro lugar para assaltar. Não preciso envolver Damien nesse tipo de problema, ele já tem muitos para resolver.

— Mas Ellen, é perigoso. E se te sequestrarem para arrancarem dinheiro de Damien? Podem machucar você e você tem ficado sozinha

naquela casa. Tem que dizer a ele. Damien não pode deixá-la sozinha e desprotegida.

— Ary, acalme-se. Olha, eu posso me cuidar sozinha. Tenho feito isso á muito tempo. — acariciei a mão dela tentando acalmá-la. — Esse homem era só mais algum saqueador barato. Nada que segurança reforçada não resolva.

— Não tenho bons pressentimentos com relação á isso Ellen.

— Você está apenas impressionada. É normal.

— Eu não sei...

— Está tudo bem. Nós estamos acostumadas á esse tipo de perigo, não estamos?

Arianna pareceu contrariada, mas por fim assentiu com a cabeça.

— Certo. Mas se eu voltar a ver algo suspeito, vou dizer a Nicholas e mesmo que você não concorde, Damien ficará sabendo. — Ela atirou. —

Desculpe se estou parecendo paranoica, Ellen, mas você sabe que a minha intuição raramente falha.

— Tudo bem. — concordei.

Então Arianna apertou a minha mão uma última vez e solto-a voltando-se para a sua coca cola.

— Como foram as coisas no mundo dos ricos ontem?

Sorri pela forma debochada em que ela colocou a situação.

— Acho que me saí melhor do que esperava. — de repente, me lembrei de Estevão, mas decidi tornar a esquecer sua presença inoportuna. Não perderia tempo falando sobre ele.

— Damien tem sido agradável com você? — Ela me olhou preocupada.

— Ele tem sido... diferente. — refleti e sorri ao me lembrar dos momentos no escritório em que passamos juntos. Ele havia sido paciente, explicando-me como eu deveria organizar os papeis e perguntando se eu estava cansada pelo menos uma vez a cada cinco minutos. — Não sei. Acho que no fundo não tem sido tão ruim.

Arianna me encarou por um longo momento e então pareceu assustada.

— Ellen, vocês dormiram juntos?

— O que? Meu Deus, Ary! Não. — Então me lembrei de que havia passado a noite no quarto dele. — Quero dizer, nós dormimos.

— O que? — Ela quase cuspiu a torta.

— Mas não foi assim. Nós apenas dormimos. — Mais uma vez não consegui evitar o sorriso. — Ele me carregou para o quarto dele quando eu dormi sobre os papeis da empresa na noite de ontem. Ele não sabia onde estava a chave do quarto que eu tranquei.

Arianna voltou a me estudar com os olhos e então abriu a boca.

— Você está gostando dele. — Ela afirmou.

Foi a minha vez de engasgar com a torta.

— O que? Não. Não, Ary. — meneei a cabeça em sinal negativo. — Eu não estou gostando de Damien. Isso não é possível. Nós somos de mundos diferentes e ele já me disse coisas muito ruins. — Tentei convencer a mim mesma.

— Disse. Lembre-se sempre disso. — Arianna deixou a torta e puxou a minha mão. — Não estou tentando tirar as suas esperanças Ellen. Mas você me fez prometer depois de Estevão que eu seria sempre sincera sobre os seus relacionamentos. — Ela suspirou. — Detesto ter que dizer isso, mas Damien não a merece. Por mais gentil e agradável que ele esteja sendo, lembre-se do que ele quer na verdade. Não é por causa do dinheiro, Ell. É pela forma como ele encara as coisas. Se ele ao menos mudasse. Se ele a enxergasse como é, poderia te dar o que merece.

Mas...

Arianna parecia triste e seus olhos estavam melancólicos. Percebi que ela não queria me ferir, mas estava fazendo o papel que eu sempre pedi que fizesse. Estava sendo minha amiga leal e sincera. Alertando-me do perigo.

No fundo eu sabia que ela estava certa. Damien ainda continuava o mesmo.

Talvez a proximidade e todo aquele jogo o obrigasse a ter um comportamento diferente, mas isso não significava nada. Então porque

eu achava que aquilo podia ser o começo de algo? Porque eu continuava imaginando que talvez ainda conseguisse espiar o homem por trás do poder? Porque me importava em enxergar seu verdadeiro coração?

— Tudo bem, Ary. Você está certa. Damien ainda é o mesmo e eu não me esquecerei disso.

— Ell, desculpe-me se a magoei. — Arianna sorriu fraco. — Quero mais do que ninguém que você seja feliz, porque merece isso. Mas também não quero vê-la machucada de novo.

— Eu sei. — sorri para ela. — Não vai acontecer.

Arianna sorriu e me soltou para comer o restante da torta.

— Você me mandou uma mensagem dizendo que tinha novidades. —

Ela mudou de assunto.

— Tenho e vou precisar da sua ajuda. Acho que terei de viajar para Argentina no próximo final de semana. — soltei de uma vez.

— Argentina? Como assim? — Arianna empurrou o prato vazio e me olhou curiosa.

— Damien e eu fomos convidados para a ilha de um empresário argentino. Acho que Damien tem ou terá negócios com esse homem e parece que não será possível declinar do convite. Então estou obrigada a cumprir o contrato que fiz com Damien. — também terminei a minha

porção de torta.

— Mas e o seu trabalho? Suas férias estão terminando. E David?

— Eu sei. Não queria ir, mas Damien disse que vai interferir no meu emprego para que eu vá e não contei a ele sobre David.

— Você ainda não contou de David? Ell, mas porque escondeu isso de Damien? Como David ficará sem você?

— Eu não consegui contar. Fico pensando nas mil coisas que ele pode imaginar e perco a coragem. Sei que estou sendo tola, mas ainda não encontrei o momento. Graças a Deus, David tem estado melhor e serão apenas dois dias de viagem. Vamos no sábado e voltamos no domingo á noite. Ficarei longe de David apenas uma noite. — Expliquei tentando convencer a mim mesma que seria rápido e que tudo daria certo. — Por isso preciso da sua ajuda. Preciso que venha ver David e me mantenha informada sobre qualquer mudança.

— E o que vai dizer a sua tia?

— Vou dizer a ela que estarei fora da cidade á trabalho. — foi a minha vez de puxar a mão de Arianna. — Diga que pode fazer isso por mim.

Preciso muito da sua ajuda, Ary.

— Não seria mais fácil dizer a Damien sobre o real motivo de não poder ir? Ele não pode ser tão mal, vai entender sua situação. — Ela replicou e depois suspirou. — Tudo bem. Eu faço isso.

— Obrigada Ary. — sorri para ela.

— Apenas porque sei que sempre gostou da Argentina e porque David não demorará a ter alta. Ele está praticamente são.

— Deus tem sido bom para todos nós. — concordei animada. — Mas avise-me sobre qualquer coisa. Qualquer espirro e eu volto da Argentina no mesmo momento.

— Não se preocupe, Ellen. Seu irmão está bem. Se tem mesmo que ir por causa desse contrato infeliz, então vá. David estará de malas prontas para voltar para casa quando chegar.

Ia respondê-la quando escutei alguém pronunciar o meu nome atrás de mim.

— Senhorita Ellen?

— Sim. — respondi e me deparei com a recepcionista loira ao me virar.

— Pode me acompanhar, por favor. — Ela pediu.

— Claro. — falei me levantando.

— Vou com você. — Arianna também agarrou sua bolsa.

Nós duas seguimos a recepcionista até um escritório na ala oeste do hospital. Então ela anunciou nossa

entrada e depois permitiu que nós entrássemos na pequena sala.

— Você é a responsável por David Souza? — Um homem maduro e de bigode cheio, mas já grisalho sorriu para mim.

— Sou eu sim. — reparei que ele consultava alguns papeis.

— Bom, senhorita Ellen. Primeiro gostaria de felicitá-la pela melhora do seu irmão. — assenti com a cabeça.— Mas também sou obrigada a lembrá-la de que fez um acordo como hospital e que alguns gastos ainda não foram pagos.

Meu Deus, a conta! Como eu poderia ter esquecido de pedir a Damien que me adiantasse alguma quantia para cobrir os gastos?

— Imagino que seja algo complicado, mas essa é a minha função aqui no hospital. — O homem pareceu realmente desconfortável.

— Não pode dar a ela mais algum prazo? — Arianna entrou na conversa.

— Sinto muito, mas as coisas tem de ser acertadas. São ordens superiores. Desculpem.

E o que eles fariam? Colocariam David para fora do hospital antes do tratamento terminar? O simples pensamento me causou agonia. Mas foi então que me lembrei das palavras de Damien naquela manhã.

Discreto e sem diamantes. O gerente me garantiu que é bem aceito na maioria dos lugares aqui no Brasil.

— Isso é um absurdo! Vocês vão expulsar uma criança doente? —

Arianna começou a se exaltar.

— Está tudo bem, Ary. — Ela me olhou sem entender, mas eu desviei

procurando pela minha carteira. Assim que a encontrei retirei o cartão.

— Podem aceitar esse cartão?

O homem ajeitou os óculos e aceitou o cartão que eu estendi. Então voltou a olhar para mim de olhos arregalados.

— Isso é um American Express? — Ele voltou a fitar o cartão. — Isso compraria esse hospital.

Olhei para ele chocada. Então esse era o cartão discreto de Damien?

— Espere um momento. — Ele me entregou o cartão e retirou algumas chaves do bolso. Então abriu a gaveta ao seu lado e retirou a máquina registradora de cartão. — Basta passá-lo aqui e digitar a sua senha, senhorita.

Encabulada fiz o que ele pediu. Alguns minutos depois e tudo estava pago.

— Agora está tudo correto, senhorita. — Ele sorriu abertamente para mim enquanto eu guardava o cartão que agora parecia pesar chumbo na minha bolsa. — Se quiser transferir o seu irmão para um quarto melhor, posso pedir que façam isso ainda hoje. Devo salientar que os quartos do terceiro andar possuem muitos confortos para um garoto como David.

— Não acho que será necessário. David não deve demorar a ter alta. —

sorri para ele e apertei a mão que ele me oferecia. — De qualquer forma, muito obrigada.

— Nós é quem agradecemos á preferência, senhorita. Desejamos que seu irmão se restabeleça logo.

Assenti com a cabeça e deixei o escritório acompanhada de Arianna.

— Uau! Ele quase se vendeu para você, Holly Golightly. — Arianna zombou e depois riu. — Não que você fosse comprá-lo. Já passou do prazo de validade.

Fiz uma careta quando ouvi o nome da socialite do filme " Bonequinha de Luxo"

. Aquilo só me fazia recordar amargamente do contrato que assinei com Damien.

— Eu estou longe de ser qualquer bonequinha de luxo. — mas depois sorri ao ver o semblante tranquilo de Arianna. Ela não estava tentando me atingir. — Ao menos não terei mais de me preocupar com essa conta de agora em diante.

— A fatura vai chegar para Damien, você sabe. — Arianna relembrou-me.

— Eu sei. Mas espero ter resolvido tudo isso até lá. — suspirei. — De qualquer forma, ele me disse para gastar.

— Ele não é muito inteligente. Dar um cartão de crédito á uma mulher é quase o mesmo que cometer suicídio. — Arianna riu. — Mas se bem que ele deu a você, então não fará diferença.

— Preciso voltar para perto de David e depois tenho que começar a checar tudo o que precisarei para viagem. — mudei de assunto quando

paramos diante do quarto de David. — Será que posso mesmo deixá-lo sozinho?

Lancei um olhar para dentro do quarto, enxergando David através da pequena janelinha de vidro na porta. Ele ria enquanto tentava ensinar Júlia alguma coisa no telefone.

— Ele está bem. Você não precisa se preocupar. — Arianna sorriu. —

Faça as malas e aproveite um pouco esse momento. Você tem suportado muito Ellen e todos precisamos descansar um pouco.

— Obrigada Ary. — abracei-a.

— Não me agradeça ainda, bonequinha de luxo. Traga-me pôsteres de Carlos Gardel quando chegar da Argentina.

Capítulo 18: A Torre

"Não. É demais, queimar o meu sol. Em chamas seguimos e eu respiro o fogo."

(Fire Breather - Laurel)

Eu me sentia terrivelmente culpada por estar fazendo aquela viagem.

Por estar deixando David. Tanto que no meio da semana eu havia desistido de ir á Argentina com Damien, mas depois das palavras do próprio médico de que as probabilidades de David sofrer alterações em seu estado de saúde eram bem pequenas, eu acabei reconsiderando a ideia. E no sábado pela manhã segui com Damien de avião para a

Argentina.

A viagem foi tranquila, embora eu tenha dormido na maior parte do trajeto. Quando chegamos á Buenos Aires, pouco depois das duas da tarde, um helicóptero nos esperava para seguirmos para a ilha no sul do atlântico que levava o nome do dono. E quando finalmente pousamos em Santiago, eu fiquei imediatamente fascinada pela beleza do lugar.

Cheio de cores vibrantes e plantas exóticas, além do mar azul cintilante que figurava a paisagem ao longe. Era um verdadeiro paraíso.

Santiago veio nos encontrar pessoalmente e nos convidou para um jantar que aconteceria num restaurante de seu resort. Depois nos levou até a casa que havia preparado para nos receber. Uma senhora casa, devo dizer.

Trabalhada em madeira rústica e com uma bela decoração, a construção contava com cinco suítes, todas com vista para o mar e uma praia particular que podia ser acessada pela varanda na parte traseira.

Funcionários pontuais vieram nos receber e recolheram todas as nossas coisas para guardá-las. Santiago nos disse que o serviço de quarto funcionava até as quatro da tarde e que depois desse tempo estaríamos completamente sozinhos na casa. Segundo ele, era a forma de garantir conforto e privacidade ao mesmo tempo. Para mim, a notícia soou como uma alerta de perigo. Estaria sozinha com Damien depois das quatro da tarde.

— A suite master é a última do corredor. — Santiago nos disse depois

de erguer o pulso para consultar o relógio. — Espero que agrade vocês.

Agora eu tenho que ir. Espero que nos encontremos no restaurante mais tarde.

Ele se aproximou e apertou a mão de Damien. Em seguida ergueu a minha mão e beijou o dorso dele de forma respeitosa. Então deixou a varanda fazendo o retorno por dentro da casa para ir embora.

— E então? — Damien me perguntou quando se viu a sós comigo.

— É linda. Tudo. Nunca imaginei que sequer conheceria um lugar assim.

— respondi com os olhos na areia e no mar á minha frente. Dei um passo á frente em direção aos degraus, mas forcei-me a parar.

— Quer conhecer a praia? — Damien notou a minha insegurança. —

Acho que temos tempo, são apenas três e quinze.

Ele consultou seu relógio e eu me peguei pensando como ele podia ser tão bonito usando aquelas roupas casuais e depois de horas de voos longuíssimos.

— Tudo bem, eu não quero atrapalhar. Sei que tem outras coisas para fazer. — Damien tinha vindo durante a maior parte da viagem sondando documentos em seu notebook. O trabalho dele parecia não ter fim.

— Nada que não possa esperar. — Ele surpreendeu-me ao segurar a minha mão. — Vamos caminhar um pouco.

Sorri agradecida e assenti com a cabeça aceitando a oferta. Nós

descemos os degraus, mas quando atingimos a areia, eu me desequilibrei quando meus saltos afundaram no chão macio. Damien segurou-me antes que eu caísse no chão e eu comecei a rir descontroladamente.

— Acho que esses saltos não combinam com a praia. — consegui dizer em meio aos risos.

Damien compreendeu o que havia acontecido e também riu.

— Você tem razão. Não combinam. — Ele sorriu e então me surpreendeu quando me puxou para os seus braços e me ergueu neles.

— Damien! — grasnei de susto ao me ver longe do chão. Abracei o pescoço dele nervosa. — Damien! O que você está fazendo?

— Vou ajudá-la a se livrar dos sapatos. — Ele respondeu e depois me colocou sentada sentada na parte mais alta da varanda.

Tentei ajeitar o meu vestido branco de alças finas ainda sem entender o que ele pretendia. Então senti seus dedos acariciarem a minha panturrilha e de repente seus olhos estavam nos meus prendendo-me em seu azul profundo mais uma vez.

Correntes prazerosas começaram a subir pela minha espinha enquanto os dedos de Damien continuavam a roçar a minha pele com delicadeza traçando um caminho excitante até o meu tornozelo. Senti quando ele desfazia as tiras da sandália sem quebrar o nosso contato visual. Depois

repetiu o gesto na minha outra perna e se aproximou de mim envolvendo-me pela cintura com os dois braços.

Soltei um suspiro quando nossos corpos se tornaram um com o abraço e Damien me puxou para ele.

Agora nossos rostos estavam bem próximos e o meu coração batia acelerado contra o peito dele enquanto meus braços envolviam o seu pescoço. De perto a beleza dele era desconcertante e eu não pude evitar acariciar sua mandíbula com a ponta dos dedos.

— Você é lindo. — ouvi-me expressando meus pensamentos sem qualquer filtro de consciência.

Damien sorriu para mim e logo depois meus pés descalços tocaram o chão.

— Acho que há coisas mais bonitas. — Ele tocou o meu rosto com delicadeza e depois sorriu. — Vamos?

Assenti e aceitei a mão que ele me oferecia.

Foi um momento quase surreal. Damien e eu caminhamos de mãos dadas pela areia macia da praia somente com o som do mar quebrando em ondas suaves e com a água quase chegando á nós. Pensei que ele fosse me soltar quando começamos o passeio, mas ele seguiu com a mão entrelaçada a minha contando-me sobre as praias que já visitara.

Ele me confidenciou que também tinha uma ilha no Índico, mas que não

gostava de ir lá porque o lugar lembrava seus pais. Porém não conseguia se desfazer da propriedade.

— E você vive sozinho, desde a morte do seu pai? — olhei para ele com o coração apertado.

— Vivo. — Ele respondeu sem me olhar.

Não soube o que dizer, mas apertei a mão dele na minha. Agora eu conseguia entender a solidão que significava a sua vida. Sem seus pais e sem ninguém em quem realmente podia confiar.

— Ao menos você pôde dar festas em casa. — tentei animá-lo e vi um sorriso torto aparecer no rosto dele.

— E você? Também deu suas festas? — Ele pousou seus olhos azuis nos meus.

Sorri melancólica.

— Não tive tempo para festas. — confessei. — Quando minha mãe se foi a alguns meses, tive de cuidar de David e Júlia. Eles ainda são muito jovens e vão precisar de mim nos próximos anos.

Desviei meus olhos dos dele e fitei a praia.

— E o seu pai? — Damien insistiu. — Ele também morreu?

Não consegui esconder um sorriso sarcástico.

— Meu pai é um caso á parte que eu prefiro esquecer. Não o vejo desde antes do nascimento dos gêmeos quando minha mãe e eu fugimos do interior e dele.

Eu não gostava de tocar naquele assunto, mas subitamente, foi fácil contar tudo a Damien. Principalmente

quando ele me olhava de forma tão receptiva e dividia seu passado comigo.

— Vocês fugiram? Porque?

— Tivemos de fugir. — soltei um suspiro tentando conter as lágrimas enquanto as cenas voltavam a minha mente. — Papai tinha problemas com a bebida e a bebida o fazia ter problemas com a família, em especial minha mãe. Ela queria que ele se tratasse e a ajudasse a cuidar da casa, mas ele se recusava e gastava tudo o que tínhamos no bar.

Então as discussões se acentuaram até que atingiram um ponto tão alto que se tornaram agressões.

— Ele batia em vocês? — Damien parou de caminhar e se colocou na minha frente.

Não consegui olhá-lo e concentrei-me em uma conchinha no chão.

— Geralmente ele descontava sua raiva sem sentido na minha mãe. Ela tentava esconder as coisas as marcas de mim, mas eu escutava os sons quando ele chegava á noite. Eu detestava quando escutava a porta se abrir e ele arrastar as botas para dentro de casa. — as lágrimas começaram a rolar pelo meu rosto. — Mas um dia os gritos me assustaram muito e eu não consegui ficar no quarto. Então eu fui até a cozinha e vi tudo. Ele a estava machucando com pontapés e eu quis proteger a minha mãe. Eu corri para ela, mas era apenas uma garotinha

de oito anos. Meu pai se irritou com a minha intromissão então ele pegou o cinto de couro que usava para trabalhar na fazenda. Eu não consegui fugir...Eu...

— Ellen! — Damien pronunciou com dor e me apertou contra o seu peito.

Não consegui falar mais nada porque as lembranças ficaram tão vivas que minha voz sumiu e tudo o que consegui foi chorar. Como quando eu era a garotinha de oito anos tentando proteger a mãe.

— Meu Deus. Isso é horrível. — Damien tentou me acalmar acariciando as minhas costas. — É uma monstruosidade.

— Nós tivemos de abandoná-lo. Pode não parecer certo, mas não tivemos escolha.

— Claro que foi certo, Darling. — Damien segurou meu rosto entre as suas duas mãos e passou o polegar pelas minhas lagrimas. — Como ele teve coragem? Apenas homens covardes tomam essas atitudes. Ele a machucou? Vocês deviam tê-lo denunciado á polícia. Esse homem deve ser preso por essas atrocidades.

— A única coisa que me restou de tudo isso foi a pequena cicatriz abaixo das minhas costelas direitas. Mas mamãe decidiu na manhã seguinte que nós iríamos embora. Então com a ajuda da minha tia nós nos estabelecemos no Rio de Janeiro. Na época ela já estava grávida de

David e Júlia.

Damien desviou uma das mãos para o local onde eu havia falado estar a cicatriz. Seus dedos me acariciaram com delicadeza e eu pensei ter visto lágrimas na linha de seus olhos azuis.

— Eu estou bem. — tentei consolar a expressão desolada em seu rosto.

— Já passou. — consegui sorrir e toquei o rosto dele.

Damien não disse nada, mas sua mão cobriu a minha e seu polegar acariciou a minha pele. De repente o celular dele começou a tocar e o momento se quebrou. Damien pareceu um pouco relutante, mas por fim tirou o aparelho do bolso e suspirou.

— Acho que teremos de voltar. — Ele pareceu aborrecido.

— Tudo bem. Temos um jantar para ir, certo? — sorri animada.

Damien sorriu de volta e fez o telefone se calar para depois guardá-lo no bolso.

— Está pronta para dançar tango? — Ele me puxou pela cintura enquanto começávamos a fazer o retorno pela praia.

— O que? Nada disso. Eu não sei dançar tango. — protestei me afastando dele, mas Damien voltou a me abraçar pela cintura.

— Então está na hora de aprender.

Tranquei a porta da suíte master, que Damien me obrigou a ocupar e

comecei a caminhar pelo corredor. Algumas passadas depois e eu escutei o som de uma música vindo da sala no andar de baixo. Não era Gardel, aguicei os ouvidos durante a caminhada, mas certamente era uma música de batida argentina característica.

Desci as escadas devagar ainda apreciando os detalhes do vestido verde perfeitamente ajustado no meu corpo. Ele havia chegado logo depois do meu banho e era uma das peças mais lindas que eu já havia visto. Pregueado com broches dourados reunidos do lado esquerdo da minha cintura e com alças finas que se cruzavam nas costas.

— Você está linda, Ellen. — A voz de Damien me fez olhar adiante e eu percebi que ele trajava roupas formais, mas sem gravata.

Uma vez na sala consegui discernir perfeitamente a música e subitamente compreendi a intenção dele.

— Não. — murmurei ao entrar na sala.

Damien sorriu e me estendeu a mão.

— Você quer isso.

— Não. Não. — tentei retornar para as escadas aflita, mas Damien me segurou pelo braço puxando o meu corpo contra o seu.

— Não é tão difícil quanto você pensa.

— Damien... — Eu já imaginava o quanto seria vergonhoso.

— O tango é composto por oito passos básicos. No início você avança e

eu recuo. — Sua mão esquerda segurou a minha mão direita enquanto seu braço livre envolveu minhas costas e sua outra mão ficou espalmada sobre as minhas escápulas mantendo-me perto dele.

— Como você sabe tudo isso? Lembro-me de ouvi-lo dizer que não era nenhum dançarino. — As cenas da nosso primeiro encontro dominaram a minha mente e eu percebi que estava sorrindo com elas.

— Eu sei sobre muitas coisas e precisava convencê-la a dançar comigo naquela noite, como agora. — Damien confessou e sorriu de lado.

— Continuo achando que não vai ser uma boa ideia. Eu vou pisar no seu pé. — Eu tinha certeza de que no mínimo cairia no chão.

— Eu não me importo. — Damien continuou sorrindo. — Você vai conseguir, nós vamos contar juntos e você verá que eu tenho razão.

Apenas me siga quando eu recuar.

Então ele se esticou e pegou um controle reiniciando a música.

— Um. — Sua mão voltou para as minhas costas e ele recuou um passo para trás. Eu o segui como ele havia me instruído.

— Dois. — acompanhei o segundo passo dele e sorri quando percebi que estava conseguindo.

— Três. — Damien deu mais um passo. Então soltou uma das minhas mãos fazendo-me girar e me puxou de volta para os seus braços logo em seguida fazendo-me abraçá-lo pelos ombros para não cair.

— Isso não vai dar certo. — ofeguei e tentei me afastar.

— Você está indo bem, Darling. — Ele murmurou diante do meu rosto com a voz rouca. Depois me girou mais uma vez fazendo-me ficar de costas para ele e sussurrou ao meu ouvido. — Apenas confie em mim e pare de se reprimir.

Então ele soltou a minha mão direita e se afastou prendendo-me somente pela mão esquerda.

— Venha. — Ele instruiu e me puxou de fazendo-me girar de volta para os braços dele para me deixar pender no seu braço direito.

— Uau. — sussurrei assustada pela rapidez do movimento e pela agilidade dele.

— Percebe. — Damien me puxou pela cintura trazendo-me para perto de volta. — Você só precisa confiar.

Ele colocou minha mão sobre o peito dele e deu de alguns passos para trás obrigando-me a segui-lo. Em seguida voltou a segurar minha mão e a levou até sua nuca enquanto sorria sedutor. Deixei meus dedos

acariciarem seus cabelos e sorri de volta.

— Posso tentar uma coisa? — falei quando ele se esquivou em um passo e ficou atrás de mim novamente.

— Tem o meu consentimento. — Ele sussurrou e depois plantou um beijo na minha nuca.

Então eu me virei de frente para ele e deixei meu braço esquerdo ficar por sobre o ombro dele. Damien me fitou intensamente aguardando o meu movimento. Devagar e me sentindo extremamente confiante, eu subi meu tornozelo pela perna direita dele. Seus olhos azuis se arregalaram e ele travou a mandíbula parecendo tenso.

— Vi em um filme e sempre quis fazer igual. — escutei a minha própria voz sair rouca e logo depois a mão de Damien estava fechada sobre o meu joelho.

De repente, a música deu seu último acorde e a sala ficou completamente silenciosa, mas Damien não se moveu no primeiro instante. No seguinte, sua boca se colou á minha deixando-me completamente sem fôlego. Eu esqueci completamente onde estava e como tínhamos chegado até ali. Meus braços se enrolaram em torno do pescoço dele e eu o beijei sem reprimir nenhuma fibra de desejo.

Damien me apertou contra si e depois eu senti minhas costas contra a parede de sala. Agarrei-me á sua camisa querendo mantê-lo por perto.

Damien voltou a segurar minha perna, puxando-a para o seu quadril. Eu coloquei minhas duas mãos no rosto dele aprofundando os nossos beijos. Damien se afastou para conseguirmos tomar fôlego, mas continuou a tecer beijos pelo meu pescoço enquanto eu acariciava os cabelos da sua nuca.

— Damien... — sibilei desejosa e ele voltou a me beijar novamente.

Minhas mãos passeavam entre o seu rosto e o seu pescoço. Eu queria conseguir livrá-lo das roupas que me impediam de senti-lo mais perto.

De sentir seu calor. Mas quando eu coloquei minhas mãos por baixo do seu blazer, nós escutamos alguém bater na porta da frente.

Nos separamos imediatamente.

— O carro. — Ele falou devagar e me encarou parecendo um pouco atordoado.

Carro? Mas que carro? Foi então que eu me lembrei do porque inicial do vestido. O jantar no restaurante com Santiago.

Damien soltou um suspiro e depois de alguns segundo relutando afastou-se de mim. Também senti a decepção tomar conta de mim ao mesmo tempo que minhas próprias palavras voltavam acusando-me.

Dessa vez não tinha sido Damien a tomar a iniciativa. Eu o provoquei porque queria que ele me tocasse. Queria beijá-lo. Queria-o da forma como não quis ninguém, nem mesmo Estevão.

— Amassei o seu vestido? — Damien observou-me atentamente.

— Não. — respondi acanhada.

— Precisamos dançar mais vezes. — Ele sorriu malicioso e agora parecia recomposto. — Venha, vamos conhecer o resort.

Concordei sem olhar nos olhos dele e coloquei meu braço no dele.

Somente o seu calor já me instigava a ficar mais perto.

As coisas estavam saindo fora do meu controle. Mas será que eu realmente queria controlá-las? O que eu ganhei quando pensava controlar tudo com Estevão? Nada além de feridas.

Balancei a cabeça para espantar as ideias que começavam a se arrastar para a minha consciência. Estevão não podia me servir de desculpas para o relacionamento que eu tinha com Damien no momento. Eu precisava voltar a ser a mulher sensata de antes, mas estranhamente, quando entrei no Nissan preto que nos levaria ao restaurante, tive a impressão de que a sensatez me abandonara no momento em que cheguei a ilha Santiago.

Para a minha total surpresa, Santiago era um homem casado. E muito bem casado, com uma jovem mulher simpática que para a minha surpresa era de origem brasileira. Ele também já tinha uma filha. Uma garotinha de olhos e cabelos em tom caramelo vestida como uma princesa e que nos recebeu com um sorriso sincero.

Pela expressão no rosto de Damien, ele também não esperava que o Argentino fosse nos encontrar acompanhado da família. Eu só não sabia se aquilo era uma coisa boa ou ruim.

— Esta é Teresa, minha esposa. — Santiago fez as apresentações assim que nós chegamos a mesa. — E a garotinha é minha filha Aurora.

— Parece mesmo uma princesa. — sorri para a garotinha e ela me sorriu de volta exibindo seus dentinhos pequeninos. Devia ter quase três anos de idade.

— Por favor sentem-se. — Teresa também sorriu na nossa direção e apontou as cadeiras á nossa frente. — Espero que tenham feito boa viagem e que gostem desse restaurante. Por aqui quase tudo é ao ar livre.

— É muito bonito. — respondi lançando mais uma vez os olhos pela planície verdejante bem iluminada e coberta por mesas redondas elegantes.

Havia também uma pista de dança onde alguns casais, alguns mais idosos, dançavam ao som de um jazz lento e convidativo. Era um restaurante elegante, mas ao mesmo tempo remetia ao romantismo e encontros casuais.

— Você tem uma bela propriedade, Santiago. Pensei em construir um Resort em Pérola, mas não levei o projeto adiante e apenas faço manutenção da ilha. — Damien falou após se acomodar ao meu lado.

— É um bom investimento Damien e mantém a ilha muito ativa. Mas é claro, é preciso encontrar uma boa

empresa para liderar a construção.

Porém você não tem esse problema. — Ele brincou e Damien soltou

uma gargalhada. — E você senhorita Ellen, está gostando do solo Argentino?

— Mais bonito do que eu imaginava. Fiquei impressionada com as praias, são tão lindas quanto as brasileiras. — respondi autêntica.

Santiago assentiu.

— O Brasil lidera o ranking nesse quesito, mas é bom ouvir isso. — Ele admitiu com um sorriso. — Conhece Damien a muito tempo?

A pergunta me deixou desconcertada por alguns segundos, mas eu percebi que não haveria nem um erro em confessar que eu o conheci em sua recepção. Se tratava apenas de não mencionar a forma como entrei nela.

— Nos conhecemos na recepção dele no Copacabana Palace. —

confessei e sorri para Damien que me sorriu de volta.

— Como podem ver, fui muito bem recepcionado. — Damien continuou com o sorriso no rosto e eu senti meu rosto arder. Suas demonstrações públicas sempre me deixavam nervosa.

— Eu conheci Santiago numa festa tradicional na praia do hotel. Tinha vindo á Argentina para uma despedida de solteira de uma amiga. —

Teresa lançou um olhar para o marido que sorriu e segurou a mão dela sobre a mesa.

— Foi a noite mais oportuna da minha vida. — Ele levou a mão da

esposa á boca e beijou-a. Depois estendeu a mão para acariciar os cabelos da filha que se divertia com um guardanapo de papel. —

Sempre digo que a família é tudo na vida de um homem. Você pode compreender bem isso Damien. Sabe que homens como nós carregam mais do que conseguem aguentar na maioria das vezes. Chegar em casa e poder ter alguém com quem conversar e dividir as angústias são tão importantes quanto fazer um bom negócio.

— Imagino que seja. — Damien respondeu parecendo um tanto pensativo.

De repente, Aurora chamou pela mãe.

— Mamá. — Ela puxou o vestido de Teresa. — Mamá. Xixi.

Sorri achando a cena incrivelmente adorável. Lembrava-me de Júlia em uma idade parecida com aquela.

— Quer ir ao toalete, Aurora? — A garotinha assentiu com a cabeça. —

Então vamos.

Aurora estendeu os bracinhos e Teresa a puxou para os seus braços levantando-se da cadeira.

— Pode vir comigo e trazer a bolsa dela? — Teresa me pediu com um sorriso acanhado.

— Claro. — levantei-me da cadeira. — Com licença.

Deixei a mesa e dei a volta para ajudar Teresa com as coisas de

Aurora.

— Ser mãe não é fácil e de primeira viagem fica ainda pior. — Ela comentou enquanto ajeitava Aurora nos braços com delicadeza.

— Deve ser difícil para todas. — consolei-a.

— Desculpe por tirá-la da mesa. — Ela sorriu e seus olhos analisaram a bolsa nos meus braços. — Oh não, deixei a toalha dela na cadeira.

Segure-a por um instante por favor?

Teresa interrompeu a caminhada poucos metros longe da mesa e colocou a garotinha nos meus braços. Então voltou até a mesa e trouxe de volta a toalhinha bordada de cor rosa e branca.

— Ela gostou de você. — Teresa admitiu quando percebeu que Aurora tinha os braços em torno do meu pescoço.

— Sei lidar com crianças. Tenho dois irmãos mais novos.

Teresa sorriu e ficou interessada nos meus irmãos mais novos. Nós levamos Aurora ao toalete enquanto eu contava á ela algumas lembranças de David e Júlia quando menores. Descobri que a esposa de Santiago era pouco mais velha que eu e que se casara com o empresário á três anos atrás. Ela me confidenciou que o relacionamento fora um pouco complicado no começo e que ela teve que se adequar ao estilo de vida de Santiago, tendo que deixar o Brasil para fixar residência na Argentina.

Peguei-me pensando sobre como devia ser difícil se relacionar com alguém de um país diferente. Um dos dois sempre teria de abrir mão da vida que conhecia. Quando voltamos para a mesa, eu estava carregando Aurora que se divertia com uma mecha do meu cabelo.

— Desculpem a demora. — Teresa falou para Damien e Santiago e depois estendeu os braços para colocar Aurora de volta na cadeira.

Coloquei a menina nos braços dela depois de receber um beijinho no rosto e me dirigi mais uma vez para o meu lugar ao lado de Damien.

— Acho que agora podemos fazer os pedidos. — Santiago anunciou.

A refeição foi agradável e para o meu alívio sem convenções de etiqueta. Foi fácil me entender com

Teresa, ela pensava de forma parecida com a minha, talvez pelas raízes semelhantes. Santiago e Damien também pareciam falar a mesma língua, discutindo sobre economia, mercado de ações e outras coisas que eles compreendiam bem.

Depois das sobremesas, Damien procurou a minha mão por baixo da mesa.

— Quer dançar? — Ele sussurrou baixinho aproveitando o momento de distração do casal anfitrião.

— O que?

Damien não me respondeu, ao invés disso chamou a atenção de Santiago.

— Ellen quer dançar um pouco. Se importam?

— De maneira alguma. Aproveitem. — O Argentino sorriu cúmplice.

— Vamos Darling? — Damien se levantou e eu não tive escolha.

— Com licença. — Sorri e deixei que Damien me guiasse para a pista de dança.

Nós subimos os degraus de pedra e um casal de idosos nos cumprimentou com um sorriso amigável.

— Você não jogou limpo. — falei quando ele me segurou pela cintura.

— Pensei que já estivesse acostumada. — Ele sorriu e colocou minha mão esquerda sobre o ombro dele.

Então suavemente, ele começou a balançar nossos corpos no ritmo lento da música. Deixei meu corpo relaxar nos braços dele e comecei a observar as pessoas ao nosso redor. Todas pareciam repentinamente contentes, mas o casal que mais me chamou a atenção foi o de idosos que nos cumprimentou quando chegamos. Os sorrisos que dirigiam um ao outro era cheio de sinceridade e eu me vi invejando aquelas duas pessoas desconhecidas.

— Acha que eles são realmente felizes? — perguntei e Damien se virou na direção que eu observava.

— Talvez. — Damien disse após alguns segundos. Seu semblante era incrédulo.

— Você não acredita, não é? — fixei meu olhar no dele.

— Em que? — Damien pareceu momentaneamente confuso.

— Em amor verdadeiro. — respondi.

Ele sorriu irônico.

— Não.

— Mas não acha que aquele casal tem isso? — insisti voltando a observa-los.

Damien não respondeu por alguns instantes. Seus olhos se concentraram na mesma imagem que os meus.

— Se isso existir. — Ele começou. — Não acho que seja para todos e não acho que se possa encontrar com facilidade.

Os olhos azuis dele voltaram para os meus. Desviei fugindo do contato intenso para a imagem do casal que agora deixava a pista de dança devagar.

— Talvez não seja tão difícil encontrar o amor verdadeiro. Talvez seja mais difícil cuidar dele. — refleti mais para mim mesma. Talvez fosse as feridas, o medo, a insegurança que no final estragasse a oportunidade de viver o amor em sua forma mais pura.

— Venha. — Damien parou de dançar de repente, fazendo-me olhá-lo.

— Precisamos voltar á mesa.

Assim que chegamos á mesa, Santiago e a esposa começaram a se

despedir de nós. Eles não podiam ficar até muito tarde por causa de Aurora. E nós também decidimos que era hora de voltar para a casa.

Teresa me fez prometer que a visitaria e pediu meu número de telefone. Não resisti a beijar Aurora antes que ela se fosse e meu coração se apertou de saudade dos meus irmãos, mesmo eu tendo falado com David e Júlia ao telefone pouco depois de sair do banho.

O motorista de Santiago se dispôs a nos levar para casa. O trajeto foi feito de forma silenciosa e eu mandei diversas mensagens para Arianna querendo saber de David.

"Ele está ótimo. Não se preocupe Ell. Takashi está procurando você como um louco. Ele disse que precisam conversar quando você voltar.

Jenny mandou perguntar se os Argentinos são bonitos."

Takashi estava aflito para me ver? Eu havia recebido mensagens dele a alguns dias, mas nada que parecesse fora do comum. O que será que ele queria conversar? Sorri diante da pergunta de Jenny. Respondi Arianna e guardei o aparelho na bolsa aliviada por David estar bem. Amanhã nós iríamos embora e nada teria acontecido.

Quando chegamos á casa, Damien me auxiliou a descer do carro, mas caminhou em silêncio ao meu lado para dentro da casa.

— Podemos continuar de onde paramos. — Damien me surpreendeu puxando-me de encontro a ele quando estávamos próximos a porta do meu quarto.

— O que? — repliquei ansiosa quando me vi contra ele.

— Você sabe que fugir prorroga mas não resolve a nossa situação. E

você tem fugido desde que nos conhecemos, Ellen. — Damien aproximou seu rosto do meu. — Porque não para de reprimir, como quando dançamos tango mais cedo? Porque não faz o que quer fazer?

Ofeguei pela proximidade dele, segurando-me para não levar minhas mãos ao seu pescoço.

— Porque... — seus olhos azuis me distraíram por um momento. Mas eu não podia. Damien estava fora da minha torre de segurança e se eu sáísse não sabia se conseguiria voltar. — Porque não é seguro. Não estou segura.

Damien me olhou por alguns instantes. Seu perfume másculo atordoando os meus sentidos olfativos. Ele era tentador, mas eu não podia. Tinha que me lembrar de como chegamos até ali, de suas palavras no dia em que o procurei no escritório. Da forma como ele via as coisas.

— Claro que não está. — Damien suspirou e se afastou de mim. —

Você está certa. É melhor encerrarmos por aqui.

Não soube o que ele quis dizer.

— Tenha uma boa noite Ellen. — Então sem me olhar, ele me deu as costas e se afastou em direção ao seu quarto.

Hesitei antes de entrar na minha suíte, mas por fim abri a porta.

Tentando não pensar nos últimos acontecimentos e nas palavras estranhas de Damien, eu me despi e coloquei as roupas de dormi que havia trago do Brasil. Mas quando olhei para a minha cama, não senti a urgência de me deitar. Em vez disso fui até o espelho para fitar a minha imagem.

O que estava acontecendo comigo? Eu não parecia a mesma nos últimos dias. Não conseguia mais me reconhecer. Onde estava o meu autocontrole? Damien o havia minado a cada beijo, a cada toque que acontecia entre nós. Na verdade eu sabia que isso estava acontecendo a cada segundo que eu passava perto dele, mas eu não quis impedir.

Porque no fundo era o que eu ansiava ter.

De repente eu percebi que estava cansada de todas aquelas restrições que criei para mim mesma. Estava cansada da minha existência rotineira e de noites que se findavam sempre solitárias. Queria quebrar tudo aquilo. De repente eu queria irromper á mim mesma e descobrir do que eu podia ser capaz.

Será que realmente importava como Damien encarava as coisas? E

como eu começava a enxerga-las agora? Isso não importava? Uma nova oportunidade. Uma chance para provar a mim mesma de que estava curada e que podia seguir em frente sem medo. Foi então que eu finalmente entendi que era hora de acabar com tudo aquilo. Fechar

todo aquele ciclo. Era hora de voltar a ter meu próprio poder de decisão. O passado com Estevão não me prendia mais e eu estava exausta de apenas assistir a minha própria vida passar em branco. Eu devia aquilo ao meu próprio coração. Precisava dar uma chance a mim mesma, nem que fosse por uma única noite.

Movida por um impulso totalmente novo que fazia o meu coração bater mais forte eu agarrei o robe preto sobre a minha cama e o vesti.

Então deixei o quarto. Naquele raro momento, eu não estava confusa.

Tinha certeza do que queria e não deixaria que escapasse de mim. E daí se não parecia certo? Não precisava ser certo o tempo todo. Seria tão errado não querer lidar com a realidade por uma noite?

A porta do quarto dele estava aberta e quando entrei me deparei com Damien de costas servindo-se de um copo de uísque.

— Damien. — Chamei-o.

Ele se virou na mesma hora, surpreso com a minha presença.

— Ellen? Algum problema? — Damien descansou o copo de uísque na mesa atrás dele.

Comecei a caminhar na direção dele.

— Vários. Mas não quero falar sobre eles agora. — Descruzei os braços e deixei que eles ficassem livres ao lado do meu corpo. — Você estava certo. Eu estive fugindo desde o dia em que nos conhecemos, porque pensei que assim me manteria segura. Pessoas entraram na

minha vida e me magoaram muito, então eu pensei que apenas me manter trancada e distante poderia ser o suficiente, mas descobri que não é. Eu preciso de mais do que isso. E estou cansada da torre de marfim que construí para proteger á mim mesma.

Parei diante dele, mas a alguns metros de distância. Damien apenas me analisou por alguns instantes que pareceram infundáveis. A expressão não traía nenhuma emoção.

— Não posso resgatá-la, Ellen. — Ele admitiu por fim. Sua voz quebrando o silêncio no quarto. E eu percebi que ele estava sendo totalmente sincero.

Assimilei devagar o que as palavras dele significavam e finalmente encontrei a resposta.

— Não quero que me resgate.

Damien pareceu surpreso com a minha resposta.

— Então o que quer, Ellen? — Ele deu um passo á frente.

Aquele momento parecia fadado a acontecer e eu não tive dúvidas.

— Você. — confessei sem desviar o olhar. — Quero esquecer o que aconteceu e o que pode acontecer e viver este momento. Quero voltar a sentir sem medo, mesmo que isso não pareça o certo e quero que faça amor comigo esta noite, Damien. Acha que pode me dar isso?

Os olhos azuis dele faiscaram de uma forma que eu ainda não tinha

visto.

— Com certeza.

Damien fechou o espaço entre nós e segurou meu rosto com as duas mãos beijando-me com desejo e impaciência. Eu deixei meus braços envolverem o pescoço dele, devolvendo a carícia de forma tão intensa quanto a dele.

Senti seus braços circularem a minha cintura enquanto nós caminhávamos pela intuição até a cama, caindo juntos no colchão macio. Damien colocou seu corpo sobre o meu e suas mãos seguraram o meu rosto. Minhas mãos subiram da cintura dele pelos seus ombros musculosos até chegarem ao seus cabelos. Então ele se afastou o suficiente para se livrar da sua camisa social, depois se apressou em me livrar do robe e da minha blusa preta. Seus olhos azuis encontraram os meus e ele sorriu depois de fitar minha lingerie preta de renda.

— Minha. — Ele murmurou e depois voltou a me beijar.

Eu o agarrei ansiosa para sentir sua pele nua sob meus dedos. Damien segurou o meu pulso esquerdo e colocou-o contra o travesseiro acariciando meu braço. Então se afastou mantendo seus olhos azuis nos meus.

— Quero guardar esse momento. — a voz dele saiu rouca e ofegante.

— Eu também. — respondi tão ofegante quanto ele e toquei sua mandíbula com a ponta dos dedos.

Damien sorriu e então eu me ergui um pouco e ele diminuiu a distância para apertar os lábios contra os meus. Ondas de prazer percorreram o meu corpo quando ele deixou meus lábios para distribuir beijos quentes pelo meu pescoço descendo para a clavícula e depois para os meus seios. Ansiosa para devolver as sensações que ele me causava, eu me apoiei em seus braços e me ergui para beijar seus ombros e apreciar o gosto dele.

Escutei-o grunhir diante das minhas carícias e Damien voltou a procurar a minha boca. Sua mão esquerda me segurava pela nuca e eu apertei as unhas contra a pele macia das suas costas. Então senti quando os dedos ágeis dele desfizeram o fecho do sutiã e ele o jogou pelo quarto voltando a me abraçar. Ambos gememos juntos ao contato pele á pele.

— Damien... — sibilei quando ele encostou sua testa no vale dos meus seios e apertou a sensibilidade de um deles nos lábios.

Minhas mãos subiram para a nuca dele e eu enrosquei meus dedos nos seus cabelos. Ele soltou uma risadinha e continuou a me provocar com sua boca e suas mãos. Deixei minha cabeça afundar nos travesseiros totalmente inebriada de prazer.

— Não se reprima, Darling. Venha comigo. — Ele pediu e se distanciou para se livrar do restante das suas roupas.

Então devagar e com seus olhos nos meus ele removeu o short do meu pijama, deixando-me somente de calcinha. Um sorriso malicioso apareceu nos lábios dele e ele se curvou para beijar-me sobre o único tecido que restava no meu corpo.

Perdi completamente a sanidade e me ergui jogando-o sobre os travesseiros para colocar o meu corpo sobre o dele.

— É assim que eu gosto. — Ele concordou sorrindo.

Sorri de volta sentindo-me subitamente segura e me curvei para beijá-

lo na boca. Em seguida beijei seu pescoço e depois seu peitoral, deslizando minhas mãos pelos seus ombros e pescoço. Damien suspirou e uma de suas mãos segurou a minha enquanto a outra me puxou pela nuca até sua boca de volta. Soltei uma gargalhada diante da impaciência dele e me aproximei para beijá-lo. Nós nos abraçamos e nos beijamos totalmente afoitos dessa vez.

Eu sentia algo crescendo no meu baixo ventre a cada toque e fiquei espantada com todas aquelas sensações. Nunca havia experimentado nada semelhante aquilo.

Damien colocou os dedos no cócs da minha calcinha e a arrastou enquanto se levantava comigo em seu colo. Passei as pernas pela peça sem desfazer nosso contato visual. Ele atirou a última peça pelo quarto e então sorriu enquanto se aproximava para me beijar. Eu coloquei minhas mãos no rosto dele e o beijei certa de que a expressão no meu

rosto era semelhante a dele.

De repente ele parou de me beijar e eu senti seus dedos abaixo das minhas costelas direitas. Damien desviou o olhar e fitou a pequena cicatriz causada á muito tempo. Então me olhou de volta, mas não disse nada. Ao invés disso me colocou na cama novamente e eu senti toda a extensão do seu corpo nu sobre o meu. Gemi atordoada quando senti os dedos dele na parte interna da minha coxa e em seguida na minha intimidade.

— Damien... — Me agarrei a ele pelos ombros.

— Estou lhe dando a oportunidade de sentir. — Ele pronunciou com voz rouca e com o olhar turvo de desejo. — Como você me pediu, Darling.

Seus dedos continuaram a me provocar com agilidade e eu pensei que fosse derreter nos braços dele devido á intensidade das sensações, mas quando eu estava prestes a delirar, ele se afastou e abriu a gaveta do móvel ao nosso lado. Logo depois ouvi o barulho de algo sendo rasgado e ele se ajeitou entre as minhas pernas, apoiando-se nos antebraços para me olhar.

— Já fez isso antes? — Ele tocou meu rosto.

— Uma vez. — falei e rejeitei as imagens que tentaram voltar a tona no meu consciente.

Damien então deixou sua testa encostar-se á minha. No momento seguinte eu o senti ganhar espaço dentro de mim. Devagar e trazendo junto arrepios de prazer que me subiam pela espinha. Minhas mãos procuraram as costas dele e um gemido saiu da minha garganta. Aquilo não podia ser apenas sexo. Eu não me lembrava de todas aquelas sensações tão vivas e intensas.

Instintivamente o agarrei com as minhas pernas e remexi meus quadris contra os dele. Damien gemeu

diante da minha reação e

investiu contra mim. Lento e profundo. Arrastando-me para a loucura.

— Oh... — gemi outra vez completamente sem fôlego. — Damien...

— Eu prometi que a faria ver estrelas. — Ele sussurrou e sorriu enquanto se movimentava mais uma vez.

Dessa vez minhas mãos subiram para a sua nuca e eu mergulhei meus dedos em seus cabelos escuros. Damien continuou a se movimentar ganhando cada vez mais ritmo e fazendo todo o meu corpo se contorcer de prazer embaixo dele. Os gemidos saíam da minha garganta cada vez mais altos e Damien ficava cada vez mais frenético ao ouvi-los.

De repente eu senti que estava me quebrando em milhares de pequenos pedaços. Todo o meu corpo convulsionou e eu soltei um grito agudo de prazer desfalecendo no colchão. Damien seguiu seu ritmo ainda uma última vez e depois se uniu a mim completamente quente e

satisfeito.

Eu podia sentir o coração dele batendo tão acelerado como o meu contra o meu peito e acariciei suas costas molhadas de suor ainda atordoada pelas sensações. Eu finalmente havia reunido coragem para descer da torre de proteção, mesmo diante de todas as consequências que aquela decisão poderia me trazer no futuro. Mas eu não me importava com mais nada. Cada segundo tinha valido á pena.

Capítulo 19: Se Você ficar

"Eu te disse as palavras e depois soube que era mentira. Queria poder oferecer algum recurso. Você está errada. Eu não pertenço." (Belong - Cary Brothers)"

Estava escuro, muito escuro. Mas eu sabia que havia mais alguém por perto porque escutei um choro baixo quebrando o silêncio do quarto.

Subitamente tomei consciência de que estava em uma cama e me levantei assustada. Minhas pupilas se acostumara á escuridão e eu percebi que estava no meu próprio quarto.

O choro se tornou mais alto e em seguida eu reconheci a voz esganiçada de Júlia atravessando as paredes do cômodo. Meu coração bateu acelerado e eu afastei os lençóis e saltei do leito á procura da minha irmã, mas quando estava na metade do corredor a casa não parecia mais a mesma. As paredes com tijolos em evidência estavam presentes de novo e eu senti um arrepio percorrer a minha espinha.

— Vadia! — Alguém gritou no cômodo a frente, tirando-me do transe momentâneo e me fazendo apertar o passo até a cozinha conhecida.

Mas quando eu entrei no cômodo, soltei um grito de pavor. Meu pai estava com o cinto de couro em uma das mãos e com a outra mantinha Júlia presa ao chão pelo pescoço que se debatia desesperada em busca de ar.

— Solte-a! — gritei e corri até ele. — Solte-a!

Lancei-me em suas costas, socando-o com os meus punhos numa tentativa desesperada de libertar Júlia das garras dele. Ele a soltou, mas se virou pronto para descontar seu ódio em mim. Com os olhos vermelhos e flamejantes, ele me segurou pelo braço e me atirou no chão com violência. Tentei me arrastar para longe dele, mas não consegui evitar o segundo golpe e ele acertou as minhas costelas com um chute fazendo-me engasgar de dor.

— Pai, não. — supliquei e encolhi meu corpo, transformando-me numa bola para me proteger dos golpes.

Ele não teve piedade e continuou a me agredir. Depois em um acesso de loucura, riu histericamente.

— Você é como ela, Ellen. — Ele cuspiu as palavras. — É como a sua mãe. Uma vagabunda.

Suas mãos agarraram meus cabelos, mas quando ele se abaixou para me olhar de perto foi o rosto de Damien que enxerguei.

Meu coração bateu descompassado e eu abri os olhos me deparando mais uma vez com a penumbra. Ainda com a adrenalina pulsando nas veias e com a respiração acelerada, eu descobri que era noite e que eu estava na suíte de Damien. Senti o braço dele sobre a minha cintura e compreendi que tudo não havia passado de outro pesadelo.

Então o choque inicial se transformou em lágrimas e a minha garganta se apertou fazendo-me soluçar na escuridão. Por um instante eu havia acreditado que era real. Que ele havia nos encontrado e que estava acontecendo de novo.

— Ellen? — Primeiro escutei sua voz sonolenta e depois ele se mexeu na cama. — Está tudo bem?

— Está. — murmurei baixinho. — Volte a dormir Damien.

Tentei fazer minha voz soar de forma convincente, mas assim que as palavras deixaram a minha boca, meus soluços se intensificaram como que para provar o contrário.

Damien voltou a se mover e depois eu senti seus braços me envolverem pelos ombros enquanto ele apertava minhas costas contra o seu peito.

— Me desculpe. — soluzei. — Não queria acordar você.

— Não se preocupe, Darling. Tente se acalmar e me conte o que está acontecendo.

Suas mãos acariciavam meus punhos com delicadeza e a voz dele tinha

um tom paciente que eu ainda não havia escutado em outra ocasião.

— Tive um pesadelo. Foi só isso. — Eu não queria fazer mais alarde. Era uma situação horrível para se ter em uma primeira noite.

Principalmente após uma primeira noite tão cheia de bons momentos como a que tivemos.

— O que você sonhou? — Ele insistiu encostando seu rosto no meu pescoço.

— Sonhei com o meu pai. — falei e me virei na cama para olhá-lo.

Também havia sonhado com ele, mas sabia que em parte, aquilo se devia a decisão que eu tinha acabado de tomar. Era o meu medo se recusando a desistir.

Damien ficou em silêncio por alguns segundos e a penumbra não me permitiu discernir a expressão que ele tinha no rosto. Pensei que, com sorte, ele também não enxergaria o meu semblante transtornado.

— Está tudo bem, Ellen. — Damien me puxou em direção ao peito dele e acariciou minhas costelas, no lugar onde estava a cicatriz.

— Tenho medo que ele nos encontre. — confessei baixinho enquanto deixava meus dedos percorrerem a sua pele quente. — Tenho medo de que aconteça de novo.

Ele não me respondeu e todo o quarto ficou silencioso. Devagar, a agonia no meu peito foi se desfazendo e o toque gentil de Damien me relaxou aos poucos até que eu começasse a me sentir sonolenta de

novo. Mas antes de voltar para o meu inconsciente escuro, pensei tê-lo ouvido falar mais uma vez.

— Ninguém vai machucar você Darling. Eu prometo.

Acordei devagar, com os sentidos me envolvendo aos poucos. A primeira coisa que percebi foi o perfume dele. Estava por todo lado na cama, marcando os lençóis e também a minha própria pele. As imagens da nossa noite voltaram a minha mente primeiro. De alguma forma, eu sabia que aqueles seriam momentos que eu guardaria para o restante dos meus dias. A forma como ele me tocou. Como seus olhos azuis me fitaram com carinho e como ele sorriu a cada vez que nos beijávamos.

Então eu me lembrei do pesadelo horrível e depois da forma carinhosa como ele me tratou e me acalmou.

Talvez eu estivesse errada sobre Damien no início. Tive um vislumbre do seu verdadeiro coração na noite de ontem e era mais bonito do que eu poderia ter idealizado. Ainda com os olhos fechados, estiquei o braço na cama, mas não encontrei o seu corpo quente como esperava. Abri os olhos e confirmei que ele não estava mais no leito. No entanto, quando ergui minhas costas para me sentar, escutei a porta do banheiro se abrir e Damien saiu de lá com uma toalha branca enrolada na cintura e com os cabelos úmidos.

— Voltamos para o Brasil á noite. — Ele caminhou até a cômoda e

pegou as roupas que estavam separadas sobre ela. — Mas sairemos para Buenos Aires hoje pela tarde. Então esteja preparada.

— Tudo bem. — murmurei.

Observei-o se vestir com agilidade sem me lançar um único olhar e subitamente compreendi que o clima não estava tão bom como deveria.

Um pressentimento ruim pesou meu coração. Será que ele ficara irritado pela minha crise de choro

durante a noite? Mas ele fora tão carinhoso e paciente. O que estava acontecendo?

— Damien, está tudo bem? — perguntei tímida. — Me desculpe por ontem a noite, eu...

— Eu não vou ficar para o café e também não voltarei para o almoço. —

Ele me cortou seco e o meu coração se apertou no peito. — Então não espere por mim.

— Eu... Eu fiz tudo errado, não foi? — Comecei a me sentir idiota por ter perguntado aquilo assim que a minha boca se fechou. — Eu não queria ter acordado você no meio da noite. Eu... — gaguejei me sentindo cada vez pior. — Me desculpe.

Puxei o lençol até o queixo e me encolhi fixando meu olhar nos meus joelhos sob o lençol para segurar as lágrimas.

— Nós conversaremos depois. — Ele terminou de ajeitar o relógio e então saiu do quarto fechando a porta.

Fiquei quieta, olhando para a porta fechada enquanto sentia todos aqueles bons momentos escaparem de mim pouco a pouco. A voz na minha cabeça me acusando outra vez por ter sido tão ingênua. Por ter me permitido em algum instante acreditar que poderia ser real. Ele sequer me olhou. Tinha sido ainda pior do que antes. Senti uma lágrima quente descer pela minha bochecha, mas limpei-a no momento seguinte com as costas da mão.

Eu não ia chorar. Recusava-me á esse papel de vítima. Eu tinha feito a minha escolha baseada na minha perspectiva e não na dele. Não me importava o que Damien pensava de mim, mas sim o que eu pensava sobre mim mesma e eu era forte. Fui criada para ser forte.

Afastei o lençol do meu corpo e agarrei o robe preto caído ao lado da cama. Então enrolei meu corpo nele e comecei a recolher minhas roupas no chão. Depois deixei a suite dele e caminhei para a minha.

Assim que cheguei, deixei as roupas na cama e fui para o banheiro.

Resolvi colocar a banheira em funcionamento e fiquei sentada na borda esperando que a água a enchesse.

Damien com certeza encerraria o nosso acordo agora. Não havia mais motivos para sustentar tudo aquilo quando ele já havia conseguido o que queria. Mas também não havia mais problemas. David estava bem e tudo o que eu precisava agora era voltar para a minha vida. Voltaria

para a lanchonete e tentaria reatar os estudos uma vez que as dívidas estavam pagas e tudo ficaria bem. Tudo ficaria melhor. E talvez eu até encontrasse um alguém que pudesse me amar de verdade e que me aceitasse pelo que eu era.

Fechei a torneira quando a água atingiu a marca desejada e despejei alguns sais de banho que estavam próximos a borda. Então me separei do robe e mergulhei na água morna que me relaxou instantaneamente.

Eu aproveitaria o resto da minha estadia na ilha. Iria á praia e nadaria um pouco e tentaria esquecer qualquer coisa que me parecesse desagradável.

Estava tudo bem. Ficaria tudo bem, prometi a mim mesma com veemência. Eu ainda estava inteira e tudo aquilo havia chegado ao fim com o único desfecho possível.

Não foi uma boa viagem até Buenos Aires, mas também não fora demorada. Quando chegamos á capital argentina o tempo não era dos melhores e um temporal se aproximava. Damien fez reservas para nós dois em um hotel de luxo para ficarmos abrigados até a hora do voo que partiria á noite.

Santiago e Teresa vieram se despedir de nós pouco antes do voo de helicóptero e nos fizeram prometer que voltaríamos. Nós respondemos

cordialmente, embora eu soubesse que não voltaria mais a vê-los.

Damien com certeza voltaria. Ao que me parecia, as coisas tinham corrido bem e ele fecharia o negócio que tanto queria com Santiago.

Tinha sido um bom final de semana para ele.

Eu não tentei conversar com Damien e nós nos falamos apenas quando necessário durante o trajeto de carro por Buenos Aires. Estava aflita para chegar em casa, chegar ao Brasil e me afastar dele. Queria comprar sorvete e assistir Top Gun na minha sala pequena e segura. Então tudo aquilo não passaria de um sonho distante que vai se apagando com o passar do tempo.

Quando chegamos ao Hotel, pouco depois das três, Damien me ajudou a descer do carro, mas não tentou me abraçar pela cintura como sempre fazia. Nós caminhamos pelo Lobby e Damien conseguiu as nossas chaves. Um rapaz sorridente se dispôs a levar nossas malas.

Somente quando chegamos ao andar onde ficaríamos é que percebi que ele havia reservado apenas uma suíte e que ficaríamos juntos até o cair da noite.

Não quis contestar e apenas aceitei o fato, entrando na suíte. Lá dentro estava quentinho, contrastando com os ventos e o frio cortante do dia nublado lá fora. Percebi que parte do calor se devia á lareira elegante no centro da sala. Havia também dois sofás de um tom marrom alaranjado, cortinas vermelhas pesadas e um espesso tapete

felpudo no chão. Tudo dava um certo clima romântico e eu percebi como a situação era irônica.

— Eu vou ficar aqui. Tenho alguns documentos para organizar. —

Damien falou de forma impessoal enquanto fitava o relógio. — Pode ficar com o quarto.

— Obrigada pela generosidade. — respondi e não consegui esconder o sarcasmo na minha voz.

Virei-me para sair e então senti a mão dele segurar o meu braço.

— Temos de conversar. — Ele suspirou. — Isso está indo longe demais.

— Nisso você tem razão. — soltei-me dele. — Eu fui até o seu quarto e dormi com você porque eu quis,

mas você não precisa se preocupar Damien. Não vou ficar te perseguindo ou coisa parecida. Apenas gostaria de um pouco de respeito, mas acho que isso não está dentro do meu contrato de prostituta de luxo, não é?

Damien me encarou assombrado, mas eu não deixei que ele se pronunciasse. Caminhei para o quarto e fechei a porta. Eu estava cansada, mas também estava irritada com aquele tratamento que ele vinha direcionando a mim durante todo o dia. Eu nunca havia me sentido tão mal. Ele estava lidando comigo como se eu fosse um maldito objeto, mas aquele objeto inútil que já não serve para mais nada e que todos querem se livrar.

Tirei o casaco que estava vestindo e me sentei na cama tentando me acalmar.

Por Deus, o que eu estava fazendo? A culpa não era dele. A culpa era minha.

Damien não escondera em nenhum momento suas intenções.

Ele sempre fora honesto com o que esperava de mim. Eu cedi porque quis. Fui com as minhas próprias pernas até o quarto dele e pedi que ele me levasse para a sua cama. Então porque eu tinha acabado de fazer aquele papel ridículo diante dele? Tinha de levar as coisas como prometi á mim mesma. Era apenas um contrato que havia chegado á data de rescisão.

Levantei-me da cama e procurei pela minha bolsa. Encontrei minha carteira no fundo dela e saí do quarto novamente. Damien também tinha se livrado do casaco e estava sentado no sofá com o notebook apoiado na mesa de centro de cor escura. Assim que percebeu a minha presença, ele fechou o computador e se levantou.

— Vai sair? — Ele falou assim que percebeu a carteira nas minhas mãos.

— Me desculpe pela cena. Não vai acontecer de novo. — Ignorei a pergunta dele e dei um passo adiante.
— Você não está agindo de forma errada. Eu estou. Sabia como seriam as coisas desde que o procurei no escritório.

Damien deu um passo na minha direção.

— Temos de conversar sobre isso, Ellen. Sobre o contrato. — Ele suspirou. —

Eu nunca escondi de você como as coisas seriam. Não podemos. Eu não posso.

— Claro que não pode. Não sou bem o que se parece uma namorada de milionário. — Tentei soar sarcástica, mas senti as lágrimas encherem os meus olhos. Eu sabia que nunca seria o suficiente para alguém como Damien. Abri a carteira e peguei o cartão de crédito que ele havia me dado, colocando-o sobre a mesa. — Está aqui. Tenho de alertá-lo sobre uma fatura um tanto alta nele, mas você pode descontar do dinheiro do acordo e não precisa me pagar mais nada, apenas me leve para a casa.

— Ellen..

— Você tem razão. — apertei os lábios e o encarei. Minhas vistas começavam a se embaçar pelas lágrimas. — Isso já foi longe demais.

Agora vou deixar que termine o seu trabalho.

Virei-me e comecei a caminhar em direção á saída da sala, mas ele me segurou pelo braço.

— Espere.

— Me deixe ir, Damien. — suspirei não querendo chorar na frente dele e mantive meus olhos no chão.

Damien me virou na direção dele.

— Eu não posso prometer o que você quer, Ellen.

Não levantei o rosto para olhá-lo.

— Não quero que me prometa nada, Damien. Eu apenas quero que me deixe ir. — engoli as lágrimas. — Não posso mais lidar com isso. Não posso.

Não consegui mais contar as lágrimas e senti quando elas rolaram pelas minhas faces bem ali na frente dele. Desesperada, tentei me livrar das mãos que seguravam meus pulsos.

— Me deixe ir. — supliquei. — Me deixe ir, Damien.

De repente, ele me surpreendeu abraçando-me forte contra o seu peito.

— Por favor... — sussurrei contra a camisa dele perdendo as forças.

— Não posso. — Ele falou baixinho. — Não posso deixar, Ellen.

Comecei a soluçar sentindo-me fraca e vulnerável. Eu tinha prometido á mim mesmo que seria forte. Não era aquela cena que eu imaginei.

Queria conseguir sair de toda aquela situação com a minha dignidade intacta.

Damien afastou o meu rosto do peito dele e segurou meu rosto com as duas mãos. Secando as minhas lágrimas.

— O que eu estou fazendo com você, Darling? Eu a machuquei. — Ele parecia atordoado. — Sei que devo deixá-la ir, mas eu não consigo.

Droga. Não sei mais o que estou fazendo, Ellen. Eu não sei.

Seus olhos azuis estudaram os meus e de repente sua boca estava na

minha, fazendo-me esquecer de qualquer outra coisa que não fosse o calor e a experiência de seus lábios. Levei minhas mãos a nuca dele beijando-o com todos os sentimentos que eu estava guardando desde quando o dia amanheceu. Ele me beijou de volta, suas mãos apertando a minha cintura e deslizando seus dedos para me acariciar sob o tecido.

Mas eu precisava demais. Queria levar aquilo comigo quando partisse.

Num gesto impulsivo, deixei minhas mãos descerem para a barra da camisa dele e puxei-a instigando-o a tirá-la. Damien entendeu o que eu queria e me ajudou a despi-lo. Então suas mãos enrolaram-se na minha blusa de mangas longas e ele a tirou de mim. Depois voltou a me abraçar beijando-me afoito.

Seria a nossa despedida.

Suas mãos grandes me puxaram com agilidade para o seu colo e eu coloquei minhas pernas em torno do seu quadril. Logo depois fui colocada no sofá em meio as almofadas macias. Eu me arrastei para a ponta oposta do estofado. Damien puxou o restante das roupas que eu usava e também se livrou das suas, pegando um pacote prateado na sua carteira. Então finalmente se uniu a mim no sofá. Seu corpo quente abraçando o meu e me fazendo delirar.

Segurei o rosto dele com as duas mãos procurando guardar todos os traços do seu rosto tão belo. Eu preferia guardar somente os momentos

bons, como aquele. Quando seu olhar sobre o meu corpo era admirado.

Quando nada mais parecia existir além de nós dois. Damien beijou todo o meu corpo devagar, adorando cada centímetro de pele e me fazendo estremecer a cada toque.

Deixei-me levar pelo momento, concentrando-me em todas as sensações que ele me despertava. Concentrando-me no seu cheiro e na maciez de seus cabelos. Damien procurou a minha boca e me beijou sorvendo tudo de mim. Então seus dedos se fecharam sobre o meu joelho esquerdo e ele colocou minha perna sobre o seu quadril. Ele deixou de me beijar e me encarou com seus olhos azuis cheios de desejo.

Coloquei meu braços em torno do seu pescoço e puxei o seu rosto para mim beijando seus lábios, dessa vez, com suavidade. Damien colocou uma das mãos no meu rosto e seu dedo indicador acariciou meus lábios.

Então eu o senti nos uni em um só. Arfei e gemi ao mesmo tempo atacando os lábios dele mais uma vez. Ele me abraçou e seus lábios pronunciaram o meu nome diante do meu rosto. Eu também chamei por ele enquanto nos perdíamos um no outro até chegarmos ao ápice do prazer e então caímos juntos no estofado macio.

Beijei o ombro dele e encostei minha bochecha em sua pele quente.

Mantendo meus olhos fechados e respirando fundo. Quando as batidas

do meu coração começaram a se acalmar, Damien se levantou e ficou apoiado nos antebraços, observando-me atentamente. Mas ele não disse nada quando saiu do meus braços e se sentou no sofá. Pensei ser aquele o sinal para a minha retirada.

Os bons momentos, Ellen. Apenas os bons momentos.

Apoiei-me nos cotovelos e comecei a me levantar para sair.

— Fique. — A mão dele segurou o meu punho quando eu comecei a recolher minhas roupas.

— O que? — repeti sentindo o meu coração bater mais forte.

Damien me puxou para perto dele e segurou meu rosto, encostando sua testa na minha.

— Não posso prometer nada, Ellen. Não restou muito dentro de mim para que eu possa lhe prometer, mas mesmo que duvide, você foi a melhor coisa que me aconteceu em anos e eu não posso deixá-la ir. Não posso perdê-la. — Ele se afastou para me olhar.

— Damien... — Sua declaração me pegou totalmente de surpresa.

Segurei o rosto dele e então tive uma lembrança parecida com um sonho. Ele já me prometera alguma coisa. Na noite passada quando me abraçou depois do pesadelo, mas agora eu não conseguia saber se havia sido sonho ou realidade.

— Tudo isso é muito novo para mim porque eu não pertencço, não sei

pertencer. Também não sabia o que era sentir de verdade até a noite passada, mas você me ensinou Ellen. — Suas mãos subiram pelos meus pulsos acariciando-os. Seus olhos se fixaram nos meus. — Eu sei que o meu pedido é egoísta porque não posso lhe oferecer muita coisa e você tem todo o direito de recusá-lo e seguir sua vida quando chegarmos ao Brasil, mas ainda sim peço que reconsidere. Se você ficar...

— Eu fico. — respondi incapaz de deixá-lo terminar a frase com medo de que tudo aquilo fosse algum sonho bom e que escapasse de mim num choque de realidade.

— O que? — Ele me olhou parecendo incrédulo.

— Eu fico, Damien. — toquei a mandíbula dele com carinho. — Eu só coloco uma única condição.

— Qual é Darling?

— Que seja sincero comigo quando perceber que isso deve acabar, como está sendo agora. Não vamos ser desonestos um com o outro.

Não vamos fazer falsas promessas.

Damien sorriu e desviou suas mãos para a minha nuca trazendo meu rosto para perto do dele enquanto sorria.

— Eu aceito. — Ele assentiu e selou nossos lábios.

Então suas mãos agarraram a minha cintura e ele me colocou no estofado mais uma vez. O sorriso estava em seus lábios e também no

azul de seus olhos e a expressão no meu rosto devia copiar a dele.

— Não será como antes. — Ele garantiu depois de me beijar. — Vou tratá-la como merece ser tratada, Darling.

— Isso quer dizer que vamos fazer amor toda noite? — perguntei sorrindo.

Damien sorriu torto e cheio de malícia.

— Todas as tardes, manhãs e noites. — Ele deixou seu polegar acariciar a minha boca. — E quando acordar pela manhã não vai ter que lidar com alguém que irá magoá-la. Não vou mais me esconder de você, Ellen.

Eu sorri e assenti com a cabeça, emocionada por sentir que ele realmente começava a confiar em mim. Envovi os braços em torno dele e o abracei. Damien me abraçou de volta e beijou a curva entre o meu ombro e o meu pescoço.

Naquele momento eu não sabia se estava fazendo o melhor para mim mesma e o meu coração, mas tinha a convicção de que aquele era o melhor para nós dois. Talvez Damien e eu estivéssemos apenas piorando a situação, cada um em prol de seus próprios motivos, mas eu não queria pensar no desfecho que tudo aquilo teria. Tinha escolhido ficar com ele porque não havia mais como mentir para mim mesma depois de todos aqueles momentos juntos. Meu coração batendo descompassado no peito naquele momento era a mais marcante das

evidências. Eu tinha me apaixonado por Damien.

Capítulo 20: Ungly Heart

“Mas estou te segurando mais perto do que nunca. Porque você é o meu paraíso.” (A drop in the ocean - Ron Pope)”

As mãos de Damien deslizavam pelos meus braços causando arrepios suaves na minha pele a cada toque de seus dedos ágeis. Seus lábios voltaram a atingir o meu pescoço e ele espalhou beijos quentes pela minha pele. Procurei-o com as minhas mãos, moldando seus bíceps perfeitos com os meus dedos e subindo por seus ombros para alcançarem os cabelos da nuca dele. Seu tórax quente estava sobre o meu nossos corpos estavam envoltos pelo fino cobertor azul escuro.

Ofeguei e gemi quando Damien desceu seus lábios pela minha clavícula e começou a me provocar com mordidinhas suaves ao redor do ponto sensível nos meus seios. Delirei por alguns instantes e deslizei as mãos pelo colchão apertando o lençol entre os dedos. Parecia que melhorava a cada vez que começávamos.

Damien se afastou com um sorriso e se apoiou nos antebraços, mas de repente, suas sobrancelhas se uniram e ele pareceu preocupado.

Mas eu não estava conseguindo me concentrar em perguntar o que era.

Não quando ele estava tão perto e quente sobre mim. Aproveitei o momento e também me ergui apoiando-me com a minha mão direita na sua nuca

para distribuir beijos pela sua mandíbula.

— Parece tarde. — Escutei-o falar.

— E o que tem? — continuei a apreciar o perfume em sua pele. Agora devolvendo as mordidinhas pelo pescoço dele.

— Acho que perdemos o avião, Darling. — Seus olhos azuis me encararam com a sombra de um sorriso.

— O que? — subitamente compreendi o meu descuido.

Soltei-o e me virei no colchão em busca do meu celular sobre o móvel ao lado da cama. Liguei-o para fitar o relógio e soltei um grito.

— Oh meu Deus não! — puxei o cobertor para cobrir o meu corpo. —

Não vamos conseguir chegar no aeroporto á tempo Damien!

Lancei minhas pernas para fora da cama para começar a reunir minhas roupas no chão do quarto apressada. Como eu podia ter sido tão irresponsável?

— Foi por uma boa causa, my bunny.

Olhei para Damien já vestido com sua calça preta e com um sorriso maroto nos lábios. Peguei a camisa branca que eu mesma havia arrancado dele depois da nossa tentativa de um banho juntos e atirei contra o seu peito.

— Pare de rir e me ajude. — Mas eu também já estava sorrindo para ele.

Damien segurou a camisa e caminhou até mim enquanto colocava seu relógio no braço.

— Não se preocupe. Temos tempo. — Ele ergueu o pulso. — Embora eu preferisse continuar aqui para sempre.

Ele sorriu e seus polegares roçaram os meus ombros com delicadeza.

Sorri de volta e assenti com a cabeça, afastando-me dele em busca das minhas lingeriees que Damien havia atirado pelo quarto em meio aos nossos momentos afobados.

Suspirei aborrecida.

— Acho que perdi minha lingerie. — abracei-me com o braço esquerdo e coloquei minha mão direita no quadril.

— Está aqui. — Damien me segurou pelo pulso direito fazendo-me olhá-lo. Ele tinha a minha calcinha rendada nas mãos e eu senti minhas faces arderem na mesma hora.

Estendi a mão para pegá-la, mas Damien a tirou do meu alcance.

— Pensando bem, vou ficar com ela.

— O que? Me devolva! — tentei recuperar a peça ficando na ponta dos pés e avançando sobre ele, mas tudo o que consegui foi ser envolvida pelos braços dele.

— Será a minha prova de que tudo isto aconteceu. — Ele sorriu malicioso e então ergueu uma sobrancelha ficando sedutor.

Semi cerrei as pálpebras fingindo desconfiança, mas não resisti e soltei um sorriso.

— Ladrão. — repliquei fazendo-o gargalhar. Então voltei a me erguer na ponta dos pés e beijei seus lábios rapidamente. — Vou tomar banho.

De verdade agora.

E antes que ele se curvasse sobre mim e terminasse por me fazer cair em tentação, eu me esquivei dele. Tomei um banho não muito demorado, devido ao tempo curto e sequei meus cabelos para prende-los num coque. Fitei meu rosto no espelho e sorri enquanto passava um pouco de maquiagem. Era surreal pensar que no espaço de horas minha

relação com Damien havia se transformado profundamente e eu não era hipócrita para fingir que aquilo não me alegrava.

Ele não era nada do que imaginei que seria e as imagens que aconteceram na manhã logo se apagaram da minha mente. Damien havia sido carinhoso e paciente em todos os nossos momentos.

Descobri também que ele tinha um bom humor. Irônico, na maioria das vezes, mas que sempre me fazia rir. E todas aquelas pequenas coisas recém descobertas apenas reforçavam o sentimento crescendo dentro de mim.

Suspirei e fixei meus olhos numa mecha solta do meu cabelo, colocando-a atrás da orelha. Eu sabia que por certo estava cometendo um erro, mas já era tarde e eu não queria voltar atrás. Eu cuidaria dos problemas quando eles aparecessem. Quando Damien fosse embora e me deixasse, eu não faria escândalos. Cuidaria do meu coração sozinha e sem queixas. Não o sobrecarregaria com expectativas que ele sempre disse que não poderia cumprir. Mas enquanto durasse, eu aproveitaria cada segundo de nós dois.

Empurrei a porta e saí do banheiro. Quando cheguei ao quarto encontrei Damien vestido e com os cabelos úmidos.

— Tomou banho? — coloquei minha necessaire sobre a mala.

— Sim. — Ele deixou de verificar o celular e o guardou no bolso enquanto se aproximava. — Consegui uma outra suíte ou não

chegaríamos a tempo.

— Está me dizendo que pagou por outro quarto apenas pelo banheiro?

— perguntei quando ele tocou meu rosto.

Damien deu de ombros.

— Você está linda.

Sorri acanhada quando seus olhos vasculharam meu rosto.

— Obrigada.

— Está pronta para voltar? — Seus dedos correram pelo meu pescoço e me acariciaram a clavícula.

— Estou. — olhei pelo quarto e notei a cama desorganizada. — Foi uma viagem inesquecível.

— Foi. — Damien sorriu e se aproximou para me beijar. — E eu espero que não seja a última.

— Diga-me o que acha. — Damien me surpreendeu colocando seu computador sobre os meus joelhos quando estávamos na cabine da primeira classe retornando para o Brasil.

— O que? — olhei para a tela cheia de cores á minha frente confusa.

— Estes são os próximos projetos pelo qual somos responsáveis. As plantas são de um resort nas ilhas Maldivas e foram criados por arquitetos da minha filial em Nova York. — Ele explicou.

— Você quer...

— A sua opinião. — Ele concordou. — Afinal, é quase uma arquiteta.

Sorri e me senti nervosa ao mesmo tempo. Eu era apenas uma aspirante a arquiteta e Damien queria a minha opinião em um grande projeto da empresa. Segurei o computador sentindo minhas mãos frias e comecei a analisar o trabalho. Era uma visão tridimensional do novo resort, mostrando suas áreas com design moderno e luxuoso. Soltei um suspiro encantada.

— É lindo. — pensei em mexer no computador para mudar o ângulo do projeto, mas hesitei.

— Analise Darling. — Damien colocou a mão sobre a minha e me ajudou a usar o programa.

Ele me mostrou cada parte e falou sobre elas. Também me pediu e ouviu todas as minhas opiniões sobre as futuras instalações. Algumas ele colocou como observações no próprio projeto para levar ao seu conjunto de arquitetos.

— Vai mesmo levar isso á sua diretoria? — perguntei depois que ele desligou o computador.

— E porque não? São boas ideias. Você tem talento para isso, porque não termina o curso? — Damien segurou a minha mão e a acariciou.

— É muito complicado. Minhas rendas são a base do orçamento da

minha casa e David e Júlia são as minhas prioridades. Eu ainda pretendo voltar para a universidade, um dia, mas no momento não tenho como encaixá-la na minha vida. Não tenho tempo. — falei e sorri resignada.

Eu sentia falta dos estudos, mas amava muito mais os meus irmãos e garantiria a oportunidade deles.

— Você estava prestes a se formar. — Damien pareceu pensativo.

— Dois semestres. — concordei.

— Posso custeá-los para você. — Ele falou de repente e fixou seus olhos nos meus.

— O que?

— Se o problema são os custos, posso cuidar disso, Ellen. — Damien sorriu satisfeito.

— Não, Damien. Isso está fora de cogitação. — procurei ser firme, mas depois abrandei a voz. — Além disso, não são os custos o foco. Eu consegui cuidar de mim durante oito semestres e tenho uma bolsa integral. O meu tempo é que vem sendo muito restrito e os últimos semestres são os mais complicados.

— Isso porque você trabalha demais. — Damien soltou a minha mão parecendo aborrecido.

— Vindo de alguém que quase não trabalha. Certo? — acariciei a mandíbula dele e sorri. — Um dia eu vou conseguir voltar. — garanti. —

Mas você não precisa se preocupar. Eu consigo cuidar de tudo Damien.

— Mas não pode cuidar de tudo e de si mesma, não é? — Damien segurou a minha mão. — Merecia viver seus sonhos Darling. Não é justo.

— Não é. Mas ninguém disse que seria. — consolei-o. — Veja você.

Possui muitas coisas. É dono de coisas que a maioria de nós nunca terá nem em sonhos, mas eu vejo como isso pode ser uma faca de dois gumes. Sempre está preocupado e com trabalho para fazer. Vai á todos aqueles eventos, mesmo quando queria somente descansar um pouco.

As coisas também não são fáceis para você Damien, mas ainda está aqui e não desiste.

Ele me olhou por alguns instantes.

— E nem você. — Concordou por fim.

— Nem eu.

Damien sorriu e assentiu com a cabeça.

— Por isso asseguro a você que encontrarei uma maneira de ajudá-la.

— Olhei para ele confusa. Ele puxou a minha mão e encaixou nossos dedos. — Não posso lhe oferecer coisas que não tenho, Ellen, mas há outras coisas que posso fazer por você.

— Damien, você não precisa fazer nada por mim.

— Claro que tenho. Não fui gentil com você, Ellen. Desde o nosso primeiro encontro, mas agora as coisas serão melhores. — Ele sorriu

torto. — Porque não conheço outra garota que dormiria em cima dos meus papéis depois de passar a madrugada separando-os em pilhas.

Sorri de volta lembrando-me dos nossos momentos no escritório.

— Aquilo não foi grande coisa. — separar papéis. Qualquer um com meio cérebro poderia fazer aquilo.

— Está errada. Para mim foi uma grande coisa. Por isso vou assegurar que consiga realizar seus sonhos Ellen.

— Damien...

— Alguém me disse uma vez, quando eu assegurei que poderia resolver tudo sozinho, que talvez fosse hora de um pouco de ajuda. — Ele me lembrou fazendo-me engolir o protesto. Damien riu baixinho. —

Agora eu entendo e tenho mais a dizer: Não significa que você falhou, Darling.

Significa que tem quem se importe.

Fiquei perplexa por um instante. Então ele estava dizendo que se importava? Comigo?

— Agora que tal dormirmos um pouco. — Ele me puxou abraçando meu corpo pela lateral. — Quando chegarmos ao Brasil terei mais alguns papéis para separarmos juntos.

Damien sorriu malicioso e eu soltei uma pequena gargalhada.

— Sei. — aconcheguei-me no peito dele. — E são muitos papéis, senhor Mason?

— São. — ele acariciou o meu braço e beijou o meu ombro. — É

provável que tenhamos que usar a minha cama para termos mais espaço. — gargalhei mais uma vez. — Mas talvez possamos tentar algo no meu escritório. Nunca fiz nenhuma extravagância no meu local de trabalho.

O relógio na plataforma marcava dez horas quando finalmente chegamos ao Rio de Janeiro. Damien estava certificando a nossa

bagagem e eu estava tentando falar com Arianna, mas a ligação caía direto na caixa postal, deixando-me cada vez mais preocupada.

— Está tudo indo para o carro, Darling. Tom já está á nossa espera. —

Damien me avisou quando parou ao meu lado.

Não o olhei e desliguei o celular.

— Preciso ir para a casa. — fitei-o já imaginando a sua reação.

— Agora? Não. Não vou deixar que vá para casa hoje a noite, Ellen. —

Ele pareceu ofendido com o meu desejo.

— Não queria ir Damien. Preferia ficar com você, mas preciso porque tenho que ver o meu irmão...

— Seu irmão? — Damien pareceu confuso.

— Sim. — respondi rápida. — Tenho responsabilidades com eles, você sabe.

Ele me olhou por alguns momentos. Eu não estava mentindo dessa vez, mas também não havia dito toda a verdade. Não havia falado sobre o hospital. Estava com medo de que a notícia pudesse causar alguma reação negativa em Damien e destruir tudo o que conseguimos construir na Argentina, mas ao mesmo tempo estava agoniada para ver David.

— Tudo bem. — Ele falou por fim.

— Desculpe. — pedi e segurei o queixo dele fazendo-o me olhar. —

Ainda não volto para o trabalho amanhã.

Ele sorriu na mesma hora.

— Isso é uma proposta? — seu polegar acariciou o meu queixo.

— Depende. Você está disposto a aceitar?

Damien me abraçou e seu sorriso se alargou.

— Todas as manhãs, tardes e noites. Como eu disse antes. — Ele sussurrou no meu ouvido e beijou a minha orelha para depois se afastar. — Vou afastar todos da casa amanhã e deixarei os diretores para resolverem os problemas na Imperium.

— Está se tornando irresponsável, senhor Mason. — acusei-o.

— Talvez. — Ele sorriu e me beijou rapidamente. — Posso ao menos levá-la para casa?

Meneei com a cabeça negativamente.

— Tom não pode subir na periferia com aquele carro importado.

Chama atenção demais. — Ele suspirou aborrecido. — Vou de táxi.

— Não. Não posso concordar com isso. Deixá-la sair pelo Rio de Janeiro sozinha á essa hora.

— Não é tão tarde e eu conheço essa cidade como a palma da minha mão, Damien. Sei onde estou andando e ligo para você quando chegar em casa. Não seria a primeira vez.

— Não concordei com a primeira. — Ele me fitou realmente zangado.

— Não vamos brigar, por favor. — pedi.

Ele apertou os lábios visivelmente nervoso, mas balançou a cabeça em concordância. Então segurou a minha mão.

— Nunca consegui controlá-la. — Ele afastou uma mecha de cabelo do meu ombro.

— Não. Mas você gosta disso. — sorri convencida.

Damien sorriu e ergueu as duas sobrancelhas surpreso com a minha resposta.

— Às vezes. — Ele confessou. — Agora gostaria de ser capaz de fazer-la vir comigo, por exemplo.

— Minhas coisas podem ir com você. Tudo o que preciso em essencial está na minha bolsa. — passei a mão pela alça segura na curva do meu cotovelo. — Amanhã nos encontramos.

— Tudo bem. Amanhã. — Ele não conseguiu esconder a insatisfação.

Sorri e puxei o seu rosto para perto do meu. Damien levou uma das suas mãos à minha nuca e seus lábios encontraram os meus. Cada um daqueles beijos fazia o meu coração bater como um louco dentro do meu peito. Eu sentia que a cada toque, uma parte da minha alma era mais dele do que minha.

— Vou conseguir um táxi para você.

Ele segurou a minha mão e nós caminhamos juntos até a calçada do lado de fora do aeroporto. Consegui ver Tom à certa distância e acenei para ele enquanto Damien conseguia um taxista.

— Já paguei o motorista. — Damien me informou e eu fiz uma careta que ele ignorou. — Ligue assim que chegar. E amanhã, vou buscá-la pessoalmente. — Ele falou depois de abrir a porta do carro.

— Não é preciso, posso ir de ônibus... — Me calei quando percebi que era hora de ceder um pouco. — Vou esperar por você.

— Sem carros que chamam atenção. — Ele sorriu.

— Isso. — aproximei-me para beijá-lo. — Eu... — Amo você. Completei em pensamento, mas reprimi as palavras. — Eu vou sentir saudade.

Damien acariciou as maçãs do meu rosto.

— Eu também.

Ele me beijou uma última vez e eu finalmente entrei no carro. Acenei para ele e

o automóvel deu a partida. Assim que me vi longe da visão de Damien senti meus olhos cheios de água. Era tudo incrível, mas eu sabia que toda aquela felicidade vinha com um prazo e que quando ele terminasse, meu coração iria se quebrar.

— Para o hospital na Barra, senhor. — O homem me lançou um olhar pelo retrovisor.

— Não foi esse o endereço que seu namorado me passou. — Ele parecia confuso.

— Ele não é meu namorado e o endereço está errado.

Cheguei ao hospital nervosa. O caminho todo ligando para Arianna e eu não havia obtido nenhuma resposta. Antes de deixarmos a Argentina ela me garantira que estava tudo bem, mas quando eu tentei ligar ao pousarmos no Rio de Janeiro, ela não me atendera. A sensação de culpa estava crescendo de novo dentro de mim e esmagando o meu estômago.

Você não devia tê-lo deixado. Foi egoísta.

Minha mente me acusava enquanto eu caminhava para a recepção, mas quando cheguei lá não havia ninguém. Antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, no entanto, ouvi a voz esganiçada de Arianna.

— Ellen! — Ela estava atrás de mim e com o rosto molhado por lágrimas.

— Ary! — meu coração acelerou instantaneamente diante da cena.

Ela não me disse nada, apenas correu e me abraçou apertado.

— Não consegui cuidar dele, Ellen. Eu sinto muito. — Arianna soluçou no meu ombro e eu senti minhas pernas bambearem quando o pressentimento se tornou realidade. — David está no CTI.

— O que? — repeti confusa.

— Venha. — Arianna me segurou pela mão e me puxou para dentro do hospital apressada.

Meu corpo todo começou a ficar dormente e a imagem dos enfermeiros e médicos nos corredores não passavam de borrões para mim. Nós entramos em um elevador e subimos em silêncio. Eu não conseguia falar nada e minhas mãos começavam a tremer, quando chegamos ao andar da terapia intensiva eu vi meus tios e Júlia sentados nas cadeiras de espera.

— O que aconteceu? — minha voz saiu num fiapo e minha tia se levantou vindo na minha direção.

— O quadro de David sofreu alterações rápidas. — Ela me abraçou.

— E como ele está, tia? — afastei-a ansiosa. Todos sabiam que somente casos graves iam parar no CTI.

— Ele... Ele... — Então minha tia me soltou e começou a chorar totalmente desesperada.

— Ele vai ficar bem querida. Ele vai. — Tio Louis a envolveu num abraço.

— É a responsável pelo garoto? — Um médico diferente do que sempre nos atendia se aproximou de mim. Este era louro e tinha olhos sérios.

— Sou sim. — meus olhos começaram a arder.

— Venha comigo.

Ele se virou e começou a caminhar afastando-se dos meus familiares.

Eu o segui com o coração apertado e com as mãos frias. Quando tomamos certa distância, ele se virou e suspirou.

— David está com leucemia.

— O que? — repeti sentindo um espasmo dolorido percorrer os meus músculos.

— Acontece em poucos casos, mas é uma forma de evolução da doença da David. No momento ele está estável e parece fora de perigo. Mas agora o tratamento terá novo foco. Faremos o possível para salvar o seu irmão...

Eu não consegui mais escutar o que ele falava e nem vê-lo. As lágrimas turvaram a minha visão e eu me afastei dele em busca de apoio na bancada de mármore. Eu sabia que não devia ter viajado e deixado David sozinho. Era culpa minha. Se eu tivesse ficado...

Apoiei o braço na bancada para manter meu corpo longe do chão e chorei amargamente escondendo meu rosto entre as minhas mãos. O

que eu tinha feito? Viajado pelos meus próprios interesses enquanto David compadecia num hospital. Como eu podia ter tido coragem?

Como lidaríamos com uma doença daquela proporção?

— O que vamos fazer mamãe? O que vamos fazer?

Vóltei a chorar desesperada.

— Ellen? — a voz conhecida me fez erguer a cabeça.

Então o vi em meio às lágrimas e ele correu na minha direção envolvendo-me nos braços em um abraço apertado. Apertei-o de volta sentindo que se não o fizesse naquele momento meu corpo não suportaria o peso de toda aquela dor. Senti uma das mãos dele no meu cabelo acariciando-os e então percebi que eu não era a única a chorar.

— Darling... Porque não me disse? Esse era o motivo. — Ele me apertou mais contra o peito. — Esse sempre foi o motivo.

Não consegui respondê-lo. Minha garganta estava fechada pelos espasmos causados pelo choro e pela angústia. Apenas escondi meu rosto no peito dele e enrolei meus dedos em sua camisa. As mãos de Damien percorriam as minhas costas rápidas e trêmulas.

— Eu falhei. — soluzei quando finalmente consegui fazer as palavras saírem. — Eu não o protegi.

— Não, Ellen. Você não falhou. — Ele segurou meu rosto entre as mãos.

— Não falhou. — Seus olhos azuis estavam cheios de água e seu rosto

estava transtornado.

Então Damien voltou a me abraçar apertado e encostou seu queixo na minha cabeça.

— Via ficar tudo bem, Darling.

— Não vai, Damien. Não vai. — falei baixinho. — David tem leucemia e descobriu quando eu não estava aqui. Eu o deixei sozinho outra vez. O

que eu vou fazer agora?

O desespero falava por mim e a minha mente estava cheia dos últimos sorrisos que David me dera antes da minha viagem a Argentina. Ele parecia tão bem. Parecia que tudo aquilo logo não passaria de um pesadelo. Ele não merecia. Meu garotinho não merecia nada daquilo.

Foi quando a angústia apertou meu peito de tal forma que a dor foi física. Segurei-me nos braços de Damien enquanto sentia meu corpo amolecer.

— Ellen? Ellen? — o ouvi me chamar e me puxar para perto dele.

Depois sua voz pareceu como um sonho. — Me perdoe. Vai ficar tudo bem.

Senti os dedos dele na minha testa e foi a última consciência que tive.

Foi como acordar depois de um sonho ruim, mas em outro não muito acolhedor.

Eu estava deitada em um quarto pálido e tinha uma agulha no meu braço esquerdo transferindo algum líquido para a minha corrente sanguínea. Demorei poucos minutos para assimilar onde estava e menos ainda para perceber Damien sentado na poltrona á minha frente.

Seus olhos azuis brilharam ao encontrar os meus e ele se levantou para se aproximar da minha cama.

— Como está se sentindo? — Ele se sentou na beirada da cama e segurou a minha mão livre.

— Porque estou aqui?

— Teve uma crise nervosa ontem. — Ele acariciou a minha mão devagar.

Foi então que tudo me voltou á mente. Toda a notícia sobre a doença de David e depois a imagem de Damien me abraçando próximo á sala de espera.

— Tenho que ver David. — tentei me levantar, mas Damien me impediu.

— Ele está sedado e você precisa se acalmar primeiro. — Damien afagou meu queixo e eu percebi que ele estava abatido. — Deus. O que eu fiz a você? Nicholas estava certo o tempo todo.

— Damien... — tentei segurar a mão dele, mas ele a afastou de mim.

— Eu devia ter desconfiado. Como eu pude ser tão negligente? Eu vi a dor nos seus olhos naquele dia, mas eu ignorei todas as evidências. —

Ele passou as mãos pelo cabelo nervoso e então me olhou. — E você não merecia nada disso, Ellen.

— Eu devia ter contado. — senti meus olhos cheios de água ao ver a angústia no rosto dele.

— E eu devia ter procurado saber. Eu tinha todos os meios. Se não fosse a fatura do cartão, se não fosse George. Eu fui tão egoísta. Pensei somente em mim e quis usá-la, mesmo sabendo, no fundo, que você

não merecia isso. Mesmo sabendo que estava tão ferida quanto eu. E

depois, na ilha, meu Deus, a forma como eu a tratei depois da nossa primeira noite... Ellen, como pôde querer ficar ao meu lado? Como pôde me escolher depois de tudo o que eu fiz a você?

Ele se aproximou da minha cama mais uma vez. Os cabelos bagunçados e agora com lágrimas descendo pelo seu rosto.

— Isso não importa mais, Damien. Eu já perdoei todas aquelas coisas.

Perdoei no momento em que me mostrou o seu coração. — respondi e senti lágrimas rolarem pelo meu rosto também.

Damien voltou a se sentar na cama e segurou meu rosto entre as mãos.

— É um coração danificado demais, Ellen. Está feio demais para ser dado á alguém. — Ele deixou outra lágrima escapar e segurou minha mão quando eu toquei o rosto dele. — Eu não mereço você.

— Não quero mais ninguém. — confessei. — Damien, eu não quero

outro coração.

Ele não disse nada, mas se aproximou e beijou a minha testa.

— Vamos cuidar de David. Ele terá tudo o que precisar. Os melhores tratamentos e os melhores profissionais. Vamos levá-lo a outro país, se for o necessário. Nada que a medicina puder oferecer estará fora do alcance dele.

— Não é sua responsabilidade Damien. — respondi e soluzei emocionada.

— Isso é o mínimo que posso fazer, depois de tudo o que causei a você Ellen. A decisão já foi tomada.
— Ele passou o polegar pelo meu queixo.

— Não terá de lidar com isso sozinha.

— Obrigada. — agradei e toquei o rosto dele. Damien fechou os olhos momentaneamente. Eu não resisti e o abracei mesmo com o incômodo da agulha.

Deixei meu corpo ser envolvido pelos braços dele e o escutei soluçar no meu ombro. Meu coração

pulsou dolorido e eu acariciei os cabelos da sua nuca. Damien estava sofrendo por coisas que eu já nem mais considerava. Porque eu sabia que ele era como eu e tinha feito tudo aquilo para se proteger.

— Tudo vai ficar bem, my Darling. — Ele beijou a curva do meu pescoço e acariciou meus cabelos. — Eu vou proteger vocês. David ficará bem e você também vai ficar.

Também chorei no ombro dele, mas agora era como se tudo não fosse só tristeza. Era como se tudo não fosse mais desespero apenas. A esperança estava crescendo novamente no meu coração. E agora eu sabia bem o que fazer. Eu lutaria pelos dois. Lutaria para salvar David e para salvar o coração de Damien. Mesmo que ele não o considerasse digno disso.

Bônus: Promessas - Parte I

"Naquela noite solitária, nós dissemos que isso não seria amor, mas nós sentimos a emoção. Porque, garota, você ganhou." (Earned it - The Weeknd) "

Desliguei o chuveiro e puxei a toalha próxima á mim enrolando-a na minha cintura. Banho frio nas primeiras horas da manhã era necessário se eu quisesse enfrentar o forte calor que perpetuaria pelo Rio de Janeiro durante todo o dia. Deixei o box e em seguida o banheiro, mas a visão dela me fez diminuir os passos quando alcancei o quarto.

Ellen dormia tranquilamente na minha cama. Enroscada nos meus lençóis e com os cabelos espalhados pelos meus travesseiros brancos.

Não consegui evitar o impulso de caminhar até a cama para analisá-la de perto. Era encantador para mim vê-la dormindo. Não havia aqueles traços austeros em suas feições e eu sentia que dessa forma quase enxergava a mulher que ela lutava para esconder. Estiquei o braço e acariciei as maçãs do rosto dela com o meu dedo indicador. Tão

imprevisível. Tão diferente das outras que conheci. Ellen sempre me parecera a mulher mais improvável para mim, de acordo com os princípios que me dispus a seguir, mas agora suas ações me deixavam confuso.

Deixar de ter sua própria noite de sono para me ajudar com trabalhos cansativos.

Quando eu poderia ter esperado por tal atitude? Quando ela bateu na minha porta enrolada em seu robe branco e com seus doces olhos castanhos ansiosos para me ajudar, eu não soube o que pensar.

Porque ela se preocupava? Elas nunca se preocupavam. Todas as mulheres com quem saí detestavam o meu trabalho, mas apreciavam com veemência os presentes caros que eu oferecia á elas através dele.

Mas Ellen não. Mesmo depois de ter recebido o cartão de credito, eu não recebia novas faturas. Sempre estava vestida com suas próprias roupas e se trocava apenas quando íamos aos meus eventos. Ainda sim, não quis levar uma só peça para a sua própria casa.

Imaginei várias vezes que ela não saberia enfrentar o meu mundo, mas ela sempre me surpreendia. Agradou á todos na galeria e no jantar no Broadway no fim da noite. Até mesmo Santiago, que era

conhecido no mundo dos negócios por seu gênio não muito amigável. Em certos momentos da noite, quando ela remetia sua opinião sobre temas importantes, era sempre polida e sensata. Ela era admirável e não

apenas pela beleza, muito embora Estevão Álvares não tenha consigo disfarçar seu interesse por ela durante a exposição.

O pensamento me fez travar a mandíbula e eu afastei a mão do rosto de Ellen. Eu devia ter ensinado a ela uma lição por ter se atrevido a pensar nela daquela forma. Ellen era minha. Apenas minha.

Ela suspirou e eu voltei a prender minha atenção em seu rosto. Sorri ao me lembrar de como a encontrei adormecida sobre os meus papéis no divã. Os braços sobre o estofado, assim como a cabeça e o restante do corpo sobre o tapete. Não devia tê-la deixado vencer a discussão. Devia tê-la mandado de volta para o quarto para que descansasse, mas eu não consegui. Fazia muito tempo que eu não sentia que alguém se importava, que alguém se preocupava comigo verdadeiramente. Então eu quis aproveitar o momento. No final, todos os meus papéis estavam em ordem e eu estava subindo as escadas com Ellen aconchegada no meu peito.

A porta do quarto dela estava trancada e eu não consegui encontrar as chaves. Então a levei para a minha cama e a aconcheguei nela apreciando a visão. Por fim me troquei e me achei junto dela. Seu perfume me dominou instantaneamente e eu inspirei contente. Até mesmo o cheiro dela me agradava. Sem pensar muito, eu a puxei para os meus braços com o cuidado de não acordá-la. Era incrivelmente satisfatório tê-la tão perto. Pensei irônico que em termos gerais

nosso contrato estava cumprido. Ela estava dormindo comigo, embora dormir não fosse bem o que eu queria. Mas naquele momento eu não quis pensar em nenhuma das situações e convenções que nos cercavam. Apenas queria sentir seu cheiro agradável e seu corpo quente próximo ao meu. Apenas sentir.

Foi a minha vez de suspirar. Relutei antes de deixar de acariciá-la e me afastei da cama para me preparar para mais um dia de trabalho.

Quando estava terminando de colocar o meu relógio favorito, eu a vi se mexer através do espelho. Sua perna direita surgiu bronzeada e tentadora no meio dos meus lençóis e eu a devorei com os olhos.

— Bom dia. — recitei e sorri para ela.

Seus olhos castanhos me estudaram entre sonolentos e surpresos.

— Você dormiu sobre os meus papéis ontem e seu quarto estava trancado. Como não encontrei a chave, a trouxe para o meu. —

expliquei quando percebi que ela estava ainda perdida por estar no meu quarto.

— A chave. — Ela pareceu aturdida e depois se sentou na minha cama.

Seus cabelos amassados deixando-o ainda mais desejosa pela manhã.

Ellen colocou a mão no bolso e então retirou a chave da porta.

— Devia ter procurado aí. — sorri imaginando como teria sido bom acordá-la com minhas mãos á procura da chave.

Ela sorriu, mas então desviou seus olhos para o seu próprio reflexo no espelho. Então empertigou as costas parecendo horrorizada.

— Meu Deus! — Ellen começou a enrolar os cabelos em um coque. —

Pareço uma paciente foragida de um hospício.

Soltei uma gargalhada diante da preocupação dela. Se ela soubesse das imagens que me passavam pela cabeça... Sua aparência matinal apenas tentava-me ainda mais á me juntar á ela na cama novamente.

— Não se preocupe com isso, Darling. Você não é a pior que já vi. — É a melhor que já vi. Desde sempre.

O pensamento me ocorreu rápido.

— Obrigada. Ajudou bastante. — Ela não pareceu compreender a brincadeira.

Percebi que estava prestes a deixar a cama e caminhei até lá, sentando-me antes que ela consolidasse o ato.

— Temos que discutir sobre a viagem para a ilha de Santiago. — A boa índole de Ellen fizera com que Santiago nos convidasse como hóspedes da sua ilha no espaço marítimo da Argentina. O convite era o sinal de que os negócios estavam prestes a se fecharem e de forma bastante lucrativa para Ulisses e eu.

— Damien, eu não sei se poderei ir. — Ellen pareceu nervosa e fugiu do meu olhar.

— Porque?

— Não posso me afastar assim da cidade. Tenho... Tenho algumas coisas que não posso deixar.

— Seus irmãos? Podemos deixá-los na minha casa. George vai gostar de alguém para servir bobagens e eles podem se divertir por aqui. E depois serão apenas dois dias. — segurei a mão dela procurando chamar sua atenção.

Eu sabia que Santiago tinha feito o convite em especial á Ellen, porque contei a ele sobre o desejo dela de conhecer a Argentina. Ele se orgulhava do país, então se sentiu lisonjeado. Felizmente, ele era casado e parecia gostar da esposa de verdade, então não houve receios quando ele nos propôs a viagem. No entanto, Ellen havia esclarecido ainda no restaurante que precisava se certificar de algumas coisas para confirmar o convite. Provavelmente, seus irmãos.

— Não, quero dizer, meus irmãos me preocupam sim. Mas não é só isso.

— Então diga-me o que é. — sorri tentando encorajá-la.

Desde a minha descoberta na noite anterior, eu não conseguia mais fingir frieza. A dor pode nos aproximar de alguém de uma forma improvável.

— Eu... — Ellen me olhou indecisa. — Eu vou voltar para o meu trabalho.

— Trabalho? — Lembrei-me do dia em que dormi na casa dela. Ela não foi trabalhar. Pensei que tivesse deixado o emprego.

— Sim. — Ela retirou sua mão delicadamente da minha. — No próximo final de semana eu estarei o dia todo na lanchonete. Estive de férias, mas elas estão no fim.

— Mas você não precisa voltar. — Voltei a segurar a mão dela. Não precisava. Eu acreditava ter condições suficientes para manter a minha mulher. — Posso cuidar das suas despesas. Todas elas.

— Não. Eu posso cuidar de mim mesma e dos meus irmãos. Tem sido assim há algum tempo e é assim que deve ser. — Ellen disse firme e clara.

Aquele tom de voz era certeza de que eu não a convenceria do contrário. Suspirei.

— Não vou convencê-la a se demitir, vou? — Eu já sabia a resposta. Mas éramos dois teimosos.

— Não. — Ela suspirou. — Me desculpe.

— Mas você também não irá me convencer a ir á Argentina sem você.

— Afirmei. Dois teimosos. —Acertarei as coisas com Frazão no seu emprego. Tenho certeza de que ele não vai se opor a te ceder mais alguns dias de férias.

— O que? — Ellen me olhou surpresa.

— Se o trabalho é o único obstáculo para você ir, considere desfeito e se prepare para ir á Argentina no próximo sábado. — sorri satisfeito e me

levantei da cama.

O chefe de Ellen era um homem fácil de convencer. Alguns poucos reais e o problema estaria resolvido.

— Você... Está falando sério? — Ellen começou a me seguir pelo quarto. — Mas Damien, não pode fazer isso... Eu não posso ir... Isso...

Virei-me e coloquei o dedo indicador sobre os lábios carnudos dela.

— Existem poucas coisas que eu não possa fazer, Ellen. — Aproximei-me dela e trouxe seu rosto para perto do meu. Deixei meus dedos massagearem os cabelos da nuca dela. Estava com vontade de ignorar os meus deveres e levá-la de volta para a minha cama. Provar dos seus lábios tentadores e descobrir sua pele bronzeada, mas eu não podia deixar as responsabilidades de lado. — Uma delas parece ser fazer amor com você, mas essa restrição eu ainda prometo vencer.

— Damien... — Ela pediu quando eu me curvei para beijar a lateral do seu rosto. Ellen não tinha noção de quanto ouvi-la pronunciar o meu nome aumentava o exacerbadamente o meu desejo por ela.

— Você sabe que isso não vai durar muito tempo. Sabe que essa atração mina qualquer resistência. —

Deixei minha mão escorregar pela cintura dela e puxei seus quadris na direção dos meus.

Ellen ofegou quando nossos corpos se tocaram e quando eu me aproximei para beijá-la, ela entreabriu os lábios, pronta para me

receber. Mas eu não avancei mais quando recordei as minhas palavras.

Eu tinha dito fazer amor? Mas de onde eu havia tirado aquela expressão tão clichê e falsa. Eu não queria fazer amor com ela. Não era amor. Era apenas uma noite de sexo. Eu queria o corpo dela, queria apenas prazer.

Nada mais.

Balancei a cabeça. Era isso mesmo. Sexo. Sem amor ou qualquer outro sentimento ilusório entre nós. Pensei em concertar o erro, mas com aquelas esferas doces e castanhas me observando e depois da noite passada, não consegui fazer nada para mudar as coisas.

— Não vou ficar para o café hoje porque tenho de chegar a Imperium antes das oito. — soltei por fim. — Mas a mesa já está sendo posta para você.

Forcei-me a dar um passo e me afastar dela.

— O seu cartão de crédito chegou. — recordei-me do pensamento sobre cartões mais cedo e fui até o móvel ao lado da cama para pegá-lo.

Então voltei até onde ela estava e deixei o envelope nas mãos dela. —

Discreto e sem diamantes. O gerente me garantiu que é bem aceito na maioria dos lugares aqui no Brasil. Compre o que achar necessário para dois dias em uma ilha.

Não voltei a olhá-la. Ainda estava me sentindo confuso pelas palavras que saíram da minha boca. Palavras impulsivas como aquelas costumam refletir o que se passa verdadeiramente no interior. Caminhei até a porta do quarto tentando me convencer de que não havia nada por trás

daquilo.

— Damien. — A ouvi me chamar.

Voltei minha atenção para a mulher bonita e delicada envolvida num robe branco. Tão imprevisível quanto bonita. Ellen parecia pronta para me fazer uma pergunta.

— Obrigada por ter me deixado dormir aqui. — Ela me surpreendeu segundos depois. — Espero ter ajudado e feito tudo certo ontem.

Feito tudo correto? Ela sempre estava correta. Era sempre gentil, uma companhia agradável e deliciosa de se beijar. Ellen era sempre prestativa e me surpreendia com ações corretas e características de alguém com um caráter invejável. Talvez fosse hora de repensar um pouco sobre as minhas impressões dela.

Baixei a cabeça e sorri enquanto agarrava a maçaneta. Não devia ter cedido á tentação de abraçá-la

durante a noite. Eu havia amanhecido diferente com ela do meu lado.

— Você sempre está fazendo tudo certo, Ellen. Talvez eu seja o único errado por aqui. — abri a porta. — E não me agradeça, adoro dormir com mulheres bonitas, mas espero que na próxima vez dormir seja a nossa última vontade.

Minha leitura do contrato foi interrompida quando uma pequena

janela se abriu do lado direito da tela anunciando um novo e-mail. Para minha surpresa um e-mail do Affair Italiani. Curioso, abandonei o contrato e acessei minha caixa de entrada:

De: Affair Italiani Newsroom.

Data: 10 de Maio de 2015 10:58 AM.

Para: Damien C. Mason.

Assunto: Convite.

Bom dia, senhor Mason.

É com grande prazer que enviamos, em primeira mão, a primeira página do Affair Italiani da próxima manhã. Ficamos agradecidos e honrados com a sua disposição durante o evento e o convidamos para uma entrevista especial. Seria uma honra contar com a sua admirável presença junto de alguns outros nobres empresários da indústria Italiana. Também estamos enviando sua foto em especial, caso a deseje.

Estaremos no aguardo de sua resposta, se a proposta o agradar.

Cordialmente,

Affair Italiani Newsroom.

Cliquei nos arquivos em anexo á mensagem e imediatamente minha foto com Ellen dominou as dimensões da tela do meu computador. Não consegui evitar o sorriso diante da imagem. Ellen estava com um semblante descontraído e um sorriso aberto. Seus olhos brilhavam, fitando-me da tela, e ela estava perfeita.

Fiquei admirando a foto por alguns segundos, contente por ter cedido ao pedido do fotógrafo do jornal italiano. Cliquei novamente sobre o arquivo e a transformei no meu wallpaper. Então me afastei um pouco da tela para ter uma visão melhor e mais ampla. Nesse momento, alguém bateu na porta e entrou logo em seguida.

— Bom dia César. Como vai indo o império Romano? — Nicholas fechou a porta e caminhou em roupas casuais para dentro do meu escritório.

— O império Romano eu não sei, mas o meu está bem. — meneei a cabeça em sinal negativo. — Onde está indo á essa hora da manhã?

— Vou sair no meu late. Ver um pouco do mar e mergulhar um pouco.

— Ele ergueu o pulso para fitar o relógio enquanto caminhava na minha direção.

— É quarta feira, Ferraço. Não é dia e nem hora para lates. —

repreendi-o.

— César, você não é o meu pai. — Ele fez uma careta e depois gargalhou. — E

por isso vim chamá-lo para ir comigo. O que acha?

Quarta feira. Um pouco de álcool para sobreviver ao restante da semana. Garotas bonitas de uma agência de modelos em biquínis minúsculos.

— Não. — respondi me levantando da poltrona. — Sabe que eu não

faço esse tipo de coisa.

— O que? Não sai com lindas modelos? Ora Mason, foi você quem me ensinou! — Ele gargalhou e bateu a mão no meu ombro direito. — Será como na época da faculdade. Vamos beber sem pensar no amanhã e quando o amanhã chegar, vamos beber de novo para aproveitar mais.

— Não posso. Vou viajar no fim de semana e por isso cada hora é valiosa. — sorri diante do jeito desprezioso do meu amigo. Nicholas não tinha jeito.

— Não seja tão correto sempre. Eu também tenho responsabilidades e me preocupo com elas, mas caramba! Você tem que ver as garotas.

Uma delas faz o seu tipo: É loira, tem um corpo escultural e tem peitos enormes.

Além de estar dentro dos padrões que você sempre busca.

— Agradeço, mas não posso. — respondi firme. — Além disso, prefiro mulheres morenas. — afastei-me em direção ao pequeno refrigerador que eu havia instalado recentemente. Precisava sempre está bebendo alguma coisa gelada durante o dia quente.

— Você é um péssimo melhor amigo. — Nicholas reclamou fazendo-me rir enquanto abria o refrigerador.

— Obrigado. — respondi enquanto agarrava duas latas de refrigerante.

— Com certeza prefere as morenas. — Virei-me e encontrei Nicholas sentado na minha poltrona. — Então esse é o motivo de você recusar o

meu convite. — Ele gesticulou para o computador.

Nesta hora lembrei-me de que havia deixado minha foto com Ellen na tela. Deixei as latas sobre o refrigerador e voltei á minha mesa.

— Saia. — ordenei.

— Não fique irritado. — Ele se esticou na poltrona e cruzou os pés. —

Eu gosto dela. E acho que seu sobrenome combina com o nome dela.

— Saia, Nicholas. — rosnei nervoso.

Ele deu de ombros sem se importar com a minha ameaça e se levantou.

No entanto, continuou a fazer pilhéria.

— Senhora Ellen Mason. Já consigo ver a caixa com o velho Jack Daniels chegando na minha casa. —
Ele voltou a bater a mão no meu ombro.

— E depois os filhos, os cachorros. Muito trágico.

— Não seja idiota. — resmunguei e desliguei a tela do computador.

— Você não está mais invicto, meu caro. — Nicholas riu. — Mas fico feliz que tenha encontrado alguém depois de Crystle.

— Chega Nicholas. — suspirei. — Essa foto não quer dizer nada.

Apenas a estava observando.

— Não o estou acusando por nenhum crime, Damien. — Nicholas sorriu. — É sua vida. Deve vivê-la da forma como achar melhor e se Ellen tem feito as coisas melhores para você não desperdice isso.

— Não se trata de desperdício. É apenas um acordo. Você sabe muito

bem que meu lugar é em Nova York e minha estadia aqui é temporária.

— sentei-me na poltrona mais uma vez. — Como o meu relacionamento com Ellen.

Nicholas não disse nada, apenas caminhou até o refrigerador e voltou com as nossas bebidas. Jogando uma das latas para mim.

— Mas não precisa ser. — Ele voltou a falar depois de beber um gole.

— Sem bebidas durante o trabalho não é?

— É. — concordei.

— Sendo assim, vou me juntar aos outros amigos no laticínio. — Ele começou a caminhar na direção da saída, mas se virou ao chegar na porta. — Quero ser o padrinho.

Então ele me lançou um último olhar e gargalhou para depois fechar a porta.

Foi fácil convencer o chefe de Ellen a deixá-la ir comigo. Como eu previ, uma boa gorjeta o deixaria satisfeito o suficiente. Sendo assim no sábado pela manhã nós partimos em um voo para Buenos Aires. Foi uma viagem tranquila e Ellen me confidenciou que era o seu primeiro voo. Ela ficou encantada com a paisagem que sobrevoamos e foi bastante agradável para mim estar ao lado dela naquela sua primeira experiência com aviões.

Alguns minutos depois que decolamos e um filme antigo começou a

passar. Ellen o reconheceu logo e eu percebi que se tratava do mesmo longa metragem do pôster no seu quarto. Ela começou a assistir o filme, mas adormeceu em alguns minutos. Estava muito tensa, verifiquei ao me lembrar de como trocamos várias mensagens desde a quinta feira.

Em alguns momentos, pensei que ela fosse desistir, mas no final estava me acompanhando á ilha de Santiago.

Eu assisti á todo o filme e me surpreendi ao gostar da trama. Quando chegamos á Buenos Aires, Santiago veio nos buscar pessoalmente e nós viajamos de helicóptero para a ilha Santiago. Ignácio nos apresentou nossas instalações e depois nos deixou com um convite para um jantar no restaurante do resort, como Ulisses previra. O negócio seria fechado.

— E então? — perguntei quando ficamos sozinhos na varanda fitando o mar no horizonte.

— É linda. Tudo. Nunca imaginei que sequer conheceria um lugar assim.

Ela não me olhou, mas deu um passo á frente. Percebi que estava ansiosa para conhecer o lugar.

— Quer conhecer a praia? Acho que temos tempo, são apenas três e quinze.

Consultei o relógio e depois me aproximei dela.

— Tudo bem, eu não quero atrapalhar. Sei que tem outras coisas para fazer. — Ela desviou os olhos dos meus e sorriu polida, mas eu

compreendi que também queria aquilo.

Dei alguns passos na direção dela.

— Nada que não possa esperar. — Coloquei sua mão na minha. —

Vamos caminhar um pouco.

Ellen sorriu contente e seus olhos castanhos brilharam animados.

Andamos pela varanda e descemos os degraus que terminavam na areia da praia, mas quando atingimos o solo desnivelado, Ellen se desequilibrou e eu tive de segurá-la pelos cotovelos.

De repente, ela começou a rir.

— Acho que esses saltos não combinam com a praia. — Ela se virou na minha direção e depois fitou os

sapatos enfiados na areia.

Compreendi o que havia acontecido e também gargalhei.

— Você tem razão. Não combinam. — Então me abaixei rapidamente e passei o braço direito em torno dos seus joelhos, levantando-a nos braços.

— Damien! — Ela soltou um grito agudo. — Damien, o que você está fazendo?

— Vou ajudá-la a se livrar dos sapatos. — Caminhei com ela até a parte mais alta da varanda e a coloquei sentada sobre o piso de madeira.

O vestido branco se enrolou nos joelhos dela e ela tentou ajeitá-lo.

Meus olhos apreciaram e aprovaram a pele que ficou exposta. Então com uma excitação que eu nunca havia sentido antes, deixei as pontas

dos meus dedos deslizarem pela sua panturrilha. A pele dela era delicada e sedosa. Fui obrigado a reprimir o impulso de prová-la com os lábios.

Levantei o rosto e encontrei os olhos dela concentrados em mim.

Dei um leve sorriso e prossegui o trajeto até o seu tornozelo desfazendo as tiras das sandálias.

Coloquei os sapatos dela sobre o piso da varanda, então me aproximei e envolvi sua cintura com os meus dois braços. Ellen pareceu ruborizar, mas não desviou seu olhar do meu e então acariciou a minha mandíbula com carinho.

— Você é lindo. — Ela sorriu para mim e o meu coração ficou instável no peito.

Sorri de volta incapaz de ter outra reação e a coloquei no chão, mas continuei a abraça-la.

— Acho que há coisas mais bonitas. — retribuí a carícia e ela fechou os olhos momentaneamente. Fiquei surpreso ao perceber que não queria que aquele momento chegasse ao fim. — Vamos?

Ofereci minha mão á ela e Ellen entrelaçou seus dedos nos meus. Meu coração voltou a se manifestar e eu me senti subitamente contente.

Caminhamos juntos pela areia esbranquiçada. O sol que nos atingia era muito fraco, mas isso não diminuía a beleza da praia povoada de rochedos. E nem a beleza dela. Seus cabelos ganhavam uma cor magnífica naquela luz e os olhos brilhavam para mim enquanto eu discorria sobre alguns lugares em que estive. Conteí á ela sobre algumas das minhas peripécias infantis e acabei falando também dos meus pais.

Genevivy e Blake Mason.

— E você vive sozinho, desde a morte do seu pai?

— Vivo. — respondi sentindo-me um pouco emotivo e fugindo do olhar dela.

Solidão era uma palavra que se encaixava com frequência na minha vida. Os privilégios com os quais nasci cobravam o seu preço. Aprendi cedo que talvez nunca encontrasse alguém que se importasse com o homem e não com o império.

De repente, senti sua mão delicada apertar a minha e Ellen me dirigiu um sorriso acolhedor.

— Ao menos você pôde dar festas em casa. — Sua voz saiu doce.

Sorri para ela. Ellen também já havia perdido alguém e compreendia a dor.

— E você? Também deu suas festas? — Encorajei-a, querendo retribuí sua paciência em me escutar.

O sorriso dela ganhou notas tristes.

— Não tive tempo para festas. Quando minha mãe se foi a alguns meses, tive de cuidar de David e Júlia. Eles ainda são muito jovens e vão precisar de mim nos próximos anos.

Ela quebrou nosso contato visual.

— E o seu pai? Ele também morreu? — percebi que eu quase nunca

tentava saber mais sobre Ellen. Costumava ter ideias prontas sobre o que esperava dela e de outras mulheres.

— Meu pai é um caso á parte que eu prefiro esquecer. Não o vejo desde antes do nascimento dos gêmeos quando minha mãe e eu fugimos do interior e dele.

Ellen fez menção de se separar, mas eu continuei prendendo sua mão na minha.

— Vocês fugiram? Porque?

— Tivemos de fugir. — Ela suspirou. — Papai tinha problemas com a bebida e a bebida o fazia ter problemas com a família, em especial minha mãe. Ela queria que ele se tratasse e a ajudasse a cuidar da casa, mas ele se recusava e gastava tudo o que tínhamos no bar. Então as discussões se acentuaram até que atingiram um ponto tão alto que se tornaram agressões.

Meu coração perdeu uma batida e eu parei de caminhar, colocando-me de frente para ela de forma que ela não pudesse me evitar.

— Ele batia em vocês?

Mas Ellen não me olhou e concentrou-se nos próprios pés. Seus ombros tremeram levemente e eu percebi que havia acertado em cheio.

— Geralmente ele descontava sua raiva sem sentido na minha mãe. Ela tentava esconder as coisas as marcas de mim, mas eu escutava os sons

quando ele chegava á noite. Eu detestava quando escutava a porta se abrir e ele arrastar as botas para dentro de casa.— Lágrimas desceram pelo rosto dela e atingiram a areia no chão. — Mas um dia os

gritos me assustaram muito e eu não consegui ficar no quarto. Então eu fui até a cozinha e vi tudo. Ele a estava machucando com pontapés e eu quis proteger a minha mãe. Eu corri para ela, mas era apenas uma garotinha de oito anos. Meu pai se irritou com a minha intromissão então ele pegou o cinto de couro que usava para trabalhar na fazenda. Eu não consegui fugir...Eu...

— Ellen! — puxei seu corpo para os meus braços tentando consolá-la.

Era horrível de se imaginar. Como alguém teria coragem de machucar uma criança? Não me parecia concebível a ideia. Meus pais sempre foram muito amorosos comigo, às vezes até super protetores o que me deixava um pouco rebelde. Mas meu pai nunca agrediu nenhum de nós.

Eu bem me lembrava da forma carinhosa como ele se referia e tratava minha mãe. Ele a amou até o seu próprio fim. Então como um homem poderia ter a coragem de machucar sua própria esposa?

— Meu Deus. Isso é horrível. — Acariciei-a e a apertei contra mim sentindo raiva quando as cenas começaram a se criar na minha mente.

Ela era apenas uma garotinha. — É uma monstruosidade.

— Nós tivemos de abandoná-lo. Pode não parecer certo, mas não tivemos escolha. — Ela ergueu o rosto molhado para me fitar.

— Claro que foi certo, Darling. — Toquei seu rosto com carinho, secando suas lágrimas. — Como ele teve coragem? Apenas homens covardes tomam essas atitudes. Ele a machucou? Você deviam tê-lo denunciado á polícia. Esse homem deve ser preso por essas atrocidades.

A expressão no seu rosto deixava-me atordoado. Eu não gostava de vê-

la sofrer. Na verdade, detestava ver seu rosto transtornado daquela maneira.

— A única coisa que me restou de tudo isso foi a pequena cicatriz abaixo das minhas costelas direitas. Mas mamãe decidiu na manhã seguinte que nós iríamos embora. Então com a ajuda da minha tia nós nos estabelecemos no Rio de Janeiro. Na época ela já estava grávida de David e Júlia.

Desviei minha mão para o lugar que ela havia mencionado e acariciei-a devagar. Eu realmente não sabia nada sobre ela e quanto mais descobria, pior me sentia pela forma como a tratei.

Apenas uma garotinha, sem ninguém para defendê-la. Senti meus olhos arderem.

— Eu estou bem. Já passou. — Ellen segurou o meu rosto fazendo-me olhá-la.

Coloquei minha mão sobre a dela e a acariciei. Como alguém poderia ter coragem de machucá-la?

No instante seguinte, meu celular começou a tocar. Pensei seriamente em não atendê-lo, mas o toque prosseguiu insistente e eu não tive outra escolha.

Enfiei a mão no bolso e retirei o aparelho. Era uma mensagem denunciando mais problemas na empresa em Nova York.

— Acho que teremos de voltar. — Precisava fazer uma vídeo conferência, embora naquele momento não quisesse deixar aquela praia e Ellen.

— Tudo bem. Temos um jantar para ir, certo?

Ellen sorriu e passou as mãos pelo rosto terminando de secar as lágrimas, embora o rubor não deixasse dúvidas de que tinha chorado.

Guardei meu telefone no bolso.

— Está pronta para dançar tango? — puxei-a pela cintura mantendo-a ao lado do meu corpo.

— O que? Nada disso. Eu não sei dançar tango. — Ellen tentou se afastar, mas eu não permiti.

— Então está na hora de aprender.

Eu não havia me esquecido do brilho que vi no olhar dela na galeria naquela noite e naquele momento prometi a mim mesmo que seria diferente. Enquanto fazíamos o retorno pela praia, eu me concentrei em tornar nossa noite na ilha Santiago inesquecível.

Estava contente com o resultado.

Consegui que os empregados organizassem a sala da forma como eu queria. Afastando os móveis e deixando um espaço considerável para o que eu precisaria. Depois, com a ajuda da internet eu ajetei os demais detalhes para a surpresa. Agora eu apenas precisava esperar por ela. E

não demorou muito para que eu a visse descer as escadas.

Eu não sabia como aquilo podia ser possível. Cada vez que eu a via, ela parecia mais bonita. Seus cabelos estavam parcialmente presos pelas laterais. O rosto levemente maquiado e o corpo envolvido num vestido de tonalidade ambígua. Entre o verde e o azul pregueados por broches dourados em um lado de sua cintura.

— Você está linda, Ellen. — pronunciei-me a fim de chamar a sua atenção.

Ellen me olhou e sorriu, mas depois seus olhos vaguearam pela sala.

Não demorou muito para que ela compreendesse a minha intenção.

— Não.

Sorri quando ela me olhou apavorada.

— Você quer isso. — caminhei até ela e estendi a minha mão.

— Não. Não. — Ela tentou fugir de mim, mas eu a segurei pelo braço trazendo seu corpo na minha direção.

Ela não me negaria uma dança hoje.

— Não é tão difícil quanto você pensa.

— Damien...— Não deixei que ela argumentasse:

— O tango é composto por oito passos básicos. No início você avança e eu recuo.

— Como você sabe tudo isso? Lembro-me de ouvi-lo dizer que não era nenhum dançarino. — Ela me desafiou enquanto eu chegava seu corpo ao meu para começarmos.

— Eu sei sobre muitas coisas e precisava convencê-la a dançar comigo naquela noite, como agora.

— Continuo achando que não vai ser uma boa ideia. Eu vou pisar no seu pé.

— Eu não me importo. Você vai conseguir, nós vamos contar juntos e você verá que eu tenho razão. Apenas me siga quando eu recuar.

Estiquei o braço e agarrei o controle remoto atrás dela, voltando a música de Jazmine Sullivan. Então sorri tentando encorajá-la e nós demos início á dança. Contando juntos. Ellen se concentrou nos passos, olhando para os nossos pés e fazendo sua testa enrugar ao juntar as sobancelhas. Provavelmente estava com medo de pisar no meu pé e cometer alguma gafe. Mas eu não estava preocupado com convenções naquele momento. Tudo o que eu queria era vê-la sorrir um pouco.

Talvez tentar amenizar o trauma que eu sabia que ela devia carregar.

Em alguns instantes, descobri que ela era boa. Muito boa. Aliás, boa

parecia não ser suficiente para caracterizar suas curvas que se tornavam mais tentadoras a cada movimento.

— Percebe. Você só precisa confiar. — Com um sorriso, eu a estabilizei pela cintura.

Ellen sorriu de volta e eu coloquei a mão direita dela sobre o meu peito. Ela mordiscou o lábio inferior e seus dedos me acariciaram. Deixei minha mão envolver seu pulso delicado e a levei até minha nuca. Nossos rostos ficaram próximos e eu percebi a súbita mudança no clima. A descontração havia sido substituída pela nossa tão conhecida atração física.

— Posso tentar uma coisa? — Ela me perguntou quando num movimento rápido eu me esquivei para abraçar o seu corpo por trás.

— Tem o meu consentimento. — Ofeguei e plantei um beijo demorado na nuca dela.

Ela se virou nos meus braços e suas mãos agarraram meus bíceps. Uma delas subiu lentamente e ficou jogada despretensiosamente sobre os meus ombros. Ellen mordeu o lábio inferior novamente e seus olhos brilharam sedutores. Então senti seu salto escorregar pela minha perna direita.

Uma descarga elétrica percorreu o meu corpo de forma tão intensa que eu travei a mandíbula para não gemer na frente dela como um adolescente.

— Vi em um filme e sempre quis fazer igual. — Seus lábios quase tocaram os meus.

Sorri atordoado e agarrei seu joelho mantendo sua perna esquerda ao lado do meu quadril.

A música se findou e com ela o meu autocontrole. Com a minha mão livre eu agarrei os cabelos da nuca dela e a beijei. Sem gentileza alguma, apenas com fome e desejo. Ellen gemeu dentro da minha boca e tirou sua perna do meu quadril enquanto suas duas mãos também se enroscavam no meu cabelo. Ela estava tão faminta quanto eu.

Apertei-a contra mim e nós demos alguns passos tortos até a uma das paredes. Ellen se apoiou nela e me puxou para junto de si. Pressionei contra a parede com o meu corpo. Então beijei seus lábios e minhas mãos ansiosas agarraram seu joelho outra vez, colocando sua perna ao lado do meu quadril novamente. Com agilidade, comecei a espalhar beijos molhados pelo pescoço dela enquanto apreciava os sons que ela derramava nos meus ouvidos.

— Damien... — suas mãos estavam na gola da minha camisa social e ela me puxou exigindo outro beijo.

Sorri e voltei a unir nossos lábios. O gosto dela era incrível. E eu sabia que ainda havia muito mais para provar. Senti suas mãos dentro do meu blazer, afastando-o dos meus ombros e comecei a imaginar a melhor maneira de despi-la enquanto subíamos as escadas para o meu quarto.

Mas então, nós ouvimos uma batida firme vindo da porta de entrada.

Ellen se separou de mim assustada.

Demorei alguns segundos para voltar a realidade além de seus lábios agora levemente inchados.

— O carro. — Pronunciei quando minha memória voltou.

Ainda sim relutei-me em me afastar dela e por um momento senti raiva de Santiago. Era o momento que sempre esperei, mas de repente estava arruinado. Ellen não disse nada, mas eu percebi suas faces ruborizarem enquanto ela me olhava. Ela ainda se reprimia pelos nossos toques. Seria assim até quando?

Afastei-me dela.

— Amassei o seu vestido?

Analisei-a devagar. Nós havíamos atacado um ao outro com selvageria.

Pensei ter feito algum estrago com as minhas mãos afoitas por tocá-la.

— Não. — Ela desviou os olhos dos meus.

Ainda estava presa em si mesma.

— Precisamos dançar mais vezes. — sorri quando a vi ajeitar os cabelos.

Eu não os havia agarrado com delicadeza. — Venha, vamos conhecer o resort.

Ofereci o meu braço á ela e Ellen hesitou um pouco antes de aceitar.

Sorri. Eu é quem devia ficar receoso, afinal fora ela que me provocara deixando-me descontrolado.

Caminhamos em silêncio para fora da casa e quando saímos um carro preto e um motorista nos aguardavam. Tentei concentrar-me no jantar quando me sentei ao lado dela e sua coxa roçou a minha.

Agora eu estava perto, podia sentir. Ellen seria minha.

Santiago era casado, eu bem sabia. Mas não esperava que viesse acompanhado de toda a família no jantar. Mas quando chegamos, nós fomos recepcionados por sua esposa Teresa e sua filha Aurora. Ellen pareceu um pouco tensa quando chegamos. Talvez tivesse medo de não conseguir acompanhar a conversa pela divergência das línguas, mas tanto Ignácio como sua esposa falavam português. Outra surpresa.

Esperava que Santiago fosse poliglota como eu e os demais grandes empresários internacionais, mas não sua mulher.

Ao fim das apresentações, nós nos sentamos na mesa.

— Você tem uma bela propriedade, Santiago. Pensei em construir um Resort em Pérola, mas não levei o projeto adiante e apenas faço manutenção da ilha.

O resort era realmente bonito e o restaurante ao ar livre combinava perfeitamente requinte e casualidade. Construído com todos os confortos possíveis e com um salão especial amplo para dias de tempos mais tempestuosos.

— É um bom investimento Damien e mantém a ilha muito ativa. Mas é claro, é preciso encontrar uma boa empresa para liderar a construção.

Porém você não tem esse problema. — Assenti com a cabeça e sorri. —

E você senhorita Ellen, está gostando do solo Argentino?

— Mais bonito do que eu imaginava. Fiquei impressionada com as praias, são tão lindas quanto as brasileiras.— Ellen sorriu animada.

— O Brasil lidera o ranking nesse quesito, mas é bom ouvir isso.—

Ignácio assentiu, mas depois voltou a falar. — Conhece Damien a muito tempo?

A pergunta também me pegou de surpresa. Não entendi a curiosidade de Santiago.

— Nos conhecemos na recepção dele no Copacabana Palace. — Ellen falou e sorriu para mim.

Sorri de volta pensando o quanto estarmos juntos ali exigiu bem mais do que um simples encontro no Palace.

— Como podem ver, fui muito bem recepcionado. — Aumentei meu sorriso apenas para vê-la ficar vermelha diante da minha demonstração.

— Eu conheci Santiago numa festa tradicional na praia do hotel. Tinha vindo á Argentina para uma despedida de solteira de uma amiga. —

Teresa se pronunciou.

— Foi a noite mais oportuna da minha vida. — Santiago segurou a mão da esposa e a beijou com carinho. Depois acariciou os cabelos da menina ao lado da mãe. Fiquei um tanto surpreso com o gesto. —

Sempre digo que a família é tudo na vida de um homem. Você pode compreender bem isso Damien. Sabe que homens como nós carregam mais do que conseguem aguentar na maioria das vezes. Chegar em casa e poder ter alguém com quem conversar e dividir as angústias são tão importantes quanto fazer um bom negócio.

Ele tinha razão. Mas isso não era um privilégio de todos os homens como nós.

— Imagino que seja. — confessei.

De repente, a garotinha na mesa chamou pela mãe. Teresa se levantou do seu lugar para levar a filha ao toalete, pedindo a Ellen que a acompanhasse. Ellen concordou prestativa e as três se afastaram da mesa.

— Sem Teresa aqui, posso falar de negócios. Estou disposto a fechar negócio pelo novo projeto que realizarei aqui na Argentina, mas prefiro discutir esses assuntos em um almoço executivo amanhã. — Santiago anunciou sério. — Não gosto de aborrecer Teresa com esses assuntos além do que já o faço dia após dia com todos os contratos e papeis.

— Entendo. — concordei. — Também prefiro separar as coisas.

— Teresa é uma boa esposa para mim. Além de trabalhar cuidando da

sua franquia de café em Buenos Aires e da nossa filha, está sempre disposta á me ajudar com as coisas da empresa, mesmo que esteja cansada no final do dia. — Ele sorriu e prendeu os olhos na direção que a esposa tinha seguido. — Não são todas as mulheres que estão dispostas á isso. E eu amo incondicionalmente por tudo de bom que me trouxe.

— Tem sorte, Santiago.

As palavras de Santiago me fizeram voltar á semana anterior e á Ellen enrolada em seu robe branco me oferecendo ajuda, mesmo depois da noite cansativa que tivemos. Ela havia se preocupado comigo e não me deixara sozinho. Será que aquilo significava alguma coisa? Será que Ellen sentia algo por mim?

Foi quando eu a vi e sua imagem quebrou meus pensamentos. Ellen se aproximava com Aurora nos braços que sorria alegremente para ela enquanto brincava com seus cabelos. A visão foi desconcertante e subitamente, eu não consegui mais afastar o olhar. Nem mesmo quando minha mente foi dominada por

imagens incomuns de Ellen e uma criança nos braços. Alguém que esticaria seus bracinhos para mim e sorriria. Talvez com aquele mesmo sorriso que eu via agora nos lábios dela.

— Desculpem pela demora. — Teresa pediu e depois alcançou a menina nos braços de Ellen, fazendo com que eu voltasse para a realidade.

Balancei a cabeça perplexo com os meus próprios pensamentos surreais.

Aurora beijou o rosto de Ellen que sorriu para ela devolvendo o beijo em sua testa.

Ela seria uma boa mãe, concluí.

— Acho que agora podemos fazer os pedidos. — Santiago anunciou.

Quando a refeição terminou, nós continuamos na mesa falando de assuntos triviais. Teresa confessou que era brasileira e eu pude compreender enfim o porque de se dar tão bem com Ellen. Elas tinham assuntos em comum.

À medida que os minutos se seguiam, eu comecei a imaginar que talvez Ellen não estivesse satisfeita. De repente, eu estava preocupado em aborrecê-la.

Procurei sua mão por baixo da mesa e a acariciei chamando sua atenção.

— Quer dançar?

— O que?

Não a respondi porque imaginei que recusaria. Parecia fadado a acontecer desde que nos conhecemos.

— Ellen quer dançar um pouco. Se importam? — anunciei na mesa.

— De maneira alguma. Aproveitem. — Santiago concordou.

— Vamos Darling?

— Com licença.

De mãos dadas, nós atravessamos o espaço entre as mesas até chegar á pista de dança. Diferente da que nos conhecemos no Palace, a estrutura era mais elevada e feita de pedra.

— Você não jogou limpo. — Ellen falou baixinho quando eu a abracei.

— Pensei que já estivesse acostumada. — Sorri e coloquei sua mão sobre o meu ombro.

Ellen sorriu de volta e eu comecei a nos balançar no ritmo da música. O

som lento do jazz era convidativo e mais pessoas começaram a se juntar na pista de dança. Era um ambiente romântico, mas eu estava apreciando tudo. Desde a música á mulher linda que eu tinha nos

braços.

— Acha que eles são realmente felizes? — Ellen perguntou de repente, fazendo-me virar o rosto na direção em que ela olhava.

Era um casal de idosos. Eles pareciam contentes e dançavam abraçados. A mulher com o rosto repousado no peito do homem. Era uma visão rara, mas ainda sim, eu não quis dar o braço á torcer.

— Talvez. — Talvez era uma boa resposta. Uma dança não significava que eles eram realmente felizes, significava? Mas eu estava dançando com ela. E estava feliz, com ela.

— Você não acredita, não é? — Ellen falou fazendo-me voltar a estudar seu rosto belo.

— Em que? — franzi o cenho confuso por um instante.

— Em amor verdadeiro.

Acreditei. Desde que nasci, desde que percebi o amor entre meus pais e o deles por mim. Mas não sabia se aquilo ainda era possível na nossa atualidade. As pessoas estavam mais frias, mais ambiciosas e más. O

amor não cabia no meio de tudo isso.

Agora só restavam ilusões, dinheiro e sexo. Por isso eu não me enganava mais e nem deixaria que outra pessoa me enganasse. Sorri para ela.

— Não.

— Mas não acha que aquele casal tem isso? — Ellen insistiu.

Olhei para o casal mais uma vez. A mulher se inclinou deu um selinho no marido. Ele sorriu de volta e acariciou o rosto dela. O afeto sincero visível em seus olhos.

— Se isso existir. — respondi ainda olhando o casal. — Não acho que seja para todos e não acho que se possa encontrar com facilidade.

Desviei meus olhos de volta para o rosto de Ellen, mas foi a vez dela de recuar e fitar o casal. Eles agora deixavam a pista de dança.

— Talvez não seja tão difícil encontrar o amor verdadeiro. Talvez seja mais difícil cuidar dele.

Ela não me olhou, mas suas palavras foram claras o suficiente para me fazerem enxergar. Percebi naquele momento, que mesmo apesar de machucada, Ellen era diferente de mim. O que quer que tenha acontecido em seu passado, não tinha conseguido tirar suas esperanças por completo. Ela ainda acreditava no amor verdadeiro. Talvez ainda acreditasse até mesmo em promessas e juramentos diante de um altar.

— Venha. — Parei de nos balançar. — Precisamos voltar á mesa.

A volta para a casa foi silenciosa. Ellen estava ao meu lado no carro, mas estava absorvida e concentrada em seu telefone. Deduzi que estivesse verificando como estavam os seus irmãos no Brasil. Foi naquele momento que comecei a calcular o que eu estava fazendo.

Ellen não era como as outras que conheci. Não podia ser. Ela não havia me feito nenhum mal e até mesmo se preocupava comigo. Então que direito eu tinha de arrancar o pouco de esperança que ainda lhe restara? Se ela queria acreditar no amor, devia ter esse direito. Mas ao mesmo tempo, eu nunca quis nenhuma mulher como eu a queria. Não conseguiria esquecê-la facilmente.

Quando chegamos á casa, eu a auxiliei a descer do automóvel e nós entramos em silêncio.

Porque eu estava tendo uma crise de consciência? Ela me queria também. Não seria nada tão ruim e nós estávamos em um contrato.

— Podemos continuar de onde paramos. — Não consegui me conter enquanto atravessávamos o corredor em direção ao quarto dela. Puxei para os meus braços e ela ofegou.

— O que?

— Você sabe que fugir prorroga mas não resolve a nossa situação. E

você tem fugido desde que nos conhecemos, Ellen. — Inclinei meu rosto na direção do dela. — Porque não para de reprimir, como quando dançamos tango mais cedo? Porque não faz o que quer fazer?

Ellen hiperventilou, mas hesitou.

— Porque... — Ela me olhou por alguns instantes. Parecia ponderar a situação. Mas no fim, eu vi a decisão em seu olhar. — Porque não é seguro. Não estou segura.

E eu não consegui argumentar contra a razão dela. Ellen não estava segura comigo. Eu apenas a desejava e poderia facilmente arrasar o restante das esperanças em seu olhar. Ela estava certa e a minha consciência também.

— Claro que não está. — Era hora de terminar com todo aquele jogo.

Nicholas estava correto. Ellen não podia ser comprada ou seduzida. Ela era mais do que isso. Então a aposta tinha chegado ao fim. — Você está certa. É melhor encerrarmos por aqui.

Ela me olhou confusa, mas entenderia quando voltássemos para o

Brasil.

— Tenha uma boa noite Ellen.

Afastei-me dela e comecei a caminhar em direção ao meu quarto.

Assim que entrei no cômodo, fui até a garrafa de uísque que havia deixado próximo á mesa do divã mais cedo. Servi uma dose para mim e a engoli rapidamente.

Era melhor assim. Era melhor deixá-la ir. Eu também iria embora muito em breve. Os negócios estavam sendo finalizados e a minha presença não precisaria mais ser integral no Brasil. Poderia voltar para a minha sede em Nova York e fazer visitas periódicas ao Rio de Janeiro. Voltaria para a minha vida conhecida. Sairia com modelos e atrizes vazias em busca de fortuna. Restauraria meus princípios e Ellen se tornaria uma lembrança. Com o tempo, eu me esqueceria dela. Aconteceu com todas, até mesmo com Crystle. Poderia acontecer outra vez.

Agarrei a garrafa de uísque e servi outra dose. Dessa vez mais caprichada. Foi então que ouvi a voz dela.

— Damien.

Virei-me na direção da voz, surpreso. Ela estava vestida com um robe preto, sem se preocupar em revelar seu pijama de mesma cor embaixo dele. Seus braços estavam cruzados sobre o peito e seus cabelos castanhos caíam em ondas por sobre eles.

— Ellen? Algum problema?— deixei o copo de uísque na mesa.

Ela não me respondeu de imediato, mas caminhou na minha direção.

— Vários. Mas não quero falar sobre eles agora. — Ela descruzou os braços e cerrou os punhos mantendo-os ao lado do corpo. Fiquei ainda mais confuso. — Você estava certo. Eu estive fugindo desde o dia em que nos conhecemos, porque pensei que assim me manteria segura.

Pessoas entraram na minha vida e me magoaram muito, então eu pensei que apenas me manter trancada e distante poderia ser o suficiente, mas descobri que não é. Eu preciso de mais do que isso. E

estou cansada da torre de marfim que construí para proteger á mim mesma.

Ela parou próxima a mim.

Eu compreendia o que significavam aquelas palavras. Exatamente o que percebi enquanto dançávamos. Ela ainda acreditava. Mas eu não poderia suprir suas expectativas. Não podia ser o cavalheiro a resgatá-la e levá-la á algum lugar protegido. Mesmo que eu quisesse, eu já havia errado muito depois de Crystle. Com certeza machucado pessoas. Não havia mais um coração tão nobre em mim.

— Não posso resgatá-la, Ellen. — confessei por fim. Não podia ser o homem que ela esperava.

Ellen não disse nada, mas eu enxerguei a sombra de um sorriso em seus lábios.

— Não quero que me resgate.

Não?

— Então o que quer, Ellen? — Subitamente, me senti nervoso como um adolescente.

— Você. — Ela me olhou nos olhos. — Quero esquecer o que aconteceu e o que pode acontecer e viver este momento. Quero voltar a sentir sem medo, mesmo que isso não pareça o certo e quero que faça amor comigo esta noite, Damien. Acha que pode me dar isso?

Meu coração bateu descompassado.

— Com certeza.

Percorri em um passo o espaço entre nós e a beijei. Beijei com paixão e desejo.

Incapaz de esconder a felicidade que o momento me causava.

Ellen envolveu meu pescoço com os braços e eu abracei seu corpo mantendo-a junto de mim.

Entre passos tortos e beijos intensos, nós caminhamos á cega até encontrar a cama. Ellen se manteve agarrada ao meu colarinho e nós caímos juntos no colchão macio. Coloquei meu corpo sobre o dela , mantendo seu rosto entre minhas mãos. Ambos já estávamos ofegantes e eu senti as mãos de Ellen subirem por meus braços até chegarem á minha nuca. Beijei-a mais uma vez e mais uma vez até que as roupas se tornaram um incômodo. Afastei-me dela para me livrar da camisa social.

Depois afastei o robe dos ombros dela e retirei também a blusa que ela

vestia. Meus olhos devoraram seus seios fartos na lingerie preta. Ela era perfeita.

— Minha. — falei possessivo e voltei a beijá-la.

Ellen me agarrou tão ansiosa quanto eu. Seus dedos delicados se arrastando pela minha pele deixando-me completamente louco por ela.

Mas de repente, eu percebi que esperei muito por aquele momento e não queria que fosse como os outros. Queria aproveitá-lo ao máximo.

Ergui a mão enquanto a beijava e segurei seu punho que estava sobre o meu ombro colocando-o sobre o travesseiro ao lado dela. Acariciei sua pele com a ponta dos dedos e me afastei para apreciar o seu rosto corado. Ela estava linda, como imaginei que seria.

— Quero guardar esse momento. — confessei. E queria guardar.

Queria muito.

— Eu também. — Ellen me respondeu ofegante.

Então ergueu o braço e devolveu meu carinho com perícia. Seus dedos percorreram toda a minha mandíbula fazendo-me suspirar para depois sorrir. Baixei o rosto mais uma vez e uni nossos lábios com urgência.

Minhas mãos acariciaram seu abdômen e eu comecei a espalhar beijos pelo seu pescoço e clavícula descendo em direção ao vale dos seu seios.

O cheiro conhecido da sua pele dominando os meus sentidos e aumentando o meu desejo por ela.

Senti quando ela ergueu as costas do colchão apoiando as mãos nos

meus braços. Depois sua boca estava nos meus ombros e descendo pela lateral dos meus braços com beijos quentes. Ellen me provocou com mordidinhas leves fazendo-me grunhir. Ergui o rosto e procurei pela boca dela enquanto deslizava minha mão para a sua nuca. Foi a minha vez de provocá-la com leves mordidas em seus lábios. Ellen retribuiu apertando suas unhas nas minhas costas.

Com agilidade, desci minhas mãos pelas suas costas e desfiz o fecho do sutiã. Retirando a peça de seu corpo e a atirando pelo quarto. Agora ela estava parcialmente nua e a visão me levou a um delírio momentâneo. Abracei-a, finalmente fazendo um contato cru e ambos soltamos um gemido diante do toque.

— Damien... — Ela chamou por mim quando comecei a fazer uma trilha de beijos até seus seios, provando-a com meus lábios e os dentes.

Senti as mãos dela subirem das minhas costas para a minha nuca e agarrarem os meus cabelos com força. Soltei uma risadinha. Nós combinávamos na cama, ela era tão impaciente quanto eu.

De repente, ela afastou as mãos dos meus cabelos e agarrou o lençol da cama.

— Não se reprima, Darling. Venha comigo. — Afastei-me para tirar o restante das minhas roupas.

Depois, com os meus olhos nos dela, eu afastei o short de pijama para deixá-la somente com a calcinha de renda, como o sutiã. Lancei um

olhar mal intencionado para ela e depois me curvei, beijando sua intimidade lentamente sob o tecido.

Ellen soltou um gemido alto e logo depois se ergueu rolando sobre mim na cama. Seu corpo delicado cobrindo o meu.

— É assim que eu gosto. — deixei minhas mãos subirem pela sua cintura e admirei a bela visão dela nua sobre mim.

Ellen sorriu para mim e se curvou beijando-me com voracidade.

Depois desceu os beijos pelo meu pescoço e meu peito, deixando-me atordoado. Suspirei e procurei a mão dela livre sobre o meu ombro, tentando trazer sua boca para a minha de volta. Ela riu quando eu enrosquei meus dedos nos cabelos de sua nuca e puxei-a de volta para mim.

Ellen colocou seus braços sobre os meus ombros e eu acariciei suas costas descendo minhas mãos até o cócs da sua calcinha. Então me levantei com ela em meu colo.

Nós deixamos de nos beijar, mas eu mantive nosso contato visual enquanto a ajudava a retirar a última peça que cobria seu corpo. Ellen passou as pernas pelo tecido e sorriu quando eu o atirei pelo quarto.

Agora eu a sentia quente sobre mim. Sorri para ela e me aproximei para beijá-la. Ellen colocou suas mãos no meu rosto e seus olhos brilharam para mim antes dela se aproximar e beijar meus lábios com carinho.

Devolvi o carinho com beijos suaves enquanto acariciava a sua cintura.

Foi então que me lembrei do que ela havia me dito. Minhas mãos percorreram suas costelas direitas e

pararam na parte inferior. Deixei de beijá-la e desviei meus olhos para a cicatriz. Em formato irregular e mais clara que o restante da pele. Apenas um pequeno marco para uma história tão triste.

Vóltei a fixar meus olhos em seu rosto novamente. Mesmo que não pudesse durar mais do que aquela noite, eu deixaria minhas barreiras de lado e faria amor com ela. Com carinho, como ela pediu. Faria com que fosse especial.

Envolvi-a com meus braços e a coloquei devagar sobre os travesseiros.

Então me juntei a ela, abraçando-a e beijando-a devagar para explorar seu gosto e deixá-la sentir tudo o que quisesse. Minhas mãos desceram pelos seus quadris e depois deslizaram para a parte interna das suas coxas. Ellen se agarrou á mim quando eu a toquei intimamente.

— Damien...

— Estou lhe dando a oportunidade de sentir. Como você me pediu, Darling.

Toquei-a com cuidado, procurando descobrir seus pontos mais sensíveis através das reações em seu rosto. Cada uma delas me intrigava e me fazia querer descobrir mais e satisfazê-la mais. Quando percebi que ela estava perto, afastei-me dela para pegar o preservativo na gaveta.

Então me ajeitei entre as pernas dela e percebi seu olhar ansioso sobre mim. Depois suas mãos apertaram as minhas costas e seu

rosto ficou tenso.

De repente, fiquei alarmado. Eu conhecia bem aquele olhar. Era o jeito de uma mulher inexperiente olhar.

— Já fez isso antes? — Segurei o rosto dela com delicadeza. Eu não podia mais voltar atrás, mas se ela fosse virgem eu precisava ter o cuidado de não machucá-la ou fazê-la se sentir forçada.

— Uma vez. — Suas mãos estavam um pouco frias agora e eu percebi pelo seu semblante que a primeira experiência não fora agradável.

Tudo bem. Eu ia mostrar á ela como um homem realmente amava uma mulher. Encostei minha testa na dela e coloquei seus braços envolta do meu pescoço. Então me mexi devagar, segurando-me para conseguir a confiança dela. Ellen ficou inquieta embaixo de mim e eu soube que estava conseguindo o efeito desejado. Mas apenas quando ela soltou um gemido alto e envolveu meus quadris com suas pernas é que eu investi contra o seu corpo.

Ellen se contorceu e chamou por mim, fazendo meus hormônios aquecerem o meu sangue.

— Damien...

— Eu prometi que a faria ver estrelas. — Sussurrei e depois beijei sua orelha enquanto me movimentava mais uma vez.

Ellen passou os braços pelas minhas costelas e suas mãos subiram

pelas minhas costas alcançando a minha nuca. A cada vez que nos encontrávamos no ritmo, ela me apertava mais contra si e suas reações me tornavam mais intenso. Nós nos beijamos e nos provocamos até que eu não consegui mais manter os limites.

Senti o corpo dela desfalecer no colchão depois da última vez em que seus lábios chamaram por mim e em seguida, me uni a ela completamente saciado.

O corpo delicado de Ellen tremia levemente embaixo de mim. Senti suas mãos pequenas acariciando as minhas costas e fechei os olhos concentrando-me em nossas respirações unidas e nos nossos corpos entrelaçados. Eu não sabia o que tinha acontecido, mas sabia que jamais esqueceria aqueles momentos. Nunca mais.

Deixei meus lábios roçarem o ombro dela devagar e percebi que nossos corações seguiam no mesmo ritmo, confundindo-se um no outro, como se fossem apenas um. Não quis pensar em mais nada e apenas a abracei. Quando a manhã chegasse eu encontraria uma forma de resolver aquele desejo insano de prometer á ela o meu próprio coração em uma bandeja de prata.

Bônus: Promessas - Parte II

" Então você pode me guardar no bolso do seu jeans rasgado. Me abraçando perto até nossos olhos se encontrarem. Você nunca estará sozinha. Me espere para voltar pra casa." (Photograph - Ed Sheeran)"

Abri os olhos, mas não me mexi na cama.

Inspirei profundamente o cheiro adocicado da pele dela e percorri com os dedos suas costas nuas, sentindo a respiração calma dela próxima ao meu pescoço.

Lembrei-me do momento em que acordei com os soluços dela no meio da noite. Por um momento pensei que estivesse arrependida dos nossos momentos juntos, mas então ela me contou sobre o pesadelo e eu vi seu olhar angustiado, mesmo na penumbra da noite. Foi então que fiz o impensável. Eu a abracei e fiz uma promessa. Mesmo sabendo que não poderia cumpri-la.

Baixei o rosto e observei seu semblante adormecido repousando no meu ombro direito. Senti uma emoção estranha crescendo dentro de mim. A mesma que percorreu a minha espinha durante toda a nossa noite juntos. O sentimento ampliava-se a cada batida do coração dela contra o meu peito, sufocando o meu estômago e alterando a minha respiração. Era estranho e era ela. Ela estava me causando aquelas sensações.

De repente tudo estava resumido ali. Tudo o que importava realmente reunido em todos os momentos daquela noite e na forma como meu coração se acelerava enquanto eu a observava. Percebi, pela primeira vez, que não queria me levantar e ir embora. Queria ficar ali para sempre. Vê-la acordar e sorrir para depois beijá-la. Então fazer-lhe mais

promessas. As promessas que eu havia esquecido em algum lugar dentro de mim por acreditar que jamais encontraria alguém que, de fato, merecesse o esforço.

Franzi o cenho assustado com a intensidade dos sentimentos em mim.

O pior é que de alguma forma, eu sabia que eles não haviam aparecido da noite para o dia. Não. Eu não sabia quando tinha começado. Não conseguia me lembrar do início, mas o desfecho de tudo aquilo me fez recuar apressado. Uma tentativa tardia de negar o que todas aquelas emoções significavam. Era uma atitude covarde, eu sabia, mas não tinha outra saída.

Devagar, afastei Ellen do meu peito e a acomodei na cama. Então me levantei sem olhá-la e caminhei para o banheiro indo direto para o chuveiro. Tentei não me concentrar nela, mas as imagens enchiam a minha mente. Seu rosto, a forma como me tocou e como os seus olhos brilharam para mim.

Como eu podia ter permitido que aquilo acontecesse? Eu não respeitei meus próprios limites e agora teria de lidar com as consequências.

Puxei uma toalha e enrolei-a na cintura para deixar o chuveiro, mas não esperava encontrá-la acordada. Ellen estava sentada, o lençol envolvendo seu corpo e com um sorriso nos lábios na minha direção.

Desviei o olhar sentindo-me perdido.

— Voltamos para o Brasil á noite. — Tentei me concentrar nas roupas.

Eu precisava mostrar á ela que não podia levar aquilo adiante. Ambos sairíamos machucados. — Mas sairemos para Buenos Aires hoje pela tarde. Então esteja preparada.

— Tudo bem. — Ela falou e eu notei a insegurança em sua voz. —

Damien, está tudo bem? Me desculpe por ontem a noite, eu...

— Eu não vou ficar para o café e também não voltarei para o almoço.

Então não espere por mim.

— Eu... Eu fiz tudo errado, não foi? — Meu coração se apertou no peito.

Eu podia sentir a insegurança dela se transformar em dor, mas eu não podia ceder. Eu tinha que obedecer os limites dessa vez. — Eu não queria ter acordado você no meio da noite. Eu... Me desculpe.

"Não. Me desculpe você, Ellen."

Meu coração gritou exigindo que eu me retratasse. Que parasse de bancar o cretino e dissesse o que eu estava sentindo de verdade. Que havia sido a noite mais maravilhosa que eu já havia vivido, mas que isso não seria o suficiente depois de anos mantendo sentimentos ruins no peito. Eu não podia ser o homem que ela esperava. Não poderia ser o príncipe a resgatá-la. Havia me acostumado ao egoísmo e a insensibilidade e não sabia se ainda era possível ser curado. Então coloquei meu relógio no pulso e mantive a máscara impassível.

— Nós conversaremos depois. — sentenciei e depois saí do quarto fechando a porta.

Mas parei antes de dar o segundo passo, pensando em ceder o desejo de voltar ao cômodo e pedir desculpas. Eu não estava sendo justo e Ellen não merecia aquele tratamento, mas eu estava certo de que era melhor a ser feito. Ela ainda acreditava em coisas que eu não sabia se seria capaz de oferecer. Sequer

sabia quanto tempo mais ficaríamos juntos. O Brasil não era a minha residência fixa e Ellen merecia mais que alguns momentos de paixão.

Suspirei e finalmente me afastei da porta do quarto decidido pela primeira vez a pensar em algo além das minhas próprias vontades. Não importava o que eu sentia, mas o que seria melhor para Ellen. Eu não seria egoísta dessa vez. Só esperava que ainda houvesse tempo para fazer uma boa escolha e não machucar ainda mais o coração dela.

— Onde está Ellen? — Santiago apertou a minha mão e depois me convidou a sentar com ele na mesa do restaurante dentro do hotel.

— Eu a deixei ainda dormindo. — menti.

— Não quis dizer que viria tratar de negócios. Sei como essas coisas são. — Santiago sorriu cúmplice na minha direção. — Espero que estejam gostando do chalé. É um dos meus lugares preferidos na ilha.

— Está sendo uma experiência admirável. — E eu estava estragando tudo.

— Vocês deviam estender a semana. — Santiago propôs e depois acenou para um garçom que se aproximou da mesa. Pedidos feitos, ele prosseguiu. — Haverá uma festa na praia hoje á noite e durante a semana teremos outros bons eventos.

— Eu gostaria muito, Santiago, mas preciso voltar. Deixei assuntos pendentes.

Ele sorriu educado e assentiu com a cabeça.

O almoço não demorou a chegar. Santiago e eu acertamos alguns detalhes sobre o negócio que pretendíamos levar adiante. Uma parceria que seria lucrativa para ambos os lados. Mas mesmo diante do bom negócio, eu não conseguia pensar em muita coisa além dela.

Geralmente, eu me sentia vitorioso e alegre ao fechar um bom negócio como aquele, mas naquele momento não era o que eu sentia. Nada do que se passava dentro de mim tinha haver com o sucesso que a viagem havia sido no final de tudo. Eu não me sentia nenhum vencedor. Na verdade, sentia que estava perdendo mais do que ganhando em tudo aquilo.

Quando todos os aspectos foram discutidos e acertados, eu percebi que já era hora de voltar ao chalé para reunir todas as bagagens.

— Tem certeza de que não podem ficar? — Santiago insistiu quando já estávamos fora do restaurante.

— Infelizmente tenho. — Eu preferia ficar. Perto das belas praias argentinas e com Ellen ao meu lado, mas não era possível.

— Teresa fará questão de se despedir de vocês. Ela gostou muito de Ellen. Aurora também gostou. — Não era uma novidade. Quem poderia não gostar dela. Até mesmo eu havia cedido no final de tudo. — Nós iremos até o heliporto para falar com vocês. Espero que venham nos visitar em outras oportunidades.

— Claro. Será um prazer. — respondi com um sorriso cordial.

Mas a verdade é que eu não sabia se voltaria algum dia. A ilha me lembraria dela para sempre.

Santiago voltou a me cumprimentar com um aperto de mão e depois entrou no seu carro deixando o restaurante. Eu rejeitei o motorista e preferi caminhar um pouco descendo pela praia para pensar.

O mar estava calmo e paisagem era perfeita para a manhã de domingo, mas não havia o mesmo brilho da tarde anterior quando caminhei com Ellen de mãos dadas. Eu ainda não sabia o porque de ter feito todas aquelas coisas. Tudo o que eu compreendia era que ficar perto dela tinha se tornado uma espécie de necessidade. Seus olhos castanhos me passavam serenidade e de alguma forma, se tornaram uma das visões

que eu mais ansiava ter durante o dia.

Na semana que precedeu a viagem, eu me peguei analisando várias vezes a foto publicada no jornal italiano. Também comecei a fazer telefonemas regulares durante a tarde, usando os preparativos da viagem como desculpa apenas para ouvi-la. E quando o sábado finalmente chegou, eu estava contente por finalmente poder revê-la.

Meus sentimentos por Ellen tornaram-se mais amplos do que eu premeditei e dormir com ela deixou as coisas ainda piores, porque eu não consegui me ater ao físico.

Passei as mãos pelo cabelo quando vi a casa despontar ao longe. Ela já devia estar pronta. Será que havia chorado depois do meu tratamento frio pela manhã? O simples pensamento me causou náusea. Eu devia ter explicado as coisas e não ter agido como um idiota. Mas eu estava confuso e pensei ser aquela a melhor forma de resolver tudo. Talvez fosse melhor ela me ver como um idiota do que descobrir o homem egoísta e covarde demais para expulsar os próprios demônios.

Voltei á estrada e caminhei mais rápido em direção á casa, confiante.

Aquele era o certo a se fazer. Convenci a mim mesmo, agora eu apenas precisava me manter firme na decisão a ter deixarmos o solo Argentino.

A viagem até Buenos Aires foi horrível.

Ellen estava ao meu lado, mas já estava longe de mim. Novamente, envolvida pelo semblante austero, sua forma de se proteger. Eu não podia culpá-la por não querer falar comigo. Havia sido um canalha e merecia todas as honras da posição, mas ainda assim eu me mantive fiel á minha posição.

Nós chegamos ao hotel pouco depois das três da tarde. Solicitei apenas uma suíte para nós dois. Queria passar o tempo que restava perto dela, mesmo com toda a situação. Ela não disse nada quando entramos na sala, mas eu me senti na obrigação de pontuar:

— Eu vou ficar aqui. Tenho alguns documentos para organizar. — Não a olhei. — Pode ficar com o quarto.

— Obrigada pela generosidade. — Ela finalmente se dirigiu á mim, o tom de voz cortante.

Então se virou para sair, mas eu a interceptei:

— Temos de conversar. — Não queria continuar naquela situação ruim com ela. — Isso está indo longe demais.

Ellen me encarou com os olhos flamejantes. Dor e raiva misturados.

— Nisso você tem razão. — Ele tirou o braço das minhas mãos num gesto brusco. — Eu fui até o seu quarto e dormi com você porque eu quis, mas você não precisa se preocupar Damien. Não vou ficar te perseguindo ou coisa parecida. Apenas gostaria de um pouco de

respeito, mas acho que isso não está dentro do meu contrato de prostituta de luxo, não é?

Suas palavras me deixaram sem fala por alguns instantes. Então era isso que ela pensava? Que ainda era o contrato? Eu sequer me lembrava do maldito papel esquecido em alguma das minhas gavetas. Pensei que ela houvesse sentido a mudança entre nós na noite de ontem. Não a via como minha prostituta. Nunca a vi, mas era o que sempre estava dando a entender com as minhas atitudes.

Não tentei impedi-la quando ela se afastou em direção ao quarto. Eu merecia aquilo. Ellen estava apenas tentando se proteger de mais danos. Danos que eu estava causando.

Levei as mãos ao cabelo e soltei um suspiro. Péssima ideia obrigá-la á ficar na suíte comigo. Eu estava apenas piorando as coisas e fazendo com que ela sofresse mais. Procurei por uma distração e me lembrei dos documentos esperando por mim no meu notebook. Encontrei-o na bagagem e me sentei no estofado apoiando o computador na mesa. No entanto não consegui ler nada. Tudo que fiz foi olhar para tela com a nossa foto juntos enquanto sentia a raiva por mim mesmo crescer.

Eu não tinha o direito de magoá-la. Tudo que Ellen vinha fazendo por mim desde que nos conhecemos era me ajudar e isso era o que ela recebia de mim. Mágoa. Pensei em me levantar e ir até o quarto dela, mas no momento seguinte ela estava na minha frente com uma carteira

nas mãos.

— Vai sair? — levantei-me na mesma hora.

— Me desculpe pela cena. Não vai acontecer de novo. — Ela deu um passo na minha direção, mas manteve os olhos na mesa. — Você não está agindo de forma errada. Eu estou. Sabia como seriam as coisas desde que o procurei no escritório.

Foi a minha vez de dar um passo na direção dela.

— Temos de conversar sobre isso, Ellen. Sobre o contrato. — Precisava dizer a ela que aquilo não existia mais, mas que ainda não podíamos ficar juntos. Ela merecia alguém melhor do que eu. Que começasse as coisas do jeito certo. — Eu nunca escondi de você como as coisas seriam. Não podemos. Eu não posso.

— Claro que não pode. Não sou bem o que se parece uma namorada de milionário. — Ela me olhou com

um sorriso melancólico e eu percebi seus olhos cheios de água. Ellen achava que eu não a queria por uma questão de hierarquia social. Meu coração pulsou dolorido quando eu relembrei os meus padrões antigos e preconceituosos. Ela abriu a carteira e tirou o cartão de crédito que dei a ela colocando-o sobre a mesa. —

Está aqui. Tenho de alertá-lo sobre uma fatura um tanto alta nele, mas você pode descontar do dinheiro do acordo e não precisa me pagar mais nada, apenas me leve para a casa.

Não, Darling.

— Ellen...

— Você tem razão. — Ela voltou a me encarar e novamente sorriu de forma á partir meu coração. — Isso já foi longe demais. Agora vou deixar que termine o seu trabalho.

Ellen se virou para sair, mas eu não podia permitir que ela fosse embora acreditando naquela percepção. Eu havia sido preconceituoso sim, no início, em relação á muitas coisas, mas ela havia me mudado.

— Espere.

Segurei-a pelo braço.

— Me deixe ir, Damien. — Ela pronunciou com a voz trêmula.

Virei seu corpo na minha direção.

— Eu não posso prometer o que você quer, Ellen.— A expressão no rosto dela deixou-me próximo do desespero.

Ellen tinha que compreender que eu não era o homem certo para ela.

Não sabia se poderia fazê-la feliz com todos os defeitos que eu carregava.

— Não quero que me prometa nada, Damien. Eu apenas quero que me deixe ir. — Ela tentou se afastar de mim. — Não posso mais lidar com isso. Não posso.

Então ela teve uma crise de choro na minha frente. A dor em seus

olhos de repente se tornando a minha dor também. Ellen ficou ainda mais desesperada para se livrar de mim.

— Me deixe ir. Me deixe ir, Damien.

Não consegui mais fingir a frieza usual e a abracei forte contra o meu peito, desesperado para aplacar a dor que causei nela.

— Não posso. Não posso deixar, Ellen.

E eu realmente não podia.

Ellen começou a soluçar angustiada no meu peito e eu afastei-a para ver o seu rosto.

— O que eu estou fazendo com você, Darling? Eu a machuquei. —

Estava tentando evitar que ela sofresse, mas apenas consegui piorar as coisas. — Sei que devo deixá-la ir, mas eu não consigo. Droga. Não sei mais o que estou fazendo, Ellen. Eu não sei.

Foi então que deixei todas as minhas boas intenções de lado e a beijei.

Dane-se. Eu não conseguia ser mesmo o cara bom, então porque infringir sofrimento á nós dois? Se ela me queria e eu a queria o resto não importava. A única razão que parecia importar naquele momento era como nossos corações conseguiam bater no mesmo ritmo.

Ellen me abraçou de volta, envolvendo meu pescoço com os braços.

Nós nos perdemos em beijos até que eu senti suas mãos delicadas por baixo da minha camisa. Ajudei-a a me despir e em seguida fiz o mesmo com ela. Então a puxei para o meu colo e Ellen colocou suas pernas em

torno do meu quadril. Guiei nós dois até o estofado e nos livreii do restante das roupas.

Quando nos deitamos juntos, ela segurou meu rosto com as duas mãos. Seus olhos castanhos me estudaram atentamente, com um brilho bonito e melancólico. Como se estivessem se despedindo de algo bom.

Percebi que aquele seria o nosso último momento juntos. Então desacelerei os meus toques, querendo prorrogá-lo. Devagar, eu deixei que meus lábios provassem cada parte do seu corpo, beijando sua pele cheirosa com carinho. Ellen estremeceu embaixo de mim e eu senti suas mãos apertarem os meus braços. Depois elas deslizaram para a minha nuca, puxando os meus cabelos devagar. Eu já reconhecia o sinal e voltei a procurar sua boca.

Minhas mãos percorreram a sua cintura e depois seu quadril até alcançarem seu joelho. Flexionei-o de leve e coloquei sua perna sobre o meu próprio quadril. Então parei de beijá-la para apreciar o seu rosto corado. Ellen abriu os olhos e suas mãos deslizaram para o meu rosto acariciando a minha pele. Ela me deu um pequeno sorriso, que fez o meu coração disparar, depois aproximou seu rosto do meu e beijou meus lábios com suavidade. Fiquei imóvel, apenas apreciando todas as sensações novas. Havia desejo em seu toque, mas também havia sentimento. Fechei os olhos e senti seus lábios nos cantos da minha boca e depois na minha mandíbula. Cada toque repleto de ternura.

Quando ela se afastou, eu abri os olhos e foi a minha vez de amparar seu rosto com a mão. Deixei meu indicador percorrer sua boca e então, com os olhos nos dela, eu nos transformei em um só. Gemi junto dela e encostei minha testa á sua. Ellen procurou meus lábios e eu me entreguei para ela enquanto pronunciava seu nome. Entreguei-me como nunca tinha feito antes e com tudo o que eu carregava dentro de mim. Ela chamou por mim e eu respondi acariciando o seu corpo delicado nos meus braços.

Na última vez em que nos encontramos, eu percebi que nada mais podia ser ignorado. Senti quando seus lábios deixaram um beijo no meu ombro e ela encostou sua bochecha na minha pele enquanto ambos tentávamos absorver as sensações. Quando percebi que tudo estava sob controle de novo, ergui-me para

fitar o seu rosto.

Ellen estava corada e seus cabelos castanhos estavam pregados á seu pescoço com uma fina camada de suor. Meus sentimentos vieram á tona mais uma vez, exigindo serem ouvidos. Por um momento, senti-me confuso e me afastei dela sabendo que era o momento da decisão. Ellen também se sentou, mas quando se curvou para recolher suas roupas, eu compreendi que mesmo que quisesse ir contra aquilo, não poderia.

— Fique. — segurei seu pulso fazendo-a me olhar.

— O que? — Ela ofegou.

Levei minhas á sua cintura e a puxei para mim, encostando nossos rostos.

— Não posso prometer nada, Ellen. Não restou muito dentro de mim para que eu possa lhe prometer, mas mesmo que duvide, você foi a melhor coisa que me aconteceu em anos e eu não posso deixa-la ir. Não posso perdê-la.

— Damien...

Ellen colocou suas mãos no meu rosto.

Eu precisava dela. Ellen, em algum momento, se tornara algo especial na minha vida. Algo bom e raro que eu não queria perder. E muito embora, eu ainda quisesse fazer uma boa escolha, estava em pânico com o simples pensamento de me afastar. Eu estava sendo egoísta, mais uma vez, eu sabia. Ellen merecia alguém que a amasse com todo o coração, eu sequer sabia se tinha restado algo de bom dentro de mim, mas por outro lado, não conseguia mais lutar contra o que eu sentia.

— Tudo isso é muito novo para mim porque eu não pertenço, não sei pertencer. Também não sabia o que era sentir de verdade até a noite passada, mas você me ensinou Ellen. — Deixei minhas mãos subirem pelo antebraço dela acariciando-a. — Eu sei que o meu pedido é egoísta porque não posso lhe oferecer muita coisa e você tem todo o direito de recusá-lo e seguir sua vida quando chegarmos ao Brasil, mas ainda sim

peço que reconsidere. Se você ficar...

— Eu fico. — Ela respondeu rapidamente fazendo uma euforia crescer dentro de mim.

— O que? — repeti surpreso.

— Eu fico, Damien. — Ellen afagou minha mandíbula com os dedos . —

Eu só coloco uma única condição.

— Qual é Darling?

— Que seja sincero comigo quando perceber que isso deve acabar, como está sendo agora. Não vamos ser desonestos um com o outro.

Não vamos fazer falsas promessas.

Desviei minhas mãos do rosto dela, envolvendo sua nuca para manter seu rosto perto do meu.

— Eu aceito. — Beije-a devagar.

As promessas quebradas eram responsáveis pelas minhas dores também e aquilo era o mínimo que eu podia fazer pela mulher ao meu lado.

Ellen colocou suas mãos na minha nuca e eu abracei-a pela cintura, voltando a repousá-la no estofado outra vez. Sorri diante da visão, contente por ainda tê-la comigo. Ellen sorriu de volta. O sorriso mais bonito que eu já a tinha visto dar.

— Não será como antes. Vou tratá-la como merece ser tratada,

Darling.

— Isso quer dizer que vamos fazer amor toda noite?

Senti meus lábios se curvando num sorriso e analisei seu corpo nu descaradamente. Ela era linda e era minha.

— Todas as tardes, manhãs e noites. — Acariciei seu lábio inferior com o polegar. — E quando acordar pela manhã não vai ter que lidar com alguém que irá magoá-la. Não vou mais me esconder de você, Ellen.

Ela sorriu e eu vi a linha dos seus olhos cheios de água. Então ela me abraçou e eu a apertei nos braços com carinho.

Talvez eu não estivesse fazendo a melhor escolha para ela. Talvez eu continuasse sendo o mesmo egoísta de sempre, mas naquele momento, quando eu a tinha nos meus braços, nada mais parecia tão certo quanto nós dois.

Ellen descansava o rosto no meu peito, envolvida em um sono profundo enquanto o avião nos levava de volta ao Rio de Janeiro. Eu me sentia bem. Estava tranquilo e a sensação de que tudo tinha sido um sucesso na Argentina finalmente reverberou dentro de mim.

Os negócios estavam indo de vento em poupa, para ser sincero, melhores do que eu esperava. O único porém era que o sucesso me fazia mais perto da volta para a casa. Com as coisas em ordem no Brasil, eu teria de retornar para Nova York que também aguardava os meus

ajustes e onde eu realmente morava. Mas eu não queria voltar, ao menos não sozinho.

Olhei para Ellen e acariciei seu ombro. Por muito pouco não havíamos perdido o avião. Sorri ao me lembrar do ocorrido. Ficamos tão entretidos nos braços um do outro que não vimos a hora passar. Todos os momentos com ela eram inesquecíveis, mas eu tinha certeza de que ela esperava que a qualquer momento eu terminasse tudo e voltasse para os Estados Unidos. Confesso que era o que eu também pensava no início, mas agora eu via as coisas de outra forma. Não queria deixar que Ellen se afastasse de mim, embora não tivesse certeza de como as coisas se desenvolveriam entre nós. Por outro lado, cedo ou

tarde eu teria de retornar á Nova York e se ainda estivéssemos juntos precisava encontrar uma forma de convencê-la á ir comigo.

Contudo, eu sabia que as coisas não seriam simples. Ellen era a responsável pelos dois irmãos mais novos e provavelmente iria querer levá-los onde quer que fosse. Eu não via problemas nisso, mas a questão é que não seria apenas uma mudança de cidade. Seria uma profunda mudança cultural. As crianças teriam de aprender uma nova língua e Ellen também. Ou talvez, eu apenas encontrasse uma forma de resolver as coisas sem ter de morar em Nova York. Poderia fazer do Rio de Janeiro á minha sede principal.

De repente, percebi que estava criando vários planos para o futuro com ela,

incluindo até mesmo seus irmãos. Fiquei momentaneamente surpreso. Eu nunca tinha feito isso com nenhuma outra mulher. Havia pensado em algumas coisas com Crystle, mas não me imaginei mudando toda a minha vida por ela como estava fazendo com Ellen.

Toquei seu rosto com a ponta dos dedos. Era tão pequena e delicada, mas tinha conseguido transformar meu mundo perfeitamente organizado em uma verdadeira confusão. Eu tinha trocado tudo apenas pelos momentos com ela.

— Senhor. — Uma aeromoça se aproximou de nós. — Vamos pousar em alguns minutos.

— Obrigado. — agradei.

Ela se afastou com um sorriso polido.

— Ellen. — toquei seu rosto devagar.

Ellen franziu o cenho enrugando a testa e depois abriu os olhos.

— Boa noite. — sorri para ela.

— Boa noite. — Ela piscou e depois sorriu.

— Vamos pousar em alguns minutos. — afastei os cabelos dela da testa e emendei depressa: — Estive pensando em algumas coisas. Que tal vir trabalhar comigo na minha empresa?

— O que? — Ela se afastou surpresa.

— Você sonha em ser arquiteta e eu tenho uma empresa especializada

no ramo de construções. A Imperium possui programa de estágios muito bem coordenado. Você pode voltar para a faculdade e trabalhar comigo. — Eu imaginava qual seria a resposta dela, mas ainda assim não podia deixar de tentar.

— Eu agradeço muito por pensar em mim, Damien, mas acho que não poderia dar certo. — Ela respondeu. — Claro que poderia. Bastava que ela fosse menos orgulhosa e aceitasse a minha ajuda. — Como você acha que eles me veriam lá dentro? Eu nunca seria tratada com seriedade dormindo com o proprietário da empresa.

— Eu faria com que a tratassem. — insisti. — Qualquer um que ousasse desrespeitá-la estaria contra mim.

— É por isso que as coisas não funcionariam, Damien. — Ela sorriu e me beijou rapidamente. — As pessoas me respeitariam por medo de você e não pelo meu bom trabalho.

Soltei um suspiro. Precisava admitir que ela tinha razão sobre o assunto, mas ainda não tinha desistido de ajudá-la.

— Certo. — limitei-me a responder. — Mas essa não será a minha última palavra sobre o assunto.

Para a minha surpresa, Ellen soltou uma gargalhada.

— Você nunca desiste. Desde a noite em que nos conhecemos.

— É bom que reconheça isso, darling. Sabe mais do que ninguém como consigo tudo o que eu quero. — sorri malicioso e a segurei pela nuca beijando-a.

— Eu sei, senhor Mason. Mas enquanto nós dois estivermos conseguindo o que queremos, eu não me importo. — Ela me segurou pelo colarinho e me beijou em meio á um sorriso.

E de repente eu não tinha mais forças para discutir. Apenas queria que o avião pousasse logo para que pudêssemos ficar novamente á sós no meu quarto.

— Está tudo indo para o carro, Darling. Tom já está á nossa espera. —

Anunciei depois de despachar as malas.

— Preciso ir para a casa. — Ela colocou o telefone no bolso da calça.

— Agora? Não. Não vou deixar que vá para casa hoje a noite, Ellen. —

Nós havíamos combinado de que ela viria para a minha casa já que chegaríamos ao Brasil tarde da noite.

— Não queria ir Damien. Preferia ficar com você, mas preciso porque tenho que ver o meu irmão...

— Seu irmão?

— Sim. Tenho responsabilidades com eles, você sabe. — Ela pareceu querer dizer outra coisa, mas o seu semblante preocupado me distraiu.

Percebi, de um momento para outro, que Ellen estava abatida e

segurava o celular com firmeza nas mãos. Devia estar preocupada por ter ficado tanto tempo longe dos irmãos. Eu precisava compreender.

Eles eram uma família acima de tudo.

— Tudo bem.

— Desculpe. — Ela se apressou a dizer e segurou meu queixo. — Ainda não volto para o trabalho amanhã.

Sorri subitamente satisfeito.

— Isso é uma proposta? — Foi a minha vez de segurar o queixo dela.

Ellen sorriu contente e assentiu com a cabeça.

— Depende. Você está disposto a aceitar?

Abracei-a em resposta.

— Todas as manhãs, tardes e noites. Como eu disse antes. Vou afastar todos da casa amanhã e deixarei os diretores para resolverem os problemas na Imperium.

— Está se tornando irresponsável, senhor Mason. — Ela me acusou com um sorriso sapeca.

— Talvez. — beijei-a. — Posso ao menos levá-la para casa?

— Tom não pode subir na periferia com aquele carro importado.

Chama atenção demais. Vou de Táxi.

Suspirei. Outra questão a se pensar era o lugar que Ellen morava. Não parecia ser muito seguro. A casa dela ficava na encosta do morro, mas

ainda assim parecia haver perigo e eu não gostava nada da ideia de ela ir para casa desacompanhada.

— Não. Não posso concordar com isso. Deixá-la sair pelo Rio de Janeiro sozinha á essa hora.

— Não é tão tarde e eu conheço essa cidade como a palma da minha mão, Damien. Sei onde estou andando e ligo para você quando chegar em casa. Não seria a primeira vez.

Como se eu houvesse concordado com a primeira. Expressei meu pensamento:

— Não concordei com a primeira.

— Não vamos brigar, por favor.

Ellen me pediu e eu fui incapaz de negar. Começava a perceber que o poder dela sobre mim era maior do que eu imaginava. Bastava que ela piscasse os olhos castanhos para todos os meus argumentos me traírem.

— Nunca consegui controlá-la. — confessei a verdade.

— Não. Mas você gosta disso.

Fiquei surpreso com a observação nada modesta dela. Por um momento pareceu o tipo de frase que eu falaria.

— Às vezes. Agora gostaria de ser capaz de faze-la vir comigo, por exemplo.

— Minhas coisas podem ir com você. Tudo o que preciso em essencial está na minha bolsa. Amanhã nos encontramos.

— Tudo bem. Amanhã.

Não era como eu queria que as coisas fossem, mas precisava respeitar a vontade dela de ver os irmãos. Ellen se aproximou e envolveu os braços em torno do meu pescoço fazendo-me esquecer da insatisfação brevemente.

Era assim. Ela se aproximava e qualquer que fosse o meu incômodo desaparecia.

— Vou conseguir um táxi para você. — falei segurando o rosto dela depois de beija-la. Ela assentiu com a cabeça.

Então eu segurei sua mão e nós caminhamos para fora do aeroporto.

Não demorei á encontrar um taxista livre. Acenei para ele e o orientei sobre o endereço de Ellen dando á ele uma quantia bastante satisfatória.

— Já paguei o motorista. — Ellen fez uma careta, mas eu ignorei.

Éramos um casal de verdade agora e eu cuidaria dela.— Ligue assim que chegar. E amanhã, vou buscá-la pessoalmente.

Abri a porta do carro.

— Não é preciso, posso ir de ônibus... — De repente ela se calou e sorriu na minha direção. — Vou esperar por você.

Sorri de volta.

— Sem carros que chamam atenção.

— Isso. Eu... — Seus olhos brilharam para mim e eu me senti subitamente ansioso pelo que ela diria a seguir. — Eu vou sentir saudade.

Toquei o rosto dela com carinho.

— Eu também.

E sentiria muito. Já estava ansioso pelo próximo dia.

Aproximei-me para beijá-la e então a deixei entrar no carro e partir.

Depois caminhei na direção de Tom e do meu carro.

— Boa noite, senhor Mason. Espero que tenha feito boa viagem. —

Tom me cumprimentou e depois abriu a porta do carro.

— Foi uma ótima viagem. — respondi e entrei no carro. Tom também entrou e ocupou seu lugar como motorista. — Preciso que prepare o Sedan. Amanhã irei á casa de Ellen.

— Como quiser senhor.

O caminho não foi muito longo e quando cheguei á minha casa, George estava de prontidão, mas com um sorriso contente no rosto.

— Boa noite, senhor Mason.

— Boa noite, George. Pode se recolher, não precisarei mais dos seus serviços por hoje. — respondi e já estava preparado para me trancar

no quarto enquanto esperava pela ligação de Ellen, mas George voltou a se pronunciar.

— A senhorita Ellen não veio com o senhor?

Parei de subir as escadas surpreso com a curiosidade repentina de George. Ele parecia confuso.

— Ellen precisou voltar para casa. Queria ver o irmão.

— O garotinho está melhor?

Foi a minha vez de ficar confuso. Como, melhor?

— Melhor? — desci um degrau. — Porque ele estaria melhor?

George arregalou os olhos e endireitou a postura no mesmo instante.

— Está acontecendo alguma coisa? — insisti.

— Nada senhor. Eu apenas... — Ele passou as mãos pela careca lustrosa. — Não é nada. Apenas queria informar que as correspondências foram colocadas no seu quarto. Agora, se me permite, vou me recolher.

Então, sem dizer mais nada, George se virou e caminhou para dentro da casa. Fiquei parado na escada por alguns instantes, sem compreender. Por fim, resolvi subir para o meu quarto. Tom havia deixado as minhas malas e as de Ellen lá dentro. Sorri com o pensamento de que agora dividiríamos o mesmo leito.

Sentei-me na cama e o montante de papeis no móvel ao lado da cama

me chamou a atenção. A primeira correspondência era de Nova York.

Algumas pendências do dia á dia e até mesmo um inusitado bilhete de Crystle informando que ela estava de partida para a Europa e que queria falar comigo. Fiquei imaginando-a se expondo ao ridículo de deixar aquilo na minha caixa de correio. Ela devia estar muito desesperada.

Felizmente ela partira no sábado, quando eu estava ocupado fazendo amor com Ellen durante toda a noite.

Embolei o papel e atirei no cesto de lixo. Ela não me afetava mais e era um alívio saber que finalmente tinha partido. Não a queria perto de Ellen.

A última correspondência vinha do meu banco, mas estava no nome de Ellen. Era o cartão de crédito dela. Fiquei instantaneamente curioso.

Não recebia faturas dela que não eram solicitadas por mim mesmo. O que teria comprado?

Rasguei o papel e comecei a ler a descrição da pendência, mas sofri um baque quando percebi se tratar de um hospital na região da barra.

Parecia relatar uma internação bastante onerosa e o meu coração ficou acelerado.

Levantei-me da cama com o papel tremendo nas minhas mãos.

O que significava aquilo? Ellen estava doente? Precisou de uma internação e não me disse nada? Mas como isso poderia ser possível?

Ela estava bem. Foi á galeria comigo. Depois á Argentina. Eu teria notado se estivesse doente ou machucada.

De repente, eu me peguei pensando em como estive preocupado comigo mesmo nos eventos em que comparecemos. Talvez ela estivesse doente, mas eu estava mais interessado nos meus desejos do que nela.

Peguei o meu celular e tentei contatá-la, mas a ligação foi direto para a caixa postal. Fiquei ainda mais desesperado e puxei o meu blazer azul do armário agarrando ás chaves da Ferrari e deixando o quarto logo em seguida. Desci as escadas com rapidez, mas antes de chegar á porta encontrei-me com George.

— Algum problema senhor?

— Preciso vê-la. — respondi e continuei atravessando o hall. — Preciso saber se precisa de mim e se está bem.

— Aconteceu algo com a senhorita Ellen? Eu posso ajudar. — George me seguiu e parecia preocupado também.

Então me lembrei da postura estranha dele á alguns minutos.

— Sabe de algo, George? — encarei-o sério.

— Eu...

— Se ela está doente tem que me dizer, George. Preciso salvá-la. —

respondi aflito.

— Senhor, ela me pediu para manter segredo.

— Segredo? — passei a mão pelo cabelo nervoso. — Então ela está mesmo doente? Deus...

Senti minha garganta se comprimir e o ar pareceu ser sugado da sala.

— Não, senhor. A senhorita Ellen está bem. — George voltou a se pronunciar. — É o irmão dela quem não está. O pequeno David.

— O que?

— É verdade, senhor. — Tom apareceu segurando sua boina de motorista com as duas mãos. — Eu levei a senhorita Ellen ao hospital uma vez.

— O garotinho tem uma doença rara. — George prosseguiu, mas eu não esperei que ele falasse mais alguma coisa.

Deixei a sala apressado e fui até a garagem.

Agora as coisas começavam a fazer sentido. Eu nunca havia visto David desde que conheci Ellen e quando ela apareceu no meu escritório estava abatida. Como se tivesse chorado. Eu notei. Depois, quando encontramos Júlia ela estava sozinha na escola e Ellen não perguntou por David.

Pisei no acelerador tomando a dianteira de alguns carros no asfalto.

Como eu pude não perceber antes? Ellen não era do tipo que se vendia. As palavras começaram a retornar á minha mente de uma hora para outra:

"Mas agora você pensou em tudo o que o dinheiro pode te comprar não é? Pensou em tudo o que pode conseguir e percebeu que seria

vantajoso entrar nesse negócio, mesmo que o comprador em questão fosse um mau caráter. Afinal, de que importa o caráter quando muitos dólares estão em jogo? Nada disso importa. No final o que importa é quem está disposto a pagar e quem está disposto a se vender."

"Eu não gosto de lágrimas nos beijos e da próxima vez espero não ter de fazer todo o trabalho sozinho. Se quiser seu dinheiro, faça a sua parte de forma eficaz."

Senti uma lágrima descer pelo meu rosto e encostei a testa no volante quando parei em um sinal. Eu tinha feito algo imperdoável naquele dia.

A tratei como uma prostituta quando ela estava deixando os próprios princípios por alguém que amava. Nicholas estava certo e aquele era o motivo para Ellen ter me procurado naquele dia. Ela queria salvar o irmão.

Voltei a pisar no acelerador quando o sinal se abriu. Agora eu conseguia entender a preocupação nos olhos dela e sua insistência ao telefone durante a viagem e quando chegamos ao Brasil. Ela não devia ter

ido para casa, devia ter ido ao hospital.

Quando enfim parei diante do prédio, corri até a recepção.

— Posso ajudá-lo senhor? — a recepcionista se assustou ao me ver correndo pelo hall.

— Ellen ou David de Souza, estão aqui?

— Um momento. — Ela se virou para o computador. — É o garotinho que sofreu uma piora... Está no quarto andar, na terapia intensiva, mas o senhor não pode...

Não esperei que ela se terminasse e corri para o elevador. Meu coração batia cada vez mais aflito no peito. Eu precisava encontrá-la depressa. Quando o elevador finalmente abriu as portas, eu a avistei ao longe.

Apoiada com um braço na bancada de madeira e com as mãos nos cabelos em um choro convulsivo.

— Ellen?

Ela ergueu o rosto e me olhou. As bochechas coradas e molhadas por lágrimas que desciam sem cessar. Apressei-me até ela e a abracei sentindo seu corpo tremer nos meus braços. Suas mãos pequenas rodearam-me e Ellen soluçou de forma dolorida no meu peito.

— Darling... Porque não me disse? Esse era o motivo. — Apertei-a mais contra o peito. — Esse sempre foi o motivo.

Ellen chorou mais partindo o meu coração em milhares de pequenos pedaços com seu sofrimento inconsolável.

— Eu falhei. Eu não o protegi.— Ela murmurou em meio aos soluços.

— Não, Ellen. Você não falhou. — segurei seu rosto nas minhas mãos.

— Não falhou.

Abracei-a de volta, desesperado para aplacar a dor em seus olhos.

Percebi olhos curiosos nos analisando á certa distância, mas não me

importei com nada.

— Via ficar tudo bem, Darling.

— Não vai, Damien. Não vai. — Ellen disse baixinho. — David tem leucemia e descobriu quando eu não estava aqui. Eu o deixei sozinho outra vez. O que eu vou fazer agora?

A notícia fez com que um caroço se formasse no meu estômago. Eu reconhecia bem o diagnóstico. O mesmo que levava minha mãe á muitos anos atrás.

De repente, Ellen parou de chorar e seu corpo ficou mole nos meus braços.

— Ellen? Ellen? — chamei por ela enquanto acariciava os cabelos da sua testa, mas ela tinha desmaiado perante ao choque emocional.

Passei meu braço esquerdo em torno do seu joelho e a ergui nos braços.— Me perdoe. Vai ficar tudo bem.

Murmurei baixinho e logo depois várias pessoas de branco nos cercaram.

Ficamos muito presos á valores e convenções que não são muito dignos, mas eu não podia esperar que o meu preconceito e o meu egoísmo me cobrassem um preço tão alto.

Olhei o relógio na parede branca e percebi que já passava das seis da manhã. Então desviei meus olhos para ela. Dormindo no leito do

hospital depois de um calmante aplicado direto na veia. Agora estava serena, mas me doía pensar na realidade que teria de enfrentar quando acordasse. E eu não podia deixar de me culpar por aquilo.

Sem dúvida alguma, foi um erro me envolver com Ellen. Mas o problema não estava nela. Estava em mim. Depois de um passado tão conturbado, eu tinha conseguido piorar as coisas com os meus desejos e a minha cegueira opcional.

Coloquei os cotovelos nos joelhos e enterrei as mãos no meu cabelo.

Eu sabia bem o que um câncer poderia fazer á uma família. A doença machucava á todos e a luta constante podia se tornar uma verdadeira guerra cheia de sofrimentos. Senti meus olhos arderem e voltei a fitá-la.

Então ela se mexeu na cama e em seguida abriu os olhos.

Levantei-me imediatamente e me sentei ao lado dela na cama.

— Como está se sentindo? — segurei sua mão abatida na minha e a acariciei.

— Porque estou aqui?

— Teve uma crise nervosa ontem.

Ellen parece confusa por alguns instantes, mas logo vi seus olhos brilharem em compreensão.

— Tenho que ver David.

Ela tentou se levantar, mas eu a impedi.

— Ele está sedado e você precisa se acalmar primeiro. — Acariciei o

seu rosto, mas logo depois me lembrei de que não tinha esse direito. —

Deus. O que eu fiz a você? Nicholas estava certo o tempo todo.

— Damien...

Ellen tentou segurar a minha mão quando eu a afastei do rosto dela.

— Eu devia ter desconfiado. Como eu pude ser tão negligente? Eu vi a dor nos seus olhos naquele dia, mas eu ignorei todas as evidências. E

— você não merecia nada disso, Ellen.

Levantei-me da cama, atordoado. A sensação de culpa era terrível, mas não tão terrível como o sofrimento que achava merecer.

— Eu devia ter contado.

— E eu devia ter procurado saber. Eu tinha todos os meios. Se não fosse a fatura do cartão, se não fosse George. Eu fui tão egoísta. Pensei somente em mim e quis usá-la, mesmo sabendo, no fundo, que você não merecia isso. Mesmo sabendo que estava tão ferida quanto eu. E

depois, na ilha, meu Deus, a forma como eu a tratei depois da nossa primeira noite... Ellen, como pôde querer ficar ao meu lado? Como pôde me escolher depois de tudo o que eu fiz a você?

Eu só conseguia me lembrar do quanto havia sido monstruoso com ela.

Pela forma como a tratei, pela forma como não a respeitei mesmo depois da nossa primeira noite. Eu era um maldito covarde e não merecia a mulher á minha frente.

— Isso não importa mais, Damien. Eu já perdoei todas aquelas coisas.

Perdoei no momento em que me mostrou o seu coração.

Aproximei-me da cama e segurei seu rosto, agoniado.

— É um coração danificado demais, Ellen. Está feio demais para ser dado á alguém. — Senti uma lágrima escapar. — Eu não mereço você.

— Não quero mais ninguém. — Ellen segurou meu rosto de volta. —

Damien, eu não quero outro coração.

Como ela ainda podia me aceitar? Depois de tudo o que causei á ela?

Não consegui responder nada, mas me aproximei e beijei sua testa.

— Vamos cuidar de David. Ele terá tudo o que precisar. Os melhores tratamentos e os melhores profissionais. Vamos levá-lo a outro país, se for o necessário. Nada que a medicina puder oferecer estará

fora do alcance dele.

Eu faria tudo o que estivesse ao meu alcance para salvar o garotinho.

Não deixaria que ela o perdesse e a ajudaria a enfrentar tudo aquilo.

— Não é sua responsabilidade Damien.

Era mais do que isso. Era o meu dever.

— Isso é o mínimo que posso fazer, depois de tudo o que causei a você Ellen. A decisão já foi tomada.
— passei o polegar pelo queixo dela.

— Não terá de lidar com isso sozinha.

— Obrigada. — Ela pronunciou com a voz embargada e logo em seguida me abraçou apertado.

— Tudo vai ficar bem, my Darling. — acariciei seus cabelos e beijei o

seu ombro tentando consolar á nós dois. — Eu vou proteger vocês.

David ficará bem e você também vai ficar.

Então não consegui mais conter o choro e desabei no ombro dela. Ellen me apertou com seus braços e eu acariciei suas costas tentando demonstrar mais uma vez que não a abandonaria. Nunca mais. E assim como ela não desistira de mim, eu não desistiria de salvar a parte do seu coração que estava atada ao pequeno David do outro lado do corredor.

Capítulo 21: Sementes do Passado

"Para onde vamos quando andamos na luz? Quem é que vamos chamar à beira da noite? Leve-me perto como as gotas de lágrimas em seus olhos. Tudo o que eu posso dar é memórias. Você pode me salvar, não me deixe ir. " (Don't let me go - Raign) ”

David dormia tranquilamente no quarto da ala de oncologia pediátrica.

Seu rosto estava sereno e a respiração indicava que ele já estava em sono profundo.

Estava aliviada por vê-lo livre dos aparelhos que o perseguiram durante algum tempo, até que o quadro estabilizasse e o tratamento quimioterápico começasse. As primeiras três semanas foram as piores.

David sofreu com o forte efeito das medicações e teve seus cabelos raspados. Fiquei com ele durante todos os momentos, segurando-o pela mão. Mas David se mostrou mais forte do que todos nós. Ele enfrentou as situações com a coragem digna de um homem. Penso que ele

manteve sua mão na minha apenas para que eu não desmoronasse.

Toda a nossa família se uniu por David. Amigos vieram nos dar apoio e até mesmo Sem Chance veio falar comigo e dizer que estava disposto a ajudar. No início, o que preocupou á todos foi o custo do tratamento e foi quando a minha história com Damien foi inquirida. Tive de explicar que o tratamento estava garantido, mas para isso tive de explicar Damien.

Ele também se explicou e ficou do meu lado durante todo o tempo em que revelávamos o nosso relacionamento aos meus familiares. Preferi omitir as partes que pudessem preocupá-los, mesmo contra a vontade de Damien que queria revelar tudo, e então todos ficaram surpresos ao nos reconhecerem como um casal. Mas alguém ficou mais que surpreso.

Takashi ficou furioso ao saber sobre Damien. Eu não conseguia entender a reação péssima que ele havia tido. Simplesmente me deixou falando sozinha e não respondia mais ás minhas tentativas de contato.

Foi horrível. Eu não imaginava que pudesse perder o meu melhor amigo de forma tão abrupta.

No entanto, não consegui me preocupar com o assunto de forma excessiva. Sentia falta de Tk, mas no momento minha atenção era de David. Passava dias e noites ao lado dele no hospital e estava sempre conversando com os médicos para saber mais sobre sua saúde. Eles me diziam que ainda não podiam falar com propriedade como seria o

prognóstico, precisavam esperar o tempo da ação da medicação. Não era muito animador, mas eu mantinha o bom pensamento e a minha fé em Deus intacta. Ele não nos abandonaria.

Estiquei a mão e acariciei com o polegar o dorso da mão de David.

Então me aproximei e beijei sua testa.

— Volto logo. — sussurrei baixinho.

Depois deixei o quarto e encontrei Júlia junto de tia Meiry, do lado de fora.

— Como ele está? — Ela se aproximou da janela de vidro.

— Está dormindo. — respondi também fitando David através da vidraça. — Tem certeza de que não precisa de mim aqui?

— Não, Ellen. O que eu preciso que faça é que vá passar uma noite em casa. Descansar. Você está a duas semanas dormindo nesse hospital e isso não é saudável. — Ela suspirou.

Depois do que aconteceu, eu vivia com medo de me afastar de David e algo ruim acontecer. Por isso estava sempre no hospital cuidando dele.

Deixei até mesmo meu emprego na lanchonete e resolvi aceitar toda a ajuda de Damien. Encontraria uma forma de pagar á ele depois, mas naquele momento só queria ficar com o meu irmão.

— Mas eu estou bem. Me sinto saudável e as poltronas são confortáveis. — insisti. — Não quero sair de perto dele e se ele precisar de mim..

— Nós já tivemos essa conversa. — Ela me cortou severa, mas depois se aproximou e me abraçou. —

Não foi culpa sua, querida. Você não poderia imaginar que David ficaria assim e ele sabe disso. Mas se quer mesmo ajudar David, vá para casa esta noite.

Ela acariciou a minha bochecha e depois beijou-a.

— Apenas mais uma noite, tia...

— Ellen de Souza Castro.

— Tudo bem. — suspirei percebendo que não conseguiria convencê-

la. — Mas prometa-me que vai me ligar caso qualquer coisa acontecer.

Qualquer alteração. Qualquer problema. — segurei as mãos dela nas minhas.

— Eu prometo. — Ela me deu um pequeno sorriso. — Agora vão. Vocês duas precisam descansar.

Senti Júlia segurando a minha mão e sorri para ela. Então abracei minha tia e dei uma última olhada para dentro do quarto de David. Ele continuava a dormir. Suspirei e segurei a alça da minha bolsa. Apenas uma noite, Ellen.

Estendi a mão para Júlia e ela voltou a segurá-la. Então nós duas caminhamos em direção ao elevador e depois para fora do hospital onde o entardecer já estava sendo substituído pela noite. Assim que pisamos na calçada, o meu celular começou a vibrar na bolsa. Encontrei-o num instante e sorri quando percebi o nome na tela.

— Estou indo para o hospital. — Ele falou assim que eu atendi a chamada.

— Não precisa, estou indo para a casa com Júlia agora. Pode descansar.

Eu sabia que a rotina vinha sendo complicada para Damien também.

Ele passava o dia no escritório e á noite vinha ficar comigo no hospital.

Tentei dizer á ele que não precisava se preocupar tanto, que ele já ajudava com o tratamento de David, mas Damien é irredutível quando quer. Então toda a noite, ele vinha para saber de David e ficar comigo.

— Então estou indo buscá-las. — Ele falou e antes que eu pudesse interromper: — Não proteste e espere por mim, Darling. — A segunda frase venho com uma voz tão agradável que eu não consegui contestar.

— Vou esperar. Até logo, Damien.

Desliguei o telefone e percebi que Júlia aguardava alguma ação minha.

— Damien está vindo nos buscar. — avisei.

Ela sorriu na mesma hora.

— O que foi? — perguntei sorrindo também.

— David me disse que viu ele beijando você no corredor. — O sorriso dela se alargou e eu senti meu rosto queimar. — Nós achamos que vocês vão se casar.

— O que? — engasguei.

— David disse que Damien deve fazer o pedido oficial á ele. Ele

também falou alguma idiotice sobre ser o homem da casa, mas você não precisa se preocupar Ell. Eu disse á ele que isso é muito idiota e que ele vai ficar parecendo muito sem noção falando uma coisa dessas com Damien. — ela sorriu compreensiva. — Ele viu muitas séries e isso tá dando um bugue no cérebro nerd dele.

Quando eu finalmente abri a boca para respondê-la, uma voz grave interviu no assunto.

— Ellen.

Instantaneamente meu coração bateu mais rápido e um arrepio cruzou o meu corpo. Uma memória pálida me voltou a mente, mas eu a rejeitei com veemência até ouvir outra vez:

— Filha.

Virei-me na mesma hora, sentindo o pânico se alastrar pelas minha veias como fogo em uma trilha de pólvora. E ele estava lá. Embora não se parecesse mais com o homem de anos atrás. Com poucos cabelos grisalhos e uma cicatriz visível no seu supercílio direito. Mas como ele tinha me encontrado? E o que queria? O que estava fazendo ali?

Procurei a mão de Júlia e a preendi na minha. Fugir. Eu precisava fugir e levá-la para longe dele.

— Filha, por favor, por favor...

Ele repetiu e estendeu o braço a frente do corpo, tentando me impedir. Fiquei ainda mais desesperada.

— Saia daqui! — afastei-me dele colocando Júlia atrás do meu corpo.

— Eu não vou fazer mal a vocês. — Ele suplicou e lágrimas desceram pelo seu rosto.

— Fique longe de mim! Fique longe de nós! — tentei me virar, mas ele segurou meu braço fazendo Júlia soltar um grito de pavor.

Foi quando um corpo musculoso se pôs na minha frente e me libertou do aperto.

— Afaste-se delas! — Damien rosnou e seu braço direito segurou a minha cintura mantendo-me atrás dele.

— Quem é você? — Ouvi a voz dele mais uma vez, mas mantive o meu rosto contra o braço de Damien e sentindo todo o meu corpo tremer.

— Eu sou alguém que você não vai ousar enfrentar.

— Eu... Eu não quero machucá-la, eu apenas quero conversar. Ellen, filha, me deixe falar... Eu imploro. Eu preciso pedir perdão, eu passei muito tempo procurando você. Filha, eu sinto muito.

Apertei mais o meu rosto contra o braço de Damien e comecei a soluçar.

— É o pai dela? — Damien pareceu mais surpreso do que eu. — O

homem que teve a coragem de agredir a própria filha?

Então sua mão me deixou e Damien deu um passo á frente com os punhos cerrados.

— Damien! — soltei um grito de pânico e corri até ele. — Damien, não!

Segurei o punho dele e impedi o golpe.

— Ele está certo. Eu mereço isso. Fui um covarde com você e a sua mãe. Deixe que ele acerte as contas agora.

Deixei o olhar raivoso de Damien e fitei o homem á minha frente. Era o meu pai, mas ao mesmo tempo não parecia igual. De perto percebia-se que a cicatriz no seu supercílio era profunda, mas antiga. Tinha o olhar abatido e estava mais magro.

— Deixe-me dar á ele o que merece. — Damien voltou a investir contra o homem que um dia eu chamei de pai, mas eu voltei a segurá-lo.

— Não vale a pena. — respondi por fim e toquei o rosto dele. —

Podemos sair daqui? Por favor.

Damien me olhou por alguns instantes e depois afagou a minha bochecha assentindo com a cabeça. Seu braço direito voltou a envolver a minha cintura.

— Fique longe dela ou as coisas não vão terminar bem para você em uma segunda vez. E leve isso como uma ameaça. — Ele me apertou mais contra si. — Vamos, darling.

E sem olhar para trás, eu puxei Júlia pela mão e nós caminhamos para o carro de Damien.

— Tem certeza de que está bem? — Damien estava ajoelhado á minha frente e prendia minhas mãos nas suas.

Assenti com a cabeça. Desde que chegamos á casa de Damien, eu me encontrava em estado de choque após rever o meu pai. Várias perguntas cercavam a minha mente, perguntas que não consegui fazer ele porque no momento apenas queria afastar Júlia de suas garras.

— Então porque ainda está chorando, my darling? — Ele passou seu polegar pelas maçãs do meu rosto e seus olhos azuis me estudaram preocupados.

— Onde está Júlia? — desviei o assunto.

— Ela está no quarto. Pedi que George levasse algo para que ela comesse. Ela está bem.

— Eu preciso encontrar uma forma de fazê-lo voltar. — levantei-me da cama. — Ele tem que ficar longe deles.

Comecei a andar pelo quarto enquanto tentava processar as coisas.

Porque ele tinha voltado? Duvidava muito que fosse por perdão. Talvez precisasse de alguma coisa, talvez algum dinheiro. Olhei para Damien na mesma hora.

— E se ele quiser dinheiro? E se estiver aqui porque sabe de nós dois e sabe quem você é? E se tentar usar os meus irmãos para conseguir alguma coisa? E se ele for atrás de David? — um arrepio de horror cruzou a minha espinha. — Precisamos voltar ao hospital, preciso ver...

Damien me segurou pelo ombros.

— Acalme-se. Está tudo bem, Ellen. Nada vai acontecer aos seus irmãos.

— Mas ele pode tentar qualquer coisa. Ele é mal, eu sei. Eu senti na minha pele.

Ele segurou meu rosto entre as duas mãos.

— Mas eu estou aqui agora e não vou permitir que ele machuque nenhum de vocês.

— Eu estou com medo. — confessei.

— Não fique. — Damien me envolveu em seus braços. — Não vou deixar que nada de mal te aconteça, Ellen. Nunca.

Coloquei meus braços sobre o ombro dele e abracei sua nuca. Senti seus braços me apertarem mais contra si e fechei os olhos quando uma

sensação de segurança começou a crescer dentro de mim. Deixei minha cabeça pender no ombro dele enquanto suas mãos acariciavam as minhas costas. Quando eu consegui me acalmar finalmente, afastei-me dele.

— Obrigada.

— Não precisa agradecer. — Ele sorriu malicioso. — Não assim.

Sorri de volta quando percebi sua tentativa de melhorar o ambiente.

— O plano inicial era ir para casa. — aceitei o desvio de assunto ansiosa por esquecer um pouco o que havia acabado de acontecer.

— Está em casa. — Ele sorriu divertido e seus dedos acariciaram a minha cintura. — Enquanto eu ia buscá-las, pensei em levar as duas para jantar. Mas agora não acho que seja uma boa ideia. — Ele

colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha e fixou seus olhos nos meus.

— Não. Não quero jantar fora. Não quero correr o risco de vê-lo outra vez.

— Tudo bem, tudo bem. — Seu indicador roçou a minha bochecha esquerda. — Será como preferir, darling. Apenas quero que se acalme e descanse um pouco.

— Não sei se será possível depois de tudo isso.

— É sim. Basta confiar em mim. — Ele segurou a minha mão e beijou-a para depois acariciá-la. — Eu disse que protegeria vocês e o farei. Não precisa se preocupar com o seu pai. Encontrarei uma forma de fazê-lo ir embora.

— Vai mesmo fazer isso?

— Por você há muito pouco que eu não faria, Ellen. — Ele encostou sua testa na minha. — Pensando melhor, não há nada que eu não faria.

Por isso confie em mim. Amanhã mesmo, esse homem voltará para o lugar de onde veio.

— Isso não é uma responsabilidade sua. — afastei-me dele. — Não tem que se envolver.

— Preciso. Não quero que nada a machuque, darling. — Ele suspirou e afagou o meu queixo. — Então me deixe cuidar disso por você. Me deixe protegê-la.

Assenti com a cabeça com os olhos cheios de água. Como eu faria quando ele fosse embora? Eu estava irrevogavelmente apaixonada pelo homem á minha frente e cada uma daquelas palavras me deixavam ainda mais emocionada.

Damien se aproximou e me beijou com carinho e suavidade.

— Vou ver Júlia. — falei quando ele se afastou um pouco.

Ele concordou.

— Tudo bem.

Foi a minha vez de beijá-lo. Damien correspondeu e depois me deixou ir. Sorri para ele antes de deixar o quarto e percebi que estava com saudades. Noites seguidas no hospital não me permitiram dar á ele a atenção que ambos precisávamos, mas eu estava disposta a reparar o erro naquela mesma noite.

Ele deixou beijinhos suaves por todo o meu pescoço, então me envolveu com os braços entrelaçando nossos corpos nus um no outro.

Suspirei contra a sua clavícula e senti seus dedos afagando as minhas costelas.

Nossas respirações estavam aceleradas, mas no mesmo ritmo e eu esfreguei minha bochecha contra o seu queixo com carinho. Damien devolveu um beijo no meu ombro fazendo-me suspirar. Como eu havia sentido falta dele. As preocupações tinham me mantido afastada de nós dois por semanas, mas agora eu percebia que estar com Damien atenuava um pouco todas as angústias que eu vinha carregando, não deixaria que acontecesse outra vez.

— Acho que batemos o nosso recorde, darling. — Ouvi-o falar e sorri.

— Estava com saudade. — confessei enquanto acariciava seu tórax com carinho.

— Eu também estava, mas compreendo-a e sei que estava preocupada.

— Ele entrelaçou os dedos no meu cabelo.

— Não devia ter me afastado assim de você. — ergui-me e me apoiei nos cotovelos para vê-lo. — Pode me perdoar?

— Não tem que pedir perdão, Ellen. Está tudo bem. — Ele sorriu e acariciou o meu braço. — Não seria insensível a ponto de exigir qualquer coisa além do que pode me oferecer.

Sorri para ele e acariciei sua mandíbula.

— Não tem ideia de como está linda agora. — Damien sorriu e colocou sua mão direita no meu rosto, amparando-o e fazendo-me olhá-lo. — Eu trocaria tudo o que eu tenho por momentos como esse.

Damien se ergueu e seus braços me envolveram enquanto ele me beijava. Deixei minhas mãos contornarem o seu pescoço e rocei as pontas dos dedos na sua nuca.

— Não é nada parecido com o que experimentei antes. — Ele voltou a falar e segurou meu rosto. — Eu sinto que não sou o mesmo, mas estou feliz com isso, com nós dois. Você está?

Meneei a cabeça afirmativamente.

— Muito, Damien. Apesar de tudo, os nossos momentos me deixam em paz. — também segurei o rosto dele. — Eu sempre acreditei que precisava ficar longe dos homens porque eles me machucaram, mas não é assim que me sinto com relação á você. Tudo o que eu quero é ficar perto e poder tocar você.

Damien sorriu e seus olhos brilharam para mim.

— Eu também nunca estive tão perto de alguém, como estou de você

agora. Não preciso de mais nada quando está por perto. — Ele sorriu, mas de repente, franziu o cenho. — Quem a machucou, darling?

— O que?

— Lembro-me de ver a dor no seu rosto uma vez. Sei que alguém a machucou. Como aconteceu?

As imagens de Estevão voltaram á minha mente imediatamente, mas dessa vez eu não senti vontade de

fugir ou me esconder. Apertei a mão de Damien na minha e depois me deitei na cama. Ele fez o mesmo e me puxou pela cintura mantendo nossos corpos próximos um do outro.

— Foi a algum tempo. — coloquei minha mão na sua nuca e acariciei seus cabelos macios. — Mas foi diferente. Ele não me tratava como você, ao menos não depois que aconteceu.

Subitamente, senti meus olhos arderem com as lembranças. Soltei um suspiro, eu queria me abrir para ele, livrar-me de vez das sementes de passado que eu ainda carregava e que agora pareciam brotar após o reencontro com o meu pai.

— Eu o conheci na faculdade. Era um rapaz rico. Um garoto mimado e eu sabia que as coisas entre nós não poderiam dar certo. Éramos de mundos diferentes, mas ele era insistente e eu acabei me deixando levar.

Parei quando senti uma lágrima rolar.

— Não precisa dizer mais nada. Foi uma pergunta idiota. — Damien segurou meu rosto.

— Eu quero que você saiba. — segurei a mão dele no meu rosto. —

Depois de meses de namoro, ele me levou a um lugar especial para comemorar o aniversário dele. Disse que eu seria o seu presente. Então ele dirigiu até um motel afastado da cidade. Quando eu compreendi o que aconteceria, disse a ele que não estava preparada, mas ele disse que tudo ia ficar bem e eu acreditei nele.

— Você era virgem?

Assenti com a cabeça e continuei a história.

— Nós pedimos um quarto e comemos algumas porcarias, mas depois ele quis ir além. Me beijou algumas vezes e então revelou que não podia mais esperar. Eu fiquei com medo, mas ele era o meu namorado e eu estava apaixonada. Por isso quando ele disse que ia me deixar se não levássemos nosso relacionamento adiante, eu me desesperei. Então eu deixei que acontecesse.

— Ele chantageou você para que dormisse com ele? — Damien retesou os braços em torno de mim.

— Não foi bom. Eu senti muita dor, porque não estava preparada. Não era como eu imaginava que seria a minha primeira vez e eu chorei me sentindo horrível até amanhecer.

— Por isso estava com medo na Argentina? Pensou que a experiência fosse se repetir. — Seus olhos azuis estavam nos meus e eles tinham uma expressão dolorida.

Assenti levemente com a cabeça.

— Mas isso não foi o pior. Eu poderia ter superado tudo isso se ele tivesse ficado comigo.

— Ele a deixou depois disso?

— Ele simplesmente começou a me ignorar. Aos poucos deixou de responder as minhas mensagens e

telefonemas. Parou até mesmo de ir á faculdade. Voltou apenas no dia em que tudo aconteceu. — desviei meus olhos de Damien e senti mais lágrimas rolares. — Foi em uma segunda feira. Arianna e Jenny estavam comigo e toda a faculdade estava alvoroçada. De repente, percebi que as pessoas estavam olhando muito para mim e cochichavam nos corredores. Mas foi Arianna quem recebeu o vídeo.

— Ellen... — Damien pareceu desnorteado e se levantou ficando apoiado com os cotovelos, pairando sobre mim. — Não me diga que...

— Ele havia gravado a nossa primeira vez e o vídeo tinha se espalhado pela faculdade como um vírus. Todos no campus já tinham visto o vídeo pelo final do dia. Eu nunca havia me sentido tão humilhada e exposta...

— funguei. — Mas eu fui idiota o suficiente para pensar que ele não fora o culpado. Não podia ser. Ele tinha me prometido tantas coisas lindas,

tinha me dito que me amava, então como poderia fazer uma coisa daquelas? As pessoas não machucam deliberadamente quem amam.

Por isso eu fui procurá-lo. Pedir ajuda á ele para que me livrasse daquela vergonha.

Tive que parar porque comecei a soluçar. Como doía me lembrar da minha ingenuidade.

— Darling... — Damien se sentou na cama e me puxou para os braços dele.

— Mas ele não me protegeu. Pelo contrário, ele riu de mim na frente de todos. — confessei contra o ombro dele. — Ele me disse que eu havia sido tola e ingênua. Que homens como ele não se envolviam realmente com garotas como eu, apenas se divertiam um pouco e eu havia cedido porque quis. Então a culpa era somente minha, por não me manter no meu lugar.

— Desgraçado! — Damien rosnou e seus braços me apertaram mais.

— Porque não o procurou a justiça? — Ele afastou meu rosto do seu peito. — Ele devia ter sido preso por um crime desses.

— Eu procurei. Mas apenas consegui a ordem para retirar o vídeo. A família de Estevão é muito influente e a justiça favorece os ricos.

— Espere. — Damien segurou meu rosto. — Estevão?

Assenti com a cabeça.

— Ele estava na exposição na galeria de arte de Ulisses com a família

naquela noite. Eu não quis contar para você que o conhecia. Senti vergonha. Como você me veria quando soubesse de tudo?

Damien se afastou rapidamente e saiu da cama. Vestiu seu calção e andou de um lado para o outro com as mãos nos cabelos. Então de repente, caminhou até a mesa e pegou uma garrafa de uísque atirando-a contra a parede do quarto.

— Damien! — Me assustei e me levantei indo até ele.

— Por isso ele a estava olhando daquela forma! — Ele me olhou transtornado. — Filho da puta descarado!

— Está com raiva? — perguntei já me arrependendo de ter dito toda a verdade. — Não importa mais, Damien. Aconteceu á muito tempo.

Ele meneou a cabeça negativamente.

— Raiva é uma mera palavra perto do que eu estou sentindo agora. Eu estou furioso! Quero mandá-lo para o quinto dos infernos agora mesmo e aquele desgraçado vai queimar nem que seja pelas minhas próprias mãos. — Ele caminhou até a cama e agarrou o celular.

Seus semblante estava ameaçador e eu fiquei com medo do que ele poderia fazer.

— Damien! — tentei segurá-lo, mas ele se esquivou. — Damien! Me desculpe. Eu não devia ter mentido naquela noite, mas eu estava com tanta vergonha. Como eu explicaria isso... Eu sei que fiquei suja pelo que

aconteceu...

— Ellen. — Ele se aproximou de mim e segurou a lateral do meu rosto.

Então sua expressão voltou a se suavizar. — Não estou com raiva de você. Foi vítima daquele imbecil. A culpa não é sua e não acho que esteja suja darling.

— Não acha?

— Não. — Damien suspirou e beijou meus lábios para provar. — Mas o que você acaba de me contar, muda as coisas mais do que você imagina.

— Entre nós? — perguntei com medo.

— Entre nós nunca. — Ele sorriu, mas depois ficou sério. — Mas para o grupo Álvares vai mudar logo pela manhã. Depois de saber tudo isso, não posso deixar que ele vença.

— O que?

Ele se aproximou mais e segurou meu rosto, mantendo seus olhos azuis fixos nos meus.

— Não se preocupe, darling. Ele vai pagar todo o mal que fez a você, isso eu posso prometer. Vou fazer com que se arrependa de tê-la machucado e essa será uma lição com que ele terá de conviver todos os dias para sempre. — Damien me beijou mais uma vez e depois colocou o celular na orelha. — Em alguns minutos eu estarei de volta. Não ouse vestir nada.

Então ele deixou o quarto e o meu coração carregado de incertezas sobre o que estava prestes a acontecer.

Capítulo 22: Para Voltar à Vida

"Mãos fortes, pele espessa e um coração aberto. Você viu através da dor, viu através da máscara. Você nunca desistiu de mim. Você me amou para eu voltar á vida. (Love me back to life - Celine Dion)"

— Tem certeza disso? — perguntei de dentro do carro.

— Claro que sim, darling. — Ele continuou com a mão estendida na minha direção.

Suspirei um pouco tensa. Estava incerta sobre participar de tudo aquilo, mas Damien estava irredutível desde que voltou para o quarto na noite passada.

Estiquei a mão e segurei a mão dele. Damien me ajudou a sair do carro. De pé, me senti mais uma vez intimidada pela fachada em aço da Imperium. Era difícil se acostumar com um lugar tão imponente.

Damien prendeu minha mão na dele.

— Não vamos demorar, Tom. — Ele avisou.

Tom assentiu e fechou a porta do carro.

Logo depois Damien começou a seguir para dentro do prédio. Sentime desconfortável quando atravessamos o hall de entrada em mármore e as pessoas prenderam sua atenção em nós. A maioria delas cumprimentou Damien, mas os olhos estavam em mim, carregados de curiosidade. Passamos direto pela bancada de recepção e caminhamos para o elevador privado.

— As pessoas ficaram olhando. — falei quando a porta se fechou e ficamos sós.

Damien sorriu de lado e soltou a minha mão levando-a á minha nuca.

— Não se importe com eles. — seus dedos massagearam meus cabelos. — Além disso, é bom que se acostumem a nos ver juntos de agora em diante.

Arqueei a sobrancelha direita sem entender, mas antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, ele me beijou.

— Será rápido e logo estaremos no hospital. — Ele colocou as duas mãos no meu rosto.

— Damien, eu não sei se...

— Você não precisa se preocupar. Poderá apenas assistir sem se envolver. Não vou mencionar nada que a envergonhe.— seus polegares acariciaram a minha bochecha.

Segurei as mãos dele sobre o meu rosto e seus olhos azuis me passaram confiança.

— Tudo bem. — assenti com a cabeça.

Damien voltou a segurar minha mão e sorriu. Segundos depois as

portas do elevador se abriram. A primeira pessoa que vi foi a secretária de Damien e ela não conseguiu esconder a insatisfação ao me ver.

— Estarei na sala de reuniões e Ellen vai ficar no meu escritório. Não devo ser incomodado e nem ela.

— Tudo... Tudo bem, senhor. — Ela gaguejou. — O senhor Álvares já está a sua espera.

— Claro que está. — Damien se limitou a dizer e deu as costas á secretária nos guiando para o sue escritório.

Assim que chegamos, mante-me próxima á porta. Damien foi até a mesa e preparou o computador. Observei a sala e não pude evitar a lembrança da primeira vez em que estive ali para fazer o acordo com Damien. Era quase surreal ver como as coisas haviam mudado.

— Está tudo bem? — Damien chamou-me fazendo-o olhá-lo.

— Está. Apenas me lembrei da primeira vez. — respondi antes de pensar.

Damien percebeu o que estava por trás da palavra e me dirigiu um olhar culpado. Caminhei até ele no mesmo momento.

— Está tudo bem. Aquilo não importa, me desculpe por isso. — segurei o rosto dele.

Ele me olhou por alguns instantes.

— Sinto muito pelo que causei a você. — Ele passou o polegar pelo

meu queixo. — Mas acredito que ainda há tempo para amenizar as coisas.

— Tempo?

— Sim. — Ele sorriu. — Mas não vamos misturar as coisas. Hoje minha conversa é com Estevão Álvares.

— O que você pretende?

— Você saberá através daqui. — Ele me levou até sua poltrona e me ofereceu-a. — Sente-se.

Sentei-me de frente para o computador como ele pediu.

— Essa é a câmara da sala de reuniões que fica no final do corredor.

Através dela você poderá assistir á tudo o que acontecer. Pode também ouvir.

— E o que vai acontecer? — insisti.

— Uma bela surpresa. — Damien sorriu e se curvou para me beijar. —

Ele parece gostar de vídeos, mas garanto que não ficará satisfeito com esse.

— Damien...

— Confie em mim, darling.

E antes que eu pudesse responder, ele se afastou e deixou o escritório fechando a porta.

Fiquei instantaneamente nervosa ao me ver sozinha na sala. Segundos

depois e eu vi Damien na tela do computador, seguido por Estevão, mas Gregório não estava junto deles. E devia estar. O que estava acontecendo? O que Damien tinha planejado?

— É bom saber que seu pai confia o suficiente para mandá-lo em seu lugar numa negociação como essa.

— Damien se sentou na cabeceira da mesa e fez um sinal para Estevão que se sentou ao lado dele.

— Eu pedi a ele que me deixasse fazer isso. — Estevão começou e depois passou a mão pelos cabelos.

— Porque pensei que poderíamos ter uma conversa mais interessante.

Damien deu de ombros.

— Não estou aqui para outro tipo de conversa que não se trate de negócios. — Damien retirou alguns papéis da pasta negra e os organizou sobre a mesa de vidro.

Fez-se um instante de silêncio.

— Como está Ellen? — Estevão quebrou o silêncio e eu vi Damien cerrar os punhos sobre a mesa.

— Você não devia brincar, garoto. — Damien respondeu e eu vi um sorriso enrugando sua bochecha esquerda. O tipo de sorriso ameaçador que fazia qualquer um querer se esconder.

— O que sabe sobre ela? — Estevão prosseguiu sem se importar. —

Penso que não sabe muito, já que não está aqui a muito tempo. Mas

acho que tenho o dever de alertá-lo, uma vez que somos companheiros nos negócios.

Damien bateu o punho contra a mesa e eu pensei que ele fosse investir contra Estevão, mas para a minha surpresa, ele apenas se virou na poltrona para encará-lo.

— Certo. E o que você sabe? — Ele empurrou a pasta na mesa bruscamente, mas Estevão continuou tranquilo.

— O suficiente. — Estevão sorriu. — Ellen não é quem você pensa ou quem ela diz que é. Nós cursamos faculdade juntos a algum tempo atrás, por isso acreditei que devia saber sobre a conversa que tivemos no jantar após a exposição da galeria de Ulisses.

O que? Onde ele queria chegar com tudo aquilo?

— Prossiga. — Damien instruiu impaciente.

— Isso me coloca em uma situação embaraçosa, mas como um bom amigo que sou, devo dizer. Ellen me procurou durante o jantar e me ofereceu o telefone dela.

Estevão soltou um suspiro e eu levei as mãos á boca, chocada pelo que estava ouvindo. Mesmo depois de tudo o que fez, ele ainda queria me prejudicar. Queria fazer com que Damien desconfiasse de uma suposta traição!

— E você?

— Eu não pude recusar, não queria ser indelicado. — De repente, Estevão se levantou da poltrona. — Mas devo assumir o meu erro. Ellen é uma mulher bonita e eu não consegui resistir. Sua insistência em me encontrar fez com que eu terminasse por cair no erro de aceitar seus convites. Por esse motivo quis vir nessa reunião em lugar do meu pai.

Ellen é uma mulher mesquinha e perigosa. Ela me confidenciou tudo e eu posso provar. Veja.

Ele enfiou a mão no bolso e tirou o telefone estendendo-o á Damien.

Damien aceitou o aparelho, mas no momento seguinte ele foi lançado contra a parede da sala. Estevão foi agarrado pelo colarinho e depois, em um único movimento foi arremessado contra o tampo da mesa de vidro.

Soltei um grito. Péssima ideia deixar Damien resolver as coisas sozinho. Empurrei a poltrona e saí do escritório seguindo para a sala no final do corredor. A porta não estava trancada e quando eu entrei no espaço, a luta já estava travada.

Estevão tentava se defender com alguns golpes, mas Damien avançava cada vez mais e tinha os olhos carregados de ira. Ele desferia socos contra o rosto de Estevão que tentava se esconder e revidava procurando uma maneira de escapar. Foi uma cena horrível de ver.

— Damien! — gritei quando ele segurou Estevão pelo pescoço contra a parede.

Corri até ele.

— Pare, Damien! — segurei a mão dele. — Você vai matá-lo.

Estevão tinha sangue descendo pelo canto esquerdo da boca.

— É o que ele merece. — Damien rosnou.

— Mas não é o que você merece! — insisti e toquei o rosto dele. —

Chega, meu amor.

Seus olhos azuis encontraram os meus e de repente, ele soltou Estevão.

— Não há mais negócios entre o grupo Imperium e o Álvares. —

Damien voltou sua atenção para Estevão. — E sinto muito que seu pai tenha de ver todo o patrimônio de uma vida ser destruído pelo único filho irresponsável. Mas será bom para você aprender a valorizar o que tinha.

— Vai desfazer o acordo por uma vadia? — Estevão cuspiu.

Não consegui ser rápida e Damien desferiu outro soco contra a boca de Estevão que gemeu de dor.

— Não faço acordo com imbecis. E não quero ouvir você pronunciar o nome dela de novo. Espero também que aquelas fotos sejam as últimas, porque acho que não terá condições de pagar qualquer indenização agora que ficou sem herança.

— Está me ameaçando?

— Claro que não. Estou prometendo. Ellen é minha agora e você não deve se aproximar ou falar com ela. — Damien voltou a segurar Estevão pelo colarinho. — Muito menos referenciá-la em qualquer conversa inútil que tiver, porque se tentar machucá-la ou denegri-la de qualquer forma, será a última coisa que fará.

— Você... Você está me sufocando... — Estevão reclamou.

— Damien... — tentei me aproximar, mas Damien fez um sinal para que eu não o fizesse.

— Agora ouça com atenção. Vai se ajoelhar diante dela e vai pedir perdão.

— O que? — Estevão tentou se libertar dos punhos de Damien, mas foi em vão.

— Você ouviu bem, mas pode decidir se o fará por bem ou por mal. E

eu acho que já percebeu como está a minha paciência hoje.

Damien empurrou Estevão e ele caiu no chão, próximo á mim.

— Damien, não é preciso...

— Claro que é, darling. E acredite, estou fazendo menos do que ele merece. — Ele se voltou para Estevão. — Vamos, diga que é um imbecil e peça perdão.

Estevão me olhou cheio de ira e eu pensei que fosse se negar a fazê-lo, mas seus lábios se moveram devagar.

— Me perdoe, Ellen.

— Esqueceu-se do restante. — Damien falou. Agora parecia tranquilo e tinha um copo de uísque nas mãos.

— Eu sou um imbecil. — Ele rosnou.

— Parece que falta sinceridade. Faça outra vez. — Ele sorriu perverso.

— Me perdoe, Ellen. Eu sou um imbecil.

— Gosto do som da sua humilhação, mas não creio que fosse aceito por algum estúdio em Hollywood. — Ele deixou o copo de uísque na mesa e se levantou. — Fique de pé.

Estevão obedeceu e eu percebi que embora estivesse com raiva, não queria enfrentar Damien outra vez.

— Eu não faço o tipo que gosta de brincadeiras, mas é bom que tenha consciência de que seu jogo termina aqui. Ellen não está mais sozinha e qualquer coisa que fizer contra ela tomarei como uma afronta direta a mim. — Ele sorriu ameaçador mais uma vez. — Considero, no entanto, que não seja tolo o suficiente para voltar a medir forças comigo. Não seria agradável para você. Agora pode sair da minha sala e ir para o inferno.

Damien acenou com a mão e Estevão me lançou um último olhar raivoso antes de sair da sala de reuniões.

Fiquei quieta por alguns instantes, ainda sem acreditar no que havia acontecido. Nunca imaginaria ver Estevão numa situação como aquela,

acuado e completamente temeroso.

— Espero que as imagens tenham ficado boas. — Damien tocou a minha cintura, fazendo-me olha-lo. — Perdoe o meu descontrole, não era a minha intenção agredi-lo. Não tanto. Mas ele pediu por isso ao me mostrar aquelas fotos. Darling, tem certeza de que não quer processá-

lo? Posso conseguir o melhor advogado para isso.

— Não. — Acenei com a cabeça negativamente. — Não quero voltar a expor esse assunto.

— Tudo bem. — Damien assentiu.

— Damien, eu não sei se tudo isso foi certo. Se o seu plano era desfazer negócios, poderia tê-lo feito sem todas essas coisas. — Por mais que Estevão merecesse, eu não conseguia acreditar que fosse certo devolver na mesma moeda.

— Não se preocupe, Ellen. Isso foi necessário. — Damien tocou meu rosto. — Você viu o que ele tentou fazer. Alguém precisava acabar com os joguinhos dele, tenho certeza que de agora em diante ele nos deixará em paz.

— Ainda assim...

— Vamos colocar um pedra sobre esse assunto. Deixe Estevão e todos os problemas com ele esquecidos. — Damien acariciou meu queixo. —

Vamos nos preocupar com o que realmente importa agora. David.

O nome de David instantaneamente, fez com que todo o assunto com relação á Estevão fossem

empurrados da minha mente. Damien estava

certo. Eu precisava pensar no que realmente importava.

— Podemos ir ao hospital agora. Esse era o único assunto que eu tinha para resolver aqui hoje. O que acha?

— Quero ir. Preciso saber como ele está. — assenti com a cabeça.

Minha tia havia me mantido informada sobre o estado de David e parecia que tudo continuava estável, mas eu vivia em constante estado de alerta depois do que ocorrera.

— Certo. Nós vamos. — Damien recolheu os papéis na mesa e colocou dentro da pasta negra.

Quando achei que deixaríamos a sala, ele colocou tirou a mão da maçaneta da porta que estava prestes a abrir e me encarou.

— É verdade o que me disse antes?

— O que? — perguntei confusa.

— Não se lembra? — Ele me devolveu com outra pergunta.

— Me lembrar do que? — Eu não havia dito nada, apenas tentei afastá-

lo de Estevão para que não terminasse por machucá-lo de forma drástica. — Não sei do que está falando. — terminei sincera.

Seus olhos azuis me estudaram por algum tempo e depois ele deu um pequeno sorriso.

— Está tudo bem. — Ele estendeu a mão livre para mim e eu a aceitei.

— Nós teremos tempo, quando se lembrar.

Ele estava sorrindo quando eu cheguei. Abraçado com alguma coisa que Jenny tinha entregado á ele e pelo tamanho da alegria, eu já imaginava o que era.

— Eu ganhei um box de Supernatural, Ell! — Ele apertou o embrulho nos braços.

— É, estava por um preço legal na internet. — Jenny sorriu para mim.

— Obrigada, Jenny. — agradei. — Como está se sentindo, David?

— Careca. — Ele brincou e gargalhou fazendo com que nós também compartilhássemos de seu momento alegre. — Onde está Júlia?

— Ficou na casa de Damien. Nós a deixamos dormindo. — respondi.

— E onde Damien está? — De repente, meu irmão ficou sério.

— Está do lado de fora. — senti minha testa enrugar. — Porque?

— Quero falar com ele.

Escutei Jenny soltar um riso esganiçado.

— Você quer falar com Damien? — repeti.

— Quero. Peça a ele para entrar e esperem lá fora, por favor.

Dessa vez Jenny riu sem se conter.

— O que?

— Tenho uma sensação ruim sobre isso. — Jenny parafraseou e David riu me deixando confusa.

— Você viu os filmes que te emprestei? — Ele perguntou á Jenny.

— Todos, David. E mais de uma vez. — Ela caminhou até mim e passou o braço pelo meu. — Essa frase foi dita em todos os filmes de Star Wars.

— Você gosta de Star Wars? — Olhei para ela incrédula. Jenny não era do tipo que curtia coisas nerds.

— O que? Não é nenhum crime. David me emprestou e eu gostei. — Ela se defendeu.

— Não se preocupe, Ell. Eu não tenho nenhum sabre de luz aqui.

Damien vai sobreviver. — David voltou a se manifestar.

— Vamos, Ellen. Vamos fazer o que David pediu.

E antes que eu pudesse contestar mais uma vez, ela começou a me puxar para fora do quarto.

Damien estava sentado na cadeira do outro lado do corredor e se levantou vindo em nossa direção quando nos viu.

— David quer falar com você. — Jenny se adiantou.

Ele pareceu confuso.

— Comigo?

— Sim. — Jenny me soltou e deu um tapinha no ombro de Damien. —

Hora de enfrentar o jedi.

— Isso é sério? — Ele se voltou para mim.

Olhei pela janela de vidro e depois assenti com a cabeça.

— Não deve ser nada tão sério. David gosta de ser meu protetor às vezes. — sorri.

— Então estamos do mesmo lado. — Ele sorriu de volta. — Vou falar com ele.

Damien beijou meus lábios rapidamente e abriu a porta atrás de mim.

— Que a força esteja com você. — Jenny soltou em voz grave.

A bochecha dele se inclinou indicando seu costumeiro sorriso torto e então ele entrou no quarto.

O horário de visitas já estava chegando ao fim e David ainda estava no quarto com Damien. Minha tia já havia chegado e Arianna tinha vindo junto com ela para tentar ver o meu irmão. Mas parecia que ninguém mais conseguiria entrar no quarto naquela manhã.

— Eu vou entrar. — levantei-me da cadeira nervosa.

— Não. Deixei-os conversar. — Jenny protestou.

— Já conversaram muito. — retruquei.

— Você conhece o seu irmão, Ellen. Não deve ser nada demais. — Tia Meiry me falou e depois sorriu.

— Você o protege, na certa quer proteger você também. Deve estar fazendo uma inquirição sobre as intenções de Damien, mas nada além disso. — Arianna também sorriu.

Parecia que todos estavam achando a situação normal, então voltei a me sentar na cadeira com um suspiro.

De repente, a porta se abriu e Damien acenou para mim. Levantei-me imediatamente.

— Ele quer falar com você também.

Caminhei apressada e entrei no quarto encontrando David com um sorriso tranquilo nos lábios.

— O que vocês conversaram? — perguntei quando vi Damien fechando a porta e parando ao meu lado.

— Conversa de homem. — Ele respondeu e continuou a sorrir.

Sorri de volta sentindo-me tola.

— Você é um garoto ainda, David Souza.

— Muitos garotos já se tornaram reis com a minha idade. Harry Potter enfrentou sérios dramas com quatorze anos em o Cálice de fogo.

— Ele tem razão. — Damien concordou.

— Mas o que eu quero dizer é que vocês tem a minha permissão. —

Olhei para Damien sem entender, mas tudo o que ele fez foi sorrir.

David continuou. — Damien respondeu as minhas perguntas com sabedoria, então acho que merece uma chance.

— Respondeu perguntas?

— E com sabedoria. — Damien frisou.

— Isso está estranho. — Olhei para os dois com uma súbita vontade de rir.

— Está tudo certo. — David sorriu. — Sou um garoto careca, mas inteligente. Pode confiar em mim, Ell.

Nesta hora, ouvimos a porta se abrir o médico especialista que cuidava de David entrou. Com o sorriso amigável de sempre.

— Como está David? — Ele perguntou.

— Careca. — Ele respondeu. Parecia gostar realmente da piada.

— É um estado que logo passa. — o médico respondeu aceitando o gracejo. — Está na hora das medicações.

— Certo. — David concordou.

Então uma enfermeira entrou no quarto trazendo um carrinho com remédios.

— Esperem lá fora, por favor. Logo falo com vocês. — O médico nos orientou.

— Claro. — Damien respondeu e sua mão envolveu a minha enquanto caminhávamos para fora do quarto.

Alguns minutos depois e a enfermeira deixou o quarto, seguida pelo médico já de idade madura, mas com uma vasta cabeleira grisalha.

— Podem me acompanhar ao meu consultório para conversarmos?

— Sim. — respondi e me virei para Damien. — Não precisa vir.

— Claro que preciso. Vamos juntos. — Ele manteve minha mão na dele e nós seguimos pelo corredor pálido até o consultório do especialista.

Assim que entramos, ele se sentou na poltrona atrás da mesa e nos ofereceu as cadeiras disponíveis á sua frente.

— Estive monitorando o caso de David e depois levei-o á uma junta de médicos para decidirmos o que de fato seria melhor para o seu irmão.

— Ele vai ficar bem? — perguntei ansiosa.

— David precisará de um transplante de medula óssea. — Ele anunciou. — É a forma que encontramos de restabelecer a saúde dele.

Mas para isso, você precisa concordar com o procedimento e teremos de procurar doadores.

Um transplante de medula óssea. Eu sabia que era um procedimento delicado e subitamente, voltei a temer por David.

De repente, senti a mão de Damien apertando a minha.

— É o melhor para o garoto? — Ele perguntou ao médico.

— Sim. Discutimos o caso por muito tempo e chegamos à conclusão de que é o melhor método. A boa notícia é que acreditamos que no caso de David as chances de sucesso sejam altas e ele poderá se curar da doença.

— E como isso será feito? — inquiri.

— Vamos explicar tudo o que quiserem saber sobre o procedimento.

Também precisaremos que os familiares estejam dispostos a ajudar.

Quanto mais doadores estiverem dispostos, maior serão as nossas chances.

— Tudo bem. — assenti.

Olhei para Damien e ele tomou a palavra:

— Por favor doutor, explique-nos como será feito o procedimento.

Foi mais um dia difícil.

A notícia sobre o transplante de medula de David marcava o início de uma nova longa jornada para o meu irmão e para todos nós. David teria de ser preparado para o transplante e as coisas não seriam agradáveis.

Mais remédios e mais noites no hospital seriam necessárias, mas o médico nos garantiu que era a melhor saída.

Minha tia pediu para ficar com David naquela noite outra vez. Além disso, segundo ela, o melhor seria que eu levasse a notícia a Júlia que me aguardava na casa de Damien. Não consegui protestar. Júlia precisaria estar preparada porque toda a família seria envolvida e eu senti que realmente era a minha tarefa fazer aquilo.

Pela tarde, Damien teve de sair e voltar a Imperium para resolver assuntos urgentes. Eu disse a ele que não precisava voltar, mas quando a noite caiu ele estava a minha espera do lado de fora do hospital.

Deixei David com a promessa de que voltaria pela manhã e não revivi o pesadelo de encontrar meu pai quando cheguei á calçada.

O caminho para a casa foi feito com Damien discorrendo sobre o método pelo qual David se submeteria. Para o meu espanto, ele sabia muito sobre o procedimento, mas quando o questionei ele disse que apenas havia pesquisando. Ao chegarmos á casa, encontrei Júlia no quarto á minha espera. Tinha dito a ela por telefone que traria notícias sobre David e que precisaríamos conversar.

— Como ele está?

— Está bem. — sorri e me sentei na cama. Então bati a mão contra o colchão para que ela se sentasse á minha frente. — Mas terá de fazer um transplante de medula.

— Um transplante?

— Sim. — Suspirei e segurei as mãos dela. — David vai precisar de todo o nosso apoio nessa nova fase e nós seremos doadores. Todos vamos nos submeter á testes para descobrir qual de nós poderá doar a medula para David.

— Eu faço, Ell. — Júlia assentiu com os olhos cheios de água. — Faça qualquer coisa para que David fique bem.

Ela me abraçou e eu a apertei nos braços com carinho.

— Vai ficar tudo bem. — Consolei-a. As palavras do médico e a minha fé faziam-me acreditar que tudo daria certo. Nós venceríamos aquilo. —

Você verá que logo David estará em casa conosco outra vez.

Júlia balançou a cabeça concordando, mas continuou me segurando nos braços. Eu fiquei com ela até que se tranquilizasse, mas quando estava prestes a deixar o quarto depois que ela se aprontou para dormir, ouvi-a me chamar:

— Ell?

— Sim ,Jú. — respondi com um sorriso.

— O homem que encontramos quando estávamos saindo do hospital...

— retesei o corpo quando pressenti a pergunta. — Era verdade? É o seu pai? O nosso pai?

Pensei procurando que resposta dar á ela. Tudo o que Júlia e David sabiam sobre o nosso pai, era que havíamos fugido dele. Olhei para ela encolhida na cama. Seus olhos castanhos me fitavam assustados. Claro que ela tinha medo dele, o homem de quem mamãe fugira. Eu também tinha, então dei a resposta que Damien me deu quando eu estava no mesmo estado que ela:

— Não se preocupe. Eu estou aqui e nada vai acontecer.

Júlia assentiu e me deu um pequeno sorriso.

— Boa noite, Ell.

— Boa noite, Jú.

Fechei a porta devagar e depois desci as escadas. A porta do escritório estava entreaberta e eu consegui perceber que Damien estava ao telefone.

— Isso está fora de cogitação. Não posso viajar no momento. — Ele andava de um lado para o outro e fazia gestos que demonstravam impaciência. Sua testa estava enrugada e os olhos azuis concentrados.

Bati na porta para avisar a minha presença. Damien olhou para mim e sua expressão se suavizou.

— Faça o que eu disse. Entro em contato depois. — Ele falou ao telefone e depois finalizou a ligação. — Como está a sua irmã?

— Ela compreendeu.

Damien colocou o celular na mesa e caminhou até mim. Suas mãos seguraram o meu rosto e ele me sorriu.

— Vai ficar tudo bem com David. Ele é um garoto forte, como você, e vai conseguir passar por tudo isso.

— Está com problemas na empresa? — lembrei-me da ligação. —

Alguma coisa urgente?

— Era uma ligação de Nova York, mas não se preocupe comigo, darling.

— Ele desviou uma das mãos para a minha nuca e acariciou meus cabelos. — Que tal tomarmos um banho juntos? Ainda não usamos a hidromassagem.

Sorri e segurei o rosto dele.

— Obrigada. Por tudo o que tem feito por mim e pelos meus irmãos.

Damien sorriu.

— Você me trouxe a vida de volta, darling. Fez com que eu tivesse um motivo para viver melhor do que tenho vivido. Se tornou o meu motivo para ser alguém melhor. — Ele segurou a minha mão e beijou a minha palma. — Obrigado por não desistir de mim.

Meu coração acelerou dentro do peito, e eu senti vontade de contar a ele o que estava sentindo de verdade. Mas não consegui encontrar coragem para falar. Não queria que ele se sentisse pressionado pelos meus sentimentos, então engoli as palavras.

— A banheira ainda é uma proposta?

Ele sorriu e logo depois meus pés deixaram o chão. Soltei um pequeno grito de surpresa. Damien se

inclinou e seus lábios

encontraram os meus. Levei minhas mãos aos cabelos da sua nuca e beijei-o de volta. Era melhor não deixar as coisas irem longe demais.

Damien não precisava saber sobre os meus verdadeiros sentimentos.

Ele não esperava aquilo de mim. Eu podia amá-lo em silêncio pelo tempo em que estivéssemos juntos. Depois, quando ele tivesse de ir, guardaria nossas lembranças comigo para sempre.

— Será minha esta noite?

— E em todas as outras que quiser. — admiti e Damien sorriu.

— Ellen, eu...

— Está tudo bem. — coloquei minhas mãos no rosto dele. — Não precisa me prometer nada, Damien. Apenas vamos viver o que temos.

No final, ele estava certo. Apesar de tudo, eu também me sentia de volta à vida. Sem o medo e sem a dor que me mantiveram por muito tempo presa à uma realidade morta.

— Tudo bem, darling. — Ele amparou meu rosto. — O que nós temos.

Assenti com a cabeça e o beijei mais uma vez. Então deixei meus braços envolverem seu pescoço e sorri de volta para ele enquanto subíamos as escadas para o quarto. Eu não precisava de promessas.

Apenas queria senti-lo por perto enquanto pudesse. Quando precisasse esquecê-lo, faria a longa jornada sozinha, mas estava certa de que teria valido á pena viver cada momento.

Capítulo 23: Dores Crescentes

"Essa deveria ser a última coisa que vejo. Quero que você saiba que é o bastante para mim." (Tenerife Sea - Ed Sheeran) "

Procurei pelo meu sabonete e o encontrei ao lado do dele. Então sorri fraco quando percebi como as coisas haviam mudado aos poucos. O

banheiro antes másculo de Damien agora contava com coisas femininas que aos poucos saturavam o espaço. Será que ele havia notado a diferença? Eu não podia afirmar, mas sabia que ter aceitado a proposta

de Damien de me mudar temporariamente poderia ter sido um grande erro.

Apesar de diminuir a distância para ir ao hospital, passar todas as noites nos braços dele estava complicando as coisas, porque eu vinha gostando em demasiado da experiência. E não devia fazer isso, porque aquilo não duraria muito. Damien recebia cada vez mais ligações de Nova York e ficava

constantemente perturbado ao final de cada uma delas. Eu sabia que alguma coisa séria devia estar acontecendo, mas ele se negava a dizer qualquer coisa sobre o assunto. Segundo Damien, David era o único assunto que realmente merecia a nossa preocupação.

Infelizmente, a preparação para o transplante de medula óssea era uma tarefa desgastante para o meu irmão. Eram administrados remédios e terapias que possuíam fortes efeitos colaterais. Mas mesmo no pior dos dias, David mantinha vivo o seu sorriso e sua esperança. Ele mostrava sua grande coragem e nos fazia continuar acreditando que tudo ficaria bem.

Suspirei e senti uma lágrima escapular.

Ainda não havíamos encontrado o doador certo para David. Fui a primeira a me submeter ao exame, mas descobri logo que não era compatível. Júlia se submeteu tão logo quanto eu. Era a nossa maior esperança, mas nós a vimos ruir quando o médico disse que ela não poderia ser quem o salvaria. Foi a vez de tia Meiry. Damien e tio Louis também

se dispuseram, mas nós verificaríamos antes de tudo a família, por isso aguardávamos os resultados dos exames de titia que ainda sairiam pela tarde.

Eu vinha tentando manter na mente que teríamos uma resposta positiva, mas estava apavorada com a possibilidade de não conseguirmos um doador entre nós. Teríamos que partir para uma busca ainda mais variada e eu sabia que não seria fácil.

Coloquei o meu sabonete de volta no lugar e desliguei o chuveiro.

Então me enrolei na toalha e caminhei para fora do banheiro. Quando entrei no quarto, percebi que Damien ainda dormia. Lancei os olhos para o relógio de pulso dele ao lado da cama. Pouco mais de sete da manhã. Ele costumava acordar bem antes disso, mas devia estar cansado. Eu havia percebido quando ele saiu da cama no meio da noite e deixou o quarto com o computador nas mãos.

Atei as pontas da toalha em um nó e fui até ele. Sentei-me na cama e estiquei o braço para acariciar o rosto dele. Agora parecia sereno, sem as linhas do seu rosto carregadas dos problemas que eu sabia que estava tentando esconder de mim.

De repente, para a minha surpresa, ele emitiu um som baixo e então seus olhos se abriram devagar.

— Darling.

— Bom dia. — sorri para ele e afastei os cabelos de sua testa.

Damien sorriu de volta e antes que eu pudesse fazer qualquer outra coisa, ele se movimentou rápido e me colocou sob ele na cama. Suas mãos envolveram o meu rosto e ele me beijou com suavidade, contrastando com sua atitude rápida anterior.

— Bom dia. — Ele sussurrou diante do meu rosto. Depois baixou seus lábios e beijou meu queixo descendo pelo meu pescoço. — Sem mim?

Percebi imediatamente que ele estava se referindo ao banho quando ele me lançou um olhar de reprovação:

— Não queria acordá-lo. — expliquei e afaguei sua mandíbula.

Damien se deitou ao meu lado.

— Deveria. Já está tarde. — Ele olhou por sobre os meus ombros.

— Eu sei que está com problemas. — comecei devagar e segurei a lateral do rosto dele com a mão direita. — Não quer me contar o que está acontecendo?

— Não se preocupe, Ellen. Está tudo bem. — Ele me garantiu e segurou minha mão.

— Não está. Tem passado noites em claro e tem ficado perturbado após aquelas ligações de Nova York.

Damien se limitou a sorrir e depois estendeu a mão agarrando uma mecha do meu cabelo.

— São assuntos rotineiros, mas eu posso lidar com eles.

— Damien...

— Não vou á Imperium hoje. — Ele me interrompeu. — Vamos juntos saber os resultados dos exames.

— Não precisa fazer isso.

— Quero fazer e estamos juntos em toda essa situação. — Damien repousou sua mão na minha cintura. — Não vou abandoná-la.

Sorri para ele sentindo as linhas dos meus olhos se encherem de água.

Damien me puxou para o seu peito e eu o abracei torcendo para que suas palavras se tornassem realidade.

Foi com esforço máximo que mantive as lágrimas dentro dos olhos enquanto aguardava pelo resultado dos exames naquela tarde. Damien ficou do meu lado durante todo o tempo no hospital. Nem mesmo aos telefonemas atendeu.

Uma ansiedade torturante se instalou no fundo do meu estômago, comprimindo-o e me fazendo sentir náuseas. Os ponteiros do relógio na sala de espera pareciam perder a velocidade ao mesmo tempo em que enfatizavam a dificuldade para cada segundo se esvair.

Por volta das três, Arianna chegou acompanhada de Nicholas, o que me causou um grande espanto. Damien, por sua vez, pareceu não se importar com o fato. Ela insistiu que eu precisava comer alguma coisa.

Damien se juntou á ela e eu não tive outra escolha a não ser acompanhá-la até a cantina do hospital.

— Eu aviso se os resultados saírem antes. — Damien afagou meu rosto com carinho.

— Não estou com fome. — insisti.

— Claro que está. Tente ingerir alguma coisa, Ellen ou ficará doente.

Faça isso por mim, darling.

— Tudo bem. — desisti de vez. Não queria me tornar outra preocupação. — Não demoro.

Damien se inclinou e me beijou com suavidade. Eu deixei um carinho no seu queixo e então segui com Arianna para a cantina do prédio.

— Ele mudou. — Ela falou depois de alguns instantes caminhando em silêncio.

— O que?

— Damien. — Ary sorriu. — Mudou com você.

Sorri de volta.

— É. — Então aumentei o sorriso. — Você e Nicholas, estão andando juntos agora?

Arianna ficou subitamente vermelha e engasgou.

— Não... Não. — Ela pigarreou. — Quer dizer, mais ou menos.

Arqueei a sobrancelha surpresa pela confissão fácil.

— Acho que andei perdendo muita coisa.

Quando finalmente chegamos á cantina, Arianna se prontificou a pedir pastéis assados e suco natural. Assim que a garçonete se afastou, ela recomeçou a falar:

— Nicholas me ofereceu um emprego. — Ary mordeu o lábio inferior e eu percebi que estava com medo de revelar todo o assunto. — Como sua assistente pessoal.

— Não sei se é uma boa ideia. — falei sincera.

— Eu também não sei, mas estou prestes a me formar e trabalhar em uma empresa grande como indústrias Ferraço seria uma ótima referência para o meu currículo.

— Ary...

— Eu sei Ellen e você está certa. Mas eu estive pensando em um trabalho temporário por lá. Depois que eu conseguir alguma experiência deixo o cargo, ilesa.

— Sabe que não é tão simples. — suspirei e depois soltei uma risadinha. — Parece que os papéis se inverteram, não é? Há poucos dias você me dizia as mesmas palavras com relação á Damien.

Foi a vez de Arianna soltar uma risadinha.

— Parece que sim.

Segurei a mão dela.

— Se você acha que é o melhor, faça Ary. Eu não estou em posição de

julgá-la depois de ter aceito aquele acordo com Damien. E veja, as coisas não foram como eu esperava. Damien não é o que eu esperava.

Pensei que ele fosse um homem egoísta e frio, mas isso era o que ele tentava aparentar. Na verdade, é um homem com um coração bom, apenas escondia isso.

Arianna apertou a minha mão de volta.

— Você o ama. — Ela afirmou.

Não consegui contradizer. Não conseguia fingir para a minha melhor amiga.

— Amo. Com tudo o que sou. — confessei. — Mas não pretendo incomodá-lo com isso. Meus sentimentos por Damien ficarão guardados somente para mim. Sei que ele tem uma vida que não se encaixa á minha e que terá de partir. Então não vou pressioná-lo. Vou amá-lo pelo tempo que estivermos juntos e quando chegar a hora, vou deixá-lo ir e ficarei com nossas boas lembranças.

— Não vai dizer a ele o que sente? — Arianna arregalou os olhos.

Nesta hora a garçonete chegou com os nossos pedidos. Ela os colocou sobre a mesa e se afastou em seguida.

— Não é preciso.

— Ellen! Não pode fazer isso. Damien tem o direito de saber.

— Ele não precisa saber. Não quero que se preocupe comigo. —

afirmei. — Ele me disse que não poderia me fazer promessas e eu concordei. Não quero que os meus sentimentos o pressionem a ficar comigo. Eu escolhi me apaixonar por ele mesmo conhecendo as condições.

— Mas Ellen, e se Damien também estiver sentindo algo por você? Vai manter isso em segredo e deixar que ele vá?

— Ele não sente, Ary. Ele me disse que não podia.

— Mas as coisas mudam Ellen. — Arianna apertou as minhas duas mãos na sua. — Olha, pense um pouco sobre o que estou dizendo. Quando tudo isso começou, eu dei a minha opinião sobre Damien, mas agora, não me parece o mesmo homem. É só perceber o jeito que olha para você e tudo o que tem feito. Diga a ele o que sente.

— Eu não quero pressioná-lo, Ary. Não quero que nossos momentos bons se tornem um arrependimento

para ele.

Era tudo o que eu mais temia.

— Tudo bem. — Arianna suspirou. — Mas me prometa que ao menos vai pensar sobre o assunto.

— Certo. — concordei embora já estivesse de decisão tomada.

— Sei que também tem medo de expor o que sente e ser machucada mais uma vez, Ellen. Mas você pode estar perdendo uma grande chance de ser feliz. Talvez Damien também sinta o mesmo e esteja com receio

de dizer isso.

Seria possível? Não. Não poderia ser. Aquilo não era do feitio dele.

Damien era um homem seguro de si, porque teria medo de me contar qualquer coisa que sente? Não parecia cabível.

— Eu vou pensar. — sorri e soltei a mão dela. — Agora vamos comer esses pastéis, para eu conseguir alguma força e voltar para perto de David.

— Sinto muito.

O médico arrancou as minhas esperanças com apenas duas palavras.

Aquela era a resposta que eu temia. Nem mesmo nossa tia poderia ser a doadora de David. Ela também era incompatível.

— E o que podemos fazer? — escutei Damien perguntar ao meu lado, mas não consegui prestar a devida atenção na resposta do médico.

De repente, a pequena sala era como um vácuo. Os sons se tornaram baixos e indiscerníveis. Eu apenas conseguia pensar em David e uma dor crescente se espalhava por todo o meu corpo. E se eu não conseguisse salvá-lo? E se não encontrássemos ajuda? Tudo estava se tornando cada vez mais complicado. Porque as coisas não estavam dando certo? O que David fizera para ter de suportar tanta coisa?

Apertei minhas mãos no colo e percebi que estava prestes a chorar. Foi

quando a mão dele encontrou a minha e eu escutei sua voz me acalantar:

— Acalme-se, darling. Ainda há esperança. — Ele segurou meu rosto fazendo-me olha-lo. — Eu prometi, lembra-se?

Assenti com a cabeça e uma lágrima escapuliu dos meus olhos. Damien a limpou com carinho.

— Eu farei os exames também, doutor. — Ele falou ainda com os olhos nos meus.

— Quando quer fazê-los? — o médico inquiriu.

— Se possível agora. — Damien me lançou um último olhar e se virou para o médico. — Um amigo também está disposto a fazer.

— Amigo? — entrei na conversa.

— Nicholas disse que também quer ajudar. — Damien me explicou.

— Também recorreremos á um banco. — o médico avisou e depois se afastou da mesa e retirou o estetoscópio dos ombros. — Se me permitem a pergunta, e o pai do garoto? Ele está vivo?

— Não. — respondi rápida. — Ele não pode ajudar.

— Ele está vivo. — Damien respondeu por mim deixando-me perplexa.

— Ele também representa grande chances para David. Seria possível contatá-lo de alguma forma? — o médico prosseguiu a conversa.

— Não. — repeti.

— Seria possível, sim. — Damien me contradisse.

— Damien! — Quase gritei.

— Ellen, se o seu pai pode ajudar devemos tentar. — Ele segurou meu rosto e eu meneei negativamente com a cabeça. — Pense em David.

Temos que tentar todas as possibilidades. É o mínimo que ele poderia fazer.

Embora não gostasse da ideia, eu sabia que ele tinha razão. E se aquele homem poderia ser a chance de salvar meu irmão, eu não poderia ser orgulhosa e negar o auxílio a David.

— Pode mesmo contatar o pai? — o medico insistiu.

— Posso. — Damien disse com seus olhos ainda nos meus. — Tenho certeza de que ele não se negará.

— Então que isso seja feito o mais rápido possível. — o homem maduro levantou-se da mesa e ajeitou seu jaleco branco. — Mas por hoje poderemos começar com os seus exames e os do seu amigo, senhor Mason.

— Claro. — Damien concordou e depois se levantou, oferecendo-me ajuda logo em seguida.

Nós seguimos para fora do consultório atrás do médico. Damien manteve a sua mão na minha e eu acenei rapidamente para o restante da família enquanto acompanhava-o para ser preparado. Júlia pareceu notar a tristeza no meu olhar e se encolheu no abraço de Arianna, mas eu me recusei a parar e dar a notícia a eles. Precisava me acalmar

primeiro.

— O senhor pode me acompanhar, senhor Mason. — uma enfermeira nos abordou depois que o médico cruzou a porta. — E sua esposa pode aguardá-lo aqui.

Pensei que Damien corrigiria a moça, mas ele não se pronunciou sobre o assunto:

— Não se preocupe, darling. David ficará bem.

— Vai ficar bem também? — acariciei o rosto dele.

— Vou sim. Já passei por isso antes. — Ele confidenciou, mas rapidamente mudou de assunto. — Vem para casa comigo esta noite?

— Eu não sei. Queria ficar com David. — Eu passava quase todos os dias da semana no hospital, mas fazia um esforço de ir para casa ao menos uma vez na semana. Titia dizia sempre que devíamos manter um padrão para que todos descansassem e embora eu fosse contra, não conseguia vencer Meiry de Souza.

— Por favor Darling. Sei que quer ficar com David, mas preciso contar a você sobre o seu pai. — Ele suspirou.

— Meu pai?

Damien assentiu com a cabeça.

— Eu não fui totalmente sincero quando disse que ele havia partido. —

Ele segurou a minha mão quando eu o olhei surpresa. — Mas quero esclarecer as coisas com você. Explicar as minhas atitudes.

Seus olhos azuis se fixaram nos meus e ele acariciou meu queixo.

— Tudo bem. — assenti.

Não tinha disposição sequer para discutir no momento. Tudo parecia menor diante da situação de David.

— Virá comigo?

— Sim. Nós conversaremos em casa.

Ele concordou e então beijou meus lábios mais uma vez para depois ultrapassar a porta. O mau pressentimento com relação ao meu pai encheu meu estômago. Mas eu não tinha escolha a não ser enfrentá-lo dessa vez. De qualquer forma, David era filho dele e se ele pudesse salvá-lo, eu seria eternamente grata.

Júlia chorou muito. Talvez de todas as noites que passamos, aquela tenha sido a pior. Minha irmã subitamente não aparentava mais seus quatorze anos. Encolhida de pijama, ela se abraçou á mim na cama e soluçou até dormir ao saber sobre a complicação no caso de David. Eu sabia que ela também estava

com medo de perder o nosso irmão.

Depois da partida abrupta de nossa mãe, não sabíamos se conseguiríamos sobreviver a outro baque tão forte.

Acariciei seus cabelos e tentei distraí-la com alguns assuntos pouco úteis, usando

isso para enganar a minha mente também. Quando ela finalmente dormiu, eu deixei um beijo na sua testa e saí do quarto.

Damien estava me esperando no próprio quarto, que agora ele insistia em chamar de nosso. Estava vestido com seu robe preto e observava o céu da varanda adjacente ao cômodo.

Caminhei até ele devagar e então abracei sua cintura descansando meu rosto em suas costas. As lágrimas que estive segurando desde que o médico dera a notícia finalmente sentiram-se seguras para se esvaír.

Damien se virou no mesmo instante e me aconchegou em seus braços quentes. Ele não disse nada, mas seu toque carinhoso falava por si só.

Deixei que a dor aparecesse em toda a sua amplitude. Eu buscava ser o mais forte possível na frente de David e da minha família, mas ali nos braços dele, eu sentia que não precisava mais carregar tudo sozinha.

Em algum momento, ele se curvou e me carregou de volta para o quarto. Colocou-me sobre a cama e se sentou apoiando-se na cabeceira para continuarmos abraçados.

— Sinto muito. — Ele falou baixinho.

Solucei sem conseguir respondê-lo.

— Sei que as coisas estão difíceis, mas não podemos perder a fé. — Ele beijou meu ombro. — Ainda há esperança.

— Está falando sobre o meu pai? — afastei meu rosto de peito dele

para olhá-lo.

Damien assentiu com a cabeça.

— Eu não dei dinheiro a ele para que partisse. Na verdade, ofereci dinheiro para que ficasse. Mas ele o recusou.

Franzi o cenho em confusão.

— Quando eu soube que seu irmão teria de fazer um transplante de medula óssea, eu tomei a liberdade de descobrir onde ele estava vivendo e fui pessoalmente falar com ele.

— Você contou sobre tudo?

— Eu falei sobre tudo. — Ele segurou meu rosto. — Por favor, não fique ressentida comigo. Ele podia ser uma possibilidade para David e decidi que poderia valer a pena.

— E porque não me disse isso?

— Você e Júlia estavam muito assustadas, eu quis tranquiliza-las então optei por dizer que ele havia partido. E ele ainda irá, depois que tudo se resolver.

— Está bem. — falei depois de um suspiro longo. Damien pareceu surpreso com a minha rápida aceitação. — Não posso me importar com o orgulho nesse momento. Devo me importar com David. Vamos juntos amanhã, falar com ele.

Os momentos com Júlia me permitiram pensar sobre o assunto e eu percebi que não havia tempo para lidar com o ego. Era a vida do meu

irmão e eu faria de tudo para que ele sobrevivesse.

— Ele não vai se negar. Pagarei se for necessário. — Damien colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Encontraremos o doador para o seu irmão.

— Encontraremos. — repeti e acenei com a cabeça sentindo as lágrimas encherem meus olhos mais uma vez.

Damien se aproximou e encostou sua testa na minha.

— Gostaria que não sofresse tanto, darling.

— Estaria sofrendo mais se não estivesse aqui comigo, Damien. —

deixei minha mão livre correr pelo braço dele até chegar a sua nuca.

Damien beijou a curva do meu pescoço.

Então me lembrei das ligações que ele vinha recebendo e percebi que era o momento de tentar devolver um pouco do auxílio que ele vinha me oferecendo.

— O que está acontecendo em Nova York?

— Darling...

— Deixe-me ajudar você, Damien. Por favor. — afaguei a mandíbula dele.— Pode confiar em mim.

Ele sorriu.

— Sei que posso. — Então levou minha mão aos lábios e beijou a palma. — Há alguns problemas que estão se acumulando na minha sede

em Nova York, não vou mentir para você. Por isso as ligações tem aumentado. Eles insistem na minha presença.

— Precisa voltar. — admiti.

— Não vou deixá-la. — Ele falou firme.

— Mas Damien, é a sua empresa...

— Isso já está decidido. Tenho outras prioridades no momento e elas não incluem a Imperium. — Suas duas mãos acariciaram as minhas costelas.

Seu olhar tinha tanta ternura que eu me peguei pensando nas palavras de Arianna. E se Damien também sentisse alguma coisa por mim? Talvez valesse apenas arriscar e dizer a ele sobre como eu me sentia. Talvez existisse uma chance para nós.

— Damien. — comecei. — Eu... Eu preciso dizer algo a você. Mas não sei como vai reagir.

— Estou ouvindo, darling. — Ele sorriu. — Pode confiar em mim.

Procurei por coragem e preendi o lábio inferior.

— Você... Eu... — Senti-me nervosa enquanto os olhos azuis dele me estudavam curiosos. — Eu...

— Você... — Ele me instigou. O sorriso aumentando pouco a pouco e seus olhos brilhando em expectativa.

— Eu... — Eu não podia fazer. Não podia. — Eu sei sobre a proposta de

Nicholas para Arianna. — acovardei-me no final, incapaz de revelar o que se passava no meu coração.

Damien sorriu de lado.

— Nicholas é insistente. Deve avisar a sua amiga sobre as intenções dele.

— Ela sabe, mas acha que pode lidar com isso. — continuei o assunto conformada. Mesmo que eu quisesse, não conseguiria dizer a ele. Não daquela forma. O momento não parecia favorável para nenhuma declaração. — Como eu também achei que poderia lidar com você.

O sorriso dele aumentou.

— E se arrepende? — Ele perguntou.

— De nós? — Damien assentiu. — Como eu poderia me arrepender?

Segurei o rosto dele com as duas mãos. Mesmo que doesse quando ele tivesse de voltar, eu estava certa de que não me arrependeria de nenhuma das minhas atitudes.

Damien sorriu e eu me inclinei para beijá-lo. Beijar seus lábios sempre me tranquilizava. Assim eu lembrava a mim mesma de que não estava sozinha e conseguia encontrar em nossos beijos a força que me era sugada. Ele me beijou de volta, amparando meu rosto com a mão esquerda.

— Tenho uma surpresa para você. — Ele falou depois que eu me afastei.

— Uma surpresa?

— Espere aqui.

Damien me beijou mais uma vez e então se levantou da cama.

— O que você vai fazer?

Ele foi até a televisão e a ligou. Então programou alguma coisa e depois voltou para a cama com os controles. Deitou-se ao meu lado e me puxou para os braços dele.

— Precisa descansar um pouco. — Ele beijou o topo da minha cabeça.

— Vamos assistir ao seu filme favorito. Passei a manhã toda procurando por ele. Quer dizer, George passou.

— Top Gun? — olhei perplexa para a tela da televisão.

— Sim. Sei o quanto você gosta de filmes antigos, então vamos começar por esse e depois veremos os outros que separei. Arianna me deu algumas informações.

— Arianna?

— Sim. — Ele sorriu divertido com o meu semblante. — Precisava saber perfeitamente o que selecionar. Quero que se distraia um pouco darling, passou toda essa semana sob pressão com esses exames e não posso mais vê-la chorar.

— Damien... — sorri emocionada e passei meus dedos pela sua mandíbula beijando-a depois.

— Tudo ficará bem. — Ele afagou os cabelos da minha nuca.

Concordei e me aconcheguei nos braços dele. Então senti seu braço esquerdo envolver a minha cintura e enrosquei minha perna na dele.

— Tem certeza de que isso é o bastante? Não parece seu tipo de programa, senhor Mason. — arrisquei um sorriso e continuei com os olhos na televisão, sentindo-me um pouco melhor desde a notícia da tarde.

Logo em seguida, a mão de Damien acariciou a minha cintura.

— Você é o bastante para mim, Ellen. Mas acho que talvez, ainda não tenha compreendido isso por completo.

Capítulo 24: Beijo de Boa Noite

"Eu não quero forçar demais. Apenas um tiro no escuro e você poderá ser o único que eu estive esperando por toda minha vida. Então, querido, eu estou bem com apenas um beijo de boa noite." (Just a Kiss - Lady Antebellum)"

O passado nunca estará longe o suficiente.

O pensamento me encheu a mente quando eu me sentei no estofado da já familiar sala de Damien para receber o homem que era presença constante nos meus pesadelos. E embora o cômodo fosse amplo, eu sentia a claustrofobia crescendo dentro de mim. Tive que respirar fundo para não ceder a vontade de me levantar e deixar o lugar.

Não queria vê-lo outra vez. Por mais irracional que parecesse, eu ainda carregava o medo de que tudo se repetisse. Apertei meu dedo indicador

no polegar e percebi que minhas mãos estavam tremendo sobre o meu colo.

— Não vou permitir que aconteça nada. — Damien colocou sua mão sobre a minha, fazendo-me fitá-lo.
— Não fique com medo, darling.

Ele afagou meu queixo e sorriu. Então George entrou na sala.

— Ele chegou, senhor.

— Deixe-o entrar. — Damien acenou positivamente com a cabeça.

George deixou a sala e eu apertei a mão de Damien na minha. Era para o bem de David, eu precisava enfrentar. No momento seguinte a porta se abriu novamente e ele entrou. Senti meu corpo se retesar, como defesa, mas logo depois os dedos de Damien apertaram a minha cintura em um gesto confortante.

— Sente-se. — Damien o orientou e eu mantive os olhos em nossas mãos.

Percebi quando ele se sentou á nossa frente e depois houve apenas silêncio por longos instantes.

— Filha.

Outro momento de silêncio ensurdecedor.

— Não me chame assim, por favor. — finalmente escutei a minha própria voz responder.

Quando eu ergui o rosto, a dor em seus olhos estava visível.

— Ellen. — Ele refez a frase.— Sei o que está acontecendo com David e quero ajudar o meu filho.

— Como você nos encontrou? — Não consegui evitar a pergunta. — E

porque, depois de tantos anos?

Ele recuou e por um momento acreditei ver lágrimas em seus olhos.

— Sei que fui cruel com você e sua mãe. Não há um só maldito dia que eu não lamente pelo que fiz. Mas apenas percebi a minha covardia no dia em que foram embora. Naquela manhã, quando cheguei em casa e

não encontrei vocês, compreendi que havia perdido tudo. — Ele levou as mãos ao cabelo e seu rosto ficou angustiado. — Eu não queria machucar vocês.

— Você a machucou mesmo sabendo da gravidez! — acusei-o cheia de ira. — Você bateu em mim quando tentei protegê-la de você!

— Eu sei! — Ele gritou e em seguida veio até mim e se ajoelhou. — Eu sei o que fiz, filha. Mas eu estava cego. O vício me manteve cego, embora eu saiba que a culpa não esteja somente no álcool. — Ele segurou a minha mão e uma lágrima desceu pelo seu rosto marcado. —

Eu senti tanta vergonha, eu quis me matar. Foi assim que ganhei essa cicatriz, mas até mesmo a morte era digna demais para mim. Então eu sobrevivi, apenas para conviver todos os dias com o que causei a vocês.

Precisei de muito tempo para reunir a coragem de procura-los, mas

quando soube da morte da sua mãe decidi que precisava encontrar vocês e implorar para que me perdoassem. Foi um pouco difícil, mas eu encontrei a casa. Então fiquei observando as coisas de longe...

— Então era você... — lembrei-me imediatamente da notícia de Arianna sobre um sujeito estranho observando a casa.

— Eu estava tentando encontrar um meio de me aproximar. Eu preciso que me perdoem por tudo o que fiz. — Ele apertou a minha mão quando eu tentei me soltar. — Filha, por favor. Sei que estou pedindo muito. Sei que não mereço nem mesmo a sua pena, mas por favor...

— Não é simples. — repliquei com a voz embargada. — Eu me lembro das vezes em que cheguei da escola e a encontrei machucada. Eu me lembro de todos os gritos e me lembro das coisas que dizia para ela...

Não sei se consigo... Eu... Me solte...

Tentei recuar mais uma vez. A presença dele só aumentava a minha angústia porque tornava as cenas horríveis do passado cada vez mais vivas.

— Filha... por favor... Não posso mais viver com isso. — Ele começou a soluçar e agarrou-se aos meus tornozelos quando eu me soltei dele. —

Eu faço qualquer coisa, eu faço... Só não me negue isso... Filha, eu sinto muito.

Fiquei completamente perdida. Minhas emoções se tornaram confusas e eu não conseguia discernir o que sentia. Contudo, o assunto

em questão não era o passado. Era o futuro de David.

— Por favor, se levante. — pedi sentido as lágrimas descerem pelo meu rosto.

Ele se levantou devagar e eu fiz o mesmo.

— Se quer ajudar David, não negarei uma oportunidade de salvar o meu irmão.

— Darei minha própria vida. — Ele assentiu.

— Certo. Você será levado ao hospital. — Damien se levantou e passou o braço pela minha cintura e eu mantive meus olhos na gravata dele.

— Filha. — Ele insistiu.

— Quero ir agora, Damien. — pedi.

— Claro, darling. — Senti a mão dele acariciar os meus cabelos. — O

senhor pode se retirar agora. George vai levá-lo até o carro e depois será deixado no hospital.

— Compreendo. Algumas coisas uma vez perdidas, para sempre inalcançáveis. — Ele ainda tinha a voz embargada. — Espero que uma dia possa me perdoar pelas feridas que causei, Ellen.

Fechei os olhos quando mais lágrimas escorreram.

— Eu amo você.

Seus passos ecoaram no piso e depois a porta se fechou.

— Eu sou horrível. — falei baixinho e deixei que o choro se esvaísse. —

Eu mal consegui olhar para ele. O meu próprio pai.

— Acalme-se Ellen. — Damien me envolveu em seus braços. — É muita coisa para você. Não precisa se sentir culpada por isso. O que ele fez foi horrível.

Ele segurou meu rosto e beijou-o secando as lágrimas. Senti-me ainda mais emocionada e o abracei colocando meu rosto em seu ombro enquanto soluçava.

— Tudo bem. Eu estou aqui. — Ele me abraçou mais forte. — Você fez o melhor que conseguiu.

— Eu não sei...

— Claro que fez. Outra pessoa sequer aceitaria esse encontro. Mas você o fez, por David. — Damien beijou a curva do meu pescoço. —

Estou orgulhoso.

— Está? — afastei o meu rosto do ombro dele para fitá-lo.

Ele sorriu e acariciou minha mandíbula.

— Claro que estou. Tem o coração mais puro que se possa haver, Ellen.

E sei que mesmo machucada é incapaz de guardar mágoas. Eu sou a prova disso. — Ele sorriu e beijou a

minha testa. — Vou pedir a George que traga um chá para que se acalme e depois vamos ao hospital ver David, tudo bem?

Assenti com a cabeça e dei um pequeno sorriso.

— Tudo bem.

Novamente me vi muito próxima de confessar á ele meus reais sentimentos. Mas quando reuni coragem para verbalizá-los, Damien beijou meus lábios e em seguida se afastou. Suspirei e me sentei novamente no sofá quando ele fechou a porta.

Eu não precisava aceitá-lo de volta como pai. Mas naquele momento, fiz uma prece silenciosa a Deus para que me desse ao menos a capacidade de perdoar e encerrar com todas aquelas dores do passado.

Não tive escolha a não ser contar tudo o que estava acontecendo aos meus irmãos. Eles precisavam saber que nosso pai estava de volta e que era um dos voluntários a fazer o teste de medula para ajudar David.

Então levei Júlia comigo ao hospital e conversei com ambos ao mesmo tempo. Eles ficaram assustados, como eu previ que aconteceria.

Júlia contudo, foi mais afetada que David. Embora eu pudesse ver que mesmo se armando de coragem, meu irmão não estava confortável com a ideia, ele apenas assentiu. Tentei acalmá-los da melhor maneira possível e depois deixei-os no quarto conversando. Quando fechei a porta, encontrei Arianna e Nicholas conversando.

— Quando saem os resultados, Ell? — Arianna se aproximou de mim e segurou a minha mão.

— O médico disse que saem hoje pela tarde.

— Inclusive o dele?

Eu sabia que ela estava se referindo ao meu pai e apenas concordei com a cabeça.

— Inclusive.

— Damien pediu para avisá-la de que foi atender á uma ligação, mas volta logo. — Nicholas sorriu.

— Ele está com problemas, eu sei. Mas não me diz muita coisa.

— Não se preocupe com César. Ele está acostumado a resolver esse tipo de coisa. — Nicholas me respondeu.

— César? — repliquei confusa.

— Sim, como o imperador romano. Não é criativo? E combina muito com ele.

Soltei uma pequena gargalhada diante da novidade recém descoberta.

Arianna e Nicholas também me seguiram.

— Qual é a graça? — a voz de Damien soou atrás de mim e logo depois eu senti sua mão na minha cintura.

— Nenhuma. — coloquei a minha mão sobre a dele e sorri.

— Como estão seus irmãos, darling?

— Vão ficar bem. — Damien pareceu querer me dizer algo. —

Aconteceu alguma coisa?

— Ele quer conhecê-los. — Num primeiro momento não compreendi, mas ele prosseguiu. — Seu pai quer conhecer David e Júlia.

— O que? Ele não tem esse direito! Eu não vou deixar! — afastei-me de Damien nervosa.

— Ellen. Escute. — Damien me seguiu e me segurou pelo punho delicadamente. — Sei que é difícil conseguir vencer o seu passado, mas somente enfrentando-o é que você poderá ficar em paz.

— Damien...

— Ninguém vai machucar você ou seus irmãos. Vamos deixar que ele os conheça e vamos ficar por perto. Mas isso somente se eles também quiserem conhecê-lo. Confie em mim, por favor.

Eu não conseguia sentir medo quando seus olhos azuis me passavam tanta segurança. E de certa forma, sabia que não conseguiria evitar um momento como aquele. Restava apenas me conformar. Acenei afirmativamente com a cabeça.

— Certo. — Damien afagou a minha bochecha esquerda. — Nicholas, você e Arianna podem trazê-lo aqui por favor?

— Claro. — Nicholas respondeu.

— Tenha coragem, Ell. — Arianna me abraçou rapidamente e depois saiu com Nicholas.

— Não sei se eles vão querer. Estavam assustados.

— Vamos descobrir. — Damien me estendeu a mão e nós entramos no quarto.

Não foi agradável, mas não foi tão difícil quanto pensei que seria.

Talvez pelo fato de que a conversa não tenha se estendido muito. Júlia e David se mostraram receosos, mas ainda sim quiseram conhecer nosso pai.

Em parte, foi uma decisão sábia confiar em Damien. Conhecê-lo fez com que meus irmão sentissem

menos medo, já que agora ele era apenas um homem magro e de aparência cansada. Damien e eu ficamos no quarto durante todo o tempo. No final da conversa mirrada, ele quis abraçar os filhos. David concordou primeiro, Júlia se mostrou ainda temerosa, mas terminou por aceitar.

— Eu volto mais tarde, quando o resultado sair. — Ele parou diante de mim.

— Está bem. — concordei sem olhá-lo.

— Posso abraçá-la? — Ele pediu. A voz novamente carregada de melancolia.

Não respondi, mas apertei meus braços em torno de Damien.

— É melhor você ir. — Damien falou por mim. — Os resultados ficam prontos às três.

E então ele finalmente se foi.

— Ele vai ficar conosco agora? — Júlia lançou a pergunta no ar.

— Não. — corri a responder. — Vocês podem vê-lo se quiserem, mas ele não ficará conosco.

— Eu quero continuar com você, Ell. — Ela continuou.

— Eu também. — David concordou.

Sorri para eles.

— Vamos ficar todos juntos. — tranquilizei-os.

— Estou incluído nisso? — Damien perguntou fazendo-me sorrir mais.

— Claro, senhor Mason. — plantei um beijo na mandíbula dele.

— Vocês vão ficar aqui o dia todo? — David perguntou depois de passar a mão pela cabeça nua.

— Vamos. Vamos esperar os resultados. — respondi.

— Legal. — David comemorou. — Júlia, trouxe o que eu pedi?

— Trouxe, maninho. — Ela se levantou da poltrona rapidamente e foi até sua bolsa de onde retirou um caderno de capa escura.

— O que é isso? — perguntei curiosa.

— Negócios. — Damien respondeu fazendo-me olhá-lo surpresa.

— Negócios? — repeti incrédula. — O que vocês estão aprontando?

— Não somos homens que aprontam. Isso são negócios. — David insistiu. — Agora, senhoritas, poderiam nos dar licença?

O que? Mas o que estava acontecendo?

Júlia soltou uma risadinha e veio até mim, colocando seu braço no meu.

— Vamos, Ell. Vamos tomar um sorvete.

— Você também está com eles? — Júlia apenas ampliou seu sorriso.

— Eu não estou entendendo.

— Não se preocupe, darling. Vai entender, eu asseguro. — Damien me beijou nos lábios e depois colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. — Agora vá com a sua irmã. David e eu vamos conversar.

Antes que eu pudesse insistir no assunto, Júlia já estava me puxando para fora do quarto. Do outro lado da porta, no entanto, eu tive uma grande surpresa. Takashi estava sentado em uma das cadeiras e se levantou assim que me viu.

— Tk?

— Ellen, podemos conversar? — Ele olhou de Júlia para mim.

— Vamos esperar você na cantina. — Só então percebi Arianna e Jenny atrás de mim. — Venha Jú. — Arianna instruiu e Júlia me soltou.

De repente, Tk e eu estávamos sozinhos.

— Aceita ir ao jardim comigo? — Ele pediu parecendo nervoso.

Senti vontade de abraçá-lo na mesma hora. Takashi era muito especial para mim e ficar sem ele vinha sendo complicado. Mas tudo o que conseguir fazer foi concordar.

— Claro.

Caminhei na direção dele e nós atravessamos o hospital em silêncio.

Algumas vezes eu sentia o olhar dele sobre mim, mas ele não disse palavra alguma. Somente quando começamos a caminhar nas alamedas do jardim bem cuidado do hospital é que ele finalmente falou:

— Quero pedir perdão. — Ele parou de caminhar e segurou minha mão. — Eu fui um idiota, Ellen.

— Está tudo bem, Takashi. — sorri contente.

— Não, não está. — Ele soltou a minha mão e bagunçou os cabelos. —

Nada está bem Ellen.

— Claro que está, Tk. — segurei o rosto dele. — Eu não me importo mais com aquilo, somos amigos.

— É exatamente por isso que não está nada bem, Ellen. — Afastei-me dele, mas foi a vez de Tk segurar

meu rosto com as duas mãos. — Não está bem porque não quero apenas ser seu amigo. — Ele suspirou.

Estou apaixonado por você, Ellen. Sempre estive. Eu a amo.

As palavras dele me fizeram piscar aturdida e eu dei um passo para trás.

— Não fuja. — Ele me implorou.

— Takashi... Não. — meneei com a cabeça negativamente. — Não faça isso.

— Desde a primeira vez que a vi, eu soube que terminaria por me apaixonar por você. E conhecê-la melhor provou que eu estava correto.

Você é linda, determinada, mas ao mesmo tempo bondosa e gentil. Mas eu não tive coragem de dizer o que sentia, estava com medo de que fugisse de mim quando soubesse. Que se afastasse e eu não suportaria perdê-la.

— Takashi...

— Mas eu fui covarde por tempo demais. Eu devia ter contado isso a você antes. Antes que ele a roubasse de mim. — Eu vi uma lágrima descer pelo rosto dele e me senti horrível por fazê-lo sofrer. — Ellen, eu sei que não posso dar a você a vida que ele pode oferecer e que você merece, mas eu posso garantir que o meu amor é sincero. Posso

prometer que cuidarei de você e vou adorá-la pelo resto dos meus dias se me der a chance de provar isso.

— Não, Tk. Não é isso. — Consegui afastar meu rosto das mãos dele enquanto sentia meus olhos arderem. — É que eu não posso. Eu...

Encarei-o sem saber o que dizer. Talvez se as coisas fossem diferentes, talvez se ele tivesse me dito antes, eu tivesse uma outra resposta para dar aquela declaração. Mas eu não podia ser o que ele queria. Não podia entregar o meu coração, porque já não estava comigo.

— Eu entendo. — Ele deixou os braços caírem ao lado do corpo. — É

tarde demais.

Então ele caminhou até mim devagar.

— Eu apenas espero que ele a ame como merece ser amada. Você é uma mulher incrível, Ellen. Damien tem sorte por ser o dono desse amor.

Não consegui mais evitar e o abracei. Takashi me abraçou de volta, mas logo se afastou.

— Amo você. — Ele beijou a minha testa. Seus olhos pequenos e escuros banhados por lágrimas.

Sem dizer mais nada, ele se separou de mim e começou a fazer o retorno pelo jardim.

Não consegui fazer nada. Fiquei apenas o observando ir embora, com o coração pulsando dolorido pelo sofrimento que causei a alguém que eu tanto gostava. Mas não havia outra maneira de terminar aquilo.

Esperava que ele um dia pudesse me perdoar, mas meu coração já havia escolhido Damien.

— Fique calma.

Damien entrelaçou nossos dedos e sussurrou ao meu ouvido quando o médico finalmente entrou na sala.

Toda a minha família estava reunida. Tia Meiry tinha vindo com meu

tio que havia conseguido folga no trabalho. Arianna também havia se livrado do compromisso na lanchonete, mas eu suspeitava de que já estivesse trabalhando com Nicholas, uma vez que eles pareciam estar sempre juntos agora. Jenny me lançou um sorriso sugestivo uma ou duas vezes e eu tive certeza de que Ary seria bombardeada por perguntas mais tarde. E por último, meu pai também estava presente.

— Boa tarde. — o médico nos cumprimentou com polidez.

— Boa tarde. — levantei-me imediatamente.

Damien também ficou de pé ao meu lado e me amparou pela cintura.

— E então doutor? — Ele inquiriu.

— O garotinho ficará bem? — Nicholas também entrou na conversa.

— David é um menino de sorte. Tem uma boa família. — o médico deu um sorriso rápido e depois desviou seu olhar para a prancheta em suas mãos.

Senti-me ainda mais nervosa. Não aguentava mais ver David naquela situação e nem naquele hospital. Queria que ele voltasse a ser o garotinho nerd e despreocupado com suas séries mais uma vez. Apertei a mão de Damien na minha, e ele devolveu o toque me confortando.

— Conseguimos o doador. — O médico noticiou e depois sorriu.

Soltei um grito de alegria que foi seguido por outros murmúrios de comemoração. Abracei Damien pelo pescoço e senti quando meus pés

deixaram o chão e ele me apertou contra o seu corpo.

— O transplante começará imediatamente, é claro se o doador estiver disposto. — O médico caminhou até o meu pai. — Senhor Robson de Souza, o senhor possui compatibilidade com o seu filho. Quando pode se submeter a doação?

Procurei o rosto dele no mesmo instante.

— Eu? — Ele pareceu surpreso. — Eu... No momento em que o senhor quiser, doutor. Quero ajudar o

meu filho.

— Sendo assim, venha comigo. — O médico solicitou e começou a deixar o corredor.

Meu pai estava seguindo-o, quando eu não consegui conter meu ímpeto. Abracei-o no meio do corredor, sentindo as lágrimas na minha garganta.

— Obrigada. Obrigada por salvá-lo. — sussurrei baixinho.

Senti a mão dele acariciando os meus cabelos.

— Daria minha vida por qualquer um de vocês, minha filha. Perdoe-me por não ter sido o pai que vocês mereciam. Quando David estiver bom, eu prometo que não serão obrigados a conviver com a minha presença.

Voltarei para a fazenda e tudo ficará bem. — Ele sorriu e então se afastou de mim seguindo pelo corredor.

— Tudo vai ficar bem agora, minha amiga. — Arianna me interceptou com um abraço fazendo-me deixar de seguir meu pai com os olhos. —

As coisas vão se encaixar.

— Espero que sim, Ary. — sorri sincera na direção dela.

— Me deixem participar do abraço também. — Jenny reclamou e nos abraçou fazendo com que eu e Arianna ríssemos.

— É uma grande vitória. Deus nos abençoou. — Tia Meiry sorriu e me envolveu com seus braços quando minhas amigas se afastaram. — Eu disse que Ele nunca nos abandonaria.

— Tenho certeza de que agora David ficará bem. — Tio Louis também se manifestou com um sorriso esparramado e a felicidade brilhando em seus olhos.

De repente, percebi que Damien não estava mais entre nós.

— Onde está Damien? — olhei para Nicholas.

— Ele saiu falando ao telefone por ali. — Arianna me respondeu.

— Vou procurá-lo. — avisei e então deixei a sala seguindo pelo corredor.

Não foi difícil encontrá-lo. Damien estava na sacada da sala ao lado mantendo o celular colado à orelha. Quando me aproximei, sem ele me notar, escutei um fiapo da conversa.

— Tudo bem. Eu vou voltar para Nova York.

No momento seguinte ele desligou o telefone e só depois percebeu a minha

presença.

— Ellen?

— Você desapareceu. — falei já me arrependendo de ter ido procurá-lo e ter ouvido a conversa. — Vim procurá-lo.

Continuei a caminhar até parar diante dele. Damien sorriu e guardou o celular no bolso.

— Desculpe. Precisei atender ao telefone.

— Eu sei. — Eu sabia também o que significavam aquelas últimas palavras, mas resisti ao impulso de contar á ele que eu tinha ouvido.

Damien franziu o cenho e deu um passo na minha direção.

— O que aconteceu? — Ele colocou suas duas mãos na minha cintura e sorriu de lado.

— Nada. — toquei o rosto dele. — Não aconteceu nada. Acho que as coisas vão voltar a seus lugares agora.

Sorri mesmo diante da minha vontade de chorar. Ele também voltaria para a vida que era dele.

— Eu espero. — Damien amparou meu rosto com uma das mãos, mas dessa vez não sorriu. — Tem certeza de que está tudo bem?

Assenti com a cabeça e o abracei. Damien pareceu surpreso com a minha reação nos primeiros instantes, mas depois me abraçou de volta.

— Fique contente, darling. David vai se curar agora. — escutei-o falar enquanto acariciava os meus cabelos. — Ninguém mais sofrerá.

Esforcei-me para afastar o rosto do pescoço dele e sorri em concordância, embora soubesse que não era de todo verdade. Eu sofreria quando ele partisse.

— Terá de ir a empresa? Não precisa mais ficar aqui. Sei que tem assuntos á resolver.

— Eu não vou a lugar nenhum, Ellen. — Damien segurou meu rosto com as duas mãos. — Não há outro lugar que eu queira estar, my darling.

Sorri e me forcei a acreditar em suas palavras e no seu olhar sincero.

Eu sabia que ele se referia ao momento, mas precisava me agarrar aqueles bons pensamentos para aproveitar ao máximo.

— E nem eu.

Damien não disse nada, mas sua mão direita apoiou a minha nuca e ele me beijou. Bastava apenas um

beijo para justificar o porque de eu não me arrepender da minha escolha. Eu estava bem.

Quando ele se afastou e eu segurei seu rosto, seu sorriso me causou uma emoção dolorida.

— Vamos até David?

Meneei a cabeça afirmativamente.

Damien entrelaçou seus dedos nos meus e sorriu.

Naquele instante, eu optei por ignorar o que me aguardaria no depois do fim. Sorri de volta para ele e deixei meu coração acreditar que poderia durar para sempre.

Capítulo 25: Solstício

"Sim, eu tenho sentindo de tudo. Do ódio ao amor, do amor ao desejo, do desejo à verdade. E acho que é assim que eu conheço você. Por isso te abraço apertado para te ajudar a se entregar. Então me beije como quer ser amada." (Kiss me –

Ed Sheeran)

O transplante foi um sucesso, mas não foi o começo da melhora de David imediata. Após o dia zero, David entrou em um período de fragilidade que segundo o médico era comum, graças a queda do número de células em geral do sangue. Nesse período foi necessário tomar uma série de precauções e o número de visitas foi bastante diminuído.

No entanto, apesar das complicações, David reagiu bem e sua medula logo começou a se recuperar. E no final do tempo de monitoração, o médico nos comunicou que a alta de David estava sendo preparada, mas que antes seríamos orientados sobre os cuidados que deveríamos oferecer á David em casa. Agradei a Deus por finalmente ver chegar ao fim todo aquele momento sofrido e da melhor maneira possível.

Meu pai quis retornar á fazenda. Eu não quis impedi-lo. Estava grata por tudo o que ele havia feito e no final de tudo aquilo, já o havia perdoado, mas percebi

que ele próprio ainda precisava se perdoar pelo que fez. Ele garantiu que manteria contato, mas que ainda não se sentia bem o suficiente para estar perto. Tive pena dele. Às vezes o perdão mais difícil de conseguir é o próprio.

Ergui a mão para bater contra a porta, mas ouvi a voz dele.

— Não precisa bater, Darling.

Sorri e empurrei a porta que estava entreaberta. Damien estava atrás de sua mesa, concentrado no computador. Quando ele ergueu o rosto, percebi as marcas das consecutivas noites mal dormidas graças aos problemas que se acumulavam na cidade natal dele. Senti-me ainda pior pelo que estava fazendo.

— Não vai dormir? — caminhei até ele com os braços cruzados sobre o peito.

Damien sorriu malicioso.

— Está mesmo me chamando para dormir, com essa roupa?

Senti meu rosto enrubescer. Mesmo depois do tempo juntos, ele ainda me pegava desprevenida com suas palavras sedutoras. O sorriso dele se alargou e ele empurrou a cadeira. Então se levantou e veio ao meu encontro.

— Não vá embora amanhã. — Ele colocou as mãos na minha cintura. —

David pode ficar aqui. Todos vocês podem ficar.

— Damien, nós já conversamos. A rotina deles deve voltar. Aqui não é a

nossa casa, é a sua.

Ele me soltou parecendo chateado e se afastou de mim. Meu coração palpitou dolorido, mas eu sabia que não podia ceder. Precisava começar a me preparar para a vida sem ele.

— Parece que está sendo fácil para você. — Ele falou ríspido me assustando. — Talvez esteja mesmo sendo fácil. Talvez eu seja o único a me importar por aqui com o que temos, Ellen.

Seus olhos azuis me fitaram acusadores. Caminhei até ele.

— Damien...

— Tudo bem. Pode ir. Vá hoje se quiser. Eu não me importo. Agora me deixe sozinho. — Ele nem se dignou a me olhar e se sentou novamente diante do computador.

Senti meus olhos se encherem de água. Ele estava certo. Eu o vinha afastando desde que escutei a ligação porque achava que seria melhor para nós. Eu queria mostrar á ele que poderia lidar com a nossa separação de forma madura. Queria cumprir o nosso acordo.

— Me desculpe, Damien.

Virei-me e saí do escritório me sentindo horrível. Subi as escadas para o quarto e me sentei na cama dando vazão ás lágrimas. Eu estava apenas causando mais sofrimento á nós dois. Depois de alguns momentos levantei-me e decidi tomar um banho para me acalmar. Passaria a noite no quarto com Júlia e o deixaria em paz como ele pediu. E no dia

seguinte estaria em casa novamente.

Entrei no banheiro e me despi. Então liguei o chuveiro e deixei a água quente cair ás minhas costas enquanto tentava controlar os meus soluços. Estava tão concentrada na minha própria dor que não o percebi a princípio. Somente quando seus lábios tocaram os meus ombros é que me dei conta de que Damien estava no box.

— Me desculpe. — Ele murmurou com a voz embargada e seus braços envolveram a minha cintura. — Eu sou um idiota. Não queria dizer aquelas coisas para você. Nada daquilo é verdade.

Não consegui responder, mas virei-me para fitá-lo.

— Olhe o que eu fiz. — Os olhos azuis dele brilharam e seu semblante ficou contorcido de dor quando ele segurou meu rosto. — Parece que eu só a machuco, não é? Está certa em querer partir...

Não deixei que ele continuasse e selei nossos lábios com um beijo.

Damien segurou a minha nuca e eu coleí meu corpo ao seu corpo também nu. Senti seus cabelos úmidos sob meus dedos e apreciei seu cheiro confortante. Quando nos separamos eu dei um pequeno sorriso o encorajando.

— Vai ficar tudo bem.

— Não estou certo disso. — Ele continuou a acariciar os cabelos da minha nuca.

Não consegui nenhuma resposta para dar á ele, porque também pensava da mesma forma. Então apenas deixei minha cabeça pender e beijei sua clavícula. Senti a mão dele acariciar os meus cabelos e abracei suas costas antes de voltar a repetir.

— Vai ficar tudo bem. Eu prometo.

David estava com um sorriso enorme quando entrou em casa e a primeira coisa que fez foi anunciar que era hora de colocar suas séries em dia. Jenny e Arianna também estavam conosco. Tia Meiry tinha ido ao hospital, mas não pode nos seguir até em casa prometendo ir nos ver mais tarde.

— Parece que as coisas estão voltando ao normal. — Arianna me encarajou enquanto eu terminava de separar o bolo de chocolate que havia feito para David.

— É. Parece que estão. — concordei.

— O que foi, Ell? — Jenny deixou de servir-se de refrigerante ao meu lado e me encarou. — Você não parece muito animada.

— Eu estou. — sorri para ela. — Estou muito feliz que David finalmente esteja em casa.

— Mas... — Jenny insistiu. — Você não nos engana amiga. Pode falar.

Ela fez um gesto para Arianna que foi até a porta que dava para a sala e depois voltou.

— David está explicando alguma coisa daquela série que ele gosta para

Júlia e Renata. Podemos conversar.

— Eu estou bem. — garanti.

As duas me olharam incrédulas.

— Damien vai voltar para Nova York. — confessei. — Logo.

— O que? — Arianna se manifestou primeiro.

— Ele não pode voltar. — Jenny sentenciou.

— Ele tem que voltar. O lugar dele é nos Estados Unidos, só veio ao Brasil por um período determinado de tempo. — senti lágrimas arranhando a minha garganta, mas as ignorei. — Mas está tudo bem. Eu sabia que as coisas seriam assim e ele fez mais por mim do que eu imaginava.

— Não! — Arianna protestou e me segurou pelo pulso impedindo-me de continuar a fatiar o bolo. — Ellen, você disse a ele o que sente?

— Eu não posso Ary!

— Vai deixar o homem que você ama ir embora assim? Não vai lutar por ele? —

Ela insistiu.

— Arianna está certa Ellen. — Jenny me fitou séria. — Eu sei que às vezes falo besteiras quando o assunto é relacionamentos, mas não é certo você esconder de Damien o que sente.

— Ele vai embora, Ary. Além disso, e se ele não sentir o mesmo? E se ele desprezar meus sentimentos por algum motivo? — afastei meu pulso da mão de Arianna.

— Acha mesmo que ele seria capaz disso, Ell? — Ela voltou a segurar meu pulso. — Acha que seria?

Pensei por alguns instantes.

— Não. Ele não seria.

— Então se você o ama, seja justa com ele. — Arianna abrandou o tom de voz. — Olha, Ell, eu fui a primeira a ficar contra Damien. Fui a primeira a querer que se afastasse, mas acho que é visível a mudança dele agora, por isso seja justa com vocês dois.

De repente, meu celular começou a tocar. Afastei-me de Arianna e fui até ao meu quarto atendê-lo.

— Darling.

Sorri diante da voz dele.

— Sim, Damien.

— Estou ligando para dizer que não poderei ir até a sua casa hoje.

Surgiram alguns imprevistos aqui e eu não conseguirei sair no horário que estipulei.

Senti meu sorriso se desfazer, mas concordei de imediato.

— Tudo bem. Sei que é ocupado. — Então me peguei pensando que aquele poderia ser o primeiro sinal do fim iminente. — Nós podemos nos ver outro dia, se quiser.

— Preciso vê-la hoje. — sua voz soou sincera. — Por isso vou pedir a

Tom que vá buscá-la. Vamos jantar juntos.

— Jantar?

— Nós precisamos conversar, Ellen. Precisamos esclarecer as coisas. Eu tenho que te dizer algo.

Meu coração se acelerou no peito. Era a viagem de volta, eu tinha certeza.

— Tenho os meus irmãos Damien.. — Me vi tentando fugir do momento. — David voltou para casa hoje, não pode ficar sozinho.

— Não será um problema. Seus irmãos podem vir para a minha casa e nós saímos. — Ele insistiu deixando-me sem saída.

— Tudo bem. — assenti derrotada.

— Tom irá buscá-la mais cedo, para que tenha tempo de se arrumar como quiser.

— Onde nós iremos? — minha voz soou triste, mas eu tratei de recuperar o tom de sempre. — Posso saber?

— Poderá saber tudo esta noite, Darling. — Ele respondeu.

Suspirei.

— Está certo, Damien. Nós nos vemos á noite.

— Á noite. — Damien concordou e em seguida eu desliguei o telefone e me sentei na cama.

Era o momento que eu precisava para dizer á ele sobre os meus

sentimentos ou calá-los para sempre.

Ás sete em ponto eu estava pronta diante do espelho. Optei por um vestido vermelho decorado por pedrinhas na gola ao redor do pescoço, com uma saia solta que ficava pouco acima dos joelhos. Era uma das peças que eu mesma havia escolhido e que eu sempre quis usar.

Damien havia chegado á trinta minutos, mas não veio ao quarto me ver.

As atitudes dele deixavam-me ainda mais insegura sobre o que pensar e cada vez mais a ideia de me declarar para ele soava mais improvável.

— Você está bonita, Ell. — Júlia sorriu para mim através do espelho.

— Obrigada. — terminei de ajeitar o brinco dourado e sorri de volta para ela. — Fique de olho em David por mim.

— Vou vigiar o pirralho. — Ela falou como se fosse muito mais velha e experiente que David.

Nesse momento batidas ecoaram na minha porta e em seguida, Arianna entrou no quarto.

— Ary?

— Damien me pediu para ficar aqui com Júlia e David. Ele disse que você ficaria mais segura. — Ela olhou para fora do quarto e fechou a porta depois. — Não sabia que ainda se usava essa coisa de mordomo.

Júlia e eu gargalhamos.

— George é muito legal. Ele conhece o número de todas as pizzarias da cidade. — Júlia replicou e nós rimos mais uma vez.

— Vou dizer a Nicholas para conseguir um também. — Arianna soltou.

Parei de rir imediatamente.

— Você já foi á casa de Nicholas?

Ela arregalou os olhos.

— Bom... Talvez eu tenha quase ido uma vez.

— Quase ido? — olhei para ela incrédula.

— Tá, eu fui. Umás duas vezes. Ele precisava da minha ajuda.

— Sei...

— Não sou o foco essa noite. — Ela me interrompeu. — Você está linda, Ellen. Espero que esteja preparada também.

— Eu...

Outra batida se fez ouvir na porta.

— Parece que está na hora. — Arianna me abraçou. — Não perca sua chance. Diga á ele. Agora vá.

Sorri nervosa para ela e acenei para Júlia para depois caminhar até a porta.

— O senhor Mason a aguarda na sala de estar. — George me informou com um sorriso.

— Obrigada, George.

Nós atravessamos a casa em silêncio e eu deixei que George me guiasse, mesmo conhecendo a casa como a palma da minha mão agora. Quando chegamos á sala de estar avistei Damien. Estava de costas para a entrada olhando pela janela e trajando um smoking preto. George se afastou sem dizer nada deixando-nos á sós.

— Damien. — chamei-o.

Ele se virou no mesmo instante e um sorriso apareceu no seu rosto, mas ele não disse nada. Deixou a janela e caminhou na minha direção.

Quando parou diante de mim, sua mão esquerda acariciou a minha bochecha.

— Pergunto-me como isso pode ser possível. — Seus olhos encontraram os meus. — Fica mais bonita a cada vez que a vejo.

Sorri sentindo o meu coração bater mais forte e fechei os olhos quando ele aproximou seus lábios dos meus. Sua boca beijou a minha com voracidade, mas não durou por muito tempo.

— Preparei algo para você. — Ele manteve a mão esquerda na minha nuca. — Sei que nos últimos dias nossa relação esteve conturbada e ficou em segundo plano por causa dos problemas. Mas quero recompensá-la por isso.

— Não precisa. — sorri. — Sei que suas responsabilidades são grandes Damien.

— Precisa. Precisa porque isso é importante para mim. — Ele acariciou a minha nuca. — Mas é melhor que eu não diga mais nada ou vou acabar estragando a surpresa que seu irmão me ajudou a preparar.

— David? — recordei-me das conversas entre eles no hospital. — Era esse o grande negócio?

Damien deu de ombros e sorriu.

— Vamos?

Assenti com um sorriso e aceitei o braço que ele me ofereceu. Damien repousou sua mão livre na minha cintura e nós caminhamos para a garagem como se fôssemos mais uma vez para umas das festas de sempre. Ele escolheu a Ferrari dessa vez e em pouco tempo nós estávamos atravessando o Rio de Janeiro.

Damien se manteve em silêncio sobre o nosso destino e me deixou realmente surpresa quando manobrou o carro e o estacionou diante do aeroporto internacional.

— Estará bem cuidado, senhor Mason. — Um homem de terno e com um crachá do aeroporto nos atendeu. — A plataforma já está pronta para o senhor.

— Plataforma? — olhei para Damien sem entender.

Ele se limitou a sorrir e a me guiar para dentro do aeroporto. Outro funcionário nos recebeu com um sorriso e eu fiquei perplexa quando

nós pisamos na plataforma de decolagem dos aviões.

— O seu jato particular já está pronto senhor. Desejo uma boa viagem.

— Ele se despediu com um aceno.

— Jato? Damien nós vamos...

— Vamos á um lugar especial. E como sei o quanto gosta daquele filme de aviões, me inspirei um pouco já que sei pilotar e considero minha aparência melhor do que a de Tom Cruise.

Soltei uma gargalhada.

— Espere. — parei de rir. — Você sabe pilotar aviões?

— É um dos meus passatempos. — Ele sorriu quando paramos diante da escada para a aeronave.

Sorri de volta, entre ansiosa e nervosa.

— Onde vamos?

— Há uma ilha. Temos boas experiências nelas.

Meu sorriso se alargou e eu aceitei a ajuda dele para subir á escada.

Quando me vi dentro do avião, minha ansiedade aumentou. Era uma aeronave sofisticada e luxuosa, o tipo de coisa que realmente caracterizava Damien, mas que ainda conseguia me deixar admirada.

— Está preparada? Será minha copiloto. — Damien me puxou pela mão até a cabine.

— Copiloto? — arregalei os olhos. — Damien, minha experiência com

voos se resume aquele que fizemos juntos á Argentina.

Ele riu.

— Eu sei. Mas será um trajeto rápido e eu vou orientá-la sobre o principal. — Damien se aproximou mais e me beijou. — Aceita o desafio?

Beijei-o de volta em meio ao sorriso.

— Está aceito. O que eu preciso fazer?

— Sente-se. — Ele me indicou a poltrona e depois se me ajudou com o cinto de segurança. — Esse vestido vai distrair o piloto.

Soltei outra gargalhada e ele se afastou sorrindo para a sua própria poltrona.

Nos minutos seguintes ele me orientou sobre os controles básicos do avião. Eu estava animada e nervosa ao mesmo tempo. Mas somente quando colocamos os protetores na orelha e Damien mandou uma mensagem á torre é que minha ansiedade superou os limites.

— Nosso tempo de voo previsto é de vinte e três minutos, Darling.

Espero que goste do passeio. — Ele sorriu para mim e então o avião começou a se mover na pista.

Mantive meus olhos bem abertos e não consegui evitar soltar um gritinho agudo quando finalmente decolamos. Voar daquela forma era de tirar o fôlego. Eu nunca me senti tão perto das estrelas e as luzes lá embaixo

me fascinavam.

Damien manteve um sorriso aberto na maioria do tempo e respondia a todas as perguntas que me vinham á minha mente. Quando finalmente pousamos na ilha Solstício, eu ainda me encontrava eufórica.

— Chegamos. — Damien retirou as mãos que vendavam meus olhos deixando-me ver o lugar.

Soltei um suspiro admirado. Logo á minha frente estava uma casa suspensa sobre a água, com uma trilha também suspensa talhada em madeira. O caminho estava enfeitado por pequenos pontos de luz. A casa também estava completamente iluminada e a praia que se estendia por onde estávamos também tinha um caminho estreito de areia que terminava em meio a água com um quiosque rústico e uma mesa. No mar raso ao redor estavam dançando várias lanternas flutuantes.

— E então? — Ele me abraçou pela cintura.

— Damien... É lindo. — senti-me subitamente emocionada e me virei em seus braços para fitá-lo.

— Quero que essa noite seja especial para nós. — Ele passou o polegar pelo meu queixo. — Quero que seja inesquecível.

— Acho que já está sendo. — sorri e coloquei minhas duas mãos no rosto dele.

— Venha, vamos jantar.

Concordei e deixei que ele me guiasse pela trilha de areia até onde uma mesa estava preparada. Damien puxou a cadeira para mim e eu me sentei. A refeição estava perfeita. Na verdade, em certo momento eu pensei que tudo devia ser parte de um sonho. Nunca em nenhum momento, eu poderia me imaginar vivendo uma coisa semelhante.

Nós conversamos sobre assuntos diversos e Damien ouviu com atenção as minhas opiniões. Ele fez insinuações que me fizeram rir e criticou algumas coisas com seu senso de humor irônico e ácido, que eu já amava tanto. A grande verdade era que eu já amava cada uma de suas características e arestas. Amava a forma como ele sorria de lado e arqueava as sobrancelhas me desafiando a contradizê-lo. Amava também quando era sério e concentrado, com suas palavras bem colocadas e firmes, sem duvidar um instante sequer do ponto de vista que defendia. Mas, sobretudo, amava quando seus olhos estavam nos meus enquanto fazíamos amor e suas mãos tocavam o meu rosto com carinho. Eu me sentia amada e segura.

— Posso ter a honra de uma dança?

Damien se levantou e me estendeu a mão.

— Claro. — respondi com um sorriso e coloquei minha mão na dele.

Ele entrelaçou nossos dedos e nós caminhamos para fora da área coberta.

— Acho que vai gostar da música.

Só então percebi um homem com um sax se aproximar. Ele sorriu cortês e então iniciou um solo único de *Take my breath away*. Meus olhos se encheram de água no mesmo instante. Damien colocou minha mão esquerda sobre o seu ombro dele e encostou sua testa na minha.

— Não posso acreditar que fez tudo isso para mim. — falei baixinho e percebi que minha voz estava embargada.

Deixei minhas mãos acariciarem os cabelos da nuca dele.

— Venho preparando á semanas. Queria garantir que ficasse tudo perfeito.

— Damien... Eu... Eu não sei o que dizer. — afastei-me para olhá-lo nos olhos e tocar seu rosto.

— Não precisa dizer nada. Eu é que tenho a dizer. — Damien afagou meu pescoço e segurou a lateral do meu rosto.

— Então diga. — encorajei-o.

Ele pareceu hesitar e depois soltou um longo suspiro.

— Preciso voltar. — Ele revelou o que eu já sabia, mas acrescentou algo a mais.

— As coisas em Nova York mudaram muito e eu não terei outra escolha senão partir. Minha viagem está marcada para amanhã.

Então eu finalmente compreendi o que estava acontecendo. Tudo aquilo era a nossa despedida. Era para encerrar a nossa relação. Senti meu coração acelerar e depois retesar no peito. Aquele era o momento que eu sempre temi, embora soubesse que estava fadado a acontecer.

Damien e eu éramos de mundos diferentes e em algum momento a lacuna entre nós se faria ser vista.

— Tudo bem. — acariciei os cabelos da nuca dele e sustentei o olhar, mas quando senti que meus olhos estavam ficando mareados, coloquei meu rosto no ombro dele. — Eu vou entender.

Eu não tinha nada a reclamar. Quando nos acertamos, nosso tempo juntos se tornou algo precioso para mim. Então não era justo estragar os momentos que ele preparou para nós com lágrimas.

— Ellen. — Damien me chamou, mas eu não consegui atendê-lo.

Senti uma lágrima quente escorrer pelo meu rosto.

— Está tudo bem. — repeti tentando convencer mais a mim mesma que a ele.

Em seguida passei o dorso da mão pelo rosto tentando me livrar das lágrimas.

— Olhe para mim, Darling. — Ele pediu e eu senti suas mãos acariciando a minha nuca.

Outras lágrimas escaparam e eu me senti horrível. Não era isso que eu pretendia. Não queria que as coisas entre nós terminassem daquela forma. Damien não precisava presenciar aquilo.

Acenei negativamente com a cabeça.

— Por favor. — Ele sussurrou ao meu ouvido e eu não tive escolha.

Enxuguei o rosto outra vez e afastei-me do ombro dele para fitá-lo.

— Darling... — Ele me olhou com uma expressão dolorida e tocou meu rosto com a mão esquerda.

— Não se preocupe comigo, eu vou ficar bem. Nós sabíamos que seria assim e concordamos com isso, não foi? — sorri com os lábios apertados e acariciei a mão dele que estava no meu rosto. — Saiba que desejo a você toda a felicidade que possa encontrar. — Senti outra lágrima escorrer pelo meu rosto. — Não me esquecerei de nada. Nossos momentos estarão guardados no meu coração para sempre, Damien.

Você foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido...

Não consegui falar mais nada porque Damien me puxou na direção dele e me beijou. Eu o beijei de volta sentindo meu coração bater cada vez mais acelerado. Concentrei-me no seu gosto e no seu cheiro querendo conseguir guardar cada uma daquelas notas para que eu me lembrasse depois. Quando deixamos de nos beijar, ele manteve meu rosto próximo do dele. Permaneci de olhos fechados por alguns instantes, apenas apreciando as sensações. Ao abrir os olhos novamente, Damien me observava atentamente .

— Faça amor comigo. — pedi.

Ele não me respondeu, mas seus lábios encontraram os meus mais uma

vez. Em seguida meus pés deixaram o chão e eu me apoiei em seus ombros enquanto nós deixávamos a praia. Deixei meus lábios roçarem a pele do seu pescoço enquanto Damien distribuía beijos nas minhas têmporas.

Senti quando ele empurrou as portas duplas de vidro e nós fomos abraçados pelo calor do quarto. Então eu fui colocada sobre a cama de lençóis brancos devagar. Não houve troca de palavras entre nós.

Damien se juntou a mim na cama e suas duas mãos seguraram o meu rosto. Depois seus lábios tocaram o meu queixo, em seguida estavam na minha bochecha, na minha testa e por fim procuraram a minha boca.

Minhas mãos envolveram a sua nuca e eu correspondi a todos os seus toques emocionada.

Então, sem pressa, como se houvéssemos combinado em fazer o momento durar ao máximo, nós removemos as roupas um do outro.

Senti suas mãos nas minhas costas e ele me colocou sobre os travesseiros com delicadeza. Estendi a mão para acariciar a bochecha dele e Damien a beijou com carinho. Então ergui-me sobre os meus cotovelos e o beijei. Ele me apoiou pela nuca e me beijou de volta, acomodando seu corpo sobre o meu.

Deixei minhas mãos passearem pelos seus cabelos e descerem pelas suas costas.

Damien desceu seus lábios pelo meu pescoço e eu inspirei

profundamente o cheiro másculo da sua pele. O calor entre nós aumentava ao mesmo passo que as batidas do meu coração. Abracei-o pelos ombros e senti suas mãos acariciarem os meus quadris em resposta. Desejei que o momento não terminasse. Desejei continuar a sentir o calor do seu corpo sobre o meu e os lábios quentes que adoravam a minha pele. Não queria perdê-lo, mas quando nos encontramos uma última vez, percebi que não tinha o direito de fazê-lo escolher.

Damien se deitou ao meu lado e me puxou na sua direção. Repousei minha cabeça no peito dele e acariciei sua pele com a ponta dos dedos.

Ficamos quietos apenas ouvindo o som das nossas respirações. Uma lágrima desceu pelo meu rosto e eu apertei os lábios. Queria contar a ele sobre o que estava sentindo, mas ao mesmo tempo saber que ele já tinha tomado sua decisão abafava a minha coragem.

— Não posso fazer isso. — ele falou baixinho.

Compreendi que ele devia estar falando sobre desistir da viagem.

— Eu sei. Sei que deve ir e que precisa continuar sua vida. — subi minha mão direita pelo seu pescoço e ergui o rosto.

Ele amparou meu rosto com a mão direita.

— E se eu disser a você que minha vida está aqui. Se eu disser que estou olhando para ela agora. — Ele beijou meu rosto secando a lágrima. — E

se eu disser que ela se resume a você, Ellen.

Meu coração se acelerou no mesmo instante.

— Damien...

— Sei que não confia nas palavras, Ellen. Eu também não confio. Mas acredito que ambos possamos confiar no que estamos sentindo esta noite. E eu sinto que não quero deixá-la. Então por favor, diga-me o que está se passando no seu coração.

Seus olhos tinham um brilho intenso que eu ainda não tinha visto e eu percebi lágrimas se misturando ao azul.

— Não quero perder você. — segurei o rosto dele com as duas mãos.

Então ele sorriu e seus dedos afagaram o meu pescoço.

— Era tudo o que eu precisava saber. — Ele baixou o rosto e uniu nossos lábios.

— Não vai perder, eu prometo.

Havia tanta sinceridade em seu olhar que, subitamente, a angústia se afastou do meu peito e eu sorri assentindo com a cabeça. Damien sorriu de volta e mesmo sem compreender por completo o que significavam aquelas palavras, eu percebi que tudo ficaria bem.

Então envolvi seu pescoço com meus braços e apertei minha bochecha contra o seu ombro. Ele me abraçou de volta e suas mãos acariciaram os meus cabelos. Logo depois senti seus lábios na minha têmpora direita.

— Eu vou voltar. — ele sussurrou.

— E eu vou esperar. — prometi. — O tempo que for necessário.

Capítulo 26: Prazo Final

"Tudo que eu sou, tudo o que eu sempre fui está aqui em seus olhos perfeitos. Eles são tudo o que eu vejo." (*Chasing Cars – Snow Patrol*) Parecia que eu estava de volta ao começo.

Observei o líquido negro escorrendo e enchendo pouco a pouco a xícara de louça da mesma cor. Continuei a derramá-lo devagar e sem pretensão nenhuma de prestar atenção á tarefa que estava realizando.

Era como eu vinha agindo desde aquela manhã após Solstício.

A xícara finalmente atingiu a meta que eu esperava. Suspirei e levei-a aos lábios tentando me convencer a enfrentar as horas que me aguardavam do lado de fora. Concentrei-me apenas no gosto do café forte por alguns instantes, mas logo a cena estava de volta á minha mente. Seus olhos azuis tinham um brilho melancólico e estavam tão embaçados quanto o céu da manhã nublada quando chegamos ao aeroporto internacional. Ele tentou me convencer a aceitar as chaves de sua casa mais uma vez, mas eu me mantive

firme na minha decisão.

Finalmente desistindo, ele segurou a minha mão com delicadeza e levou-a aos lábios depositando um beijo cheio de devoção sob a minha pele.

Eu engasguei tentando engolir o soluço e Damien se aproximou colocando sua mão em forma de concha sobre a minha bochecha esquerda.

— Tem certeza de que não quer vir comigo? Não precisa ser assim.

— Não posso. — repliquei. — Não posso mais prejudicar a rotina dos meus irmãos.

— Serei o mais breve possível. — Damien prometeu. Então de repente, olhou para o próprio pulso e desabotoou o relógio de grife. — Tome.

Fique com ele.

— Damien... Eu não posso aceitar. — coloquei a mão sobre a dele. — É

o seu favorito, o que o seu pai te deu. Tem muito valor.

— Eu sei. — Ele segurou a minha mão com delicadeza e virou a palma para cima. Então passou o relógio pelo meu pulso e fechou-o. A joia ficou larga e ele sorriu. — E será o símbolo da minha palavra, darling.

Senti meus olhos arderem e o abracei pelo pescoço apertando-o com força. Ele me abraçou de volta e suas mãos passearam pelas minhas costas devagar. Senti seus lábios roçarem a pele do meu pescoço e em seguida o meu queixo. Então seus olhos azuis estavam nos meus e suas duas mãos ampararam o meu rosto.

— Eu vou sentir saudades. — solucei e acariciei os pulsos dele.

— Eu vou sofrê-la todas as manhãs, tardes e noites, Ellen. — Damien acariciou meu rosto mais uma vez e seus lábios finalmente tomaram os meus.

Momentos depois e eu o vi escapar dos meus braços e me lançar um último olhar antes de entrar pela porta de embarque para Nova York.

Ele partiu. E eu o deixei ir sem dizer o que sentia de verdade. Sem dizer as mais clichês, porém sinceras três palavras que resumiam o meu coração á muito tempo.

O café pareceu subitamente amargoso, carregado com o meu próprio arrependimento. Desisti de beber o resto e empurrei a xícara no balcão.

Não adiantava ficar remoendo aquilo, não após três semanas que a chance havia sido perdida.

— Estamos indo, Ell... — a voz de David soou atrás de mim. — Ell, está tudo bem?

— Está tudo bem. — sacudi a cabeça e olhei para ele sorrindo. — Nós já podemos ir. Prometam que vão se comportar todo o fim de semana. E

David, não deixe Júlia sozinha na praia. Vigie-a.

Levantei-me da minha cadeira e caminhei para a sala agarrando minha bolsa sobre o sofá. Júlia e David me seguiram e pararam diante de mim.

— Não preciso de guarda-costas. — Ela reclamou.

— Tem tudo o que precisam para o fim de semana? — ignorei o protesto de Júlia.

Eles assentiram com a cabeça juntos.

— Tudo bem. Vamos encontrar Tia Meiry então. — ajeitei minha bolsa no ombro preparando-me para sair.

Júlia e David começaram a caminhar para fora da sala e eu os segui com

o pensamento voltado para o meu par de olhos azuis favoritos. Ele

ligaria á noite, como sempre. Então provavelmente me falaria da viagem que teve de fazer até Toronto e mais uma vez eu conseguiria discernir o cansaço que tudo aquilo lhe causava. Ficaria então desejando alguma forma poder ajuda-lo, mas no final me limitaria a ouvir e apoiá-lo torcendo para que ele voltasse logo para os meus braços.

— Quando Damien volta? — David me surpreendeu com a pergunta.

Tranquei a porta da sala antes de responder.

— Eu não sei. Ele tem muitos assuntos á resolver nos Estados Unidos. —

suspirei.

— Ele deve voltar logo. — David pronunciou confiante e depois me sorriu.

Por um momento me perguntei como ele podia ter tanta certeza em afirmar aquilo, mas depois pensei que não havia importância. Ajeitei a blusa de uniforme da lanchonete.

— Vamos descer para encontrar tia Meiry. Ainda preciso ir trabalhar hoje.

Júlia e David optaram por passar o feriado nacional da segunda feira na barra.

Deixei-os se divertirem, depois de relembrar David sobre a cautela com o sol, e resolvi usar o tempo livre no domingo e na segunda para reunir e organizar a papelada para o meu retorno a Universidade Veiga de Almeida. Não desistiria de terminar o curso, e agora as

circunstâncias pareciam ficar cada vez mais favoráveis.

Voltei a encher a xícara de porcelana negra, dessa vez com chá mate e caminhei para o meu quarto

enquanto pensava no que tinha ouvido durante a tarde do sábado. Um fiapo da conversa de Deborah com Gabriela, a garota que substituíra Arianna agora. As duas comentavam sobre a minha recente volta ao emprego e sobre o meu também recente abandono.

— Ela não é tão bonita assim e é pobre. Não há motivos para um homem como aquele querer ficar com ela. — Deborah destilou venenosa.

— Não vejo graça nela. — Gabriela estimulou-a.

— Para mim, Frazão só a aceitou de volta porque ainda tem esperança, sabe? De conseguir alguma coisa. Talvez se ele pagar bem... Quem sabe...

Encolhi-me na minha cama estreita com a xícara nas mãos e senti lágrimas embaçando a minha visão, como no momento em que escutei a conversa. Eu não devia me importar com aquele tipo de comentário.

Meus dias na lanchonete estavam contados e assim que eu retornasse para o meu curso, procuraria com afinco por um estágio. Além disso, elas não sabiam o que eu sabia. Não conheciam Damien como eu conhecia para saber que por trás de seu terno Armani e sapatos

italianos sob medida existia um homem com um coração enorme e que me deixara seu relógio e uma promessa.

A lembrança da joia me fez levantar apressadamente e deixar a xícara sobre criado. Empurrei a porta do guarda roupas e vasculhei minha última gaveta que ficava trancada á chave. No fundo, guardado com reverência estava o relógio dele. Um pequeno pedaço de realidade para me lembrar de que a noite não havia sido um sonho. Voltei para a cama, carregando-o com cuidado e o coloquei sobre o colchão macio.

Foi quando meu celular tocou anunciando uma nova mensagem.

Agarrei-o e o deslizei pela madeira do criado.

"Eu vou enfiar a mão na cara daquela lagartixa de parede."

Sorri diante da resposta de Arianna ao conhecer o conteúdo da conversa que escutei á tarde.

"Não se preocupe com isso, Ary. Meus dias lá estão contados."

Dois minutos depois.

"Você nem precisaria estar lá, Damien lhe ofereceu um cargo."

Ergui o queixo no mesmo instante.

"Não vamos misturar as coisas. Além disso, como eu conseguiria lidar com todas aquelas pessoas agora que ele não está aqui?"

" Como eu tenho lidado. Espere."

Meu celular voltou a tocar, mas dessa vez era uma ligação.

— Você é muito teimosa, Ellen. — Ela sussurrou e depois eu escutei o

barulho de uma porta se fechando. — Devia ter aceitado o emprego que Damien lhe ofereceu.

— Porque estava sussurrando, Ary? — Não resisti a curiosidade.

— Nicholas não gosta de barulho nenhum quando está trabalhando.

— Mas é domingo! — fiquei surpresa.

— Eu sei. Mas ele está resolvendo uma transação complicada com uma empresa chinesa e precisava de ajuda. — Arianna suspirou. — Além disso, vou conseguir uma boa grana para ficar de castigo no tapete Persa dele.

— Tapete Persa?

— acredite, não é atoa que Damien e ele são amigos. Pode não parecer a princípio, mas eles têm muito em comum.

Franzi o cenho sem compreender. Nicholas parecia o contrário de Damien, mas julguei que Arianna pudesse ter razão. Pessoas são amigas por afinidades.

— Como assim? — instiguei-a a continuar.

— A casa dele não parece uma casa normal. É cheia de antiguidades, vasos romanos e gregos e tapetes Persas. E ele é maníaco por essas coisas. É tudo imaculadamente limpo e... Merda!

— Ary, o que foi? O que está acontecendo? — assustei-me.

— Derramei água no tapete Persa do século XIV. — Ela praguejou outra vez, mas baixinho. — Vou ter que enxugar isso com alguma coisa.

Merda! MERDA!

Soltei uma gargalhada.

— Olha Ell, eu vou desligar e tentar limpar a bagunça que fiz aqui. Nós conversamos depois, tudo bem? E amiga... — Ela hesitou. — Tranque bem a casa. Não gosto da ideia de saber que está aí sozinha. Fico preocupada.

— Não fique. Já estive sozinha em casa outras vezes.

— Eu sei, mas é que... — Arianna suspirou. — Tudo bem, acho que sou quem está ficando paranoica ultimamente. Esqueça.

— Tudo bem. Boa sorte com o tapete do século XIV.

Ela praguejou mais uma vez e por fim se despediu e desligou o telefone.

Mas antes que eu pudesse colocar o celular sobre o móvel de madeira mais uma vez, ele voltou a vibrar. O nome na tela fez o meu coração bater mais forte.

— Estava ocupada? — escutei ruídos ao fundo da ligação.

— Não. Estou em casa. — respondi sorrindo. Os ruídos se tornaram mais altos. — Está acontecendo alguma coisa?

— Estou em um evento beneficente. — Ele avisou. — É uma festa na quinta avenida.

— Uma festa? — o sorriso sumiu dos meus lábios, mas eu não me deixei

abater pela pequena insegurança. — Deve estar ótima.

— Está.

De repente, o bom momento me escapara e eu não soube o que dizer.

— É bom que se divirta. — continuei tentando manter a animação, sem muito sucesso. — Fico feliz.

Os ruídos ao fundo cessaram.

— Estou ligando para avisar que amanhã não poderei entrar em contato. Farei outra viagem. — Ele anunciou.

— Voltará a Toronto?

— Não. — Ele se limitou a responder.

Uma sensação incômoda me passou pela espinha, ele não parecia o mesmo. Nossas conversas eram diferentes. Meu humor foi murchando devagar.

— Quer me dizer alguma coisa? — arrisquei.

Damien suspirou do outro lado da linha.

— Quero. Mas não poderá ser agora. Depois que eu chegar do meu compromisso nós conversamos.

Foi a minha vez de suspirar.

— Tudo bem. — E subitamente, eu estava com vontade de chorar.

— Até logo, Ellen.

— Damien. — chamei nervosa.

— Sim. — ele respondeu.

Talvez ainda houvesse tempo para dizer o que eu sentia. Pelo telefone mesmo. Prendi o lábio inferior nervosa, mas antes que eu pudesse falar, Damien se pronunciou.

— Eu preciso desligar, Ellen. Não posso me atrasar.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Era tarde demais.

— Até logo, Damien.

A chamada foi finalizada, mas eu continuei a olhar para o telefone nas minhas mãos. Não conseguia compreender o que estava acontecendo.

Ele sequer me chamou de Darling. Pensamentos ruins encheram a minha mente. Damien estava de volta ao mundo dele e talvez agora não quisesse mais continuar com tudo aquilo. Talvez as duas semanas o tenham feito pensar sobre o assunto com mais calma e talvez até pudesse ter encontrado outra pessoa naquele evento beneficente...

Meu coração pulsou dolorido á simples suposição e minha razão retornou esmagadora, pontuando como as teorias tinham grandes chances de ser reais. Olhei para o relógio ao meu lado na cama e o puxei para mim, como se com isso pudesse conseguir a segurança que estava sentindo a alguns minutos atrás. Mas em vez disso, o tic tac harmônico me fez pensar que alguma coisa ruim estava prestes a acontecer.

Passei a segunda feira tentando me distrair. Comprei sorvete e aluguei

comédias românticas para assistir, mesmo sozinha. Jenny e Arianna tentaram me convencer a ir á um clube na Urca, mas eu recusei argumentando indisposição. O que de certa forma, não era mentira. Elas aceitaram as minhas desculpas, mas garantiram que viriam me visitar mais tarde.

Na hora do almoço, coloquei uma lasanha de supermercado no forno e a misturei com um pouco de arroz. Em alguns momentos não evitei derramar algumas lágrimas e convenci-me de que fazia isso apenas por emoção por algumas cenas dos filmes. Ao menos era o que diria a Júlia e David quando chegassem á noite.

Encolhi-me no sofá e fitei o meu celular. Tinha ligado para Arianna um pouco antes das quatro, mas ela não atendera e nem retornara a chamada. Devia ainda estar no clube com Jenny. Então continuei com o celular na mão, fitando o nome dele.

Eu devia ter dito á Damien. Dito como me sentia. Ele estava certo quando disse que era o único que lutava pelo que tínhamos. Eu o deixei fazer tudo sozinho. Recusei-me a ouvir quando ele dizia qualquer palavra. Recusei-me a pensar sobre suas ações e tudo o que ele fazia por mim. E Damien se cansou. Provavelmente percebera lá fora, que eu não era o tipo de mulher para ele. Que merecia alguém que desse o devido valor á todas as suas ações.

Suspirei e senti outra lágrima descendo pela minha bochecha.

Deborah estava correta e eu não devia ter me permitido sonhar tão alto. Uma pequena parte esperançosa lutou dentro de mim, lembrando a existência do relógio na minha gaveta. Talvez ele me pedisse para devolvê-lo á Nicholas, que se encarregaria de colar nas mãos de Damien novamente. Não era uma tarefa difícil.

Foi então que me lembrei de que além do relógio, ainda havia outra coisa dele comigo. Saí do sofá e caminhei até o quarto. Dobrado e solitário em uma gaveta da cômoda de sucupira, estava o blazer dele. O que ele colocara sobre os meus ombros após o jogo de golfe quando eu resolvi voltar para a casa de táxi. Abracei a peça ridiculamente e esfreguei minha bochecha no tecido. Embora lavado, o cheiro dele ainda estava presente. Inspirei-o devagar, com medo de perder as notas do seu perfume também. Então me arrastei até a cama e me deitei nela, apertando o blazer com força. Minha covardia havia colocado tudo a perder.

Vaguei algumas horas entre a tristeza e a inconsciência. Por isso, quando escutei o som de passos se arrastando pela casa, não sabia se estava delirando ou se era real. Apenas quando a porta do quarto ao lado se abriu bruscamente é que eu percebi que não estava sonhando.

Sentei-me na cama, em meio à escuridão, com o coração batendo acelerado. Alguém estava ali. Fiquei quieta e apurei os ouvidos, mas

então tudo ficou silencioso. Esperei por alguns minutos e por fim encontrei coragem para sair do quarto, armada por um guarda chuvas antigo.

Não encontrei ninguém.

— Boa noite, Ellen.

A voz soou atrás de mim, bem próxima a minha nuca e eu me virei imediatamente ao reconhecê-la.

— Estevão?

Ele trajava um moletom cinza machado e calças largas escuras. Os olhos dele estavam avermelhados e sua expressão não era amigável.

— O que quer aqui? Não pode entrar assim na minha casa!

Estevão não disse nada. Apenas caminhou na minha direção. Silencioso.

Percebi as intenções ruins no olhar dele e me preparei para correr, mas antes de conseguir fui agarrada pelos cabelos bruscamente. Tentei acertá-lo com o guarda chuva, mas ele o arrancou das minhas mãos e o jogou longe.

— Temos contas a acertar, sua vadia. Você não achou que eu engoli tudo aquilo, achou? — Ele sussurrou ao meu ouvido e depois riu. —

Sabe, não pensei que fosse ser assim. Damien facilitou muito as coisas deixando-a a sua própria sorte. Ele também não a quis, não é?

— Me solte! — debati-me e ele apertou mais os meus cabelos trazendo meu rosto para perto do seu.

De perto, percebi que ele estava completamente fora de si.

— Nós vamos brincar um pouco esta noite. — Ele me beijou a força. —

Como vocês dois fizeram comigo naquele dia no escritório.

E sem dizer mais nada, ele começou a me arrastar pela sala. Debati-me tentando me afastar e terminei por arranhar o rosto dele em meio á isso. Apenas serviu para deixá-lo ainda mais irritado.

— Sua cadela maldita! — Ele me empurrou fazendo-me cair no chão.

Tentei me arrastar para longe, mas recebi um chute forte na região do abdômen e fiquei completamente sem fôlego. O que não o fez parar de me agredir. Seus pontapés acertaram as minhas pernas e as minhas costas. Eu cobri o rosto tentando me proteger e tentei gritar por socorro, mas estava sem ar devido a dor.

— Sabia que ele me quebrou um dente naquele dia. — Ele voltou a me segurar pelos cabelos. — E eu pretendo devolver o favor.

— Estevão, por favor... — Meu corpo inteiro estava dolorido pela violência.

— Talvez o devolva quebrando uma das suas costelas. — Ele riu animado e depois roçou o nariz no meu pescoço. — Mas talvez possamos começar com outras atividades.

— Pare de me machucar, por favor... Estevão, você não é assim... —

senti lágrimas grossas descendo pelo meu rosto e implorei em meio aos soluços.

— Eu esperei muito por esse momento. Sabia que estou vivendo em um beco? Você fodeu com a minha vida, sua puta! — Ele gritou. — E agora eu vou fazer o mesmo com você e pode ter certeza de que farei com que doa bastante.

Soltei um grito desesperada quando ele rasgou a minha blusa, mas ele me sufocou com suas duas mãos em torno da minha garganta. Então me beijou impedindo-me de respirar e me fazendo agonizar. Arranhei o chão desesperada por alguma forma de me livrar dele, mas não havia nada que pudesse me salvar.

— Venha aqui. — Ele me puxou pela garganta e me atirou no sofá.

Tossi e me arrastei tentando encontrar uma forma de fugir, mas ele foi mais rápido e me prendeu contra o estofado. Arranhei os braços e o pescoço dele na tentativa de me livrar. Ele me desferiu uma bofetada forte no rosto e a pancada me fez ficar tonta. Então senti a mão dele se esgueirar para dentro da minha calça e tive a certeza de que seria machucada de uma forma ainda pior, mas não tinha mais forças para impedir.

— Ellen!

A voz soou próxima a porta, em um grito alto, mas eu não sabia se era real ou uma tentativa da minha mente confusa de fugir da realidade horrível.

— Solte-a seu filho da puta!

Meu corpo foi atirado no chão e um gemido saiu da minha garganta junto com mais lágrimas.

— Veja se não é o próprio Damien Mason! Pensei que estivesse em Nova York.

Ergui a cabeça para vê-lo. Damien era real e estava na minha frente com uma expressão de pânico no rosto. Mas como? Ele disse que iria viajar...

Damien deu um passo na minha direção.

— Não se aproxime. — Para o meu horror, Estevão retirou um revólver da cintura e o empunhou na direção de Damien. — Você nos surpreendeu com a sua presença. Não contávamos com ela.

— Deixei-a agora, Estevão. — Damien bradou. — Isso é entre nós. Deixe Ellen fora disso.

Estevão apenas soltou uma gargalhada.

— Está com raiva porque eu brinquei com o seu bibelô? Aprenda a dividir, Mason.

— Vai ficar tudo bem, Darling. — Ele me garantiu.

— Você sabe que não vai. — Estevão rebateu e então voltou a se aproximar de mim. — Mas de qualquer forma, ter uma plateia não é ruim.

Encolhi-me desesperada para me afastar, mas ele capturou meu rosto.

— Veja que belo corte na bochecha. — Ele passou a arma pelo meu

queixo fazendo-me estremecer de pavor. — E posso apostar que os chutes deixaram marcas por todo o corpo dela. Você devia ter visto como ela se contorcia de dor.

— Seu maldito filho da mãe! — Damien tentou se aproximar outra vez, mas Estevão voltou a empunhar a arma.

— Fique onde está. — Estevão advertiu.

— Atire em mim! — Damien gritou de repente e deu um passo á frente.

— Damien, não! — meneei negativamente com a cabeça e estendi a mão fazendo um gesto para impedi-lo.

— Está tudo bem, Ellen. — Ele repetiu. — E então. O que está esperando? Atire. Sou eu quem você quer, não ela!

Damien abriu os braços e deu outro passo. Fiquei ainda mais desesperada e tentei me livrar do aperto de Estevão quando ele voltou o revólver na direção de Damien e deslizou o dedo na direção do gatilho. Mas quando eu acreditei que ele atiraria, Estevão abaixou a arma e riu completamente histérico.

— Não. Eu consigo enxergar. A possibilidade de perdê-la o aterroriza muito mais. — Ele gargalhou mais uma vez. — Que clichê! Está apaixonado por ela. Não, não! É mais do que isso, não é?

— Se você a machucar...

— Você a ama! Por isso está de volta! Mas que conveniente. —

Estevão debochou. — Então acho que vai sofrer muito mais ficando vivo.

Ele me puxou pelos cabelos da nuca e eu senti o cano frio da arma na minha têmpora direita.

— Vai passar seus dias no inferno, Mason.

Ouvi um clique e fechei os olhos esperando pelo pior.

Mas de repente, meu corpo foi atirado no chão e minha cabeça se chocou contra o piso. Estevão foi agarrado por alguém que surgiu e um tiro liberou uma bala que transpassou a janela.

— Ellen! — escutei a voz dele trêmula e depois seu rosto estava diante do meu. — Eu vou tirar você daqui.

Seus braços me ampararam, mas então eu ouvi o barulho e em seguida veio a dor me fazendo soltar um grito agudo.

— Não! — escutei Damien gritar desesperado e depois havia sangue ao meu redor. — Não! Ellen. Deus...

Escutei outros gritos atrás de mim, mas não consegui me concentrar neles. De repente havia só a dor profunda na região do meu abdômen e os olhos cheios de lágrimas de Damien. Levei minha mão esquerda à minha blusa e senti o líquido vertendo de dentro de mim.

Senti seus braços em torno dos meus joelhos e ele tentou me erguer, mas o movimento fez a minha dor piorar e eu soltei um gemido

involuntário.

— Não, não, não... — Ele puxou meu corpo para perto e enrolou seu terno em torno da minha cintura.

Eu queria ajudá-lo, mas estava me sentindo fraca e tonta.

— Meu amor, não... — Damien soluçou e seus lábios tocaram a minha testa. — É tudo minha culpa...

Ergui a mão devagar e segurei o braço dele. Ele não havia me esquecido.

Tinha voltado para mim, como prometera. E embora estivesse sentindo muita dor, meu coração se aqueceu por dentro de felicidade.

— Você voltou... Mas quando você me ligou... Eu pensei...

— Ellen, me perdoe... — seus dedos roçaram a minha bochecha direita.

— Era para ser uma surpresa... Eu queria fazê-la feliz...

Ele pareceu se desesperar ainda mais e seus soluços se tornaram mais altos.

Segurei o rosto dele entre as minhas mãos.

— Está tudo bem... Damien eu... — senti uma fisgada e soltei um gemido, mas não desisti. Eu tinha sido tola em esconder meus sentimentos dele e agora não tinha mais retorno. Era o prazo final. — Eu amo você. Amo com tudo o que sou.

Damien soltou um gemido agoniado e mais lágrimas grossas rolaram pelo seu rosto.

— Não, darling. Não assim! Não assim...

— Eu sei. — senti lágrimas descendo pelo meu rosto também e acariciei a mandíbula dele. — Me desculpe.

Então escutei o som alto de uma sirene e passos ecoaram pela sala.

Depois disso, me perdi nos sons e minha visão ficou turva. Muitas vozes começaram a soar juntas e eu fechei os olhos me sentindo cansada.

— É uma mulher. Levou um tiro...

— Tem que deixá-la, senhor.

— Não vou me afastar dela! — ele repetiu com a voz embargada e eu senti o calor de sua mão sobre a minha. — Eu estou aqui, meu amor.

Não vou deixar você. Nunca mais. Fique comigo.

Tentei sorrir para encorajá-lo, mas não sei se consegui fazê-lo. Senti quando o meu corpo foi retirado do chão e colocado sobre algo mais macio. Seus olhos azuis cheios de promessas brilhantes foram as últimas imagens que encheram a minha mente. Então não consegui mais suportar toda a dor e minha consciência foi sugada por ela deixando-me á deriva.

Capítulo 27: Escolhas

Damien

O anel ainda pesava o meu bolso. No entanto, agora a caixinha de veludo negro tinha uma mancha rubra em sua superfície, maculando

não só o objeto como também toda a alegria do que eu havia planejado entregar á ela.

Eu teria me ajoelhado depois de ser recebido com um beijo. Ela me olharia confusa. Seus olhos castanhos brilhariam de ansiedade e então eu retiraria a caixinha do bolso e faria a pergunta. Ofereceria o meu coração á ela junto do anel e imploraria para que o aceitasse, mesmo com todas as cicatrizes e defeitos. Mas eu não consegui.

Enfiei a mão direita no bolso e voltei a retirar a caixinha. O diamante reluzia e eu me lembrei de que

havia optado pela pedra azul porque em nosso primeiro jantar ela me comparou a Cal Hockley de Titanic. Ellen ria com certeza e ficaria surpresa ao saber que eu ainda me lembrava daquilo.

Senti lágrimas quentes no meu rosto e uma delas atingiu o chão pálido do hospital. A culpa enchendo o meu peito e fazendo o meu coração pesar como uma bigorna dentro dele. Eu não devia tê-la deixado sozinha. Devia tê-la convencido a ficar na minha casa, com seguranças e proteção. E não devia ter impedido Arianna de ir visitá-la naquela tarde.

Eu poderia ter evitado que ele a ferisse.

Apertei o anel na palma da minha mão direita e mordi os nós dos dedos desesperado. Ainda conseguia me lembrar dos hematomas no abdômen dela. Minha pequena e frágil Ellen. Eu prometi que ninguém iria machucá-la...

— Estevão foi preso. — Nicholas se sentou ao meu lado. — O médico já deu notícias?

— Não. — balbuciei sem olhá-lo.

— Não foi culpa sua, Damien.

— Eu prometi que ninguém a machucaria, Nicholas.

— Damien...

— Eu prometi á ela! — quase gritei, mas depois voltei a levar minha mão á boca. — Eu dei a minha palavra...

Coloquei minha cabeça entre as mãos e apoiei meus cotovelos nos joelhos.

— Damien!

Uma voz feminina gritou o meu nome e quando eu ergui o rosto percebi as duas amigas de Ellen se aproximando de onde estávamos.

— Onde está Ellen? O que aconteceu? — Ela torcia a bolsa ansiosa e eu me senti mal em ter que dar a notícia á elas.

— Ellen levou um tiro. — falei baixinho. — Estevão atirou nela.

Arianna soltou um grito de pavor e a pequena bolsa que apertava caiu no chão. Pensei que ela fosse cair também, mas Nicholas a amparou com agilidade.

— Como? Mas você não ia vê-la... — Jenny me olhou confusa e eu vi seus olhos se encherem de água.

— Eu sabia que não devia ter deixado ela ficar em casa. Eu devia ter ido buscá-

la...

— Acalme-se. Ellen ficará bem. — Nicholas a consolou com um abraço.

— Ela está em cirurgia agora, mas é tudo que sei. — desviei meus olhos das duas mulheres e abri a mão para fitar o anel. — Darling, me perdoe...

Senti mais lágrimas chegarem aos meus olhos e não tentei evitá-las.

Estava a beira da loucura apenas com a possibilidade de perdê-la. A única mulher que me amou mesmo quando eu não merecia nada além de desprezo.

Nossos momentos começaram a encher a minha mente. A noite em que a conheci no Copacabana Palace e depois quando a encontrei na casa noturna. Lembrei-me de como fui rude com ela e como a fiz chorar quando me procurou em meu escritório.

As coisas para Ellen nunca haviam sido fáceis e quando eu entrei na vida dela causei mais mal do que bem. E agora eu a estava perdendo em um bloco cirúrgico. Sem dizer á ela o quanto ela havia mudado a minha vida e que se ela permitisse, dedicaria o restante dos meus dias á fazê-la feliz.

Revi seus olhos castanhos brilhando para mim quando nos deitamos juntos na praia, sob as estrelas em nossa última noite juntos, minutos antes de amanhecer. Foi quando eu a observei dormir e refiz a minha promessa.

Eu não sabia porque ela não havia desistido de mim. Ellen tinha todos os motivos para isso. Eu era, provavelmente, a pior escolha que Ellen poderia ter feito em toda a situação que vivíamos, mas isso não a impediu de ainda assim me escolher.

Foi quando compreendi.

Eu também já havia feito a minha escolha. Em algum momento, no meio de tudo aquilo, eu havia escolhido me apaixonar perdidamente por ela.

— Damien. — Arianna segurou a minha mão, fazendo-me despertar dos meus pensamentos. — A família já foi avisada?

— A tia dela já foi contatada. — respondi. — David e Júlia ficarão transtornados...

— Não é culpa sua. — ela me assegurou. — Foi uma fatalidade.

— Pensei que não gostasse de mim. — falei antes de pensar e me arrependi. Arianna já estava sofrendo por Ellen, não precisava lidar comigo.

— Não gostava. — ela respondeu com lágrimas nos olhos. — Mas sei que a ama e Ellen não gostaria que se sentisse assim.

— Eu não sei o que farei se ela não voltar para mim.. — minha voz saiu embargada. — Ela é tudo o que eu tenho.

— Ell!

David entrou no meu campo de visão com uma mochila nas costas. Ao seu encalço estava Júlia. Eu me levantei da cadeira e ambos correram na minha

direção. Então fui surpreendido com um abraço.

— Desculpem-me. — pedi enquanto tentava consolar a dor que também era minha.

— Ela vai ficar bem. Ela me disse que estava quando saí de casa. —

David soluçou.

Eu queria encontrar algo para dizer á eles, mas tudo o que consegui foi manter o abraço. Percebi os tios de Ellen se aproximando, mas antes que eu pudesse me dirigir á qualquer um deles, uma porta se abriu:

— Senhor Mason?

O médico não sorriu e continuou com as mãos no bolso do seu jaleco branco. Depois pigarreou antes de voltar a falar.

— Pode me acompanhar?

Capítulo 28: Deserção

Foi fácil ceder ao sonho. Os olhos dele brilhavam e eu senti suas mãos acariciando a minha pele devagar. Havia sol, mas o calor era agradável. O meu corpo estava leve e eu sorri para ele quando seus lábios se aproximaram dos meus. Eu conseguia ouvir o trinar de alguns pássaros ao longe e não consegui me concentrar em mais nada além da paz que enchia o meu coração.

Eu estava segura. Liberta das angústias e de todas as dores que apertavam o meu peito. E todos estavam lá. Mamãe também estava

junto deles. Ela me sorriu e me estendeu a mão fazendo-me sair do abraço de Damien e dar um passo na direção dela. Mas quando eu tentei segurá-la, eu o ouvi pedir:

— Fique comigo. Eu amo você.

Recuei a mão e desertei. Então subitamente, meu corpo se tornou pesado outra vez. Senti uma dorzinha incômoda atrás do meu umbigo e logo depois meus ouvidos captaram o som de um bipe próximo. Abri os olhos devagar e minha visão ficou obscura por um momento. No seguinte, percebi as paredes brancas, as janelas cobertas por persianas e o cheiro característico de éter saturando o ar. Imagens encheram a minha mente, envolvidas por uma névoa e se sobrepondo aos meus outros sentidos pouco a pouco.

O tiro. A dor. Damien... Teria sido tudo real?

Então outro som chegou a mim, quebrando o meu raciocínio tênue:

— Por favor, fique comigo darling. Por favor...

A voz estava bem próxima e eu a reconheci imediatamente. Não havia sido um pesadelo. Ele estava sentado ao meu lado, com a cabeça sobre o colchão macio e correu seus dedos longos sobre o dorso da minha mão. Escutei um soluço dolorido e os ombros dele tremeram levemente quando sua voz angustiada alcançou os meus ouvidos outra vez:

— Não posso perdê-la. Eu amo você.

Meus olhos lacrimejarem e a emoção fez com que as palavras ficassem agarradas á minha garganta enquanto meu coração batia descompassado. Meu Damien. Ele havia voltado. Por mim. Estiquei o meu polegar e acariciei a mão dele devagar, incapaz de conseguir ter outra reação. Seus dedos pararam de me tocar no mesmo instante.

— Ellen...

Ele me olhou em meio as lágrimas. Suas mãos seguraram o meu rosto ansiosas, mas com cuidado, como se em algum momento eu fosse me quebrar. Coloquei a minha mão sobre a dele e percebi que estavam trêmulas.

— Damien. — murmurei numa fraca tentativa de consolar a dor nos olhos dele.

Damien suspirou e sua testa se franziu quando seus olhos voltaram a derramar mais lágrimas.

— Graças a Deus... Eu pensei que iria perdê-la... Quando eu vi o sangue... Deus, eu tive tanto de medo de perder você. Nunca senti tanto medo na minha vida, Ellen. — seus olhos estavam embaçados e ele espalhou beijos pelo meu rosto. — Darling, me perdoe por tudo. Foi culpa minha. Eu não devia tê-la deixado sozinha. Eu devia ter protegido você...

— Damien... — puxei o ar pela cânula nasal sentindo meu abdômen reclamar e soltei um gemido.

— Não fale. — Ele pediu e seus olhos desviaram-se para o meu

abdômen. — Pode se machucar. Teve de fazer uma cirurgia depois do tiro.

Agora eu compreendia o cheiro de éter. Era um hospital.

— Eu me lembro... — insisti.— Eu me lembro do tiro... Onde está Estevão? E David e Júlia? — remexi-me preocupada.

— Estevão não fará mais nenhum mau á você, Ellen. E seus irmãos estão bem. — Damien segurou a minha mão e a levou aos lábios. Então a beijou e a abrigou nas suas. — Não foi assim que eu planejei, mas não vou mais arriscar nenhum instante sem fazer o que devia ter feito antes de entrar naquele avião para Nova York.

Damien se afastou de mim e se ajoelhou ao lado da minha cama.

— O que você...

— Shhh. — Ele voltou a pedir e manteve minha mão direita na sua. —

Eu não sou um homem perfeito e estou longe de ser, Ellen. Mas com você tenho o desejo de ser melhor do que jamais fui. Eu sempre acreditei que estar apaixonado fosse um estado dolorido e inconstante demais, por isso eu tomei a decisão de evitá-lo quando fui ferido. — Ele fechou os olhos e suspirou. Quando voltou a abri-los, eles brilhavam como diamantes azuis. — Escolhi mulheres pelas quais eu sabia que jamais teria algo além do superficial e as usei, assim como elas também me usaram. Fui um homem hostil

e preconceituoso, sobretudo com você.

— Eu não o culpo, Damien. — ergui a mão e acariciei o rosto dele.

Ele assentiu com a cabeça, mas uma lágrima escapou quando ele capturou a minha mão e a levou aos lábios.

— Sei que comecei as coisas da forma errada com você. Tentei comprá-la e admito que as minhas intenções foram egoístas e mesquinhas. Sei também que a magoei muitas vezes e que trouxe mais tristezas do que alegrias para a sua vida.

— Damien, não...

— Eu reconheço quem eu fui e reconheço as feridas que causei. — Ele enfiou uma das mãos no bolso e então retirou um anel de aro fino com uma pedra azul no centro. — Mas estou disposto a curá-las pelo resto dos nossos dias, se você me permitir.

Qualquer incômodo físico que eu pudesse sentir foi diluído pelas minhas emoções intensas e eu empertiguei as costas quando os olhos dele se fixaram nos meus:

— Não posso prometer muito. Ao menos nada além de um coração feio e com cicatrizes, mas que será apenas seu enquanto estiver pulsando. — Senti meu coração bater na garganta quando ele colocou minha mão sobre o peito dele. — Aceita se tornar a senhora Mason, para que eu possa me redimir e amá-la pelo restante das nossas vidas?

Solucei e senti lágrimas quentes molharem o meu rosto.

—Eu aceito. — assenti com a cabeça. — Eu aceito, sim!

Então ele sorriu. Um sorriso radiante de felicidade genuína que também encheu o meu peito deixando-me tonta. O anel foi deslizado pelo meu quarto dedo e Damien se ergueu. Sua mão esquerda segurou a lateral do meu rosto e seus lábios se pressionaram contra os meus com suavidade.

— Eu amo você. — sussurrei.

Ele suspirou e sorriu.

— É muito melhor ouvir assim. — Damien afastou uma mecha do meu cabelo e a colocou atrás da minha orelha. — Eu também amo você, Ellen. Para sempre.

Damien voltou a unir nossos lábios e espalhou beijinhos também pela pele do meu queixo e pelas maçãs do meu rosto. Eu sorri e suspirei sentindo suas carícias. Como eu havia sentido falta delas naquelas três semanas.

— Azul...— olhei para o anel.

— Como Cal Hockley. — Damien falou me fazendo sorrir e beijou a minha bochecha. — Temos que tranquilizar sua família.

Concordei com uma súbita vontade de gritar de alegria, mas o meu corpo dolorido apenas me permitia sorrir o máximo que minhas bochechas conseguiam. Damien se afastou até a porta e a abriu. Então ergueu a mão em um aceno. Um instante depois e meus irmãos entraram no quarto. Ambos com os olhos inchados e vermelhos. Senti-

me instantaneamente culpada.

— Ell! — David gritou e correu até mim.

— Está tudo bem. — falei quando ele me abraçou o pescoço.

Júlia se aproximou da minha cama, mas ficou apenas parada nos observando. Parecia em choque diante da cena.

— Está tudo bem, Jú. Tudo bem.

Estendi a mão para ela. Ela piscou com os olhos cheios de lágrimas e também me abraçou.

— Pensei que fosse embora, como a mamãe.

— Eu não vou a lugar algum, querida. — soluzei emocionada. — Eu prometi.

— Nós amamos você. — David me respondeu e eu acariciei os cabelos dele devagar.

— Eu também amo vocês.

— Cuidado. — Damien alertou-os. — Ela está ferida.

David e Júlia se afastaram praticamente juntos.

— Desculpe, Ell. — Júlia se pronunciou limpando as lágrimas.

— Não me machucaram — tranquilizei-a.

— Sua tia cedeu a vez para os seus irmãos. — Damien avisou quando se aproximou da cama mais uma vez. — Mas já compreendeu que você está bem.

— Ela não vai entrar? — murmurei.

— O médico limitou o número de visitas e você precisa ficar sob monitoração por um tempo. — Ele segurou a minha mão. — David e Júlia irão para a minha casa, não se preocupe.

David concordou com um aceno de cabeça e procurou a mão da irmã.

— Venha Júlia. Ell precisa descansar.

Eles acenaram para mim e depois deixaram o quarto.

— Arianna quer ver você.

Damien avisou e Arianna entrou acompanhada de Nicholas.

— Ell! Que susto!

Arianna chegou a minha cama e colocou seus braços em torno do meu pescoço devagar. Apertei-a nos meus braços de volta.

— Jenny vem mais tarde. Depois dos seus remédios. — Ela avisou. —

Ela vai esperar junto com os seus tios.

— Eu estou bem. — repliquei. — Ela pode ir para a casa.

— Você sabe que ela não vai. — Ela se afastou de mim e passou as mãos pelo rosto livrando-se das lágrimas. — Estevão tem que apodrecer na prisão!

— E eu garanto que vai. — Damien deu a volta e se sentou ao meu lado. — Meus advogados estão á par de tudo e ele vai pagar caro pelo que fez.

— Eu disse a Damien que você ficaria bem.

Nicholas caminhou para dentro do quarto e segurou a minha mão na pretensão de beijá-la, mas parou quando percebeu o anel de Damien no meu quarto dedo.

— Seu desertor! — Ele desviou seus olhos da minha mão e fitou Damien.

Fiquei confusa por um instante e procurei os olhos de Damien. Ele sorriu de lado e então entrelaçou nossos dedos e levou minha mão aos lábios.

— Sim. Eu desertei, Ferraço. Vai receber sua caixa de Jack Daniels no dia do meu casamento com Ellen.

— O que? — Arianna abriu a boca e depois sorriu. — Isso e verdade?

Assenti com a cabeça.

— Eu vou me casar, Ary.

— E eu vou ser o padrinho! — Nicholas sorriu e se aproximou de Damien. — Parabéns. Sabia que no final tomaria a melhor decisão.

Ele bateu a mão esquerda no ombro de Damien.

— Ah, não. Você não vai ser o padrinho. — Arianna protestou.

— E porque? — Nicholas retrucou.

— Porque eu serei a madrinha e não vou admitir isso.

O sorriso de Nicholas se expandiu e ele deu uma piscadela na direção

dela.

— Não se preocupe, vamos juntos. Não terá de ficar com ciúmes.

Arianna abriu a boca indignada e eu não consegui evitar o riso, o que me causou outra vez a fisgada inoportuna atrás do umbigo.

— É melhor deixá-la descansar. — Damien me olhou preocupado.

— Tudo bem. — Arianna voltou a me fitar. — Eu volto depois, Ell.

— Não precisam ir. — tentei protestar, mas a dor ressurgiu um pouco mais forte.

— Eu vou chamar a enfermeira.

Damien estendeu o braço e agarrou a campainha que eu ainda não havia notado perto de mim. Arianna e Nicholas acenaram e caminharam para fora do quarto outra vez.

— Não vá. — pedi e segurei a mão dele, impedindo-o de tocar o botão para requerer a enfermagem.

— Eu não vou a lugar algum, Ellen. Não sem você. — Ele me assegurou e beijou meus lábios. — Mas você não pode continuar sentindo dor, precisa descansar um pouco.

Quando ele se afastou de mim, a porta foi aberta e uma enfermeira robusta, mas com um sorriso aberto, entrou no quarto. Seus olhos eram dóceis e ela me fitou com ternura.

— Está tudo bem? — Ela checkou os aparelhos aos quais meu corpo

estava conectado.

— Ela está sentindo dor. — Damien avisou e suas mãos acariciaram os meus cabelos.

— Vai ficar tudo bem. — Ela se aproximou do meu leito e abriu uma gaveta que eu ainda não tinha percebido. Então retirou algo que injetou no meu tubo. — Agora relaxe, logo estará boa outra vez.

— Obrigado.

Damien agradeceu e a enfermeira de cabelos ruivos e sardas que saiu fechando a porta sem fazer barulho.

— Deite-se e tente dormir, darling. — Ele segurou a minha mão e depois se inclinou beijando a minha testa.

— Vai estar aqui quando eu acordar? — segui o conselho dele enquanto sentia meu corpo amolecer na cama e meus sentidos ficarem entorpecidos mais uma vez.

Ele não me respondeu imediatamente, mas eu senti seus lábios serem levemente pressionados contra os meus. Apertei minha mão entorno da dele com as últimas forças que me restavam, mas antes que eu voltasse para o meu inconsciente, a voz dele me acalentou assegurando-me:

— Vou estar sempre que acordar, meu amor.

E então eu sorri, porque soube naquele momento que ele nunca mais se afastaria.

Capítulo 25: Solstício

"Sim, eu tenho sentindo de tudo. Do ódio ao amor, do amor ao desejo, do desejo à verdade. E acho que é assim que eu conheço você. Por isso te abraço apertado para te ajudar a se entregar. Então me beije como quer ser amada." (Kiss me –

Ed Sheeran)

O transplante foi um sucesso, mas não foi o começo da melhora de David imediata. Após o dia zero, David entrou em um período de fragilidade que segundo o médico era comum, graças a queda do número de células em geral do sangue. Nesse período foi necessário tomar uma série de precauções e o número de visitas foi bastante diminuído.

No entanto, apesar das complicações, David reagiu bem e sua medula logo começou a se recuperar. E no final do tempo de monitoração, o médico nos comunicou que a alta de David estava sendo preparada, mas que antes seríamos orientados sobre os cuidados que deveríamos oferecer á David em casa. Agradei a Deus por finalmente ver chegar ao fim todo aquele momento sofrido e da melhor maneira possível.

Meu pai quis retornar á fazenda. Eu não quis impedi-lo. Estava grata por tudo o que ele havia feito e no final de tudo aquilo, já o havia perdoado, mas percebi que ele próprio ainda precisava se perdoar pelo que fez. Ele garantiu que manteria contato, mas que ainda não se sentia bem o suficiente para estar perto. Tive pena dele. Às vezes o perdão mais difícil de conseguir é o próprio.

Ergui a mão para bater contra a porta, mas ouvi a voz dele.

— Não precisa bater, Darling.

Sorri e empurrei a porta que estava entreaberta. Damien estava atrás de sua mesa, concentrado no computador. Quando ele ergueu o rosto, percebi as marcas das consecutivas noites mal dormidas graças aos problemas que se acumulavam na cidade natal dele. Senti-me ainda pior pelo que estava fazendo.

— Não vai dormir? — caminhei até ele com os braços cruzados sobre o peito.

Damien sorriu malicioso.

— Está mesmo me chamando para dormir, com essa roupa?

Senti meu rosto enrubescer. Mesmo depois do tempo juntos, ele ainda me pegava desprevenida com suas palavras sedutoras. O sorriso dele se alargou e ele empurrou a cadeira. Então se levantou e veio ao meu encontro.

— Não vá embora amanhã. — Ele colocou as mãos na minha cintura. —

David pode ficar aqui. Todos vocês podem ficar.

— Damien, nós já conversamos. A rotina deles deve voltar. Aqui não é a nossa casa, é a sua.

Ele me soltou parecendo chateado e se afastou de mim. Meu coração palpitou dolorido, mas eu sabia que não podia ceder. Precisava começar a me preparar para a vida sem ele.

— Parece que está sendo fácil para você. — Ele falou ríspido me assustando. — Talvez esteja mesmo sendo fácil. Talvez eu seja o único a me importar por aqui com o que temos, Ellen.

Seus olhos azuis me fitaram acusadores. Caminhei até ele.

— Damien...

— Tudo bem. Pode ir. Vá hoje se quiser. Eu não me importo. Agora me deixe sozinho. — Ele nem se dignou a me olhar e se sentou novamente diante do computador.

Senti meus olhos se encherem de água. Ele estava certo. Eu o vinha afastando desde que escutei a ligação porque achava que seria melhor para nós. Eu queria mostrar á ele que poderia lidar com a nossa separação de forma madura. Queria cumprir o nosso acordo.

— Me desculpe, Damien.

Virei-me e saí do escritório me sentindo horrível. Subi as escadas para o quarto e me sentei na cama dando vazão ás lágrimas. Eu estava apenas causando mais sofrimento á nós dois. Depois de alguns momentos levantei-me e decidi tomar um banho para me acalmar. Passaria a noite no quarto com Júlia e o deixaria em paz como ele pediu. E no dia seguinte estaria em casa novamente.

Entrei no banheiro e me despi. Então liguei o chuveiro e deixei a água quente cair ás minhas costas enquanto tentava controlar os meus soluços. Estava tão concentrada na minha própria dor que não o percebi

a princípio. Somente quando seus lábios tocaram os meus ombros é que me dei conta de que Damien estava no box.

— Me desculpe. — Ele murmurou com a voz embargada e seus braços envolveram a minha cintura. — Eu sou um idiota. Não queria dizer aquelas coisas para você. Nada daquilo é verdade.

Não consegui responder, mas virei-me para fitá-lo.

— Olhe o que eu fiz. — Os olhos azuis dele brilharam e seu semblante ficou contorcido de dor quando ele segurou meu rosto. — Parece que eu só a machuco, não é? Está certa em querer partir...

Não deixei que ele continuasse e selei nossos lábios com um beijo.

Damien segurou a minha nuca e eu coleí meu corpo ao seu corpo também nu. Senti seus cabelos úmidos sob meus dedos e apreciei seu cheiro confortante. Quando nos separamos eu dei um pequeno sorriso o encorajando.

— Vai ficar tudo bem.

— Não estou certo disso. — Ele continuou a acariciar os cabelos da minha nuca.

Não consegui nenhuma resposta para dar á ele, porque também pensava da mesma forma. Então apenas deixei minha cabeça pender e beijei sua clavícula. Senti a mão dele acariciar os meus cabelos e abracei suas costas antes de voltar a repetir.

— Vai ficar tudo bem. Eu prometo.

David estava com um sorriso enorme quando entrou em casa e a primeira coisa que fez foi anunciar que era hora de colocar suas séries em dia. Jenny e Arianna também estavam conosco. Tia Meiry tinha ido

ao hospital, mas não pode nos seguir até em casa prometendo ir nos ver mais tarde.

— Parece que as coisas estão voltando ao normal. — Arianna me encarajou enquanto eu terminava de separar o bolo de chocolate que havia feito para David.

— É. Parece que estão. — concordei.

— O que foi, Ell? — Jenny deixou de servir-se de refrigerante ao meu lado e me encarou. — Você não parece muito animada.

— Eu estou. — sorri para ela. — Estou muito feliz que David finalmente esteja em casa.

— Mas... — Jenny insistiu. — Você não nos engana amiga. Pode falar.

Ela fez um gesto para Arianna que foi até a porta que dava para a sala e depois voltou.

— David está explicando alguma coisa daquela série que ele gosta para Júlia e Renata. Podemos conversar.

— Eu estou bem. — garanti.

As duas me olharam incrédulas.

— Damien vai voltar para Nova York. — confessei. — Logo.

— O que? — Arianna se manifestou primeiro.

— Ele não pode voltar. — Jenny sentenciou.

— Ele tem que voltar. O lugar dele é nos Estados Unidos, só veio ao Brasil por um período determinado de tempo. — senti lágrimas arranhando a minha garganta, mas as ignorei. — Mas está tudo bem. Eu sabia que as coisas seriam assim e ele fez mais por mim do que eu imaginava.

— Não! — Arianna protestou e me segurou pelo pulso impedindo-me de continuar a fatiar o bolo. —

Ellen, você disse a ele o que sente?

— Eu não posso Ary!

— Vai deixar o homem que você ama ir embora assim? Não vai lutar por ele? —

Ela insistiu.

— Arianna está certa Ellen. — Jenny me fitou séria. — Eu sei que às vezes falo besteiras quando o assunto é relacionamentos, mas não é certo você esconder de Damien o que sente.

— Ele vai embora, Ary. Além disso, e se ele não sentir o mesmo? E se ele desprezar meus sentimentos por algum motivo? — afastei meu pulso da mão de Arianna.

— Acha mesmo que ele seria capaz disso, Ell? — Ela voltou a segurar meu pulso. — Acha que seria?

Pensei por alguns instantes.

— Não. Ele não seria.

— Então se você o ama, seja justa com ele. — Arianna abrandou o tom de voz. — Olha, Ell, eu fui a primeira a ficar contra Damien. Fui a primeira a querer que se afastasse, mas acho que é visível a mudança dele agora, por isso seja justa com vocês dois.

De repente, meu celular começou a tocar. Afastei-me de Arianna e fui até ao meu quarto atendê-lo.

— Darling.

Sorri diante da voz dele.

— Sim, Damien.

— Estou ligando para dizer que não poderei ir até a sua casa hoje.

Surgiram alguns imprevistos aqui e eu não conseguirei sair no horário que estipulei.

Senti meu sorriso se desfazer, mas concordei de imediato.

— Tudo bem. Sei que é ocupado. — Então me peguei pensando que aquele poderia ser o primeiro sinal do fim iminente. — Nós podemos nos ver outro dia, se quiser.

— Preciso vê-la hoje. — sua voz soou sincera. — Por isso vou pedir a Tom que vá buscá-la. Vamos jantar juntos.

— Jantar?

— Nós precisamos conversar, Ellen. Precisamos esclarecer as coisas. Eu tenho que te dizer algo.

Meu coração se acelerou no peito. Era a viagem de volta, eu tinha certeza.

— Tenho os meus irmãos Damien... — Me vi tentando fugir do momento. — David voltou para casa hoje, não pode ficar sozinho.

— Não será um problema. Seus irmãos podem vir para a minha casa e nós saímos. — Ele insistiu deixando-me sem saída.

— Tudo bem. — assenti derrotada.

— Tom irá buscá-la mais cedo, para que tenha tempo de se arrumar como quiser.

— Onde nós iremos? — minha voz soou triste, mas eu tratei de recuperar o tom de sempre. — Posso saber?

— Poderá saber tudo esta noite, Darling. — Ele respondeu.

Suspirei.

— Está certo, Damien. Nós nos vemos á noite.

— Á noite. — Damien concordou e em seguida eu desliguei o telefone e me sentei na cama.

Era o momento que eu precisava para dizer á ele sobre os meus sentimentos ou calá-los para sempre.

Ás sete em ponto eu estava pronta diante do espelho. Optei por um

vestido vermelho decorado por pedrinhas na gola ao redor do pescoço, com uma saia solta que ficava pouco acima dos joelhos. Era uma das peças que eu mesma havia escolhido e que eu sempre quis usar.

Damien havia chegado á trinta minutos, mas não veio ao quarto me ver.

As atitudes dele deixavam-me ainda mais insegura sobre o que pensar e cada vez mais a ideia de me declarar para ele soava mais improvável.

— Você está bonita, Ell. — Júlia sorriu para mim através do espelho.

— Obrigada. — terminei de ajeitar o brinco dourado e sorri de volta para ela. — Fique de olho em David por mim.

— Vou vigiar o pirralho. — Ela falou como se fosse muito mais velha e experiente que David.

Nesse momento batidas ecoaram na minha porta e em seguida, Arianna entrou no quarto.

— Ary?

— Damien me pediu para ficar aqui com Júlia e David. Ele disse que você ficaria mais segura. — Ela olhou para fora do quarto e fechou a porta depois. — Não sabia que ainda se usava essa coisa de

mordomo.

Júlia e eu gargalhamos.

— George é muito legal. Ele conhece o número de todas as pizzarias da cidade. — Júlia replicou e nós rimos mais uma vez.

— Vou dizer a Nicholas para conseguir um também. — Arianna soltou.

Parei de rir imediatamente.

— Você já foi á casa de Nicholas?

Ela arregalou os olhos.

— Bom... Talvez eu tenha quase ido uma vez.

— Quase ido? — olhei para ela incrédula.

— Tá, eu fui. Umas duas vezes. Ele precisava da minha ajuda.

— Sei...

— Não sou o foco essa noite. — Ela me interrompeu. — Você está linda, Ellen. Espero que esteja preparada também.

— Eu...

Outra batida se fez ouvir na porta.

— Parece que está na hora. — Arianna me abraçou. — Não perca sua chance. Diga á ele. Agora vá.

Sorri nervosa para ela e acenei para Júlia para depois caminhar até a porta.

— O senhor Mason a aguarda na sala de estar. — George me informou com um sorriso.

— Obrigada, George.

Nós atravessamos a casa em silêncio e eu deixei que George me guiasse, mesmo conhecendo a casa como a palma da minha mão agora. Quando chegamos á sala de estar avistei Damien. Estava de costas para a entrada olhando pela janela e trajando um smoking preto. George se afastou sem dizer nada deixando-nos á sós.

— Damien. — chamei-o.

Ele se virou no mesmo instante e um sorriso apareceu no seu rosto, mas ele não disse nada. Deixou a janela e caminhou na minha direção.

Quando parou diante de mim, sua mão esquerda acariciou a minha bochecha.

— Pergunto-me como isso pode ser possível. — Seus olhos encontraram os meus. — Fica mais bonita a cada vez que a vejo.

Sorri sentindo o meu coração bater mais forte e fechei os olhos quando ele aproximou seus lábios dos meus. Sua boca beijou a minha com voracidade, mas não durou por muito tempo.

— Preparei algo para você. — Ele manteve a mão esquerda na minha nuca. — Sei que nos últimos dias nossa relação esteve conturbada e ficou em segundo plano por causa dos problemas. Mas quero recompensá-la por isso.

— Não precisa. — sorri. — Sei que suas responsabilidades são grandes Damien.

— Precisa. Precisa porque isso é importante para mim. — Ele acariciou a minha nuca. — Mas é melhor que eu não diga mais nada ou vou acabar estragando a surpresa que seu irmão me ajudou a preparar.

— David? — recordei-me das conversas entre eles no hospital. — Era esse o grande negócio?

Damien deu de ombros e sorriu.

— Vamos?

Assenti com um sorriso e aceitei o braço que ele me ofereceu. Damien repousou sua mão livre na minha cintura e nós caminhamos para a garagem como se fôssemos mais uma vez para umas das festas de sempre. Ele escolheu a Ferrari dessa vez e em pouco tempo nós estávamos atravessando o Rio de Janeiro.

Damien se manteve em silêncio sobre o nosso destino e me deixou realmente surpresa quando manobrou o carro e o estacionou diante do aeroporto internacional.

— Estará bem cuidado, senhor Mason. — Um homem de terno e com um crachá do aeroporto nos atendeu. — A plataforma já está pronta para o senhor.

— Plataforma? — olhei para Damien sem entender.

Ele se limitou a sorrir e a me guiar para dentro do aeroporto. Outro funcionário nos recebeu com um sorriso e eu fiquei perplexa quando nós pisamos na plataforma de decolagem dos aviões.

— O seu jato particular já está pronto senhor. Desejo uma boa viagem.

— Ele se despediu com um aceno.

— Jato? Damien nós vamos...

— Vamos á um lugar especial. E como sei o quanto gosta daquele filme de aviões, me inspirei um pouco já que sei pilotar e considero minha aparência melhor do que a de Tom Cruise.

Soltei uma gargalhada.

— Espere. — parei de rir. — Você sabe pilotar aviões?

— É um dos meus passatempos. — Ele sorriu quando paramos diante da escada para a aeronave.

Sorri de volta, entre ansiosa e nervosa.

— Onde vamos?

— Há uma ilha. Temos boas experiências nelas.

Meu sorriso se alargou e eu aceitei a ajuda dele para subir á escada.

Quando me vi dentro do avião, minha ansiedade aumentou. Era uma aeronave sofisticada e luxuosa, o tipo de coisa que realmente caracterizava Damien, mas que ainda conseguia me deixar admirada.

— Está preparada? Será minha copiloto. — Damien me puxou pela mão até a cabine.

— Copiloto? — arregalei os olhos. — Damien, minha experiência com voos se resume aquele que fizemos juntos á Argentina.

Ele riu.

— Eu sei. Mas será um trajeto rápido e eu vou orientá-la sobre o

principal. — Damien se aproximou mais e me beijou. — Aceita o desafio?

Beije-o de volta em meio ao sorriso.

— Está aceito. O que eu preciso fazer?

— Sente-se. — Ele me indicou a poltrona e depois se me ajudou com o cinto de segurança. — Esse vestido vai distrair o piloto.

Soltei outra gargalhada e ele se afastou sorrindo para a sua própria poltrona.

Nos minutos seguintes ele me orientou sobre os controles básicos do avião. Eu estava animada e nervosa ao mesmo tempo. Mas somente quando colocamos os protetores na orelha e Damien mandou uma mensagem á torre é que minha ansiedade superou os limites.

— Nosso tempo de voo previsto é de vinte e três minutos, Darling.

Espero que goste do passeio. — Ele sorriu para mim e então o avião começou a se mover na pista.

Mantive meus olhos bem abertos e não consegui evitar soltar um gritinho agudo quando finalmente decolamos. Voar daquela forma era de tirar o fôlego. Eu nunca me senti tão perto das estrelas e as luzes lá embaixo me fascinavam.

Damien manteve um sorriso aberto na maioria do tempo e respondia a todas as perguntas que me vinham á minha mente. Quando finalmente

pousamos na ilha Solstício, eu ainda me encontrava eufórica.

— Chegamos. — Damien retirou as mãos que vendavam meus olhos deixando-me ver o lugar.

Soltei um suspiro admirado. Logo á minha frente estava uma casa suspensa sobre a água, com uma trilha também suspensa talhada em madeira. O caminho estava enfeitado por pequenos pontos de luz. A casa também estava completamente iluminada e a praia que se estendia por onde estávamos também tinha um caminho estreito de areia que terminava em meio a água com um quiosque rústico e uma mesa. No mar raso ao redor estavam dançando várias lanternas flutuantes.

— E então? — Ele me abraçou pela cintura.

— Damien... É lindo. — senti-me subitamente emocionada e me virei em seus braços para fitá-lo.

— Quero que essa noite seja especial para nós. — Ele passou o polegar pelo meu queixo. — Quero que seja inesquecível.

— Acho que já está sendo. — sorri e coloquei minhas duas mãos no rosto dele.

— Venha, vamos jantar.

Concordei e deixei que ele me guiasse pela trilha de areia até onde uma mesa estava preparada. Damien puxou a cadeira para mim e eu me

sentei. A refeição estava perfeita. Na verdade, em certo momento eu pensei que tudo devia ser parte de um sonho. Nunca em nenhum momento, eu poderia me imaginar vivendo uma coisa semelhante.

Nós conversamos sobre assuntos diversos e Damien ouviu com atenção as minhas opiniões. Ele fez insinuações que me fizeram rir e criticou algumas coisas com seu senso de humor irônico e ácido, que eu já amava tanto. A grande verdade era que eu já amava cada uma de suas características e arestas. Amava a forma como ele sorria de lado e arqueava as sobrancelhas me desafiando a contradizê-lo. Amava também quando era sério e concentrado, com suas palavras bem colocadas e firmes, sem duvidar um instante sequer do ponto de vista que defendia. Mas, sobretudo, amava quando seus olhos estavam nos meus enquanto fazíamos amor e suas mãos tocavam o meu rosto com carinho. Eu me sentia amada e segura.

— Posso ter a honra de uma dança?

Damien se levantou e me estendeu a mão.

— Claro. — respondi com um sorriso e coloquei minha mão na dele.

Ele entrelaçou nossos dedos e nós caminhamos para fora da área coberta.

— Acho que vai gostar da música.

Só então percebi um homem com um sax se aproximar. Ele sorriu cortês

e então iniciou um solo único de Take my breath away. Meus olhos se encheram de água no mesmo instante. Damien colocou minha mão esquerda sobre o seu ombro dele e encostou sua testa na minha.

— Não posso acreditar que fez tudo isso para mim. — falei baixinho e percebi que minha voz estava embargada.

Deixei minhas mãos acariciarem os cabelos da nuca dele.

— Venho preparando á semanas. Queria garantir que ficasse tudo perfeito.

— Damien... Eu... Eu não sei o que dizer. — afastei-me para olhá-lo nos olhos e tocar seu rosto.

— Não precisa dizer nada. Eu é que tenho a dizer. — Damien afagou meu pescoço e segurou a lateral do meu rosto.

— Então diga. — encorajei-o.

Ele pareceu hesitar e depois soltou um longo suspiro.

— Preciso voltar. — Ele revelou o que eu já sabia, mas acrescentou algo a mais.

— As coisas em Nova York mudaram muito e eu não terei outra escolha senão partir. Minha viagem está marcada para amanhã.

Então eu finalmente compreendi o que estava acontecendo. Tudo aquilo era a nossa despedida. Era para encerrar a nossa relação. Senti meu coração acelerar e depois retesar no peito. Aquele era o momento que eu sempre temi, embora soubesse que estava fadado a acontecer.

Damien e eu éramos de mundos diferentes e em algum momento a

lacuna entre nós se faria ser vista.

— Tudo bem. — acariciei os cabelos da nuca dele e sustentei o olhar, mas quando senti que meus olhos estavam ficando mareados, coloquei meu rosto no ombro dele. — Eu vou entender.

Eu não tinha nada a reclamar. Quando nos acertamos, nosso tempo juntos se tornou algo precioso para mim. Então não era justo estragar os momentos que ele preparou para nós com lágrimas.

— Ellen. — Damien me chamou, mas eu não consegui atendê-lo.

Senti uma lágrima quente escorrer pelo meu rosto.

— Está tudo bem. — repeti tentando convencer mais á mim mesma que á ele.

Em seguida passei o dorso da mão pelo rosto tentando me livrar das lágrimas.

— Olhe para mim, Darling. — Ele pediu e eu senti suas mãos acariciando a minha nuca.

Outras lágrimas escaparam e eu me senti horrível. Não era isso que eu pretendia. Não queria que as coisas entre nós terminassem daquela forma. Damien não precisava presenciar aquilo.

Acenei negativamente com a cabeça.

— Por favor. — Ele sussurrou ao meu ouvido e eu não tive escolha.

Enxuguei o rosto outra vez e afastei-me do ombro dele para fitá-lo.

— Darling...— Ele me olhou com uma expressão dolorida e tocou meu rosto com a mão esquerda.

— Não se preocupe comigo, eu vou ficar bem. Nós sabíamos que seria assim e concordamos com isso, não foi? — sorri com os lábios apertados e acariciei a mão dele que estava no meu rosto. — Saiba que desejo a você toda a felicidade que possa encontrar. — Senti outra lágrima escorrer pelo meu rosto. — Não me esquecerei de nada. Nossos momentos estarão guardados no meu coração para sempre, Damien.

Você foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido...

Não consegui falar mais nada porque Damien me puxou na direção dele e me beijou. Eu o beijei de volta sentindo meu coração bater cada vez mais acelerado. Concentrei-me no seu gosto e no seu cheiro querendo conseguir guardar cada uma daquelas notas para que eu me lembrasse depois. Quando deixamos de nos beijar, ele manteve meu rosto próximo do dele. Permaneci de olhos fechados por alguns instantes, apenas apreciando as sensações. Ao abrir os olhos novamente, Damien me observava atentamente .

— Faça amor comigo. — pedi.

Ele não me respondeu, mas seus lábios encontraram os meus mais uma vez. Em seguida meus pés deixaram o chão e eu me apoiei em seus ombros enquanto nós deixávamos a praia. Deixei meus lábios roçarem a

pele do seu pescoço enquanto Damien distribuía beijos nas minhas têmporas.

Senti quando ele empurrou as portas duplas de vidro e nós fomos abraçados pelo calor do quarto. Então eu fui colocada sobre a cama de lençóis brancos devagar. Não houve troca de palavras entre nós.

Damien se juntou a mim na cama e suas duas mãos seguraram o meu rosto. Depois seus lábios tocaram o meu queixo, em seguida estavam na minha bochecha, na minha testa e por fim procuraram a minha boca.

Minhas mãos envolveram a sua nuca e eu correspondi a todos os seus toques emocionada.

Então, sem pressa, como se houvéssemos combinado em fazer o momento durar ao máximo, nós removemos as roupas um do outro.

Senti suas mãos nas minhas costas e ele me colocou sobre os travesseiros com delicadeza. Estendi a mão para acariciar a bochecha dele e Damien a beijou com carinho. Então ergui-me sobre os meus cotovelos e o beijei. Ele me apoiou pela nuca e me beijou de volta, acomodando seu corpo sobre o meu.

Deixei minhas mãos passearem pelos seus cabelos e descerem pelas suas costas.

Damien desceu seus lábios pelo meu pescoço e eu inspirei profundamente o cheiro másculo da sua pele. O calor entre nós aumentava ao mesmo passo que as batidas do meu coração. Abracei-o

pelos ombros e senti suas mãos acariciarem os meus quadris em resposta. Desejei que o momento não

terminasse. Desejei continuar a sentir o calor do seu corpo sobre o meu e os lábios quentes que adoravam a minha pele. Não queria perdê-lo, mas quando nos encontramos uma última vez, percebi que não tinha o direito de fazê-lo escolher.

Damien se deitou ao meu lado e me puxou na sua direção. Repousei minha cabeça no peito dele e acariciei sua pele com a ponta dos dedos.

Ficamos quietos apenas ouvindo o som das nossas respirações. Uma lágrima desceu pelo meu rosto e eu apertei os lábios. Queria contar a ele sobre o que estava sentindo, mas ao mesmo tempo saber que ele já tinha tomado sua decisão abafava a minha coragem.

— Não posso fazer isso. — ele falou baixinho.

Compreendi que ele devia estar falando sobre desistir da viagem.

— Eu sei. Sei que deve ir e que precisa continuar sua vida. — subi minha mão direita pelo seu pescoço e ergui o rosto.

Ele amparou meu rosto com a mão direita.

— E se eu disser a você que minha vida está aqui. Se eu disser que estou olhando para ela agora. — Ele beijou meu rosto secando a lágrima. — E

se eu disser que ela se resume a você, Ellen.

Meu coração se acelerou no mesmo instante.

— Damien...

— Sei que não confia nas palavras, Ellen. Eu também não confio. Mas acredito que ambos possamos confiar no que estamos sentindo esta noite. E eu sinto que não quero deixá-la. Então por favor, diga-me o que está se passando no seu coração.

Seus olhos tinham um brilho intenso que eu ainda não tinha visto e eu percebi lágrimas se misturando ao azul.

— Não quero perder você. — segurei o rosto dele com as duas mãos.

Então ele sorriu e seus dedos afagaram o meu pescoço.

— Era tudo o que eu precisava saber. — Ele baixou o rosto e uniu nossos lábios.

— Não vai perder, eu prometo.

Havia tanta sinceridade em seu olhar que, subitamente, a angústia se afastou do meu peito e eu sorri assentindo com a cabeça. Damien sorriu de volta e mesmo sem compreender por completo o que significavam aquelas palavras, eu percebi que tudo ficaria bem.

Então envolvi seu pescoço com meus braços e apertei minha bochecha contra o seu ombro. Ele me

abraçou de volta e suas mãos acariciaram os meus cabelos. Logo depois senti seus lábios na minha têmpora direita.

— Eu vou voltar. — ele sussurrou.

— E eu vou esperar. — prometi. — O tempo que for necessário.

Capítulo 26: Prazo Final

"Tudo que eu sou, tudo o que eu sempre fui está aqui em seus olhos perfeitos. Eles são tudo o que eu vejo." (Chasing Cars – Snow Patrol) Parecia que eu estava de volta ao começo.

Observei o líquido negro escorrendo e enchendo pouco a pouco a xícara de louça da mesma cor. Continuei a derramá-lo devagar e sem pretensão nenhuma de prestar atenção á tarefa que estava realizando.

Era como eu vinha agindo desde aquela manhã após Solstício.

A xícara finalmente atingiu a meta que eu esperava. Suspirei e levei-a aos lábios tentando me convencer a enfrentar as horas que me aguardavam do lado de fora. Concentrei-me apenas no gosto do café forte por alguns instantes, mas logo a cena estava de volta á minha mente. Seus olhos azuis tinham um brilho melancólico e estavam tão embaçados quanto o céu da manhã nublada quando chegamos ao aeroporto internacional. Ele tentou me convencer a aceitar as chaves de sua casa mais uma vez, mas eu me mantive firme na minha decisão.

Finalmente desistindo, ele segurou a minha mão com delicadeza e levou-a aos lábios depositando um beijo cheio de devoção sob a minha pele.

Eu engasguei tentando engolir o soluço e Damien se aproximou colocando sua mão em forma de concha sobre a minha bochecha

esquerda.

— Tem certeza de que não quer vir comigo? Não precisa ser assim.

— Não posso. — repliquei. — Não posso mais prejudicar a rotina dos meus irmãos.

— Serei o mais breve possível. — Damien prometeu. Então de repente,

olhou para o próprio pulso e desabotoou o relógio de grife. — Tome.

Fique com ele.

— Damien... Eu não posso aceitar. — coloquei a mão sobre a dele. — É

o seu favorito, o que o seu pai te deu. Tem muito valor.

— Eu sei. — Ele segurou a minha mão com delicadeza e virou a palma para cima. Então passou o relógio pelo meu pulso e fechou-o. A joia ficou larga e ele sorriu. — E será o símbolo da minha palavra, darling.

Senti meus olhos arderem e o abracei pelo pescoço apertando-o com força. Ele me abraçou de volta e suas mãos passearam pelas minhas costas devagar. Senti seus lábios roçarem a pele do meu pescoço e em seguida o meu queixo. Então seus olhos azuis estavam nos meus e suas duas mãos ampararam o meu rosto.

— Eu vou sentir saudades. — solucei e acariciei os pulsos dele.

— Eu vou sofrê-la todas as manhãs, tardes e noites, Ellen. — Damien acariciou meu rosto mais uma vez e seus lábios finalmente tomaram os meus.

Momentos depois e eu o vi escapar dos meus braços e me lançar um último olhar antes de entrar pela porta de embarque para Nova York.

Ele partiu. E eu o deixei ir sem dizer o que sentia de verdade. Sem dizer as mais clichês, porém sinceras três palavras que resumiam o meu coração á muito tempo.

O café pareceu subitamente amargoso, carregado com o meu próprio arrependimento. Desisti de beber o resto e empurrei a xícara no balcão.

Não adiantava ficar remoendo aquilo, não após três semanas que a chance havia sido perdida.

— Estamos indo, Ell... — a voz de David soou atrás de mim. — Ell, está tudo bem?

— Está tudo bem. — sacudi a cabeça e olhei para ele sorrindo. — Nós já podemos ir. Prometam que vão se comportar todo o fim de semana. E

David, não deixe Júlia sozinha na praia. Vigie-a.

Levantei-me da minha cadeira e caminhei para a sala agarrando minha bolsa sobre o sofá. Júlia e David me seguiram e pararam diante de mim.

— Não preciso de guarda-costas. — Ela reclamou.

— Tem tudo o que precisam para o fim de semana? — ignorei o protesto de Júlia.

Eles assentiram com a cabeça juntos.

— Tudo bem. Vamos encontrar Tia Meiry então. — ajeitei minha bolsa no ombro preparando-me para sair.

Júlia e David começaram a caminhar para fora da sala e eu os segui com o pensamento voltado para o meu par de olhos azuis favoritos. Ele ligaria á noite, como sempre. Então provavelmente me falaria da viagem que teve de fazer até Toronto e mais uma vez eu conseguiria discernir o cansaço que tudo aquilo lhe causava. Ficaria então desejando alguma

forma poder ajuda-lo, mas no final me limitaria a ouvir e apoiá-lo torcendo para que ele voltasse logo para os meus braços.

— Quando Damien volta? — David me surpreendeu com a pergunta.

Tranquei a porta da sala antes de responder.

— Eu não sei. Ele tem muitos assuntos á resolver nos Estados Unidos. —

suspirei.

— Ele deve voltar logo. — David pronunciou confiante e depois me sorriu.

Por um momento me perguntei como ele podia ter tanta certeza em afirmar aquilo, mas depois pensei que não havia importância. Ajeitei a blusa de uniforme da lanchonete.

— Vamos descer para encontrar tia Meiry. Ainda preciso ir trabalhar hoje.

Júlia e David optaram por passar o feriado nacional da segunda feira na barra.

Deixei-os se divertirem, depois de relembrar David sobre a cautela com o sol, e resolvi usar o tempo livre no domingo e na segunda para reunir e organizar a papelada para o meu retorno a Universidade Veiga de Almeida. Não desistiria de terminar o curso, e agora as circunstâncias pareciam ficar cada vez mais favoráveis.

Voltei a encher a xícara de porcelana negra, dessa vez com chá mate e caminhei para o meu quarto enquanto pensava no que tinha ouvido

durante a tarde do sábado. Um fiapo da conversa de Deborah com Gabriela, a garota que substituía Arianna agora. As duas comentavam sobre a minha recente volta ao emprego e sobre o meu também recente abandono.

— Ela não é tão bonita assim e é pobre. Não há motivos para um homem como aquele querer ficar com ela. — Deborah destilou venenosa.

— Não vejo graça nela. — Gabriela estimulou-a.

— Para mim, Frazão só a aceitou de volta porque ainda tem esperança, sabe? De conseguir alguma coisa. Talvez se ele pagar bem... Quem sabe...

Encolhi-me na minha cama estreita com a xícara nas mãos e senti lágrimas embaçando a minha visão, como no momento em que escutei a conversa. Eu não devia me importar com aquele tipo de comentário.

Meus dias na lanchonete estavam contados e assim que eu retornasse para o meu curso, procuraria com afinco por um estágio. Além disso, elas não sabiam o que eu sabia. Não conheciam Damien como eu conhecia para saber que por trás de seu terno Armani e sapatos italianos sob medida existia um homem com um coração enorme e que me deixara seu relógio e uma promessa.

A lembrança da joia me fez levantar apressadamente e deixar a xícara sobre

criado. Empurrei a porta do guarda roupas e vasculhei minha última gaveta que ficava trancada á chave. No fundo, guardado com reverência estava o relógio dele. Um pequeno pedaço de realidade para me

lembrar de que a noite não havia sido um sonho. Vóltei para a cama, carregando-o com cuidado e o coloquei sobre o colchão macio.

Foi quando meu celular tocou anunciando uma nova mensagem.

Agarrei-o e o deslizei pela madeira do criado.

"Eu vou enfiar a mão na cara daquela lagartixa de parede."

Sorri diante da resposta de Arianna ao conhecer o conteúdo da conversa que escutei á tarde.

"Não se preocupe com isso, Ary. Meus dias lá estão contados."

Dois minutos depois.

"Você nem precisaria estar lá, Damien lhe ofereceu um cargo."

Ergui o queixo no mesmo instante.

"Não vamos misturar as coisas. Além disso, como eu conseguiria lidar com todas aquelas pessoas agora que ele não está aqui?"

" Como eu tenho lidado. Espere."

Meu celular voltou a tocar, mas dessa vez era uma ligação.

— Você é muito teimosa, Ellen. — Ela sussurrou e depois eu escutei o barulho de uma porta se fechando.
— Devia ter aceitado o emprego que Damien lhe ofereceu.

— Porque estava sussurrando, Ary? — Não resisti a curiosidade.

— Nicholas não gosta de barulho nenhum quando está trabalhando.

— Mas é domingo! — fiquei surpresa.

— Eu sei. Mas ele está resolvendo uma transação complicada com uma empresa chinesa e precisava de ajuda. — Arianna suspirou. — Além disso, vou conseguir uma boa grana para ficar de castigo no tapete Persa dele.

— Tapete Persa?

— acredite, não é atoa que Damien e ele são amigos. Pode não parecer a princípio, mas eles têm muito em comum.

Franzi o cenho sem compreender. Nicholas parecia o contrário de Damien, mas julguei que Arianna pudesse ter razão. Pessoas são amigas por afinidades.

— Como assim? — instiguei-a a continuar.

— A casa dele não parece uma casa normal. É cheia de antiguidades, vasos romanos e gregos e tapetes

Persas. E ele é maníaco por essas coisas. É tudo imaculadamente limpo e... Merda!

— Ary, o que foi? O que está acontecendo? — assustei-me.

— Derramei água no tapete Persa do século XIV. — Ela praguejou outra vez, mas baixinho. — Vou ter que enxugar isso com alguma coisa.

Merda! MERDA!

Soltei uma gargalhada.

— Olha Ell, eu vou desligar e tentar limpar a bagunça que fiz aqui. Nós conversamos depois, tudo bem? E amiga... — Ela hesitou. — Tranque bem a casa. Não gosto da ideia de saber que está aí sozinha. Fico preocupada.

— Não fique. Já estive sozinha em casa outras vezes.

— Eu sei, mas é que... — Arianna suspirou. — Tudo bem, acho que sou quem está ficando paranoica ultimamente. Esqueça.

— Tudo bem. Boa sorte com o tapete do século XIV.

Ela praguejou mais uma vez e por fim se despediu e desligou o telefone.

Mas antes que eu pudesse colocar o celular sobre o móvel de madeira mais uma vez, ele voltou a vibrar. O nome na tela fez o meu coração bater mais forte.

— Estava ocupada? — escutei ruídos ao fundo da ligação.

— Não. Estou em casa. — respondi sorrindo. Os ruídos se tornaram mais altos. — Está acontecendo alguma coisa?

— Estou em um evento beneficente. — Ele avisou. — É uma festa na quinta avenida.

— Uma festa? — o sorriso sumiu dos meus lábios, mas eu não me deixei abater pela pequena insegurança. — Deve estar ótima.

— Está.

De repente, o bom momento me escapara e eu não soube o que dizer.

— É bom que se divirta. — continuei tentando manter a animação, sem muito sucesso. — Fico feliz.

Os ruídos ao fundo cessaram.

— Estou ligando para avisar que amanhã não poderei entrar em contato. Farei outra viagem. — Ele anunciou.

— Voltará a Toronto?

— Não. — Ele se limitou a responder.

Uma sensação incômoda me passou pela espinha, ele não parecia o mesmo. Nossas conversas eram diferentes. Meu humor foi murchando devagar.

— Quer me dizer alguma coisa? — arrisquei.

Damien suspirou do outro lado da linha.

— Quero. Mas não poderá ser agora. Depois que eu chegar do meu compromisso nós conversamos.

Foi a minha vez de suspirar.

— Tudo bem. — E subitamente, eu estava com vontade de chorar.

— Até logo, Ellen.

— Damien. — chamei nervosa.

— Sim. — ele respondeu.

Talvez ainda houvesse tempo para dizer o que eu sentia. Pelo telefone mesmo. Prendi o lábio inferior nervosa, mas antes que eu pudesse falar, Damien se pronunciou.

— Eu preciso desligar, Ellen. Não posso me atrasar.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Era tarde demais.

— Até logo, Damien.

A chamada foi finalizada, mas eu continuei a olhar para o telefone nas minhas mãos. Não conseguia compreender o que estava acontecendo.

Ele sequer me chamou de Darling. Pensamentos ruins encheram a minha mente. Damien estava de volta ao mundo dele e talvez agora não quisesse mais continuar com tudo aquilo. Talvez as duas semanas o tenham feito pensar sobre o assunto com mais calma e talvez até pudesse ter encontrado outra pessoa naquele evento beneficente...

Meu coração pulsou dolorido á simples suposição e minha razão retornou esmagadora, pontuando como as teorias tinham grandes chances de ser reais. Olhei para o relógio ao meu lado na cama e o puxei para mim, como se com isso pudesse conseguir a segurança que estava sentindo a alguns minutos atrás. Mas em vez disso, o tic tac harmônico me fez pensar que alguma coisa ruim estava prestes a acontecer.

Passei a segunda feira tentando me distrair. Comprei sorvete e aluguei comédias românticas para assistir, mesmo sozinha. Jenny e Arianna tentaram me convencer a ir á um clube na Urca, mas eu recusei

argumentando indisposição. O que de certa forma, não era mentira. Elas

aceitaram as minhas desculpas, mas garantiram que viriam me visitar mais tarde.

Na hora do almoço, coloquei uma lasanha de supermercado no forno e a misturei com um pouco de arroz. Em alguns momentos não evitei derramar algumas lágrimas e convenci-me de que fazia isso apenas por emoção por algumas cenas dos filmes. Ao menos era o que diria a Júlia e David quando chegassem á noite.

Encolhi-me no sofá e fitei o meu celular. Tinha ligado para Arianna um pouco antes das quatro, mas ela não atendera e nem retornara a chamada. Devia ainda estar no clube com Jenny. Então continuei com o celular na mão, fitando o nome dele.

Eu devia ter dito á Damien. Dito como me sentia. Ele estava certo quando disse que era o único que lutava pelo que tínhamos. Eu o deixei fazer tudo sozinho. Recusei-me a ouvir quando ele dizia qualquer palavra. Recusei-me a pensar sobre suas ações e tudo o que ele fazia por mim. E Damien se cansou. Provavelmente percebera lá fora, que eu não era o tipo de mulher para ele. Que merecia alguém que desse o devido valor á todas as suas ações.

Suspirei e senti outra lágrima descendo pela minha bochecha.

Deborah estava correta e eu não devia ter me permitido sonhar tão alto. Uma pequena parte esperançosa lutou dentro de mim, lembrando a existência do relógio na minha gaveta. Talvez ele me pedisse para devolvê-lo á Nicholas, que se encarregaria de colar nas

mãos de Damien novamente. Não era uma tarefa difícil.

Foi então que me lembrei de que além do relógio, ainda havia outra coisa dele comigo. Saí do sofá e caminhei até o quarto. Dobrado e solitário em uma gaveta da cômoda de sucupira, estava o blazer dele. O

que ele colocara sobre os meus ombros após o jogo de golfe quando eu resolvi voltar para a casa de táxi. Abracei a peça ridiculamente e esfreguei minha bochecha no tecido. Embora lavado, o cheiro dele ainda estava presente. Inspirei-o devagar, com medo de perder as notas do seu perfume também. Então me arrastei até a cama e me deitei nela, apertando o blazer com força. Minha covardia havia colocado tudo a perder.

Vaguei algumas horas entre a tristeza e a inconsciência. Por isso, quando escutei o som de passos se arrastando pela casa, não sabia se estava delirando ou se era real. Apenas quando a porta do quarto ao lado se abriu bruscamente é que eu percebi que não estava sonhando.

Sentei-me na cama, em meio à escuridão, com o coração batendo acelerado. Alguém estava ali. Fiquei quieta e apurei os ouvidos, mas então tudo ficou silencioso. Esperei por alguns minutos e por fim encontrei coragem para sair do quarto, armada por um guarda chuvas antigo.

Não encontrei ninguém.

— Boa noite, Ellen.

A voz soou atrás de mim, bem próxima a minha nuca e eu me virei imediatamente ao reconhecê-la.

— Estevão?

Ele trajava um moletom cinza machado e calças largas escuras. Os olhos dele estavam avermelhados e sua expressão não era amigável.

— O que quer aqui? Não pode entrar assim na minha casa!

Estevão não disse nada. Apenas caminhou na minha direção. Silencioso.

Percebi as intenções ruins no olhar dele e me preparei para correr, mas antes de conseguir fui agarrada pelos cabelos bruscamente. Tentei acertá-lo com o guarda chuva, mas ele o arrancou das minhas mãos e o jogou longe.

— Temos contas a acertar, sua vadia. Você não achou que eu engoli tudo aquilo, achou? — Ele sussurrou ao meu ouvido e depois riu. —

Sabe, não pensei que fosse ser assim. Damien facilitou muito as coisas deixando-a a sua própria sorte. Ele também não a quis, não é?

— Me solte! — debati-me e ele apertou mais os meus cabelos trazendo meu rosto para perto do seu.

De perto, percebi que ele estava completamente fora de si.

— Nós vamos brincar um pouco esta noite. — Ele me beijou a força. —

Como vocês dois fizeram comigo naquele dia no escritório.

E sem dizer mais nada, ele começou a me arrastar pela sala. Debatime

tentando me afastar e terminei por arranhar o rosto dele em meio á isso. Apenas serviu para deixá-lo ainda mais irritado.

— Sua cadela maldita! — Ele me empurrou fazendo-me cair no chão.

Tentei me arrastar para longe, mas recebi um chute forte na região do abdômen e fiquei completamente sem fôlego. O que não o fez parar de me agredir. Seus pontapés acertaram as minhas pernas e as minhas costas. Eu cobri o rosto tentando me proteger e tentei gritar por socorro, mas estava sem ar devido a dor.

— Sabia que ele me quebrou um dente naquele dia. — Ele voltou a me segurar pelos cabelos. — E eu pretendo devolver o favor.

— Estevão, por favor... — Meu corpo inteiro estava dolorido pela violência.

— Talvez o devolva quebrando uma das suas costelas. — Ele riu animado e depois roçou o nariz no meu pescoço. — Mas talvez possamos começar com outras atividades.

— Pare de me machucar, por favor... Estevão, você não é assim... —

senti lágrimas grossas descendo pelo meu rosto e implorei em meio aos soluços.

— Eu esperei muito por esse momento. Sabia que estou vivendo em um beco? Você fodeu com a minha vida, sua puta! — Ele gritou. — E agora eu vou fazer o mesmo com você e pode ter certeza de que farei com

que doa bastante.

Soltei um grito desesperada quando ele rasgou a minha blusa, mas ele me sufocou com suas duas mãos em torno da minha garganta. Então me beijou impedindo-me de respirar e me fazendo agonizar. Arranhei o chão desesperada por alguma forma de me livrar dele, mas não havia nada que pudesse me salvar.

— Venha aqui. — Ele me puxou pela garganta e me atirou no sofá.

Tossi e me arrastei tentando encontrar uma forma de fugir, mas ele foi mais rápido e me prendeu contra o estofado. Arranhei os braços e o pescoço dele na tentativa de me livrar. Ele me desferiu uma bofetada forte no rosto e a pancada me fez ficar tonta. Então senti a mão dele se esgueirar para dentro da minha calça e tive a certeza de que seria machucada de uma forma ainda pior, mas não tinha mais forças para impedir.

— Ellen!

A voz soou próxima a porta, em um grito alto, mas eu não sabia se era real ou uma tentativa da minha mente confusa de fugir da realidade horrível.

— Solte-a seu filho da puta!

Meu corpo foi atirado no chão e um gemido saiu da minha garganta junto com mais lágrimas.

— Veja se não é o próprio Damien Mason! Pensei que estivesse em

Nova York.

Ergui a cabeça para vê-lo. Damien era real e estava na minha frente com uma expressão de pânico no rosto. Mas como? Ele disse que iria viajar...

Damien deu um passo na minha direção.

— Não se aproxime. — Para o meu horror, Estevão retirou um revólver da cintura e o empunhou na direção de Damien. — Você nos surpreendeu com a sua presença. Não contávamos com ela.

— Deixei-a agora, Estevão. — Damien bradou. — Isso é entre nós. Deixe Ellen fora disso.

Estevão apenas soltou uma gargalhada.

— Está com raiva porque eu brinquei com o seu bibelô? Aprenda a dividir, Mason.

— Vai ficar tudo bem, Darling. — Ele me garantiu.

— Você sabe que não vai. — Estevão rebateu e então voltou a se aproximar de mim. — Mas de qualquer forma, ter uma plateia não é ruim.

Encolhi-me desesperada para me afastar, mas ele capturou meu rosto.

— Veja que belo corte na bochecha. — Ele passou a arma pelo meu queixo fazendo-me estremecer de pavor. — E posso apostar que os chutes deixaram marcas por todo o corpo dela. Você devia ter visto como ela se contorcia de dor.

— Seu maldito filho da mãe! — Damien tentou se aproximar outra vez, mas Estevão voltou a empunhar a arma.

— Fique onde está. — Estevão advertiu.

— Atire em mim! — Damien gritou de repente e deu um passo á frente.

— Damien, não! — meneei negativamente com a cabeça e estendi a mão fazendo um gesto para impedi-lo.

— Está tudo bem, Ellen. — Ele repetiu. — E então. O que está esperando? Atire. Sou eu quem você quer, não ela!

Damien abriu os braços e deu outro passo. Fiquei ainda mais desesperada e tentei me livrar do aperto de Estevão quando ele voltou o revólver na direção de Damien e deslizou o dedo na direção do gatilho. Mas quando eu acreditei que ele atiraria, Estevão abaixou a arma e riu completamente histérico.

— Não. Eu consigo enxergar. A possibilidade de perdê-la o aterroriza muito mais. — Ele gargalhou mais uma vez. — Que clichê! Está apaixonado por ela. Não, não! É mais do que isso, não é?

— Se você a machucar...

— Você a ama! Por isso está de volta! Mas que conveniente. —

Estevão debochou. — Então acho que vai sofrer muito mais ficando vivo.

Ele me puxou pelos cabelos da nuca e eu senti o cano frio da arma na minha têmpora direita.

— Vai passar seus dias no inferno, Mason.

Ouvi um clique e fechei os olhos esperando pelo pior.

Mas de repente, meu corpo foi atirado no chão e minha cabeça se chocou contra o piso. Estevão foi agarrado por alguém que surgiu e um tiro liberou uma bala que transpassou a janela.

— Ellen! — escutei a voz dele trêmula e depois seu rosto estava diante do meu. — Eu vou tirar você daqui.

Seus braços me ampararam, mas então eu ouvi o barulho e em seguida veio a dor me fazendo soltar um grito agudo.

— Não! — escutei Damien gritar desesperado e depois havia sangue ao meu redor. — Não! Ellen.

Deus...

Escutei outros gritos atrás de mim, mas não consegui me concentrar neles. De repente havia só a dor profunda na região do meu abdômen e os olhos cheios de lágrimas de Damien. Levei minha mão esquerda à minha blusa e senti o líquido vertendo de dentro de mim.

Senti seus braços em torno dos meus joelhos e ele tentou me erguer, mas o movimento fez a minha dor piorar e eu soltei um gemido involuntário.

— Não, não, não... — Ele puxou meu corpo para perto e enrolou seu terno em torno da minha cintura.

Eu queria ajudá-lo, mas estava me sentindo fraca e tonta.

— Meu amor, não... — Damien soluçou e seus lábios tocaram a minha testa. — É tudo minha culpa...

Ergui a mão devagar e segurei o braço dele. Ele não havia me esquecido.

Tinha voltado para mim, como prometera. E embora estivesse sentindo muita dor, meu coração se aqueceu por dentro de felicidade.

— Você voltou... Mas quando você me ligou... Eu pensei...

— Ellen, me perdoe... — seus dedos roçaram a minha bochecha direita.

— Era para ser uma surpresa... Eu queria fazê-la feliz...

Ele pareceu se desesperar ainda mais e seus soluços se tornaram mais altos.

Segurei o rosto dele entre as minhas mãos.

— Está tudo bem... Damien eu... — senti uma fisgada e soltei um gemido, mas não desisti. Eu tinha sido tola em esconder meus sentimentos dele e agora não tinha mais retorno. Era o prazo final. — Eu amo você. Amo com tudo o que sou.

Damien soltou um gemido agoniado e mais lágrimas grossas rolaram pelo seu rosto.

— Não, darling. Não assim! Não assim...

— Eu sei. — senti lágrimas descendo pelo meu rosto também e acariciei a mandíbula dele. — Me desculpe.

Então escutei o som alto de uma sirene e passos ecoaram pela sala.

Depois disso, me perdi nos sons e minha visão ficou turva. Muitas vozes começaram a soar juntas e eu fechei os olhos me sentindo cansada.

— É uma mulher. Levou um tiro...

— Tem que deixá-la, senhor.

— Não vou me afastar dela! — ele repetiu com a voz embargada e eu senti o calor de sua mão sobre a minha. — Eu estou aqui, meu amor.

Não vou deixar você. Nunca mais. Fique comigo.

Tentei sorrir para encorajá-lo, mas não sei se consegui fazê-lo. Senti quando o meu corpo foi retirado do chão e colocado sobre algo mais macio. Seus olhos azuis cheios de promessas brilhantes foram as últimas imagens que encheram a minha mente. Então não consegui mais suportar toda a dor e minha consciência foi sugada por ela deixando-me á deriva.

Capítulo 27: Escolhas

Damien

O anel ainda pesava o meu bolso. No entanto, agora a caixinha de veludo negro tinha uma mancha rubra em sua superfície, maculando não só o objeto como também toda a alegria do que eu havia planejado entregar á ela.

Eu teria me ajoelhado depois de ser recebido com um beijo. Ela me olharia confusa. Seus olhos castanhos brilhariam de ansiedade e então

eu retiraria a caixinha do bolso e faria a pergunta. Ofereceria o meu coração á ela junto do anel e imploraria para que o aceitasse, mesmo com todas as cicatrizes e defeitos. Mas eu não consegui.

Enfiei a mão direita no bolso e voltei a retirar a caixinha. O diamante reluzia e eu me lembrei de que havia optado pela pedra azul porque em nosso primeiro jantar ela me comparou a Cal Hockley de Titanic. Ellen ria com certeza e ficaria surpresa ao saber que eu ainda me lembrava daquilo.

Senti lágrimas quentes no meu rosto e uma delas atingiu o chão pálido do hospital. A culpa enchendo o meu peito e fazendo o meu coração pesar como uma bigorna dentro dele. Eu não devia tê-la deixado sozinha. Devia tê-la convencido a ficar na minha casa, com seguranças e proteção. E não devia ter impedido Arianna de ir visitá-la naquela tarde.

Eu poderia ter evitado que ele a ferisse.

Apertei o anel na palma da minha mão direita e mordi os nós dos dedos desesperado. Ainda conseguia me lembrar dos hematomas no abdômen dela. Minha pequena e frágil Ellen. Eu prometi que ninguém iria machucá-la...

— Estevão foi preso. — Nicholas se sentou ao meu lado. — O médico já deu notícias?

— Não. — balbuciei sem olhá-lo.

— Não foi culpa sua, Damien.

— Eu prometi que ninguém a machucaria, Nicholas.

— Damien...

— Eu prometi á ela! — quase gritei, mas depois voltei a levar minha mão á boca. — Eu dei a minha palavra...

Coloquei minha cabeça entre as mãos e apoiei meus cotovelos nos joelhos.

— Damien!

Uma voz feminina gritou o meu nome e quando eu ergui o rosto percebi as duas amigas de Ellen se aproximando de onde estávamos.

— Onde está Ellen? O que aconteceu? — Ela torcia a bolsa ansiosa e eu me senti mal em ter que dar a notícia á elas.

— Ellen levou um tiro. — falei baixinho. — Estevão atirou nela.

Arianna soltou um grito de pavor e a pequena bolsa que apertava caiu no chão. Pensei que ela fosse cair também, mas Nicholas a amparou com agilidade.

— Como? Mas você não ia vê-la... — Jenny me olhou confusa e eu vi seus olhos se encherem de água.

— Eu sabia que não devia ter deixado ela ficar em casa. Eu devia ter ido buscá-la...

— Acalme-se. Ellen ficará bem. — Nicholas a consolou com um abraço.

— Ela está em cirurgia agora, mas é tudo que sei. — desviei meus olhos das duas mulheres e abri a mão para fitar o anel. — Darling, me perdoe...

Senti mais lágrimas chegarem aos meus olhos e não tentei evitá-las.

Estava a beira da loucura apenas com a possibilidade de perdê-la. A única mulher que me amou mesmo quando eu não merecia nada além de desprezo.

Nossos momentos começaram a encher a minha mente. A noite em que a conheci no Copacabana Palace e depois quando a encontrei na casa noturna. Lembrei-me de como fui rude com ela e como a fiz chorar quando me procurou em meu escritório.

As coisas para Ellen nunca haviam sido fáceis e quando eu entrei na vida dela causei mais mal do que bem. E agora eu a estava perdendo em um bloco cirúrgico. Sem dizer á ela o quanto ela havia mudado a minha vida e que se ela permitisse, dedicaria o restante dos meus dias á fazê-la feliz.

Revi seus olhos castanhos brilhando para mim quando nos deitamos juntos na praia, sob as estrelas em nossa última noite juntos, minutos antes de amanhecer. Foi quando eu a observei dormir e refiz a minha promessa.

Eu não sabia porque ela não havia desistido de mim. Ellen tinha todos os motivos para isso. Eu era, provavelmente, a pior escolha que Ellen poderia ter feito em toda a situação que vivíamos, mas isso não a impediu de ainda assim me escolher.

Foi quando compreendi.

Eu também já havia feito a minha escolha. Em algum momento, no meio de tudo aquilo, eu havia escolhido me apaixonar perdidamente por ela.

— Damien. — Arianna segurou a minha mão, fazendo-me despertar dos meus pensamentos. — A família já foi avisada?

— A tia dela já foi contatada. — respondi. — David e Júlia ficarão transtornados...

— Não é culpa sua. — ela me assegurou. — Foi uma fatalidade.

— Pensei que não gostasse de mim. — falei antes de pensar e me arrependi. Arianna já estava sofrendo por Ellen, não precisava lidar comigo.

— Não gostava. — ela respondeu com lágrimas nos olhos. — Mas sei que a ama e Ellen não gostaria que se sentisse assim.

— Eu não sei o que farei se ela não voltar para mim.. — minha voz saiu embargada. — Ela é tudo o que eu tenho.

— Ell!

David entrou no meu campo de visão com uma mochila nas costas. Ao seu encalço estava Júlia. Eu me levantei da cadeira e ambos correram na minha direção. Então fui surpreendido com um abraço.

— Desculpem-me. — pedi enquanto tentava consolar a dor que também era minha.

— Ela vai ficar bem. Ela me disse que estava quando saí de casa. —

David soluçou.

Eu queria encontrar algo para dizer á eles, mas tudo o que consegui foi manter o abraço. Percebi os tios de Ellen se aproximando, mas antes que eu pudesse me dirigir á qualquer um deles, uma porta se abriu:

— Senhor Mason?

O médico não sorriu e continuou com as mãos no bolso do seu jaleco branco. Depois pigarreou antes de voltar a falar.

— Pode me acompanhar?

Capítulo 28: Deserção

Foi fácil ceder ao sonho. Os olhos dele brilhavam e eu senti suas mãos acariciando a minha pele devagar.

Havia sol, mas o calor era agradável. O meu corpo estava leve e eu sorri para ele quando seus lábios se aproximaram dos meus. Eu conseguia ouvir o trinar de alguns pássaros ao longe e não consegui me concentrar em mais nada além da paz que enchia o meu coração.

Eu estava segura. Liberta das angústias e de todas as dores que apertavam o meu peito. E todos estavam lá. Mamãe também estava junto deles. Ela me sorriu e me estendeu a mão fazendo-me sair do abraço de Damien e dar um passo na direção dela. Mas quando eu tentei segurá-la, eu o ouvi pedir:

— Fique comigo. Eu amo você.

Recuei a mão e desertei. Então subitamente, meu corpo se tornou pesado outra vez. Senti uma dorzinha incômoda atrás do meu umbigo e logo depois meus ouvidos captaram o som de um bipe próximo. Abri os olhos devagar e minha visão ficou obscura por um momento. No seguinte, percebi as paredes brancas, as janelas cobertas por persianas e o cheiro característico de éter saturando o ar. Imagens encheram a minha mente, envolvidas por uma névoa e se sobrepondo aos meus outros sentidos pouco a pouco.

O tiro. A dor. Damien... Teria sido tudo real?

Então outro som chegou a mim, quebrando o meu raciocínio tênue:

— Por favor, fique comigo darling. Por favor...

A voz estava bem próxima e eu a reconheci imediatamente. Não havia sido um pesadelo. Ele estava sentado ao meu lado, com a cabeça sobre o colchão macio e correu seus dedos longos sobre o dorso da minha mão. Escutei um soluço dolorido e os ombros dele tremeram levemente quando sua voz angustiada alcançou os meus ouvidos outra vez:

— Não posso perdê-la. Eu amo você.

Meus olhos lacrimejarem e a emoção fez com que as palavras ficassem agarradas á minha garganta enquanto meu coração batia descompassado. Meu Damien. Ele havia voltado. Por mim. Estiquei o meu polegar e acariciei a mão dele devagar, incapaz de conseguir ter

outra reação. Seus dedos pararam de me tocar no mesmo instante.

— Ellen...

Ele me olhou em meio as lágrimas. Suas mãos seguraram o meu rosto ansiosas, mas com cuidado, como se em algum momento eu fosse me quebrar. Coloquei a minha mão sobre a dele e percebi que estavam trêmulas.

— Damien. — murmurei numa fraca tentativa de consolar a dor nos olhos dele.

Damien suspirou e sua testa se franziu quando seus olhos voltaram a derramar mais lágrimas.

— Graças a Deus... Eu pensei que iria perdê-la... Quando eu vi o sangue... Deus, eu tive tanto de medo de perder você. Nunca senti tanto medo na minha vida, Ellen. — seus olhos estavam embaçados e ele espalhou beijos pelo meu rosto. — Darling, me perdoe por tudo. Foi culpa minha. Eu não devia tê-la deixado sozinha. Eu devia ter protegido você...

— Damien... — puxei o ar pela cânula nasal sentindo meu abdômen reclamar e soltei um gemido.

— Não fale. — Ele pediu e seus olhos desviaram-se para o meu abdômen. — Pode se machucar. Teve de fazer uma cirurgia depois do tiro.

Agora eu compreendia o cheiro de éter. Era um hospital.

— Eu me lembro... — insisti.— Eu me lembro do tiro... Onde está

Estevão? E David e Júlia? — remexi-me preocupada.

— Estevão não fará mais nenhum mau á você, Ellen. E seus irmãos estão bem. — Damien segurou a minha mão e a levou aos lábios. Então a beijou e a abrigou nas suas. — Não foi assim que eu planejei, mas não vou mais arriscar nenhum instante sem fazer o que devia ter feito antes de entrar naquele avião para Nova York.

Damien se afastou de mim e se ajoelhou ao lado da minha cama.

— O que você...

— Shhh. — Ele voltou a pedir e manteve minha mão direita na sua. —

Eu não sou um homem perfeito e estou longe de ser, Ellen. Mas com você tenho o desejo de ser melhor do que jamais fui. Eu sempre acreditei que estar apaixonado fosse um estado dolorido e inconstante demais, por isso eu tomei a decisão de evitá-lo quando fui ferido. — Ele fechou os olhos e suspirou. Quando voltou a abri-los, eles brilhavam como diamantes azuis. — Escolhi mulheres pelas quais eu sabia que jamais teria algo além do superficial e as usei, assim como elas também me usaram. Fui um homem hostil e preconceituoso, sobretudo com você.

— Eu não o culpo, Damien. — ergui a mão e acariciei o rosto dele.

Ele assentiu com a cabeça, mas uma lágrima escapou quando ele capturou a minha mão e a levou aos lábios.

— Sei que comecei as coisas da forma errada com você. Tentei comprá-la e admito que as minhas intenções foram egoístas e

mesquinhas. Sei também que a magoei muitas vezes e que trouxe mais tristezas do que alegrias para a sua vida.

— Damien, não...

— Eu reconheço quem eu fui e reconheço as feridas que causei. — Ele enfiou uma das mãos no bolso e então retirou um anel de aro fino com uma pedra azul no centro. — Mas estou disposto a curá-las pelo resto dos nossos dias, se você me permitir.

Qualquer incômodo físico que eu pudesse sentir foi diluído pelas minhas emoções intensas e eu empertiguei as costas quando os olhos dele se fixaram nos meus:

— Não posso prometer muito. Ao menos nada além de um coração feio e com cicatrizes, mas que será apenas seu enquanto estiver pulsando. — Senti meu coração bater na garganta quando ele colocou minha mão sobre o peito dele. — Aceita se tornar a senhora Mason, para que eu possa me redimir e amá-la pelo restante das nossas vidas?

Solucei e senti lágrimas quentes molharem o meu rosto.

— Eu aceito. — assenti com a cabeça. — Eu aceito, sim!

Então ele sorriu. Um sorriso radiante de felicidade genuína que também encheu o meu peito deixando-me tonta. O anel foi deslizado pelo meu quarto dedo e Damien se ergueu. Sua mão esquerda segurou a lateral do meu rosto e seus lábios se pressionaram contra os meus

com suavidade.

— Eu amo você. — sussurrei.

Ele suspirou e sorriu.

— É muito melhor ouvir assim. — Damien afastou uma mecha do meu cabelo e a colocou atrás da minha orelha. — Eu também amo você, Ellen. Para sempre.

Damien voltou a unir nossos lábios e espalhou beijinhos também pela pele do meu queixo e pelas maçãs do meu rosto. Eu sorri e suspirei sentindo suas carícias. Como eu havia sentido falta delas naquelas três semanas.

— Azul...— olhei para o anel.

— Como Cal Hockley. — Damien falou me fazendo sorrir e beijou a minha bochecha. — Temos que tranquilizar sua família.

Concordei com uma súbita vontade de gritar de alegria, mas o meu corpo dolorido apenas me permitia sorrir o máximo que minhas bochechas conseguiam. Damien se afastou até a porta e a abriu. Então ergueu a mão em um aceno. Um instante depois e meus irmãos entraram no quarto. Ambos com os olhos inchados e vermelhos. Sentime instantaneamente culpada.

— Ell! — David gritou e correu até mim.

— Está tudo bem. — falei quando ele me abraçou o pescoço.

Júlia se aproximou da minha cama, mas ficou apenas parada nos observando. Parecia em choque diante da cena.

— Está tudo bem, Jú. Tudo bem.

Estendi a mão para ela. Ela piscou com os olhos cheios de lágrimas e também me abraçou.

— Pensei que fosse embora, como a mamãe.

— Eu não vou a lugar algum, querida. — solucei emocionada. — Eu prometi.

— Nós amamos você. — David me respondeu e eu acariciei os cabelos dele devagar.

— Eu também amo vocês.

— Cuidado. — Damien alertou-os. — Ela está ferida.

David e Júlia se afastaram praticamente juntos.

— Desculpe, Ell. — Júlia se pronunciou limpando as lágrimas.

— Não me machucaram — tranquilizei-a.

— Sua tia cedeu a vez para os seus irmãos. — Damien avisou quando se aproximou da cama mais uma vez. — Mas já compreendeu que você está bem.

— Ela não vai entrar? — murmurei.

— O médico limitou o número de visitas e você precisa ficar sob monitoração por um tempo. — Ele segurou a minha mão. — David e Júlia irão para a minha casa, não se preocupe.

David concordou com um aceno de cabeça e procurou a mão da irmã.

— Venha Júlia. Ell precisa descansar.

Eles acenaram para mim e depois deixaram o quarto.

— Arianna quer ver você.

Damien avisou e Arianna entrou acompanhada de Nicholas.

— Ell! Que susto!

Arianna chegou a minha cama e colocou seus braços em torno do meu pescoço devagar. Apertei-a nos meus braços de volta.

— Jenny vem mais tarde. Depois dos seus remédios. — Ela avisou. —

Ela vai esperar junto com os seus tios.

— Eu estou bem. — repliquei. — Ela pode ir para a casa.

— Você sabe que ela não vai. — Ela se afastou de mim e passou as mãos pelo rosto livrando-se das lágrimas. — Estevão tem que apodrecer na prisão!

— E eu garanto que vai. — Damien deu a volta e se sentou ao meu lado. — Meus advogados estão á par de tudo e ele vai pagar caro pelo que fez.

— Eu disse a Damien que você ficaria bem.

Nicholas caminhou para dentro do quarto e segurou a minha mão na pretensão de beijá-la, mas parou quando percebeu o anel de Damien no meu quarto dedo.

— Seu desertor! — Ele desviou seus olhos da minha mão e fitou Damien.

Fiquei confusa por um instante e procurei os olhos de Damien. Ele sorriu de lado e então entrelaçou nossos dedos e levou minha mão aos lábios.

— Sim. Eu desertei, Ferrão. Vai receber sua caixa de Jack Daniels no dia do meu casamento com Ellen.

— O que? — Arianna abriu a boca e depois sorriu. — Isso e verdade?

Assenti com a cabeça.

— Eu vou me casar, Ary.

— E eu vou ser o padrinho! — Nicholas sorriu e se aproximou de Damien. — Parabéns. Sabia que no final tomaria a melhor decisão.

Ele bateu a mão esquerda no ombro de Damien.

— Ah, não. Você não vai ser o padrinho. — Arianna protestou.

— E porque? — Nicholas retrucou.

— Porque eu serei a madrinha e não vou admitir isso.

O sorriso de Nicholas se expandiu e ele deu uma piscadela na direção dela.

— Não se preocupe, vamos juntos. Não terá de ficar com ciúmes.

Arianna abriu a boca indignada e eu não consegui evitar o riso, o que me causou outra vez a fisgada inoportuna atrás do umbigo.

— É melhor deixá-la descansar. — Damien me olhou preocupado.

— Tudo bem. — Arianna voltou a me fitar. — Eu volto depois, Ell.

— Não precisam ir. — tentei protestar, mas a dor ressurgiu um pouco mais forte.

— Eu vou chamar a enfermeira.

Damien estendeu o braço e agarrou a campainha que eu ainda não havia notado perto de mim. Arianna e Nicholas acenaram e caminharam para fora do quarto outra vez.

— Não vá. — pedi e segurei a mão dele, impedindo-o de tocar o botão para requerer a enfermagem.

— Eu não vou a lugar algum, Ellen. Não sem você. — Ele me assegurou e beijou meus lábios. — Mas você não pode continuar sentindo dor, precisa descansar um pouco.

Quando ele se afastou de mim, a porta foi aberta e uma enfermeira robusta, mas com um sorriso aberto, entrou no quarto. Seus olhos eram dóceis e ela me fitou com ternura.

— Está tudo bem? — Ela checkou os aparelhos aos quais meu corpo estava conectado.

— Ela está sentindo dor. — Damien avisou e suas mãos acariciaram os meus cabelos.

— Vai ficar tudo bem. — Ela se aproximou do meu leito e abriu uma

gaveta que eu ainda não tinha percebido. Então retirou algo que injetou no meu tubo. — Agora relaxe, logo estará boa outra vez.

— Obrigado.

Damien agradeceu e a enfermeira de cabelos ruivos e sardas que saiu fechando a porta sem fazer barulho.

— Deite-se e tente dormir, darling. — Ele segurou a minha mão e depois se inclinou beijando a minha testa.

— Vai estar aqui quando eu acordar? — segui o conselho dele enquanto sentia meu corpo amolecer na cama e meus sentidos ficarem entorpecidos mais uma vez.

Ele não me respondeu imediatamente, mas eu senti seus lábios serem levemente pressionados contra os meus. Apertei minha mão entorno da dele com as últimas forças que me restavam, mas antes que eu voltasse para o meu inconsciente, a voz dele me acalentou assegurando-me:

— Vou estar sempre que acordar, meu amor.

E então eu sorri, porque soube naquele momento que ele nunca mais se afastaria.

Capítulo 29: Um Presente Especial

"Eu tenho o brilho do sol num dia nublado. Quando está frio lá fora eu tenho o mês de maio. Bem, você vai me perguntar, o que pode me fazer sentir desse jeito? Minha garota. Eu estou falando da minha garota."(My Girl - The Temptations)

" — Eu prometo protegê-la e respeitá-la, amando você e a nossa família acima

de mim mesmo e dos meus anseios. Eu estarei presente todas as vezes que precisar de mim, porque você é a mulher que eu sempre esperei e a única que eu realmente amei, Ellen. Enquanto o meu coração pulsar, ele pulsará por você e para você."

As palavras dele ainda ressoavam aos meus ouvidos, como um sonho doce. Fechei os olhos para me lembrar das emoções recentes vividas diante do altar, quando ele me prometeu que seríamos um do outro para sempre. Abri os olhos e encarei meu reflexo no espelho. A felicidade era tão grande que eu não consegui manter as lágrimas distantes.

Nós nos decidimos por uma cerimônia informal na praia antes do pôr do sol. A ilha de Solstício foi o lugar escolhido. Lá, seis meses depois de uma noite intensa, Damien e eu trocamos os votos que seriam

para o restante das nossas vidas. Era quase impossível de acreditar que depois da forma conturbada com que nos conhecemos, as coisas terminassem daquela maneira tão linda.

No entanto, as coisas não foram bonitas para todos. Estevão foi condenado á trinta anos de prisão e nem mesmo a influência da família Álvares não foi o suficiente para fazê-lo escapar da ira de Damien. Toda a família Álvares pagou pelos erros do filho. Gregório não suportou o desgosto causado pelo único herdeiro e acabou ficando doente. Nunca mais voltei a vê-lo e nem á Estevão, mas demorou muito tempo para

que as lembranças e as cicatrizes no meu corpo deixassem de me assombrar.

Nas semanas que se seguiram á minha volta do hospital, eu tive pesadelos terríveis e acordei no meio da noite revivendo o momento traumático. Mas em todas as vezes que acordei, Damien estava ao meu lado. Como me prometera desde que acordei naquele hospital. Seus braços me envolviam e ele me garantia que eu estava segura. Era o suficiente para afastar qualquer que fosse o pavor. Percebi então que não poderia mais continuar minha vida paralela á dele e aceitei sua proposta de me mudar para a casa no Leblon. Júlia e David me acompanharam na mudança. No entanto, meu casamento com Damien levantou outras questões: A vida dele era em Nova York e a minha no Brasil. Eu queria acompanhá-lo e apoiá-lo, como sua esposa, mas ao mesmo tempo não poderia deixar meus irmãos.

Nós conversamos muito sobre o assunto e no final, David e Júlia declararam que não se importariam de viver no exterior. David considerava que estudar em uma universidade americana seria ainda melhor e Júlia também se mostrou disposta, embora lamentasse a perda das amigas. Contudo, Damien e eu decidimos por um período de preparação antes de tentarmos uma mudança radical. Nós passaríamos as férias de fim de ano em Nova York, onde David e Júlia teriam a

oportunidade de praticar a nova língua e perceberiam se poderiam aceitar a mudança. Em caso de desistência, eu não teria outra opção a não ser deixá-los com tia e mantê-los com o que precisavam e com visitas mensais.

Mas isso ainda seria um assunto adiante, uma vez que uma mudança definitiva apenas ocorreria quando eu terminasse o último semestre na faculdade de arquitetura. Onde Takashi também estudava agora.

Pensar sobre TK me fez soltar um breve suspiro. Nós nunca mais voltamos a ter a mesma amizade. Ele me cumprimentava quando me encontrava nos corredores, até me parabenizou quando entreguei a ele o meu convite de casamento. Desejou que eu fosse feliz, mas admitiu que não iria á cerimônia. Eu não podia culpá-lo. Sabia que havia quebrado o seu coração, mesmo que não intencionalmente e ele tinha o direito de escolher como cuidar da sua própria dor.

— Ell! Todos estão esperando! — Arianna surgiu na porta fazendo-me girar a cabeça e quebrando meus pensamentos. — Vem!

Sorri para ela através do espelho. Ela me sorriu de volta e sumiu pela porta. Não era um dia para remoer o passado. Era um dia para se alegrar pelo futuro que aguardava á mim e Damien. Mordi o lábio inferior e conferi meu reflexo novamente. Então desviei os olhos pelo quarto até encontrar a folha de papel sobre uma poltrona branca. Fui

até ele e o reli, apenas para sentir a alegria uma outra vez. Eu mal podia esperar para ver a reação que

ele teria ao saber da novidade.

— Ell! — Arianna gritou uma última vez e eu enfiei o papel em uma gaveta.

Quando saí do quarto e puxei a porta, minhas três madrinhas de casamento me esperavam com sorrisos ansiosos. Arianna, Jenny e Baby.

— Até que em fim! — Jenny ralhou. — O salão nobre já está cheio!

— Desculpem, estou nervosa. — suspirei. — E Júlia e David?

— Estão com seus tios. — Arianna analisou meu vestido e sorriu. — Ele vai se lembrar.

— Eu sei. — sorri animada. — Obrigada por consegui-lo Jenny.

— E o que o sobrenome Mason não pode conseguir nesta cidade? —

Jenny riu. — Até mesmo o governador veio á recepção.

— E os amigos e sócios de Damien do exterior. — apertei minhas mãos uma na outra.

— Não se preocupe, você é a senhora Mason agora. Pode lidar com todos eles. — Baby me motivou com um sorriso.

— Acho que posso. — concordei e acenei mordendo o lábio inferior.

— Nós vamos sentir sua falta!

Arianna proclamou e em seguida nós nos abraçamos emocionadas.

— Quero fotos de tudo o que achar bonito e das roupas também. —

Jenny falou amuada e me fez soltar uma pequena gargalhada.

— Eu vou trazer presentes para todas. — prometi.

— Traga um italiano bonito também. — Baby pediu nos fazendo rir. —

Florença é linda nessa época do ano. Aproveite bem.

— Eu vou.

— Então vamos descer. Os convidados querem cumprimentar a poderosa senhora Mason.

Arianna passou o braço pelo meu. Nós caminhamos para o elevador e quando as portas se fecharam eu sorri. Eu realmente estava de volta ao começo. No Copacabana Palace para uma recepção, mas agora eu não era mais uma intrusa. Estava na minha própria festa de casamento.

Dessa vez, ele estaria esperando por mim e pelo presente que prometi.

As portas voltaram a se abrir e eu estava novamente no salão nobre repleto de pessoas elegantemente vestidas. No entanto, muitos dos rostos eram conhecidos agora. O primeiro que avistei foi Sem Chance, enfiado em um smoking preto e segurando uma taça de cristal, contrastava profundamente com sua imagem rotineira. Ele acenou para nós quando seus olhos azuis nos encontraram e depois jogou um beijo na direção de Arianna que ficou carrancuda.

— Não sei porque o convidou! — Ela reclamou.

— Nós vamos avisar Damien. — Jenny apontou para Baby e eu assenti vendo as duas se afastarem na multidão.

— Olá senhora Mason. — a voz grave de Nicholas fez com que nos virássemos.

— Olá Nicholas. — sorri para ele.

— Preciso sequestrar a madrinha, por alguns instantes. — Ele avisou.

— Eu não estou em horário de trabalho. — Arianna protestou.

— Eu sei e é exatamente por isso. — Ele passou o braço pela cintura dela. — Vamos, você não quer discutir comigo hoje. Vamos deixar isso para segunda feira, docinho.

— Se você me chamar de docinho outra vez... — Arianna afastou a mão dele. — Estou com a noiva e não vou deixá-la.

— Não se preocupe com isso, Damien já está vindo. — Nicholas insistiu.

— Prometo que não será demorado se você for comigo. Mas se você resolver ficar, eu também ficarei. — Ele passou o braço pela cintura dela uma segunda vez. — E bem próximo.

— Saia! — Ela repreendeu-o e depois bufou.

— Vá com ele, Ary. Antes que Damien nos leve para a mesa.

Arianna resmungou:

— Três minutos. Nada mais.

— Ninguém falou em mais. — Ele concordou, mas permaneceu com o braço em torno dela. — Com a sua licença, senhora Mason.

Concordei com um leve aceno e sorri enquanto eles se afastavam.

Jenny e eu estávamos apostando quanto tempo eles demorariam para admitirem o que estava acontecendo.

De repente um perfume conhecido sensibilizou minhas fibras nervosas e eu apertei os lábios para esconder um sorriso.

— Fugindo de alguém?

A voz grave me fez estremecer e eu senti seus lábios roçarem o meu pescoço. Ergui minha mão e a subi pela nuca dele.

— Não do meu marido.

Virei-me e encontrei Damien sorrindo para mim. Seus braços envolveram a minha cintura e ele deixou sua testa pender sobre a minha.

— Lembro-me de que não tive a oportunidade de tirar esse vestido de você. —

Seus olhos brilharam em reconhecimento ao analisarem o mesmo vestido que usei na primeira vez em que nos vimos.

Soltei uma gargalhada e coloquei meus dois braços sobre os ombros dele.

— Foi por isso que o escolhi. — aproximei meus lábios da orelha dele.

— Também tenho aquela roupa de coelhinha em uma mala lá no quarto. Para Florença.

Senti as mãos dele apertarem a minha cintura e seus olhos azuis escureceram demonstrando que eu estava conseguindo o efeito

desejado.

— Podemos adiantar isso. — Ele mordiscou o meu queixo. — Vamos abandonar os convidados á sua própria sorte e vamos voltar ao quarto, my bunny.

— Não é do seu feitio infringir as regras de etiqueta, senhor Mason.

— Você me ensinou a quebrar as regras, Ellen Mason.

Meu coração acelerou-se quando ele uniu nossos nomes e eu sorri antes de beijá-lo.

— Tenho um presente de casamento para você. — avisei quando me afastei.

Damien manteve sua mão direita no meu rosto e arqueou uma sobrancelha em sinal de curiosidade.

— Um presente? Além da roupa de coelhinha?

— Além da roupa de coelhinha. — concordei rindo. — Mas você só verá depois da última dança.

Ele franziu o cenho e semi cerrou as pálpebras.

— Conseguiu me deixar curioso, darling.

— Bom. Era isso o que eu queria. — sorri.

— Olá Ellen.

Meu pai surgiu dentre os convidados e David estava com ele.

— Olá papai.

Ele sorriu e seus olhos se encheram de lágrimas. Ele ainda não se acostumara a ser chamado de pai.

— Posso abraçá-la?

Soltei-me de Damien e deixei que ele me envolvesse em seus braços.

— Desejo muitas felicidades á você. Sua mãe com certeza está feliz.

Um soluço saiu da minha garganta e eu senti uma lágrima descer pelo meu rosto.

— Eu gostaria que ela estivesse aqui. — confessei.

— Ela está vendo, eu sei. — Papai acariciou meus cabelos. — E está orgulhosa, como eu estou.

Ele se afastou e beijou a minha testa.

— Não chore. - papai sorriu e limpou as minhas lágrimas. — Cuide bem dela. — Ele desviou seus olhos na direção de Damien.

— Eu prometo, senhor. — Damien falou atrás de mim e voltou a passar seu braço pela minha cintura quando me separei do meu pai.

— E eu vou cuidar de Júlia.

David apontou para Júlia e só então eu a percebi no meio do salão, conversando com um garoto que eu ainda não conhecia.

— Quem é?

— Não se preocupe, Ell. Eu estou de olho em Júlia. Ele não vai se atrever a nada, já foi avisado.

Não consegui evitar uma gargalhada e Damien me seguiu.

— Você deve estar ensinando essas coisas para ele. — acusei Damien.

— Ele é quem tem me ensinado. — Damien ergueu o braço e acenou para alguém. — Hora de irmos á mesa e ouvirmos os discursos antes da dança.

— Tudo bem, Arianna disse que será a primeira.

— Nicholas também que ser o primeiro. — Damien me olhou.

— Eles vão discutir. Essa sua ideia de uni-los como padrinhos não deu muito certo.

— Claro que deu. Eu já disse, darling. Sei no que investir.

Damien me lançou um olhar sugestivo e seu polegar roçou o meu quadril.

— Então vamos para a mesa. — coloquei minha mão sobre a dele e sorri. — Estou ansiosa para ver como eles farão isso dar certo.

— E o meu presente? — Damien insistiu como um garotinho.

— Seja paciente, senhor Mason.

Para a minha surpresa, Nicholas e Arianna conseguiram se entender e acabaram discursando juntos. Damien e eu dançamos juntos mais uma vez no salão do Golden Room, a mesma música que dançamos na primeira vez. Quando eu escutei o acorde final de Michael Bolton, segui

raptá-lo para o jardim antes que fôssemos cercados mais uma vez pelos convidados.

Ele pareceu tão surpreso quanto eu idealizei ao se ver no jardim vazio do hotel.

— Onde está o meu presente?

— Você terá de procurá-lo. — mordisquei meu lábio inferior e dei um passo para trás.

Damien franziu o cenho confuso.

— Por todo o jardim?

— Nas imediações. — meneei a cabeça positivamente.

Ele sorriu e passou as mãos pelos cabelos da nuca. Então olhou para os lados e eu sorri quando percebi que ele estava perdido sobre qual direção seguir primeiro.

— Procure, senhor Mason! — instiguei-o.

Damien me olhou e sorriu na minha direção para depois começar a caminhar em direção á um arbusto florido.

— Não está aí. — avisei.

Ele parou imediatamente. Então ficou confuso mais uma vez e se decidiu pela direção oposta. Deixei que ele caminhasse até uma árvore antes de orientá-lo outra vez.

— Também não está aí. — levei as mãos a boca escondendo um sorriso.

— Não está sendo justo. — Ele protestou. — Preciso de ajuda.

— Não, não! — neguei-me e ri.

— Casamento é companheirismo, senhora Mason.

Soltei outra gargalhada.

— Tudo bem. Eu vou orientá-lo daqui. — concordei. — Se estiver longe, direi que está frio. Se estiver perto, direi que está quente.

Damien voltou a passar a mãos pelos cabelos negros, bagunçando-os e depois seus olhos analisaram todo o jardim. Então ele deu um passo para trás.

— Frio.

Ele retornou e deu um passo para o lado esquerdo.

— Congelante. — gritei e ri.

Ele então me olhou e de repente seus olhos faiscaram quando ele deu um passo a frente.

— Está morno.

Damien sorriu torto e eu senti meu coração bater mais forte. Ele caminhou com firmeza na minha direção e eu apertei os lábios, ansiosa, quando sua mão esquerda tocou o meu rosto.

— Quente.

— Eu sei. É o meu calor favorito. — Ele sorriu sedutor. — Isso quer dizer que resolveu aceitar minha proposta de fugir para o quarto?

Sorri tímida e coloquei minha mão sobre a dele. Damien manteve seus olhos fixos nos meus e então eu guiei sua mão devagar e a repousei sobre o meu abdômen. Damien desviou seus olhos para o meu ventre imediatamente. Depois voltou a me olhar e sua mão direita se juntou á esquerda.

— Ellen...

— Parabéns, papai.

Coloquei minhas duas mãos sobre as dele. Damien franziu o cenho e uma lágrima desceu pelo rosto bem feito dele. Seus dedos deslizaram sobre o meu vestido e ele voltou seu olhar para o meu ventre.

— Um bebê... Nosso bebê.— Ele murmurou.

Assenti com a cabeça e também senti lágrimas deslizando pelo meu rosto.

— Esse é o melhor presente que você poderia me dar, darling. — Ele se inclinou e me beijou, então acariciou a minha barriga mais uma vez. — E

eu pensava que não poderia amá-la mais do que já amo. Obrigado, meu amor. Obrigado!

Suas mãos seguraram o meu rosto com carinho e eu também coloquei minhas mãos no rosto dele.

— Está feliz?

— Sou o mais feliz dos homens. — Ele desceu uma das mãos para a

minha barriga.

— Será um menino. Eu aposto. — falei abobalhada.

— Tudo o que sei é que esse bebê será tão lindo quanto a mãe e eu vou amar e proteger a ambos. — Ele franziu o cenho. — Agora teremos de ficar no Brasil, não vou levar você e os gêmeos para a Nova York. Vai se sentir mais confortável se o bebê nascer aqui. Eu posso fazer viagens para os Estados Unidos quando muito necessário. Eu posso alternar as coisas e mudar tudo. Eu posso...

— Damien. — segurei o rosto dele. — Eu e o bebê vamos estar onde você precisar estar. Somos a sua família.

Damien me abraçou apertado e encheu meu rosto e pescoço de beijinhos delicados.

— Eu amo vocês.

— Nós também te amamos. — respondi.

Seus lábios se pressionaram contra os meus e eu soube que a minha felicidade sempre teria o gosto dele. Senti quando os meus pés deixaram o chão e gargalhei. Nunca ousei sequer imaginar me sentir tão feliz.

Mamãe estava certa sobre o que dizia, ao menos em parte. Boas pessoas sempre conseguem encontrar a felicidade. Mas Damien não era o meu final feliz perfeito. Ele era o meu imperfeito começo feliz.

Epílogo

Damien

Parei antes de entrar na varanda, apenas apreciando. Ela ficava ainda mais bonita no cenário clássico da Itália. Seus cabelos ganhavam tons em bronze ao por do sol e a pele exposta que escorregava através do robe brilhava capturando toda a minha atenção.

Pensar que a mulher sentada sobre o parapeito com os olhos concentrados na paisagem italiana era a minha esposa, enchia-me de orgulho e alívio. Apertei os dedos em torno do copo agradecendo silenciosamente por tê-la comigo. Eu não correria o risco de perdê-la nunca mais. Cuidaria dela. Meus olhos desceram para o seu abdômen com o nosso pequeno milagre que ainda não deixava sinal. Cuidaria dos dois.

Ela não sofreria mais nada, eu garantiria que tudo para ela corresse pleno e feliz. Era o que ela merecia depois de tanto sofrimento. A tornei minha vida desde o momento em que subimos ao altar na ilha de Solstício e a amaria até o meu próprio fim.

Ellen ergueu a xícara de café que estava ao seu lado até os lábios e suas sobrancelhas bem desenhadas se uniram enquanto ela comparava um mapa que tinha nas mãos e as imagens reais á sua frente. Sabia que ela estava ansiosa pelo nosso primeiro passeio no dia seguinte. Passeio que deveria ter se iniciado pela manhã quando chegamos á Itália, mas

que fora prorrogado quando nos vimos finalmente a sós na suíte do hotel.

— O que está fazendo, senhora Mason? — perguntei depois de beber um pouco do meu uísque.

Ela sorriu, mas não me olhou. Seus cabelos estavam soltos em ondas caindo sobre os ombros. Eu os havia despenteado á uma hora atrás, quando ela saíra do banho.

— Apreciando a vista.

Sorri e enfiei as mãos nos bolsos da minha calça escura. Então desci os olhos pela sua pele bronzeada escapando pelo robe preto. Eu também estava apreciando a vista. Quando ergui os olhos para o rosto dela novamente, Ellen me observava atentamente.

— O que está fazendo, senhor Mason? — Ela me olhou repreendendo-me.

— Apreciando a vista. — respondi e a vi sorri antes de prender o lábio inferior com os dentes.

Deixei o copo de uísque sobre a mesa para atravessar a varanda e chegar até ela.

Tirei o mapa das mãos dela e atirei-o na cadeira próxima. Ellen sorriu e eu a abracei pela cintura. Ela colocou seus braços sobre os meus ombros e seus dedos se enrolaram nos cabelos da minha nuca.

— Está ansiosa para amanhã?

— Muito. Já fiz várias marcações no mapa. — Ela roçou seus lábios no meu queixo.

— Estive pensando. — deixei minhas mãos entrarem furtivamente para dentro do robe e descansei minha cabeça no topo dos seus cabelos com cheiro adocicado. — Amanhã poderemos começar as compras.

Vamos escolher algumas roupas e brinquedos para o nosso filho.

Coloquei minhas mãos sobre a barriga dela.

— Meu amor, é muito cedo. — Ela cobriu minhas mãos delicadas com as suas.

— Pode falar outra vez?

— O que? — Ellen ergueu o rosto e me olhou confusa.

— Que sou o homem que você ama.

Ellen sorriu. O tipo de sorriso que fazia o meu coração bater descompassado.

— Você é o homem da minha vida Damien Mason. — suas mãos acariciaram o meu rosto. — E eu amo você.

— Com todos os defeitos?

— Com cada um dos seus defeitos. E para sempre, como prometi diante de Deus.

Sorri e amparei o rosto dela com a minha mão direita. Então me aproximei e beijei-a devagar.

— O que você está vestindo por baixo disso? — coloquei-me de frente e desci minhas mãos pela cintura delgada dela.

Ellen riu.

— Você sabe.

Senti suas pernas envolverem o meu quadril e percebi as ligas de renda preta da fantasia quando deslizei minha mão pela perna dela. Curvei meus lábios em um meio sorriso e depois provei dos seus lábios. Tão doces quanto na primeira vez em que os beijei durante a festa do embaixador. Suas unhas compridas cravaram-se na minha pele e desceram pelas minhas costas nuas. Prendi o lábio inferior dela com os dentes, mas com suavidade.

— Acha que vamos conseguir parar um dia? — Ela balbuciou e acariciou minha mandíbula com os dedos.

— Desejo que não. — afastei o robe dos ombros dela e espalhei beijinhos pela sua clavícula.

Ellen riu mais uma vez e eu desviei minha mão esquerda para sua nuca. Seus olhos castanhos se fixaram nos meus.

— A forma como chegamos até aqui é quase inacreditável. — Ela acariciou o meu peito com as pontas dos dedos. — Nunca poderia sequer imaginar que tudo isso aconteceria apenas por ter invadido a recepção de um bilionário no Palace.

— Eu a fiz passar por tanta coisa... — relembrei.

— Esqueça tudo isso Damien, não vale a pena. Vamos nos concentrar no que temos agora. Veja como vencemos os problemas. Nós conseguimos. — Ellen subiu as mãos pelo meu pescoço e acariciou a minha nuca.

Sorri. Ela estava certa. Nós vencemos nossas próprias restrições e feridas para chegarmos até o momento em que vivíamos agora.

Aconchegados um no outro sob as luzes de Florença. Tudo porque decidi seguir a beldade de costas nuas pelo Golden Room. E foi a decisão mais acertada que já tomei.

— Como é que você me disse mesmo? — semi cerrei as pálpebras resgatando os momentos na memória.
— Ah, sim. Que o meu ego poderia morder alguém.

Ellen arregalou os olhos e enrubesceu. Então sorriu e bateu levemente a mão contra o meu peito.

— Você mereceu. Parecia o dono do mundo e contornou todas as minhas boas desculpas para não dançar.
— De repente, seus olhos brilharam sedutores. — Então você se lembra do que me respondeu também, certo?

— Não. — menti.

Ela esticou o indicador e fez um gesto para que eu aproximasse meu rosto do dela. Depois seus lábios

beijaram a minha orelha antes que ela voltasse a falar:

— Que me morderia, se eu pedisse.

Foi a minha vez de arregalar os olhos, pego completamente de surpresa por suas palavras que acenderam meus hormônios instantaneamente. Ellen prendeu o lábio inferior e sorriu sapeca. Nunca imaginei que me sentiria tão sortudo por ser um homem casado. Não a respondi de imediato, mas a puxei para os meus braços de surpresa. Ela soltou um gritinho eufórico.

— Você não devia me provocar, senhora Mason. — arrastei meus lábios por seu pescoço e mordisquei sua pele fazendo-a soltar um gemido.

— Gosto de me arriscar. — Ela arfou e depois gargalhou.

— Nós vamos ter uma família bem grande. Crianças, cachorros e uma casa em Whitestones para irmos aos fins de semana. — prometi.

Ellen riu.

— Você é louco.

— Apenas por você, my darling.

Ela afagou a minha mandíbula e a cobriu de beijinhos antes que eu pressionasse meus lábios contra os dela. Seu gosto doce familiar era repleto de ternura e amor puro. Um amor que foi capaz de curar e suturar as feridas de um coração corrompido. Um amor que eu retribuiria com zelo pelo restante dos nossos dias juntos. Todas as

manhãs, tardes e noites.

FIM

Wattpad da autora @autorakarolblatt

Document Outline

- [Start](#)

Table of Contents

[Start](#)